

A RAINHA VERMELHA VOL. 3

VICTORIA AVEYARD



A PRISÃO DO REI

UMA JAULA SILENCIOSA.

UMA GUERRA LÁ FORA.

SEGUINTE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A RAINHA VERMELHA VOL. 3

VICTORIA AVEYARD



A PRISÃO DO REI

UMA JAULA SILENCIOSA.

UMA GUERRA LÁ FORA.

SEGUINTE

A RAINHA VERMELHA VOL. 3

VICTORIA AVEYARD



A PRISÃO DO REI

UMA JAULA SILENCIOSA.

UMA GUERRA LÁ FORA.

SEGUINHA

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando

por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo

nível."

VICTORIA AVEYARD

A PRISÃO DO REI

Tradução

ALESSANDRA ESTECHÉ

GUILHERME MIRANDA

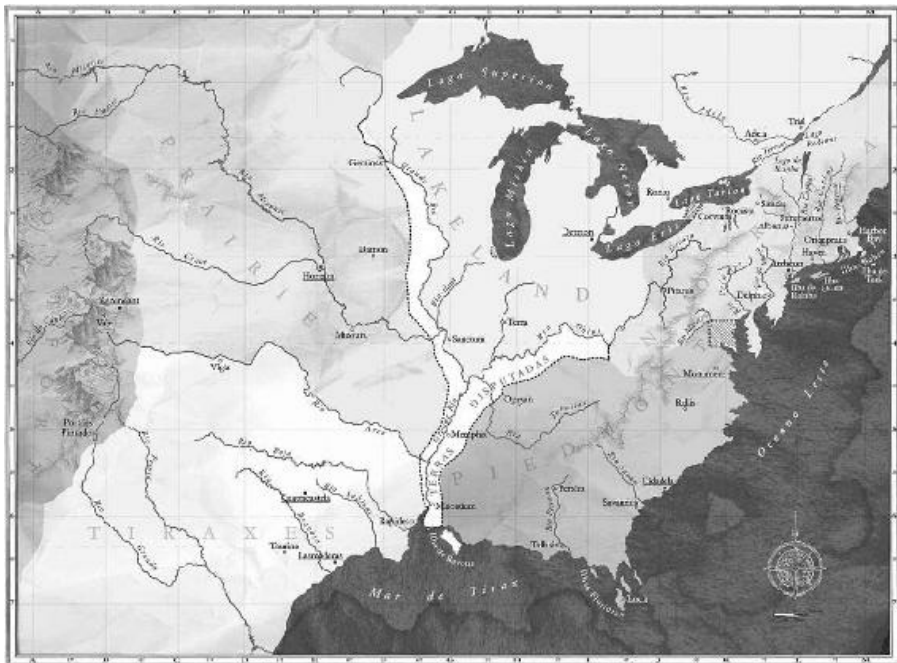
ZÉ OLIBONI

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Nunca duvide que você é importante e poderosa e merecedora de todas as chances e oportunidades no mundo para correr atrás dos seus sonhos.

HRC



UM

Mare

LEVANTO QUANDO ELE PERMITE.

Sinto um puxão na corrente presa à coleira no m eu pescoço. As farpas cravam em m im , m as não o bastante para fazer sangrar — ainda não. Meus punhos j á sangram . As feridas são consequência dos dias de cativeiro inconsciente usando as algem as ásperas e dilacerantes. As m angas outrora brancas agora estão m anchadas de rubro e escarlate vivo, passando do sangue velho para o novo com o prova do m eu torm ento. Para m ostrar à corte de Maven o quanto j á sofri.

Ele para diante de m im , com um a expressão indecifrável. As pontas da coroa de seu pai o fazem parecer m ais alto, com o se o ferro saísse de seu crânio.

A coroa brilha, e cada ponta é um a cham a ondulada de m etal escuro ladeada por bronze e prata. Me concentro nesse obj eto am argam ente

fam iliar para não encarar Maven. Ele m e traz para perto, puxando outra corrente que não consigo ver, apenas sentir.

Um a m ão branca cerca m eu punho ferido, quase gentil.

Involuntariam ente, m eus olhos se voltam para o rosto dele, sem conseguir desviar. O sorriso é tudo m enos doce. Fino e afiado com o um a navalha, m e perfurando com cada um dos dentes. Os olhos são ainda piores. Os olhos dela, de Elara. Antes eu os achava frios, feitos de gelo vivo. Agora com preendi. As cham as m ais quentes ardem azuis, e os olhos dele não são exceção.

A som bra da cham a. Maven flam ej a, m as a escuridão o corrói pelas beiradas. Há m anchas pretas e azuladas ao redor de seus olhos inj etados de sangue prateado. Ele não anda dorm indo bem . Está m ais m agro do que m e lem brava, m ais franzino, m ais cruel. Seu cabelo negro chega à altura das orelhas, enrolando nas pontas. Suas bochechas continuam suaves. Às vezes esqueço com o ele é j ovem . Com o nós dois som os. Sob a veste sim ples, a m arca do *M* arde na m inha clavícula.

Maven vira rápido, segurando firm e a corrente, m e obrigando a acom panhar. Um a lua orbitando um planeta.

— Testem unhem esta prisioneira, esta vitória — ele diz, endireitando os om bros diante do vasto público à nossa frente. Trezentos prateados, no m ínim o, entre nobres e civis, guardas e oficiais. Noto os sentinelas na m inha visão periférica; seus uniform es flam ej antes são um lem brete constante e doloroso da m inha j aula, que encolhe cada vez m ais. Os guardas da Casa Arven tam bém estão sem pre por perto, com seus uniform es brancos ofuscantes e poderes silenciadores. Quase sufoco com a opressão de sua presença.

A voz do rei ecoa ao longo da opulenta Praça de César, reverberando por um a m ultidão que responde na m esm a m oeda. Deve haver m icrofones e alto-falantes em algum lugar para levar as palavras cortantes do rei para toda a cidade e o reino inteiro.

— Aqui está a líder da Guarda Escarlata, Mare Barrow. — Apesar da m inha situação, quase dou risada. *Líder*. Apesar da m orte de sua m ãe, Maven continua m entindo. — Um a assassina, terrorista e grande inim iga do reino. Agora ela se aj oelha diante de nós, sangrando.

As correntes m e puxam de novo, m e fazendo cam balar para a frente.

Estendo os braços para recuperar o equilíbrio. Mal reag o, m antendo o

olhar baixo. Tanta ostentação. Meu corpo se enche de raiva e vergonha quando me dou conta do tamanho do mal que esse simples ato vai causar à Guarda Escarlata.

Vem elhos em toda a Norte vão me ver com o um a m arionete de Maven e pensar que somos os fracos, fracassados, indignos de sua atenção, esforço ou esperança. Nada poderia estar mais longe da verdade. Mas não há muito que eu possa fazer, não agora, não aqui, sujeita à misericórdia de Maven. Penso em Corvium, a cidade militar que vi em chamadas no caminho para o Gargalo. Houve revoltas depois da minha mensagem pela televisão. Será que foi o primeiro suspiro da revolução? Ou o último? Não tenho com o saber. E duvido que alguém vá me trazer um jornal.

Há muito tempo, Cal me alertou contra a ameaça de guerra civil, antes de seu pai morrer, antes de ele próprio ficar sem nada além de uma garota elétrica e tempestuosa. *Revolta dos dois lados*, ele disse. Mas aqui, acorrentada diante da corte de Maven e de seu reino prateado, não vejo o nenhum a divisão. Em bora eu tenha mostrado para eles, falado da prisão de Maven, de seus entes queridos levados em bora, de sua confiança traída por um rei e sua mãe, ainda sou a inimiga. Isso me faz querer gritar, mas sei que é melhor não. A voz de Maven sem pre sairá mais alta do que a minha.

Será que meus pais estão assistindo? Pensar nisso me cobre de tristeza.

Mordo o lábio com força para controlar as lágrimas. Sei que tem câmeras por perto, focadas no meu rosto. Mesmo o que não consigo mais senti-las, eu sei.

Maven não perderia a oportunidade de imortalizar minha derrota.

Eles estão prestes a me ver morrer?

A coleira diz que não. Por que se dar ao trabalho desse espetáculo se vai simplesmente me matar? Outra pessoa poderia sentir alívio, mas minhas entranhas gelam de pavor. Ele não vai me matar. Não. Sinto isso em seu toque.

Seus dedos longos e pálidos ainda apertam meu punho, enquanto sua outra mão segura a coleira. Mesmo agora, quando sou dolorosamente sua, Maven não vai me soltar. Eu preferia a morte a esta aula, à obsessão perversa de um jovem rei

insano.

Lem bro de seus bilhetes, todos term inando da m esm a m aneira.

Até nosso próximo encontro.

Ele continua falando, m as o volum e de sua voz dim inui na m inha cabeça, com o um zum bido se dissipando. Meus sentidos ficam todos em alerta. Observo por cim a do om bro. Meu olhar percorre o grupo de cortesãos atrás de nós. Todos usam o preto do luto, orgulhosos e vis. Lord Volo da Casa Sam os e seu filho, Ptolem us, estão esplêndidos em sua arm adura escura polida, com faixas prateadas escam adas do om bro ao quadril. Ao ver Ptolem us, m inha visão fica escarlate de fúria. Luto contra o im pulso de pular e arrancar a pele de seu rosto.

Perfurar seu coração com o ele fez com m eu irm ão Shade. O desejo transparece, e Ptolem us tem a audácia de abrir um sorriso sarcástico para m im .

Se não fosse pela coleira e pelos silenciadores restringindo tudo o que sou, eu transform aria seus ossos em vidro fum egante.

Não sei por quê, m as sua irm ã, há tantos m eses m inha inim iga, não m e olha. Com um vestido de cristais pretos perfurantes, Evangeline é, com o sem pre, a m aior estrela dessa constelação violenta. Im agino que vá se tornar rainha em breve, tendo suportado o noivado com Maven por tem po dem ais. Seus olhos escuros estão fixos nas costas do rei, m ais precisam ente em sua nuca. Um a brisa sopra, agitando seus cabelos prateados com o um a cortina cintilante e j ogando-os para trás dos om bros, m as ela nem pisca. Só depois de um longo m om ento parece notar que a encaro. E, m esm o assim , seus olhos m al encontram os m eus.

Estão vazios. Não sou m ais digna de sua atenção.

— Mare Barrow é m inha prisioneira e vai enfrentar o j ulgam ento da Coroa e do conselho. Ela precisa pagar por inúm eros crimes.

De que maneira? , m e pergunto.

A m ultidão brada em resposta, aplaudindo a sentença. Eles são prateados

“com uns”, sem ascendência nobre. Por m ais que sinta prazer nas palavras de Maven, a corte não reage. Na verdade, alguns parecem som brios, bravos, carrancudos — principalm ente os m em bros da Casa Merandus, com seus traj es de luto cortados pelo azul-escuro das cores da rainha m orta. Enquanto Evangeline m e ignora, eles se

concentram no meu rosto com uma intensidade perturbadora.

Olhares de um azul abrasador vindos de todas as direções. Fico à espera de ouvir seus murmúrios na minha cabeça, uma dúzia de vozes com o verme escavando uma minha açã podre. Mas há apenas silêncio. Talvez os oficiais da Casa Arven ao meu redor não sejam apenas carcereiros, mas protetores também, suprimindo minha habilidade e a de todos os outros contra mim. Ordens de Maven, imagino.

Ninguém pode me ferir aqui.

Além dele.

Tudo dói. Ficar de pé, me mexer, pensar. Por causa da queda do joelho, do sonador, do peso esmagador dos guardas silenciadores. E essas são apenas as feridas físicas. Hematomas. Fraturas. Dores que vão cicatrizar com o tempo. O

meu nome não pode ser dito do resto. Meu irmão está morto. Sou prisioneira. E não sei o que realmente aconteceu com meus amigos dias atrás quando fiz um pacto com o diabo. Cal, Kilorn, Cameron, meus irmãos Bree e Tramy. Quando os deixam para trás na clareira, estavam feridos, imobilizados, vulneráveis.

Maven pode ter mandado seus homens voltarem para terminar o que começou.

Me sacrifiquei para salvar a vida deles e nem sei se deu certo.

Maven me responderia se eu perguntasse. Posso ver isso em seu rosto. Seus olhos encontram os meus após cada frase torpe, pontuando cada mentira dita a seus súditos bajuladores. Para garantir que estou vendo, prestando atenção, olhando para ele. Com o garoto imaturo que Maven é.

Não vou chorar. Não aqui. Não desta forma. Sou orgulhosa demais para isso.

— Minha mãe e meu pai morreram com batendo esses animais — ele continua. — Deram a vida para manter este reino intacto, para manter vocês em segurança.

Mesmo derrotada, não consigo deixar de encarar Maven, retribuindo sua chamada com um resmungo de descrença. Nós dois lembramos muito bem da morte do pai dele. De seu assassinato. A rainha Elara

usou seu poder para entrar no cérebro de Cal, transformando o querido herdeiro do rei em uma arma mortal. Eu e Maven acompanhamos enquanto Cal era obrigado a assassinar o próprio pai, cortando a cabeça do rei e eliminando qualquer chance que tinha de se tornar o futuro governante. Vimos muitas cenas terríveis desde então, mas essas memórias ainda me assombram.

Não lembro muito do que aconteceu com a rainha fora do presídio de Corros. O estado de seu corpo depois foi prova suficiente do que o raio é capaz de fazer com a carne humana. Sei que a matei, sem dúvida, remorse ou arrependimento, num tempo de devastadora alimentada pela morte repentina de Shade. A última imagem clara que tenho da batalha é de meu irmão caindo, com o coração perfurado pela im piedosa agulha de aço de Ptolemy. Não sei com o irmão de Evangeline escapou da minha fúria cega, mas a rainha não teve a mesma sorte. Eu e o coronel fizemos o que o mundo soubesse o que tinha acontecido com ela e exibimos seu cadáver em uma transmissão televisiva.

Queria que Maven tivesse parte da habilidade dela, para poder vasculhar minha cabeça e saber exatamente que tipo de fim dei à sua mãe. Queria que sentisse a dor da perda de forma tão terrível quanto sinto.

Seus olhos estão voltados para mim quando termina seu discurso decorado, a mão estendida para exibir melhor a corrente que me prende a ele. Cada gesto faz parte de seu teatro ensaiado.

— Juro que farei o mesmo. Colocarei um ponto final na Guarda Escarlate e em nossos com o Mare Barrow ou morrerei tentando.

Então morra, quero gritar.

O estrondo da multidão abafa meus pensamentos. Centenas aplaudem o rei e sua tirania. Chorei na caminhada pela ponte, diante de tantos que me culpavam pela morte de seus entes queridos. Ainda consigo sentir as lágrimas secando no rosto. Agora quero chorar de novo, mas de raiva, não de tristeza. Com o podem acreditar nisso? Vão mesmo engolir essas mentiras?

Feito uma boneca, sou tirada de vista. Com a pouca força que me resta, viro o pescoço à procura de câmeras. *Olhem para mim*, imploro. *Vejam como ele mente*. Meu maxilar fica tenso e meus olhos se estreitam, refletindo o que torço

para ser um retrato de resistência, revolta e fúria. *Sou a garota elétrica.*

Sou a tempestade. Parece m entira. A garota elétrica está m orta.

Mas é a últim a coisa que posso fazer pela causa e pelas pessoas que am o que ainda estão lá fora. Elas não vão m e ver fraquej ar neste últim o m om ento.

Não, eu vou continuar de pé. E, em bora não saiba com o, tenho que continuar lutando, m esm o aqui, na barriga do m onstro.

Outro puxão m e obriga a virar de frente para a corte. Prateados frios m e encaram de volta, as peles com leves tons de azul, preto, roxo e cinza, desprovidas de vida, com aço e diam ante correndo nas veias em vez de sangue.

Não focam em m im , m as no próprio Maven. Neles, encontro m inha resposta.

Neles, vej o a ânsia.

Por um a fração de segundo, sinto pena do rei m enino, solitário no trono.

Então, bem no fundo, sinto o sopro ousado da esperança.

Ah, Maven. Em que confusão você foi se meter.

Nem consigo im aginar quem vai atacar prim eiro.

A Guarda Escarlata ou os nobres dispostos a cortar a garganta de Maven e tirar dele tudo pelo que sua m ãe m orreu.

Assim que subim os os degraus de Whitefire, o rei entrega m inha coleira para um guarda da Casa Arven, se afastando em direção ao largo salão de entrada do palácio. Estranho. Maven estava obcecado por m e ter de volta, por m e colocar em sua j aula, m as agora deixa m inhas correntes de lado sem nem olhar. *Covarde*, digo a m im m esm a. Ele não é capaz de m e encarar sem o espetáculo.

— Você honrou sua prom essa? — pergunto, sem ar. Minha voz soa rouca pelos dias sem uso. — É um hom em de palavra?

Ele não responde.

O resto da corte surge atrás de nós. Suas linhas e fileiras são baseadas nos m eandros com plexos de status e hierarquia. Só eu estou deslocada, a prim eira a seguir o rei, andando alguns passos atrás dele, onde estaria a rainha. Eu não poderia estar m ais longe desse título.

Olho para o m aior dos m eus carcereiros na esperança de ver algo além de lealdade cega. Ele usa um uniform e branco grosso, à prova de balas, fechado até a garganta. As luvas são cintilantes, não de seda, m as de borracha. Estrem eço.

Apesar de seu poder silenciador, os Arven não vão correr nenhum risco com igo.

Mesm o se eu conseguisse soltar um a faísca apesar de seu m assacre contínuo, as luvas protegeriam suas m ãos para que m e m antivessem encoleirada, acorrentada, enj aulada. O grande Arven não olha para m im ; seus olhos estão focados m ais à frente enquanto m orde o lábio, concentrado. O outro parece exatam ente igual, andando do m eu outro lado num a sincronia perfeita com seu irm ão ou prim o. As cabeças raspadas brilham e m e lem bro de Lucas Sam os.

Meu guarda gentil, m eu am igo, que foi executado porque eu existia e o usei. Tive sorte na época, quando Cal deixou um prateado bondoso para m e vigiar. Então

m e dou conta de que tenho sorte agora. É m ais fácil m atar guardas indiferentes.

Eles precisam m orrer. De algum a form a. Para que eu possa fugir, para que recupere m eu poder, eles são os prim eiros obstáculos. O resto é fácil de adivinhar. Os sentinelas de Maven, os outros guardas e oficiais posicionados por todo o palácio e, claro, o próprio rei. Só vou sair daqui por cim a do seu cadáver

— ou do m eu.

Fico pensando em m até-lo. Enrolar m inha corrente em volta do seu pescoço e apertar até tirar a vida de seu corpo. Isso m e aj uda a ignorar o fato de que cada passo que dou m e leva m ais para dentro do palácio, sobre o m árm ore branco, passando as altíssim as paredes douradas, sob um a dezena de lustres com luzes de cristal esculpidas em form a de cham as. Tudo tão bonito e frio com o m e lem bro. Um a prisão com cadeados de ouro e barras de diam ante. Ao m enos não vou ter que enfrentar o obstáculo m ais violento e perigoso de todos. A rainha está m orta. Mesm o assim , sinto um calafrio ao lem brar dela. Elara Merandus. Seu fantasm a m e assom bra. Certa vez ela despedaçou m inhas m em órias. Agora se transform ou num a delas.

Um a figura de arm adura atravessa m eu olhar fixo, passando pelos guardas para se colocar entre m im e o rei. Ele acom panha nosso passo com o um guardião obstinado, em bora não use o uniform e ou

a m áscara dos sentinelas. Vai ver sabe que estou pensando em estrangular Maven. Mordo o lábio, m e preparando para a dor aguda do ataque de um m urm urador.

Mas não, ele não é da Casa Merandus. Sua armadura é de obsidiana escura, seu cabelo é prateado e sua pele é branca como a lua. Quando volta os olhos para mim por cima do ombro, noto que são vazios e pretos.

Ptolemus.

Avanço com os dentes, sem saber o que estou fazendo, sem me importar. Só quero deixar minha armadura. Me pergunto se o gosto do sangue prateado é diferente do verme.

Mas não descubro.

A coleira me puxa para trás, com tanta violência que minha coluna faz um arco e caio no chão. Com um pouco mais de força, eu teria quebrado o pescoço.

A pancada do crânio no meu ombro me deixa tonta, mas não é suficiente para me manter no chão. Tento levantar, estreitando os olhos em direção às pernas da armadura de Ptolemus, que agora vira para me encarar. Mais uma vez, ataco e, mais uma vez, a coleira me puxa para trás.

— Basta — Maven sibila.

Ele para sobre mim, detendo-se para observar minhas tentativas fracas de me vingar de Ptolemus. O resto da procissão também para; prateados se aglomeram para assistir à minha luta se debatendo em vão.

A coleira parece ficar mais apertada e engulo em seco, levando a mão à garganta.

Maven mantém os olhos no meu rosto.

— Evangeline, eu disse *basta*.

Apesar da dor, viro para vê-la atrás de mim, com um punho cerrado ao lado do corpo. Assim como Maven, ela fita a minha coleira, que agora pulsa.

Deve bater no ritmo do coração dela.

— Deixe que eu a solte — ela diz. Acho que ouvi m al. — Deixe que eu a solte aqui e agora. Dispense os guardas e vou m atar essa garota, com seus poderes e tudo.

Rosno de volta, com o o m onstro que pensam que sou.

— Tente — digo a ela, desej ando com todo o coração que Maven concorde.

Apesar dos m achucados, dos dias de silêncio e dos anos de inferioridade em relação à m agnetron, quero ver o que ela tem a oferecer. Já a derrotei um a vez.

Posso fazer isso de novo. No m ínim o, é um a chance. Melhor do que eu esperava.

Os olhos de Maven passam da coleira para sua noiva, e seu rosto se fecha, tenso e ardente. Vej o m uito da antiga rainha nele.

— Você está questionando as ordens do rei, Lady Evangeline?

Os dentes dela brilham entre os lábios pintados de roxo. A m áscara de boas m aneiras da corte am eça cair, m as antes que possa dizer algo realm ente condenatório, seu pai se m ove um pouco, enlaçando o braço no dela. A m ensagem é clara: *Obedeça*.

— Não — ela resm unga, querendo dizer *sim*, então curva o pescoço e inclina a cabeça. — Maj estade.

A coleira afrouxa, voltando ao tam anho norm al em volta do m eu pescoço.

Talvez até m ais frouxa do que antes. É um a pequena bênção que Evangeline não sej a tão m eticulosa quanto tenta parecer.

— Mare Barrow é um a prisioneira da Coroa e a Coroa vai fazer com ela o que achar necessário — Maven diz, não apenas à sua noiva im pulsiva. O rei passa os olhos pelo restante da corte, deixando suas intenções claras. — A m orte é um destino bom dem ais para ela.

Um rum or baixo reverbera entre os nobres. Alguns parecem se opor, m as m uitos concordam . *Que estranho*. Pensei que todos quisessem m e executar da pior m aneira possível e m e pendurar para alim entar os abutres, exaurindo todo o terreno que a Guarda Escarlata ganhou. Mas im agino que queiram algo pior para m im .

Pior que a morte.

Foi o que Jon me disse antes. Quando viu o que o futuro me guardava, aonde me eu caminha e levaria. Ele sabia que isso estava por vir. E então contou ao rei. Comproveu um lugar ao lado dele às custas da vida do meu irmão e da minha liberdade.

Eu o encontro na multidão, longe dos outros. Seus olhos estão vermelhos e pálidos, e seu cabelo prematuromente grisalho está preso num rabo de cavalo bem-feito. Outro sanguenovo de estimação de Mavren Calore, ainda que sua coleira não seja visível. Jon ajudou Mavren a nos impedir de salvar uma legião de crianças antes que me esmassem o que tentássemos. Contou a Mavren sobre nossos caminhos e nosso futuro. Me entregou com o meu presente para o rei menino. Traiu todos nós.

Jon agora me encara. Não espero um pedido de desculpas pelo que fiz e não recebo um.

— E o interrogatório? — diz uma voz que não reconheço à minha esquerda.

Reconheço o rosto.

Samson Merandus. Um lutador de arena, um mormurador feroz, primo da

rainha morta. Ele abre caminho até mim e não consigo conter um calafrio. Em outra vida, eu o vi fazer um oponente se apunhalar até a morte na arena. Kilorn estava sentado ao meu lado, vendo, torcendo, aproveitando o que não sabia serem suas últimas horas de liberdade. Então seu mestre morreu e todo o nosso mundo veio abaixo. Nossos caminhos mudaram. Agora estou caída sobre o meu armário impescável, com frio e sangrando. Sou menos que um cachorro aos pés de um rei.

— Ela é boa demais para um interrogatório, me ajude? — Samson continua, estendendo a mão fria na minha direção. Ele segura meu queixo, me obrigando a erguer os olhos. Luto contra o meu pulso de mordê-lo. Não preciso dar outra desculpa para Evangeline me sufocar. — Pense no que ela já viu. No que sabe. É a líder deles e a chave para desvendar essa espécie maldita.

Ele está errado, mas me esmassem assim o sangue lateja em meu peito. Sei o bastante para causar muito estrago. Tuck passa diante de meus olhos, assim como o coronel e os gêmeos de Montfort. A infiltração

das legiões. As cidades. Os assobiadores por todo o país, levando refugiados à segurança. Segredos preciosos guardados com cuidado e prestes a serem revelados. Quantas pessoas m eu conhecim ento vai colocar em risco? Quantas vão m orrer depois que m e interrogarem ?

E essas são apenas inform ações m ilitares. Piores ainda são as partes som brias da m inha m ente. Os cantos onde escondo m eus piores dem ônios.

Maven está entre eles. O príncipe de que eu m e lem brava, o qual am ava e desej ava que fosse real. E Cal. O que fiz para continuar com ele, o que ignorei e as m entiras que conto a m im m esm a quanto à sua lealdade. Minha vergonha e m eus erros m e consom em , m e corroem por dentro. Não posso perm itir que Sam son — ou Maven — vej a essas coisas.

Por favor, quero im plorar. Meus lábios não se m ovem . Por m ais que odeie Maven, por m ais que queira vê-lo sofrer, sei que ele é m inha m elhor chance.

Mas ser m isericordioso diante de seus m ais fortes aliados e piores inim igos só vai enfraquecer um rei j á vacilante. Então continuo em silêncio, tentando ignorar a m ão de Sam son no m eu queixo e m e concentrar no rosto de Maven.

Seus olhos encontram os m eus por um instante ao m esm o tem po m uito longo e m uito breve.

— Vocês j á sabem suas ordens — ele diz bruscam ente, apontando para os guardas.

O aperto deles é firm e m as não agressivo enquanto m e levantam , usando m ãos e correntes para m e levar para longe do bando. Deixo todos para trás.

Evangeline, Ptolem us, Sam son e Maven.

O rei dá m eia-volta, seguindo na direção oposta, rum o a seu últim o recurso para se aquecer.

Um trono de cham as congeladas.



DOIS

Mare

NUNCA FICO SOZINHA.

Os carcereiros não saem . Há sem pre dois deles, de vigia, m antendo o que sou silenciado e suprim ido. Eles não precisam de nada além de um a porta trancada para m e m anter prisioneira. Não que eu consiga m e aproximar dela sem ser arrastada de volta ao centro do quarto. São m ais fortes do que eu e estão sem pre alertas. O único jeito de escapar de seus olhos é ir ao banheiro, um pequeno cômodo de ladrilhos brancos e torneiras douradas, com um a fileira repulsiva de Pedras Silenciosas no chão. Há blocos cinza perolados suficientes para fazer m inha cabeça latejar e m inha garganta fechar. Preciso ser rápida lá dentro e aproveitar cada segundo sufocante. A sensação m e faz lembrar do poder de Cameron. Ela consegue m atar alguém com a força de seu silêncio. Por m ais que eu odeie a vigília constante dos guardas, não correria o risco de sufocar no banheiro só por m ais alguns minutos de paz.

É engraçado, mas antes eu achava que meu maior medo era ficar sozinha.

Agora nunca fico só e nunca estive tão aterrorizada.

Faz quatro dias que não sinto minha eletricidade.

Cinco.

Seis.

Dezessete.

Trinta e um .

Risco os dias no rodapé perto da cama com um garfo. É uma sensação boa deixar minha marca, infligir um pequeno ferimento na minha prisão no Palácio

de Whitefire. Os Arven não se importam . Eles me ignoram na maior parte do tempo, concentrados no silêncio total e absoluto. Continuam em posição perto da porta, sentados com as estátuas com olhos vivos.

Este não é o mesmo quarto em que dormi da outra vez em que estive em Whitefire. Obviamente não seria adequado abrigar um a

prisoneira real no m esm o lugar que um a noiva real. Mas tam pouco estou num a cela. Minha j aula é confortável e bem m obiliada, com um a cam a m acia, um a estante estocada de livros chatos, algum as cadeiras, um a m esa e até cortinas elegantes, tudo em tons de cinza, m arrom e branco. Um a suíte esvaziada de cor, assim com o estou esvaziada de poder.

Aos poucos, m e acostum o a dorm ir sozinha, m as os pesadelos m e atorm entam sem Cal para m antê-los longe. Não tenho ninguém que se im porte com igo. Toda vez que acordo, toco os brincos que pontuam m inha orelha, nom eando cada pedra. Bree, Tram y, Shade, Kilorn. Irm ãos de sangue e de coração. Três vivos, um fantasm a. Queria ter um brinco para fazer par com o que dei para Gisa, assim teria um pedaço dela tam bém . Sonho com m inha irm ã às vezes. Nada concreto, m as lam pej os de seu rosto, de seu cabelo verm elho, escuro com o sangue derram ado. Suas palavras m e assom bram m ais que tudo.

Um dia as pessoas virão aqui e tomarão tudo o que você tem. Ela tinha razão.

Não há espelhos, nem m esm o no banheiro. Sei o que este lugar está fazendo com igo. Apesar das refeições reforçadas e da ociosidade, m eu rosto está ficando m ais fino. Meus ossos m achucam m inha pele conform e vou definhando, m ais afiados do que nunca. Não há m uito o que fazer além de dorm ir ou ler um dos volum es do código tributário de Norta; m esm o assim , a exaustão se instalou dias atrás. Hem atom as surgem a cada toque. E a coleira parece quente, ainda que eu passe os dias com frio e trem endo. Talvez sej a febre. Posso estar m orrendo.

Não que eu tenha alguém para confirm ar isso. Mal falo. As portas se abrem para com ida e água e para a troca dos carcereiros, nada m ais. Nunca vej o criados verm elhos, em bora ainda devam existir. São os Arven que pegam a com ida, os lençóis e as roupas deixados do lado de fora e os trazem até m im .

Eles tam bém lim pam o lugar, de cara am arrada por realizar um a tarefa tão baixa. Im agino que deixar um verm elho entrar no m eu quarto sej a perigoso dem ais. Isso m e faz sorrir. Significa que a Guarda Escarlata ainda é um a am eaça, o suficiente para garantir um protocolo tão rígido, que m e isola de qualquer outro verm elho.

Mas nem os prateados se aproxim am . Ninguém vem zom bar ou tripudiar da garota elétrica. Nem m esm o Maven.

Os Arven não conversam com igo. Não m e dizem seus nom es. Então invento. Tigrina, a velha m ais baixa do que eu, com um rosto pequenino e olhos alertas e aguçados. Ovo, com sua cabeça redonda, branca e careca. Trio tem três linhas tatuadas no pescoço, com o o arranhão de garras perfeitas. E Trevo, de olhos verdes, um a m enina m ais ou m enos da m inha idade, resoluta em seus deveres. É a única que tem coragem de m e olhar nos olhos.

Quando soube que Maven m e queria de volta, fiquei à espera de dor ou trevas, ou um pouco dos dois. Mais que isso, esperava sofrer m eu torm ento sob seu olhar ardente. Mas não houve nada desde que cheguei e fui obrigada a

aj oelhar. Naquele dia, ele disse que ia exibir m eu corpo para todo m undo ver.

Mas não veio nenhum executor. Nenhum m urm urador com o Sam son Merandus ou a rainha m orta invadiu m inha cabeça e revelou m eus pensam entos. Se esta é m inha punição, é bem entediante. Maven anda sem criatividade.

As vozes na m inha cabeça continuam . São tantas, tantas lem branças.

Cortam com o o fio de um a espada. Tento aliviar a dor com livros m açantes, m as as palavras voam diante de m eus olhos, e as letras se rearranj am para form ar o nom e das pessoas que deixei para trás. Vivas ou m ortas. E Shade está em toda parte.

Ptolem us pode ter m atado m eu irm ão, m as fui eu quem o colocou nesse cam inho. Porque fui egoísta, pensando que era um a espécie de salvadora.

Porque, de novo, deposei m inha confiança em quem não deveria e lidei com a vida das pessoas com o se fosse um j ogo de cartas. *Mas você invadiu uma prisão.*

Soltou muita gente. E salvou Julian.

Um pensam ento frágil e um consolo m ais frágil ainda. Sei agora qual foi o preço do que aconteceu no presídio de Corros. Todos os dias tenho que aceitar o fato de que, se pudesse voltar atrás, não o pagaria de novo. Nem por Julian nem por cem sanguenovos vivos. Não salvaria nenhum deles se custasse a vida de Shade.

E, no final, deu na m esm a. Maven tinha m e pedido para voltar m eses antes, suplicando a cada bilhete m anchado de sangue. Ele

esperava m e com prar com cadáveres. Eu achava que nunca toparia um a troca dessas, nem por m il vidas inocentes. Agora, queria ter obedecido há m uito tem po. Antes que ele pensasse em atacar as pessoas que am o, sabendo que eu tentaria salvá-las. Sabendo que eu só faria um acordo por Cal, Kilorn e m inha fam ília. Pela vida deles, abri m ão de tudo.

Acho que Maven sabe que é m elhor não m e torturar. Nem m esm o com o sonador, um a m áquina feita para usar m eus raios contra m im e m e despedaçar, nervo a nervo.

Minha agonia é inútil para ele. Sua m ãe lhe ensinou bem . Meu único consolo é saber que o j ovem rei está sem a cruel m anipuladora de m arionetes.

Enquanto sou m antida aqui, vigiada dia e noite, ele está sozinho no controle de um reino, sem Elara Merandus para guiá-lo e protegê-lo.

Faz um m ês que não sinto ar fresco e quase o m esm o tem po que não vej o nada além do interior do m eu quarto e da vista estreita que m inha única j anela oferece.

Ela dá para o j ardim de um pátio, há m uito m orto agora no fim do outono.

As árvores foram m anipuladas pelos verdes. Deviam ser m aravilhosas com folhas, um a coroa verdej ante de flores e galhos espiralados. Mas, sem nada, os carvalhos, elm os e faias nodosos se curvam em garras; seus dedos secos e m ortos raspam uns nos outros, feito ossos. O pátio está abandonado, esquecido.

Assim com o eu.

Não, resm ungo para m im m esm a.

Os outros vão vir atrás de m im .

Ouso ter esperança. Sinto um frio na barriga toda vez que a porta abre. Por um m om ento, espero ver Cal, Kilorn, Farley ou Nanny usando o rosto de outra

pessoa. O coronel, até. Agora, eu choraria se visse seu olho escarlate. Mas ninguém vem m e buscar. Ninguém virá.

É cruel ter esperança quando não há nenhum a.

E Maven sabe disso.

Enquanto o sol se põe no trigésim o prim eiro dia, entendo o que pretende fazer.

Ele quer que eu apodreça. Esm oreça. Sej a esquecida.

Lá fora, os flocos da prim eira neve caem do céu cor de ferro. O vidro é frio ao toque, m as se recusa a congelar.

Eu tam bém .

A neve é perfeita sob a luz da m anã, um a crosta branca decorando árvores nuas. Até a tarde, vai ter derretido. Pela m inha contagem , hoj e é 11 de novem bro. Um a época fria, cinzenta e m orta entre o outono e o inverno. A neve de verdade só vai se instalar no fim do m ês.

Em casa, pulávam os da varanda para os m ontes de neve, m esm o depois que Bree quebrou a perna ao cair num a pilha de lenha soterrada. Custou a Gisa o salário de um m ês inteiro curá-lo, e tive que roubar a m aioria dos m ateriais de que o “m édico” precisava. Isso aconteceu no inverno antes de m eu irm ão ser recrutado, a últim a vez em que toda a fam ília esteve reunida. E agora nunca estarem os todos j untos de novo.

Minha m ãe e m eu pai estão com a Guarda. Gisa e m eus irm ãos tam bém .

Estão seguros. Estão seguros. Estão seguros. Repito isso toda m anã. É um consolo, m esm o que talvez não sej a verdade.

Devagar, afasto m eu prato de café da m anã. Conheço bem o m ingau doce, a fruta e a torrada, e não m e servem de consolo.

— Term inei — digo, por força do hábito, sabendo que ninguém vai responder.

Tigrina surge ao m eu lado, olhando com desprezo para a com ida deixada pela m etade. Pega o prato com o se fosse um inseto, segurando-o longe, e o leva até a porta. Ergo os olhos rápido, na esperança de ter um m ero vislum bre da antessala. Está vazia, com o sem pre, e m eu coração se aperta. Tigrina j oga o prato no chão com um estrépito, talvez o quebrando, m as não se im porta. Algum criado vai lim par. A porta se fecha, e ela volta ao seu lugar. Trio ocupa a outra cadeira, com os braços cruzados, m e encarando sem piscar.

Consigo sentir o poder de am bos. Parece um lençol apertado dem ais, m antendo m eus raios presos e ocultos, tão longe que nem chego perto de alcançá-los. Dá vontade de arrancar m inha própria pele.

Odeio isso. Odeio isso.

Odeio. Isso.

Crac.

Jogo o copo contra a parede oposta, derram ando água e deixando que m anche o cinza horroroso. Os guardas nem piscam . Faço isso com frequência.

E aj uda. Por um m inuto. Talvez.

Sigo a program ação de sem pre, aquela que desenvolvi ao longo do últim o m ês de cativeiro. Acordo. Me arrependo na hora. Recebo o café da m anã.

Perco o apetite. Peço que levem a com ida em bora. Me arrependo na hora. Jogo a água fora. Me arrependo na hora. Tiro as roupas de cam a. Às vezes rasgo os lençóis, às vezes aos berros. Me arrependo na hora. Tento ler. Olho pela j anela.

Olho pela j anela. Olho pela j anela. Recebo o alm oço. Faço tudo de novo.

Sou um a garota m uito ocupada.

Ou deveria dizer “m ulher”?

Dezoito anos é um a divisão arbitrária entre a adolescência e a vida adulta.

Eu os com pletei sem anas atrás, em 17 de novem bro. Não que alguém saiba ou tenha notado. Duvido que os Arven se im portem que eu estej a um ano m ais velha. Apenas um a pessoa neste palácio-prisão se im portaria. E ele não m e visita, para m eu alívio. É a única felicidade que tenho. Sou m antida aqui, cercada pelas piores pessoas que conheço, m as não preciso sofrer com a presença dele.

Até hoj e.

O silêncio absoluto ao m eu redor se despedaça, não com um a explosão, m as com um estalo. O velho giro da chave na fechadura. Fora de horário, sem aviso. Ergo a cabeça com o som , assim com o os

Arven, que perdem a concentração com a surpresa. Adrenalina corre pelas minhas veias, me ovida pelo meu coração, que de repente bate forte. Em uma fração de segundo, ousa ter esperança de novo. Sonho com quem poderia estar do outro lado da porta.

Meus irmãos. Farley. Kilorn.

Cal.

Quero que sejá a Cal. Quero que seu fogo consuma totalmente este lugar e estas pessoas.

Mas não reconheço o homem do outro lado da porta. Só as roupas me são familiares — uniformes e preto, detalhes prateados. Um agente de segurança, sem nome e sem importância. Ele segura a porta aberta com as costas. A maior parte de seu corpo fica do lado de fora.

Os Arven se levantam de um salto, tão surpresos quanto eu.

— O que você está fazendo? — Trio pergunta. É a primeira vez que ouço sua voz.

Tigrina segue o protocolo, ficando entre mim e o agente. Outra explosão de silêncio então me atinge, alimentada pelo medo e pela confusão dela. É com o impacto da onda corroendo os resquícios de força que ainda tenho. Me seguro na cadeira, porque não quero cair na presença de outras pessoas.

O agente de segurança não diz nada, só olha fixo para o chão. Esperando.

Ela entra, com um vestido feito de agulhas. Seu cabelo prateado foi trançado com pedras preciosas, com o que ela anseia por usar. Estremecço com a visão dela, perfeita, fria e afiada, com a postura de uma rainha, ainda que sem o título. Porque ela ainda não é rainha. Posso perceber.

— Evangeline — murmuro, tentando esconder o tremor na voz, tanto pelo medo com o pela falta de uso. Seus olhos pretos passam por mim com toda a ternura de um chicote estalando. Da cabeça aos pés e dos pés à cabeça, tomando nota de todas as imperfeições, todas as fraquezas. Sei que são muitas. Finalmente,

seu olhar pousa na minha coleira e nas farpas de metal. Seu lábio se curva de repulsa e vontade. Com o que seria fácil para ela voltar as pontas da coleira para minha garganta e me fazer sangrar até a morte.

— Lady Sam os, a senhorita não tem permissão de entrar aqui — diz Tigrina, ainda entre nós. Fico surpresa com sua audácia.

Evangeline volta os olhos para mim com um desprezo crescente.

— Acha que eu desobedeceria o rei, meu noivo? — Ela força um sorriso frio. — Estou aqui sob ordens dele. O rei exige a presença da prisioneira na corte.

Agora.

Cada palavra arde. Um momento de aprisionamento de repente parece muito pouco. Parte de mim quer se agarrar à mesa e obrigar Evangeline a me arrastar para fora da minha aula. Mas nem o isolamento destruiu meu orgulho. Ainda não.

E nunca vai destruir, lembro a mim mesma. Então me levanto nas pernas fracas, com as articulações doloridas e as mãos trêmulas. Um momento atrás ataquei o irmão de Evangeline com pouco além dos dentes. Tento invocar aquela energia com o posso, ao menos para me erguer.

Tigrina se mantém firme, imóvel. Sua cabeça se volta para Trio.

— Não fomos os informados. Esse não é o protocolo.

Evangeline volta a rir, exibindo os dentes brancos e brilhantes. Seu sorriso é belo e violento com o um a faca.

— Você está me desautorizando, guarda Arven? — Enquanto fala, suas mãos passam pelo vestido, alisando o tecido em meio à floresta de agulhas.

Partes dele grudam em Evangeline com o um ímã, e de repente sua mão está cheia de agulhas. Ela segura os pedaços de metal na mão, paciente, esperando com uma sobrelha arqueada. Os Arven sabem que é melhor não estender seu silêncio esmagador para uma filha da Casa Sam os, ainda mais a futura rainha.

A dupla troca olhares, visivelmente discordando. Trio franze a sobrelha e olha feio. Finalmente, Tigrina suspira alto e dá um passo para o lado, se afastando.

— Uma escolha que nunca vou esquecer — Evangeline murmura.

Me sinto exposta, sozinha diante de seus olhos penetrantes, apesar dos

outros observando. Evangeline m e conhece, sabe o que sou, do que sou capaz. Quase a m ateí no Ossário, m as ela fugiu, com m edo de m im e do m eu poder.

Definitivam ente não está com m edo agora.

Decidida, dou um passo à frente. Na direção dela. Na direção do vazio abençoado que a cerca, perm itindo que seu poder flua. Mais um passo. Rum o ao ar livre, à eletricidade. Será que vou sentir na m esm a hora? Será que vai voltar com tudo? Precisa voltar. Precisa.

Mas Evangeline m ostra todo o seu escárnio num sorriso. Ela tam bém dá um passo, para trás, e eu quase rosno.

— Não tão rápido, Barrow.

É a prim eira vez que a ouço dizer m eu nom e verdadeiro.

Evangeline estala os dedos, apontando para Tigrina.

— Levem -na.

Eles m e arrastam com o fizeram no dia em que cheguei, com um a corrente presa à coleira. Quem a segura firm e é Tigrina. Ela e Trio continuam m e silenciando, e sinto seu poder com o um tam bor dentro do crânio. A cam inhada por Whitefire parece se estender por quilôm etros, e avançam os devagar. Com o da outra vez, não estou vendada. Não há m otivo para isso.

Reconheço m ais e m ais conform e nos aproxim am os do nosso destino, cortando por passagens e galerias que explorei livres ente vidas atrás. Na época em que não sentia necessidade de diferenciá-las. Agora, faço o possível para m apear o lugar na cabeça. Preciso conhecer a planta se pretendo sair daqui viva.

Meu quarto dá para o leste e fica no quinto andar; sei disso porque contei as j anelas. Lem bro que Whitefire é com posto por quadrados interligados, com cada ala cercando um pátio com o o que vej o do m eu quarto. A vista das j anelas altas e arqueadas se altera a cada novo corredor. O j ardim de um pátio, a Praça de César, as longas extensões do cam po de treinam ento onde Cal se exercitava com seus soldados, as m uralhas distantes e a ponte de Archeon reconstruída m ais além . Não passam os pelos côm odos onde encontrei o caderno de Julian, onde assisti a fúria de Cal e a conspiração silenciosa de Maven. Fico surpresa com a quantidade de m em órias que o palácio guarda, apesar do curto tem po que passei aqui.

Passam os por um bloco de janelas que dá para o oeste, para os quartéis, o rio Capital e a outra metade da cidade além dele. O Ossário se localiza entre os prédios; sua silhueta enorme e é familiar demais. Conheço esta vista. Parei diante destas janelas junto com Cal. Menti para ele, sabendo do ataque que aconteceria naquela noite. Mas não antevia o que aquilo nos causaria. Cal sussurrou que queria que as coisas fossem diferentes. Sinto o mesmo.

As câmeras devem seguir nosso avanço, mas não consigo mais senti-las.

Evangeline não diz nada enquanto descem os para o andar principal com os oficiais atrás dela, uma revoadada de pássaros negros atrás de um cisne de metal.

Música ecoa de algum lugar. Pulsa com o um coração inchado e pesado. Nunca a ouvi antes, nem no baile a que fui nem durante as aulas de dança com Cal. Tem vida própria, é sombria, perversa e estranhamente convidativa. À minha frente, os ombros de Evangeline ficam tensos.

O andar está estranhamente vazio, com apenas alguns guardas posicionados ao longo dos corredores. Guardas comuns, não os sentinelas, que devem estar com Maven. Evangeline não vira à direita, como eu esperava, para entrar na sala do trono pelas portas grandiosas e arqueadas. Ela avança e todos nós a seguimos, entrando em outro cômodo que conheço bem demais.

A câmara do conselho. Um círculo perfeito de mármore e madeira polida.

Cadeiras ladeiam as paredes, e o selo de Norta, a coroa flamejante, domina o piso ornamentado. Vermelha, preta e prateada, com pontas de chamas explosivas. Quase tropeço ao ver aquilo e preciso fechar os olhos. Tigrina me arrastaria pelo salão se eu caísse, não tenho dúvidas. Eu deixaria que o fizesse com o maior prazer só para não ter que ver este lugar. Foi onde Walsh morreu.

Seu rosto lampeja na minha mente. Ela foi caçada feito um coelho. E foram os lobos que a capturaram — Evangeline, Ptolemy, Cal. Eles a encontraram nos túneis sob Archeon, enquanto seguia as ordens da Guarda Escarlate. Arrastaram -

na para cá e a entregaram à rainha Elara para interrogatório. Não deu em nada.

Porque Walsh se meteu. Engoliu um com primido letal na frente de todos, para proteger os segredos da Guarda Escarlata. Para me proteger.

Quando o volume da música triplica, abro os olhos novamente.

A câmara do conselho ficou para trás, mas o que vejo o diante de mim consegue ser pior.



TRÊS

Mare

A MÚSICA DANÇA NO AR, cortada pelo cheiro doce e enjoativo de álcool que permeia cada centímetro da magnífica sala do trono. Saímos para uma plataforma elevada, um pouco acima do piso da câmara, possibilitando uma vista grandiosa da festa estridente antes de notarem nossa presença.

Passo os olhos de um lado para o outro, ansiosa, na defensiva, vasculhando todos os rostos e todas as sombras à procura de oportunidades ou perigo. Seda, pedras preciosas e lindas armaduras cintilam sob a luz de uma dezena de lustres, criando uma constelação humana que se move sobre o piso de mármore. Depois de um mês de cárcere, a visão é um ataque aos meus sentidos, mas absorvo tudo, sedenta. Tantas cores, tantas vozes, tantos nobres conhecidos. Ninguém me nota ainda. Seus olhos não me seguem. Estão concentrados uns nos outros, nas taças de vinho e nos licores multicoloridos, no ritmo agitado, na fumaça perfumada ondulando pelo ar. Deve ser uma comemoração extravagante, mas não faço ideia do motivo.

Naturalmente, meus pensamentos disparam. Terá sido uma vitória? Contra Cal, contra a Guarda Escarlata? Ou ainda estão celebrando minha captura?

Basta olhar para Evangeline para encontrar a resposta. Nunca a vi fazer essa careta, nem mesmo para mim. Seu olhar de desprezo felino se fecha, disforme, furioso, cheio de uma raiva que nem consigo imaginar. Seus olhos escurecem com os dois buracos negros, absorvendo a visão de seu povo no ápice da felicidade.

Ou, m e dou conta, no ápice da ignorância.

Com um com ando, um a rajada de criados vermelhos sai da parede oposta e percorre a câmara em uma formação treinada. Eles carregam bandejas com cálices de cristal cheios de líquidos luminosos da cor do rubi, do ouro e do diamante. Quando terminam de atravessar a massa de gente, as bandejas estão vazias. Elas voltam a ser enchidas rapidamente, eles passam de novo pelos convidados e as bandejas se esvaziam. Não faço ideia de como alguns prateados ainda estão em pé. Eles continuam em sua folia, conversando ou dançando com

copos na mão. Alguns as baforadas de cachimbo ornamentados deixam nuvens de fumaça estranhamente coloridas no ar. Não têm o cheiro do tabaco que muitos anciãos em Palafitas sopravam com esmero. Invejo as faíscas em seus cachimbos, cada uma é uma pontada de luz.

Pior é ver os criados vermelhos. Eles me fazem sofrer. O que não daria para tomar seu lugar. Ser apenas uma criada em vez de prisioneira. *Idiota, me repreendo. Eles também estão presos. Assim como todos seus semelhantes.*

Encurralados pelos prateados, mesmo que alguns tenham mais espaço para respirar.

Por causa dele.

Evangeline desce da plataforma e os Arven me obrigam a ir atrás. A escada nos leva direto para o tablado, alto o bastante para demonstrar sua importância máxima. E, claro, há uma dúzia de sentinelas parados ali, medrosos e armados, aterrorizantes em todos os aspectos.

Fico à espera dos tronos de que me lembro. Chamadas de cristais de diamante no assento do rei, safira e ouro branco polido no da rainha. Em vez disso, Maven está sentado no mesmo trono de que o vi se levantar um mês atrás, quando me exibiu acorrentada diante do meuundo.

Sem pedras ou metais preciosos. Apenas blocos de pedra cinza entrançados com algo brilhante, sem curvas e sem insígnia nenhuma. Parece frio ao toque e desconfortável, além de terrivelmente pesado. Deixa o rei pequeno, fazendo com que pareça mais jovem. Parecer poderoso torna alguém poderoso. Aprendi essa lição com Elara, mas Maven não. Ele parece o menino que é, nitidamente pálido contra o

uniforme e preto; suas únicas cores são o revestimento vermelho sangue da capa, um túmulo prateado de medalhas e o azul arrepiante dos olhos.

O rei Maven da Casa Calore me olha nos olhos assim que percebe que estou aqui.

O instante perdura, suspenso num fio do tempo. Um desfileiro de distrações se abre entre nós, repleto de tanto barulho e caos, mas é como se o salão estivesse vazio.

Eu me pergunto se Maven nota a diferença em mim. O resultado do enjoo, da dor, da tortura que é ficar numa prisão silenciosa. Provavelmente sim. Seu olhar desliza das minhas ações do rosto pronunciadas para minha coleira, descendo pela veste branca. Não estou sangrando desta vez, mas queria estar.

Para mostrar a todos o que sou, o que sempre fui. Vermelho. Ferida. Mas viva.

Com o fito diante da corte, diante de Evangeline alguns minutos atrás, endireito a coluna e o encaro com toda a força e amplitude que tenho a oferecer. Observo-o e procuro fissuras que só eu consigo ver. Olheiras, mãos trêmulas, uma postura tão rígida que pode partir sua coluna ao meio.

Você é um assassino, Maven Calore. Um covarde, um fraco.

Funciona. Ele tira os olhos de mim e levanta rápido, com as mãos ainda agarradas ao trono. A fúria o atinge com o golpe de um martelo.

— Explique-se, guarda Arven! — ele explode com meu carcereiro mais próximo.

Trio se sobressalta.

O acesso de raiva interrompe a música, a dança e a bebida imediatamente.

— S-senhor — Trio balbucia. Uma de suas mãos enluvadas agarra meu braço, irradiando silêncio suficiente para fazer meu coração bater mais devagar. Tenta encontrar uma explicação que não coloque a culpa em si mesmo ou nem na futura rainha, mas falha.

A corrente trem e na mão de Tigrina, mas ela continua segurando

firm e.

Apenas Evangeline não se deixa afetar pela fúria do rei. Ela esperava essa reação.

Ele não ordenou que m e trouxessem aqui. Não houve convocação algum a.

Maven não é bobo. Acena com a m ão para Trio, pondo fim à sua gagueira com um só gesto.

— Sua tentativa pífia é resposta suficiente — ele diz. — O que você tem a dizer para se defender, Evangeline?

Na m ultidão, o pai dela se ergue, observando com olhos arregalados e severos. Alguém poderia dizer que está com m edo, m as não acho que Volo Sam os sej a capaz de ter em oções. Ele sim plesm ente afaga a barba prateada, com um a expressão indecifrável. Ptolem us não tem o m esm o dom da dissim ulação. Está parado na plataforma j unto com os sentinelas, o único sem m áscara e uniforme flam ej ante. Ainda que seu corpo esteja im óvel, seu olhar alterna entre o rei e a irm ã, e ele cerra o punho devagar. *Isso. Tema por ela como temi por meu irmão. Veja Evangeline sofrer como eu o vi morrer.*

Afinal, o que m ais Maven pode fazer agora? Evangeline desobedeceu suas ordens deliberadam ente, ultrapassando as indulgências que o noivado deles perm ite. Se tem algo que sei, é que irritar o rei leva a punição. E fazer isso aqui, na frente de toda a corte... Ele pode m uito bem executá-la agora m esm o.

Se Evangeline pensa que está correndo risco, não dem onstra. Sua voz nunca falha ou vacila.

— Você ordenou que a terrorista fosse aprisionada e isolada com o um a garrafa de vinho inútil. Depois de um m ês de deliberação do conselho, não há consenso sobre o que fazer com ela. Seus crim es são tantos que m erecem um a dezena de m ortes, ou m il vidas na pior das cadeias. Ela m atou ou m utilizou centenas de nossos súditos desde que foi descoberta, incluindo seus pais, e ainda assim descansa em um quarto confortável, sendo alim entada, respirando, viva, sem a punição que ela m erece.

Maven puxou à m ãe, de m odo que sua fachada para a corte é quase perfeita. As palavras de Evangeline não parecem incom odá-lo nem um pouco.

— Sem a punição que ela m erece — ele repete. Maven olha para o salão, com o queixo erguido. — Então você a trouxe aqui. Minhas festas são tão ruins assim ?

Um a série de risos, alguns sinceros e outros forçados, reverbera pela m ultidão inebriada. Alguns, no entanto, estão sóbrios o bastante para com prender a dim ensão do que está acontecendo. Do que Evangeline fez.

Ela abre um sorriso cortês que parece tão doloroso que im agino que o canto de seus lábios vá com eçar a sangrar.

— Sei que você ainda está de luto pela sua m ãe, m aj estade — Evangeline diz, sem nenhum a som bra de afeto. — Todos estão os. Mas seu pai não agiria dessa form a. Acabou o tem po das lágrim as.

Estas últim as palavras não são dela, m as de Tiberias VI. O pai de Maven, o fantasm a que o assom bra. A m áscara do j ovem rei am eaça cair por um instante, e seus olhos brilham com um m isto de pavor e fúria. Lem bro dessas palavras tão bem quanto ele. Foram ditas diante de um a m ultidão com o esta, depois que a Guarda Escarlata executou alguns alvos políticos. Alvos apontados por Maven, sugeridos pela m ãe. Fizem os o trabalho suj o deles, enquanto aum entavam a contagem de corpos por conta própria com um ataque atroz. Os dois m e usaram , se aproveitaram da Guarda para elim inar alguns inim igos e dem onizar outros com um golpe só. Destruíram m ais, m ataram m ais do que nenhum de nós pretendia m atar.

Ainda consigo sentir o cheiro de sangue e fum aça. Ainda consigo ouvir um a m ãe chorando sobre os filhos m ortos. Ainda lem bro das palavras que culparam a Guarda por tudo.

— Força, poder, m orte — Maven m urm ura, entredentes. As palavras m e assustaram antes e m e aterrorizam agora. — O que você sugere, m ilady ?

Decapitação? Fuzilam ento? Ou devem os desm em brar a prisioneira?

Meu coração bate forte no peito. Maven perm itiria um a coisa dessas? Não sei. Não tenho ideia do que faria. Preciso lem brar que nem o conheço direito. O

garoto que pensei que fosse era um a ilusão. E os bilhetes, deixados de m aneira cruel, m as cheios de súplicas para que eu voltasse? O m ês de cativo gentil e silencioso? Talvez isso tudo tam bém fosse falso, m ais um truque para m e iludir.

Outro tipo de tortura.

— Devem os fazer com o a lei ordena. Com o seu *pai* teria feito.

A maneira com o ela diz “*pai*”, usando a palavra de forma tão brutal quanto um a faca, é confirm ação suficiente. Com o muitos no salão, ela sabe que Tiberias VI não morreu com o se acredita.

Mesmo assim, Maven se segura firme no trono, com os dedos brancos sobre as pedras cinza. Sentindo todos os olhos sobre si, ele se volta para a corte antes de olhar com desprezo para Evangeline.

— Você não só não faz parte do conselho com o não conheceu meu pai bem o bastante para dizer o que faria. Sou um rei com o ele era e entendo o que precisa ser feito pela vitória. Nossas leis são sagradas, mas as estamos travando duas guerras no momento.

Dois guerras.

A adrenalina percorre meu corpo tão rápido que penso que minha eletricidade voltou. Não, não é ela. É a esperança. Mordo o lábio para não sorrir.

Depois de semanas, a Guarda Escarlata sobrevive e se fortalece. Maven admite abertamente que estão lutando contra ela. É impossível escondê-la ou ignorá-la agora.

Apesar da necessidade de saber meus aís, continuo de boca fechada.

O rei lança um olhar ardente para Evangeline.

— Nenhum prisioneiro inimigo, muito menos um a prisioneira tão valiosa quanto Mare Barrow, deve ser desperdiçado com uma execução com um.

— Você é que está desperdiçando! — Evangeline rebate tão rápido que parece que ensaiou a discussão. Ela dá meus aís um passo à frente, diminuindo a distância até Maven. Tudo parece um espetáculo, uma peça, algo representado

sobre o tablado para a corte testem unhar. Mas quem ganha com isso?

— Ela está juntando pó, sem fazer nada, sem nos oferecer nada, enquanto Corvium queima!

Outra informação valiosa para guardar. *Mais, Evangeline. Fale mais.*

Vi com meus próprios olhos a cidade-fortaleza, o coração do Exército

de Norta, irrom per em revoltas há um m ês. E elas continuam . A m enção a Corvium deixa a m ultidão sóbria. Maven percebe e se esforça para m anter a calm a.

— Faltam dias para a decisão do conselho, m ilady — ele diz, entredentes.

— Perdoe m inha ousadia, m aj estade. Sei que desej a honrar o conselho da m elhor m aneira que pode, m esm o as partes m ais fracas. Mesm o os covardes que não conseguem fazer o que deve ser feito. — Ela dá m ais um passo e sua voz se atenua, quase um ronronado. — Mas você é o rei. A decisão é sua.

Um golpe de m estre, percebo. Evangeline tam bém é m anipuladora. Em poucas palavras, obriga-o a fazer o que ela quer para não parecer fraco. Contra a vontade, inspiro afobada. Será que ele vai ceder? Ou vai se recusar, botando lenha na fogueira da insurreição que j á queim a nas Grandes Casas?

Maven não é tolo. Ele entende o que Evangeline está fazendo e se obriga a m anter o foco nela. Os dois se encaram , com unicando-se com sorrisos forçados e olhares afiados.

— A Prova Real definitivam ente revelou a filha m ais talentosa — ele diz, pegando a m ão de Evangeline. Am bos parecem repugnados pelo ato. A cabeça de Maven se volta para a m ultidão, m ais precisam ente para um hom em m agro de azul-escuro. — Prim o! Sua solicitação de interrogatório está concedida.

Sam son Merandus ergue a cabeça, o olhar atento. Ele faz um a reverência, escondendo o enorm e sorriso. Seu traj e azul infla, escuro com o fum açã.

— Obrigado, m aj estade.

— Não.

A palavra escapa de m im .

— Não, Maven!

Sam son se m ove rápido, subindo para a plataform a com um a fúria controlada. Ele percorre a distância entre nós com poucos passos decididos, até seus olhos serem a única coisa no m undo. Olhos azuis, olhos de Elara, olhos de Maven.

— Maven! — grito de novo, im plorando ainda que não vá adiantar nada.

Suplicando, ainda que fira m eu orgulho pensar que estou pedindo algo para ele.

Mas o que posso fazer? Sam son é um m urm urador. Ele vai m e destruir de dentro para fora, vasculhar tudo o que sou, tudo o que sei. Quantas pessoas vão m orrer por causa do que vi? — Maven, por favor! Não deixe que ele faça isso!

Não tenho forças para m e libertar da corrente nas m ãos de Tigrina, nem m esm o para m e debater quando Trio m e pega pelos om bros. Os dois m e seguram com facilidade. Meus olhos alternam entre Sam son e Maven. Ele m antém um a m ão no trono e a outra segura a de Evangeline. *Sinto sua falta*, diziam seus bilhetes. Ele é indecifrável, m as pelo m enos olha para m im .

Isso é bom . Se ele não vai m e salvar desse pesadelo, quero que vej a o que vai acontecer.

— Maven — sussurro um a últim a vez, tentando soar com o m im m esm a.

Não com o a garota elétrica, não com o Mareena, a princesa perdida, m as com o

Mare. A garota que ele viu atrás das grades de um a cela e prom eteu salvar. Mas ela não basta. O rei abaixa os olhos. Vira para o outro lado.

Estou sozinha.

Sam son m e pega pela garganta, pressionando a coleira, m e obrigando a encarar seus olhos vis e fam iliares. Azuis com o gelo e igualm ente im placáveis.

— Você errou ao m atar Elara — ele diz, sem se incom odar em m edir as palavras. — Ela era um a cirurgiã com a m ente das vítimas.

Ele se aproxim a, sedento, um hom em fam into prestes a devorar a refeição.

— Eu sou um carniceiro.

Quando o sonador m e destroçou, agonizei por três longos dias. Um a

tem pestade de ondas de rádio tinha voltado m inha eletricidade contra m im , ressoando na m inha pele, chacoalhando entre m eus nervos com o raios num pote.

Deixou cicatrizes. Linhas irregulares de carne branca descendo pelo m eu pescoço e m inha coluna, m arcas feias com as quais ainda não m e acostum ei.

Elas doem e repuxam , tornando m ovim entos sim ples bastante complicados.

Mesm o m eus sorrisos não são os m esm os, parecendo m enores depois do que aquilo fez com igo.

Agora, eu im ploraria pelo sonador se pudesse.

O estalo agudo do sonador m e despedaçando seria o paraíso, um a bênção, um a m isericórdia. Eu preferiria estar com ossos quebrados, m úsculos rom pidos, dentes e unhas despedaçados. Preferiria estar com pletam ente destruída a sofrer m ais um segundo com os m urm úrios de Sam son.

Consigo senti-lo. Sua m ente. Preenchendo cada canto de m im com o um a perversão, um a podridão, um câncer. Ele raspa m inha cabeça de form a incisiva.

Todas as partes de m im que ainda não foram pegas por seu veneno se contorcem de dor. Sam son está gostando. Esta é sua vingança, afinal. Pelo que fiz com Elara, seu sangue e sua rainha.

Ela foi a prim eira lem brança que ele arrancou de dentro de m im . Minha falta de rem orso o enfureceu e m e arrependo disso agora. Queria ter fingido algum a piedade, m as a im agem da m orte dela era assustadora dem ais para sentir algo além de choque. Eu lem bro agora. Ele m e obriga a lem brar.

Num instante de dor cega, sugada pelas m inhas m em órias, eu m e vej o de volta ao m om ento em que a m atei. Meu poder atrai o raio do céu em linhas irregulares roxas e brancas. Um a delas a atinge na cabeça, entrando por seus olhos, passando pela boca, descendo pelo pescoço e pelos braços, indo da cabeça aos pés e dos pés à cabeça. O suor na sua pele evapora, sua carne carboniza até soltar fum aça, os botões da roupa ficam verm elhos de tão quentes. Ela se m ove aos trancos, puxando a própria pele, tentando se livrar da m inha fúria elétrica. As pontas dos dedos desaparecem , expondo os ossos, enquanto os m úsculos de seu belo rosto ficam frouxos, se desfazendo

pela tração incessante das correntes disparadas. O cabelo branco arde preto e fumegante, desintegrando-se. O cheiro.

O som . Ela grita até suas cordas vocais se romperem . Sam son faz questão de que

a cena passe devagar, manipulando a mim em ória esquecida com seu poder até que cada segundo se grave na minha consciência. É mim esmo um carniceiro.

Sua fúria me faz girar sem ter onde me segurar, presa numa tempestade que não consigo controlar. Tudo o que posso fazer é torcer para que Sam son não encontre o que procura. Tento me antever o nome de Shade longe dos meus pensamentos. Mas as muralhas que ergo são finas com o papel. Ele as rasga com prazer. Sinto cada uma delas sendo despedaçada, cada parte minha utilizada.

Sam son sabe o que estou tentando esconder dele, que mim o mesmo j amais quero reviver. Vasculha meus pensamentos, mim rápido que meu cérebro, vencendo cada tentativa frágil de detê-lo. Tento gritar ou im plorar, mas nada sai da minha boca ou da minha mente. Ele me tem na palma da mão.

— Fácil demais. — Sua voz ecoa dentro de mim , ao meu redor.

Assim com o fim de Elara, a morte de Shade é capturada com detalhes perfeitos e dolorosos. Preciso reviver cada segundo terrível em meu próprio corpo, sem conseguir fazer nada além de assistir, aprisionada dentro de mim . O

cheiro forte de radiação no ar. O presídio de Corros, na ponta de Wash, perto do deserto nuclear na fronteira sul. A névoa fria contra o amanhecer cinzento. Por um momento, tudo fica parado, suspenso, em equilíbrio. Olho para fora, imóvel, paralisada no meio do passo. A prisão se abre atrás de mim , ainda estremecendo pela rebelião que comecem os. Prisioneiros jorram dos portões. Seguindo-nos rumo à liberdade, ou algo parecido. Calma foi em bora, seu vultofamiliar a centenas de metros de distância. Fiz Shade saltar com ele primeiro, para proteger um dos nossos únicos pilotos, nossa única chance de escapar. Kilorn ainda está comigo, também paralisado, com o rifle aninhado no ombro. Ele me iratrá de nós, na rainha Elara, em seus guardas e em Ptolemy Sam os. Uma bala explode, nascendo de faíscas e pólvora. Ela também paira no ar, esperando que Sam son solte minha mente. No alto, o céu gira, denso de eletricidade. Meu próprio poder.

A sensação m e faria chorar se eu fosse capaz.

A m em ória com eça a se m exer, devagar no com eço.

Ptolem us forj a um a longa agulha reluzente além das m uitas arm as que j á tem nas m ãos. A ponta perfeita cintila com sangue verm elho e prateado, cada gota um a pedra preciosa trinando no ar. Apesar de seu poder, Ara Iral não é rápida o bastante para desviar de sua trajetória letal. A agulha corta seu pescoço num lento segundo. Ela cai a poucos m etros de m im , devagar, com o se feita de água. Ptolem us pretende m e m atar no m esm o m ovim ento, usando o im pulso do golpe para enfiar a agulha no m eu coração. Mas encontra m eu irm ão no cam inho.

Shade salta de volta, para m e teletransportar para um lugar seguro. Seu corpo se m aterializa do nada: prim eiro peito e cabeça, depois braços e pernas surgem feito tinta. As m ãos estendidas, os olhos focados, a atenção em m im . Ele não vê a agulha. Não sabe que está prestes a m orrer.

Ptolem us não tinha intenção de m atá-lo, m as não vê m al nenhum nisso.

Outro inim igo m orto não faz diferença para ele. É apenas m ais um obstáculo em sua guerra, m ais um corpo sem nom e e sem rosto. Quantas vezes eu j á teria feito o m esm o?

Ele nem devia saber quem Shade é.

Era.

Sei o que vem em seguida, m as por m ais que m e esforce Sam son não m e deixa fechar os olhos. A agulha perfura m eu irm ão com graciosidade, atravessando m úsculo e órgão, sangue e coração.

Algo dentro de m im irrom pe e o céu reage. Quando m eu irm ão cai, m inha fúria se ergue. Mas não sinto essa libertação agri doce. O raio não atinge a terra, m atando Elara e dissipando seus guardas com o deveria acontecer. Sam son não m e perm ite essa pequena m isericórdia. Em vez disso, volta a cena. Repete. Meu irm ão m orre de novo.

E de novo.

E de novo.

A cada vez, ele me obriga a ver um detalhe diferente. Um erro. Um passo em falso. Um a escolha que eu poderia ter feito para salvá-lo. Pequenas decisões.

Pise aqui, vire ali, corra um pouco mais rápido. É o pior tipo de tortura.

Veja o que você fez. Veja o que você fez. Veja o que você fez.

Sua voz reverbera à minha volta.

Outras me em órbitas atravessam a minha orte de Shade, visões se misturando umas às outras. Cada uma representa um tipo diferente de medo ou fraqueza. Surge o pequeno cadáver que encontrei em Templeton, de um bebê vermelho alho assassinado pelos caçadores de sanguenovos sob o comando de Maven. Em outro instante, o punho de Farley acerta minha cara. A angústia a consome e ela grita coisas horribéis, me culpando pela minha orte de Shade. Lágrimas fumegantes escorrem pelo rosto de Cal, que tem uma espada trêmula na mão, a lâmina encostada no pescoço do pai. O túmulo humilde de Shade em Tuck, sozinho sob o céu do outono. Os oficiais prateados que eletrocutei em Corros, em Harbor Bay, homens e mulheres que estavam apenas seguindo ordens. Eles não tinham escolha.

Nenhuma escolha.

Lembro de todas essas minhas ortes. Todo esse sofrimento. A cara da minha irmã quando um agente quebrou sua mão. A expressão de Kilorn quando descobriu que seria recrutado. Meus irmãos sendo levados para a guerra. Meu pai retornando do front pela minha idade em corpo e alma, exilando-se numa cadeira de rodas improvisada — e numa vida à parte de nós. O olhar triste da minha mãe quando disse que tinha orgulho de mim. Uma mentira. Uma mentira agora. E, finalmente, a dor aflita, a verdade vazia que me perseguiu em todos os momentos da minha antiga vida: eu estava condenada.

Ainda estou.

Samson perpassa tudo com desenvoltura. Me arrasta por mim em órbitas inúteis, trazidas à tona apenas para me sujeitar a mais dor. Seus braços saltam pelos pensamentos. Imagens que se movem por trás de cada momento doloroso. Ele as percorre, rápido demais para que eu as entenda de verdade. Mas noto o suficiente. O rosto do coronel, seu olho escarlate, seus lábios formando palavras que não consigo ouvir. Mas Samson com certeza consegue. É isso que ele procura. Informações. Segredos que possa usar para aniquilar a revolução. Eu me

sinto com o um ovo com a casca rachada, vazando lentamente. Ele tira o que quer de mim. Nem tenho a capacidade de sentir vergonha de tudo que ele descobre.

Noites passadas com Cal. Obrigá-los a se juntar à causa. Momentos escondidos relendo os bilhetes doentios de Maven. Lembranças de quem pensava que o príncipe esquecido era. Minha covardia. Meus pesadelos. Meus erros. Cada passo egoísta que dei e me trouxe até aqui.

Veja o que você fez. Veja o que você fez. Veja o que você fez.

Maven vai saber de tudo isso em breve.

Era isso que ele queria.

As palavras, rabiscadas em letra cursiva, ardem em meus pensamentos.

Sinto sua falta.

Até nosso próximo encontro.



QUATRO

Cameron

AINDA NÃO CONSIGO ACREDITAR que sobrevivem os. Sonho com isso às vezes. Vejo o momento em que levaram Mare embora, seu corpo segurando firme por dois forçadores gigantesco. Eles estavam de luvas para se proteger da eletricidade, mas ela nem tentou usá-la depois do acordo. Sua vida em troca da nossa. Eu não esperava que o rei Maven fosse cumprir. Não com seu irmão exilado em julgamento. Mas cumprimos. Ele a queria mais do que queria o resto de nós.

Mesmo assim, acordo dos pesadelos de sempre, com medo de que Maven e seus caçadores tenham voltado para nos matar. Os roncamentos dos outros no quarto afugentam o pensamento.

Tinham-me avisado que o novo quartel-general seria uma maldita ruína, mas eu estava esperando algo mais parecido com Tuck. Um

lugar abandonado, isolado e não funcional, reconstruído em segredo com as regalias de que uma revolução pode precisar. Eu odiava Tuck. Os galpões e os soldados que pareciam guardas, mesmo sendo vermes, e mesmo eles bravos demais do presídio de Corros.

A ilha era com a outra prisão para mim. Outra cela em que era obrigada a entrar, dessa vez por Mare Barrow em vez de um oficial prateado. Mas em Tuck, pelo menos, eu tinha o céu sobre mim. Podia sentir a brisa fresca. Em comparação a Corros, à Cidade Nova e a isto, Tuck era um luxo.

Agora, trem em os de frio nos túneis de concreto de Irabelle, uma fortaleza da Guarda Escarlata nos arredores de Trial, em Lakeland. As paredes parecem congeladas ao toque, e pingentes de gelo pendem das salas sem aquecimento.

Alguns dos oficiais da Guarda passaram a seguir Cal de um lado para o outro, só para aproveitar o calor que irradia. Faço o contrário, evitando sua pesada presença o máximo que posso. O príncipe prateado não me serve de nada e ainda me olha de maneira acusatória.

Com o se eu pudesse tê-la salvado.

Meu poder mal treinado não chegava nem perto de ser suficiente. *Você tampouco ajudou, alteza*, quero gritar para ele toda vez que nos cruzam os. Sua chamada não foi páreo para o rei e seus caçadores. Além disso, Mare fez sua

escolha. Se é para ter raiva de alguém, que seja a dela.

A garota elétrica nos salvou, e por isso sou grata. Ainda que seja uma hipócrita egoísta, não mereço o que deve estar passando.

O coronel deu ordens para evacuar Tuck assim que conseguimos mandá-lo andar um a um em mensagem de rádio para ele. Sabia que o interrogatório de Mare Barrow levaria diretamente à ilha. Farley conseguiu levar todos em segurança, fosse em barcos ou no enorme jato de carga roubado do presídio. Nós fomos obrigados a viajar por terra por conta própria, do local da queda do jato até o ponto de encontro com o coronel, na fronteira. Digo *obrigados* porque, mais uma vez, me disseram o que fazer e aonde ir. Antes estavam os voando para o Gargalo na tentativa de resgatar uma legião de soldados crianças. Meu irmão não era um deles.

Mas nossa missão precisou ser abandonada. *Por enquanto*, me diziam

toda vez que eu criava coragem de m e recusar a dar m ais um passo para longe do front.

A lem branca faz m eu rosto arder. Eu deveria ter seguido em frente. Eles não teriam m e im pedido. Não tinham com o. Mas tive m edo. Estávam os m uito perto da linha de trincheiras, e m e dei conta do que significava m archar sozinha.

Teria m orrido em vão. Mesm o assim , não consigo m e livrar da vergonha. Fui em bora e abandonei m eu irm ão de novo.

Dem orou sem anas para todos se reunirem . Farley e seus oficiais chegaram por últim o. Acho que o pai dela, o coronel, passou todos os dias em que ela esteve fora andando de um lado para o outro pelos corredores gelados da nossa nova base.

Pelo m enos o cárcere de Barrow tem algum a utilidade. A distração de um a prisioneira com o ela, sem falar do caos fervilhante em Corvium , paralisou toda a m ovim entação das tropas em volta do Gargalo. Meu irm ão está seguro. Bom , tão seguro quanto um m enino de quinze anos com um a arm a e um uniform e pode estar. Com certeza m ais seguro do que Mare.

Não sei quantas vezes vi o discurso de Maven. Cal assum iu um canto da sala de controle para passá-lo de novo e de novo depois que chegam os. Na prim eira vez, acho que nenhum de nós se atreveu a respirar. Todos tem íam os o pior.

Achávam os que íam os ver Mare ser decapitada. Os irm ãos dela estavam fora de si, lutando contra as lágrim as. Kilorn m al conseguia olhar, escondendo o rosto entre as m ãos. Quando Maven declarou que um a execução seria um destino bom dem ais para ela, Bree quase desm aiou de alívio. Mas Cal continuou vendo em um silêncio ensurdecador, as sobrelhas franzidas em concentração. No fundo, ele sabia, com o todos nós, que algo m uito pior que a m orte esperava por Mare Barrow.

Ela se ajoelhou diante de um rei prateado e ficou im óvel enquanto ele colocava um a coleira em volta de sua garganta. Não disse nada, não fez nada.

Deixou que o rei a cham asse de terrorista e assassina diante de toda a nação.

Parte de m im queria que ela tivesse gritado, m as sei que não podia sair da linha.

Só ficou encarando todo mundo ao redor, os olhos indo e voltando entre os prateados que preenchiam o espaço. Todos queriam chegar perto dela.

Caçadores em volta de um a grande presa.

Apesar da coroa, Maven não parecia muito mais estoso. Apenas cansado, talvez doente, certamente com raiva. Talvez porque a menina ao seu lado tivesse

acabado de assassinar sua mãe. Ele puxou a coleira de Mare e a obrigou a entrar.

Ela conseguiu lançar um último olhar por cima do ombro, com os olhos arregalados, à procura. Mas outro puxão a levou em bora de vez e não viu os seus rostos desde então.

Mare Barrow está lá e eu estou aqui, apodrecendo, congelando, passando os dias consertando equipamentos mais velhos do que eu. Tudo um mais aldrado lixo.

Aproveito um último minuto no beliche para pensar no meu irmão gêmeo, onde ele está, o que está fazendo. Morrey. Somente os parecidos só de rosto. Era um menino doce nos becos cruéis da Cidade Nova, sem predoente por causa da fumaça de fábrica. Não quero imaginar o que o treinamento militar fez com ele.

Dependendo de para quem você perguntasse, os técnicos eram considerados valiosos demais ou fracos demais para o Exército. Até a Guarda Escarlata se intrometer, mais atar mais essa dúzia de prateados e obrigar o velho rei a agir. Nós dois fomos os recrutados, mais mesmo tendo em prego. Mesmo com só quinze anos. As mais aldradas Medidas decretadas pelo pai de Cal mais udaram tudo. Fomos os selecionados e levados para longe de nossos pais, para ser soldados.

Separaram-nos dois quase imediatamente. Meu nome estava numa lista e o dele não. Antes, eu era grata por ter sido eu a enviada para Corros. Morrey nunca teria sobrevivido àquelas celas. Agora, queria poder estar em seu lugar.

Ele estaria livre e eu, na linha de frente. Por mais que eu peça ao coronel por outra tentativa de resgatar a Legiãozinha, ele sempre diz não.

Então é melhor pedir de novo.

Já m e acostum ei com o peso do cinto de ferram entas, fazendo barulho a cada passo. Ando com determ inação suficiente para im pedir quem quiser m e deter. Na m aior parte do tem po, os corredores estão vazios. Ninguém m e vê passar com endo o pãozinho do café da m anhã. Os outros capitães e suas unidades devem estar em patrulha de novo, vigiando Trial e a fronteira. À procura de verm elhos, talvez, os que tiveram a sorte de chegar ao norte. Alguns vêm aqui para se j untar a nós, m as são sem pre pessoas em idade m ilitar ou trabalhadores com habilidades úteis para a causa. Não sei para onde as fam ílias são enviadas: os órfãos, os m ais velhos. Aqueles que só atrapalhariam .

Assim com o eu. Fico no cam inho de propósito. É o único j eito de receber qualquer atenção.

O cubículo — quero dizer, escritório — do coronel é no andar de cim a dos dorm itórios. Nem m e dou ao trabalho de bater na porta, tentando a fechadura antes. Ela se vira fácil, revelando um a sala m inúscula e deprim ente com paredes de concreto, alguns arm ários trancados e um a m esa ocupada.

— Ele está na sala de controle — Farley diz, sem levantar os olhos dos papéis. Suas m ãos estão m anchadas de tinta, e há m anchas no nariz e em baixo de seus olhos verm elhos. Ela está debruçada sobre o que parecem ser com unicações da Guarda, m ensagens e ordens codificadas. Do Com ando, isso eu sei, lem brando dos rum ores constantes sobre os níveis superiores. Ninguém sabe m uito sobre eles, m uito m enos eu. Ninguém m e fala nada a m enos que eu pergunte dezenas de vezes.

Franzo a testa diante do seu estado. A m esa esconde sua barriga, m as j á dá para notar. Seu rosto e seus dedos estão inchados. Sem falar nos três pratos de

com ida em pilhados.

— Talvez sej a um a boa ideia dorm ir de vez em quando, Farley.

— Talvez. — Ela parece irritada com a m inha preocupação.

Beleza, ignore. Com um suspiro baixo, volto para a porta, deixando-a para trás.

— Avise o coronel que Corvium está no lim ite — Farley acrescenta, com a voz firm e e constante. Um a ordem , m as tam bém outra coisa.

Olho para ela por cima do ombro, com uma sobancelha erguida.

— Com o assim ?

— As revoltas estão tomando conta, há relatos esporádicos de oficiais prateados aparecendo em outros, e os depósitos de municião desenvolveram o péssimo hábito de explodir. — Ela sorri ao dizer isso. Quase. A verdade é que não sorri desde a morte de Shade Barrow.

— Parece obra nossa. A Guarda Escarlata está na cidade?

Finalmente ela ergue os olhos.

— Não que a gente saiba.

— Então as legiões estão voltando. — A esperança se acende forte e brutal no meu peito. — Os soldados verão eles...

— Milhares deles estão posicionados em Corvium . E vários se deram conta de que estão em número muito maior do que seus oficiais prateados. Quatro vezes maior, no mínimo.

Quatro vezes maior. De repente, minha esperança azeda. Já vi com meus próprios olhos o que os prateados são capazes de fazer. Fui sua prisioneira e adversária, capaz de enfrentá-los apenas por causa do meu poder. Quatro vezes mais contra um único prateado ainda é suicídio. Ainda é uma derrota total.

Mas Farley parece discordar.

Ela nota meu desconforto e o alivia da melhor maneira que pode.

Transformando uma navalha em faca.

— Seu irmão não está na cidade. A Legião Adaga ainda está atrás das linhas do Gargalo.

Presa entre um campo minado e uma cidade em chamas.
Fantástico.

— Não é com Morrey que estou preocupada. — *Agora.* — Só não entendo com o pretendem tomar a cidade. Eles podem estar em maior número, mas os prateados são... prateados. Algumas dezenas de magnetrons podem matar centenas de pessoas sem pestanejar.

Penso em Corvium . Só vi imagens em vídeos curtos, trechos tirados

das transm issões dos prateados ou film agens de relatórios filtrados pela Guarda Escarlata. É m ais um a fortaleza do que um a cidade, envolta por m uralhas de pedras pretas, um m onólito que dá para os desertos estéreis da guerra ao norte. A Cidade Nova tam bém tinha m uralhas e m uitos oficiais supervisionando nossa vida. Estávam os em m ilhares tam bém , m as nossas revoltas eram chegar tarde no turno ou sair escondido depois do toque de recolher. Não havia m uito a fazer.

Nossa vida era insignificante com o fum açã.

Farley volta para o trabalho.

— Só repita para ele o que eu disse. O coronel vai saber o que fazer.

Aceno com a cabeça, fechando a porta enquanto ela tenta, sem sucesso,

conter um bocej o.

— Preciso calibrar os receptores de vídeo. Ordens da capitã Farley ...

Os dois guardas na porta da central de controle se afastam antes que eu term ine a m entira que conto sem pre. Os dois desviam os olhos e sinto m eu rosto queim ar.

Os sanguenovos assustam as pessoas tanto quanto os prateados, talvez até m ais. Verm elhos com habilidades são igualm ente im previsíveis, poderosos e perigosos aos olhos dos outros.

Quando chegam os aqui e outros soldados vieram , os rum ores sobre m im e os dem ais se espalharam feito um a doença. *A velha consegue trocar de rosto. O*

que vive tremendo pode cercar os outros de ilusões. A técnica mata uma pessoa com o pensamento. É péssim o ser tem ida. O pior de tudo é que entendo. Som os diferentes e estranhos, com poderes que nem os prateados têm . Som os fios desencapados e m áquinas defeituosas, ainda aprendendo sobre nós m esm os e nossas habilidades. Quem sabe o que pode acontecer?

Engulo em seco o velho desconforto e entro na sala seguinte.

A central de controle norm alm ente zum be, cheia de telas e equipam entos de com unicação, m as agora está estranhm ente silenciosa. Noto apenas um radiodifusor, cuspiendo um a longa fita de papel com

um a m ensagem codificada.

O coronel está diante da m áquina, lendo à m edida que as inform ações chegam .

Suas som bras costum eiras, os irm ãos de Mare, estão sentados perto dele, agitados feito coelhos. O quarto ocupante da sala é tudo de que eu precisava para saber o assunto do relatório que chega.

Mare Barrow.

Afinal, por que outro m otivo Cal estaria aqui?

Ele m antém a cara fechada, com o sem pre, com o queixo pousado nos dedos entrelaçados. Longos dias no subterrâneo tiveram seu im pacto, em palidecendo sua pele j á branca. Para um príncipe, ele realm ente se deixa abater em tem pos de crise. Agora, parece precisar de um banho e um barbeador, além de uns tapas bem dados na cara para sair dessa letargia. Mas Cal ainda é um soldado. Seus olhos m e identificam antes dos outros.

— Cam eron — ele diz, fazendo o possível para não rosnar.

— Calore. — Ele não passa de um príncipe exilado. Não há necessidade de títulos. A m enos que eu realm ente queira irritá-lo.

Tal pai, tal filha. O coronel Farley não tira os olhos do com unicado, m as m e cum prim enta com um suspiro dram ático.

— Vam os poupar nosso tem po, Cam eron. Não tenho hom ens suficientes nem um a boa oportunidade para tentar resgatar um a legião inteira.

Faço com a boca as palavras dele ao m esm o tem po que as pronuncia. O

coronel m e diz o m esm o quase todo dia.

— Um a legião de crianças m al treinadas que Maven vai m assacrar quando tiver a chance — rebato.

— Com o você vive m e lem brando.

— Porque você precisa ser lem brado! *Senhor* — acrescento, quase m e contorcendo com a palavra. Não fiz nenhum j uram ento à Guarda, por m ais que m e tratem com o integrante do seu clubinho.

Os olhos do coronel se estreitam num a parte da m ensagem .

— Ela foi interrogada.

Cal se levanta tão rápido que derruba a cadeira.

— Merandus?

Um a vibração de calor pulsa pela sala e sinto um a onda de enj oo. Não por causa de Cal, m as por Mare. Pelos terrores pelos quais ela está passando.

Abalada, levo as m ãos à nuca, puxando o cabelo escuro e crespo.

— Sim — o coronel responde. — Um hom em cham ado Sam son.

O príncipe solta um a série de palavrões bem criativos para alguém da realeza.

— O que isso quer dizer? — Bree, o m usculoso irm ão m ais velho de Mare, se atreve a perguntar.

Tram y, o outro irm ão sobrevivente, franze a testa e responde:

— Merandus é a fam ília da rainha. Eles são m urm uradores... leitores de m ente. Vão partir Mare no m eio para nos encontrar.

— E por diversão — Cal m urm ura num tom grave. Os dois irm ãos ficam verm elhos com o que isso im plica. Bree pisca para conter lágrim as ferozes e repentinas. Quero tocar seu braço, m as m e seguro. Já vi gente dem ais se encolher diante do m eu toque.

— Mare não sabe de nada de nossas operações fora de Tuck, que foi com pletam ente abandonada — o coronel diz rápido.

É verdade. Eles abandonaram Tuck com um a velocidade ofuscante, deixando para trás tudo o que ela sabia. Até m esm o os prateados que capturam os em Corros — ou resgatam os, dependendo de para quem você pergunta — foram deixados na costa. Era perigoso dem ais ficar com eles; estavam em um núm ero grande dem ais para controlar.

Estou com a Guarda Escarlata há apenas um m ês, m as j á conheço seus bordões de cor. *Vamos nos levantar, vermelhos como a aurora*, claro, e *Saiba só o que precisa saber*. O prim eiro é um grito de guerra, o segundo um aviso.

— O que quer que ela revele a eles vai ser secundário no m áxim o —

o coronel acrescenta. — Nada de im portante sobre o Com ando e pouco sobre nossas negociações fora de Norta.

Ninguém liga, coronel. Mordo a língua antes de retrucar. Mare é uma prisioneira. E daí se eles não conseguirem nada sobre Lakeland, Piedmont ou Montfort?

Montfort. A nação distante governada por um a dem ocracia, num equilíbrio igualitário entre verm elhos, prateados e sanguenovos. Um paraíso? Faz tem po que descobri que isso não existe. É provável que agora eu saiba m ais sobre aquele país do que Mare, com os gêm eos Rash e Tahir se vangloriando o tem po todo. Não sou idiota a ponto de confiar na palavra deles. Sem falar que é pura tortura conversar com os dois, que vivem term inando as ideias e frases um do outro. Às vezes quero usar m eu silêncio em am bos, para cortar o poder que une

suas m entes num a só. Mas isso seria crueldade, além de burrice. As pessoas j á desconfiam dos sanguenovos sem ver um a disputa de poder entre nós.

— O que eles vão descobrir realm ente im porta agora? — eu m e obrigo a dizer entredentes. Felizm ente, o coronel m e com preende. *Tenha o mínimo de decência diante dos irmãos dela, coronel.*

Ele só pisca, com um olho bom e o outro destruído.

— Se não conseguem aguentar as inform ações, não venham para a sala de controle. Precisam os saber o que tiraram dela no interrogatório.

— Sam son Merandus é um lutador de arena, ainda que não tenha m otivo para isso — Cal diz em voz baixa. Tentando ser gentil. — Gosta de usar seu poder para causar dor. Se é ele que está interrogando Mare, então... — Cal tropeça nas palavras, relutante a falar. — É um a tortura, pura e sim plesm ente. Maven a entregou a um torturador.

Até m esm o o coronel parece abalado com essa ideia.

Cal fita o chão, em silêncio por um longo m om ento.

— Nunca pensei que Maven faria isso com ela — ele m urm ura por fim .

— Acho que Mare tam bém não.

Então vocês são idiotas, m eu cérebro grita. Quantas vezes o menininho perverso precisa trair vocês para aprenderem?

— Precisa de m ais algum a coisa, Cam eron? — o coronel Farley pergunta.

Ele enrola a m ensagem . O restante claram ente não é para os m eus ouvidos.

— É a respeito de Corvium . Farley disse que está no lim ite.

O coronel pisca.

— Foram essas as palavras dela?

— Sim .

De repente, não sou m ais o foco da sua atenção. Seus olhos se voltam para Cal.

— Então está na hora de avançar.

O coronel parece ansioso, m as o príncipe exilado não poderia estar m ais relutante. Continua im óvel, sabendo que qualquer contração pode revelar o que sente de verdade. Só que a falta de m ovim ento é igualm ente reveladora.

— Vou ver o que consigo encontrar — ele se esforça em dizer, afinal.

Parece suficiente para o coronel, que acena com o queixo antes de voltar a atenção para os irm ãos de Mare.

— É m elhor avisar a fam ília de vocês — ele diz, se fazendo de bonzinho.

— E Kilorn tam bém .

Eu m e rem exo, desconfortável ao vê-los digerir a notícia dolorosa sobre a irm ã e aceitar o fardo de transm iti-la ao resto da fam ília. As palavras de Bree travam , m as Tram y tem força suficiente para falar pelo irm ão m ais velho.

— Sim , senhor — ele responde. — Mas não sei por onde Warren anda ultim am ente.

— Tente nos galpões dos sanguenovos — sugiro. — Ele vive por lá.

De fato, Kilorn passa a maior parte do tempo com Ada. Depois da morte de Ketha, ela assumiu a árdua tarefa de ensiná-lo a ler e escrever. Mas desconfio que fique conosco porque não tem mais ninguém. Os Barrow são a coisa mais próxima a que tem de família e eles não passam de um bando de fantasmas agora,

assombrados por lem-branças. Nunca nem vi os pais de Mare. Ficam na deles, no fundo dos túneis.

Nós quatro somos os dispensados pelo coronel, saindo juntos da sala de controle numa fila única desconcertante. Bree e Tram se distanciam logo, seguindo para os aposentos da família do outro lado da base. Não tenho inveja deles. Lembrou-me com o meu irmão que gritava quando eu e meu irmão fomos levados em bora. Não sei o que dói mais: não ter notícia nenhum dos filhos quando se sabe que eles estão em perigo, ou receber notícias do sofrimento deles aos poucos.

Não que eu vá descobrir. Não há lugar para filhos, muito menos filhos meus, neste mundo cruel e arruinado.

Dou um pouco de espaço para Cal, mas logo me undo de ideia. Tem os quase a mesma altura, e não é difícil alcançar seu passo afobado.

— Se seu coração não estiver nisso, você vai causar a morte de muita gente.

Ele gira, quase me fazendo cair de bunda com a velocidade e a força de seu movimento. Já vi seu fogo, mas nunca com tanta força quanto a chama que arde em seus olhos.

— Cameron, meu coração está literalmente nisso — ele sibila, entredentes.

Palavras apaixonadas. Uma declaração de amor. Mal consigo me impedir de revirar os olhos.

— Guarde isso para quando a trouxermos de volta — resmungo. *Quando, não se.* Ele quase botou fogo na sala de controle quando o coronel negou seu pedido de buscar formas de me andar mais seguras para Mare dentro do palácio.

Não quero que derreta o corredor por eu ter escolhido mal as palavras.

Cal comete o erro de caminhar de novo, com o passo duas vezes mais largo, mas não sou tão fácil de ser deixada para trás quanto a garota

elétrica.

— Só estou tentando dizer que o coronel tem seus próprios estrategistas...

peças no Com ando... oficiais da Guarda Escarlata que não têm —
procuro o termo apropriado — lealdades conflitantes.

Ele bufa alto, fazendo seus ombros largos subir e descer. Está na cara que qualquer aula de etiqueta que fez era menos importante que seu treinamento militar.

— Me mostre um oficial que saiba tanto quanto eu sobre os protocolos dos prateados e o sistema de defesa de Corvium e sairei desta bagunça com o maior prazer.

— Tenho certeza de que deve ter alguém, Calore.

— Quem lutou ao lado dos sanguenovos? E conhece suas habilidades?
E

sabe como usar vocês melhor numa batalha?

Fico indignada com o tom de voz dele.

— *Usar?* — cuspo a palavra. E é isso mesmo. Lembra daqueles de nós que não sobreviveram a Corros. Sanguenovos recrutados por Mare Barrow, que ela prometeu proteger. Em vez disso, Mare e Cal nos jogaram no meio de uma batalha para a qual não estavam preparados, e ficou claro que ela não era capaz de proteger nem a si mesma. Nix, Gareth, Ketha e outros da prisão que eu nem conhecia. Dezenas de mortos, descartados com as peças num jogo de

tabuleiro.

Sem pre foi assim com os senhores prateados e foi assim que Cal aprendeu.

Vencer a todo custo. Com sangue vermelho.

— Você sabe o que quero dizer.

Bufo.

— Talvez seja por isso que não estou exatamente confiante.

Pega leve, Cameron.

— Escuta — continuo, mudando de tática. — Eu botaria fogo em todo mundo aqui se isso significasse ter meu irmão de volta. Por sorte, essa não é uma decisão que preciso tomar. Mas você... você tem essa opção. Quero ter certeza de que não vai escolhê-la.

É verdade. Estam os aqui pelo mesmo motivo. Não por obediência cega à Guarda Escarlata, mas porque ela é nossa única esperança de salvar quem amamos e perdemos.

Cal abre um sorriso malicioso, o mesmo pelo qual Mare era apaixonada, em bora só o faça parecer ainda mais tonto.

— Não me venha com essa conversinha, Cameron. Estou fazendo o possível para nos manter longe de outro massacre. — Seu semblante fica duro.

— Acha que são só os prateados que não pensam em nada além da vitória?

— ele sussurra. — Já vi os relatórios do coronel. Vi a correspondência com o Comando. Ouvi coisas. Vocês estão cheios de gente que pensa exatamente igual.

Eles vão queimar todos nós para conseguir o que querem.

Pode ser verdade, penso, mas pelo menos o que querem é justiça.

Penso em Farley, no coronel, nos soldados jurados à Guarda Escarlata e nos refugiados vermos que eles protegem. Já os vi transportar pessoas para o outro lado da fronteira com meus próprios olhos. Entrei em um jato que voou rumo ao Gargalo com a intenção de resgatar uma legião de soldados crianças. Eles têm objetivos com altos custos, mas não são prateados. Matam, mas não sem motivo.

A Guarda Escarlata não é pacífica, mas não há lugar para paz neste conflito. Não importa o que Cal pense sobre os métodos e o sigilo deles; é o único jeito de ter esperança de lutar contra os prateados e vencer. O povo do príncipe exilado é o responsável por isso tudo.

— Se está tão preocupada com Corvium, não vá — ele diz, dando de ombros.

— E perder a chance de sujar as mãos de sangue prateado? — retruco. Não sei se estou fazendo uma piada de mau gosto ou uma ameaça direta contra ele.

Minha paciência se esgotou de novo. Já tive que lidar com as reclamações de um a para-raios am bulante. Não vou aturar o m au hum or de um príncipe em burrado.

Seus olhos ardem novam ente com fúria e calor. Não sei se sou rápida o bastante para incapacitá-lo com m eu poder. Seria um a luta e tanto. Fogo contra silêncio. Quem queim aria?

— Engraçado você vir m e dizer para tom ar cuidado com a vida dos outros.

Lem bro que fez todo o possível para m atar naquele presídio.

Um presídio em que fui m antida. Fam inta, esquecida, obrigada a ver as pessoas ao redor definharem e m orrerem porque nasceram ... erradas. E,

m esm o antes de entrar em Corros, eu era prisioneira de outra cadeia. Sou filha da Cidade Nova, recrutada para o Exército desde o dia em que nasci, condenada a levar um a vida em som bras e cinzas, à m ercê do sinal de troca de turno e do horário da fábrica. É claro que tentei m atar aqueles que m e m antiveram cativa.

Faria tudo de novo se tivesse a chance.

— Tenho orgulho disso — digo, decidida.

Cal perde a esperança com igo. Isso fica claro. Que bom . Não tem discursinho nenhum que vá m e convencer a pensar com o ele. Duvido que alguém m ais dê ouvidos. Cal é um príncipe de Nortá. Exilado, sim , m as diferente de nós nesse sentido. Seu poder tam bém é útil, m as ele é um a arm a que m al é tolerada. Suas palavras não vão m uito longe. Ninguém o ouve. Muito m enos eu.

Sem avisar, ele segue por um a passagem m enor, um a das várias escondidas no labirinto que é Irabelle. O cam inho tem um a leve inclinação rum o à superfície. Deixo que vá, sem entender. Não tem nada naquela direção. Apenas passagens vazias, abandonadas.

Mas algo m e incom oda. *Ouvi coisas*, ele disse. A desconfiança se acende em m eu peito enquanto ele se afasta, seu corpo largo ficando m enor a cada segundo.

Por um m om ento, hesito. Cal não é m eu am igo. Mal estão os do m esm o lado.

Mas é irritante entre nobres. Não vai me ferir.

Então vou atrás dele.

O corredor está obviamente sem uso, atolado de porcarias, escuro onde as lâmpadas queimam. Mesmo à distância, a presença de Cal aquece o ar abafado a cada segundo que passa. Chega a ser uma temperatura agradável e faço uma nota mental de conversar com outros técnicos refugiados. Talvez a gente possa encontrar um jeito de aquecer as passagens inferiores usando ar pressurizado.

Meus olhos percorrem os fios encapados ao longo do teto, contando-os. Há mais do que o necessário para alimentar algumas poucas lâmpadas.

Continuo atrás, observando enquanto Cal empurra alguns paletes de madeira e placas de metal. Há uma porta atrás, e noto que os cabos correndo no alto entram no cômodo. Quando desaparece, fechando a porta atrás de si, me atrevo a olhar com mais atenção.

Consigo ver a confusão de fios com mais clareza. Um circuito de rádio.

Bem diante do meu nariz. O emaranhado de fios pretos que significa que a sala lá dentro tem o poder de se comunicar além das muralhas de Irabelle.

Mas com quem ele poderia estar em contato?

Meu primeiro instinto é contar para Farley ou Kilorn.

Mas se Cal acha que o que quer que esteja fazendo vai impedir que eu e milhares de outros invistam num ataque suicida em Corvium, é melhor deixar que continue.

Torço para não me arrepender disso.



CINCO

Mare

FLUTUO À DERIVA NUM MAR ESCURO. Sombras e acompanham

Podem ser meus em órias. Podem ser sonhos, conhecidos meus as estranhos. Há algo de errado em cada um deles. Os olhos de Cal estão prateados, soltando sangue quente e fumegante. O rosto do meu irmão parece meus ossos um esqueleto.

Meu pai sai da cadeira de rodas, meus as suas pernas novas são finas e nodosas, prestes a se estilhaçar a cada passo trêmulo. Gisa tem pinos de metal em ambas as mãos e sua boca está costurada. Kilorn se afoga no rio, preso em suas redes perfeitas. Retalhos vermelhos jorram da garganta aberta de Farley. Cameron arranha o próprio pescoço, lutando para falar, prisioneira do próprio silêncio.

Escamas de metal tremulam sobre a pele de Evangeline, engolindo-a por inteiro.

E Maven afunda em seu trono estranho, deixando que o consuma até ele virar pedra, uma estátua com olhos de safira e lágrimas de diamante ante.

Minha visão está rodeada pela cor roxa. Tento meus e entregar a ela, sabendo o que guarda. Minha eletricidade está tão perto. Se ao menos eu pudesse encontrar a mim em ória ligada a ela e sentir uma última gota de poder antes de me ergulhar de volta na escuridão. Mas isso se apaga com o resto, enfraquecendo aos poucos.

Fico à espera do frio enquanto a escuridão toma conta. Mas é o calor que sobe.

De repente, Maven está tão perto que não posso suportar. Olhos azuis, cabelo preto, pálido com o um cadáver. Sua mão paira a centímetros do meu rosto. Tremo, querendo tocar, querendo recuar. Não sei o que prefiro.

Acho que durmo. A escuridão e a luz trocam de lugar, indo e voltando.

Tento meus e me exercitar, meus meus braços e pernas estão pesados demais. Obra das algemas, dos guardas ou de ambos. Me sinto meus exaurida do que antes, e as visões terríveis são minha única fuga. Procuro o que meus olhos porta — Shade, Gisa, o resto da minha família, Cal, Kilorn, a eletricidade. Eles sempre escapam do meu alcance ou evaporam quando os toco. Outra tortura, imagino — o jeito de Samson de me esmagar até enquanto durmo. Talvez veja o Maven, me

as nunca vou até ele, e o rei nunca se move. Está sem pressentido, sem preme e encarando, com uma mão na têmpora, massageando-a para fazer a dor passar.

Não pisca nunca.

Anos ou segundos se passam. A pressão se alivia. Minha mente se aguçava. A névoa que me e minha antinha cativa diminuiu, apagando-se. Deixam que eu acorde.

Sinto sede, desidratada por lágrimas amargas que não lembro de ter derramado. O peso esmagador do silêncio pende pesado com o sem pre. Por um momento, é difícil demais respirar e me pergunto se é assim que morro.

Afogada nessa cama de seda, queimada pela obsessão de um rei, sufocada pelo ar livre.

Estou de volta à prisão do meu quarto. Talvez tenha passado o tempo todo aqui. A luz branca que entra pelas janelas me diz que nevou de novo e o mundo lá fora é um inverno claro. Quando minha visão se acostuma, deixando que o quarto entre em foco, arrisco olhar em volta. Direciono os olhos para a esquerda e para a direita, sem me mexer mais do que preciso. Não que isso importe.

Os Arven montam guarda nos quatro cantos da cama, todos me encarando.

Tigrina, Trevo, Trio e Ovo. Eles se entreolham quando me viro para vê-los.

Não vejo o Sam sonhar em lugar nenhum, em breve imagine que vá aparecer com um sorriso alheio e uma saudação cruel a qualquer momento. Em vez dele encontro ao pé da cama uma mulher baixa com roupas simples, a pele negra impecável com uma pedra preciosa polida. Não conheço o rosto dela, mas há algo de familiar em seus traços. Percebo que o que pensei que fossem algumas na verdade eram meus. Dela. Cada uma em volta de um tornozelo, servindo de bálsamo para minha pele e meus ossos.

Reconheço as cores. Vermelho e prateado cruzados sobre os ombros, representando ambos os tipos de sangue. Curandeira. De pele. Ela é da Casa Skonos. Seu toque está me curando — ou, pelo menos, me mantendo viva apesar do massacre de quatro pilares de silêncio. A pressão deles deveria bastar para me matar, se não fosse por ela. A curandeira tem que manter um equilíbrio muito delicado. Deve ser

talentosa. Tem os mesmos olhos de Sara. Brilhantes, cinza-escuros, expressivos.

Mas ela não está olhando para mim. Seu rosto está voltado para outra coisa, à minha direta.

Estremeço quando sigo seu olhar.

Maven está sentado ali, com o mesmo meu sonho. Imóvel, concentrado, com a mão na têmpora. A outra acena uma ordem silenciosa.

E então vêm as algemas de verdade. Os guardas se movem rápido, prendendo um metal estranho cravejado com esferas polidas em volta dos meus tornozelos e punhos. Fecham cada uma com a mesma chave. Tento acomodar o traje, mas, em meu torpor, a chave entra e sai de foco. Só as algemas se destacam. São pesadas e frias. Fico à espera de mais uma, outra coleira para me arcar com meu pescoço, mas, felizmente, meu pescoço é preservado. Os espinhos cravejados de joias não voltam.

Para minha surpresa, a curandeira e os guardas saem da sala. Observo-os, confusa, tentando esconder o salto repentino de euforia do meu coração. São idiotas? Vão me deixar a sós com Maven? Ele acha que não vou tentar me atá-lo na primeira oportunidade?

Viro para ele, tentando sair da cama, tentando me mexer. Mas qualquer

ação mais rápida do que me sentar parece impossível, com o meu sangue tivesse se transformado em chumbo. Logo entendo o porquê.

— Tenho total consciência do que você gostaria de fazer comigo — ele diz, com uma voz que me passa de um sussurro.

Cerro os punhos, com os dedos trêmulos. Tento puxar o que ainda não responde. O que ainda não tem com o responder.

— Mais Pedras Silenciosas — murmuro, dizendo as palavras com o um xingamento. As esferas polidas que me mantêm presa brilham no meu corpo.

— Devem estar acabando a essa altura.

— Obrigado pela preocupação, mas nosso estoque está em ótimas condições.

Assim com o fiz nas celas sob o Ossário, cuspo na direção dele. O cuspe cai inofensivo aos seus pés. Maven não parece se importar. Chega até a sorrir.

— É melhor pôr tudo para fora agora. A corte não vai tolerar esse tipo de comportamento.

— Com o seu... Corte? — A última palavra sai balbuciante.

Seu sorriso se abre mais.

— Exatamente.

Minhas tripas se contorcem com a visão do seu sorriso.

— Está cansado de mim e me anteceder a aula onde não pode me ver?

— pergunto.

— Na verdade, é difícil ficar tão perto de você. — Seus olhos me perpassam com uma emoção que não quero identificar.

— O sentimento é mútuo — provooco, ao me enos para trucidar sua estranha suavidade. Preferia enfrentar seu fogo, sua fúria, do que qualquer palavra calma.

Maven não me oferece a isca.

— Duvido.

— E onde está minha coleira? Vou ganhar uma nova?

— Não. — Ele aponta com o queixo para minhas algemas. — Não vamos os precisar de nada além disso agora.

Não consigo nem imaginar aonde ele pretende chegar. Mas faz tempo que desisti de tentar entender Maven Calore e seu cérebro labiríntico. Então deixo que continue falando. Ele sempre diz o que preciso saber no final.

— Seu interrogatório foi muito produtivo. Aprendemos bastante sobre você e sobre os terroristas que se denominam Guarda Escarlata.

O ar fica preso na minha garganta. O que eles descobriram? O que perdi?

Tento lembrar as partes mais importantes de tudo que sei,

identificar o que será mais prejudicial aos meus amigos. Tuck, os amigos de Montfort, as habilidades dos sanguenovos?

— Eles são cruéis, não? — Maven continua. — Decididos a destruir tudo e todos que não se parecem com eles.

— Do que você está falando? — O coronel me prendeu, sim, e ainda tem medo de mim, mas somos os aliados agora. O que isso poderia significar para Maven?

— Dos sanguenovos, claro.

Continuo sem entender. Ele só quer se livrar dos vermes com

habilidades; não deveria se importar conosco além disso. Primeiro, negou que existiam os, chamando-me de farsa. Agora, somos as aberrações, as peças.

Criaturas a serem temidas e erradicadas.

— É uma pena saber que você foi tratada tão mal que precisou fugir daquele velho que se autodenomina coronel. — Maven se diverte com isso, explicando seu plano aos pouquinhos, esperando que eu junte as peças. Minha cabeça ainda está zonzinha, meu corpo, fraco e meu esforço ao máximo para entender do que está falando. — Pior ainda, que ele considerou me andar vocês para as montanhas, descartando todos os restos. — Montfort. Mas não foi o que aconteceu. Não foi o que nos ofereceram. — E, claro, fiquei muito triste quando descobri as verdadeiras intenções da Guarda Escarlata. Tornar o mundo verme, com uma nova aurora, sem espaço para mais ninguém.

— Maven. — O nome e trem e com toda a fúria que tenho forças para reunir.

Se não fosse pelas algemas, eu explodiria. — Você não pode...

— Não posso o quê? Contar a verdade? Contar para o país que a Guarda Escarlata está atraindo sanguenovos para o lado deles apenas para serem mortos?

Para exterminá-los, com o pretendido fazer conosco? Que a infame e rebelde Mare Barrow se entregou para mim de boa vontade e que isso foi descoberto durante um interrogatório em que é impossível esconder a verdade? — Maven se debruça, perto o bastante para que eu dê um soco em sua cara. Mas ele sabe que mal consigo erguer um dedo. — Que você está do nosso lado agora, porque viu o que a

Guarda Escarlata realm ente é? Porque você e seus sanguenovos são tem idos e abençoados com o os prateados, iguais a nós em todos os aspectos m enos na cor do sangue?

Minha m andíbula se m ove, abrindo e fechando a boca. Mas não consigo encontrar palavras à altura do m eu pavor. Tudo isso feito sem os m urm úrios da rainha Elara. Tudo isso com ela m orta.

— Você é um m onstro — é tudo que consigo dizer. Um m onstro, por m érito próprio.

Ele recua, ainda sorrindo.

— Nunca m e diga o que não posso fazer. E nunca subestim e o que vou fazer pelo m eu reino.

Sua m ão cai sobre m eu pulso. Maven passa um dedo pela algem a de Pedra Silenciosa que m e m antém prisioneira. Trem o de m edo, m as ele tam bém estrem ece.

Tenho tem po de exam iná-lo enquanto seus olhos recaem sobre a m inha m ão. Suas roupas casuais, pretas com o sem pre, estão am arrotadas. Sua postura é inform al. Está sem coroa, sem m edalhas. Um garoto perverso, m as ainda um garoto.

Antes de tudo, preciso encontrar um j eito de lutar. Mas com o? Estou fraca, sem m inha eletricidade, e tudo o que eu disser será distorcido contra m inha vontade. Mal consigo andar, m uito m enos fugir sem ajuda. Resgate está fora de questão, um sonho im possível com que não posso perder tem po. Estou presa aqui, capturada por um rei m ortífero e m anipulador. Ele m e perseguiu por m eses, m e assom brando de longe com transm issões e bilhetes letais.

Sinto sua falta. Até nosso próximo encontro.

Ele disse que era um hom em de palavra. Talvez, nesse caso, sej a m esm o.

Com um suspiro fundo, cutuco a única fraqueza que desconfio que ainda tenha.

— Você ficou aqui?

Seus olhos azuis se voltam para os m eus. É a sua vez de ficar confuso.

— Durante todo esse tem po. — Olho para a cam a e depois para

longe. É

doloroso lembrar da tortura de Samson, e tento demonstrar isso. —
Sonhei que você estava aqui.

O calor dele recua, afastando-se para deixar a sala fria com o inverno
iminentemente. Ele pisca, os cílios escuros contra a pele branca. Por um
segundo, me lembro do Maven que pensei que fosse. Vejo-o de novo,
com o um sonho ou um fantasma.

— Cada segundo — ele responde.

Quando um rubor cinza se espalha por suas bochechas, entendo que
está falando a verdade.

E agora sei com o meu aguçado.

As algemas tornam-me muito fácil pegar no sono, de modo que fica até
difícil apenas fingir que dormi. Sob o cobertor, cerro um punho,
cravando as unhas na palma da mão. Conto os segundos. Conto a
respiração de Maven. Finalmente, sua cadeira range. Ele levanta.
Hesita. Quase consigo sentir seu olhar ardente contra meu rosto im-
óvel. E então o jovem sai, com os passos leves contra o piso de ma-
deira, atravessando meu quarto com a graciosidade e o silêncio de
um gato. A porta se fecha suavemente atrás dele.

Seria fácil dormir.

Mas espero.

Dois minutos se passam e os guardas Arven não retornam.

Imagino que pensem que as algemas bastam para me manter aqui.

Estão errados.

Minhas pernas vacilam quando tocam o chão. Sinto os tacos frios de ma-
deira com os pés descalços. Se tem câmeras vigiando, não me importo.
Não podem me impedir de andar. Ou tentar.

Não gosto de fazer as coisas devagar. Muito menos agora, quando
todos os segundos contam. Cada um pode significar a morte de outra
pessoa que amo.

Então em pouco tempo, me obrigando a levantar sobre as pernas
bamboas e trêmulas. É uma sensação estranha, com a Pedra
Silenciosa puxando meus punhos e tornozelos para baixo, drenando a

pouca força que m eu ódio m e oferece. Levo um m om ento para suportar a pressão. Duvido que algum dia vá m e acostumar. Mas consigo vencer.

O prim eiro passo é o m ais fácil. Um im pulso até a m esinha. O segundo é m ais difícil, agora que sei quanto esforço é necessário. Cam inho com o um bêbado ou um m anco. Por um a fração de segundo, invejo o a cadeira de rodas do m eu pai. A vergonha desse pensam ento alim enta os passos seguintes, enquanto atravesso a extensão do quarto. Ofegante, chego ao outro lado, quase desabando contra a parede. O ardor nas m inhas pernas é puro fogo, fazendo um a gota de suor escorrer pela m inha coluna. Um a sensação fam iliar, com o se eu tivesse acabado de correr um quilômetro. Mas a náusea no fundo do estôm ago é

diferente. Outro efeito colateral da Pedra. Torna os batim entos cardíacos m ais pesados e, de certa form a, errados. Tenta m e esvaziar.

Minha testa toca a parede e o frio m e conforta.

— De novo — m e obrigo a dizer.

Viro e cam baleio pelo quarto.

De novo.

De novo.

De novo.

Quando Tigrina e Trio entregam m eu alm oço, estou em papada de suor e tenho que com er deitada no chão. Ela não parece se im portar, em purrando o prato balanceado de carne e vegetais com o pé na m inha direção. O que quer que estej a acontecendo fora das m uralhas da cidade, não tem qualquer efeito nas provisões. Um m au sinal. Trio deixa outra coisa na m inha cam a, m as m e concentro em com er prim eiro. Me obrigo a engolir tudo, m ordida por m ordida.

Levantar é um pouco m ais fácil. Meus m úsculos j á estão respondendo, adaptando-se às algem as. Há certa bênção nelas. Os Arven são prateados vivos e seu poder flutua conform e sua concentração, tão m utável quanto ondas que rebentam . É m uito m ais difícil se adaptar ao silêncio deles do que à pressão constante da Pedra.

Abro o pacote em cima da cama, jogando de lado a embalagem grossa e luxuosa. Um vestido de gala se abre, caindo contra os lençóis. Dou um passo lento para trás, sentindo o corpo frio enquanto sou tomada pelo velho impulso de pular pela janela. Por um segundo, fecho os olhos, na esperança de que a roupa sum a minha frente.

Não porque seja feia. O vestido é espantosamente bonito, com seu brilho de seda e jóias. Mas me conduz a uma verdade terrível. Antes dele, eu podia ignorar as palavras de Maven, seu plano e o que pretendia fazer. Agora isso tudo está diante de mim, com o meu abraço de obra de arte satírica. O tecido é vermelho. *Como a aurora*, minha mente sussurra. Mas isso também está errado. Não é o tom da Guarda Escarlate. O nosso é vivo, brilhante, furioso, algo para ser visto e reconhecido, quase chocante aos olhos. Esse vestido é outra coisa. Trabalhado em tons mais escuros, de rubro e escarlate, cravejado com pequenas pedras preciosas, intrincadamente bordado. Cintila de maneira sombria, refletindo a luz do teto com o meu abraço de óleo vermelho.

Com o meu abraço de sangue vermelho.

O vestido vai me tornar — e tornar o que sou — inesquecível.

Solto um riso amargurado. Chega a ser engraçado. Passei meus dias com a noiva de Maven me escondendo, fingindo ser prateada. Agora, pelo menos, não preciso disso. Uma pequena misericórdia, bem pequena mesmo, considerando todo o resto.

Vou ficar diante da corte e do mundo, com a cor do meu sangue à mostra para todos verem. Queria saber se o reino entende que não sou nada mais do que uma isca escondendo um anzol de aço afiado.

Ele volta apenas na manhã seguinte. Quando entra, franze a testa para o vestido, jogado no canto. Eu não conseguia mais olhar para a roupa. Na verdade, tão pouco consigo olhar para Maven, então continuo meus exercícios — no momento, uma versão muito curta e lenta de abdominais. Eu me sinto uma criancinha estabrançada, com os braços mais pesados do que de costume, mas me forço a completar a série. Ele se aproxima alguns passos e cerro o punho, querendo me andar uma faísca na sua direção. Nada acontece, assim como nada aconteceu nas últimas dezenas de vezes que tentei usar minha eletricidade.

— É bom saber que o poder das Pedras está equilibrado — ele brinca, acomodando-se à mesa. Hoje está bem vestido, com as medalhas

brilhando no peito. Deve ter vindo de fora. Vej o neve no seu cabelo enquanto tira as luvas de couro com os dentes.

— Ah, sim , essas pulseiras são um a graça — retruco para ele, acenando com a m ão pesada. As algem as são frouxas o bastante para girar, m as estão apertadas o suficiente para eu não conseguir tirá-las, m esm o deslocando o polegar. Considerarei a possibilidade, até perceber que seria em vão.

— Vou repassar o elogio para Evangeline.

— É claro que foi ela quem fez — zom bo. Evangeline deve estar m uito contente em saber que é literalm ente a criadora da m inha j aula.

— Mas é um a surpresa que tenha tem po para isso. Devia estar passando cada segundo fabricando coroas e tiaras para si própria. Vestidos tam bém . Aposto que você se corta toda vez que tem que pegar na m ão dela.

Um m úsculo na bochecha dele se contrai. Sei que Maven não sente nada por Evangeline. E posso explorar isso facilm ente.

— Vocês m arcaram um a data? — pergunto, sentando.

Seus olhos azuis se voltam para os m eus.

— O quê?

— Duvido que possam celebrar um casam ento real de um a hora para outra. Im agino que você saiba exatam ente quando vai casar com Sam os.

— Ah, isso. — Ele dá de om bros, com um aceno de desprezo. — Planej ar o casam ento é função dela.

Encaro seu olhar.

— Se fosse função dela, Evangeline j á seria rainha há m eses. — Com o ele não responde, insisto m ais. — Você não quer casar com ela.

Em vez de desm oronar, sua fachada se fortalece. Maven até ri baixo, proj etando um a im agem de desinteresse repulsivo.

— Não é por isso que os prateados casam , com o você bem sabe.

Tento outra tática, brincando com os pedaços dele que eu conhecia.

Pedaços que torço para ainda serem reais.

— Bom , é com preensível que você estej a postergando...

— É sensato adiar um casam ento em tem pos de guerra.

— Você nunca a teria escolhido.

— Com o se houvesse escolha.

— Sem falar que ela foi de Cal antes de ser sua.

A m enção do nom e do irm ão detém suas respostas preguiçosas.

Quase consigo ver os m úsculos se contraírem sob sua pele e um a m ão bate de leve no

bracelete em seu punho. Cada tinido suave dos aros de m etal é sonoro com o um sinal de alarm e. Basta um a faísca para ele queim ar.

Mas o fogo não m e assusta m ais.

— Com base no seu progresso, vai levar só m ais um dia para aprender a andar direito com isso aí. — Suas palavras são m edidas, forçadas, calculadas.

Maven provavelm ente ensaiou antes de entrar aqui. — E então finalm ente m e será útil.

Com o faço todos os dias, olho ao redor, procurando câm eras. Ainda não as vej o, m as devem existir.

— Você passa o dia todo m e espionando ou um agente de segurança faz um resum o para você?

Maven ignora a farpa.

— Am anhã você vai levantar e fazer exatam ente o que eu disser.

— Ou o quê? — Forço-m e a ficar de pé, sem nada da graça ou agilidade que j á tive. Ele observa cada centím etro do m eu corpo. Deixo que faça isso.

— Já sou sua prisioneira. Pode m e m atar quando quiser. E, francam ente, prefiro isso a atrair sanguenovos para m orrerem na sua rede.

— Não vou m atar você, Mare. — Mesm o sentado, ele se proj eta na m inha direção. — E não quero m atar sanguenovos.

Com preendo as palavras, m as não quando saem da boca de Maven.

Não fazem sentido. Nenhum .

— Por quê?

— Você nunca vai lutar por nós, eu sei. Mas seus sem elhantes... eles são fortes, mais fortes do que muitos prateados chegam a ser. Imagine o que podem os fazer com um exército desses com binado com o meu. Quando ouvirem sua voz, eles virão. Com o serão tratados depois que chegarem depende, claro, do seu comportamento. E da sua obediência. — Finalmente, Maven levanta. Ele cresceu nos últimos meses. Está mais alto e mais magro, com o mais velho, a quem puxou em quase tudo. — Tenho duas opções, e você pode escolher uma. Ou traz os sanguenovos até mim ou continuo atrás deles por conta própria, liquidando todos, um por um .

Meu tapa sai fraco e quase não move sua mandíbula. Minha outra mão acerta seu peito, também sem efeito. Ele quase revira os olhos com a tentativa.

Talvez até sinta prazer.

Meu rosto fica vermelho de raiva e de uma tristeza desconsolada.

— Por que você é assim ? — grito, querendo rasgá-lo no meio. Se não fossem as algemas, meus raios estariam por toda parte. Em vez disso, são palavras que jorram de mim . Palavras que me permitem pensar antes de saírem furiosas da minha boca. — Com o que pode continuar sendo desse jeito? Ela morreu.

Eu a mato. Você está livre de sua influência. Você... não deveria mais ser igual a ela.

Sua mão segura meu queixo com força, me obrigando a ficar num silêncio assustado. O gesto faz com que me curve para trás, quase perdendo o equilíbrio.

Eu queria que isso acontecesse. Queria cair para longe de suas mãos, encontrar o chão e me estilhaçar em mil pedaços.

No Furo, no calor da cama pequena que eu dividia com Cal, na calada da

noite, pensava em momentos com o este. Em ficar sozinha com Maven novamente. Ter a chance de ver com o ele realmente era sob a máscara de que eu me lembro brava e da pessoa que sua mãe o obrigou a ser. Naquele limiar estranho entre o sono e a vigília, os

olhos dele m e seguiam . Sem pre da m esm a cor, m as ainda assim m utáveis. Os olhos dele, os olhos dela, os olhos que eu conhecia e os olhos que nunca teria com o conhecer. Parecem os m esm os agora, ardentes com o um fogo gelado, am eaçando m e consum ir.

Sabendo que é isso que ele quer ver, deixo as lágrim as de frustração m e dom inarem e caírem . Ele as acom panha sedento.

Depois m e em purra. Caio em um j oelho.

— Sou o que você m e tornou — Maven sussurra, m e deixando para trás.

Antes da porta fechar atrás dele, noto os guardas de cada lado. Trevo e Ovo desta vez. Então os Arven não estão longe, por m ais que eu tenha conseguido m e libertar de certa form a.

Afundo devagar no chão e então sento sobre os tornozelos. Cubro o rosto com a m ão, escondendo o fato de que m eus olhos estão subitam ente secos. Por m ais que sonhasse que a m orte de Elara o m udasse, eu sabia que isso não aconteceria. Não sou tão idiota assim . Não posso confiar em nada quando o assunto é Maven.

A m enor de suas m edalhas cerim oniais pica m inha outra m ão, escondida entre m eus dedos. Nem a Pedra Silenciosa é capaz de tirar os instintos de um a ladra. Sinto o pino de m etal contra m inha pele. Fico tentada a deixar que fure, a sangrar rubro e escarlate, para lembrar a m im m esm a e a quem quer que esteja a assistindo o que sou e do que sou capaz.

Levanto e escondo a m edalha discretam ente em baixo do colchão com o restante dos m eus saques: gram pos, dentes de garfo quebrados, cacos de vidro e de porcelana. Meu arsenal, por m enor que sej a, vai ter que bastar.

Fixo os olhos no vestido no canto, com o se ele fosse responsável por isso.

Amanhã, ele disse.

Volto às abdom inais.



SEIS

Mare

OS CARTÕES FORAM DATILOGRAFADOS com cuidado, resum indo o que preciso dizer. Não consigo nem olhar para eles e os deixo sobre a mesa de cabeceira.

Duvido m uito que vou ter o luxo de criadas para m e m aqui ar e m e transform ar no que quer que Maven pretenda apresentar à corte. Parece um a tarefa árdua abotoar e fechar o zíper do vestido escarlata por conta própria. Tem a gola alta, um a cauda e m angas longas para esconder não apenas a m arca de Maven na m inha clavícula com o as algem as ainda presas aos m eus punhos e tornozelos.

Não im porta quantas vezes eu fuj a dessas form alidades extravagantes, pareço condenada a representar um papel. O vestido vai ficar grande dem ais quando eu finalm ente o vestir, largo nos braços e na cintura. Estou m ais m agra, ainda que m e obrigue a comer. Com base no que consigo ver pelo reflexo na j anela, m eu cabelo e m inha pele tam bém sofreram sob o peso do silêncio. Meu rosto está am arelado e descarnado, com a aparência doente, enquanto m eus olhos estão cercados de verm elho. Meu cabelo castanho-escuro, as pontas ainda levem ente cinzentas, está m ais fino do que nunca e em aranhado na raiz. Faço um a trança apressada, m exendo nos fios cheios de nós.

Não há seda que m ude m inha aparência. Mas não tem im portância. Não vou chegar a vestir a fantasia de Maven, se tudo correr com o o planej ado.

O próxim o passo na m inha preparação faz m eu coração bater m ais forte.

Tento parecer calm a, ao m enos para as câm eras no quarto. Elas não podem saber o que estou prestes a fazer, ou não vai dar certo. E, m esm o se eu conseguir enganar os guardas, existe outro obstáculo bem grande.

Posso acabar m orta.

Maven não instalou câm eras no banheiro. Não para proteger m inha privacidade, m as para aplacar seu próprio ciúm e. Conheço-o m uito bem para saber que não perm itiria que vissem m eu corpo. O peso extra das Pedras Silenciosas incrustadas em toda parte é um a confirm ação. Maven fez questão de

que nenhum guarda tivesse m otivo para m e escoltar aqui dentro. Meu coração bate fraco no peito, m as m e obrigo a continuar. Preciso continuar.

O chuveiro chia e solta vapor, escaldante assim que o ligo no m áxim o. Se não fosse pela Pedra no banheiro, eu teria passado m uitos dias aproveitando o único conforto do banho quente. Mas preciso agir

rápido ou serei sufocada.

No Furo, tinham os a sorte de nos banhar em rios frios, enquanto em Tuck os chuveiros eram cronometrados e mornos. Dou risada ao pensar no que se passava por banho em casa. Um a banheira enchida com água da torneira da cozinha, quente no verão, fria no inverno, e sabão roubado. Ainda não tenho inveja da minha mãe, que precisava ajudar meu pai a se lavar.

Com algum a sorte — minha —, voltarei a vê-los em breve.

Aponto a ducha para o piso do banheiro. A água também borbulha nos ladrilhos brancos, ensopando-os. Respingos caem nos meus pés descalços e o calor estremece minha pele, suave e convidativo com o um cobertor.

Enquanto a água passa por baixo da porta do banheiro, aí o rápido. Primeiro, deixo o longo caco de vidro na bancada, ao alcance do braço. Depois, vou atrás da minha verdadeira armadura.

O Palácio de Whitefire é uma maravilha em todos os aspectos e meu banheiro não é exceção. É iluminado por um lustre simples, se é que isso é possível aqui: trabalhado em prata, com braços curvados de onde brotam dezenas de lâmpadas. Preciso subir na pia, desequilibrada, para alcançá-lo. Alguns puxões forçados mais concentrados o trazem mais para baixo, deixando os fios aparentes. Ainda sobre a pia, eu agacho e apoio o lustre ainda aceso na pia, à espera.

As batidas comecem alguns minutos depois. Quem quer que esteja vendo as gravações do quarto notou a água vazando. Dez segundos depois, ouço passos de duas pessoas entrando no quarto. De quais Arven não sei, mas as não im porta.

— Barrow! — grita a voz de um homem, acompanhada pela primeira batida na porta do banheiro.

Com o não respondendo, eles não perdem tempo, tão pouco eu.

Ovo arromba a porta e entra, com o rosto branco quase com o uflado pelas paredes ladrilhadas. Trevo não o segue, mantendo um pé dentro do banheiro e o outro no quarto. Não im porta. Ambos tocam a poça de água fumegante.

— Barrow...? — Ovo diz, boquiaberto ao me ver.

Não é preciso muito para deixar o lustre cair, mas a ação parece pesada mesmo assim.

Ele se quebra no piso mesmo olhado. Quando a eletricidade atinge a água, um a onda pulsa pelo cômodo, apagando não apenas as outras luzes do banheiro, mas também as do quarto. Talvez de toda a ala.

Os dois Arven se contorcem conforme e as faíscas dançam por seu corpo.

Eles caem rápido, com os músculos em convulsão.

Salto sobre a água e seus corpos, quase perdendo o ar quando o peso das Pedras Silenciosas do banheiro fica para trás. As algemas ainda pesam nos meus braços e pernas, e logo começo a revistar os Arven, com cuidado para evitar a água. Reviro seus bolsos mesmo mais rápido que posso, em busca da chave que assombra meus dias. Tremendo, sinto um a curva de metal sob a gola de Ovo,

junto ao seu esterno. Com as mãos vacilantes, puxo-a e solto cada uma das algemas. Conforme vão caindo, o silêncio vai embora. Respiro fundo tentando forçar os raios para dentro de mim. Estão voltando. Têm que estar.

Mas ainda me sinto anestesiada.

O corpo de Ovo está à minha mercê, quente e vivo nas minhas mãos. Eu poderia cortar a garganta dele e de Trevo, talhar suas jugulares com qualquer um dos pedaços afiados de vidro que escondi bem. *Deveria*, digo a mim mesma.

Mas já perdi tempo demais. Então deixo os dois vivos.

Com o era de esperar, os Arven são treinados o bastante em suas funções para terem trancado a porta do quarto atrás deles. Não importa. Um gramofone serve com a chave. Abro em um segundo.

Faz alguns dias desde que saí da prisão pela última vez. Daquela vez, eu estava encolirada por Evangeline e envolta por guardas. Agora, o corredor está vazio. Há lâmpadas queimadas no teto, ofensivas de tão vazias. Meu sentido elétrico está fraco, mas ao passando de uma faísca na escuridão. Ele precisa voltar.

O plano não vai dar certo se não voltar. Contenho uma onda de pânico. E se tiver sumido de vez? E se Maven tirou minha eletricidade para sempre?

Corro o m ais rápido que posso, apegando-m e ao que conheço de Whitefire.

Evangeline m e levou para a esquerda, rum o aos salões de festa, aos corredores m aj estosos e à sala do trono. Esses lugares vão estar repletos de guardas e oficiais, sem falar da nobreza de Norta, perigosa por si só. Então viro à direita.

É claro que as câm eras m e seguem . Vej o-as em cada canto. Não sei se tam bém estão queim adas ou se virei entretenim ento para alguns oficiais. Talvez estej am apostando até onde vou chegar. A tentativa condenada ao fracasso de um a m enina condenada.

Pego um a escada de serviço e quase derrubo um criado na pressa.

Meu coração salta ao vê-lo. Um m enino, talvez da m inha idade, com o rosto j á corado enquanto segura um a bandej a de chá. Corado da cor verm elha.

— É um truque! — grito para ele. — O que vão m e obrigar a fazer é um truque!

No alto da escada e ao pé dela, portas se abrem . Estou encurralada de novo.

Um péssim o hábito que criei.

— Mare... — o m enino diz, m eu nom e trêm ulo em seus lábios. Ele tem m edo de m im .

— Encontre um j eito. Diga à Guarda Escarlata. Diga a quem conseguir. É

só m ais um a m entira!

Alguém m e pega pela cintura, m e puxando para trás, para cim a e para longe. Mantenho o foco no criado. Os agentes uniform izados que sobem a escada o em purram de lado, pressionando-o contra a parede sem nem pensar. A bandej a cai no chão com um estrondo, derram ando o chá.

— É tudo m entira! — consigo dizer antes de um a m ão cobrir m inha boca.

Tento soltar faíscas, buscando a eletricidade que m al consigo sentir. Nada acontece, então m ordo com força suficiente para sentir o gosto

de sangue.

Ele tira a mão, xingando, enquanto outra agente surge à minha frente, agarrando minhas pernas com destreza. Cuspo sangue na cara dela.

Quando me dá um tapa gracioso na cara, eu a reconheço.

— É bom ver você, Sonya — sibilo. Tento dar um chute na barriga dela, mas a mulher desvia com cara de tédio.

Por favor, imploro mentalmente, com o se a eletricidade pudesse me ouvir.

Nada responde e contendo um soluço. Estou fraca demais. Faz muito tempo.

Sonya é uma silfa, veloz e ágil demais para ser incomodada pela resistência de uma menina fraca. Olho para seu uniforme. Preto decorado com prata, com o azul e o vermelho da Casa Real nos ombros. A vulgaridade pelas medalhas em seu peito e pelos botões na gola, ela é uma agente de segurança de alta patente agora.

— Parabéns pela promoção — resmungo frustrada, tentando agir com violência, porque é tudo o que posso fazer. — Acabou o treinamento tão cedo?

Ela aperta meus pés com mais força; suas mãos são como pinças.

— É uma pena você nunca ter terminado as aulas de protocolo. — Ainda prendendo minhas pernas, ela esfrega o rosto no meu rosto, tentando limpar o sangue prateado da bochecha. — Precisa aprender boas maneiras.

Faz só alguns meses desde que vivi. Ao lado de sua avó Ara e de Evangeline, vestidas de preto, de luto pelo rei. Ela estava entre os muitos que me viram no Ossário, que queriam presenciar minha morte. Sua Casa é famosa pela habilidade não apenas corporal, mas mental. São todos espiões, treinados para descobrir segredos. Duvido que tenha acreditado em Maven quando ele disse que eu não passava de uma farsa, uma criação da Guarda Escarlate enviada para me infiltrar no palácio. E duvido que vá acreditar no que está prestes a acontecer.

— Eu vi sua avó — digo a ela. Uma carta ousada de se orgulhar.

Sua com postura impecável não se altera, mas sinto suas mãos em minhas pernas enfraquecerem, ainda que muito pouco. Então ela abaixa o queixo.

Continue, está tentando dizer.

— No presídio de Corros. Fami, enfraquecida pela Pedra Silenciosa.

— *Como estou agora.* — Ajudei a libertá-la.

Outra pessoa poderia me acusar de mentirosa. Mas Sonya continua em silêncio, os olhos voltados para longe de mim. Para qualquer outra pessoa, pareceria desinteressada.

— Não sei quanto tempo ela passou lá, mas resistiu mais do que todos os outros. — Lembrou dela agora, revirando minhas memórias. Um dia eu vi ela velha com a força feroz de seu codinome, Pantera. Chegou a salvar minha vida, pegando um objeto afiado em pleno ar antes que pudesse atingir minha cabeça.

— Mas Ptolemeus acabou a pegando. Logo antes de me atar meu irmão.

Ela volta os olhos para o chão, com a sobrancelha levemente arqueada.

Todo o seu corpo fica tenso. Por um segundo, penso que vai chorar, mas as lágrimas iminentes não chegam a cair.

— Com o quê? — me lembro de dizer.

— No pescoço. Foi rápido.

Seu próximo tapa é bem mais irado, mas sem tanta força. Um espetáculo, com o tudo mais neste lugar infernal.

— Guarde suas mentiras imundas para você, Barrow — ela sibila, pondo fim à nossa conversa.

Acabo largada no chão do quarto, com as duas bochechas ardendo e o peso dos quatro guardas Arven tomando conta de mim. Ovo e Trevo parecem um

pouco desganhados, mas os curandeiros já cuidaram de seus ferimentos. Pena que não os matei.

— *Chocados* em m e ver? — digo, rindo da piada horrível.

Em resposta, Tigrina m e obriga a colocar o vestido escarlate, m e fazendo tirar a roupa na frente de todos. Ela prolonga a humilhação. O vestido faz a m arca arder ao tocá-la. *M de Maven, M de monstro, M de morte.*

Ainda consigo sentir o gosto do sangue do agente de segurança quando Tigrina joga os cartões do discurso em m im .

A corte prateada foi convocada à sala do trono em força total. As Grandes Casas se reúnem em sua desordem usual. Cada cor é com o um ataque, fogos de artifício de pedras preciosas e brocados. Entro no caos, acrescentando vermelho-sangue à coleção. As portas da sala do trono se fecham atrás de m im , m e aprisionando com os piores deles. As Casas abrem caminho para eu passar, formando um longo corredor da entrada até o trono. Eles murmoram enquanto caminho, notando cada imperfeição. Entendo pedaços do que falam . É claro que todos sabem da minha pequena aventura mortal. Os guardas Arven, dois na frente, dois atrás, são uma confirmação suficiente de que continuo prisioneira.

Então a minha nova mentira de Maven não é para eles. Tento descobrir suas motivações, os mandamentos de suas manipulações labirínticas. Ele deve ter avaliado os custos e decidido que valia a pena contar um segredo tão delicioso para seus nobres mais próximos. Eles não vão se importar com as mentiras se não forem direcionadas a eles.

Com o da outra vez, o jovem rei está sentado no trono de blocos de pedra cinza, com as duas mãos segurando firme os apoios de braço. Sentinelas o protegem , ladeando a parede atrás dele, enquanto Evangeline está à sua esquerda, de pé e orgulhosa. Ela cintila, com o uma estrela letal, com uma capa e um vestido de intrincadas escamas de prata. Seu irmão, Ptolemy, com ela, usando uma nova armadura prateada. Ele se mantém perto da irmã e do rei, como se fosse um guardião. Outro rosto amargamente conhecido está à direita de Maven. Ele não usa armadura. Não precisa de uma. Sua mente basta com o arma e escudo.

Samson Merendus sorri para m im , uma visão em tons de azul-escuro e renda branca, cores que odeio mais que todas. Mais até do que prateado. *Eu sou um carneiro*, ele me avisou antes do interrogatório. Não estava entendendo.

Nunca vou me recuperar completamente depois que me destrinchou: feito um porco num gancho, esvaziado de sangue.

Maven avalia minha aparência e parece satisfeito. A curandeira Skonos tentou fazer algo com meu cabelo, puxando-o para trás num rabo de cavalo enquanto me aquecia um pouco meu rosto cansado. Ela não ficou muito tempo, infelizmente. Seu toque era frio e relaxante enquanto dava um jeito em todos os hematomas que ganhei na fuga fracassada.

Não sinto medo enquanto me aproximou, caminhando diante dos olhos de

dezenas de prateados. Há coisas muito piores a temer. Com os câmeras no alto.

Ainda não estão apontadas para mim, mas as em breve estarão. Mal consigo tolerar essa ideia.

Maven nos detém com um gesto, erguendo a palma da mão. Os Arven sabem o que isso significa e se afastam, deixando que eu caminhe os últimos metros sozinha. É então que as câmeras ligam. Para mostrar que estou andando sozinha, sem proteção, sem coleira, um a uma livre ao lado dos prateados. A imagem vai ser transmitida em toda parte, a todos que amam e a todos que gostaria de proteger. Esse simples ato pode bastar para condenar dezenas de sanguenovos e infligir um forte golpe contra a Guarda Escarlata.

— Venha para a frente, Mare.

É a voz de Maven. Não de Maven, mas de Maven. O garoto que pensei conhecer. Doce, gentil. Ele mantém essa voz guardada, pronta para ser sacada e em punhada com o um a espada. Trespasa meu coração, com o bem sabe. Sem querer, sinto saudade de alguém que não existe.

Meus passos ecoam no mármore. Nas aulas de protocolo, a finada Lady Blonos tentou me ensinar a me portar diante da corte. Segundo ela, o semblante ideal era frio, sem emoção ou sentimento. Não sou assim e resisto ao impulso de usar essa máscara. Em vez dela, tento mostrar minha expressão de modo que satisfaça Maven e, de alguma forma, mostre ao país que isso não é escolha minha. Caminho em uma linha dura.

Ainda sorrindo, Sam son dá um passo para o lado, deixando um espaço perto do trono. Estremeço, mas faço o que devo. Fico ao lado

direito de Maven.

Que im agem deve ser essa. Evangeline de prata, eu de verm elho, e o rei de preto entre nós.



SETE

Cameron

O TAL “ALERTA DE RAIOS” ecoa pelo andar principal de Irabelle, subindo e descendo pelas escadas dos andaim es, indo e voltando entre corredores.

Mensageiros buscam aqueles de nós considerados im portantes o suficiente para receber notícias sobre Mare. Norm alm ente não sou prioridade. Ninguém m e leva para conversar com o resto do clubinho dela. Os garotos m e acham depois, no trabalho, e m e entregam um papel detalhando os poucos fragm entos que os espiões da Guarda reuniram sobre o tem po precioso dela na cela. Coisas inúteis.

O que com eu, o rodízio dos guardas, esse tipo de inform ação. Mas hoj e a m ensageira, um a m enina pequena com cabelo preto liso e brilhante e a pele averm elhada, puxa m eu braço.

— Alerta de raio, srta. Cole. Venha com igo — ela diz, com a voz firm e e enj oativa.

Quero gritar que m inha prioridade é fazer o aquecim ento funcionar nos galpões, não descobrir quantas vezes Mare usou o banheiro hoj e, m as o rosto doce dela detém esse im pulso. Farley deve ter m andado a criança m ais fofa dessa m aldita base. *Saco.*

— Está bem , estou indo — bufo, j ogando as ferram entas de volta na caixa.

Quando ela pega m inha m ão, m e lem bro de Morrey. Ele é m enor do que eu e, quando eram os pequenos, costum ava segurar m inha m ão quando as m áquinas barulhentas na linha de m ontagem o assustavam . Mas essa m enina não dem onstra nenhum sinal de m edo.

Ela m e puxa pelas passagens sinuosas, orgulhosa de si m esm a por saber o cam inho. Franzo a testa diante do retalho verm elho am arrado em volta do seu punho. Ela é j ovem dem ais para ser j urada aos rebeldes, que dirá viver no quartel-general tático deles. Mas eu m esm a fui m andada para o trabalho quando tinha cinco anos, separando sucata das pilhas de lixo. Ela deve ter uns dez.

Abro a boca para perguntar o que a trouxe para cá, m as m udo de ideia.

Seus pais, obviam ente — sej a pelas escolhas que fizeram ou por terem m orrido.

Não sei onde estão. Assim com o não sei onde estão os m eus.

Os fios das Passagens 4 e 5 e do Subterrâneo 7 precisam de isolamento. O

Galpão A precisa de aquecimento. Repito a lista sem pre crescente de tarefas para anestesiar a dor repentina. Meus pais vão se apagando dos m eus pensamentos.

Afugento papai dirigindo um cam inhão de transporte, as m ãos sem pre firm es no volante. Mam ãe na fábrica ao m eu lado, m ais rápida do que eu j am ais seria. Ela estava doente quando partim os, com o cabelo m ais fino e a pele escura com eçando a ficar cinza. Quase sufoco com a lem brança. Os dois estão fora do m eu alcance. Mas Morrey não. Ele eu posso salvar.

Os fios das Passagens 4 e 5 e do Subterrâneo 7 precisam de isolamento. O

Galpão A precisa de aquecimento. Morrey Cole precisa ser salvo.

Chegam os à passagem para a central de controle ao m esm o tem po que Kilorn. Seu m ensageiro está atrás dele, correndo para acom panhar o ritm o do rapaz m agricela. Kilorn devia estar lá fora no ar congelado do inverno que se aproxim a. Suas bochechas estão verm elhas de frio. Enquanto cam inha, tira a touca de lã, soltando os cachos castanhos e sem corte.

— Cam — ele m e cum prim enta, parando onde nossos cam inhos se cruzam .

Kilorn vibra de m edo, com os olhos de um verde vivo sob as luzes fluorescentes do corredor. — Algum a ideia?

Dou de om bros. Sei m enos do que todo m undo quando o assunto é

Mare.

Não sei nem por que se dão ao trabalho de m e m anter inform ada. Talvez para que m e sinta incluída. Todo m undo sabe que não quero estar aqui, m as não tenho para onde ir. Não tenho com o voltar à Cidade Nova nem ao Gargalo. Não tenho saída.

— Nenhum a — respondo.

Kilorn olha para seu m ensageiro atrás dele, abrindo um sorriso.

— Obrigado — diz, com um a dispensa gentil. O garoto entende a deixa e sai aliviado. Faço o m esm o com a m inha, com um aceno de cabeça e um sorriso grato. Ela segue na outra direção, desaparecendo num a curva.

— Eles estão com eçando cedo — não consigo deixar de sussurrar.

— Não tão cedo quanto a gente — Kilorn responde.

Fecho a cara.

— Verdade.

No últim o m ês, aprendi o bastante sobre Kilorn para saber que posso confiar nele tanto quanto todo m undo aqui. Nossas vidas são parecidas. Ele com eçou a trabalhar bem novo e, assim com o eu, teve o luxo de um trabalho que o m anteve longe do recrutam ento. Até tudo m udar e acabarm os atraídos para a órbita da garota elétrica. Kilorn diria que está aqui por opção, m as sei que não é bem assim . Ele era o m elhor am igo de Mare e entrou para a Guarda Escarlate atrás dela. Agora, a teim osia cega — sem falar de sua condição de fugitivo — o m antém aqui.

— Mas não fom os doutrinados — continuo, hesitando antes de dar os próxim os passos. Os guardas da sala de controle esperam a alguns m etros de distância. Estão de olho na gente, silenciosos. Não gosto dessa sensação.

Kilorn abre um sorriso estranho. Ele baixa os olhos para m eu pescoço tatuado, onde tenho a m arca perm anente da m inha profissão e do m eu lugar. A tinta preta se destaca, m esm o contra m inha pele escura.

— Fom os, sim — ele diz baixo. — Agora vam os.

Ele coloca o braço em volta dos m eus om bros, m e guiando adiante.

Os guardas abrem cam inho, deixando que passem os pela porta.

Desta vez, a sala de controle está m ais cheia do que nunca. Todos os técnicos estão sentados com atenção redobrada, o foco nas várias telas na frente da sala. Elas exibem a m esm a coisa: a coroa flam ej ante, o em blem a de Norta, com suas cham as verm elhas, pretas e prateadas. Norm alm ente, o sím bolo anuncia transm issões oficiais, então im agino que eu estej a prestes a ser suj eitada à m ais nova m ensagem do rei Maven. Não sou a única a pensar assim .

— Talvez ela apareça — Kilorn m urm ura, com a voz tem perada em igual m edida por saudade e m edo. Na tela, a im agem salta um pouco. Paralisada, pausada. — O que estão os esperando?

— Não é *o quê*, é *quem* — respondo, lançando um olhar pela sala. Vej o que Cal j á está aqui, sentado im passível no canto da sala, m antendo distância de todos. Ele sente que o observo, m as apenas m e cum prim enta com a cabeça.

Para m inha tristeza, Kilorn o cham a com um gesto. Depois de um segundo de hesitação, Cal aceita, atravessando devagar a sala lotada. Por algum m otivo, este alerta de raio cham ou m uita gente para a sala de controle, e todos parecem tão ansiosos quanto Kilorn. Não reconheço a m aioria, m as alguns sanguenovos se j untaram ao grupo. Vej o Rash e Tahir em sua posição de sem pre, sentados com seu equipam ento de rádio. Nanny e Ada estão j untas e, assim com o Cal, ocupam a parede dos fundos, discretas. Quando o príncipe exilado se aproxim a, todos os oficiais verm elhos saem do cam inho. Ele finge que não percebe.

Cal e Kilorn trocam sorrisos fracos. Sua antiga rivalidade ficou para trás, substituída por certo nervosism o.

— Queria que o coronel fosse m ais rápido que um a m aldita lesm a — diz um a voz à m inha direita.

Viro e encontro Farley ao nosso lado, fazendo o possível para não cham ar atenção apesar da barreira. Está quase com pletam ente escondida por um casaco largo, m as é difícil guardar segredos em lugares com o este. Ela está com quase quatro m eses e não liga que saibam . Agora m esm o, equilibra um prato de batata frita num a m ão e tem um garfo na outra.

— Cam eron, rapazes — Farley acrescenta, cum prim entando a gente com a cabeça. Faço o m esm o, assim com o Kilorn. Para Cal, ela bate um a continência irônica com o garfo e ele m al resm unga em

resposta, com o m axilar tão tenso que acho que seus dentes vão quebrar.

— Pensei que o coronel dormisse aqui — respondo, fixando o olhar na tela.

— Típico. Na única hora em que a gente precisa dele.

Se fosse qualquer outro dia, eu acharia que sua ausência era um a manobra.

Talvez para nos lembrar de quem está no comando. Com o se pudessem os esquecer. Mesmo com Cal, um príncipe e general prateado, e um a legião de sanguenovos com uma variedade assustadora de poderes, o coronel consegue dar as cartas. Porque aqui, na Guarda Escarlata, neste mundo, informação é mais importante que qualquer coisa, e ele é o único que sabe o bastante para controlar todos nós.

Isso eu respeito. As partes de uma máquina não precisam saber o que as

outras estão fazendo. Mas não sou só uma engrenagem. Não mais.

O coronel entra, cercado pelos irmãos de Mare. Ainda nenhum sinal dos pais dela, que continuam alojados em algum lugar distante, com a irmã do cabelo vermelho-escuro. Acho que a vi uma vez, esperta e veloz, andando rápido pela confusão do corredor, mas nunca cheguei perto o bastante para perguntar. É

claro que ouvi os boatos. Sussurros de outros técnicos e soldados. Um agente de segurança esmagou o pé da menina, obrigando Mare a suplicar no palacete de verão. Ou algo do tipo. Tenho a sensação de que perguntar a história real para Kilorn seria insensível da minha parte.

As pessoas no centro de controle se viram para observar o coronel, ansiosas para que o que quer que vier os ver aqui com eles. Então reagimos juntos, abafando exclamações de surpresa quando outro prateado entra na sala atrás dele.

Toda vez que o vejo, quero sentir raiva dele. Mare me obrigou a acompanhá-la, me obrigou a voltar à prisão, me obrigou a matar e obrigou outros a morrer para que esse homem que mais parece um graveto seco e insignificante pudesse viver. Mas não foi escolha dele. Era um prisioneiro com o eu, condenado às celas de Corros e à morte

lenta e esm agadora pelas Pedras Silenciosas. Não é sua culpa ser amado pela garota elétrica, e ele deve carregar a m aldição desse am or.

Julian Jacos não se encolhe na parede dos fundos com os sanguenovos, tam pouco vai para o lado do sobrinho Cal. Continua perto do coronel, deixando que o bando abra cam inho para poder ver a transm issão do m elhor ângulo. Eu m e concentro em seus om bros enquanto ele se acom oda. Sua postura exala decadência prateada. As costas retas, perfeitas. Mesm o no uniform e gasto, desbotado pelo uso, com o cabelo grisalho e o olhar pálido e frio que todos adquirim os no subterrâneo, não há com o negar o que ele é. Outros sentem o m esm o. Os soldados em volta tocam as arm as no coldre, de olho no prateado. Os boatos são m ais incisivos quando o assunto é ele. É tio de Cal, irm ão da prim eira rainha de Tiberias VI, antigo tutor de Mare. Entrou nas nossas fileiras com o um fio de aço no m eio da seda. Entranhado, m as perigoso e fácil de arrancar.

Dizem que consegue controlar as pessoas com a voz e o olhar. Com o a prim eira rainha podia. Com o m uitos ainda podem .

Mais um a pessoa em quem eu nunca, j am ais, vou confiar. É um a lista longa.

— Vam os lá — o coronel vocifera, interrom pendo o m urm úrio baixo causado pela presença de Julian. As telas respondem na hora, agitando-se em m ovim ento.

Ninguém fala e o rosto do rei Maven surge nas telas.

Ele aparece no alto de seu trono gigantesco, no centro da corte prateada, com os olhos arregalados e convidativos. Sei que é um a cobra, então consigo ignorar o disfarce bem escolhido. Mas im agino que a m aioria do país não consiga ver através da m áscara de um j ovem destinado à grandeza, fazendo zelosam ente tudo o que pode por um reino à beira do caos. Ele é bonito. Não largo com o Cal, m as com um a form a elegante, um a escultura de feições expressivas e cabelo preto brilhante. Bonito, m as não atraente. Ouço alguém rabiscar anotações, talvez

registrando tudo na tela. Perm itindo que o resto de nós vej a sem restrições, concentrados apenas no horror que Maven está prestes a apresentar.

Ele se inclina para a frente, com a m ão estendida, conform e levanta para cham ar alguém .

— Venha para a frente, Mare.

As câmeras viram, girando suavemente para mostrar a em pé diante do rei.

Eu estava esperando ver trajes, mas em vez disso ela usa roupas elegantes com que eu nem poderia sonhar. Todo o seu corpo está coberto de pedras preciosas vermelhas e seda bordada. Tudo cintila enquanto ela percorre o grandioso corredor, abrindo caminho pela multidão de prateados reunidos para vê-la. Nada de coleira. De novo, vejo através da máscara. De novo, torço para que todos no reino também vejam — mas com o poderiam? Eles não a conhecem com o eu.

Não notam as olheiras sob seus olhos, que piscam a cada passo. Suas bochechas descarnadas. Os lábios tensos. Os dedos contraídos. O meu axilar cerrado. Mas é só isso que vejo. Quem sabe o que Cal, Kilorn ou os irmãos dela conseguem ver na garota elétrica?

O vestido cobre do pescoço até os punhos e os tornozelos. Provavelmente para esconder hematomas, cicatrizes e a minha arca do rei. Não é um vestido coisa nenhuma. É uma fantasia.

Não sou a única a prender a respiração com medo quando Mare se aproxima do rei. Ele pega sua mão e ela hesita para fechar os dedos. Apenas um fração de segundo, mas o bastante para confirmar aquilo que já sei. Isso não é escolha dela. Ou, se é, a alternativa era muito, muito pior.

Uma corrente de calor reverbera no ar. Kilorn faz o possível para se afastar de Cal sem chamar atenção, trocando em mim. Dou espaço com o posso.

Ninguém quer ficar perto demais do príncipe ardente se as coisas derem errado.

Maven não precisa dar o sinal. Mare conhece o rei e seus planos para entender o que quer. A câmera recua enquanto ela se desloca para a direita do trono. O que vejo agora é uma demonstração de força máxima. De um lado, Evangeline Samos, a noiva do rei, uma futura rainha em poder e aparência, e a garota elétrica do outro. Prateada e vermelha.

Outros nobres, os maiores das Grandes Casas, estão reunidos no tablado.

Nom es e rostos que não conheço, m as tenho certeza que m uitos aqui identificam .

Generais, diplom atas, guerreiros, conselheiros. Todos dedicados à nossa aniquilação total.

O rei volta ao trono, devagar, com os olhos focados no fundo da câm era e em nós.

— Antes de tudo, antes de com eçar este discurso — Maven gesticula, confiante e quase encantador —, quero agradecer aos hom ens e m ulheres com batentes, prateados e verm elhos, que protegem nossas fronteiras e estão agora m esm o nos defendendo de inim igos externos e internos. Eu saúdo os soldados de Corvium , os guerreiros leais que resistem aos ataques terroristas constantes e deploráveis da Guarda Escarlata. Estou com vocês.

— Mentiroso — alguém rosna na sala, m as logo ouve um *psiu*.

Na tela, Mare parece pensar o m esm o. Ela se esforça para não se contorcer nem deixar que seu rosto revele suas em oções. Funciona. Quase. Um

rubor surge em seu pescoço, parcialm ente escondido pela gola, que não é alta o bastante. Maven teria que colocar um saco na cara dela para esconder o que sente.

— Nos últim os dias, depois de m uita deliberação com m eu conselho e com as cortes de Norta, Mare Barrow de Palafitas foi sentenciada por seus crim es contra o reino. Ela foi acusada de hom icídio e terrorism o, e acreditam os que fosse o pior dos ratos que corroem nossas raízes.

— Maven ergue os olhos para ela, com o rosto im óvel e focado. Não quero saber quantas vezes praticou isso.

— Sua punição foi a prisão vitalícia, após interrogatório de m eus prim os da Casa Merandus.

Seguindo a deixa do rei, um hom em de azul-escuro dá um passo à frente.

Ele fica a centím etros de Mare, perto o bastante para encostar a m ão em qualquer parte de seu corpo. Ela fica paralisada, com pletam ente im óvel para não trem er.

— Sou Sam son da Casa Merandus e realizei o interrogatório de Mare Barrow.

À m minha frente, Julian leva a m ão à boca. O único indício de com o está abalado.

— Com o m urm urador, m minha habilidade m e perm ite ultrapassar as m entiras usuais e as distorções do discurso que m uitos prisioneiros utilizam .

Então, quando Mare Barrow nos contou a verdade sobre a Guarda Escarlata e seus horrores, confesso que não acreditei nela. Que fique registrado que m e enganei. O que vi em suas m em órias foi doloroso e arrepiante.

Outra rodada de m urm úrios percorre a sala, e outra rodada de *psius*. Mas a tensão ainda é grande, assim com o a confusão. O coronel se em pertiga, com os braços cruzados. Tenho certeza de que todos estão pensando sobre seus pecados e sobre o que esse panaca do Sam son está dizendo. De um lado, Farley bate o garfo contra o lábio, com os olhos estreitos. Murm ura um palavrão, m as não posso perguntar por quê.

Mare ergue o queixo, parecendo prestes a vom itar nas botas do rei. Aposto que é isso o que ela quer.

— Fui à Guarda Escarlata voluntariam ente — ela diz. — Disseram que m eu irm ão tinha sido executado enquanto servia nas legiões por um crim e que não com eteu. — A voz dela em barga com a m enção de Shade. Ao m eu lado, a respiração de Farley se acelera e ela afaga a barriga. — Me perguntaram se eu queria vingança pela m orte dele. Eu quis. Por isso, j urei fidelidade à causa e fui posicionada com o criada no Palacete do Sol.

“Vim ao palácio com o espiã verm elha, m as nem m esm o eu sabia que era diferente. Durante a Prova Real, descobri que possuía um a habilidade elétrica desconhecida. Depois de um a reunião, os finados rei Tiberias e rainha Elara decidiram m e hospedar, para estudar discretam ente o que eu era e, com sorte, m e ensinar. Eles m e disfarçaram de prateada para m e proteger. Sabiam que um a verm elha com poderes seria considerada um a aberração na m elhor das hipóteses e um a abom inação na pior, então esconderam m inha identidade para m e m anter a salvo dos preconceitos de verm elhos e prateados. Minha condição sanguínea era conhecida por poucos, incluindo Maven e Ca... o príncipe Tiberias.

“Mas a Guarda Escarlata descobriu o que eu era. Am eaçou m e expor publicam ente para, ao m esm o tem po, arruinar a credibilidade do

rei e m e colocar em risco. Fui obrigada a trabalhar para eles com o espíã, seguir suas ordens e facilitar sua infiltração na corte.”

A indignação na sala é m ais barulhenta agora e não pode ser silenciada tão fácil.

— Quanta baboseira — Kilorn resm unga.

Na tela, Mare continua:

— Minha m issão final era reunir aliados prateados para a Guarda Escarlata.

Fui instruída a focar no príncipe Tiberias, um com batente inteligente e herdeiro do trono de Norta. Ele foi... — Mare hesita, os olhos focados na câm era, m ovendo-se de um lado para o outro, à procura. Pelo canto do olho, vej o Cal abaixar a cabeça. — Ele foi facilmente convencido por m im . Tam bém auxiliei a Guarda Escarlata em seus planos para o Atentado Rubro, que deixou onze m ortos, e o bom bardeio da ponte de Archeon.

“Quando o príncipe Tiberias m atou seu pai, o rei Maven agiu rápido, tom ando a única decisão que considerou possível”, a voz dela vacila. Ao seu lado, Maven faz o possível para parecer triste com a m enção do pai assassinado. “Ele estava de luto e fom os sentenciados à execução na arena. Fugim os graças à Guarda Escarlata. Eles nos levaram para um a fortaleza num a ilha perto da costa de Norta.

“Lá, fui m antida com o prisioneira, assim com o o príncipe Tiberias e, com o vim a descobrir, o irm ão que eu pensava ter perdido. Assim com o eu, ele tinha um a habilidade; e, assim com o eu, era tem ido pela Guarda Escarlata. Eles planej avam nos m atar. Quando descobri que existiam outros com o nós e que a Guarda Escarlata estava caçando os cham ados sanguenovos para exterm iná-los, consegui fugir com m eu irm ão e alguns outros. O príncipe Tiberias veio conosco.

Agora sei que ele pretendia criar um exército para enfrentar o irm ão. Depois de alguns m eses, a Guarda Escarlata nos alcançou e m atou os poucos verm elhos com habilidades que conseguimos os encontrar. Meu irm ão foi assassinado no cam inho, m as eu fugi.”

Pela prim eira vez, o calor na sala não vem de Cal. Todos fervem de fúria.

Essa não é Mare. Essas não são palavras dela. Mas ainda assim sinto

tanta raiva quanto os outros. Com o pode dizer tais coisas? Eu preferiria cuspir sangue a endossar as m entiras de Maven. Ao m esm o tem po, que escolha Mare tinha?

— Sem ter aonde ir, m e entreguei ao rei Maven e à punição que considerasse j usta. — A determ inação dela vai se perdendo aos poucos, até lágrim as escorrerem de suas bochechas. Tenho vergonha de adm itir que elas m ais aj udam do que atrapalham seu discursinho. — Estou aqui agora com o prisioneira voluntária. Sinto m uito pelo que fiz, m as estou disposta a fazer o possível para deter a Guarda Escarlata e o futuro terrível que nos espreita. Essas pessoas não defendem ninguém além de si próprias e daqueles que podem controlar. Matam todos os outros, todos os que ficarem no cam inho. Todos os que são diferentes.

As últim as palavras travam , recusando-se a sair. Maven continua im óvel no trono; apenas sua garganta se m exe um pouco. Ele em ite um barulho que a

câm era não consegue captar, exigindo que Mare term ine da form a certa.

Mare Barrow ergue o queixo e olha fixam ente para a frente. Seus olhos parecem pretos de fúria.

— Nós, os sanguenovos, não servim os para a aurora.

Gritos e protestos irrom pem na sala, soltando indecências contra Maven, o m urm urador Merandus e até a garota elétrica.

— ... esse rei é um dem ônio cruel...

— ... preferia m e m atar a dizer...

— ... não passa de um a m arionete...

— ... traidora, pura e sim plesm ente...

— ... não é a prim eira vez que ela entra na dança deles...

Kilorn é o prim eiro a estourar, com os dois punhos cerrados.

— Vocês acham m esm o que ela queria fazer isso? — diz, com a voz alta o suficiente para ser ouvida, m as não severa. Seu rosto fica verm elho de frustração. Cal apoia a m ão em seu om bro, ficando ao seu lado. Isso deixa m uitos em silêncio, em particular os oficiais m ais j

ovens. Parecem constrangidos, arrependidos até, envergonhados por levar bronca de um menino de dezoito anos.

— Quietos, todos vocês! — o coronel urra, calando o restante. Ele vira para nos olhar feio com seus olhos diferentes. — O diabo ainda está falando.

— Coronel... — Cal resmungou. Seu tom é um pouco mais claro com o dia.

Em resposta, ele aponta para a tela. Na direção de Maven, não de Mare.

— ... oferecem os refúgio a todos que fogem do terror da Guarda Escarlata.

E aos sanguenovos entre vocês, escondendo-se do que parece ser puro e simples genocídio, minhas portas estão abertas. Instruí os palácios reais de Archeon, Harbor Bay, Delphie e Summerton, bem como as fortalezas militares de Norta, a protegê-los do massacre. Vocês terão comida, abrigo e, se desejarem, treinamentos. É minha obrigação proteger meus súditos e vou usar todos os recursos que tenho a oferecer. Mare Barrow não é a primeira a se juntar a nós e não será a última. — Ele tem a audácia arrogante de pousar a mão no braço dela.

Então foi assim que esse menino virou rei. Ele não é apenas cruel e desalmado, mas simplesmente genial. Se não fosse a raiva fervilhando em mim, ficaria impressionada. Sua manobra vai causar problemas para a Guarda, claro, mas os sanguenovos que ainda estão à solta me preocupam mais. Fomos recrutados por Mare e sua revolução diante das poucas opções. Agora, parece que tem os meus. A Guarda ou o rei. Ambos nos veem com o mesmo fim.

Amos vão fazer com que sejam os mortos. Mas apenas um lado vai nos manter acorrentados.

Olho por cima do ombro, à procura de Ada. Os olhos dela estão fixos na tela, me encarando facilmente todos os tipos e inflexões para que sejam analisados mais tarde. Assim como eu, ela franze a testa, pensando na preocupação mais grave que nenhum membro da Guarda Escarlata tem ainda.

O que vai acontecer com pessoas como nós?

— À Guarda Escarlata, digo apenas isto — Maven acrescenta,

levantando-se do trono. — Sua aurora é pura escuridão e já mais vai conquistar este país.

Lutarem os até o fim . Força e poder.

No tablado e em todo o restante da sala do trono, o canto ecoa de todas as bocas. Incluindo a de Mare.

— Força e poder.

A irmã vem se meter por um segundo, ficando gravada em todas as paredes. Vermelho e prateado, a garota elétrica e o rei Maven, unidos contra o grande mal em que nos transformaram . Sei que não é escolha de Mare, mas é culpa dela. Não percebeu que ele a usaria se não a metera.

Cal disse antes que Mare nunca tinha pensado que o rei faria aquilo com ela, referindo-se ao interrogatório. Os dois são uns fracotes quando o assunto é Maven, e essa fraqueza continua a nos atrapalhar.

No Furo, Mare dava o melhor de si para meter e treinar. Pratico aqui quando posso, junto com outros sanguenovos que estão descobrindo seus próprios limites.

Cal e Julian tentam ajudar, mas eu e muitos outros odiam os a tutela deles. Além disso, encontrei outra pessoa para meter e acompanhar.

Sei que a força, se não o controle, do meu poder cresceu. Sinto-o agora, formando sob a pele, um vazio abençoado para acalmar o caos à minha volta.

O poder insiste e cerro o punho contra ele, mas entendo o silêncio abafado. Não posso voltar minha raiva contra as pessoas nesta sala. Elas não são o inimigo.

Quando as telas ficam pretas, sinalizando o fim do discurso, uma dezena de vozes soa ao mesmo tempo. A mão de Cal bate contra a mesa diante dele. O

príncipe exilado se vira, murmurando consigo mesmo.

— Já vi o bastante — é o que acho que diz antes de abrir caminho para fora da sala. *Idiota*. Cal conhece o próprio irmão. Consegue dissecar as palavras de Maven melhor do que todos nós.

O coronel também sabe disso.

— Traga-o de volta — ele m urm ura, inclinando-se para falar com Julian. O

prateado faz que sim , saindo discretamente para buscar o sobrinho. Muitos param de falar para vê-lo.

— Capitã Farley, qual é sua opinião? — o coronel pergunta, com a voz cortante cham ando a atenção de volta para o lugar certo. Ele cruza os braços e se vira para a filha.

Farley retom a a concentração, aparentemente inabalada pelo discurso. Ela engole um pedaço de batata.

— A resposta natural seria fazer um a transm issão nossa. Negar as acusações de Maven, m ostrando ao país aqueles que salvam os.

Usar a gente com o propaganda. Fazer exatamente o que Maven está fazendo com Mare. Sinto um frio na barriga com a ideia de ser levada para a frente das câm eras, forçada a entoar elogios a pessoas que m al consigo tolerar e em que não confio plenamente.

O coronel faz que sim .

— Concordo...

— Mas não acho que sej a o caminho certo — ela conclui.

O coronel ergue a sobrancelha sobre o olho ruim .

Farley tom a isso com o um convite para continuar.

— Vão ser apenas palavras. Nada de útil no fim das contas, considerando o

que está acontecendo. — Ela tam borila os dedos nos lábios e quase consigo ver as engrenagens rodando na sua cabeça. — Acho que deixam os Maven continuar falando, enquanto continuam os fazendo. Nossa infiltração em Corvium j á está dando problemas para o rei. Viu com o ele deu destaque à cidade? Ao exército dele ali? Está tentando levantar o m oral. Por que o faria se não precisasse?

No fundo da sala, Julian retorna, com a m ão no ombro de Cal. Eles têm a m esm a altura, em bora Cal pareça uns vinte quilos m ais forte que o tio. O presídio de Corros custou caro para Julian, com o para todos nós.

— Tem os m uitas informações sobre Corvium — Farley acrescenta.

— E a im portância da cidade para o Exército de Norta, sem m encionar o m oral dos prateados, a torna o lugar perfeito.

— Para quê? — eu m e ouço perguntar, surpreendendo todos na sala, inclusive eu m esm a.

Farley é boa o bastante para se dirigir diretam ente a m im .

— O prim eiro ataque. A declaração de guerra oficial da Guarda Escarlata contra o rei de Norta.

Um ganido estrangulado sai de Cal, não o tipo que se esperaria de um príncipe ou soldado. Seu rosto fica pálido, os olhos arregalados com o que só pode ser m edo.

— Corvium é um a fortaleza. Um a cidade construída com o único obj etivo de sobreviver a um a guerra. Tem m il oficiais prateados lá dentro, soldados treinados para...

— Organizar. Com bater hom ens de Lakeland. Ficar atrás de um a trincheira e m arcar lugares no m apa — Farley retruca. — Diga se estou errada, Cal. Diga que os prateados estão preparados para um a luta dentro das próprias m uralhas.

O olhar que ele lança poderia trespassar qualquer pessoa, m as Farley se m antém firm e. Ou fortalece sua oposição.

— É suicídio, para vocês e para todos no seu cam inho — ele diz. Farley dá risada diante da evasiva descarada, incitando-o a continuar. Cal se controla bem , com o um príncipe ardente relutando a queim ar. — Não vou fazer parte disso

— ele diz. — Boa sorte atacando Corvium sem nenhum a inform ação m inha.

As em oções de Farley não precisam ser controladas por causa de um poder prateado. A sala não vai queim ar com ela, por m ais que seu rosto fique verm elho.

— Graças a Shade Barrow, j á tenho tudo de que preciso!

Esse nom e costum a trazer as pessoas de volta à razão. Lem brar de Shade é lem brar de com o ele m orreu e o que isso fez com as pessoas que am ava. No caso de Mare, sua m orte a tornou fria e vazia, um a pessoa sem pre disposta a se entregar para im pedir que seus am igos e fam iliares tivessem o m esm o destino.

No caso de Farley, deixou-a sozinha em suas em preitadas, focada apenas na Guarda Escarlata. Não fazia m uito tem po que eu conhecia as duas quando ele m orreu, m as, m esm o assim , lam ento por quem eram . A perda transform ou as duas, e não para m elhor.

Farley se obriga a vencer a dor que a m em ória de Shade lhe traz, ao m enos para esfregar a questão no nariz de Cal.

— Antes de fraudarm os a execução dele, Shade era nosso principal agente

em Corvium . Ele usava sua habilidade para nos fornecer o m áxim o de inform ações possível. Não pense por um segundo que você é o único que dá as cartas aqui. Não pense por um segundo que é o único ás que tem os na m anga

— Farley fala com firm eza. Então se volta para o coronel. —
Aconselho um ataque, usando os sanguenovos, soldados verm elhos e os infiltrados na cidade.

Usando os sanguenovos. Essas palavras ardem , ofendem e queim am , deixando um gosto am argo na m inha boca.

Acho que é m inha vez de sair da sala batendo a porta.

Cal m e observa ir, com a boca fechada num a linha firm e e som bria.

Você não é o único que consegue ser dramático, penso enquanto o deixo para trás.



OITO

Mare

NÃO DIFICULTO QUANDO OS ARVEN vêm m e tirar do tablado. Ovo e Trio m e pegam pelos braços, deixando Tigrina e Trevo para trás. Meu corpo fica anestesiado enquanto m e escoltam para longe dos outros. *O que fiz?* , m e pergunto. *O que isso vai causar?*

Em algum lugar, os outros m e viram . Cal, Kilorn, Farley, m inha família.

Eles acompanharam tudo. A vergonha quase me fez vomitar em todo o meu maravilhoso e meu aldito vestido. Me sinto pior do que quando li as Medidas do antigo rei, condenando inúmeras pessoas ao recrutamento com o punição pelos atos da Guarda Escarlata. Mas, na época, todos sabiam que aquilo não era coisa minha. Eu era apenas a mensageira.

Os Arven me empurraram adiante. Não pelo caminho que vim, mas para trás do trono, passando por um batente e por todos os que nunca vi.

O primeiro é claramente mais um a câmara do conselho, com uma longa mesa com tapete de madeira rodeada por mais de dez cadeiras luxuosas. Uma é entalhada em pedra, uma construção fria e cinza. Para Maven. A sala está fortemente iluminada, inundada pelo pôr do sol de um lado. As janelas dão para o oeste, para longe do rio, com vista para as muralhas do palácio e as colinas suaves cobertas pela floresta enevoadas.

No ano passado, eu e Kilorn cortamos o gelo do rio para ganhar uns trocados, correndo o risco de nos queimarmos. Isso durou uma semana, até eu concluir que era um desperdício do nosso tempo. Que estranho perceber que passou apenas um ano. Parece uma vida.

— Com licença — diz uma voz baixa, vindo do único assento nas sombras.

Viro na direção da voz e vejo o Jon levantar da cadeira, com um livro na mão.

O vidente. Seus olhos vermelhos brilham com uma luz interna que não consigo identificar. Pensei que fosse um aliado, um sanguenovo com uma habilidade tão estranha quanto a minha. Ele é mais poderoso do que um observador, capaz de enxergar mais longe no futuro do que qualquer prateado.

Agora, está diante de mim com o meu inimigo, depois de nos denunciar a Maven.

Sinto seu olhar com as agulhas incandescentes queimando minha pele.

Ele é a razão pela qual conduzi meus amigos ao presídio de Corros, a razão pela qual meu irmão não está morto. Vê-lo ainda o torpor gelado em bora. Todo o vazio é substituído por um calor elétrico, lívido. Só quero acertar sua cara com o que tiver à disposição. Mas me sinto

em rosnar.

— É bom ver que Maven não m antém todos os bichinhos de estim ação na coleira.

Jon só pisca na m inha direção.

— É bom ver que você não está tão cega quanto antes — ele responde quando passo.

Quando o conhecem os, Cal nos avisou que as pessoas ficavam m alucas quando conheciam o futuro. Ele tinha total razão e não vou cair nessa arm adilha de novo. Viro as costas, resistindo ao im pulso de dissecar suas palavras escolhidas com cuidado.

— Pode m e ignorar o quanto quiser, srta. Barrow. Não sou problem a seu

— ele acrescenta. — Só um a pessoa aqui é.

Olho por cim a do om bro, m eus m úsculos se m ovendo antes que m eu cérebro possa reagir. É claro que Jon fala antes de m im , roubando as palavras da m inha boca.

— Não, Mare, não estou falando de você m esm a.

Nós o deixam os para trás, seguindo para onde quer que eu estej a sendo levada. O silêncio é um a tortura tão grande quanto as palavras de Jon, pois não proporciona nenhum a outra distração. Ele está falando de Maven, percebo agora.

Não é difícil adivinhar a insinuação. E o alerta.

Partes de m im , partes pequenas, continuam apaixonadas por um a ficção.

Um fantasm a dentro de um garoto que não consigo desvendar. O fantasm a que sentou ao pé da m inha cam a enquanto eu sofria sonhando. O fantasm a que m anteve Sam son fora da m inha m ente pelo m aior tem po que pôde, adiando um a tortura inevitável.

O fantasm a que m e am a, do seu j eito perverso.

Sinto esse veneno agindo em m im .

Com o desconfio, os Arven não m e levam de volta ao quarto. Tento m em orizar o cam inho, notando portas e passagens que saem das m

uitas câmaras e salões do conselho nesta ala do palácio. São os apartamentos reais, com cada centímetro mais decorado que o outro. Estou mais interessada nas cores que dominam os cômodos em vez dos móveis em si. Vermelho, preto e prata real.

São as cores da Casa Calore reinante. Azul-marinho também, o tom que me dá enjoo. Representa Elara; morta, mas ainda presente.

Finalmente paramos numa biblioteca pequena mas bem abastecida. O sol do fim da tarde entra apesar das cortinas pesadas. Partículas de pó dançam nos raios vermelhos, cinzas sobre uma chama que se apaga. Sinto que estou dentro de um coração, cercada de vermelho-sangue. Percebo que este é o escritório de Maven. Luto contra o impulso de sentar na cadeira de couro atrás da mesa envernizada. Roubar algo dele. Talvez isso faça com que me sinta melhor, mesmo que só por um instante.

Em vez disso, observo o que posso, absorvendo tudo ao redor com olhos

arregalados e fascinados. As tapeçarias escarlates trabalhadas com fios pretos e cinza cintilantes estão penduradas entre retratos e fotografias dos ancestrais Calore. A Casa Merandus não é tão evidente aqui, representada apenas por uma bandeira azul e branca pendurada no teto abobadado. As cores das outras rainhas também estão presentes, algumas brilhantes, outras desbotadas, outras esquecidas. Exceto pelo amarelo dourado da Casa Jacos, que não está em lugar nenhum.

Coriane, a mãe de Cal, foi apagada deste lugar.

Procuro fotos rapidamente, embora não saiba ao certo o que estou buscando. Nenhum dos rostos me parece familiar, tirando o do pai de Maven.

Sua pintura, maior do que o restante, com seu olhar furioso, sobre a lareira vazia, é difícil de ignorar. Ainda envolta de preto, um sinal de luto. Ele está morto há poucos meses.

Vejo o Cal em seu rosto e Maven também. O mesmo nariz reto, as maçãs do rosto altas e o cabelo preto, grosso e brilhante. Traços familiares, a julgar pelos outros retratos dos reis Calore. Tiberias V se sobressai por ser impressionantemente bonito. Mas os pintores não são pagos para deixar os retratados feios.

Não é nenhum a surpresa que Cal não esteja representado. Assim como a mãe, ele foi removido. Alguns espaços estão visivelmente vazios

e suponho que os ocupava. Afinal, Cal era o primogênito, o filho favorito do rei. Não é nenhum a surpresa que Maven tenha tirado seus retratos. Sem dúvida, botou fogo em todos.

— Com o vai a cabeça? — pergunto para Ovo, abrindo um sorriso irônico e vazio.

O silenciador responde com um a encarada e m eu sorriso se abre m ais. Vou guardar a m em ória dele estatelado no chão, eletrocutado até desm aiar.

— Acabaram os trem ores? — insisto, balançando a m ão com o se fosse seu corpo. Mais um a vez fico sem resposta, m as seu pescoço fica prateado de raiva.

Isso basta para m e entreter. — Caram ba, hein? Aqueles curandeiros de pele são bons.

— Está se divertindo?

Maven entra sozinho, estranham ente pequeno em com paração com sua figura no trono. Seus sentinelas devem estar por perto, à porta do escritório. Ele não é tolo o bastante para ir a qualquer lugar sem eles. Com a m ão, faz um gesto m andando os Arven saírem do aposento. Eles vão rápido, silenciosos com o ratos.

— Não tenho m uitas oportunidades de entretenim ento — digo quando eles desaparecem . Pela m ilésim a vez hoj e, am aldiçoo a presença das algem as. Sem elas, Maven estaria tão m orto quanto a m ãe. Em vez disso, sou obrigada a suportá-lo em toda a sua glória repulsiva.

Ele sorri para m im , gostando da piada som bria.

— É bom ver que nem m esm o eu consigo m udar você.

Para isso, não tenho resposta. São incontáveis as form as com o Maven m e m udou, destruindo a garota que eu era.

Com o desconfiei, ele avança para a m esa e senta com um a graça fria e treinada.

— Preciso pedir desculpas pela m inha grosseria, Mare. — Acho que

arregalo os olhos, porque ele dá risada. — Já passou m ais de um m ês desde o seu aniversário e não te dei nada. — Assim com o fez com os

Arven, ele gesticula para que eu sente à sua frente.

Surpresa, trêm ula e ainda em choque pela m inha pequena encenação, obedeço.

— Acredite — m urm uro —, não preciso de nenhum novo horror que tenha para m e dar — m urm uro.

Seu sorriso cresce.

— Desse você vai gostar, prom eto.

— Não sei por quê, m as duvido m uito.

Sorrindo, ele enfia a m ão em um a gaveta da escrivaninha. Sem cerimônia, j oga um retalho de seda para m im . Preto, bordado com flores vermelhas e douradas. Pego o pano afoita. Obra de Gisa. Passo-o entre os dedos. Ainda parece suave e fresco, em bora esperasse algo viscoso, corrom pido, envenenado pela posse de Maven. Mas é um pedaço dela. Perfeito em sua beleza feroz, im pecável, um lem brete de m inha irm ã e de nossa família.

Maven m e observa virar e revirar a seda.

— Tiram os isso de você quando a prendem os pela prim eira vez. Enquanto estava inconsciente.

Inconsciente. Aprisionada em m eu próprio corpo, torturada pelo peso do sonador.

— Obrigada — m e forço a dizer com rigidez. Com o se tivesse m otivo para agradecer por qualquer coisa.

— E...

— E?

— Ofereço um a pergunta a você.

Pestanej o, confusa.

— Você pode m e fazer um a pergunta e vou responder com sinceridade.

Por um segundo, não acredito nele.

Sou um homem de palavra. Quando quero. Ele falou isso um a vez e se

m antém firm e. É realm ente um presente, se cum prir a prom essa.

A prim eira pergunta surge sem pensar. *Eles estão vivos? Você realmente permitiu que fossem embora e os deixou em paz?* Isso quase sai dos m eus lábios antes que eu perceba que seria um desperdício. É claro que escaparam . Se Cal estivesse m orto, eu saberia. Maven estaria se vangloriando ou alguém teria m encionado. E ele está preocupado dem ais com a Guarda Escarlata. Se os outros tivessem sido capturados depois de m im , o rei saberia m ais e tem eria m enos.

Maven inclina a cabeça, observando m eus pensam entos com o um gato observa um rato. Está adorando isso, o que m e causa arrepios.

Por que me dar isso? Por que me deixar perguntar? Outra pergunta quase desperdiçada. Porque tam bém sei a resposta. Maven não é quem achei que fosse, m as isso não significa que não conheça partes dele. Consigo adivinhar suas intenções, por m ais que queira estar errada. Essa é a form a dele de se explicar.

Um a m aneira de m e fazer entender o que fez e por que continua fazendo. Ele sabe que pergunta vou acabar criando coragem para fazer. É um rei, m as um garoto tam bém , sozinho num m undo criado por suas próprias m ãos.

— Até que ponto foi ideia dela?

Ele não pestanej a. Me conhece bem dem ais para ficar surpreso. Algum a garota m ais tola ousaria ter esperança — acreditaria que ele era a m arionete de um a m ulher m á e agora estava abandonado, perdido. Seguindo um cam inho que não fazia ideia de com o m udar. Por sorte, não sou tão idiota assim .

— Dem orei para com eçar a andar, sabia? — Ele não está olhando para m im , m as para a bandeira azul acima de nós. Ricam ente enfeitada com pérolas brancas e pedras preciosas, condenada a j untar pó em m em ória de Elara. — Os m édicos e até m eu pai disseram para m inha m ãe que eu ia m e desenvolver no m eu próprio tem po. Que aconteceria um dia. Mas “um dia” era tarde dem ais para ela. Não podia ser um a rainha com um filho lento. Não depois que Coriane dera ao reino um príncipe com o Cal, sem pre sorridente, falante, risonho e perfeito. Ela m andou despedir m inha am a, culpou a m ulher pelos m eus defeitos e assum iu a tarefa de m e fazer ficar em pé. Não lem bro disso, m as ela m e contou essa história várias vezes. Achava que era prova de seu am or por m im .

Sinto um frio na barriga, em bora não entenda o porquê. Algo m e diz

para levantar, para sair desta sala para os braços dos guardas que me aguardam .

Outra mentira, outra mentira, digo a mim mesma. *Construída com habilidade, como só ele é capaz*. Maven não consegue olhar para mim . Sinto a vergonha no ar.

Seus olhos perfeitos de gelo lacrimejam , mas faz tempo que me endureci para suas lágrimas. A primeira fica presa em seus cílios escuros, uma gota oscilante de cristal.

— Eu era um bebê e ela entrou na minha cabeça à força. Fez meu corpo levantar, andar e cair. Fazia isso todo dia, até eu começar a chorar quando ela entrava. Até aprender a andar sozinho. Por medo. Mas isso também pouco servia. Um bebê chorando toda vez que sua mãe o abraçava? — Ele abanou a cabeça.

— Depois de um tempo, ela extraiu esse medo também . — Seus olhos escurecem . — Assim como muitas outras coisas. Você quer saber até que ponto foi ideia minha? — ele sussurra. — Até certo ponto. O suficiente.

Mas não tudo.

Não suportaria isso. Com meus entos desequilibrados, pelo peso das algemas e pelo aperto doentio no meu coração, levanto com dificuldade.

— Você não pode continuar botando a culpa nela, Maven — sibilo, andando para trás. — Não me minta para mim dizendo que está fazendo isso por causa de uma mulher morta.

Tão rápido quanto suas lágrimas vieram , elas desaparecem . Secas, como se nunca tivessem existido. A rachadura em sua máscara se fecha. *Que bom*. Não quero ver o garoto atrás dela.

— Não estou entendendo — ele diz devagar, cortante. — Ela está morta agora. Minhas escolhas são só minhas. Disso tenho absoluta certeza.

O trono. Sua cadeira na câmara do conselho. Móveis simples com parados ao trabalho artístico dos cristais de diamante ou do veludo em que seu pai se sentava. Talhados em blocos de pedra, simples, sem pedras ou metais preciosos. E agora entendo o porquê.

— Pedra Silenciosa. Você tomou todas as suas decisões sentado ali.

— Você não faria o mesmo? Com a Casa Merandus olhando tão de perto?

— Ele se inclina para trás, pousando o queixo na minha mão. — Já cansei do que os meus uradores chamam de “conselhos”. Tive isso a vida toda.

— Que bom — desabafo. — Agora você não tem ninguém para culpar por sua maldade.

Um lado da boca dele se ergue num sorriso fraco e condescendente.

— Se é o que você pensa.

Resisto ao impulso de pegar qualquer coisa e tacar na cabeça dele, apagando seu sorriso da face da Terra.

— Se ao menos eu pudesse te matar e pôr um fim nisso tudo.

— Assim você me mata. — Ele estala a língua, irônico. — E depois o quê? Você fugiria de volta para sua Guarda Escarlata? Para meu irmão? Samson o viu várias vezes nos seus pensamentos. Sonhos. Lembranças.

— Você continua fixado em Cal, mesmo tendo vencido? — É uma carta fácil de jogar. Seu sorriso me irrita, mas o meu também o provoca. Sabem os dois com o alfinetar um ao outro. — É estranho você se esforçar tanto para ser com ele.

É a vez de Maven levantar, as mãos firmes sobre a mesa enquanto se ergue para olhar em meus olhos. Um canto de sua boca se contorce, formando um sorriso amargo de desprezo.

— Estou fazendo o que meu irmão já jamais conseguiria fazer. Cal segue ordens, mas não consegue tomar decisões. Você sabe disso tão bem quanto eu.

— Seu olhar flutua, encontrando um ponto vazio na parede. Procurando pelo rosto de Cal. — Não importa o quão maravilhoso você pense que ele é, tão sedutor, corajoso e perfeito. Ele seria um rei muito pior do que eu.

Quase concordo. Passei vários meses vendo Cal em cima do muro entre a Guarda Escarlata e seu sangue prateado, recusando-se a matar e recusando-se a nos pedir, nunca escolhendo um lado. Mesmo tendo visto o horror e a injustiça, ele não assumia uma posição. Mas Cal não é Maven. Não é nem de perto tão perverso quanto ele.

— Só ouvi um a pessoa descrever Cal com o perfeito. Você — digo com calma. Isso só o enfurece mais. — Acho que tem certa obsessão por ele. Vai botar a culpa disso na sua mãe também ?

Era para ser uma piada, mas, para Maven, é tudo menos isso. Seu olhar vacila apenas por um instante. Um instante terrível. Sem querer, sinto meus olhos se arregalarem e meu coração se apertar no peito. Ele não sabe. Realmente não sabe quais partes de sua mente são suas e quais foram criadas por ela.

— Maven — não consigo deixar de sussurrar, com medo do que posso ter descoberto sem querer.

Ele passa a mão no cabelo escuro, puxando os fios até se arrepiarem. Um silêncio estranho se estende, deixando ambos expostos. Sinto como se tivesse entrado onde não deveria estar, invadindo um lugar aonde não queria ir.

— Saia — ele diz finalmente, com a voz trêmula.

Não me move, absorvendo o que posso. *Para usar depois*, digo a mim mesma. Não porque esteja atônita demais para sair. Não porque sinto uma onda inacreditável de paixão pelo príncipe fantasma.

— Eu me andei você sair.

Estou acostumada com a raiva de Cal aquecendo o ambiente. A raiva de Maven congela tudo, e um calafrio percorre minha espinha.

— Quanto mais você os deixar esperando, pior vai ser — diz Evangeline Samos, chegando na melhor e na pior hora.

Ela está resplandecente em sua tormenta usual de metal e espelhos, com a longa capa atrás. Reflete o vermelho da sala, cintilando em carmesim e escarlata, brilhando a cada passo. Enquanto a observo, com o coração me martelando no peito, a capa se abre e se reformula diante dos meus olhos, cada metade envolvendo uma de suas pernas musculosas. Ela abre um sorriso perverso, deixando que eu observe, enquanto seu vestido se transforma numa armadura imponente. O novo traje também é extremamente belo, digno de uma rainha.

Assim como antes, não sou problema dela, e Evangeline desvia sua atenção de mim. Ela identifica a tensão no ar e a agitação de Maven. Seus olhos se estreitam. Assim como eu, Evangeline analisa o jovem rei. Assim como eu, vai usar isso a seu favor.

— Maven, você m e escutou? — Ela dá alguns passos ousados, rodeando a m esa para ficar ao lado dele. O rei inclina o corpo, fugindo do toque dela. — Os governadores estão esperando, e m eu pai tam bém ...

Com um a determ inação violenta, Maven pega um a folha de papel da m esa.

A j ulgar pelas assinaturas floreadas ao pé da página, deve ser algum tipo de petição. Ele encara Evangeline, estendendo o papel longe do corpo enquanto gira o pulso, soltando faíscas de seu bracelete. Elas acendem em dois arcos de cham a, dançando pela petição feito facas quentes na m anteiga. O papel se desintegra em cinzas, suj ando o chão brilhante.

— Diga ao seu pai e às m arionetes dele o que penso da proposta.

Se está surpresa com a atitude dele, Evangeline não dem onstra. Em vez disso, suspira e avalia as unhas. Observo-a de soslaio, com total noção de que vai m e atacar se eu respirar alto dem ais. Fico em silêncio, de olhos arregalados, desej ando ter notado a petição antes. Desej ando saber o que está escrito ali.

— Cuidado, m eu querido — Evangeline diz, com a voz nada carinhosa.

— Um rei sem apoiadores não é rei.

Ele se aproxim a dela, rápido o bastante para pegá-la desprevenida. Os dois têm quase a m esm a altura e se encaram praticam ente olho no olho. Fogo e ferro.

Não acho que ela vá estrem ecer, não diante de Maven, o m enino, o príncipe com quem ela treinava. Maven não é Cal. Mas as pálpebras de Evangeline vacilam , os cílios pretos batendo contra a pele branca e prateada, revelando um laivo de m edo que ela quer esconder.

— Não pense que sabe que tipo de rei eu sou, Evangeline.

Ouçõ sua m ãe nas palavras dele, e isso a assusta tanto quanto a m im .

Então, Maven volta os olhos para m im . O m enino confuso de um m om ento atrás desapareceu outra vez, substituído por um a pedra viva e um olhar gélido. O

mesmo vale para você, seu rosto diz.

Ainda que não queira mais nada além de sair correndo da sala, continuo plantada ali. Ele tirou tudo de mim, mas não vou lhe entregar meu medo nem minha dignidade. Não vou fugir agora. Muito menos na frente de Evangeline.

Ela volta a olhar para mim, analisando todo o meu corpo. Memorizando minha aparência. Deve me enxergar por trás do toque da curandeira, os hematomas ganhos em minha tentativa de fuga, as olheiras permanentes.

Quando foca na minha clavícula, levo um momento para entender por quê. Seus lábios se abrem apenas um pouco, no que só pode ser surpresa.

Furiosa, envergonhada, puxo a gola do vestido para cobrir a minha arca. Mas não desvio os olhos dela enquanto faço isso. Evangeline também vai tirar meu orgulho também.

— Guardas — Maven diz finalmente, dirigindo a voz para a porta. Quando os Arven obedecem, estendendo as luvas para me levar, Maven aponta o queixo para Evangeline. — Você também.

Ela não aceita isso bem, claro.

— Não sou uma prisioneira para receber ordens de ir e vir...

Sorrio enquanto os Arven me puxam para longe. A porta se fecha, mas a voz de Evangeline ecoa atrás de nós. *Boa sorte, penso. Maven se importa menos com você do que comigo.*

Meus guardas apertam o passo, obrigando-me a acompanhar o ritmo. É

difícil nesse vestido justo, mas dou um jeito. Agarro firme o pedaço de seda de Gisa, me acio contra minha pele. Resisto ao impulso de cheirar o tecido, caçar qualquer resquício da minha irmã. Olho para trás, na esperança de ver quem exatamente está esperando uma audiência com o rei perverso. Em vez disso, vejo apenas sentinelas, com máscaras pretas e uniformes cor de fogo, montando guarda na porta do escritório.

Ela se abre violentamente, estremecendo nas dobradiças antes de bater com um estrondo. Para uma menina criada com o nobre, Evangeline tem dificuldade em controlar seu temperamento. Me

pergunto se m inha antiga instrutora de etiqueta, Lady Blonos, j á tentara ensiná-la. A im agem quase m e faz rir, trazendo um raro sorriso aos m eus lábios. Dói, m as não m e im porto.

— Guarde seus sorrisinhos, garota elétrica — Evangeline rosna, dobrando a velocidade.

A reação dela só m e instiga ainda m ais, apesar do perigo. Rio descaradam ente enquanto m e viro. Nenhum dos guardas diz um a palavra, m as apertam um pouco o passo. Não querem testar um a m agnetron louca para arranjar briga.

Evangeline nos alcança m esm o assim , dando a volta por Ovo para se plantar diante de m im . Os Arven param , m e segurando entre eles.

— Caso não tenha notado, estou um pouco ocupada — digo, apontando para os guardas que seguram m eus braços. — Não tenho m uito tem po livre para discussões na m inha agenda. Vá incom odor alguém que possa revidar.

Seu sorriso se abre, afiado e brilhante com o as escamas de sua armadura.

— Não subestime e a si m esm a. Você ainda tem m uita energia para brigar.

— Então, ela se inclina para a frente, invadindo m eu espaço com o fez com Maven. Um a forma fácil de m ostrar que não tem m edo. Permeaneço firme, m e obrigando a não trem er, m esm o quando ela tira um a escama afiada da armadura com o um a pétala de flor. — Torço para isso, pelo m enos

— Evangeline sussurra.

Com um gesto cuidadoso, ela corta a gola do m eu vestido, tirando um pedaço de escarlate bordado. Resisto ao im pulso de cobrir o *M* gravado na m inha pele, sentindo um rubor ardente de vergonha subir pela m inha garganta.

Seus olhos se demoram , traçando as linhas ásperas da m arca de Maven. De novo, ela parece surpresa.

— Isso não parece um acidente.

— Mais algum a observação brilhante que gostaria de com partilhar?

— m urm uro entredentes.

Sorrindo, Evangeline recoloca a escama no corpete.

— Não com você. — É um alívio quando ela recua, deixando alguns centímetros valiosos entre nós. — Elane?

— Sim, Eve? — diz uma voz, vinda de lugar nenhum.

Levo um susto quando Elane Haven se materializa atrás dela, aparentemente do nada. Uma sombria, capaz de manipular a luz, poderosa o bastante para se tornar invisível. Queria saber há quanto tempo está conosco.

Será que estava no escritório? Teria entrado com Evangeline ou antes? Talvez tivesse nos observado o tempo todo. Até onde sei, Elane poderia muito bem ter sido minha sombra desde o momento em que cheguei aqui.

— Alguém já tentou colocar um sininho em você? — ataco, ao menos para esconder meu desconforto.

Elane abre um sorriso bonito e controlado que não é nem um pouco sincero.

— Uma ou duas vezes.

Assim como o Sonya, conheço Elane. Passam os muitos dias juntas no treinamento, sempre em lados opostos. Ela é outra amiga de Evangeline, meninas espertas o bastante para se aliar à futura rainha. Seu vestido e suas jóias são de um preto escuríssimo. Não de luto, mas porque são as cores da Casa Haven. Seu cabelo é ruivo como o meu e o meu, um tom de cobre brilhante que contrasta com os olhos escuros e a pele que parece turva, perfeita e impecável. A luz em volta dela é manipulada com cuidado, dando-lhe um brilho celestial.

— Terminamos aqui — Evangeline diz, virando para focar em Elane.

— Por enquanto.

Ela me lança um último olhar afiado para deixar isso claro.



Mare

SER UMA BONECA É ESTRANHO. Passo m ais tem po na prateleira do que sendo usada. Mas, quando sou obrigada, sigo os comandos de Maven — ele sustenta seu acordo enquanto o obedeco. Afinal, é um homem de palavra.

O primeiro sangüenovo busca refúgio em Ocean Hill, o palácio de Harbor Bay. Com o Maven prometido, recebe proteção total do famigerado terror da Guarda Escarlata. Alguns dias depois, o pobre coitado, Morritan, é escoltado até Archeon e apresentado ao rei em pessoa. O encontro é exibido por toda parte. A identidade e a habilidade de Morritan são bem conhecidas na corte agora. Para a surpresa de muitos, ele é um ardente, com o os descendentes da Casa Calore.

Mas, ao contrário de Cal e Maven, não precisa de um bracelete para criar chamas, nem mesmo o de uma faísca. Ele cria o fogo, assim como o cria eletricidade.

Preciso assistir a tudo, sentada numa cadeira dourada com o resto do séquito real. Jon, o vidente, senta ao meu lado, com os olhos vermelhos, em silêncio. Por serem os dois primeiros sangüenovos a se aliar ao rei prateado, ocupam os lugares de honra ao seu lado, depois de Evangeline e Samson Merendus. Mas apenas Morritan presta atenção em nós. Conforme se aproxima, diante dos olhos da corte e de uma dezena de câmeras, seu olhar está sempre comigo. Ele trem e, com medo, mas algo na minha presença o impede de fugir, faz com que continue caminhando. Está claro que acredita no que Maven me obrigou a dizer. Acredita que a Guarda Escarlata caçou todos nós. Até se ajoelha e faz o juramento ao Exército de Maven, para treinar com os oficiais prateados.

Para lutar por seu rei e por seu país.

A parte mais difícil é ficar parada e em silêncio. Apesar dos meus braços desengonçados, da pele dourada e das minhas pernas calejadas pelos anos de trabalho com o criado, ele parece um coelhinho entrando direto numa armadilha. Basta eu soltar uma palavra errada e a armadilha se fecha.

Outros vêm depois.

Dia após dia, sem ana após sem ana. Às vezes um, às vezes dez. Eles

vêm de

todos os cantos da nação, fugindo para a falsa segurança do rei. A maioria porque tem medo, mas alguns porque são tolos o bastante para desejar um lugar aqui.

Querem abandonar uma vida de opressão e alcançar o impossível. Dá para entender. Afinal, durante toda a vida, ouvimos os que os prateados são nossos mestres, nossos superiores, nossos deuses. E, agora, eles são misericordiosos o bastante para deixar que vivamos em seu paraíso. Quem não tentaria se juntar a eles?

Maven representa bem seu papel. Recebe todos com os irmãos e irmãs, abrindo sorrisos largos, sem mostrar vergonha nem medo numa dissimulação que a maioria dos prateados acha repulsiva. A corte segue seu exemplo, mas veja as suas caretas e as muitas barbas ocultas pelas mãos enfeitadas de jóias. Em suma, tudo isso faz parte da farsa, um golpe bem dirigido contra a Guarda Escarlata, eles não gostam. Mais que isso, sentem medo. Muitos dos sanguenovos têm habilidades não treinadas mas poderosas que as deles ou além da compreensão dos prateados. Eles observam com olhos de lobo e garras preparadas.

Finalmente, não sou o centro das atenções. É eu o único alívio, para não dizer vantagem. Ninguém se importa com a garota elétrica sem sua eletricidade.

Faço a única coisa que posso, o que é pouco, mas não irrelevante. Escuto.

Evangeline está inquieta apesar da fachada ferrenha. Seus dedos tamborilam nos braços da cadeira, parada apenas quando Elane está perto, sussurrando ou tocando nela. Mas não ousa relaxar. Continua afiada com as suas lâminas. Não é difícil adivinhar o porquê. Ainda que eu seja a prisioneira, quase não ouvi falar sobre o casamento real. E, em suma, seu status de noiva do rei não esteja a meio caminho, ainda não é rainha. Isso lhe dá medo. Dá para ver no seu rosto, nos seus trejeitos, no seu desfile constante de roupas cintilantes, uma mas não intrincada e mais estosa que a outra. Ela usa uma coroa em todos os aspectos menos no título, que é o que deseja mais que tudo. Seu pai também bem. Volo é um bom braço ao seu lado, resplandecente com veludo preto e brocados de prata. Ao contrário da filha, não veste nada visível de metal. Nenhum acessório. Nem mesmo um anel. Ele não precisa vestir armas para parecer perigoso. Com seu jeito discreto e seus trajes escuros, lembra mais um executor que um nobre. Não sei com o Maven suporta a presença dele nem a avidez

constante em seus olhos.

Volo me lembrou Elara. Sem pre de olho no trono, esperando uma chance para roubá-lo.

Maven percebe e não se importa. Concede a Volo o respeito que ele exige, e nada mais do que isso. Também deixa Evangeline com a presença deslumbrante de Elane, visivelmente contente por sua futura esposa não ter interesse nenhum por ele. Seu foco está em outro lugar. Não em mim, por estranho que pareça, mas em seu primo Samson. Também acho difícil ignorar o murmurador que acessou minhas partes mais profundas. Vivo consciente de sua presença, tentando identificar seus murmúrios quando posso, e bora mal tenha força para resistir a eles. Maven não precisa se preocupar com isso, não com seu trono de Pedra Silenciosa. Ele o mantém seguro. Mas também o mantém vazio.

Quando eu era noiva do segundo príncipe e fui treinada para ser princesa, participei de pouquíssimas reuniões da corte. Bailes, sim, muitos banquetes, mas não tinha visto nada desse tipo até me eu confinamento. Agora já perdi a conta de

quantas vezes fui obrigada a sentar com o bichinho treinado de Maven, escutando requerentes, políticos e sanguenovos que prometem lealdade.

Hoje parece ser mais do mesmo. O governador da região de Rift, um lorde da Casa Laris, terminou um apelo bem ensaiado por fundos do Tesouro para consertar as minas da família Samson. Mais uma das marionetes de Volo, com as cordas claramente visíveis. Maven o ignora com um aceno e a prometo analisar sua proposta. Embora seja um homem de palavra comigo, não é assim na corte. Os ombros do governador caem de desânimo, sabendo que a proposta nunca será lida.

Minhas costas doem por causa da cadeira dura, sem me encorajar a postura rígida que tenho que manter. Estou coberta por cristal e renda. Verme-la, claro, com o sempre. Maven adora quando uso essa cor. Ele diz que me faz parecer viva, mesmo que a vida esteja sendo sugada de mim a cada dia que passa.

Não é preciso uma corte cheia para as audiências cotidianas, e hoje a sala do trono está meio vazia. Mas o tablado ainda está lotado. Os escolhidos para acompanhar o rei, à sua esquerda e à sua direita, se orgulham muito de sua posição, sem falar da oportunidade de

aparecer em mim a transmutação nacional. Quando as câmeras são ligadas, percebo que outros sanguenovos estão vindo. Suspiro, resignando-me a mim a um dia de culpa e vergonha.

Minhas tripas se contorcem quando as portas altas se abrem. Abaixo os olhos, sem querer guardar os rostos. A maioria vai seguir o exemplo de Morritan e entrar para a guerra de Maven na tentativa de entender suas habilidades.

Ao meu lado, Jon se contorce com o sem pre. Foco em seus dedos longos e finos, traçando linhas na perna. Balançando para trás e para a frente, com o um a pessoa que folheia as páginas de um livro. Ele deve estar mesmo lendo as linhas hesitantes do futuro conforme elas se formam e se alteram. Queria saber o que vê. Não que eu fosse perguntar. Nunca vou perdô-lo por sua traição. Pelo menos não tenta conversar comigo, não desde que cruzei com ele nas câmaras do conselho.

— Sejam todos bem-vindos — Maven diz aos sanguenovos. Sua voz é treinada e firme, percorrendo toda a sala. — Não há o que temer. Vocês estão seguros agora. Prometo a todos que a Guarda Escarlate não será um problema aqui.

É uma pena.

Mantenho a cabeça baixa, escondendo o rosto das câmeras. A adrenalina em meu sangue brada nos meus ouvidos, no ritmo do meu coração. Sinto náuseas; quero vomitar. *Corram!*, grito na minha cabeça, em bora nenhum sanguenovo possa escapar da sala do trono agora. Olho para qualquer lugar que não para Maven ou para os sanguenovos, qualquer lugar menos a janela invisível em volta deles. Meus olhos pousam em Evangeline e a encontro me encarando de volta. Não está com o sorriso perverso de sem pre. Seu rosto é inexpressivo, vazio. Ela tem muito mais prática nisso do que eu.

Minhas unhas estão estragadas, as cutículas em carne viva por longas noites de ansiedade e dias ainda mais longos nessa tortura. A curandeira Skonos que me faz parecer saudável sem pre esquece de olhar minhas mãos. Espero que todos que assistem às transmutações não esqueçam.

Ao meu lado, o rei continua com a horrenda exibição.

— E então?

Quatro sanguenovos se apresentam, um mais nervoso que o outro.

Suas habilidades costumam ser recebidas com exclamações admiradas ou sussurros afobados. Parece um reflexo funesto da Prova Real. Em vez de exibir suas habilidades em busca da grinalda, os sanguenovos as exibem por sua vida, para entrar no que pensam ser um santuário. Tento não assistir, mas meus olhos os encontram por pena e medo.

A primeira, uma mulher forte com bíceps do tamanho dos de Cal, atravessa uma parede hesitante. Simplesmente atravessa, com os seus painéis de madeira trabalhada e banhada a ouro fossem apenas ar. Diante do incentivo fascinado de Maven, ela faz o mesmo com um sentinela. Ele se contrai, o único indício de humanaidade por trás da máscara preta, mas não fica ferido. Não faço ideia de como a sua habilidade funciona, e penso em Julian. Ele também está com a Guarda Escarlata e, com sorte, assiste a todas essas transmissões. Se o coronel permitir, claro. Ele não se dá muito bem com meus amigos prateados.

Dois velhos vêm atrás da mulher, veteranos de cabelos brancos com olhos distantes e ombros largos. As habilidades deles não são novas para mim. O mais baixo, sem alguns dentes, é como o Ketha, uma sanguenova que recrutei meses atrás. Em bora ela fosse capaz de explodir objetos ou pessoas apenas com o pensamento, não sobreviveu à invasão ao presídio de Corros. Ela odiava sua habilidade. Era sangrenta e violenta. Ainda que este sanguenovo destrua apenas uma cadeira, deixando-a em pedaços num piscar de olhos, também parece feliz com isso. Seu amigo tem a fala mansa e se apresenta como o Terrance antes de nos dizer que consegue manipular o som. Com o Farrah. Outra recruta minha.

Ela não foi a Corros. Espero que ainda esteja viva.

A última é outra mulher, que parece ter a idade da minha mãe, com o cabelo preto trançado riscado de cinza. Ela se move com graça, aproximando-se do rei com passos silenciosos e elegantes de uma criada bem treinada. Assim como o Ada, como o Walsh, como o eu. Assim como o tantos de nós foram e ainda são.

Sua reverência é exagerada.

— Majestade — murmura, com a voz suave e despretensiosa, como uma brisa de verão. — Sou Halley, criada da Casa Eagrie.

Maven faz sinal para ela se erguer, abrindo seu sorriso falso. Halley faz como ele ordena. O rei acena por cima do ombro, encontrando a

chefe da Casa Eagrie no pequeno aglomerado de gente.

— Meus agradecimentos, Lady Mellina, por trazer esta mulher para a segurança.

A mulher alta com cara de pássaro faz uma reverência antes de ele terminar de falar, prevendo as palavras. Com o um a observadora, consegue ver o futuro imediato e imagina que tenha identificado a habilidade da criada antes mesmo o que a mulher soubesse do que se tratava.

— Então, Halley ?

Seus olhos se voltam para os meus por um único momento. Tento manter firme e sob seu olhar inquisitivo. Mas ela não está procurando medo ou o que esconde sob a máscara. Seus olhos parecem distantes, olhando através de

minha e para o nada ao mesmo tempo.

— Ela consegue criar e controlar cargas elétricas, grandes e pequenas

— Halley diz sobre mim . — Vocês não têm nome e para essa habilidade.

Então, vira-se para Jon. Com o mesmo olhar.

— Ele vê o destino. Até onde cada trajetória vai, pelo tempo que a pessoa o segue. Vocês não têm nome e para essa habilidade.

Maven estreita os olhos, intrigado, e me odeio por sentir o mesmo o que ele.

Mas ela continua, fitando e falando na sequência.

— Ela consegue controlar materiais metálicos pela manipulação de campos magnéticos, magnetron. Murmurador. Sombria. Magnetron. Magnetron.

Halley perpassa a linha de conselheiros de Maven, apontando e nomeando suas habilidades sem dificuldade alguma. O rei se debruça, a cabeça inclinada para o lado com uma curiosidade animal. Ele a observa de perto, quase sem piscar. Muitos o acham um idiota sem a mãe, por não ser um gênio militar como o irmão. Mas esquecem que estratégia não serve apenas para o campo de batalha.

— Observadora. Observadora. Observador. — Ela aponta para seus

antigos senhores, citando-os tam bém antes de abaixar a m ão. Seu punho se cerra e se abre, esperando a descrença inevitável.

— Então sua habilidade é identificar a habilidade dos outros? —
Maven diz finalm ente, com um a sobrancelha erguida.

— Sim , m aj estade.

— Algo fácil de fingir.

— Sim , m aj estade — ela adm ite, m ais baixo agora.

Poderia ser feito sem m uita dificuldade, ainda m ais por alguém na posição dela. Halley serve um a Grande Casa, presente na corte com bastante frequência nos últim os tem pos. Seria fácil m em orizar o que os outros conseguem fazer

— m as até m esm o Jon? Pelo que entendo, ele é celebrado com o o prim eiro sanguenovo a se j untar a Maven, m as acho que pouca gente sabe m ais sobre ele.

Maven não ia gostar que as pessoas estivessem cientes de que confia em alguém com sangue verm elho para aconselhá-lo.

— Continue. — Maven ergue as sobrancelhas escuras, incitando-a.

Halley obedece, citando os ninfoides de Osanos, os verdes de Welle, um único forçador Rham bos. Mas eles estão vestindo as cores de suas Casas, e ela é um a criada. É obrigada a saber essas coisas. Sua habilidade parece um truque de m ágica na m elhor das hipóteses, um a m entira e um a sentença de m orte na pior.

Sei que sente a espada pendendo sobre sua cabeça, aproxim ando-se a cada m ovim ento do m axilar de Maven.

No fundo, um silfo Iral de verm elho e azul se levanta, aj ustando o casaco enquanto cam inha. Noto apenas porque seus passos são estranhos, não tão fluidos quanto os de um silfo deveriam ser. Esquisito.

Halley tam bém nota. Ela estrem ece, apenas por um segundo.

É a vida dela ou a dele.

— Ela consegue m udar de rosto — Halley sussurra, com o dedo trêm ulo no ar. — Vocês não têm nom e para essa habilidade.

Os sussurros costumam ir e vir da corte sem fim de uma só vez, apagados com o

um a vela. Cai um silêncio, quebrado apenas pela batida acelerada do meu coração. *Ela consegue mudar de rosto.*

Meu coração zumbiu de adrenalina. *Corra!* , quero gritar. *Corra!*

Quando os sentinelas pegam o Iral pelos braços, arrastando-o para a frente, suplico para mim mesmo: *Por favor, esteja errada. Por favor, esteja errada. Por favor, esteja errada.*

— Sou um filho da Casa Iral — o homem resmungava, tentando se soltar das garras dos sentinelas. Um Iral teria sido bem-sucedido em sua tentativa, se desvencilhando com um sorriso no rosto. Meu coração se aperta. — Você confia em mim na palavra de uma escrava pequena do que na *minha*?

Samson reage antes mesmo o que Maven peça, veloz como um andorinha.

Ele desce os degraus do tablado, com os olhos de um azul elétrico estalando de voracidade. Acho que não tive muitos cérebros para se alinhar desde o meu eu.

Com um grito agudo, o Iral tomou ambos os olhos, com a cabeça baixa. Samson invade a cabeça dele.

E então seu cabelo fica grisalho e meu cabelo curto, num cabelo diferente, com outro rosto.

— Nanny — eu me ouço exclamar baixinho. A velha se atreve a erguer os olhos arregalados, assustados e familiares. Lembra de quando a recrutei, quando a levei para o Furo, quando a vi brigar com as crianças sangüíneas e contar histórias de seus netos. Enrugada como um noz, minha velha do que todos nós e sem pressa pronta para a missão. Eu correria para abraçá-la se fosse uma possibilidade, mesmo o que remota.

Em vez disso, caio de ambos os olhos e minhas mãos agarram o punho de Maven.

Suplico com o só fiz uma vez na vida, com os pulmões cheios de cinzas e ar frio, a cabeça ainda zonza pela queda controlada do objeto.

O vestido se rasga na costura. Não é feito para ajoelhar. Ao contrário

de m im .

— Por favor, Maven. Não a m ate — peço, tom ando ar, m e apegando a qualquer coisa para salvar a vida dela. — Ela pode ser útil; é valiosa. Olhe só o que consegue fazer.

Ele m e em purra, a palm a da m ão contra m inha m arca.

— É um a espiã na m inha corte. Não é?

Mesm o assim im ploro, antes que a boca grande de Nanny custe sua vida.

Pela prim eira vez, torço para que as câm eras ainda estejam ligadas.

— Ela foi traída, enganada, iludida pela Guarda Escarlata. Não é culpa dela!

O rei não se dá ao trabalho de levantar, nem m esm o para um assassinato aos seus pés. Ele tem m edo de abandonar sua Pedra Silenciosa, de tom ar um a decisão fora do seu círculo de conforto.

— As regras são claras. Espiões são elim inados im ediatam ente.

— Quando adoece, quem você culpa? — pergunto. — Seu corpo ou a doença?

Ele m e encara de cim a e m e sinto oca.

— Culpo a cura que não funcionou.

— Maven, estou im plorando... — Não lem bro de com eçar a chorar, m as

agora é óbvio que o faço. São lágrim as de vergonha, porque choro tanto por m im quanto por ela. Era o com eço de um resgate. Ela estava aqui por m inha causa.

Nanny era m inha chance.

Meus olhos ficam turvos, enevoando os cantos da m inha visão. Sam son ergue a m ão, ansioso para m ergulhar no que ela sabe. Eu m e pergunto quão devastador isso será para a Guarda Escarlata, e penso com o foram idiotas para fazer isso. Que risco, que desperdício.

— Vam os nos levantar. Verm elhos com o a aurora — Nanny m urm ura.

Então o rosto dela se transform a um a últim a vez. Num rosto que todos reconhecem os.

Sam son dá m eio passo para trás, espantado, enquanto Maven solta um grito estrangulado.

Elara nos encara do chão, um fantasm a vivo. Seu rosto está m utilizado, destruído pelo raio. Falta um olho, o outro está coberto de sangue prateado e vil.

Sua boca se curva num sorriso perverso e inum ano. Sinto o terror no fundo do estôm ago, em bora saiba que ela está m orta. Em bora saiba que a m atei.

É um a m anobra inteligente, ganhando tem po suficiente para levar a m ão à boca e engolir.

Já vi pílulas assim antes. Mesm o fechando os olhos, sei o que vai acontecer.

É m elhor do que o que Sam son teria feito. Os segredos dela vão continuar guardados. Para sem pre.



DEZ

Mare

RASGO TODOS OS LIVROS NA MINHA ESTANTE, despedaçando-os até não restar nada. As capas se soltam , as páginas se dilaceram . Quero que sangrem .

Queria poder sangrar. Ela está m orta e eu não. Porque ainda estou aqui, um a isca num a arm adilha, um cham ariz para tirar a Guarda Escarlate de seu santuário.

Depois de algum as horas de destruição inútil, percebo que estou errada. A Guarda Escarlate não faria isso. Não o coronel, não Farley, não por m im .

— Cal, seu cretino, seu idiota — digo para ninguém .

Porque é óbvio que isso foi ideia dele. É o que o príncipe aprendeu. Vitória a todo custo. Tomara que não continue a pagar esse preço impossível por mim.

Lá fora, está nevando de novo. Não sinto o frio externo, apenas o meu.

De manhã, acordo na cama, ainda de vestido, e bora não lembrar de ter levantado do chão. Os livros destruídos também desapareceram, varridos meticulosamente para fora da minha vida. Até os menores pedacinhos de papel despedaçado. Mas as prateleiras não estão vazias. Um dúzia de volumes de capa dura, novos e velhos, ocupam os espaços. O impulso de destruir todos e consumir e levantar aos tropeços, avançando contra eles.

O primeiro que pego está em frangalhos, com a capa arrancada e envelhecida. Acho que era amarela, talvez dourada. Não importa. Abro e pego um maço de páginas, pronta para rasgá-lo em pedaços com o que fiz com os outros.

A letra familiar me faz parar. Meu coração salta ao reconhecê-la.

Propriedade de Julian Jacos.

Meus olhos cedem. Caio com um baque surdo, debruçada sobre o objeto mais reconfortante que vejo em semanas. Meus dedos traçam as linhas de seu nome, desejando que ele pudesse surgir ali, querendo ouvir sua voz em algum lugar além da minha mente. Folheio as páginas, procurando mais evidências

dele. Passo os olhos pelas palavras, todas ecoando o conforto que ele me traz.

Percorro a história de Norta, de sua formação e de trezentos anos de reis e rainhas prateados. Algumas partes estão sublinhadas. Ele fez anotações. Cada nova interferência de Julian faz meu peito apertar de felicidade. Apesar da minha situação, das cicatrizes dolorosas, sorrio.

Os outros livros são iguais. Todos de Julian, parte de sua coleção muito maior. Tateio todos com o mesmo sentimento. Ele preferia os livros de história, mas tinha de ciências também. Até um romance. Esse tem dois nomes dentro.

De Julian, para Coriane. Encaro as letras, a única evidência da mãe de Cal em todo o palácio. Coloco-o de volta com cuidado, dormindo os dedos na lombada intacta. Ela nunca leu. Talvez não tenha tido a

chance.

No fundo, odeio que esses livros me façam tão feliz. Odeio que Maven me conheça a ponto de saber o que me dar. Porque sem dúvida isso veio dele. O

único pedido de desculpa que poderia oferecer, o único que eu poderia aceitar.

Mas não aceito. É claro que não. Tão rápido quanto veio, meu sorriso se desfaz.

Não posso me permitir sentir nada além de ódio quando se trata do rei. Suas manipulações não são tão perfeitas quanto as da mãe, mas ainda assim as sinto e não vou me deixar levar por elas.

Por um segundo, considero despedaçar os livros com o fiz com os outros.

Mostrar a Maven o que penso do seu presente. Mas simplesmente não consigo.

Meus dedos se demoram nas páginas, tão fáceis de rasgar. E então os coloco na prateleira com cuidado, um por um.

Não vou destruí-los, então me contento em fazer isso com o vestido, despedaçando o tecido incrustado de rubis em volta do meu corpo.

Alguém com o Gisa deve ter feito a roupa. Uma criada vermelha com mãos habilidosas e olho de artista costurou perfeitamente algo tão belo e terrível que apenas uma prateada poderia usar. Esse pensamento deveria me deixar triste, mas é apenas raiva que corre no meu sangue. Não tenho mais lágrimas.

Não depois de ontem.

Quando o traje seguinte é entregue por Trevo e Tigrina, ambos de cara amarrada, visto sem hesitar ou reclamar. A blusa é pontilhada por um tesouro de rubis, granadas e ônix, com longas mangas pendentes riscadas de seda preta. A calça também é um presente, larga o bastante para parecer quase confortável.

A curandeira Skonos vem na sequência. Concentra seus esforços nos meus olhos, curando o inchaço e a dor de cabeça latejante causados pelas lágrimas de frustração da noite anterior. Assim como a Sara, ela é quieta e habilidosa; seus dedos negro-azulados tremulam pelas

inhas dores. Ela trabalha rápido. Eu tam bém .

— Você consegue falar ou a rainha Elara tam bém cortou a sua língua?

A curandeira sabe a que m e refiro. Seu olhar vacila, os cílios flutuam em piscadas rápidas de surpresa. Mesm o assim , não abre a boca. Foi bem treinada.

— Boa decisão. A últim a vez que vi Sara foi quando a resgatei de um presídio. Parece que nem perder a língua foi punição suficiente para ela. — Olho atrás dela, na direção de Trevo e Tigrina, que m e vigiam . Assim com o a curandeira, concentram -se em m im . Sinto o reverberar frio da habilidade deles, pulsando de m aneira ritm ada com o silenciam ento constante das m inhas

algem as. — Tinha centenas de prateados lá dentro. Muitos das Grandes Casas.

Algum am igo de vocês desapareceu recentem ente?

Não tenho m uitas arm as neste lugar. Mas preciso tentar.

— Cala a boca, Barrow — Trevo resm unga.

Fazer com que ela abra a boca j á é um a vitória para m im .
Pressiono.

— Acho estranho que ninguém se im porte que o reizinho sej a um tirano com sede de sangue. Mas, enfim , sou verm elha. Não entendo nada do seu povo.

Dou risada quando Trevo, enfurecida, m e em purra para longe da curandeira.

— Chega de cura para ela — Trevo sibila, m e arrastando da sala. Seus olhos verdes faíscam de fúria, m as tam bém de confusão. Dúvidas. Pequenas fendas em que pretendo m eter o dedo.

Ninguém m ais deve correr o risco de m e resgatar. Preciso fazer isso sozinha.

— Ignore a m enina — Tigrina m urm ura para a colega, com a voz aguda e ofegante, pingando veneno.

— Que honra deve ser pra vocês duas. — Continuo falando enquanto m e guiam pelos longos corredores que reconheço. — Ser babá de um

a pirralha verm elha. Recolher o prato das refeições, arrum ar o quarto. Tudo para que Maven possa ter a bonequinha dele quando quiser.

Isso só as deixa m ais furiosas e brutas. Elas apertam o passo, obrigando-m e a acom panhar. De repente, viram os à esquerda em vez da direita, para outra parte do palácio de que m e lem bro vagam ente. São os corredores residenciais, onde m ora a realeza. Já vivi aqui, m esm o que por pouquíssim o tem po.

Meu coração acelera quando passam os por um a estátua num a alcova que eu im ediatam ente reconheço. Meu quarto — m eu antigo quarto — fica a poucas portas de distância. O de Cal e o de Maven tam bém .

— Não tão falante agora — Trevo diz, com a voz parecendo distante.

Raios de luz atravessam as j anelas, reforçados pelo reflexo na neve recente. Isso não m e consola. Consigo lidar com Maven na sala do trono, em seu escritório, quando estou à m ostra. Mas sozinha — sozinha de verdade? Sob m inhas roupas, sua m arca ainda queim a.

Quando param os num a porta e entram os num salão, percebo que estou errada. O alívio tom a conta de m im . Maven é rei agora. Seus aposentos não são m ais aqui.

Mas os de Evangeline, sim .

Ela está sentada no centro do salão estranham ente vazio, cercada por pedaços de m etal retorcido. Eles variam em cor e m aterial — ferro, bronze, cobre. Suas m ãos trabalham diligentes, m oldando flores de crom o, curvando-as num a fita trançada de ouro e prata. Outra coroa para sua coleção. Outra coroa que ela ainda não pode usar.

Dois criados aguardam seus com andos. Um hom em e um a m ulher, com roupas sim ples, m arcadas com as cores da Casa Sam os. Levo um choque ao m e dar conta de que são verm elhos.

— Deixem -na apresentável, por favor — Evangeline diz, sem se dar ao trabalho de erguer os olhos.

Os verm elhos obedecem , levando-m e para o único espelho na sala.

Enquanto olho, percebo que Elane tam bém está aqui, relaxando num longo sofá sob um raio de sol feito um gato contente. Ela m e encara sem dúvida ou m edo, apenas com desinteresse.

— Podem esperar lá fora — Elane diz quando quebra o contato visual, voltando-se para as guardas Arven. Seu cabelo ruivo reflete a luz, ondulando com o fogo líquido. Em bora eu tenha um a desculpa para a minha aparência horrível, ainda assim sinto envergonhada na presença dela.

Evangeline faz um aceno e as Arven saem em fila. Ambas lançam olhares descontentes na minha direção. Guardo-os para apreciar depois.

— Alguém poderia assim explicar o que está acontecendo? — pergunto à sala silenciosa, sem esperar resposta.

As duas dão risada, trocando olhares incisivos. Aproveito a oportunidade para avaliar a sala e a situação. Tem outra porta ali, que provavelmente leva ao quarto de Evangeline. As janelas estão todas fechadas para nos proteger do frio.

O aposento dela dá para um pátio que reconheço e assim dou conta de que a minha cela deve ficar do outro lado, de frente para o quarto dela. A descoberta assim dá um calafrio.

Para a minha surpresa, Evangeline derruba sua obra com estrépito. A coroa se despedaça, incapaz de manter a forma sem a habilidade dela.

— É dever da rainha receber convidados.

— Bom, eu não sou convidada e você não é rainha, então...

— Se ao menos seu cérebro fosse tão rápido quanto sua boca — ela retruca.

Avermelha pestaneja, estremeando com as nossas palavras pudessem feri-la. Na verdade podem, e decido ser mesmo idiota. Mordo o lábio para impedir que outros pensassem que tolos escapem, deixando que os dois criados trabalhem. O homem cuida do meu cabelo, escovando-o e enrolando-o numa espiral, enquanto ela cuida do meu rosto. Ela usa blush, sombra preta e um vermelho chamado nos meus lábios. Uma visão espalhafatosa.

— Isso basta — Elane diz atrás dela. Os vermelhos recuam rápido, deixando as mãos caírem e abaixando a cabeça. — Não pode parecer bem tratada demais. Os príncipes não vão entender.

Meus olhos se arregalam. *Príncipes. Convidados.* Na frente de quem

vão m e fazer desfilar agora?

Evangeline nota. Ela bufa alto, lançando um a flor de bronze contra Elane. A flor se crava na parede sobre a cabeça dela, que parece não ligar. Apenas solta um suspiro sonhador.

— Cuidado com o que você fala, Elane.

— Ela vai descobrir daqui a pouco, querida. Que m al tem ? — Elane levanta das alm ofadas, estendendo os braços e pernas longos, que brilham com sua habilidade. Os olhos de Evangeline acom panham todos os seus m ovim entos, aguçando-se quando Elane atravessa a sala até m im .

Ela surge ao m eu lado no espelho, olhando m eu rosto.

— Você vai se com portar hoj e, não vai?

Me pergunto quanto tem po dem oraria para Evangeline m e esfolar se eu desse um a cotovelada nos dentes perfeitos de Elane.

— Vou.

— Que bom .

E então ela desaparece, apagada da visão, m as não do tato. Ainda sinto sua m ão sobre m eu om bro. Um alerta.

Olho onde estava o corpo de Elane, na direção de Evangeline. Ela se levanta do chão, com o vestido se estendendo à sua volta, líquido com o m ercúrio.

Talvez até sej a m ercúrio.

Quando vem na m inha direção, não consigo deixar de m e encolher. Mas a m ão de Elane m e im pede de m e m exer, obrigando-m e a perm anecer firm e e deixar que Evangeline se debruce sobre m im . Ela ergue um canto da boca. Gosta de m e ver assustada. Quando levanta a m ão e estrem eço, sorri abertam ente.

Mas, em vez de m e bater, aj eita um a m exa de cabelo atrás da m inha orelha.

— Não se engane, isso é tudo para o m eu bem — ela diz. — Não para o seu.

Não faço ideia do que está falando, m as concordo com a cabeça.

Evangeline não nos guia na direção da sala do trono, mas para os cômodos privados do conselho. Os sentinelas que protegem as portas parecem mais imponentes que de costume. Quando entro, percebo que também estão guardando as janelas. Uma precaução adicional depois da infiltração de Nanny.

Da última vez que passei por esta sala, estava vazia exceto por Jon. Ele ainda está aqui, quieto em seu canto, desprezioso ao lado de meia dúzia de outras pessoas. Estremeço ao ver Volon Damour, uma aranha quieta de preto ao lado do filho, Ptolemy. Obviamente, Samson Merendin também está aqui. Ele me encara e abaixa os olhos, evitando seu olhar com o se pudesse me proteger da memória dele rastreamento dentro do meu cérebro.

Penso que vou encontrar Mavien sozinho na ponta da mesa de mármore, mas os dois homens estão ao seu lado. Ambos vestem peles pesadas e camurça, prontos para suportar o frio ártico em bora estejam os bem protegidos do inverno.

Eles têm a pele escura, de um preto-azulado com o pedregal polido. O homem à direita tem pedrinhas de ouro e turquesa cravejadas nas voltas intrincadas de suas tranças, enquanto o da esquerda possui longos cachos cintilantes cobertos por uma coroa de flores talhadas em quartzo branco. Da realeza, obviamente. Mas não da nossa. Não de Norte.

Mavien ergue a mão, apontando para Evangeline enquanto se aproxima. Sob a luz do sol de inverno, ela cintila.

— Minha noiva, Lady Evangeline da Casa Damour — ele diz. — Ela foi crucial na captura de Mare Barrow, a garota elétrica, líder da Guarda Escarlata.

Evangeline representa seu papel, fazendo uma reverência. Os dois abaixam a cabeça em resposta, com movimentos longos e fluidos.

— Nossos parabéns, Lady Evangeline — diz aquele com a coroa. Ele estende a mão, buscando a dela. Evangeline deixa que beije seus dedos, radiante com a atenção.

Quando me encara, percebo que quer que eu me junte a ela. Obedeço, relutante. Intrigo os dois recém-chegados, que me observam com fascínio. Me recuso a abaixar a cabeça.

— É essa a garota elétrica? — diz o outro príncipe. Seus dentes cintilam brancos com o a luz contra sua pele escura com o a noite. — É ela que está causando tantos problemas? E você deixa que viva?

— É óbvio que deixa — diz seu com patriota. Ele levanta e percebo que deve ter mais de dois metros de altura. — É uma isca maravilhosa. Mas fico surpreso que os terroristas não tenham tentado um resgate de verdade, se ela é tão importante quanto você diz.

Maven dá de ombros, exalando uma satisfação silenciosa.

— Minha corte é bem protegida. Infiltrações são quase impossíveis.

Olho de soslaio para ele, encontrando seus olhos. *Mentiroso*. Maven quase chega a sorrir, com o se fosse uma piada interna entre nós. Resisto ao velho impulso de cuspir na cara dele.

— Em Piedmont, nós a faríamos os mais archar pelas ruas — diz o príncipe com a coroa de quartzo. — Para mais ostrar aos cidadãos o que acontece com gente com o ela.

Piedmont. A palavra ecoa com o um sino na minha cabeça. Então os príncipes são de lá. Vasculho o cérebro, tentando lembrar o que sei sobre o país.

Fica na fronteira sul e é aliado de Norte. É governado por um conjunto de príncipes. Sei disso por causa das aulas de Julian. Mas sei de outras coisas também. Lembro que encontrei remessas em Tuck, provisões roubadas de Piedmont. E a própria Farley insinuou que a Guarda Escarlata estava se expandindo para lá, com a intenção de espalhar a revolução pelo aliado mais próximo do de Norte também.

— Ela fala? — o príncipe continua, alternando o olhar entre Maven e Evangeline.

— Infelizmente — ela responde com um sorriso perverso e afiado.

Os príncipes riem e Maven também. O resto da sala segue o exemplo, bajulando seu soberano.

— Vocês não queriam ver a prisioneira, príncipe Daraeus e príncipe Alexandret? — Maven passa os olhos por eles. Representa com orgulho o papel de rei, apesar dos dois nobres terem o dobro da sua idade e do seu tamanho. De alguma forma, ele os encara. Elara o treinou muito bem. — Agora viram.

Alexandret, já muito perto, me pega pelo queixo com as mãos macias. Não sei qual é sua habilidade. Não faço ideia do medo que deveria sentir dele.

— De fato, já está. Mas tem os algumas perguntas, se tiver a bondade de permití-las.

Embora formule a frase com o um pedido, não é nada menos do que um a exigência.

— Já está, já lhe contei o que ela sabe — Sam se ergue a voz em sua cadeira, debruçando-se sobre a mesa para apontar para mim. — Nada na mente de Mare Barrow escapou da minha busca.

Eu concordaria com a cabeça, mas a mão de Alexandret me mantém imóvel. Ergo os olhos para ele, tentando deduzir exatamente o que quer de mim.

Seus olhos são abismais, indecifráveis. Não conheço esse homem e não encontro nada nele que possa usar. Minha pele se arrepia ao seu toque e sinto falta da minha eletricidade para nos distanciar. Por cima do ombro dele, Daraeus se move para ver melhor. As pedrinhas de ouro refletem a luz do inverno, enchendo seu cabelo de um brilho fascinante.

— Rei Maven, gostaria de ouvir da boca dela — Daraeus diz, aproximando-se dele. Então sorri, com tranquilidade e carisma. Daraeus é bonito e se aproveita disso. — É uma exigência do príncipe Bracken, você entende.

Precisamos de alguns poucos minutos.

Alexandret, Daraeus, Bracken. Gravo esses nomes na memória.

— Perguntem o que quiserem. — As mãos de Maven seguram firme a beira do assento. Nenhum deles para de sorrir e nada nunca me pareceu tão falso. — Agora me esmoro.

Depois de um longo momento, Daraeus aceita. Ele inclina a cabeça em uma reverência respeitosa.

— Muito bem, já está.

Então seu corpo se turva, movendo-se tão rápido que mal consigo ver os movimentos. De repente, ele surge ao meu lado. Lépido. Não pode saltar com o meu irmão, mas é rápido o bastante para fazer um

choque de adrenalina percorrer o meu corpo. Ainda não sei o que Alexandret consegue fazer. Apenas torço para que não seja um murmador, para que eu não tenha de enfrentar aquela tortura outra vez.

— A Guarda Escarlata está operando em Piedmont? — Alexandret pergunta enquanto se assoma a sobre mim, os olhos escuros fixos nos meus. Ao contrário de Daraeus, ele não sorri.

Fico no aguardo da pontada familiar de outra mente invadindo a minha.

Nunca chega. As algemas — elas não permitem que nenhum a habilidade penetre no meu casulo de silêncio.

Minha voz embarga.

— O quê?

— Quero ouvir o que sabe sobre as operações da Guarda Escarlata em Piedmont.

Todos os interrogatórios a que fui submetida foram realizados por um murmador. É estranho que alguém faça perguntas livremente e confie nas minhas respostas em vez de entrar na minha cabeça. Imagino que Samson já tenha contado aos príncipes tudo o que descobriu comigo, mas eles não confiam no que ele diz. Por isso querem verificar se nossas histórias batem.

— A Guarda Escarlata é boa em guardar segredos — respondo, com os pensamentos turvos. Estou entendendo? Estou jogando mais lenha na fogueira de desconfiança entre Maven e Piedmont? — Não me deram muitas informações sobre as operações deles.

— *Suas operações.* — Alexandret franze a sobrancelha, formando uma ruga funda no centro da testa. — Você era a líder deles. Me recuso a acreditar que possa ser tão inútil para nós.

Inútil. Há dois meses, eu era a garota elétrica, uma tempestade em forma de gente. Mas, antes, eu era exatamente isso. Inútil para tudo e todos, até para

meus inimigos. Nos tempos de Palafitas, odiava isso. Agora, fico grata. Sou uma péssima arma para ser empunhada por um prateado.

— Não sou líder deles — digo. Atrás de mim, ouço Maven se agitar

na cadeira. Torço para que estej a se contorcendo. — Nunca conheci os líderes.

Ele não acredita em mim. Tam pouco acredita no que lhe falaram antes.

— Quantos dos seus agentes estão em Piedmont?

— Não sei.

— Quem financia suas atividades?

— Não sei.

Com eça com o um formigamento nos meus dedos. Um a sensação minúscula. Nem agradável nem incômoda. Com o quando o braço fica dormiente.

Alexandret não solta meu queixo em momento algum. As algemas vão me proteger dele, digo a mim mesma. Têm que me proteger.

— Onde estão o príncipe Michael e a princesa Charlotta?

— Não sei quem são essas pessoas.

Michael, Charlotta. Mais nomes para me orizar. O formigamento continua, agora em meus braços e pernas. Solto o ar entredentes.

Seus olhos se estreitam em concentração. Me preparo para uma explosão de dor causada pela habilidade a que ele vai me sujeitar, seja qual for.

— Você teve algum contato com a República Livre de Montfort?

O formigamento é suportável. O que dói mesmo é o aperto no meu queixo.

— Sim — deixo escapar.

Então ele recua, me soltando com um sorriso desdenhoso. Olha para meus punhos, então ergue a manga com força para ver minhas armaduras. O

formigamento em meus braços e pernas diminui. O príncipe fecha a cara.

— Majestade, gostaria de questioná-la sem as algemas de Pedra

Silenciosa.

— Outra exigência disfarçada de pedido.

Desta vez, Maven nega. Sem m inhas algem as, sua habilidade seria ilim itada. Deve ser m uito forte para ter penetrado m esm o que um pouco por m inha j aula de silêncio. Eu seria torturada. De novo.

— Não, alteza. Ela é perigosa dem ais para isso — Maven diz com um breve aceno da cabeça. Apesar de todo o m eu ódio, sinto algum a gratidão. — E, com o você disse, ela é valiosa. Não posso deixar que a destrua.

Sam son não tenta esconder a repulsa.

— Alguém deveria fazer isso.

— Tem m ais algum a coisa que eu possa fazer por vossas altezas ou pelo príncipe Bracken? — Maven insiste, falando m ais alto que seu prim o diabólico.

Ele levanta da cadeira, usando um a m ão para alisar o uniform e cravej ado de m edalhas e distintivos de honra. Mas m antém a outra no assento, com o um a garra em volta do braço de Pedra Silenciosa. É sua âncora e seu escudo.

Daraeus faz um a reverência profunda pelos dois príncipes, sorrindo de novo.

— Ouvi boatos de um banquete.

— Por incrível que pareça — Maven diz com um sorriso viperino para m im —, dessa vez os boatos são verdadeiros.

Lady Blonos nunca m e ensinou com o entreter a realeza de um a nação aliada. Já vi banquetes antes, bailes, um a Prova Real que estraguei sem querer, m as nunca nada com o isso. Talvez porque o antigo rei não se im portasse tanto com as aparências, m as Maven é sua m ãe encarnada. *Parecer poderosos os torna poderosos*. Hoj e ele segue a lição à risca. Seus conselheiros, seus convidados de Piedm ont e eu estam os sentados a um a m esa longa, de onde dá para ver todo o resto.

Nunca pus os pés neste salão de festa antes. A sala do trono, as galerias e as salas de banquete do resto de Whitefire parecem m inúsculas perto dele.

Acomoda facilmente toda a corte reunida, todos os nobres e suas famílias. O

aposento tem três andares e janelas enormes de cristal e vidro colorido, representando as cores de cada uma das Grandes Casas. O resultado é uma dezena de arco-íris cobrindo o piso de mármore e granito preto; cada raio de luz forma um prisma que vai mudando de acordo com as faces de diamante dos lustres esculpidos em forma de árvores, pássaros, raios de sol, constelações, tempestades, incêndios, furacões e dezenas de outros símbolos da força prateada.

Eu passaria toda a refeição admirando o teto se não fosse pela minha situação precária. Pelo menos não estou ao lado de Maven desta vez. Os príncipes vão ter que suportá-lo hoje. Mas Jon está à minha esquerda e Evangeline, à minha direita. Mantenho os cotovelos bem próximos do corpo, sem querer tocar em nenhum deles por acidente. Ela pode me esfaquear e ele pode vir com mim algum apelo oníscio nauseante.

Por sorte, a comida é boa. Me obrigam a comer e a ficar longe do licor.

Criados vermelhos circulam e nenhum copo fica vazio. Depois de dez minutos tentando chamar a atenção de algum deles, desisto da tentativa. Eles são espertos e não estão dispostos a arriscar a vida olhando na minha direção.

Mantenho os olhos fixos à frente, contando as mesas e as Grandes Casas.

Estão todas aqui. A Casa Calore é representada apenas por Maven. Ele não tem nenhum outro parente que eu conheça, mas desconfio que devem existir. Assim como os criados, devem ser espertos o bastante para evitar sua fúria invejosa e seu frágil controle do trono.

A Casa Lira parece enorme, apagada apesar de seus traços vibrantes, azuis e vermelhos. Não há muitos deles e me pergunto quantos não foram enviados ao presídio de Corros. Ou quantos fugiram da corte. Sonya ainda está aqui, porém, com a postura elegante e treinada, mas as estranham muito. Ela trocou o uniforme de agente por um vestido de gala cintilante e está sentada ao lado de um homem mais velho, com um colar resplandecente de rubis e safiras.

Provavelmente o novo líder da Casa, visto que sua predecessora, a Pantera, foi assassinada por um homem sentado a poucos metros de distância. Queria saber se Sonya contou à família o que falei sobre sua avó e Ptolemeu. Queria saber se eles dão a mim o meu.

Levo um sobressalto quando Sony a ergue os olhos incisivos, fixando-nos m eus.

Ao m eu lado, Jon solta um suspiro longo e baixo. Pega sua taça de vinho escarlata com um a m ão e deixa a faca na m esa com a outra.

— Mare, pode m e fazer um favorzinho? — ele diz, com calm a.

Até sua voz m e enoj a. Viro para ele com todo o veneno e desprezo que consigo.

— O quê?

Algo estala e um a dor queim a na m inha bochecha, cortando a pele, queim ado a carne. Me retraio com a sensação, caindo de lado, m e encolhendo feito um anim al assustado. Meu om bro colide com Jon e ele se inclina para a frente, derrubando água e vinho sobre a toalha de m esa elegante. Sangue tam bém . Muito sangue. Eu o sinto, quente e úm ido, m as não olho para baixo para ver a cor. Meus olhos estão em Evangeline, levantando da m esa com o braço estendido.

Um a bala trem ula no ar diante dela, m antida im óvel. Im agino que sej a igual à que cortou m inha bochecha — e poderia ter causado um estrago m uito m aior.

Seu punho se cerra e a bala ricocheteia de volta para onde veio, seguida por lascas de aço frio que saem explodindo do vestido dela. Observo horrorizada conform e vultos azuis e verm elhos trespasam a tem pestade m etálica, desviando, caindo, evitando os golpes. Eles chegam a pegar pedaços dos proj éteis de m etal dela e os atirar de volta, recom eçando o ciclo num a dança reluzente e violenta.

Evangeline não é a única a atacar. Os sentinelas avançam , subindo na m esa alta, form ando um a m uralha diante de nós. Seus m ovim entos são perfeitos, graças a anos de treinam ento incansável. Mas há buracos nas suas fileiras.

Alguns tiram as m áscaras, jogando de lado os uniform es flam ej antes. Eles se voltam uns contra os outros.

As Grandes Casas fazem o m esm o.

Nunca m e senti tão exposta, tão indefesa, e isso é dizer m uito. À m inha frente, deuses estão duelando. Meus olhos se arregalam , tentando ver tudo.

Tentando entender isso. Nunca im aginei algo assim . Um a batalha de arena no meio de um salão de festa. Joias em vez de armas duras.

Iral, Haven e Laris com seu armarelo vibrante parecem estar do mesmo lado. Eles se protegem , ajudando uns aos outros. Os dobraventos de Laris lançam os silvos de Iral de um lado para o outro do salão com rajadas fortes, usando-os com o flechas vivas enquanto os Iral atiram com armas de fogo e lançam facas com uma precisão letal. Os Haven desapareceram por completo, mas alguns sentinelas à nossa frente caem , derrubados por ataques invisíveis.

E o resto... o resto não sabe o que fazer. Alguns — Sam os, Merandus, a maioria dos guardas e sentinelas — se agrupam na mesma alta, correndo para defender Maven, que não consigo ver. Mas a maioria recua, surpresa, traída, sem querer chafurdar nessa bagunça e arriscar a própria vida. Eles se defendem e mais nada. Observam para ver a direção da mesma areia.

Meu coração salta no peito. Esta é minha chance. No meio do caos, ninguém vai me notar. As almas não me tiraram os instintos ou talentos de ladra.

Me ergo do chão, sem me preocupar com Maven nem ninguém .

Concentro-me e apenas no que está à minha frente. A porta mais próxima. Não sei aonde leva, mas vai me tirar daqui, e isso basta. Enquanto corro, pego uma faca da mesma e com ela a agir, tentando abrir as almas.

Alguém foge à minha frente, deixando um rastro de sangue escarlate.

Manca, mas se move rápido e entra por uma porta. Jon, percebo. Está escapando. Ele vê o futuro. Certamente sabe a melhor saída daqui.

Não sei se vou conseguir acompanhar seu ritmo.

A resposta surge depois de apenas três passos, quando um sentinela me apanha. Ele puxa meus braços para trás, me segurando firme. Resmungo com o uma criança irritada, exasperada de frustração, enquanto minha mão deixa a faca cair.

— Não, não, não — ouço Sam son dizer quando entra no meu caminho. O

sentinela me segura tão forte que nem consigo me encolher. — Isso

não pode acontecer.

Agora entendo do que se trata. Não é um resgate. Não para mim. É um golpe, uma tentativa de assassinato. Eles vieram atacar Maven.

Iral, Haven e Laris não vão conseguir ganhar esta batalha. Estão em menor número e sabem disso. Estão preparados para isso. Os Iral são estrategistas e espiões. Seu plano é bem executado. Já estão fugindo pelas janelas estilhaçadas.

Observo, estupefata, enquanto se lançam no céu, pegando carona nos vendavais que os levam para longe. Nem todos conseguem escapar. Os lépidos de Nornus capturam alguns, assim como o príncipe Daraeus, apesar da longa faca cravada em seu ombro. Imagino que os Haven já tenham partido há muito tempo também, em busca de um ou dois ressurgidos no meu campo de visão, sangrando, morrendo, atacados pelo massacre de um urador Merandus. O próprio Daraeus ergue o braço e segura alguém pelo pescoço. Quando ele aperta, um Haven aparece.

Os sentinelas que viraram a casaca, todos das Casas Laris e Iral, tam pouco conseguem fugir. Estão aj oelhados, furiosos m as sem m edo, determ inados. Sem m áscara, não parecem tão aterrorizantes.

Um som gorgolej ante atrai nossa atenção. O sentinela se vira, deixando que eu vej a o centro do que antes era a m esa de banquete. Um a m ultidão se aglom era onde estava a cadeira de Maven, alguns de guarda, outros aj oelhados.

Entre as pernas deles, eu o vej o.

Sangue prateado borbulha de seu pescoço, escorrendo por entre os dedos do sentinela m ais próxim o, que tenta m anter a pressão num ferim ento de bala. Os olhos de Maven se reviram e sua boca se m ove. Ele não consegue falar. Não consegue gritar. Um som úm ido e abafado é tudo o que é capaz de em itir.

É bom que o sentinela continue m e segurando. Senão, eu poderia correr até ele. Algo dentro de m im quer se aproxim ar. Se para term inar o serviço ou consolá-lo durante a m orte, eu não sei. Desej o as duas coisas em igual m edida.

Quero olhar em seus olhos e vê-lo m e deixar para sem pre.

Mas não consigo m e m over e o j ovem rei sim plesm ente não m orre.

A curandeira de pele Skonos, a m esm a que m e curou, aj oelha ao seu lado.

Acho que o nom e dela é Wren. Pequena e ágil com o um passarinho, ela estala os dedos.

— Tirem a bala; eu cuido dele! — a curandeira grita. — Tirem , agora!

Ptolem us Sam os se agacha, abandonando a vigília. Ele contorce os dedos e a bala sai do pescoço de Maven, provocando um novo esguicho prateado. O

j ovem rei tenta gritar, m as engasga com o próprio sangue.

Com a testa franzida, a curandeira de pele trabalha, m antendo as duas m ãos na ferida. Ela se curva com o se apoiasse o peso sobre ele. Deste ângulo, não dá para ver a pele de Maven, m as o sangue para de j orrar. A ferida que deveria tê-lo m atado se fecha. Músculos, veias e carne se reconstroem , novos em folha.

Não fica nenhum a cicatriz além da m em ória.

Depois de um longo m om ento assustado, Maven levanta de um salto e cham as explodem de am bas as m ãos, fazendo seu séquito recuar. A m esa diante dele vira, em purrada pela força e pela fúria de sua cham a. Cai num a pilha estrondosa, espirrando poças de álcool que queim am em cham as azuis. O resto pega fogo, alim entado pela raiva de Maven. E, penso eu, por seu pavor.

Só Volo tem coragem de se aproxim ar do rei nesse estado.

— Maj estade, precisam os tirá-lo daqui...

Com os olhos perversos, Maven se vira. Sobre ele, as lâmpadas nos lustres explodem , derram ando cham a em vez de faíscas.

— Não tenho m otivos para fugir.

Tudo isso em poucos m om entos. O salão de festa está em frangalhos, cheio de copos partidos, m esas tom badas e alguns corpos m utilizados.

O príncipe Alexandret está entre eles, caído m orto em seu lugar de honra com um buraco de bala entre os olhos.

Não lam ento sua perda. A habilidade dele era causar dor.

Obviam ente, sou a prim eira que interrogam . Eu deveria estar acostum ada a essa altura.

Exausta, em ocionalm ente esgotada, caio no chão frio de pedra quando Sam son m e libera. Respiro com dificuldade, com o se tivesse acabado de correr.

Tento desacelerar m eu coração, parar de ofegar, m e segurar a qualquer resquício de dignidade e bom senso. Estrem eço quando os Arven recolocam m inhas algem as; depois, levam a chave para longe. É um alívio e um fardo ao m esm o tem po. Um escudo e um a j aula.

Dessa vez, voltam os para as câmaras grandiosas do conselho, o salão circular em que vi Walsh m orrer para proteger a Guarda Escarlata. Aqui tem m ais espaço para j ulgar as dezenas de assassinos capturados. Os sentinelas seguram os prisioneiros com força, sem perm itir qualquer m ovim ento. Maven encara todos do alto de sua cadeira, entre Volo e Daraeus, que parece dividido entre a tristeza e um a fúria raivosa. O outro príncipe de seu país m orreu, abatido num a tentativa de assassinato contra Maven. Um a tentativa que, infelizm

ente, fracassou.

— Ela não sabia nada disso. Nem sobre a revolta das Casas nem sobre a traição de Jon — Sam son diz ao salão. A câm ara terrível parece pequena, com a m aioria das cadeiras vazias e as portas bem trancadas. Apenas os conselheiros m ais próxim os de Maven perm anecem , de vigia, com as engrenagens girando na cabeça.

De sua cadeira, Maven observa com desdém . Ser quase assassinado não parece abalá-lo.

— Não, isso não foi obra da Guarda Escarlata. Eles não agem dessa form a.

— Você não tem com o saber isso — Daraeus retruca, deixando para trás seus sorrisos e boas m aneiras. — Diga o que quiser, m as não sabe nada sobre eles. Se a Guarda Escarlata se aliou com ...

— Corrom peu — Evangeline vocifera de seu lugar, ao lado esquerdo de Maven. Ela não tem um a cadeira no conselho nem um título para cham ar de seu e precisa ficar em pé, apesar dos vários assentos vazios. — Deuses não se aliam a insetos, m as podem ser infectados por eles.

— Belas palavras de um a bela garota — Daraeus diz, desprezando-a por com pleto. Evangeline fica furiosa. — E o resto?

Com um gesto de Maven, o próxim o interrogatório com eça energicam ente.

Trio segura firm e um a som bria Haven para não fugir. Sem sua habilidade, ela parece apagada, um eco de sua bela Casa. Seu cabelo ruivo está m ais escuro, m ais opaco, sem o brilho escarlate costum eiro. Quando Sam son coloca a m ão em sua testa, ela solta um grito agudo.

— Ela está pensando na irm ã — Sam son diz sem nenhum sentim ento além de tédio, talvez. — Elane.

Eu a vi há poucas horas, deslizando pelo salão de Evangeline. Não deu nenhum indício de que sabia de um assassinato im inente. Mas nenhum bom estrategista daria.

Maven tam bém sabe disso. Ele encara Evangeline, furioso.

— Soube que Lady Elane escapou com a m aior parte da Casa dela e

fugiu da capital — o rei diz. — Você tem algum a ideia de aonde podem ter ido, m inha querida?

Ela m antém o olhar à frente, com o se cam inhasse sobre um a corda que vai se afinando. Mesm o com o pai e o irm ão ali, acho que ninguém poderia salvá-la da ira de Maven caso ele estivesse inclinado a estourar.

— Não, por que eu saberia? — Evangeline diz, distraída, exam inando as unhas que m ais parecem garras.

— Porque ela é noiva do seu irm ão e tam bém sua putinha — o rei responde, direto.

Se sente vergonha ou m esm o arrependim ento, Evangeline não dem onstra.

— Ah, isso. — Ela chega a zom bar, desprezando a acusação. — Com o poderia arrancar algum a inform ação de m im ? Você se esforça tanto para m e m anter longe dos conselhos e da política. No m áxim o, Elane lhe fez um favor m e entretendo.

A discussão m e faz lem brar de outro rei e de outra rainha: os pais de Maven, discutindo depois que a Guarda Escarlata invadiu um a festa no Palacete do Sol. Um atacando o outro, deixando feridas profundas a serem exploradas m ais tarde.

— Então se subm eta ao interrogatório, Evangeline, e verem os — ele dispara, apontando com a m ão cheia de j oias.

— Nenhum a filha m inha vai se subm eter a nada — Volo declara, em bora m al pareça um a am eaça. É apenas um fato. — Ela não participou de nada disso

e defendeu você com a própria vida. Sem a ação rápida de Evangeline e do m eu filho... Bom , sim plesm ente *dizer* isso seria traição. — O velho patriarca franze a testa, enrugando a pele branca, com o se o pensam ento fosse repulsivo. Com o se ele não fosse celebrar caso Maven m orresse. — Longa vida ao rei.

No m eio do salão, a Haven rosna, tentando em purrar Trio. Ele segura firm e, m antendo-a de j oelhos.

— Sim , longa vida ao rei! — ela diz, olhando feio para nós. — Tiberias VII!

Longa vida ao rei!

Cal.

Maven levanta, batendo os punhos nos braços da cadeira. Penso que o salão vai pegar fogo, mas nenhum a chama brota. Não há com o. Não enquanto ele está sentado em Pedra Silenciosa. Seus olhos são as únicas chamadas acesas. E, então, devagar, com um sorriso m aníaco, o rei começa a rir.

— Tudo isso... por causa *dele*? — Maven diz, sorrindo perversamente.

— Meu irmão assassinou o rei, nosso pai, ajudou a assassinar minha mãe e agora tenta me assassinar. Samson, pode continuar. — Ele inclina a cabeça para o primo. — Não tenho dó nem piedade quando se trata de traidores. Muito menos traidores idiotas.

O restante se vira para ver o interrogatório, para ouvir a Haven revelando segredos de sua facção, seus objetivos, seus planos. Substituir Maven pelo irmão.

Tornar Cal o rei que ele nasceu para ser. Fazer tudo voltar a como era antes.

Durante todo o processo, não tiro os olhos do garoto no trono. Ele mantém a máscara. O meu axilar cerrado, os lábios pressionados numa linha fina e implacável.

Os dedos imóveis, as costas eretas. Mas seu olhar vacila. Ele parece distante. E, em sua gola, surge um leve tom cinza, tingindo seu pescoço e a ponta de suas orelhas.

Maven está aterrorizado.

Por um segundo, isso me deixa feliz. Então me lembro: os monstros são meus perigosos quando estão assustados.



ONZE

Cameron

MESMO SE ACABASSE VIRANDO UM PICOLÉ, preferia ter ficado para trás em Trial. Não por medo, mas para provar meu ponto de vista. Não sou uma arma para ser usada, ao contrário de Barrow. Ninguém tem o direito de me dizer onde ir ou o que fazer. Estou cheia disso. Já passei a vida inteira assim. Todos os meus instintos me dizem para ficar longe das operações da Guarda em Corvium, uma cidade-fortaleza que engole soldados e cospe seus ossos.

Só que meu irmão, Morrey, está a poucos quilômetros de distância agora, enfiado numa trincheira. Mesmo com minha habilidade, vou precisar de ajuda para chegar até ele. E, se quiser algo dessa Guarda ridícula, vou ter que comê-la e dar algum coisa em troca. Farley deixou isso bem claro.

Eu gosto dela, ainda mais depois que pediu desculpa pelo comentário sobre nos “usar”. A garota fala o que pensa. Não se deixa abater, embora tenha todo o direito. Ao contrário de Cal, que fica deprimido pelos cantos, recusando-se a ajudar e depois cedendo quando está a fim. O príncipe me cansa. Não sei com o Mare conseguia suportar esse cara e sua incapacidade de escolher um meu lado — ainda mais quando só há uma opção. Agora mesmo ele está vociferando, alternando entre querer proteger os prateados de Corvium e arrasar a cidade.

— Vocês precisam controlar as muralhas — Cal murmura, diante de Farley e do coronel. Estão operando a partir do nosso quartel-general em Rocasta, uma cidade fornecedora a poucos quilômetros de nosso objetivo. — Se controlarem as muralhas, podem virar a cidade do avesso... ou derrubá-las completamente. Deixar Corvium inútil. Para todo mundo.

Sem nada para fazer, sento na sala quase vazia, no meu lugar ao lado de Ada. Foi ideia de Farley. Somente os dois dos sangüenovelos mais visíveis, ficamos entre os dois tipos de vermes. Incluir-nos nesta reunião ainda uma mensagem forte para o resto da unidade. Ada observa com olhos arregalados, me mirando as palavras e os gestos. Normalmente, Nanny estaria aqui com a gente, mas ela se foi. Era uma mulher pequena, mas deixou um vazio enorme. E

sei de quem é a culpa.

Meus olhos queimam as costas de Cal. Sinto o formigamento do meu poder e resisto ao impulso de deixá-lo de joelhos. O príncipe está disposto a nos matar para salvar Mare mas não a matar seus semelhantes para salvar o resto de mundo. Foi escolha de Nanny se

infiltrar sozinha em Archeon, mas assim tudo sabe que a ideia não partiu dela.

Farley está tão furiosa quanto eu. Mal consegue olhar para Cal, mas mesmo quando fala com ele.

— A questão agora é com o vamos os despachar nossa tropa. Não podem os concentrar tudo mesmo nas muralhas, por mais importantes que sejam.

— Pela minha contagem, há dez mil soldados vermelhos em Corvium.

— Quase rio com a humildade de Ada. *Pela minha contagem.* A contagem dela é perfeita e tudo mesmo sabe disso. — O protocolo militar define que deve haver um oficial para cada dez vermelhos, o que significa pelo menos mil prateados dentro da cidade, sem levar em conta as unidades de comando e administração. Neutralizar os prateados deve ser nosso objetivo.

Cal cruza os braços, duvidando até da inteligência perfeita e indiscutível de Ada.

— Não sei. Nosso objetivo é destruir Corvium, o centro do Exército de Maven. Isso pode ser feito sem ... — ele balbucia — sem um massacre de ambos os lados.

Com o se ele se importasse com o que acontece com o nosso lado. Com o se desse a mínima se algum de nós morresse.

— Com o você planeja destruir uma cidade com mil prateados de vigia?

— pergunto em voz alta, sabendo que não vou ter resposta. — Vai pedir para ficarem todos sentadinhos sem fazer nada?

— É claro que vamos os com bater os que resistirem — o coronel intervém.

Ele encara Cal, desafiando-o a discordar. — E eles vão resistir. Disso tem a certeza.

— Tem os, é? — O tom de Cal é de uma arrogância calma. — Membrados da própria corte tentaram matar Maven na semana passada. Se há uma divisão entre as Grandes Casas, há uma divisão nas Forças Armadas. Atacá-los diretamente só vai servir para unificar todos,

pelo m enos em Corvium .

Meu sarcasm o ecoa pela sala.

— Então a gente vai ficar esperando? Deixam os Maven lam ber as feridas e se reorganizar? Dam os tem po para ele recuperar o fôlego?

— Dam os corda para ele se enforcar — Cal retruca. Ele fecha a cara com o eu. — Dam os tem po para Maven com eter m ais erros. Agora está pisando em ovos com Piedm ont, seu único aliado, e três das Grandes Casas estão abertam ente em revolta. Um a delas sim plesm ente controla a Força Aérea, a outra tem um a vasta rede de inform ações. Sem falar que ele ainda tem a gente e Lakeland com que se preocupar. Maven está assustado; está se debatendo. Eu não ia querer estar no trono agora.

— É m esm o? — Farley pergunta, a voz descontraída. Mas as palavras atravessam a sala feito facas. Dá para ver que atingem Cal. A etiqueta real é suficiente para m anter seu rosto im passível, m as seus olhos o denunciam . Ardem sob a luz fluorescente. — Não m inta pra gente dizendo que não está nem aí para

as outras notícias de Archeon. O m otivo pelo qual Laris, Iral e Haven tentaram m atar seu irm ão.

Cal a encara.

— Eles tentaram um golpe porque Maven é um tirano que abusa do poder e m ata seus sem elhantes.

Bato o punho no braço da cadeira. Desta ele não vai fugir.

— Eles se revoltaram porque querem que você sej a o rei! — grito. Para m inha surpresa, Cal estrem ece. Talvez esteja a esperando m ais do que apenas palavras. Mas m antenho m inha habilidade sob controle, por m ais difícil que sej a.

— “Longa vida a Tiberias VII.” Foi o que os assassinos disseram para Maven.

Nossos espiões em Whitefire foram bem claros.

Ele solta um longo suspiro frustrado. Parece envelhecido pela conversa.

Tem a sobrancelha franzida e o m axilar tenso. Os m úsculos se

sobressaem em seu pescoço e seus punhos são cerrados. Ele é um a m áquina prestes a quebrar

— ou explodir.

— Não é inesperado — Cal m urm ura, com o se m elhorasse algum a coisa.

— Era óbvio que haveria um a crise de sucessão em algum m om ento. Mas não há nenhum a m aneira viável de m e colocarem de volta no trono.

Farley inclina a cabeça.

— E se conseguissem ? — Em silêncio, eu a estim ulo. Farley não vai deixar pra lá com o Mare fazia. — Se oferecessem a coroa, seu “direito inato”, em troca de pôr um fim nisso tudo... você aceitaria?

O príncipe caído da Casa Calore se endireita para olhar no fundo dos olhos dela.

— Não.

Cal não m ente tão bem quanto Mare.

*

— Por m ais que eu odeie adm itir, ele está certo em esperar.

Quase engasgo com o chá que Farley m e serviu. Rapidam ente, coloco a xícara lascada de volta à m esa decrépita dela.

— Você não está falando sério. Com o pode confiar nele?

Farley anda de um lado para o outro, atravessando o quarto m inúsculo em poucos passos largos. Um a m ão m assageia as costas conform e se m ove, aliviando m ais um a de suas dores. Seu cabelo está cada dia m ais longo, e ela o m antém trançado para trás. Eu ofereceria m eu lugar, m as ultim am ente ela não senta. Precisa continuar em m ovim ento, para ficar m ais confortável e gastar sua energia nervosa.

— É claro que não confio nele — Farley responde, chutando de leve um a das paredes com tinta descascada. A frustração é tão forte quanto suas outras em oções. — Mas tem certas coisas em que podem os confiar. Dá para saber que Cal vai agir de determ inada form a quando se trata de certas pessoas.

— Você está falando de Mare.

Óbvio.

— De Mare e de Maven. O afeto por ela rivaliza em tamanho com o ódio por ele. Pode ser nosso único jeito de manter Cal por perto.

— Voto para deixar que vá em bora, instigue outros prateados e vire mais um a pedra no caminho de Maven. A gente não precisa dele aqui.

Ela quase solta uma risada, um som amargurado hoje e em dia.

— Sim, vou simplesmente dizer pro Comandante que expulsam os nosso agente mais famoso. Vai dar muito certo.

— Ele nem está com a gente de verdade...

— Bom, Mare não está com Maven de verdade, mas as pessoas não parecem entender isso também, não é? — Mesmo o Farley estando certa, fecho a cara. — Enquanto tivermos os Cal, as pessoas vão notar. Por mais que nosso primeiro atentado em Archeon tenha sido um desastre, ainda assim acabamos com um príncipe prateado do nosso lado.

— Um a droga de príncipe inútil.

— Irritante, frustrante, um verdadeiro pé no saco... mas não inútil.

— Ah, não? O que ele fez por nós além de causar a morte de Nanny?

— Nanny não foi obrigada a ir a Archeon, Cameron. Ela fez uma escolha e morreu. Às vezes é assim que funciona.

Apesar de seu tom acolhedor, Farley não é muito mais velha do que eu.

Tem no máximo o uns vinte e dois anos. Acho que seus instintos maternos já estão se revelando.

— Cal nos faz ganhar pontos com prateados menos hostis, e Montfort tem interesse nele.

Montfort. A misteriosa República Livre. Os gemêos, Rash e Tahir, descrevem o lugar com o um refúgio de liberdade e igualdade, onde vemos elhos, prateados e rubros — com o chamamos os sanguenovos — convivem em harmonia. Um lugar impossível. Mas, mesmo assim,

sou obrigada a acreditar no dinheiro, nos suprim entos e no apoio deles. A maioria dos nossos recursos vem deles de alguma forma. — O que eles querem ? — Mexo o chá, deixando o calor banhar meu rosto. Não é tão frio aqui quanto em Irabelle, mas ao inverno ainda penetra no abrigo de Rocasta. — Um garoto-propaganda?

— Algo do tipo. Houve muitas conversas com o Comandante. Não tenho acesso à maioria. Eles queriam Mare, mas...

— Ela ainda me está ocupada.

A menção de Mare Barrow não afeta Farley tanto quanto a lembrança de Shade, mas um a centelha de dor cobre seu rosto mesmo assim. Ela tenta esconder, claro. Faz o possível para parecer impassível e normalmente consegue.

— Então não tem nenhuma chance de resgatarmos a garota — sussurro.

Quando Farley faz que não, sinto uma pontada surpreendente de tristeza no peito.

Por mais irritante que Mare possa ser, ainda a quero de volta. Precisamos dela.

E, ao longo dos meses, percebi que *eu* preciso dela. Mare sabe com o que é ser diferente e estar em busca de seus semelhantes, tem medo e sabe lidar. Apesar de ser um palerma arrogante na maior parte do tempo.

Farley para de andar de um lado para o outro para pegar outra xícara de chá. Está fumegante e enche o quarto com um aroma quente de ervas. Ela não bebe; em vez disso, vai até a janela embaçada no alto da parede, tingida pela luz

do dia.

— Não sei com o que fazer isso com o que temos à disposição. Entrar em Corvium é fácil com o paradeiro de Archeon. Precisaria de uma ofensiva total, do tipo que não conseguimos reunir. Muito tempo agora, depois de Nanny e da tentativa de assassinato. A segurança na corte vai estar no nível máximo, o pior que um presídio. A menos...

— A menos?

— Cal acha que a gente deve esperar. Deixar que os prateados em Corvium se voltem uns contra os outros. Deixar Maven cometer erros

antes de agirm os.

— E isso vai aj udar Mare tam bém ?

Farley concorda com a cabeça.

— A corte fraca e dividida de um rei paranoico deve tornar um a fuga m ais fácil para ela. — Farley suspira, olhando para o chá intocado. — Só ela m esm a pode se salvar agora.

É fácil m udar o rum o da conversa. Por m ais que eu queira Mare de volta, há outra coisa de que preciso m ais.

— O Gargalo fica a quantos quilôm etros daqui?

— De novo isso?

— Sem pre isso. — Afasto a cadeira para levantar. Sinto que preciso ficar de pé. Tenho a m esm a altura de Farley, m as ela sem pre parece m e olhar de cim a.

Sou j ovem , destreinada. Não conheço m uito do m undo fora da m inha favela.

Mas isso não significa que eu vá ficar aqui seguindo ordens. — Não estou pedindo sua aj uda nem a da Guarda. Só preciso de um m apa e de um a pistola. Faço o resto sozinha.

Ela nem pestanej a.

— Cam eron, seu irm ão está no m eio de um a legião. Não é o m esm o que arrancar um dente.

Cerro o punho ao lado do corpo.

— Você acha que vim até aqui para ficar parada vendo Cal m exer seus pauzinhos? — É um argum ento velho a essa altura. Ela m e corta sem dificuldade.

— Bom , eu definitivam ente não acho que você tenha vindo para m orrer.

— Seus om bros largos se elevam um pouco, desafiantes. — Porque é exatam ente isso que vai acontecer, por m ais forte e letal que sej a sua habilidade.

E, m esm o se você levar um a dúzia de prateados j unto, não vou

deixar que m orra por besteira. Estam os entendidas?

— Meu irm ão não é besteira — resm ungo. Ela tem razão, m as não vou adm itir. Em vez disso, evito seu olhar e viro para a parede. Puxo a tinta descascada, arrancando pedaços com irritação. Um a coisa infantil, m as faz com que m e sintam um pouco m elhor. — Você não é m inha capitã. Não pode m e dizer o que fazer com a m inha vida.

— É verdade. Sou só um a am iga tentando ressaltar um fato. — Ouço quando ela se m ove, os passos pesados no piso que range. Mas o toque dela é leve quando roça a m ão no m eu om bro. Seu m ovimento é robótico, sem saber direito com o consolar outra pessoa. Friamente, m e pergunto com o ela e o caloroso e sorridente Shade Barrow conseguiam conversar, que dirá dividir a cam a.

— Lem bro do que você falou para Mare. Quando encontram os você. No j ato,

você disse que a busca dela por sanguenovos, para salvar vocês, era errada. Um a continuação da divisão de sangue. Favorecer um tipo de verm elho em detrim ento de outro. E você estava certa.

— Não é a m esm a coisa. Só quero salvar m eu irm ão.

— Com o você acha que o resto de nós chegou aqui? — ela zom ba. — Para salvar um am igo, um irm ão, um pai. Para se salvar. Todos viem os por m otivos egoístas, Cam eron. Mas não podem os nos deixar distrair por eles. Tem os que pensar na causa. No bem m aior. E você pode fazer m uito m ais aqui, com a gente. Não podem os perder você...

Também. Não podemos perder você também. A últim a palavra paira no ar, tácita. Eu a escuto m esm o assim .

— Você está errada. Não vim por escolha própria. Fui forçada. Mare Barrow m e obrigou a acom panhar vocês e todo m undo levou isso na boa.

— Cam eron, essa é um a carta que você j á usou dem ais. Faz m uito tem po que escolheu ficar. Que escolheu aj udar.

— E o que você escolheria agora, Farley ? — Eu a encaro. Ela pode ser m inha am iga, m as isso não quer dizer que eu tenha que desistir.

— Com o assim ?

— Você escolheria o bem m aior? Ou Shade?

Quando ela não responde e seu olhar perde o foco, sei qual é a resposta.

Percebo que não quero vê-la chorar e dou as costas, dirigindo-m e para a porta.

— Preciso treinar — falo sozinha. Duvido que Farley esteja ouvindo.

*

É m ais difícil treinar no abrigo de Rocasta. Não tem os m uito espaço, sem falar que a m aioria dos agentes que conheço ficou em Irabelle. Kilorn, por exem plo. Afoito com o é, falta m uito para estar preparado para um a batalha de verdade, e ele não tem nenhum a habilidade em que se apoiar. Ficou para trás.

Mas m inha treinadora, não. Afinal, é prateada e o coronel quer ficar de olho nela.

Sara Skonos espera no porão do pavilhão blindado, num cô m odo dedicado aos exercícios dos sanguenovos. Está na hora do j antar, então os outros subiram para com er com os dem ais. Tem os o espaço para nós, em bora não precisem os de m uito.

Ela está sentada de pernas cruzadas, com as m ãos no chão de concreto que com bina com as paredes. Seu bloco de anotações tam bém está aqui, pronto para ser usado se necessário. Os olhos dela acom panham m inha entrada, o único cum prim ento que vou receber. Até agora, não encontram os nenhum a outra curandeira de pele para se j untar a nós, e Sara continua m uda. Apesar do tem po de convívio, a visão das bochechas descarnadas dela e da língua decepada ainda m e causa arrepios. Com o sem pre, ela finge não notar e aponta para o espaço à sua frente.

Sento com o m anda e resisto ao velho im pulso de lutar ou fugir.

Ela é prateada. É tudo o que fui criada para tem er, odiar e obedecer. Mas

não consigo desprezar Sara Skonos com o desprezo Julian ou Cal. Não que eu tenha pena dela. Acho que... eu a entendo. Conheço a frustração de saber que está certa e ser ignorada ou punida por isso. Perdi as contas de quantas vezes recebi m etade das rações por olhar feio para um supervisor prateado. Por falar fora de hora. Sara fez o m

esm o, só que contra um a rainha. Por isso suas palavras foram arrancadas dela para sem pre.

Mesm o não podendo falar, ela tem seu jeito de com unicar o que deseja.

Bate no meu olho, me obrigando a encarar seus olhos cinza e turvos. Então abaixa o rosto e coloca a mão no coração.

Sigo os movimentos, sabendo o que ela quer. Imito sua respiração constante e profunda, em sucessão uniforme. Um mecanismo relaxante que ajuda a abafar todos os pensamentos que se agitam na minha cabeça. Isso esvazia minha mente, permitindo que eu sinta o que normalmente ignoro. Minha habilidade zumbi sob a pele, constante com o sem pre, mas agora me permite notá-la. Não usá-la, mas reconhecer sua existência. Meu silenciamento ainda me é novo e preciso aprender a conhecê-lo com o qualquer habilidade recente.

Depois de longos minutos de respiração, ela dá outra batidinha, me fazendo erguer os olhos. Dessa vez, aponta para si mesma.

— Sara, realmente não estou no clima — com eco a dizer, mas ela ergue a mão num movimento cortante. *Cala a boca*, uma mensagem clara com o dia.

— É sério. Posso te machucar.

Ela bufa no fundo da garganta, uma das únicas vocalizações que consegue fazer. É quase o som de uma risada. Então aponta para os lábios, abrindo um sorriso sombrio. Já foi ferida de forma muito pior.

— Tudo bem, eu avisei — suspiro. Eu me mexo um pouco, ajustando a posição. Então franzo a testa, deixando que minha habilidade tome conta de mim, aprofundando-se, expandindo-se. Até tocar nela. E o silêncio cair.

Seus olhos se arregalam. É uma pontada no eco, ou pelo menos espero que seja. Estou só treinando. Não pretendo nocauteá-la. Penso em Mare, capaz de invocar tempestades, enquanto Cal consegue criar incêndios, mas os dois têm dificuldade em manter uma conversa simples sem explodir. O controle exige mais prática do que a força bruta.

Minha habilidade se aprofunda e ela ergue um dedo para demonstrar o nível de desconforto. Tento manter o silenciamento no mesmo nível, constante mas firme. É com o conter uma máre. Não sei com

o é a sensação de ser silenciada. A Pedra Silenciosa não funcionou com igo no presídio de Corros, m as sufocou, drenou — e m atou lentam ente — todas as pessoas à m inha volta.

Consigo fazer o m esm o. Depois de m ais ou m enos um m inuto, ela levanta o segundo dedo.

— Sara...?

Com a outra m ão, ela gesticula para que eu continue.

Lem bro da nossa sessão de ontem . No cinco, ela estava no chão. Eu sabia que podia continuar, m as incapacitar nossa única curandeira de pele não é a atitude m ais inteligente nem algo que eu queira fazer.

Suas bochechas se colorem , m as a porta do porão se abre antes que ela consiga erguer outro dedo.

Minha concentração e m eu silêncio se quebram , trazendo um suspiro aliviado dela. Nós duas nos viram os para ver quem nos interrom pe. Enquanto ela abre um raro sorriso, fecho a cara.

— Jacos — m urm uro na direção dele. — Estam os treinando, caso não tenha notado.

Um lado de sua boca se contorce, quase retribuindo m eu sorriso de desprezo, m as Julian se contém . Assim com o o resto de nós, está com um a cara m elhor em Rocasta. As provisões são m ais fáceis de obter. Nossas roupas são de m elhor qualidade, protegendo contra o frio. A com ida é m ais substanciosa, os côm odos têm m ais aquecim ento. A cor de Julian retornou, e seu cabelo grisalho parece m ais brilhante. Ele é prateado. Nasceu para gozar de boa saúde.

— Ah, que tolíce a m inha. Pensei que estavam sentadas no concreto frio por diversão — ele responde. Claram ente, as coisas continuam iguais entre nós.

Sara olha feio para ele, num a reprim enda fraca, m as Julian relaxa m esm o assim . — Desculpe, Cam eron — ele acrescenta rápido. — Só queria contar um a coisa para Sara.

Ela ergue um a sobrancelha, inquisitiva. Quando levanto para sair, Sara m e detém e, com um aceno, pede para Julian continuar. Ele sem pre obedece quando se trata dela.

— Houve um êxodo da corte. Maven expulsou dezenas de nobres, a m

aíoria antigos conselheiros do pai e aqueles que ainda podiam nutrir lealdade a Cal.

Nem acreditei no relatório da espionagem no com eço. Nunca vi nada desse tipo.

Julian e Sara se encaram , am bos ponderando o que isso quer dizer. Não dou a m ínim a para seus velhos am igos, m eia dúzia de nobres prateados.

— E Mare? — pergunto alto.

— Continua lá, prisioneira. E qualquer rachadura que podíam os esperar das Casas revoltadas... — Ele suspira, abanando a cabeça. — Maven j á está em guerra e agora se prepara para um a tem pestade.

Eu m e rem exo no chão, procurando um a posição m ais confortável. Ele estava certo. O concreto frio não é agradável. Que bom que estou acostum ada.

— A gente sabia que era im possível resgatar Mare. Qual é a novidade?

— Isso é bom e ruim . Mais inim igos para Maven significa m ais oportunidades de agir fora do seu alcance. Mas ele está cerrando as fileiras, recuando, protegendo-se m elhor. Nunca vam os chegar ao rei pessoalm ente.

Ao m eu lado, Sara em ite um som baixo na garganta. Ela não pode dizer o que está pensando, então eu digo.

— Nem a Mare.

Julian concorda com o olhar grave.

— Com o vai seu treinam ento?

Ele m uda de assunto rápido, e balbucio um a resposta.

— Da... da m elhor m aneira possível. A gente não tem m uitos professores aqui.

— Porque você se recusa a treinar com m eu sobrinho.

— Os outros podem treinar com ele — digo, sem m e im portar em esconder o sarcasm o na voz. — Mas não tenho com o prom eter que não vou m atar o príncipe, então é m elhor m anter distância.

Sara solta um resmungo, mas Julian faz um sinal com a mão.

— Não tem problema. Você pode achar que não entendo seu ponto de vista, que não tenho com o entender, e tem razão. Mas estou me esforçando, Cameron.

Ainda estão os sentados no chão, e ele dá um passo hesitante na nossa direção. Não gosto nem um pouco disso e levanto com dificuldade, deixando que meus instintos defensivos tomem conta. Se for para ficar tão perto de Julian Jacobs, quero estar preparada.

— Prometo que não precisa ter medo de mim — ele conclui.

— Promessas de prateados não significam nada. — Não preciso gritar. As palavras já são duras o bastante.

Para minha surpresa, Julian sorri. Mas sua expressão é oca, vazia.

— Ah, sei bem disso — ele murmura, mais para si mesmo e para Sara.

— Guarde esse ódio. Sara pode discordar, mas vai ajudar você mais do que qualquer coisa, se conseguir usá-lo a seu favor.

Ainda que eu não queira conselhos de um homem com o ele, não consigo deixar de gravar isso. Julian treinou Mare. Eu seria idiota se negasse que pode ajudar minha habilidade a crescer. E ódio é algo que tenho de sobra.

— Mais alguma notícia? — pergunto. — Farley e o coronel parecem paralisados. Será trabalho do seu sobrinho?

— Sim, acho que é.

— Esquisito. Pensei que ele estivesse sem prestativo para a briga.

Julian abre aquele sorriso estranho de novo.

— Cal foi criado para a guerra assim com o você foi criada para as máquinas. Mas você não quer voltar para a fábrica, quer?

Um a resposta, qualquer resposta, fica presa na minha garganta. *Eu era escrava; fui forçada; era tudo o que eu conhecia.*

— Não dê um adeuszinho comigo, Julian — é o que sai entredentes.

Ele só dá de om bros.

— Estou tentando entender seu ponto de vista. Se esforce um pouco para entender o dele.

Em qualquer outro dia, sairia da sala a passos furiosos, defensivos.

Encontraria refúgio num fusível queimado, num fio desencapado. Em vez disso, volto a sentar, assumindo meu lugar junto a Sara. Julian Jacos não vai me ver fugindo feito uma criança que levou bronca. Já enfrentei supervisores muito piores que ele.

— Vi bebês me orrerem sem conhecer o sol. Sem respirar ar fresco.

Escravos dos prateados. Você viu? Quando vir, daí pode me dar uma lição de meu oral sobre pontos de vista, Lord Jacos. — Dou as costas para ele. — Avise quando o príncipe finalmente escolher um lado. E se escolheu o certo. — Faço um sinal para Sara. — Pronta para começar de novo?



DOZE

Mare

MESES ATRÁS, quando os prateados fugiram do Palacete do Sol, assustados pelo ataque da Guarda Escarlate contra seu precioso baile, foi um ato unido. Partimos juntos, descendo o rio em sucessão para nos reagrupar na capital. Agora é diferente.

As exonerações de Maven vêm em blocos. Não fico sabendo de nada, mas noto os números diminuindo. Alguns conselheiros mais velhos ausentes. O

tesoureiro real, alguns generais, meus irmãos de diversos conselhos. *Dispensados de seus postos*, dizem os boatos. Mas sei que não é bem assim. Eles eram próximos de Cal, próximos do pai dele. Maven é esperto em não confiar neles e impossível em suas destituições. Não os mata nem faz com que desapareçam. Não é idiota a ponto de deflagrar mais uma guerra entre as Casas. Mas é uma medida decisiva, para dizer o mínimo. Derrubar obstáculos com as peças de um tabuleiro de xadrez.

Os resultados são m esas que parecem bocas desdentadas. Buracos surgem , m ais a cada dia. A m aioria dos que são convidados a se retirar são m ais velhos, hom ens e m ulheres com lealdades antigas, que lem bram m ais e confiam m enos no novo rei.

Há quem com ece a falar em Corte das Crianças.

Muitos nobres foram em bora, expulsos pelo rei, m as seus filhos e filhas foram deixados para trás. Um a exigência. Um alerta. Um a am eça.

Reféns.

Nem m esm o a Casa Merandus escapa de sua paranoia crescente. Apenas a Casa Sam os continua com pleta, sem que nenhum m em bro sej a vítima das dem issões tem pestuosas do rei.

Os que ficam são devotados. Ou pelo m enos fingem bem .

Deve ser por isso que, agora, Maven m e convoca com m ais frequência.

Deve ser por isso que o vej o tanto. Sou a única em quem pode confiar. A única que realm ente conhece.

Maven lê os relatórios no café da m anhã, passando os olhos de um lado para o outro da página com um a velocidade intensa. É inútil tentar lê-los. Ele

tom a cuidado para m antê-los do seu lado da m esa. Quando term ina, deixa-os virados e fora do m eu alcance. É Maven que leio em vez dos relatórios. Ele não se dá ao trabalho de se cercar de Pedra Silenciosa, não aqui em sua sala de j antar particular. Mesm o os sentinelas esperam do lado de fora, posicionados em todas as portas e ao lado das j anelas altas. Eu os vej o, m as eles não conseguem nos ouvir, com o é a intenção de Maven. Seu uniform e está desabotoado, seu cabelo parece desgrehado, e ele não usa a coroa a essa hora da m anhã. Acho que é seu pequeno santuário, um lugar onde pode se iludir e se sentir seguro.

Maven quase parece o m enino que eu im aginava ser real. O príncipe m ais novo, satisfeito com sua posição, sem o fardo da coroa.

Pela beirada da taça de água, vej o todos os tiques e lam pej os em seu rosto.

Os olhos estreitos, a tensão no m axilar. Más notícias. As olheiras voltaram e, em bora ele com a o suficiente para duas pessoas, devorando os pratos à nossa frente, parece ter definhado nos últim os dias. Eu m e pergunto se tem pesadelos com a tentativa de assassinato. Com sua m ãe, m orta pelas m inhas m ãos. Com seu pai, m orto por obra sua. Com seu irm ão, no exílio, um a am eaça constante.

Engraçado, Maven se dizia a som bra de Cal, m as Cal é a som bra agora, rondando todos os cantos do reinado frágil.

Há relatórios do príncipe exilado por toda parte, tão onipresentes que até eu fico sabendo deles. Cal foi avistado em Harbor Bay, Delphie, Rocasta; tem até inform ações duvidosas que insinuem que ele fugiu para Lakeland. Sinceram ente, não sei qual dos rum ores é verdade, se é que algum tem fundam ento. Até onde sei, ele pode estar até em Montfort. Pode ter fugido para a segurança de um a terra distante.

Por m ais que este sej a o palácio de Maven, o m undo de Maven, vej o Cal em tudo. Nos uniform es im aculados, no treinam ento dos soldados, nas velas flam ej antes, nos retratos nas paredes e nas cores das Casas. Um salão vazio m e lem bra das aulas de dança. Se olho para Maven pelo canto do olho, consigo m e iludir. Afinal, eles são m eios-irm ãos. Têm traços em com um . O cabelo escuro, os traços elegantes do rosto nobre. Mas Maven é m ais pálido, m ais afiado, um esqueleto em com paração, em corpo e alm a. Ele está esgotado.

— Você encara tanto que fico achando que consegue ler pelo reflexo nos m eus olhos — Maven diz de repente. Ele vira a página para baixo, escondendo o conteúdo e ergue os olhos.

Sua tentativa de m e pegar de surpresa falha. Em vez disso, continuo passando um a quantidade vergonhosa de m anteiga na torrada.

— Se ao m enos eu pudesse ver algum a coisa nos seus olhos... — respondo.

— Mas você é vazio.

Ele não se retrai.

— E você é inútil.

Reviro os olhos e bato as algem as distraídam ente contra a m esa de café da m anhã. Metal e pedra ecoam contra a m adeira, com o um a batida na porta.

— Nossas conversas são tão agradáveis.

— Se você prefere seu quarto... — ele alerta. Mais um a mais vazia que faz todos os dias. Nós dois sabemos os que isto é mais melhor que a alternativa. Pelo menos agora posso fingir que estou fazendo algo de útil e ele pode fingir que não.

está completamente sozinho nesta prisão que construiu para si mesmo. Para nós dois.

É difícil dormir aqui, mais mesmo com as algemas, o que significa que tenho muito tempo para pensar.

E planejar.

Os livros de Julian não são apenas um consolo, mais um a ferramenta. Ele continua mais ensinando, em bora esteja aos sabe-se lá quantos quilômetros de distância. Nos volumes bem preservados, há lições a serem aprendidas e usadas.

A primeira — e mais importante — é dividir para conquistar. Maven já está fazendo isso por mim. Agora devo retribuir o favor.

— Você pelo menos está procurando Jon?

Maven chega a ficar surpreso com a pergunta, a primeira mais então ao sanguenovo que aproveitou a tentativa de assassinato para escapar. Até onde sei, ele não foi capturado. Parte de mim sente rancor. Jon fugiu, mais eu não. Ao mesmo tempo, estou contente. Ele é um a quem quero longe de Maven Calore.

Depois de uma fração de segundo, o rei se recupera e volta a comer. Enfia um pedaço de bacon na boca, deixando a etiqueta de lado.

— Nós dois sabemos os que ele não é fácil de encontrar.

— Mas você está procurando.

— Ele tinha conhecimento de um ataque contra seu rei e não fez nada.

— Maven declara, prático. — Isso é o mesmo que assassinato. Até onde sabemos os, pode ter conspirado com as Casas Irall, Haven e Laris.

— Duvido. Se ele tivesse ajudado, teriam sido bem-sucedidos. É uma pena.

Maven ignora a farsa, continuando a ler e comer.

Inclino a cabeça, deixando o cabelo escuro cair sobre o ombro. As pontas cinzentas estão se espalhando, subindo apesar dos esforços da minha curandeira.

Nem a Casa Skonos consegue curar o que já está morto.

— Jon salvou minha vida.

Seus olhos azuis encontram os meus, rígidos.

— Segundos antes do ataque, ele chamou minha atenção. Me fez virar a cabeça. Senão... — Toco a bochecha, onde a bala passou de raspão em vez de destroçar meu crânio. O ferimento cicatrizou, mas não foi esquecido. — Devo representar um papel no futuro que ele enxerga, seja lá qual for.

Maven se concentra no meu rosto. Não nos meus olhos, mas no lugar onde a bala teria atingido minha cabeça.

— Não sei por quê, mas você é uma pessoa difícil de deixar morrer.

Pelas aparências, forço um riso curto e amargurado.

— Qual é a graça?

— Quantas vezes você tentou me matar?

— Só aquela.

— E o sonador foi o quê? — Meus dedos tremem com a lembrança. A dor do aparelho ainda está fresca na minha memória. — Só parte de um jogo?

Outro relatório se agita sob o sol, virado para baixo. Ele lambe o dedo antes de pegar o próximo. Tudo trabalho. Tudo aparências.

— O sonador não foi projetado para me matar. Só para incapacitar você, se

fosse necessário. — Uma expressão estranha perpassa seu rosto. Quase arrogante, mas não exatamente. — Nem fui eu que construí aquela coisa.

— Claro. Você não é muito criativo. Foi Elara?

— Na verdade, foi Cal.

Ah. Antes que eu possa evitar, abaixo a cabeça e desvio o olhar, precisando de um momento sozinha. A traição arde dentro de mim, me esmaga por um segundo. Não adianta nada ter raiva agora.

— Não acredito que ele não te contou. — Maven insiste. — Ele normalmente se orgulha tanto de si. É uma coisa brilhante mesmo. Mas não ligo para o aparelho. Mandei destruir aquilo. — Seus olhos estão fixos no meu rosto.

Sedentos por uma reação. Não deixo meu semblante mudar, apesar do salto súbito no meu coração. O sonador foi destruído. Mais um presentinho, mais uma mensagem do fantasma. — Mas pode ser reconstruído facilmente. Cal fez a gentileza de deixar o projeto quando fugiu com seu bando de ratinhos vermelhos.

— Escapou — murmuro. *Pare. Não deixe ele te abalar.* Fingindo desinteresse, me excoino com ida no prato. Faço o possível para parecer megoada, com o Maven quer que eu esteja, mas não vou me permitir sentir isso de fato.

Tenho que seguir o plano. Mudar o rumo da conversa para onde quero. — Você é obrigou a ir em bora. Tudo para poder assumir seu lugar e fazer exatamente o que ele faria.

Assim com o eu, Maven força uma risada para esconder com o está irritado.

— Você não faz ideia do que Cal teria feito com a coroa na cabeça.

Cruzo os braços, recostando de volta na cadeira. Está tudo correndo com o planejado.

— Sei que ele teria se casado com Evangeline Samos, continuado a com bater uma guerra inútil e a ignorar um país cheio de gente furiosa e oprimida. Soa familiar?

Maven pode ser uma cobra em forma humana, mas nem ele tem resposta para isso. O jovem rei dá um tapa no relatório à sua frente. Rápido demais. O

relatório vira, apenas por um segundo, então ele o esconde de volta. Vejamos apenas algumas palavras de relance. *Corvium. Mortos e feridos.* Maven me vê olhar e solta um suspiro irritado.

— Com o se fosse te agredir — ele diz baixo. — Você não vai a lugar nenhum, então por que se importa?

— Acho que você está certo. Não vou durar muito mais.

Ele vira a cabeça. A preocupação franze sua testa, com o que eu pretendia.

Com o necessário.

— Por que diz isso?

Olho para o teto, examinando o friso elaborado e o lustre sobre nós.

Chame-a com pequenas lâmpadas elétricas. Se ao menos eu as pudesse sentir.

— Você sabe que Evangeline não vai me deixar viver. Quando virar rainha... será meu fim. — Minha voz estremece e coloco todo o meu medo nas palavras. Tomara que dê certo. Ele tem que acreditar em mim. — É o que ela quis desde o dia que apareci em sua vida.

Maven me encara.

— Acha que não vou te proteger?

— Acho que você não tem com o. — Meus dedos beliscam o vestido. Não é tão bonito quanto os feitos para a corte, mas é bastante elaborado. — Nós dois sabemos com o que é fácil me atar uma rainha.

Sinto ondas de calor no ar enquanto ele continua a me encarar, me desafiando a enfrentar seus olhos. Meu instinto natural é encarar de volta, mas viro o rosto, me recusando a isso. Só vai deixá-lo mais furioso. Maven adora um público. O momento se estende e me sinto despida diante dele, presa no caminho de um predador. É isso que sou aqui. Estou enjaulada, amarrada, encoleirada.

Tudo o que tenho é a minha voz e pedaços de Maven que torço para serem reais.

— Ela não vai encostar em você.

— E quanto a Lakeland? — Ergo a cabeça novamente. Lágrimas de raiva e frustração brotam nos meus olhos, não de medo. — Quando destroçarem seu reino já em ruínas? O que vai acontecer quando vencerem essa guerra infinita e transformarem seu mundo em pó? — Solto um suspiro trêmulo. As lágrimas caem livres agora. Precisam cair. Tenho que dar tudo de mim para convencer. — Acho que vamos acabar juntos no Ossário, executados lado a lado.

Pela maneira com o qual fica pálido, com o qual a pouca cor deixa seu rosto, sei

que ele pensa o m esm o. Isso o atorm enta sem parar, com o um a ferida aberta. Então giro a faca.

— Você está à beira de um a guerra civil. Até eu sei disso. De que adianta fingir que há um a possibilidade de eu sair viva daqui? Ou Evangeline m e m ata ou a guerra.

— Já falei que não vou deixar isso acontecer.

O rosnado que solto contra ele não precisa ser falso.

— Em que vida posso confiar em qualquer coisa que saia da sua boca de novo?

Quando ele levanta, o frio que se acum ula na m inha barriga tam pouco é falso. Enquanto dá a volta na m esa, aproxim ando-se de m im com passos largos e elegantes, contraio todos os m úsculos para não estrem ecer. Mas não consigo evitar. Me preparo para um soco quando ele pega m eu rosto nas m ãos perturbadoram ente m acias, com am bos os polegares firm es sob m inha m andíbula, a poucos centím etros da m inha j ugar.

Seu beij o queim a m ais do que sua m arca.

A sensação dos lábios dele nos m eus é o pior tipo de violação. Mas, pelo m eu obj etivo, m antenho os punhos cerrados no colo. Cravo as unhas na m inha pele em vez da dele. Maven precisa acreditar no que seu irm ão acreditou.

Precisa m e escolher, com o tentei fazer com Cal antes. Mesm o assim , não tenho forças para abrir a boca. Meu m axilar continua firm em ente fechado.

Ele term ina o beij o e torço para que não vej a m inha pele rej eitar seu toque.

Em vez disso, seus olhos buscam os m eus, atrás da m entira que escondo bem guardada.

— Perdi todas as outras pessoas que j á am ei.

— E de quem é a culpa?

Não sei com o, m as ele consegue trem er m ais do que eu. Dá um passo para trás, m e soltando, e arranha os próprios dedos. Fico espantada porque reconheço a ação. Faço o m esm o. Quando a dor

dentro de mim é tão terrível que preciso de

outra para mim e arrancar dela. Maven para quando nota que estou olhando, apertando as minhas mãos ao lado do corpo com o máximo de força que consegue.

— Ela me fez abandonar muitos dos meus hábitos — ele admite. — Mas não foi bem sucedida com esse. Algumas coisas sem pre voltam.

Ela. Elara. Vej o seu trabalho diante de mim. O menino que ela transformou em rei com uma tortura que chamava de amor.

Maven volta a sentar devagar. Continuo encarando firme, sabendo que isso o incomoda. Eu o desequilibro, em bora não entenda exatamente por quê.

Perdi todas as outras pessoas que já amei.

Não sei por que estou incluída nessa frase, mas esse é o motivo para continuar viva. Com cuidado, volto a conversa na direção de Cal.

— Seu irmão está vivo.

— Infelizmente.

— E você não o ama?

Maven não se dá ao trabalho de erguer os olhos, mas eles estão fixos num único ponto do próximo relatório. Não porque esteja surpreso ou triste. Parece mais confuso do que qualquer coisa, um garotinho tentando resolver um quebra-cabeça em que faltam muitas peças.

— Não — ele diz finalmente, entendendo.

— Não acredito em você — digo, balançando a cabeça.

Porque lembro com eles eram. Irmãos, amigos, criados juntos contra o resto do mundo. Nem mesmo Maven consegue ignorar algo assim. Nem Elara podia quebrar esse tipo de laço. Não importa quantas vezes Maven tentou matar Cal, ele não pode negar o que os dois já foram.

— Acredite no que quiser, Mare — o jovem rei responde. Assim como antes, finge um ar de desinteresse enquanto tenta violentamente me convencer de que isso não significa nada para ele. — Tenho certeza absoluta que não amo meu irmão.

— Não m inta. Tam bém tenho irm ãos. É com plicado, especialm ente entre m im e m inha irm ã. Ela sem pre foi m ais talentosa, m ais doce, m ais inteligente, m elhor em tudo. Todo m undo a prefere — m urm uro m eus antigos m edos, tecendo-os num a teia para Maven. — Ouça a voz da razão. Perder um a pessoa...

perder um irm ão... — O ar m e falta e m inha m ente viaja. *Continue. Use a dor.*

— Dói m ais que tudo.

— Shade. Certo?

— Não pronuncie o nom e dele — retruco, esquecendo por um m om ento o que estou tentando fazer. A ferida é m uito recente e ainda está em carne viva.

Maven ignora.

— Minha m ãe dizia que você sonhava com ele. — Estrem eço com a lem brança e com a ideia de Elara dentro do m eu cérebro. Ainda consigo senti-la, arranhando as paredes do crânio. — Mas acho que não eram sonhos coisa nenhum a. Era ele de verdade.

— Ela fazia isso com todo m undo? — pergunto. — Nada ficava a salvo dela? Nem m esm o os seus sonhos?

Ele não responde. Insisto.

— Você já sonhou com igo?

De novo, eu o m achuco sem perceber. Maven baixa o olhar, concentrando-se no prato vazio diante dele. Ergue a m ão para pegar o copo de água, m as m uda de ideia. Seus dedos trem em por um segundo antes de escondê-los, longe da m inha vista.

— Não sei — ele diz finalm ente. — Nunca sonho.

Zom bo.

— Isso é im possível. Até para alguém com o você.

Algo som brio, triste, perpassa seu rosto. Seu m axilar fica tenso e Maven parece ter um nó na garganta, tentando engolir palavras que não deveria dizer.

Elas saem m esm o assim . Suas m ãos ressurgem , batendo fracam

ente na m esa.

— Eu tinha pesadelos. Ela tirou isso de m im quando era garoto. Com o Sam son disse, m inha m ãe era um a cirurgiaã. Arrancava tudo o que não convinha.

Nas últim as sem anas, um a raiva feroz e inflam ada substituiu o vazio gelado que eu sentia. Mas, enquanto Maven fala, o frio retorna. Percorre m eu corpo com o um veneno, um a infecção. Não quero ouvir o que ele tem a dizer. Suas desculpas e explicações não significam nada para m im . Ainda é um m onstro, sem pre um m onstro. No entanto, não consigo m e im pedir de ouvir. Porque eu tam bém poderia ser um m onstro. Se a oportunidade se apresentasse. Se alguém m e quebrasse, com o Maven foi quebrado.

— Meu irm ão. Meu pai. Sei que j á os am ei. Eu m e lem bro disso. — Suas m ãos se cerram em volta da faca de m anteiga. Ele encara o gum e cego. Não sei se quer usar a faca contra si m esm o ou contra a m ãe m orta. — Mas j á não sinto isso. Esse am or não existe m ais. Por nenhum deles. Por quase nada.

— Então por que m e m anter aqui? Se você não sente nada. Por que não m e m ata e acaba com isso de um a vez?

— Era difícil para ela apagar... certos tipos de sentim ento — Maven adm ite, olhando nos m eus olhos. — Tentou fazer isso com m eu pai, para que esquecesse Coriane. Só piorou as coisas. Além disso — ele m urm ura —, ela sem pre disse que era m elhor ter o coração partido. A dor deixa você m ais forte.

O am or enfraquece. Ela estava certa. Aprendi isso antes de te conhecer.

Outro nom e perdura no ar, tácito.

— Thom as.

Um m enino no front de guerra. Outro verm elho perdido para um a guerra inútil. *Meu primeiro amigo de verdade*, Maven m e disse certa vez. Noto agora as entrelinhas. As coisas não ditas. Ele am ava o m enino com o diz m e am ar.

— Thom as — Maven repete. Ele aperta a faca m ais forte. — Eu senti...

— O j ovem rei franze a testa, e rugas fundas se form am entre seus

olhos. Leva a outra mão à têmpora, massageando uma dor que não entende. — Ela não estava lá. Nunca o conheceu. Não sabia. Ele nem era um soldado. Foi um acidente.

— Você disse que tentou salvar Thomás. Que os guardas te impediram.

— Um a explosão no quartel-general. Os relatórios disseram que foi trabalho de Lakeland. — Em algum lugar, o tique-taque do relógio marca o passar dos minutos. O silêncio se estende enquanto ele decide o que dizer, até onde deixar a máscara cair. Mas já caiu. Maven está exposto com o só acontece com isso. — Estavam os sozinhos. Eu perdi o controle.

Vej o isso na minha mente, preenchendo o que ele não consegue se obrigar

a me contar. Um depósito de reuniões talvez. Ou mesmo um gasoduto. Ambos só precisam de uma faísca para atar.

— Eu não queimarei. Ele, sim.

— Maven...

— Nem minha mãe conseguiu arrancar essa memória. Nem ela conseguiu me fazer esquecer, por mais que eu me plorasse. Queria que tirasse essa dor de mim, e ela tentou muitas vezes. Em vez disso, só ficou pior.

Sei o que ele vai dizer, mas peço mesmo assim.

— Me deixe ir, por favor.

— Não.

— Então vai me deixar morrer também. Com o fez com ele.

A sala crepita de calor, fazendo um fio de suor escorrer pela minha coluna.

Maven levanta tão rápido que derruba a cadeira. Ela atinge o chão com um estrépito. Ele bate um punho no tapete da mesa, antes de jogar tudo no chão: pratos, copos e relatórios. Os papéis flutuam por um momento, suspensos no ar antes de cair na pilha de cacos de cristal e porcelana.

— Não — Maven murmura furioso enquanto sai da sala, tão baixo

que quase não o ouço.

Os Arven entram e me seguram pelos braços, me arrastando para longe da mesa. Os papéis estão fora do meu alcance.

Fico surpresa ao descobrir que o cronograma normalmente metódico de Maven de audiências e reuniões da corte é suspenso pelo resto do dia. Acho que nossa conversa teve um efeito mais forte do que eu esperava. A ausência dele me confina no quarto, com os livros de Julian. Eu me obrigo a ler, pelo menos para bloquear as lembranças da manhã. Maven é um menino entrosado de talento e não confio numa única palavra dele. Mesmo se estivesse falando a verdade. Mesmo se for um produto da intromissão de sua mãe, uma flor com espinhos obrigada a crescer de determinada forma. Isso não muda nada. Quando o conheci, fui seduzida por sua dor. Ele era o menino na sombra, um filho esquecido. Eu me reconheci nele. Sem preceitos de Gisa, a estrela cintilante do mundo dos meus pais. Sei agora que foi proposital. Ele me enganou quando era príncipe, me atraindo para sua armadilha. Agora, estou na prisão do rei. Mas ele também está.

Minhas correntes são as Pedras Silenciosas. As dele são a coroa.

Norta foi forjada a partir de reinos menores, variando em tamanho desde o reino de Rift, dos Samos, à cidade-Estado de Delphie. César Calore, um lorde prateado de Archeon e estrategista talentoso, uniu a fraturada Norta contra a ameaça iminente da invasão conjunta de Piedmont e Lakeland.

Depois de se coroar rei, casou sua filha Juliana com Garion Savanna, nobre príncipe de Piedmont. Esse ato consolidou uma aliança duradoura entre a Casa Calore e Piedmont. Muitos descendentes da linhagem Calore e de Piedmont conservaram a aliança com casamentos nos séculos seguintes.
O

rei César trouxe uma era de prosperidade para Norta e, por isso, os calendários consideram o início de seu reinado como a demarcação da Nova Era, ou NE.

Preciso reler o parágrafo três vezes. Os livros de história de Julian são muito mais densos do que os que eu usava na escola. Meus pensamentos estão sem preceitos vagando. Cabelo preto, olhos azuis. Lágrimas que Maven se recusa a demonstrar, mesmo para mim. Será outra atuação? O que vou fazer se for? O que vou fazer se não for? Meu coração se parte por ele; meu coração se endurece contra ele.

Continuo a ler para evitar os pensamentos.

Por outro lado, as relações entre Norta, recém-fundada, e a extensa Lakeland se deterioraram. Depois de uma série de guerras na fronteira com Prairie no século II da Nova Era, Lakeland perdeu um território agrícola vital na região de Minnowan, além do controle do Grande Rio (também conhecido como Miss). Após a guerra, os impostos e a ameaça de fome e revolta vermelha forçaram a expansão ao longo da fronteira de Norta.

Conflitos foram despertados em ambos os lados. Para evitar mais derramamento de sangue, o rei Tiberias III de Norta e o rei Onekad Cygnet de Lakeland se encontraram em uma cúpula histórica na interseção das cataratas de Maiden. As negociações logo fracassaram e, em 200 NE, ambos os reinos declararam guerra, cada um culpando o outro pelo colapso das relações diplomáticas.

Não consigo deixar de rir. Nada mudou.

Conhecida como “Guerra de Lakeland” em Norta ou “Agressão” em Lakeland, o conflito continua ativo no momento da escrita deste livro. Cerca de quinhentos mil prateados mortos foram contabilizados, a maioria na primeira década de guerra. Não são mantidos registros precisos dos soldados vermelhos, mas as estimativas sugerem mais de cinquenta milhões de mortos, com mais que o dobro de feridos. O número de vítimas vermelhas de Lakeland e de Norta é proporcionalmente igual quando se considera o tamanho de sua população.

Levo mais tempo do que gostaria de admitir, mas faço as contas na cabeça.

Quase cem vezes mais vermos morreram. Se este livro fosse de qualquer pessoa que não Julian, eu jogaria fora com fúria.

Um século de guerra e derramamento de sangue em vão.

Com o possível mudar algo assim ?

Pela primeira vez, me pego contando com a habilidade de Maven de distorcer e manipular. Talvez ele consiga ver um caminho — forjar um caminho

— que ninguém nunca imaginou antes.



Mare

UMA SEMANA SE PASSA até que eu saia do quarto de novo. Em bora sej am um presente de Maven, um lem brete da estranha obsessão que tem por m im , estou feliz com os livros de Julian. São m inha única com panhia. Um pedaço de um am igo neste lugar. Estou sem pre com eles por perto, assim com o o retalho de seda de Gisa.

As páginas passam com os dias. Volto no tem po com as histórias, viaj ando por palavras cada vez m enos críveis. Trezentos anos de reis Calore, séculos de chefes m ilitares prateados — esse é um m undo que eu reconheço. Mas quanto m ais leio, m ais obscuras as coisas ficam .

Registros do período chamado de Reforma são escassos, embora a maioria dos estudiosos concorde que teve início por volta do ano de 1500 da Era Antiga (EA) segundo o calendário moderno de Norta. A maior parte dos registros anteriores à Reforma —, imediatamente após, durante ou antes das Calamidades que se abateram sobre o continente — foram quase completamente destruídos, perdidos ou são impossíveis de ler. Os registros recuperados são estudados e mantidos nos Arquivos Reais em Delphie e em instalações similares em reinos vizinhos. As Calamidades vêm sendo estudadas detalhadamente, usando a investigação de campo juntamente com mitos pré-prateados para propor hipóteses. Na época, muitos acreditavam que uma combinação entre guerra, alteração geológica, mudança climática e outras catástrofes naturais resultou na quase extinção da raça humana.

Os

primeiros

registros

traduzíveis

descobertos

datam

de

aproximadamente 950 EA, mas o ano exato é desconhecido. Há um relato incompleto da tentativa de julgamento de um suposto ladrão na Delphie

reconstruída, chamado “O julgamento de Barr Rambler”. Ele foi acusado de roubar a carroça do vizinho e, durante o processo, teria rompido suas algemas “como se fossem galhos” e fugido, apesar de todos os guardas.

Acredita-se que seja o primeiro registro da demonstração do poder de um prateado. Até hoje, a Casa Rhambos alega que sua linhagem de forçadores tem origem em Rambler. No entanto, essa alegação é refutada por outro documento, “O julgamento de Hillman, Tryent e Davids”, em que três homens de Delphie foram julgados pela morte de Barr Rambler, que segundo o registro não tinha filhos. Os três foram absolvidos e mais tarde aclamados pelos cidadãos por terem destruído “a abominação Rambler” (Registros de escritos de Delphie, v. 1).

O tratamento dispensado a Barr Rambler não foi um incidente isolado.

Muitos escritos e documentos antigos detalham o medo e a perseguição a uma população crescente de humanos com poderes e sangue prateado. A maioria se uniu por proteção, formando comunidades fora das cidades dominadas pelos vermelhos. A Reforma teve fim com a ascensão das sociedades prateadas, algumas convivendo com cidades vermelhas, embora a maior parte delas tenha prevalecido no final.

Prateados perseguidos por verem elhos. A ideia m e dá vontade de rir. É idiota.

É im possível. Vivi todos os dias da m inha vida sabendo que eles são deuses e nós som os insetos. Não consigo nem im aginar um m undo em que o contrário sej a verdade.

Esses livros são de Julian. Ele viu m érito suficiente neles para estudá-los.

Ainda assim , estou m uito agitada para continuar, então passo a ler sobre os anos m ais recentes. A Nova Era, os reis Calore. Nom es e lugares que conheço em um a civilização que entendo.

Um dia, recebo roupas m ais sim ples. Confortáveis, feitas para serem úteis, não bonitas. É o prim eiro indício de que algo está errado. Pareço quase um agente de segurança, com calças m aleáveis, um a j aqueta preta levem ente decorada com espirais de rubi e botas surpreendentemente confortáveis. De couro gasto, sem salto, com espaço suficiente para as algem as. As dos pulsos ficam escondidas com o sem pre, cobertas por luvas. De pele, por causa do frio.

Meu coração pula. Nunca fiquei tão anim ada com luvas.

— Vou sair? — pergunto a Tigrina quase sem ar, esquecendo o quanto é boa em m e ignorar. Ela não decepçiona: continua olhando para a frente enquanto m e leva da cela luxuosa. Trevo é sem pre m ais fácil de decifrar. Seus lábios contorcidos e seus olhos verdes apertados são um a confirm ação. Isso sem m encionar o fato de que elas tam bém estão usando casacos grossos e luvas, m as de borracha, para se protegerem da eletricidade que não tenho m ais.

Ar livre. Não tenho experim entado m uito m ais do que a brisa de um a j anela aberta desde aquele dia nos degraus do palácio. Achava que Maven ia arrancar m inha cabeça, então estava focada em outras coisas. Agora eu queria que lem brasse do ar gelado de novem bro, do vento cortante trazendo o inverno. Na pressa, quase ultrapasso as Arven. Elas m e arrastam de volta para seu lado e m e fazem andar no m esm o passo. É um a cam inhada enlouquecedora por escadas e corredores que conheço com o a palm a da m inha m ão.

Sinto um a pressão fam iliar e olho por cim a do om bro. Ovo e Trio se j untam a nós, form ando a retaguarda. Eles andam no m esm o ritm o de Tigrina e Trevo

conform e seguim os em direção ao salão de entrada e à Praça de César.

Tão rápido quanto chegou, m inha anim ação vai em bora.

O m edo corrói m inhas entranhas. Tentei m anipular Maven para que ele com etesse erros custosos, ficasse em dúvida, queim asse as últim as pontes que ainda tinha. Mas talvez eu tenha falhado. Talvez bote fogo em m im .

Me concentro no som das m inhas botas contra o m árm ore. Algo sólido para ancorar m eu m edo. Meus punhos estão cerrados dentro das luvas, im plorando por um resgate. Mas ele nunca vem .

O palácio parece estranham ente vazio, m ais que o norm al. Portas são fechadas rapidam ente, enquanto criados passam agitados por cômodos que ainda não estão fechados, rápidos e quietos com o ratos. Lançam lençóis brancos sobre m óveis e obras de arte, cobrindo-os com estranhos sudários. Poucos guardas, m enos nobres. Aqueles por quem passo são j ovens e estão com os olhos arregalados. Reconheço suas Casas, suas cores, e vej o o m edo em seus rostos.

Todos estão vestidos com o eu, para o frio, para o trabalho. Para m udar.

— Para onde estão os indo? — pergunto para ninguém, porque não vão me responder.

Trevo puxa meu rabo de cavalo, me obrigando a olhar para a frente. Não dói, mas o ato me choca. Ela nunca age assim comigo, não sem um bom motivo.

Considero as possibilidades. Será que é uma evacuação? Será que a Guarda Escarlata tentou atacar Archeon mais uma vez? Ou será que as Casas rebeldes voltaram para terminar o serviço? Não, não pode ser isso. Está tudo muito calmo.

Não estão os correndo de nada.

Conforme saímos, respiro fundo, olhando em volta. O ar me sopra sobre meus pés, os lustres sobre minha cabeça, os espelhos altos e reluzentes, os quadros com moldura dourada dos ancestrais Calore cobrindo as paredes. Bandeiras vermelhas e pretas, prata, ouro e cristais. Sinto como se tudo fosse cair e me esmagar. O ar percorre minha espinha quando as portas à frente se abrem, o metal e o vidro apoiados em dobradiças gigantes. O primeiro sopro de vento frio me atinge de cheio, fazendo meus olhos lacrimejarem.

O sol do inverno brilha forte, me cegando por um instante. Pisco rápido, tentando fazer com que meus olhos se ajustem. Não posso perder um segundo. O

mundo exterior entra em foco. A neve está grossa nos telhados do palácio e nas estruturas que circundam a Praça de César.

Soldados estão a postos nos dois lados da escadaria que leva ao palácio, im aculados em filas perfeitas. Os Arven me conduzem, passando por entre suas armas e seus uniformes e seus olhos que não piscam. Viro para olhar por cima do ombro conforme sigo, para o casco opulento e pálido do Palácio de Whitefire.

Silhuetas rondam o telhado. Oficiais em uniformes pretos, soldados de cinza. Até aqui seus rifles são claramente visíveis contra o céu azul e gelado. E esses são apenas os guardas que posso enxergar. Deve haver mais deles patrulhando os muros, cuidando dos portões, escondidos, prontos para defender este lugar infeliz.

Centenas, provavelmente, me antidos por sua lealdade e poder letal. Cruzam os a praça sozinhos, rumo a ninguém, a nada. O que está acontecendo?

Olho para os prédios pelos quais passam os. A Corte Real, um a construção circular com paredes lisas de m árm ore, colunas espiraladas e um a cúpula de

crystal, está em desuso desde a coroação de Maven. É um sím bolo de poder, um salão enorm e, grande o suficiente para receber as Grandes Casas, além de m em bros im portantes da sociedade prateada. Nunca entrei ali. Espero nunca entrar. O Tribunal de Justiça, onde a lei prateada é escrita e aplicada com eficiência brutal, é um a ram ificação do prédio abobadado. Perto de seus arcos e estruturas de crystal, a Casa do Tesouro parece sem graça. Paredes lisas — m ais m árm ore, e m e pergunto quantas pedreiras este lugar esgotou —, sem j anelas, com o um bloco de pedra entre esculturas. A riqueza de Norta está aqui em algum lugar, m ais protegida que o rei, trancada em cofres profundos cavados na rocha sob nossos pés.

— Por aqui — Trevo resm unga, m e em purrando em direção à Casa do Tesouro.

— Por quê? — pergunto, ficando m ais um a vez sem resposta.

Meu coração acelera, m artelando contra m inhas costelas, e tento m anter a respiração estável. Cada inspiração gelada parece o tique-taque de um relógio, um a contagem regressiva antes de eu ser engolida.

As portas são grossas, m ais grossas que as do presídio de Corros. Elas se abrem com o num bocej o, protegidas por guardas em fardas roxas. A Casa do Tesouro não tem um salão de entrada grandioso, ao contrário de todas as outras estruturas prateadas que j á vi. É só um corredor branco com prido, descendo em um a espiral constante. Há guardas a cada dez m etros, destacados contra as paredes de um branco puro. Onde os cofres podem estar e para onde estou indo não sei dizer.

Depois de exatos seiscentos passos, param os diante de um guarda.

Sem dizer um a palavra, ele dá um passo à frente e outro para o lado, pressionando a parede atrás de si. O guarda a em purra e o m árm ore desliza, revelando a silhueta de um a porta. Ela abre facilm ente ao seu toque, revelando um vão de um m etro na pedra. O soldado não faz nenhum esforço. *Forçador*, percebo.

A pedra é grossa e pesada. Meu m edo triplica e engulo em seco, sentindo as m ãos com eçarem a suar dentro das luvas. Maven finalm ente vai m e colocar num a cela de verdade.

Tigrina e Trevo m e em purram , tentando m e pegar de surpresa, m as planto os pés no chão, travando cada articulação.

— Não! — grito, lançando o om bro na direção de um a delas. Tigrina solta um gem ido, m as continua m e em purrando enquanto Trevo m e pega pela cintura e m e levanta do chão.

— Vocês não podem m e deixar aqui em baixo! — Não sei que j ogada arriscar, que m áscara colocar. Choro? Im ploro? Aj o com o a líder rebelde que acham que sou? Qual dessas opções vai m e salvar? O m edo dom ina m eus sentidos. O ar m e falta com o se eu estivesse m e afogando. — Por favor, não posso... não posso...

Dou um chute, tentando derrubar Trevo, m as ela é m ais forte do que eu esperava. Ovo pega m inhas pernas, ignorando m eu calcanhar quando acerta seu queixo. Eles m e carregam com o se eu fosse um m óvel, sem hesitar.

Consigo m e virar e olhar para o guarda da Casa do Tesouro enquanto a

porta desliza de volta para o lugar. Ele cantarola, indiferente. Mais um dia de trabalho. Eu m e obrigo a olhar para a frente, para o destino que m e espera nessas profundezas brancas.

O cofre está vazio; há um a passagem em espiral com o o corredor, m as bem apertada. Não há nenhum a m arca nas paredes. Nenhum a característica que as diferencie, nada de sulcos, nada de guardas. Só luzes no teto e concreto por toda parte.

— Por favor. — Minha voz ecoa no silêncio total a não ser pelo som do m eu coração acelerado.

Olho para o teto, desej ando que sej a um sonho.

Quando m e largam , o ar é arrancado dos m eus pulm ões. Ainda assim , fico em pé o m ais rápido que posso. Ao levantar, com os punhos cerrados e m ostrando os dentes, estou pronta para lutar e disposta a perder. Não vou ser abandonada aqui sem quebrar os dentes de alguém .

Os Arven dão um passo para trás, lado a lado, indiferentes. Desinteressados.

Seu foco está além de m im .

Viro e de repente estou encarando não outra parede branca, mas a plataforma sinuosa. Recém -construída, levando a outros corredores, cofres ou passagens secretas. Dali, dá para ver linhas férreas.

Antes que meu cérebro tente ligar os pontos, antes mesmo o que o mais breve sussurro de agitação se manifeste, Maven fala, despedaçando minhas esperanças.

— Não se precipite. — A voz dele ecoa à minha esquerda, distante na plataforma. Ele fica ali, esperando, com sentinelas à sua volta, além de Evangeline e Ptolemus. Todos estão vestindo casacos com o meu, com muita pele para me aquecer. Os dois filhos de Sam os resplandecem vestidos de preto.

Maven dá um passo na minha direção, sorrindo com a confiança de um lobo.

— A Guarda Escarlata não é a única capaz de construir trens.

O subtrem da Guarda crepitava e centelhava e espalhava ferrugem por toda parte, uma lata-velha amassando quebrar. Mesmo assim, eu o prefiro a esse tubo metálico glamoroso.

— Seus amigos me deram a ideia, claro — Maven diz da poltrona acolchoada à minha frente. Fica ali sentado, orgulhoso de si mesmo. Não vejo o nenhum de suas feridas hoje. Estão cuidadosamente escondidas, deixadas de lado ou esquecidas por enquanto.

Luto contra o impulso de me aninhar na poltrona, me antendo os dois pés firmes no chão. Se alguma coisa der errado, tenho que estar pronta para correr.

Com o no palácio, reparo em cada centímetro do trem, procurando qualquer vantagem. Não encontro nenhum. Não há janelas, e as sentinelas e guardas Arven estão a postos nas duas extremidades do longo compartimento. O trem é

decorado com um salão, com obras de arte, cadeiras estofadas e sofás, e até lustres de cristal tilintando com o movimento. Mas vejo as falhas, com o em tudo que é prateado. Sinto pelo cheiro que a tinta mal secou. O trem é novinho em folha, nem deve ter sido testado. Na outra ponta do vagão, os olhos de Evangeline correm de um lado para o outro, traíndo sua tentativa de parecer calma. O trem chacoalha. Aposto que ela sente cada pedacinho dele se mover em alta velocidade. É difícil se acostumar com essa sensação. Eu mesmo a sem

pre sofri com a trepidação de m áquinas com o o subtre m ou o Abutre. Sentia o sangue elétrico, e acho que Evangeline sente as veias de m etal.

Ptolem us está sentado ao seu lado, olhando para m im de m aneira am eaçadora. Ele se m exe algum as vezes, tocando o om bro dela. A expressão dolorosa de Evangeline vai cedendo, acalm ada pela presença do irm ão. Acho que, se o trem explodir, eles são fortes o suficiente para sobreviver aos estilhaços.

— Eles conseguiram fugir tão rápido do Ossário, seguindo pelos trilhos antigos até Naercey antes m esm o que eu chegasse lá. Pensei que não seria tão ruim assim ter um a rota de fuga própria — Maven continua, batendo os dedos no j oelho. — Nunca se sabe que novo plano m eu irm ão pode elaborar na tentativa de m e derrubar. Preciso estar preparado.

— E do que você está fugindo agora? — resm ungo, tentando m anter a voz baixa.

Ele só dá de om bros e ri.

— Não fique tão triste, Mare. Estou fazendo um favor para nós dois.
— Ele afunda no assento, sorrindo. Coloca os pés para cim a, na poltrona ao m eu lado.

Enrugo o nariz e olho para o outro lado. — Ninguém aguenta por tanto tem po a prisão do Palácio de Whitefire.

Prisão. Engulo um a resposta, m e obrigando a agradá-lo. *Você não faz ideia de como é uma prisão de verdade, Maven.*

Sem j anelas ou qualquer tipo de indicação, não tenho com o saber para onde estão indo, nem sei até onde esta m áquina infernal pode viajar. Parece tão rápida quanto o subtre m , talvez até m ais. Duvido que estej am os rum ando para o sul, para Naercey, um a cidade em ruínas agora, abandonada até m esm o pela Guarda Escarlate. Maven destruiu os túneis depois da infiltração em Archeon com estardalhaço.

Ele m e deixa pensar, olhando para m im enquanto tento entender o cenário ao nosso redor. Sabe que não tenho peças suficientes para m ontar o quebra-cabeça. Mesm o assim , quer que eu tente e não oferece m ais explicações.

Os m inutos passam . Olho para Ptolem us. Meu ódio por ele só

cresceu nos últimos meses. Ele me atou meu irmão. Levou Shade deste mundo. Faria o mesmo com todo mundo que amasse se tivesse a chance. Desta vez, está sem armadura.

Parece-me enor, mais fraco, vulnerável. Fantasio com o seria cortar sua garganta e me anchar as paredes recém-pintadas com seu sangue prateado.

— Perdeu algum a coisa? — ele provoca, olhando para mim.

— Deixe que ela olhe — Evangeline diz. Ela se encosta na poltrona e joga a cabeça para trás, sem quebrar o contato visual. — Não pode fazer muito mais do que isso.

— É o que vamos os ver — provoco de volta. No meu colo, meus dedos se

contorcem.

Maven estala a língua e nos repreende.

— Senhoritas.

Antes que Evangeline possa responder, algo chama a sua atenção e ela desvia o olhar para as paredes, para o chão e para o teto. Ptolemus faz o mesmo. Eles estão sentindo algum a coisa que não sinto. Então o trem começa a desacelerar, os mecanismos e engrenagens gritando contra os trilhos de ferro.

— Estam os quase chegando — Maven diz, levantando devagar e estendendo a mão para mim.

Por um instante, fico pensando em arrancar seus dedos com os dentes. Em vez disso, seguro a mão dele, ignorando o arrepio que percorre minha pele.

Quando levanto, o dedo dele encosta na alça e me baixo da minha luva. Um lembrete de seu controle sobre mim. Não consigo suportar e me afastar, cruzando os braços sobre o peito para criar uma barreira entre nós. Algum a coisa escurece em seus olhos brilhantes, e Maven também levanta um escudo entre nós.

O trem para tão suavemente que quase não sinto. Mas os Arven sentem e vêm até mim, me cercando com uma familiaridade exaustiva. Pelo menos não estou acorrentada ou usando uma coleira.

Sentinelas cercam o jovem rei com o os Arven fazem com igo; os uniformes flamejam antes e as máscaras pretas agourentos com o sem pre. Eles deixam que Maven dite o passo, e o rei atravessa o vagão. Evangeline e Ptolemus vão atrás, obrigando-nos a assumir a retaguarda da estranha procissão. Atravessam a porta e entram os em um vestíbulo que conecta um com partim então ao próximo o.

Mais uma porta, mais um vagão com móveis luxuosos, desta vez uma sala de jantar. Também sem janelas. Não tenho ideia de onde podem os estar.

No próximo o vestíbulo, uma porta se abre, não à frente, mas à direita. Os sentinelas passam primeiro, desaparecendo, então Maven, depois o resto. Saímos para outra plataforma, fortemente iluminada. É limpa ao extremo — outra construção nova, sem dúvida —, mas o ar parece abafado. Apesar da aparência impecável da plataforma vazia, tem uma goteira em algum lugar, ecoando ao nosso redor. Olho para a esquerda e para a direita ao longo dos trilhos. Eles somem na escuridão dos dois lados. Este não é o fim da linha. Estremeco ao pensar em quanto Maven progrediu em apenas alguns meses.

Subimos um lance de escadas. Me preparo para uma subida longa, lembro o quanto a entrada do cofre era profunda. Então fico surpresa quando os degraus se nivelam rapidamente diante de outra porta. Esta é de aço reforçado, um anúncio sinistro do que pode estar do outro lado. Um sentinela agarra a trava e abre a porta com um grunhido. O barulho de um mecanismo enorme responde. Evangeline e Ptolemus não levantam um dedo para ajudá-los.

Eles também observam com um fascínio mal disfarçado. Acho que não sabem muito mais do que eu. Estranho, para uma Casa tão próxima ao rei.

A luz do dia invade o lugar quando a porta se abre, revelando o cinza e o azul adiante. Os galhos das árvores mortas se erguem contra um céu claro de inverno. Quando saímos do subterrâneo, respiro fundo. Sinto pinho e o frescor penetrante do ar gelado. Estamos em uma clareira cercada por carvalhos nus. A terra sob meus pés está congelada, com pedras sob alguns centímetros de neve.

Meus dedos já estão frios.

Firmo os calcanhares, ganhando mais um segundo na floresta aberta. Os Arven me empurram, fazendo-me derrapar. Não estou lutando

contra eles, estou retardando-os m etodicam ente, enquanto j ogo a cabeça para a frente e para trás.

Tento m e orientar. A j ulgar pelo sol, que agora com eça sua descida para o ocidente, o norte está à m inha frente.

Quatro veículos m ilitares, com um brilho forçado, esperam à nossa frente.

Os m otos zum bem , esperando, enquanto o calor lança j atos de vapor no ar. É

fácil perceber qual deles pertence a Maven. A coroa flam ej ante, verm elha, preta e prata, está estam pada na lateral do m aior deles. Fica a m ais de m eio m etro do chão, com pneus enorm es e estrutura reforçada. À prova de balas, à prova de fogo, à prova da m orte. Tudo para proteger o j ovem rei.

Ele entra sem hesitar, arrastando a capa no cam inho. Para m eu alívio, os Arven não m e obrigam a segui-lo, e sou em purrada para dentro de outro veículo.

O m eu não tem identificação. Tentando um últim o vislum bre do céu aberto, vej o Evangeline e Ptolem us entrando em seu próprio veículo. Preto e prata, com o corpo de m etal coberto de pontas de ferro. Provavelm ente decorado pela própria Evangeline.

Partim os assim que Ovo fecha a porta atrás de si, m e trancando com eles quatro. Há um soldado no volante e um sentinela no assento ao seu lado. Me preparo para m ais um a viagem , am ontoada com os Arven.

Pelo m enos o veículo tem j anelas. Fico olhando sem querer piscar enquanto avançam os por um a floresta dolorosam ente fam iliar. Quando chegam os ao rio e à estrada pavim entada que corre j unto a ele, um a saudade arde em m eu peito.

É o Capital. Meu rio. Estam os seguindo para o norte, pela Estrada Real. Eles poderiam m e j ogar do veículo agora m esm o, m e deixar no chão sem nada, e eu encontraria o cam inho de casa. Lágrim as surgem em m eus olhos ao pensar nisso. O que eu faria, com igo m esm a ou com qualquer outra pessoa, por um a chance de voltar para casa?

Mas não há ninguém lá. Ninguém que im porte. Eles se foram , estão protegidos, longe daqui. Meu lar não é m ais o lugar de onde viem os.

Meu lar está seguro com eles. Espero.

Levo um susto quando outros veículos se juntam ao com boio. Militares, o corpo marchado pela espada preta do Exército. Conto quase um a dúzia, além de outros à distância, atrás de nós. Muitos têm soldados prateados pendurados para fora ou em assentos especiais no teto. Todos em alerta, prontos para agir. Os Arven não parecem surpresos com as novas com panhias. Sabiam que viriam .

A Estrada Real passa por cidades na margem do rio. Cidades vermelhas.

Ainda estão os muitos ao sul para passar por Palafitas, mas isso não diminui minha animação. Enxergo fábricas de tijolos na beira do rio. Vão os em direção a elas, entrando nos arredores de um vilarejo operário. Apesar de querer ver mais, espero que a gente não pare. Espero que Maven passe direto por este lugar.

Meu desejo é atendido em grande parte. O com boio desacelera, mas não para, passando pelo centro da cidade de forma amedrontadora. A multidão ocupa as ruas, acenando para nós. Pessoas dão vivas ao rei, gritando seu nome, esforçando-se para ver e ser vistas. Com crianças e operários vermelhos, velhos

e jovens, em purra para ver melhor. Espero encontrar agentes de segurança forçando uma recepção tão calorosa. Me encolho no banco, porque não quero ser vista. Eles já são obrigados a me ver sentada ao lado de Maven. Não quero colocar mais lenha nessa fogueira manipuladora. Para meu alívio, ninguém me coloca em exibição. Fico sentada olhando para as montanhas no colo, esperando que a cidade passe o mais rápido possível. No palácio, com o que vi de Maven, sabendo o que sei sobre ele, é fácil esquecer que tem quase todo o país no bolso. Seus grandes esforços para virar a opinião pública contra a Guarda Escarlate e seus outros inimigos parecem estar funcionando. Essas pessoas acreditam no que ele diz, ou talvez não tenham a oportunidade de lutar. Não sei o que é pior.

Quando a cidade som e atrás de nós, os gritos ainda ecoam na minha cabeça. Tudo isso para Maven, para o próximo passo de qualquer que seja o plano que ele colocou em ação.

Devem estar além da Cidade Nova, isso é claro. Não há poluição à vista.

Tam pouco há propriedades. Lembrou de passar por Beira Rio na minha primeira viagem ao sul, quando eu estava fingindo ser Mareena.

Descem os o rio do Palacete do Sol até Archeon, passando por vilas, cidades e pela m argem luxuosa onde ficam as m ansões de m uitas das Grandes Casas. Tento lem brar dos m apas que Julian m e m ostrava. Não consigo e fico com dor de cabeça.

O sol desce m ais quando o com boio faz um a curva depois da terceira cidade agitada, seguindo em direção a um a estrada secundária. Em direção ao oeste. Tento engolir a tristeza que surge dentro de m im . O norte m e cham a, m as não posso segui-lo. Os lugares que conheço ficam cada vez m ais distantes.

Tento m anter a bússola na cabeça. Para oeste fica a Estrada de Ferro. O

cam inho para Westlakes, Lakeland, o Gargalo. O oeste é guerra e ruína.

Ovo e Trio não perm item que eu m e m exa m uito, então tenho que esticar o pescoço para ver. Mordo o lábio quando passam os por um conj unto de portões, tentando enxergar um a placa ou sím bolo. Não há nada, só barras de ferro forj ado sob trepadeiras verdej antes de heras floridas. Fora de época.

A propriedade é palaciana, ao final de um a estrada ladeada por cercas vivas im aculadas. Chegam os a um a grande praça de pedra. Nosso com boio passa em frente à propriedade, parando com os veículos dispostos em um arco.

Não há m ultidões aqui, m as guardas j á esperam do lado de fora. Os Arven são rápidos e sou em purrada para fora do veículo.

Olho para cim a, para os tij olos verm elhos charm osos e soleiras brancas, as fileiras de j anelas polidas com floreiras cheias, as colunas caneladas, as sacadas floridas e a m aior árvore que j á vi irrom pendo do m eio da m ansão. Seus galhos se arqueiam sobre o teto pontudo, crescendo em conj unto com a estrutura. Não há um galho ou folha fora de lugar: é perfeitam ente esculpida com o um a obra de arte. Magnólia, acho, a j ulgar pelas flores brancas e o perfum e. Por um instante, esqueço que é inverno.

— Bem -vindo, m aj estade.

Não reconheço a voz.

Um a garota da m inha idade, alta, m agra, pálida com o a neve que deveria estar aqui, desce de um dos m uitos veículos que se j untaram

ao nosso com boio.

Sua atenção está em Maven, que agora sai do próprio carro. Ela passa por mim para fazer uma reverência diante dele. Eu a reconheço.

Heron Welle. Ela com petiu na Prova Real há muito tempo, fazendo crescer árvores mais estosas da terra enquanto sua Casa torcia. Com muitas, esperava ser escolhida para casar com Cal. Agora, está a comando de Maven, e seus olhos abatidos esperam sua ordem. Ela aperta mais o casaco verde e dourado, uma defesa contra o frio e contra o olhar do rei.

A Casa dela era uma das únicas que eu conhecia antes de ser obrigada a entrar no mundo dos prateados. Seu pai governa a região onde nasci. Eu ficava olhando seu navio passar no rio e acenava para suas bandeiras verdes com outras crianças tolas.

Maven não se apressa, vestindo as luvas desnecessárias para a caminhada curta entre o veículo e a mansão. Conforme ele anda, a coroa simples sobre seus cachos pretos capta a luz do sol, brilhando vermelha e dourada.

— Lugar encantador, Heron — ele diz, só por dizer. Soa sinistro vindo de Maven. Um amigo.

— Obrigada, meu estado. Tudo está em ordem para sua chegada.

Quando sou levada mais para perto, Heron dispensa um único olhar para mim, reconhecendo minha existência. A garota tem feições que lembram um pássaro, mas nela ficam elegantes, refinadas e muito bonitas. Achava que seus olhos eram verdes, com o tudo o que envolve sua família e seu poder. Mas eles são de um azul profundo e vibrante, destacados pela pele de porcelana e pelo cabelo castanho-avermelhado.

O resto dos veículos libera seus passageiros. Mais cores, mais Casas, mais guardas e soldados. Vejo o Samson entre eles, parecendo bobo vestindo couro e pele tingida de azul. A cor e o frio o deixam mais pálido do que nunca, um pingente de gelo loiro com sede de sangue. Os outros mantém distância enquanto ele vai até Maven. Conto algumas dúzias de cortesãos de relance. O suficiente para me fazer duvidar que a mansão do governador Welle pode acomodar a todos.

Maven cumprimenta Samson com um aceno de cabeça antes de partir em ritmo acelerado, trotando em direção às escadornamentadas que levam até a casa. Heron segue logo atrás, assim como os

sentinelas em seu bando habitual.

Todos o seguem , levados por um a corrente invisível.

Um hom em que só pode ser o governador sai apressado pelas portas de carvalho e ouro, curvando-se enquanto cam inha. Ele parece sem graça em com paração à casa, nada de m ais, com um queixo fraco, cabelo loiro-escuro e um corpo nem gordo nem m agro. As roupas com pensam . E m uito. Está usando botas, calça de couro e um casaco trabalhado em brocado, com esm eraldas brilhantes na gola e na bainha. Não são nada com paradas ao m edalhão antigo que traz no pescoço. Ele bate contra o peito do hom em conform e anda, com um em blem a da árvore que guarda sua casa.

— Maj estade, nem sei dizer o quanto estão os felizes por recebê-lo — ele

diz, curvando-se um a últim a vez. Maven fecha os lábios em um sorriso discreto, entretido com a exibição. — É um a honra ser o prim eiro destino de sua turnê de coroação.

O desgosto contorce m eu estôm ago. Sou pega de surpresa pela m inha im agem andando pelo país, alguns passos atrás de Maven, sem pre ao seu dispor.

Na tela, diante de câm eras, j á é degradante, m as pessoalm ente? Diante de m ultidões de pessoas com o aquelas na cidade? Talvez eu não sobreviva. De algum a form a acho que preferia a prisão de Whitefire.

Maven aperta a m ão do governador. Seu sorriso se transform a em algo que poderia passar por sincero. Ele é bom nisso, adm ito.

— É claro, Cy rus, eu não poderia im aginar um lugar m elhor para com eçar.

Heron fala tão bem de você — ele acrescenta, cham ando-a para seu lado.

Ela vai rápido, olhando para o pai. Eles trocam um olhar de alívio. Com o tudo o que Maven faz, a presença dela é calculada e um alerta.

— Vam os? — O j ovem rei faz um gesto em direção à m ansão. Ele parte, obrigando o restante de nós a acom panhá-lo. O governador se apressa para andar ao lado de Maven, tentando fazer parecer que ainda detém algum controle aqui.

Do lado de dentro, montes de criados vêm e eles se alinham contra a parede em seus melhores uniformes, com os sapatos polidos e os olhos no chão. Nenhum deles olha para mim, e tento não chamar atenção, observando a ansiedade do governador. Esperava uma ajeitada verde, e não fico decepcionada. Flores de todo tipo decoram o vestibulo, florescendo em vasos de cristal, pintadas nas paredes, moldadas no teto, trabalhadas nos lustres ou em mosaicos de pedra no chão. O

cheiro deveria ser forte demais, mas é inebriante e acalma a cada inspiração.

Respiro fundo, me permitindo esse pequeno prazer.

Mais pessoas da Casa Welle esperam para cumprimentar o rei, se empurrando para fazer uma reverência ou elogiar Maven em tudo, das leis aos sapatos. Enquanto ele recebe os cumprimentos, Evangeline se junta a nós, tendo deixado suas peles com algum pobre criado.

Fico tensa quando ela para ao meu lado. Todo aquele verde se reflete em sua roupa, dando a ela um tom doentio. De repente, percebo que seu pai não está aqui. Ele costuma ficar entre Evangeline e Maven em eventos com o pai, entrando em ação rápido quando a filha começa a perder o controle. Mas não está aqui agora.

Evangeline não diz nada, satisfeita em ficar olhando para as costas de Maven. Eu a observo. Ela fecha o punho quando o governador se inclina para sussurrar algo no ouvido do rei. Então ele acena para um dos prateados que está esperando, uma mulher alta e magra com cabelo preto, manchas do rosto salientes e pele ocre. Se faz parte da Casa Welle, não parece. Não há nada verde nela.

Suas roupas são azuis-acinzentadas. Ela acena com a cabeça, rígida, mantendo os olhos no rosto de Maven. A aparência dele muda e seu sorriso se alarga por um instante. O rei sussurra algo em resposta, balançando a cabeça animado. Entendo uma única palavra.

— Agora — ele diz. O governador e a mulher obedecem.

Eles andam juntos, e os sentinelas seguem. Olho para os Arven, me perguntando se devem os ir também, mas eles não se mexem.

Evangeline também pouco. E, por algum motivo, seus ombros e seu corpo relaxam. Algum peso foi tirado de suas costas.

— Pare de olhar para mim — ela explode, tirando-me dos meus

devaneios.

Abaixo a cabeça, deixando-a ter essa pequena e insignificante vitória.
E

continuo m e perguntando: *O que ela sabe? O que ela vê que eu não vejo?*

Quando os Arven m e levam para qualquer que sej a m inha cela esta noite, sinto um aperto no coração. Deixei os livros de Julian em Whitefire. Não terei nada para m e consolar esta noite.



CATORZE

Mare

ANTES DE SER PRESA, passei m eses atravessando o país, fugindo dos caçadores enviados por Maven e recrutando sanguenovos. Dorm i no chão suj o, com i o que conseguíam os roubar, passei todas as horas sentindo dem ais ou de m enos, tentando m e m anter sem pre um passo à frente de todos os nossos dem ônios. Não lidei bem com a pressão. Me fechei e afastei m eus am igos, m inha fam ília, todos que eram próxim os a m im . Qualquer pessoa que quisesse aj udar ou entender. É claro que m e arrependo. É claro que eu queria poder voltar para o Furo, para Cal e Kilorn e Farley e Shade. Faria as coisas diferente. *Seria* diferente.

Infelizm ente, nenhum prateado ou sanguenovo pode m udar o passado.

Meus erros não têm com o ser desfeitos, esquecidos ou ignorados. Mas posso com pensar. Posso fazer algum a coisa agora.

Já tinha visto Norta, m as com o um a fora da lei. Às som bras. A vista do lado de Maven, com o parte de sua com itiva, é tão diferente com o a noite e o dia.

Trem o dentro do casaco, com as m ãos unidas para m e aquecer. Entre o poder esm agador dos Arven e m inhas algem as, fico m ais suscetível à tem peratura.

Apesar do ódio que sinto pelo rei, m e aproxim o dele para aproveitar seu calor constante. Do outro lado, Evangeline m antém distância. Ela se concentra m ais no governador Welle do que no rei, e sussurra para ele de vez em quando, a voz baixa o suficiente para não atrapalhar o discurso de Maven.

— Agradeço as boas-vindas, e seu apoio a um rei j ovem que ainda está provando sua capacidade.

A voz de Maven ecoa, ampliada por microfones e alto-falantes. Ele não está lendo o discurso, e de algum a form a parece fazer contato visual com cada pessoa que lota a praça lá em baixo. Com o tudo o que diz respeito ao rei, até a localização foi m uito bem pensada. Ficam os no terraço, acima de centenas de pessoas, olhando para baixo, elevados e fora do alcance de m eros hum anos. O

povo reunido de Arborus, capital do dom ínio do governador Welle, olha para cima, as cabeças inclinadas de um jeito que m e causa arrepios. Os vermelhos se

em purram para ver m elhor. É fácil reconhecê-los, em grupos, cobertos por roupas que não combinam, o rosto ruborizado de frio, enquanto os prateados se cobrem de peles. Agentes de segurança em uniformes pretos estão espalhados pela multidão, vigilantes com os sentinelas a postos no terraço e nos telhados vizinhos.

— Espero que a turnê de coroação m e permitia não apenas um a compreensão mais profunda do reino, mas um a compreensão mais profunda de vocês. Suas lutas. Suas esperanças. Seus medos. Porque eu certamente tenho medo. — Um burburinho se espalha pela multidão lá em baixo e pelo grupo reunido no terraço. Até Evangeline olha de canto para Maven, os olhos estreitos sobre a gola branca imaculada de seu casaco de pele. — Somos um reino em perigo, que pode ruir sob o peso da guerra e do terrorismo. É meu dever solene pedir que isso aconteça e nos salvar dos horrores da anarquia que a Guarda Escarlata deseja instalar. Tantos morreram, em Archeon, em Corvium, em Summeron. Inclusive minha mãe e meu pai. Meu irmão foi corrompido pelas forças insurgentes. Mas, ainda assim, não estou sozinho. Tenho vocês. Tenho Norta. — Maven respira fundo e devagar, e um músculo se contrai em sua bochecha. — Vamos nos unir, vermelhos e prateados, contra os inimigos que querem destruir nosso modo de vida. Vou dedicar a vida à erradicação da Guarda Escarlata.

Os aplausos lá em baixo soam com o metais batendo, agudos,

terríveis.

Mantenho o rosto calmo, a expressão cuidadosamente neutra. Me serve de escudo.

A cada dia seu discurso fica mais firme; as palavras são cuidadosamente escolhidas e em punhadas com o facas. Nenhum a vez ele fala em “rebelde” ou

“revolução”. A Guarda Escarlata é sem preconceito. Sem preconceito assassina. Sem preconceito inimigo do nosso modo de vida, independente do que isso quer dizer. Ao contrário de seus pais, Maven toma muito cuidado para não insultar os vermelhos. A turnê passa igualmente por setores prateados e vermelhos. De alguma forma ele parece à vontade em ambos, já mais hesitando diante do pior que seu reino tem a oferecer. Visitam os até mesmo as favelas em torno das fábricas, o tipo de lugar que nunca vou esquecer. Tento não me encolher quando passam os por dormitórios prestes a desabar ou quando saímos para o ar poluído. Maven parece inabalável, sorrindo para os trabalhadores e seus pescoços tatuados. Ele não cobre a boca com o Evangeline, nem mesmo ostra nenhum a reação ao cheiro, com o tantos outros, eu incluída. É melhor nisso do que eu esperava. Maven entende, apesar de seus pais não conseguirem ou se recusarem a entender, que atrair os vermelhos para a causa prateada talvez seja a sua melhor chance de vitória.

Em outra cidade vermelha, nos degraus de uma mansão prateada, ele firma o próximo tijolo da estrada mortal que está construindo. Mil camponeses pobres acampanham, sem acreditar, sem ousar ter esperanças. Eu mesmo não sei o que ele está fazendo.

— As Medidas do meu pai foram decretadas após um ataque mortal que matou muitos oficiais do governo. Foram sua tentativa de punir a Guarda Escarlata por suas ações, mas, para minha vergonha, só atingiu vocês. — Diante dos olhos de tantos, Maven abaixa o rosto. É uma visão surpreendente. Um rei

prateado inclinando-se diante das minhas vermelhas. Tenho que lembrar de quem se trata. É um truque. — A partir de hoje, decreto as Medidas suspensas e abolidas. Elas foram um erro de um rei bem-intencionado, mas ainda assim um erro.

Ele olha para mim, só por um instante, o suficiente para que eu saiba que se importa com a minha reação.

As Medidas. Idade de recrutamento reduzida a quinze anos. Toque de

recolher restritivo. Morte para qualquer crim e. Tudo para virar a população verm elha de Nortá contra a Guarda Escarlata. Elas desaparecem em um instante, em um a batida do coração negro de um rei. Eu deveria estar feliz.

Deveria estar orgulhosa. Ele está fazendo isso por m inha causa. Algum a parte dele acha que vai m e agradar. Algum a parte dele acha que vai m e m anter ao seu lado. Mas ver os verm elhos, m eu povo, aplaudir seu opressor só m e enche de pavor. Olho para baixo e vej o que m inhas m ãos estão trem endo.

O que ele está fazendo? O que está planejando?

Para descobrir, tenho que chegar o m ais próximo o da cham a que conseguir.

Ele term ina seus discursos andando pela m ultidão, apertando a m ão tanto de verm elhos quanto de prateados. Passa por eles com desenvoltura. Sentinelas o rodeiam em um a form ação de diam ante. Sam son Merandus sem pre protege sua retaguarda, e m e pergunto quantos sentem a m ente sendo invadida. Ele é o m elhor obstáculo a um potencial assassino. Evangeline e eu seguim os atrás, com os guardas. Com o sem pre, m e recuso a sorrir, a olhar, a tocar as pessoas. É m ais seguro para elas assim .

Os veículos nos aguardam , os m otores ronronando ociosos. Lá em cim a, o céu escurece e sinto cheiro de neve. Enquanto nossos guardas se aproxim am , aj ustando a form ação para perm itir que o rei entre no carro, apresso o passo o m áxim o que posso. Meu coração acelera e m inha respiração form a um a nuvem branca no ar gelado.

— Maven — digo em voz alta.

Apesar da m ultidão gritando à nossa volta, ele m e ouve e para. Vira com um a graça fluida, e a capa gira revelando o forro verm elho-sangue. Ao contrário do restante de nós, ele não precisa usar pele para se m anter aquecido.

Aperto o casaco, para dar a m inhas m ãos nervosas o que fazer.

— Você estava falando sério?

Do seu próprio veículo, Sam son m e observa, os olhos penetrando os m eus.

Ele não consegue ler m inha m ente, não enquanto eu estiver usando

as algemas, mas as isso não o inutiliza. Confio que minha confusão real vai ajudar a me ascarar meus sentimentos.

Não tenho ilusões no que diz respeito a Maven. Conheço seu coração distorcido, e sei que ele sente algo por mim. Um sentimento de que quer se livrar, mas não consegue. Quando faz sinal para que eu vá até seu veículo, sinalizando que me junte a ele, espero ouvir Evangeline zombar ou protestar. Ela não faz nenhum dos dois, apenas segue até seu próprio carro. No frio, não brilha tanto.

Parece quase humana.

Os Arven não me seguem. Maven os im pede com um olhar.

O veículo dele é diferente de qualquer outro que já vi. O motorista e o

guarda da frente ficam separados dos passageiros por uma janela de vidro. As laterais e janelas são grossas, à prova de balas. Os sentinelas não entram, subindo na carcaça, assumindo posições defensivas em cada canto. É perturbador saber que tem um guarda com uma arma bem em cima de mim. Mas não tão perturbador quanto o rei sentado à minha frente, me encarando, à espreita.

Ele olha para minhas mãos, observando enquanto esfrego os dedos congelados.

— Você está com frio? — murmura.

Rápido, enfio as mãos em baixo das pernas para aquecê-las. O veículo acelera.

— Vai fazer isso mesmo? Acabar com as Medidas?

— Acha que eu mentiria?

Não consigo evitar uma risada sombria. No fundo da minha mente, desejo uma faca. Me pergunto se ele conseguiria me incinerar antes que eu cortasse sua garganta.

— Você? Nunca!

Ele sorri e dá de ombros, virando para ficar mais confortável no assento macio.

— Eu estava falando a verdade. As Medidas foram um erro. Fizeram mais mal do que bem.

— Para os vermos? Ou para você?

— Para ambos. É claro. Mas eu agradeceria ao meu pai se pudesse. Imagino que consertando esse erro vou conquistar o apoio do povo. — A indiferença fria de sua voz é desconcertante, no meu íntimo. Sei agora que isso vem das memórias do pai. Recordações envenenadas, esvaziadas de qualquer amor ou felicidade.

— Tem o que não vão restar muitos simpatizantes da sua Guarda Escarlata quando isso acabar. Vou acabar com eles sem outra guerra inútil.

— Você acha que me igualhas vão acalmar as pessoas? — provooco, fazendo um gesto com o queixo em direção às janelas. Fazendas, estéreis com o inverno, se estendem até as colinas. — Ah, que lindo, o rei me devolveu dois anos da vida do meu filho. Não importa que ele ainda vai ser tirado de mim um dia.

Seu sorriso só aumenta.

— Você acha isso?

— Acho. O reino é assim. Sem prefeitos.

— É o que vamos ver. — Maven encosta no banco e coloca o pé no assento ao lado do meu. Tira até a coroa, girando-a nas mãos. Chamadas de bronze e ferro brilham à luz baixa, refletindo meu rosto e o dele. Devagar, me afastando, me encolhendo no canto.

— Acho que te ensinei uma dura lição — ele diz. — Perdeu tanto da última vez que agora não confia em ninguém. Está sem premissa, procurando informações que não vai usar. Já conseguiu descobrir para onde estão os indos?

Ou por quê?

Respiro fundo. Parece que estou de volta à sala de aula de Julian, sendo testada com um mapa. O risco é bem maior aqui.

— Estão os na Estrada de Ferro agora, sentido noroeste. Indo para Corvium.

Ele tem a audácia de dar uma piscadinha.

— Quase.

— Então... — Pisco várias vezes, tentando pensar. Meu cérebro

percorre todas as peças que reuni com o passar dos dias. Fragmentos de notícias, fofocas.

— Rocasta? Você está indo atrás de Cal?

Maven fica mais à vontade no banco, parecendo entretido.

— Você pensa tão pequeno. Por que eu perderia tempo indo atrás de rumores sobre meu irmão exilado? Tenho uma guerra para acabar e uma rebelião para impedir.

— Uma guerra para acabar?

— Você mesmo disse: Lakeland vai nos derrotar se tiver chance. Não vou permitir que isso aconteça. Principalmente com Piedmont envolvido em seus próprios problemas. Tenho que cuidar dessas questões pessoalmente.

Apesar do calor do veículo, devido principalmente ao rei ardente sentado à minha frente, sinto como se uma pedra de gelo descesse pela minha coluna.

Eu costumava sonhar com o Gargalo. O lugar onde meu pai perdeu a perna, onde meus irmãos quase perderam a vida. Onde tantos vermes deles morreram. Um desperdício de cinzas e sangue.

— Você não é um guerreiro, Maven. Não é um general ou um soldado.

Com o que pode esperar derrotar seus inimigos se...

— Se outros não conseguiram? Se meu pai não conseguiu? Se Cal não conseguiu? — ele estoura. Cada palavra parece um osso quebrando. — Você tem razão. Não sou como eles. Não fui criado para a guerra.

Criado. Ele diz isso com tanta facilidade. Maven Calore não é ele mesmo.

Ele próprio me disse isso. É uma ideia, uma criação das adições e subtrações de sua mãe. Uma coisa mecânica, uma máquina, sem alma, perdido. Que horror saber que alguém assim tem nosso destino na palma de sua mão vacilante.

— Não vai ser uma perda, não de verdade — Maven continua, para nos distrair. — A economia militar vai simplesmente voltar sua atenção para a Guarda Escarlata. E então ao que decidirmos fazer

depois dela. Qualquer que seja o melhor caminho para controlar a população...

Se não fossem as algemas, minha raiva transformaria o veículo em um monte de sucata eletrizada. Em vez disso, me lancei para a frente, atacando, estendendo as mãos para agarrá-lo pela gola do casaco. Sem pensar, eu o empurrei, esmagando-o contra o assento. Maven se encolhe, a uma pequena distância do meu rosto, respirando com dificuldade. Está tão surpreso quanto eu.

Não é fácil. Entro em choque imediatamente, incapaz de me mexer, paralisada pelo medo.

O rei me encara, olho no olho, os cílios pretos e com pridos. Estou tão perto dele que vejo as suas pupilas dilatarem. Queria poder desaparecer. Queria estar do outro lado do mundo. Devagar, firme, suas mãos encontram as minhas. Apertam meus punhos, sentindo as algemas e o osso. Então Maven os afasta de seu peito.

Deixo que me movam, aterrorizada demais para agir diferente. Minha pele se arrepia com seu toque, apesar das luvas. Eu o ataquei. Maven. O rei. Um a palavra, um a batida na janela, e um sentinela pode quebrar meu pescoço. Ou o próprio Maven pode me matar. Me queimam viva.

— Sente — ele sussurra, com a voz afiada. Me dando uma única chance.

Com o um gato assustado, faço o que ele me anda, me encolhendo no canto.

Maven se recupera mais rápido do que eu e balança a cabeça com o esboço de um sorriso. Rapidamente, desamassa o casaco e joga para trás um cacho de cabelo que saiu do lugar.

— Você é uma garota inteligente, Maven. Não me diga que nunca ligou os pontos.

Respiro com dificuldade, com o se tivesse uma pedra no peito. Sinto o calor subir, de raiva e de vergonha.

— Eles querem nossa costa. Nossa eletricidade. Nossas terras, nossos recursos... — Tropeço nas palavras que me ensinaram em uma escola em ruínas. A julgar pelo rosto de Maven, ele se diverte mais ainda com essas palavras. — Nos livros de Julian... os reis discordaram. Dois homens discutindo diante de um tabuleiro de xadrez com o

crianças m im adas. Eles são a razão de tudo isso. De cem anos de guerra.

— Achei que Julian tivesse te ensinado a ler as entrelinhas. A enxergar as palavras não ditas. — Maven balança a cabeça, decepcionado comigo. — Pelo j eito nem ele conseguiu desfazer os anos de educação precária. Outra tática bem aplicada, aliás.

Isso eu sabia. Sem pre soube e lam entei. Os verm elhos são m antidos na ignorância. Isso nos deixa m ais fracos do que j á som os. Meus próprios pais não sabem nem ler.

Derram o lágrim as quentes de frustração. *Você sabia de tudo isso, digo a m im m esm a, tentando m e acalm ar. A guerra é uma artimanha, um disfarce para manter os vermelhos sob controle. Um conflito pode acabar, mas outro sempre vai eclodir.*

Minhas entranhas se retorcem ao perceber o quanto o j ogo é viciado, para todo m undo, há tanto tem po.

— Os ignorantes são m ais fáceis de controlar. Por que acha que m inha m ãe m anteve m eu pai por perto por tanto tem po? Ele era um bêbado, um im becil inconsolável, cego para tantas coisas, satisfeito em m anter tudo com o estava.

Fácil de controlar, fácil de usar. Um a pessoa para m anipular... e culpar.

Furiosa, lim po o rosto, tentando esconder qualquer indício das m inhas em oções. Maven fica m e olhando m esm o assim , com a expressão um pouco m ais suave. Com o se isso aj udasse.

— Então o que dois reinos prateados vão fazer quando pararem de j ogar verm elhos uns contra os outros? — provoco. — Com eçar a nos atirar de precipícios aleatoriam ente? Sortear nom es em um a loteria?

Ele apoia o queixo na m ão.

— Não acredito que Cal nunca te contou nada disso. Bom , ele não estava realm ente procurando um a oportunidade de m udar as coisas, nem m esm o por você. Provavelm ente não achava que você suportaria... ou que entenderia...

Meu punho acerta o vidro à prova de balas da j anela. A dor é instantânea, e m orgulho nela na tentativa de m anter qualquer pensam ento sobre Cal distante.

Não posso me permitir cair nessa armadilha, ainda que seja a verdade. Ainda que Cal estivesse disposto a defender tais horrores.

— Não — explodo. — Não.

— Não sou tolo, minha enininha elétrica. — Seu tom acalora o meu.
— Se vai brincar com a minha mente, vou brincar com a sua. Somos os bons nisso.

Eu estava com frio antes, mas agora o calor de sua raiva aquece-me e consumo. Enjoada, encosto o rosto no vidro gelado da janela e fecho os olhos.

— Não me com para a você, não somos os iguais.

— Pessoas com o nós mesmos para todo mundo. Principalmente para nós mesmos.

Quero socar a janela de novo. Em vez disso, enfio os punhos em baixo dos braços, tentando encolher. Talvez eu desapareça. A cada respiração, me arrependo mais e mais de ter entrado neste veículo.

— Lakeland nunca vai concordar — digo.

Ouç a risada profunda em sua garganta.

— Engraçado. Porque eles já concordaram.

Meus olhos se arregalam em choque.

Ele confirma com a cabeça, parecendo feliz consigo mesmo.

— O governador Welle facilitou uma reunião com um dos principais ministros de Lakeland. Ele tem contatos no norte e é facilmente... persuadido.

— Provavelmente porque você também sua filha refém.

— Provavelmente — Maven concorda.

Então essa turnê é para isso. Solidificar o poder, criar uma nova aliança.

Conseguir negociações a qualquer custo. Eu sabia que era mais do que o espetáculo, mas isso... isso eu não podia imaginar. Penso em Farley, no coronel, nos soldados de Lakeland jurados à Guarda Escarlate. O que uma trégua fará a eles?

— Não fique tão abatida. Estou terminando uma guerra pela qual milhões morreram e trazendo paz para um país que não conhece mais o significado dessa palavra. Você deveria ter orgulho de mim. Deveria estar me agradecendo.

Pare... — Ele levanta as mãos para se proteger quando cuspo nele. — Precisa descobrir outra forma de expressar sua raiva — Maven resmungando, limpando o uniforme.

— Tire minhas algemas e me dê o seu.

Maven dá um a gargalhada.

— Claro, srta. Barrow.

Do lado de fora, o céu escurece e o mundo fica cinza. Coloco uma mão no vidro, desejando poder atravessá-lo. Nada acontece. Ainda estou aqui.

— Devo dizer que estou surpreso — ele continua. — Tem os muitos mais em comum com Lakeland do que pensa.

Minha mandíbula se contrai e eu falo entredentes.

— Ambos usam vermes com os escravos e uma união.

Maven projeta o tronco para a frente tão rápido que me encolho.

— Ambos querem os acabar com a Guarda Escarlata.

É quase cômico. Cada passo que dou explode na minha cara. Tentei salvar

Kilorn do recrutamento e minha irmã acabou sendo punida por isso. Virei criada para ajudar minha família e em algumas horas já era prisioneira. Acreditei nas palavras de Maven e em seu falso coração. Confiei que Cal iria me escolher.

Invadi uma prisão para libertar pessoas e acabei perdendo Shade. Me sacrifiquei para salvar quem amo e dei a Maven uma arma. E agora, por mais que tente com bater seu reinado de dentro, acho que só pioro tudo. Com o que vai ser uma união entre Lakeland e Norta?

Apesar do que Maven disse, vamos os em direção a Rocasta, avançando depois de mais paradas para sua coroação pela região de Westlakes. Não vamos ficar. Ou não há uma mudança adequada ou suficiente para a corte de Maven ou ele simplesmente não quer. Entendo por quê.

Rocasta é uma cidade militar. Não uma fortaleza como o Corvium, mas feita para abrigar o Exército. Uma coisa feia, construída com uma função. A cidade fica há muitos quilômetros das margens do lago Tarion, e a Estrada de Ferro passa em seu centro. Corta Rocasta com uma lâmina, separando o setor rico prateado do setor vermelho. Sem muros, a cidade é invadida aos poucos. As sombras das casas e construções surgem na cegueira branca da nevasca. Prateados tempestuosos deixam a estrada aberta, com batendo o clima para manter a programação do rei. Ficam em pé sobre nossos veículos, direcionando a neve e o gelo à nossa volta com movimentos uniformes. Sem eles, o clima estaria muito pior, uma marteada de inverno brutal.

Ainda assim, a neve bate contra as janelas do meu veículo, escondendo o mundo lá fora. Não há mais dobraventos da talentosa Casa Laris. Estão mortos ou desaparecidos, ou talvez tenham fugido com as outras Casas que se rebelaram.

Os prateados que restaram não conseguem fazer muita coisa.

Do pouco que consigo ver, Rocasta parece continuar funcionando, apesar da tempestade. Trabalhadores vermelhos vão para lá e para cá, segurando lanternas, a luz atravessando a neblina com o peixes em águas turvas. Estão acostumados com esse tipo de clima.

Eu me aninho em meu casaco com orgulho, feliz pelo calor, ainda que a peça seja uma monstruosidade. Olho para os Arven, vestidos com o branco de sempre.

— Estão com medo? — tagarelo para o ar vazio. Não espero por uma resposta. Todos estão silenciosamente concentrados em ignorar minha voz.

— Podem os perder vocês de vista em uma tempestade como essa.
— Suspiro para mim mesma, cruzando os braços. — Estou cruzando os dedos.

O veículo de Maven segue à frente do meu, com os sentinelas. Eles se destacam nitidamente na tempestade de neve; seus uniformes flamejantes são como um farol para o resto de nós. Estou surpresa por não tirarem as máscaras apesar da visibilidade baixa. Devem ter prazer em parecer desumanos e assustadores — monstros defendendo outro monstro.

O comboio sai da Estrada de Ferro em algum lugar próximo ao centro da cidade, acelerando por uma avenida larga pontuada por

luzes cintilantes. Casas luxuosas e m uradas se erguem , com j anelas calorosas e acolhedoras. À

frente, o relógio de um a torre aparece e desaparece atrás das raj adas de neve.

Bate três horas quando nos aproxim am os, parecendo ressoar dentro do m eu

peito.

Som bras escuras som em ao longo da rua, aprofundando-se a cada segundo conform e a tem pestade fica m ais forte. Estam os no setor prateado, evidenciado pela ausência de lixo e verm elhos esfarrapados vagando pelas ruas. Território inim igo. Com o se eu j á não tivesse ultrapassado as linhas inim igas ao m áxim o.

Na corte, havia rum ores sobre Rocasta, principalm ente relacionados a Cal.

Alguns soldados foram avisados de que ele estaria na cidade, ou algum velho achou que o viu e trocou a inform ação por rações. Mas o m esm o pode ser dito sobre tantos lugares. Ele seria burro se viesse para cá, para um a cidade ainda sob o controle de Maven. Principalm ente tão próxim a de Corvium . Se for esperto, está longe daqui, bem escondido, aj udando a Guarda Escarlata o m elhor que pode. É estranho pensar que a Casa Laris, a Casa Iral e a Casa Haven se rebelaram por ele, um príncipe exilado que j am ais vai reivindicar o trono. Que desperdício.

O prédio adm inistrativo sob a torre do relógio é ornam entado em com paração ao restante de Rocasta, m ais próxim o das colunas e dos cristais do Palácio de Whitefire. O com boio para em frente a ele, cuspindo-nos na neve.

Subo os degraus o m ais rápido que posso, erguendo a gola verm elha para m e proteger do frio. Lá dentro, espero calor e um a plateia à espera, que vai se agarrar a cada palavra calculada de Maven. Em vez disso, encontram os o caos.

Este lugar um dia foi um a grande sala de reuniões; nas paredes há fileiras de bancos acolchoados, que agora foram tirados do cam inho. A m aioria foi em pilhada, para abrir espaço. Sinto cheiro de sangue. O que é estranho em um salão de prateados.

Mas então vej o: está m ais para um hospital do que um salão.

Todos os feridos são oficiais, deitados sobre m acas em fileiras bem alinhadas. Conto três dúzias à prim eira olhada. Seus uniform es revelam várias patentes, com insígnias das Grandes Casas. Curandeiros atendem o m ais rápido que podem , m as só dois estão em serviço, m arcados pelas cruzeiras vermelhas e prateadas nos ombros. Correm para lá e para cá, cuidando de feridas por ordem de gravidade. Um deles salta de um homem gemendo e se ajoelha ao lado de uma mulher que cuspe sangue prateado, o queixo brilhando com o metal com o líquido.

— Sentinela Skonos — Maven chama a com seriedade. — Ajude quem puder.

Um dos sentinelas assustados responde com uma reverência, separando-se do restante dos defensores do rei.

Outros de nós entram , lotando um lugar já cheio. Alguns nobres abandonam o decoro para procurar ombros da família entre os soldados. Outros estão simplesmente aterrorizados. Os seus não deveriam sangrar. Não assim .

À minha frente, Maven olha de um lado para o outro, as mãos na cintura.

Se eu não o conhecesse melhor, acharia que está im pactado, com raiva ou triste.

Mas é apenas atuação. Em bora seja um oficiais prateados, sinto uma ponta de piedade por eles.

O hospital im provisado é prova de que meus Arven não são feitos de pedra.

Para minha surpresa, Tigrina perde o controle e seus olhos se enchem de

lágrimas. Ela fixa o olhar na extrem idade do salão. Panos brancos cobrem corpos. Cadáveres. Uma dúzia deles.

Aos meus pés, um jovem solta um suspiro. Ele mantém uma mão contra o peito, pressionando o que deve ser um ferimento interno. Olho nos olhos dele, reparando em seu uniforme e seu rosto. É mais velho do que eu, com uma beleza clássica sob as camadas de sangue prateado. Usa uma insígnia preta e dourada. É

um telec da Casa Provos. Ele não demora a me reconhecer. Suas

sobancelhas se arqueiam um pouco, e o jovem respira com dificuldade. Sob meu olhar, trem e.

Está com medo de mim .

— O que aconteceu? — pergunto. Na barulheira do salão, m inha voz não é m ais que um sussurro.

Não sei por que ele responde. Talvez pense que vou m atá-lo caso contrário.

Talvez queira que alguém saiba o que realm ente está acontecendo.

— Corvium — ele sussurra em resposta. O oficial Provos arquej a, lutando para que as palavras saiam . — A Guarda Escarlata. É um m assacre.

O m edo transparece em m inha voz.

— Para que lado?

Ele hesita. Eu espero.

Finalm ente, o j ovem solta um a respiração irregular.

— Am bos.



QUINZE

Cameron

EU NÃO SABIA O QUE PODERIA INSTIGAR o príncipe exilado a agir — até que o rei Maven deu início à sua m aldita turnê de coroação. Claram ente um a artim anha, parte de um a tram a m aior. E estava vindo na nossa direção. Todos suspeitavam de um ataque. Então tinham os que atacar prim eiro.

Cal estava certo sobre um a coisa. Tom ar as m uralhas de Corvium era o m elhor plano.

Então ele o colocou em prática há dois dias.

Trabalhando em conj unto com o coronel e rebeldes que j á estavam infiltrados na cidade-fortaleza, Cal liderou um a força de ataque da Guarda Escarlata e de soldados sanguenovos. A tem pestade de neve foi sua cam uflagem , e o fator surpresa os aj udou. Cal foi esperto o

suficiente para não pedir que eu me juntasse a eles. Fiquei esperando em Rocasta com Farley. Nós duas grudadas no rádio, ansiosas por notícias. Caí no sono, mas ela me chacoalhou antes do amanhecer, sorrindo. Tínhamos tomado as muralhas. Corvium fora pega de surpresa. A cidade fervilhava no caos.

Não podiam os meus ficar para trás. Nem mesmo eu. Pra falar a verdade, eu queria ir. Não para lutar, mas para ver com o era a vitória. E, claro, dar meus um passo em direção ao Gargalo, ao meu irmão e a algum propósito.

Então aqui estou eu, encoberta pelas árvores com o resto da unidade de Farley, observando os muros pretos e a fumaça meus preta ainda. Corvium queimava por dentro. Não consigo ver muita coisa, mas sei dos relatos. Centenas de soldados vermelhos, alguns incitados pela Guarda, se voltaram contra seus oficiais assim que Cal e o coronel atacaram. A cidade já era um barril de pólvora. O príncipe de fogo acendeu o pavio e deixou explodir. Um dia depois, o com bate continua. Vam os tomando a cidade, rua a rua. Os tiroteios ocasionais quebram o silêncio, fazendo eu me contorcer.

Desvio o olhar, tentando ver meus longe do que os olhos humanos podem alcançar. O céu já está escuro e nebuloso, com o sol encoberto. A noroeste, no Gargalo, as nuvens estão pretas, pesadas de cinzas e morte. Morrey está lá em

algum lugar. Em bora Maven tenha liberado os recrutas menores de idade, a unidade dele não saiu do lugar, de acordo com os últimos relatórios do serviço de informações. Está o meu distante possível, no fundo de uma trincheira. E a Guarda Escarlata no momento ocupa o lugar para onde sua unidade deveria retornar. Tento bloquear a imaginação do meu irmão gemendo encolhido no frio, o uniforme grande demais, os olhos escuros e fundos. Mas o pensamento está gravado no meu cérebro. Olho para o outro lado, de volta para Corvium, para a tarefa a cumprir. Preciso manter o foco. Quanto meus cedo tomar a cidade, meus cedo poderemos transportar os recrutas. *E depois que salvá-lo?*, me pergunto. *Vou mandá-lo de volta para casa? Para outro inferno?*

Não tenho respostas para a voz na minha cabeça. Mal posso suportar a ideia de me andar Morrey de volta para as fábricas da Cidade Nova, ainda que isso signifique reuni-lo com nossos pais. Eles são meu próximo objetivo, assim que recuperar meu irmão. Um sonho impossível por vez.

— Dois prateados acabaram de jogar um soldado vermeelho de uma torre

— Ada avisa, olhando por um binóculo. Ao lado dela, Farley permanece imóvel, os braços calmos e entrecruzados sobre o peito.

Ada continua varrendo tudo, lendo sinais. Na luz cinza, sua pele dourada assume uma cor pálida. Espero que não esteja ficando doente.

— Eles estão consolidando sua posição, recuando e reagrupando no setor central atrás do segundo muro. Calculo que são pelo menos cinquenta — ela sussurra.

Cinquenta. Tento engolir o medo. Digo a mim mesma que não há perigo.

Há um exército entre nós e eles. E ninguém é idiota o suficiente para me obrigar a ir a qualquer lugar que eu não queira. Não agora, depois de meses de treinamento.

— Baixas?

— Uma centena de prateados morreu. A maioria dos feridos fugiu pela mata. Provavelmente para Rocasta. Havia menos de mil na cidade. Muitos tinham desertado com as Casas rebeldes antes do ataque de Cal.

— E o último relatório de Cal? — Farley pergunta a Ada. — Sobre os prateados desertores?

— Incluí nos meus cálculos. — Ela quase parece irritada. Quase. Ada é mais calma do que qualquer um de nós. — Setenta e oito estão sob a proteção dele.

Coloco as mãos na cintura.

— Existe uma diferença entre deserção e rendição. Eles não querem se juntar a nós; só não querem morrer. Sabem que Cal será misericordioso.

— Você prefere que ele os mate? Vire todos contra nós? — Farley responde irritada. Depois de um instante, ela faz um gesto de desdém.

— Há mais de quinhentos deles ainda por aí, prontos para voltar e nos massacrar.

Ada ignora nossa falação e m antém a vigia. Antes de se j untar à Guarda Escarlata, ela era criada de um governador prateado. Está acostum ada a coisas m uito piores do que nós.

— Vej o Julian e Sara sobre o portão da reza — ela diz.

Sinto um alívio. Quando Cal fez contato pelo rádio, não m encionou

nenhum a baixa em sua equipe, m as nunca se sabe. Estou feliz por Sara estar bem . Aperto os olhos na direção do am eaçador portão da reza, procurando pela entrada preta e dourada na extrem idade leste das m uralhas de Corvium . Em cim a do parapeito, um a bandeira verm elha trem ula, um vislum bre de cor contra o céu nublado. Ada traduz:

— Estão fazendo sinal para nós. Passagem segura.

Ela olha para Farley, esperando sua ordem . Com o coronel na cidade, Farley está no topo da hierarquia aqui, e sua palavra é lei. Em bora não dem onstre, percebo que está pesando as opções. Tem os que atravessar terreno aberto para chegar até os portões. Pode m uito bem ser um a arm adilha.

— Você viu o coronel?

Boa. Ela não confia em um prateado. Não com nossas vidas em risco.

— Não — Ada m urm ura. Ela varre os m uros m ais um a vez, os olhos bem abertos analisando cada bloco de pedra. Assisto à sua m ovim entação enquanto Farley se m antém calm a e séria. — Cal está com eles.

— Muito bem — Farley responde de repente, os olhos de um azul vívido e resolutos. — Vam os.

Vou atrás dela com m á vontade. Por m ais que odeie adm itir, Cal não é do tipo que nos trairia. Não fatalm ente, pelo m enos. Ele não é com o o irm ão. Meus olhos encontram os de Ada por cim a do om bro de Farley. A sanguenova inclina um pouco a cabeça conform e avançam os.

Enfio as m ãos no bolso. Se estiver parecendo um a adolescente m al-hum orada, não ligo. É o que sou: um a adolescente m al-hum orada e assustada que pode m atar com um olhar. O m edo m e devora. Da cidade e de m im m esm a.

Só uso m eu poder em treinam ento há m eses, desde que os m alditos m agnetrons derrubaram nosso j ato do céu. Mas lem bro da sensação de usar o silêncio com o arm a. No presídio de Corros, m atei pessoas assim . Pessoas horríveis. Prateados que m antinham outros com o eu presos para m orrer lentam ente. A m em ória ainda m e enoj a. Senti os corações parando. Senti suas m ortes com o se estivessem acontecendo com igo. Tanto poder m e assusta. Faz com que eu m e pergunte o que posso m e tornar. Penso em Mare, em com o ela ricocheteava entre a raiva violenta e a indiferença dorm ente. É esse o preço de ter poderes com o os nossos? Tem os que escolher entre nos tornar vazias ou m onstros?

Partim os em silêncio, todos m uito conscientes de nossa posição precária.

Nos destacam os nitidam ente na neve fresca, seguindo as pegadas uns dos outros.

Os sanguenovos na unidade de Farley estão m uito inquietos. Um a das recrutadas por Mare, Lory, nos lidera com a atenção de um cão de caça, a cabeça virando de um lado para o outro. Seus sentidos são incrívelm ente aguçados; se houver algum ataque im inente, ela vai ver, ouvir ou sentir o cheiro do que está por vir.

Depois do ataque ao presídio de Corros, depois que Mare foi capturada, ela com eçou a tingir o cabelo de verm elho-sangue. Parece um a ferida contra a neve e o céu m etálico. Fixo o olhar em seus ombros, pronta para correr se fizer qualquer m ovim entação inesperada.

Mesm o grávida, Farley convence no com ando. Ela puxa o rifle das costas e o segura com as duas m ãos. Mas não está tão alerta quanto os outros. Mais um a

vez seus olhos entram e saem de foco. Sinto um pingo de tristeza por ela.

— Você veio aqui com Shade? — pergunto baixinho.

Ela vira a cabeça na m inha direção.

— Por que diz isso?

— Para um a espia, às vezes você revela dem aís.

Seus dedos batucam o cano da arm a.

— Com o eu disse, Shade foi nossa maior fonte de informação sobre Corvium. Com andei sua operação aqui. Só isso.

— Claro, Farley.

Continuam os em silêncio. Nossa expiração solta nuvens brancas no ar e o frio se instala, tomando o primário os dedos dos pés. Na Cidade Nova havia inverno, mas nunca assim. Tem a ver com a poluição. E o calor das fábricas nos fazia suar mesmo no inverno mais profundo.

Farley nasceu em Lakeland. Está mais preparada para o frio. Ela não parece notar a neve ou o frio cortante. Mas sua cabeça obviamente ainda está em outro lugar. Com outra pessoa.

— Acho que foi bom eu não ter ido atrás do meu irmão — resmungo no silêncio. Tanto para mim quanto para ela. Um a distração. — Estou feliz por ele não estar aqui.

Ela olha para mim de soslaio, os olhos estreitos de desconfiança.

— Cameron Cole está admitindo que estava errada?

— Eu admito. Não sou Mare.

Outra pessoa poderia achar isso grosseiro. Mas Farley sorri.

— Shade também era teimoso. Deve ser de família.

Imagino que a menção a seu nome seria um grande peso, arrastando-a para baixo. Em vez disso, faz com que Farley siga em frente, um pé depois do outro. Uma palavra depois da outra.

— Eu o conheci a alguns quilômetros daqui. Devia recrutar assobiadores no mercado negro de Norta. Usar organizações já instaladas para auxiliar a Guarda Escarlata. O assobiador de Palafitas me falou sobre alguns soldados daqui que poderiam estar dispostos a cooperar.

— Shade era um deles.

Ela confirma com a cabeça, pensativa.

— Ele foi enviado para Corvium com as tropas de apoio. Um ajudante de oficial. Era uma boa posição para ele, ainda melhor para nós. Shade alimentava a Guarda Escarlata com informações através de mim. Até que ficou claro que ele não poderia mais ficar. Foi transferido para outra legião. Alguém sabia que ele tinha um poder e

iam executá-lo por isso.

Nunca ouvi essa história. Acho que poucos ouviram . Farley não é exatam ente um livro aberto. Por que está m e contando isso agora, não sei dizer.

Mas percebo que precisa desabafar. Deixo-a falar, dando o espaço de que precisa.

— Então quando a irm ã dele... Nunca vi Shade tão aterrorizado. Assistim os à Prova Real j untos. Vim os quando ela caiu, vim os os raios. Ele achou que os prateados iam m atar Mare. O resto da história você j á sabe, im agino. — Ela m orde o lábio, olhando para o rifle. — Foi ideia dele. Tínam os que tirar Shade

do Exército para protegê-lo. Então ele falsificou sua ordem de execução. Ele m esm o aj udou com a papelada. Então foi dado com o m orto. Os prateados não se im portam o suficiente para com provar a m orte de verm elhos. A fam ília dele, é claro, se im portou. Isso o abalou por um tem po.

— Mas ainda assim ele foi em frente. — Tento ser com preensiva, m as não consigo im aginar com o seria fazer m inha fam ília passar por algo parecido, nem por nada no m undo.

— Ele não tinha escolha. E... serviu de m otivação. Mare se j untou a nós quando ficou sabendo da suposta m orte. Um Barrow por outro.

— Então essa parte do discurso dela não era m entira? — Penso no que Mare foi obrigada a dizer, olhando para a câm era com o se fosse um esquadrão de fuzilam ento. *Me perguntaram se eu queria vingança pela morte dele.* — Não m e adm ira que tenha problem as de confiança. Ninguém fala a verdade para ela.

— Vai ser um longo cam inho de volta para Mare — Farley sussurra.

— Para todos.

— Agora ela está naquela turnê infernal com o rei. — Farley parece um a m áquina, sua voz ganhando im pulso e força a cada segundo que passa. O

fantasm a de Shade desaparece. — Isso vai tornar as coisas m ais fáceis. Ainda terrívelm ente difíceis, é claro, m as o nó está m ais frouxo.

— Existe um plano em andam ento? Ela está cada dia m ais perto. Arborus, a Estrada de Ferro...

— Mare estava em Rocasta ontem .

O silêncio à nossa volta se altera. Se o resto da unidade não estava ouvindo antes, agora com certeza está. Olho para trás. Ada m e encara. Seus olhos de âm bar se arregalam e quase consigo ver as engrenagens girando em sua m ente perfeita.

Farley continua:

— O rei visitou os soldados feridos evacuados da prim eira onda de ataques.

Eu não soube disso até estarm os na m etade do cam inho para cá. Se soubesse, talvez... — Ela respira fundo. — Bom , agora é tarde dem ais.

— O rei viaja com praticam ente um exército — digo a ela. — Mare é vigiada dia e noite. Você não poderia fazer nada só com a gente.

Ainda assim , seu rosto fica verm elho, e não por causa do frio. Seus dedos continuam batendo distraídos no cano da arm a.

— Provavelm ente não — Farley responde. — Provavelm ente não

— repete num tom m ais suave, para convencer a si m esm a.

Corvium lança um a som bra sobre nós, e a tem peratura cai na escuridão.

Puxo a gola m ais para cim a, tentando m e enterrar em seu calor. A m onstruosidade das m uralhas pretas parece uivar para nós.

— Lá. O portão da reza. — Farley aponta para um a boca aberta com presas de ferro e dentes dourados. Blocos de Pedras Silenciosas form am o arco, m as não as sinto. Elas não têm im pacto sobre m im . Para m eu alívio, soldados verm elhos guardam o portão, m arcados pelo uniform e cor de ferrugem e pelas botas gastas. Avançam os, saindo da estrada coberta de neve e entrando nas m andíbulas de Corvium . Farley olha para cim a do portão quando passam os, e ouço-a sussurrar algo para si m esm a.

— Quando você entra, reza pra sair. Quando sai, reza pra nunca m ais voltar.

Apesar de ninguém estar ouvindo, rezo tam bém .

Cal se curva sobre um a m esa, os dedos pressionados contra a m adeira plana. Sua armadura está em pilhada em um canto, revelando os m úsculos do j ovem sob as placas de couro preto. O suor faz o cabelo preto grudar na testa e form a linhas de esforço abaixo de seu pescoço. Não é o calor, em bora seu poder aqueça o lugar m ais que qualquer fogo. É m edo. Vergonha. Me pergunto quantos prateados ele foi obrigado a m atar. *Não o suficiente*, parte de m im sussurra.

Ainda assim , sua aparência, os horrores do cerco escritos claram ente em seu rosto, são m otivo suficiente para até eu hesitar. Sei que não é fácil. Não pode ser.

Ele observa o nada, com olhos de bronze perfurantes. Nem se m exe quando eu entro atrás de Farley. Ela vai até o coronel e senta na frente dele, que está com um a m ão na testa e a outra acariciando um m apa ou algum tipo de esquem a. Provavelm ente de Corvium , pela form a octogonal e pelos anéis que devem ser as m uralhas.

Sinto Ada atrás de m im , hesitante em se j untar a nós. Tenho que lhe dar um em purrão. Ela é m elhor nisso do que qualquer um de nós, seu cérebro extraordinário é um presente para a Guarda Escarlata. Mas é difícil rom per o treinam ento de um a criada.

— Vam os — sussurro, colocando a m ão em seu pulso. Sua pele não é tão escura quanto a m inha, m as nas som bras todos com eçam os a nos m atizar.

Ela dá um aceno discreto para m im e abre um sorriso m ais discreto ainda.

— Em qual anel eles estão?

— Na torre principal — o coronel responde. Ele aponta o lugar correspondente no m apa. — Bem fortificada, m esm o nos níveis subterrâneos.

Aprendem os isso na prática.

Ada solta um suspiro.

— O centro foi construído para algo assim . Um posto final, bem armado e abastecido. Com vedação dupla. Recheado até a borda por cinquenta soldados prateados bem treinados. Por ser estreito, é com o se houvesse cinco vezes essa quantidade lá dentro.

— Com o aranhas em um buraco — m urm uro.

O coronel desdenha.

— Talvez com ecem a com er uns aos outros.

O nervosism o de Cal não passa despercebido.

— Não enquanto um inim igo com um bate à porta. Nada une tanto os prateados quanto alguém que odeiam . — Ele não tira os olhos da m esa, m antendo-os fixos na m adeira. O significado é claro. — Principalm ente agora que todos sabem que o rei está nas proxim idades. — Seu rosto escurece, com o um a nuvem de tem pestade. — Eles podem esperar.

Com um grunhido baixo, Farley conclui a ideia por ele:

— E nós não podem os.

— Se exigido, as legiões do Gargalo podem m archar de volta para cá em um dia. Menos ainda se forem ... m otivadas. — Ada vacila na últim a palavra. Ela não precisa explicar. Já vej o m eu irm ão, tecnicam ente livre pelas novas leis de Maven, sendo levado por oficiais prateados, obrigado a correr pela neve. Só para atacar seu próprio povo.

— Os verm elhos certam ente se j untariam a nós — digo, pensando alto, ao m enos para com bater as im agens que estão na m inha cabeça. — Que Maven m ande seus exércitos. Isso só vai reforçar o nosso. Os soldados vão m udar de lado com o os daqui fizeram .

— Talvez ela tenha razão... — o coronel com eça a dizer, concordando com igo para variar. Mas Farley o corta.

— Talvez. A tropa em Corvium há m eses vem sendo agitada, incitada, em purrada, forçada e aquecida para essa explosão. Não posso dizer o m esm o das legiões. Ou qual é a quantidade de prateados que ele vai convencer a servir.

Ada concorda com a cabeça.

— Maven tem sido cuidadoso com Corvium . Ele pinta tudo aqui com o terrorism o, não rebelião. Anarquia. Obra de um a Guarda Escarlata sedenta por sangue, genocida. Os verm elhos das legiões, os verm elhos do reino, não fazem ideia do que está acontecendo.

Fervendo, Farley coloca a mão na barriga, protegendo-a.

— Já perdi muito por confiar num “talvez”.

— Todos perdem os — Cal responde, sua voz distante. Ele se afasta da mesa e vira de costas para todos. Chega até a janela com poucos passos largos e olha para a cidade ainda em chamas.

A fumaça flutua no vento gelado, um cuspe preto no céu. Isso mesmo faz lembrar das fábricas. Estremeço. A tatuagem no meu pescoço coça, mas não levo meus dedos tortos a ela. Nem consigo contar quantas vezes foram quebrados. Sara pediu para consertá-los certa vez. Não deixei. Com a tatuagem, com a fumaça, eles mesmo lembram de onde vim e do que ninguém mais deveria ter que suportar.

— Imagino que você não tenha alguma ideia... — Farley diz, enquanto tira o mapa das mãos do pai. Ela olha de soslaio para o príncipe exilado.

Cal dá de ombros.

— Muitas. Todas ruins. A não ser que...

— Não vou deixar que saiam daqui — o coronel interrompe. Ele parece irritado. Acho que já discutiram o assunto. — Maven está muito próximo. Eles vão correr para o lado dele e voltar para se vingar.

O bracelete no pulso de Cal se acende, lançando centelhas que viajam pelo seu braço em uma explosão rápida de chamas vermelhas.

— Maven virá de qualquer forma! Você ouviu os relatos. Ele já está em Rocasta, seguindo para oeste. Está marchando para cá em um desfile, acenando e sorrindo para esconder que vai tomar Corvium de volta. E vai conseguir se você lutar contra ele numa cidade despedaçada, com nossas costas voltadas para uma aula de lobos! — Cal vira para encarar o coronel, os ombros ardendo em brasa. Normalmente ele consegue se controlar o suficiente para poupar suas roupas. Agora nem tanto. A fumaça o abraça, revelando buracos chamuscados

na camisa. — Uma batalha em duas frentes é suicídio.

— E torná-los reféns? Vai mesmo dizer que não tem ninguém de valor naquela torre? — o coronel rebate.

— Não para Maven. Ele já tem a única pessoa pela qual trocaria

qualquer coisa.

— Não tem os com o fazê-los passar fôme, não podem os libertá-los, não podem os usá-los numa negociação — Farley diz, enumerando nos dedos.

— E não podem os matá-los. — Coloco um dedo no lábio. Cal olha para mim, surpreso. Dou de ombros. — Se houvesse um amante, se fosse aceitável, o coronel já teria feito isso.

— Ada? — Farley a incita com gentileza. — Você vê algo que não estejam vendo?

Os olhos dela vão de um lado para o outro, analisando o esquema e suas memórias. Números, estratégias, tudo a seu dispor. Seu silêncio não traz nenhum alento.

— Precisam os daquele maldito vidente — resmungo. Não conheci Jon, que permitiu que Mare me encontrasse e me capturasse. Mas já o vi bastante nas transmissões de Maven. — Ele pode fazer o trabalho por nós.

— Se quisesse ajudar, Jon estaria aqui. Mas aquele fantasma execrável desapareceu — Cal pragueja. — Não teve nem a decência de levar Mare com ele quando fugiu.

— Não adianta insistir no que não tem os com o matar. — Farley arrasta a bota no chão frio. — Então tudo o que nos resta é a força bruta? Derrubar a torre pedra por pedra? Pagar por cada centímetro com um litro de sangue?

Antes que Cal possa estourar de novo, a porta se abre. Julian e Sara entram apressados, os dois com os olhos arregalados e um tom prateado no rosto. O

coronel levanta de um salto, surpreso e na defensiva. Ninguém aqui bobeia quando se trata dos prateados. O medo que sentim os deles está enraizado nos ossos, é transmitido pelo sangue.

— O que foi? — ele pergunta, com o olho vermelho brilhando. — Já acabou o interrogatório?

Julian se irrita com a palavra *interrogatório* e responde com sarcasmo:

— Minhas perguntas são piedosas em comparação com as que você faria.

— Pfff! — Farley desdenha. Ela olha para Cal e ele vira, com vergonha de seu olhar. — Não m e venha falar da piedade dos prateados.

Não gosto de Julian e confio nele m enos ainda, m as a expressão no rosto de Sara é chocante. Ela olha para m im , o rosto cinza cheio de com paixão e m edo.

— O que foi? — pergunto a ela, em bora saiba que só Julian pode responder.

Mesm o em Corvium , ainda não encontrou um curandeiro disposto a devolver sua língua. Todos devem estar na torre principal, ou m ortos.

— General Macanthos supervisiona o com ando de treinam ento — Julian responde. Com o Sara, ele olha para m im hesitante. O sangue pulsa em m eus ouvidos. O que quer que estej a prestes a dizer não vai m e agradar. — Antes do cerco, parte de um a legião recuou para receber m ais instruções. Não eram adequados para patrulhar as trincheiras. Mesm o sendo verm elhos.

Meu sangue zum be nos ouvidos e quase não escuto Julian. Sinto Ada vir

para perto, seu om bro encostando no m eu. Ela sabe para onde isso está indo. Eu tam bém .

— Conseguim os a lista de nom es. Algum as centenas de crianças da Legião Adaga, cham adas de volta para Corvium . Ainda não haviam sido liberadas, m esm o após o decreto de Maven. Recuperam os a m aioria, m as alguns...

— Julian se obriga a falar, m as tropeça nas palavras. — Foram m antidos com o reféns. No centro, com o resto dos oficiais prateados.

Me apoio na parede fria do escritório, deixando que m e estabilize. Meu poder suplica, tentando rom per a pele, querendo se expandir e arrastar tudo ao m eu redor. Tenho que dizer as palavras eu m esm a, porque parece que Julian não vai dizer.

— Meu irm ão está entre eles.

O m aldito prateado hesita, dem orando a responder. Finalm ente, ele fala:

— Açam os que sim .

O rugido do meu coração lateja ante ultrapassa a voz deles. Não ouço nada enquanto saio do escritório, escapando de suas mãos, correndo pela sede administrativa. Se alguém me segue, não sei. Não ligo.

A única coisa nos meus pensamentos é Morrey. Morrey e os cinquenta futuros cadáveres que estão no meu caminho.

Não sou Mare Barrow. Não vou entregar meu irmão para essa causa.

Meu silêncio me envolve, pesado com o fumo, com o suor. Não é uma coisa física. Não vai abrir a torre principal para mim. Meu poder atinge carne e só carne. Estive praticando. Ele me assusta, mas preciso dele. Com o um furacão, o silêncio gira em torno de mim, cercando o centro de uma tempestade crescente.

Não sei para onde estou indo, mas é fácil andar por Corvium. É tudo autoexplicativo. A cidade é ordenada, bem planejada, uma engrenagem gigante.

Entendo isso. Meus pés batem nas calçadas, me impecando através da ala externa.

À minha esquerda, as altas muralhas de Corvium arranham o céu. À direita, quartéis, escritórios e instalações de treinamento se empenham contra o segundo anel de muros de granito. Tenho que encontrar o próximo portão, com que entrar. Meu lenço rubro é um uflagem suficiente. Pareço um integrante qualquer da Guarda Escarlata. Poderia me esconder. Os soldados vermelhos me deixam correr, muito distraídos, agitados ou ocupados para ligar para outro rebelde correndo entre eles. Eles subjugaram seus senhores. Sou invisível para eles.

Mas não para Sua Maldita Alteza Real Tiberias Calore.

Ele agarra meu braço, me obrigando a virar. Se não fosse meu silêncio pulsando à nossa volta, sei que ele estaria em minhas costas. O príncipe é esperto e usa o meu pulso para me jogar para trás — e se me manter longe das minhas mãos mortíferas.

— Cameron! — ele grita, com a mão estendida. Seus dedos brilham, as minhas precisando de ar. Quando dá-me um passo para trás, plantando-se no meu caminho, as minhas ficam mais fortes, indo até os cotovelos. Ele está com a armadura de novo. Placas de couro e aço presas ao corpo. — Vai morrer se entrar na torre sozinha. Vão te partir ao meio.

— E você com isso? — respondo irritada. Travo os ossos, firm ando as juntas, e em purro um pouco mais. O silêncio o alcança. Seu fogo oscila e sua garganta trem e. Ele está sentindo. Estou me achucando-o. *Segure. Lembre-se da constante. Nem demais, nem de menos.* Em purro um pouco mais e ele dá mais um passo para trás, na direção que preciso ir. O segundo portão chama minha atenção por cima de seu ombro. — Estou aqui por um único motivo. — Eu não quero lutar com Cal. Só quero que ele saia da minha frente. — Não vou deixar sua gente me atar meu irmão.

— Eu sei! — ele rosna com a voz gutural. Me pergunto se todos os seus sem elhantes de fogo têm olhos com o aqueles. Olhos que queimam e ardem.

— Sei que você vai entrar. Eu também entraria se... Eu também entraria.

— Então me deixe ir.

Cal cerra a mandíbula, numa imagem de determinação. Um momento.

Mesmo agora, em roupas queimadas, ferido, com o corpo em destroços e mesmo em ruínas, ainda parece um rei. É o tipo de pessoa que jamais vai olhar. Não está nele. Não foi feito para isso.

Mas já fui destruída vezes demais para deixar que aconteça de novo.

— Cal, me deixe ir. Me deixe buscar meu irmão. — Parece que estou implorando.

Dessa vez ele dá um passo à frente. As chamadas em seus dedos ficam azuis, tão quentes que chamuscam o ar. Mas ainda oscilam diante do meu poder, lutando para respirar, para queimar. Eu poderia apagá-las se quisesse. Poderia tomar tudo o que ele é e parti-lo ao meio, matá-lo, sentir cada centímetro seu morrer. Parte de mim quer. Uma parte boba, governada pelo ódio, pela raiva e pela vingança cega. Deixo que ela alimente meu poder, que me deixe mais forte, mas não deixo que me controle. Exatamente como o Sara ensinou. É uma linha tênue.

Seus olhos se estreitam, como se Cal soubesse o que estou pensando. Fico surpresa quando ele fala. Quase não escuto as palavras em meio ao som do meu coração latejar ante.

— Me deixe aj udar.

Antes da Guarda Escarlata, eu achava que aliados deveriam estar exatam ente na m esm a página. Máquinas em uníssonos, trabalhando para o m esm o resultado. Com o eu era ingênua. Cal e eu aparentem ente estam os do m esm o lado, m as não querem os a m esm a coisa.

Ele é franco com seu plano, inteiram ente detalhado. O suficiente para que eu perceba com o pretende usar m inha raiva, usar m eu irm ão, para atingir seus próprios fins. *Distraia os guardas, entre na torre principal, use seu silêncio como escudo e faça com que os prateados entreguem os reféns em troca da própria liberdade. Julian vai abrir os portões; eu mesmo farei a escolta. Sem derramar sangue. Chega de cerco. Corvium será toda nossa.*

Um bom plano. Exceto pelo fato de que a tropa prateada estará livre para

se reunir ao Exército de Maven.

Cresci em um a favela, m as não sou burra. E com certeza não sou um a garotinha deslum brada que vai se render à m andíbula m arcada e ao sorrisinho de Cal. Seu charm e tem lim ites. Barrow pode ceder aos seus encantos, m as eu não.

Se ao m enos o príncipe fosse um pouco m ais ousado. Cal tem o coração m ole dem ais. Ele não vai deixar os soldados prateados sujeitos à piedade inexistente do coronel, ainda que a única alternativa seja a libertá-los apenas para adiar um novo conflito.

— De quanto tem po você precisa? — pergunto. Mentir na cara dele não é difícil. Não sabendo que Cal tam bém está tentando m e enganar.

Ele sorri. Acha que m e convenceu. *Perfeito.*

— Algum as horas para organizar m eu pessoal. Julian, Sara...

— Tudo bem . Me encontre nos quartéis externos quando estiver pronto.

— Eu m e afasto, fingindo um olhar pensativo à distância. O vento se levanta, balançando m inhas tranças. Está m ais quente, não por causa de Cal, m as do sol.

A prim a vera logo chegará. — Preciso pensar um pouco.

O príncipe concorda com a cabeça. Apoia a mão firm e no meu ombro, apertando-o. Em resposta, forço um sorriso que meus pais parece um a careta. Assim que viro, o sorriso se vai. Cal fica para trás, os olhos focados em mim até a curva do meu umbigo e tirar de seu campo de visão. Apesar do aumento de temperatura, um arrepio percorre minha espinha. Não posso deixar Cal fazer isso. Mas não vou deixar que Morrey passe meus pais um segundo naquela torre.

Mais à frente, Farley marcha na minha direção, tão depressa quanto seu corpo permite. Seu rosto escurece quando me vê. Suas sobrancelhas estão franzidas e sua cara inteira fica vermelha. Isso faz com que a cicatriz branca ao lado de sua boca se destaque mais do que o normal. É uma visão assustadora.

— Cole — ela diz irritada —, eu estava com medo de que você estivesse prestes a cometer um grande burrada.

— Eu, não — respondo, quase sussurrando. Ela inclina a cabeça e faz sinal para que me siga.

Quando estamos em segurança dentro de um armazém, conto tudo aos meus pais rápido que posso. Farley fica irritada, com o seu plano de Cal fosse apenas uma chateação, e não extremamente perigoso para todos nós.

— Ele está colocando a cidade toda em risco — concluo, exasperada.
— Se for em frente...

— Eu sei. Mas já disse antes: Montfort e o Comandante querem Cal com a gente, custe o que custar. Ele é praticante à prova de balas. Qualquer outra pessoa seria executada por insurreição. — Farley passa as mãos na cabeça, puxando minhas esparsas do cabelo loiro. — Não quero fazer isso, mas um soldado que não aceita ordens e age seguindo interesses próprios não é alguém que quero na minha retaguarda.

— O Comandante... — Odeio essa palavra, e quem quer que ela represente.

— Estou com medo de achar que eles não se preocupam tanto assim com a gente.

Farley não discorda.

— É difícil... depositar toda a nossa fé neles. Mas o Comandante vê o que não

vem os, o que não conseguimos os ver. E agora... — Ela respira fundo. Seus olhos focam no chão. — Fiquei sabendo que Montfort vai se envolver m ais ainda.

— O que isso significa?

— Não tenho certeza.

Dou risada.

— Você não sabe de tudo? Estou chocada.

O olhar que ela lança para m im poderia rachar um osso.

— O sistem a não é perfeito, m as ele nos protege. Se você vai ficar de m au hum or, não vou aj udar.

— Ah, agora você tem ideias?

Ela abre um sorriso obscuro.

— Algum as.

Harrick não perdeu o tique nervoso.

Ele balança a cabeça para cim a e para baixo enquanto Farley sussurra nosso plano, os lábios se m ovim entando rápido. Ela não vai entrar na torre com a gente, m as vai garantir que consigam os passar.

Harrick parece preocupado. Ele não é um guerreiro. Não estava em Corros nem participou do ataque a Corvium , em bora suas ilusões pudessem ter sido de grande aj uda. Ele chegou com o restante de nós, seguindo a capitã grávida.

Algum a coisa aconteceu com ele quando ainda tinham os Mare, em um recrutam ento de sanguenovos que deu errado. Desde então, tem ficado fora do com bate. Tenho invej a dele. Não sabe o que é m atar alguém .

— Quantos reféns? — Harrick pergunta, a voz trêm ula com o seus dedos.

Um rubor surge em seu rosto, espalhando-se sob a pele clara do inverno.

— Pelo m enos vinte — respondo o m ais rápido possível. — Acham os que m eu irm ão é um deles.

— Com pelo m enos cinquenta prateados de guarda — Farley com pleta. Ela não m aquia o perigo. Não vai enganá-lo para que concorde.

— Oh — ele balbucia. — Minha nossa.

Farley acena com a cabeça.

— É você quem decide. Podem os encontrar outra m aneira.

— Mas nenhum a com m enos chance de derram am ento de sangue.

— Isso. Suas ilusões... — pressiono, m as Harrick ergue a m ão trêm ula. Me pergunto se seu poder oscila com o ele próprio.

O sanguenovo abre a boca, m as nenhum a palavra sai. Estou tensa, im plorando com cada nervo do m eu corpo. Ele precisa ver o quanto isso é im portante. *Precisa.*

— Tudo bem .

Tenho que m e segurar para não com em orar. É um passo im portante, m as não um a vitória, e não posso perder isso de vista até que Morrey estej a em segurança.

— Obrigada. — Aperto suas m ãos, que continuam trem endo nas m inhas.

— Muito obrigada.

Ele pisca rápido, os olhos castanhos encontrando os m eus.

— Não m e agradeça antes da hora.

— Bem colocado — Farley m urm ura. Ela tenta não parecer som bria, para nosso bem . Seu plano é precipitado, m as Cal está nos obrigando a agir. — Muito bem , agora m e sigam — ela continua. — Isso vai ser rápido, silencioso e, com um pouco de sorte, efetivo.

Seguim os logo atrás. Farley contorna soldados da Guarda Escarlata e verm elhos que desertaram para o nosso lado. Muitos batem continência em respeito a ela. É um a figura m uito conhecida na organização, e estam os confiando no respeito que incita. Puxo m inhas tranças conform e avançam os, apertando-as o m áxim o que posso. É um a dor boa. Me m antém atenta. E dá às m inhas m ãos algo para fazer. Do contrário, talvez trem essem tanto quanto as de Harrick.

Com Farley à frente, ninguém nos para nos portões. Marcham os até o centro de Corvium , onde a torre principal se eleva. Granito preto sobe até o céu, pontilhado de j anelas e sacadas. Todas estão bem fechadas, e dúzias de soldados guardam a base, vigiando as duas entradas fortificadas da torre. Ordens do coronel, aposto. Dobrou a guarda assim que percebeu que eu ia querer entrar

— e que Cal ia querer tirar os prateados de lá. A capitã não nos leva até a torre, m as para além dela, até um a das estruturas construídas j unto ao m uro central.

Com o o resto da cidade, é de ouro, ferro e pedras pretas, escura m esm o à luz do dia.

Meu coração bate forte, m ais acelerado a cada passo em direção à escuridão de um a das m uitas prisões de Corvium . Com o planej ado, Farley nos conduz por um a escada e descem os até o nível das celas. Minha pele se arrepia ao ver as grades, as paredes de pedra pálidas sob a luz fraca de pouquíssim as lâm padas. Pelo m enos as celas estão vazias. Os prateados desertores de Cal estão no portão da reza, confinados no espaço que fica em cim a dos arcos de Pedra Silenciosa, onde seus poderes são inexistentes.

— Eu distraio os guardas do nível inferior enquanto Harrick garante que vocês atravessem — Farley diz em voz baixa, tentando não deixar que suas palavras ecoem . Ela m e passa duas chaves. — A de ferro prim eiro — diz, indicando a chave de m etal preto e áspero do tam anho do m eu punho, e em seguida a outra brilhante e delicada, com dentes afiados. — Depois a de prata.

Enfio as duas em bolsos separados, de fácil acesso.

— Entendi.

— Não consigo m ascarar o som tão bem quanto a visão, então você precisa ser o m ais silenciosa que puder — Harrick sussurra. Ele cutuca m eu braço e sincroniza seus passos com os m eus. — Fique perto. Preciso m anter a m enor ilusão possível pelo m áxim o de tem po.

Respondo com um aceno de cabeça. Harrick precisa poupar sua energia para os reféns.

As celas ficam cada vez m ais profundas sob o solo de Corvium . A um idade e o frio tom am conta, e m inha expiração com eça a soltar nuvens brancas no ar.

Quando a luz fica mais forte ao virarmos um a esquina, não sinto nenhum

conforto. Farley só vem até aqui.

Ela faz um gesto silencioso, acenando para nós dois. Me aproximo de Harrick. É agora. Agitação e medo percorrem meu corpo. *Estou a caminho, Morrey.*

Meu irmão está tão perto, cercado de pessoas que podem atá-lo. Não tenho tempo para me preocupar com a minha própria vida.

Alguém a coisa balança diante dos meus olhos, caindo com o um a cortina. A ilusão. Harrick me segura contra seu peito conforme avançam os juntos, nossos passos sincronizados. Vemos tudo muito bem, mas quando Farley vira para trás para verificar, seus olhos ficam procurando loucamente, de um lado a outro. Ela não nos enxerga. Tam pouco os guardas rebeldes no outro corredor.

— Tudo bem aqui em baixo? — Farley pergunta alto, pisando nas pedras com muito mais força do que o necessário. Harrick e eu seguimos a uma distância segura e viramos no corredor onde há seis soldados bem armados com cachecóis vermelhos e equipamentos táticos. Eles cobrem toda a passagem, ombro a ombro, firmemente posicionados.

Ficamos bem atentos ao notar a presença de Farley. Um deles, um homem musculoso com o pescoço mais largo que minha coxa, responde em nome dos demais.

— Sim, capitã. Nenhum sinal de movimento. Se os prateados pretendem tentar escapar, não vai ser pelos túneis. Nem mesmo eles são tão tolos.

Farley fecha a mandíbula.

— Bom, mantenha os olhos... Ai!

Tremendo, ela se inclina para a frente, apoiando uma das mãos na parede escura. Então coloca a outra na barriga. Seu rosto se contorce de dor.

Os guardas adjacências prontamente; três deles correm para o seu lado.

Deixamos um buraco na fileira muito maior do que o necessário. Harrick e eu avançamos rapidamente, deslizando pela parede oposta para

chegar à porta fechada no final do corredor. Farley fica olhando para a porta enquanto se ajoelha, ainda fingindo um a câibra ou coisa pior. A ilusão à minha volta se agita um pouco, indicando a concentração de Harrick. Ele não está escondendo só nós dois agora, mas as portas se abrindo atrás de mim eia dúzia de soldados designados para guardá-la.

Farley berra enquanto enfio a chave de ferro na fechadura, girando o mecanismo. Os grunhidos de desconforto e os gritos de dor vão se alternando em um ritmo constante para distrair os guardas de qualquer rangido da fechadura.

Por sorte, a porta é bem azeitada. Quando abre, ninguém vê ou ouve.

Fecho-a devagar, evitando fazer barulho. A luz desaparece a cada centímetro, até que ficam os na escuridão quase completa. Nem mesmo a agitação de Farley e dos soldados atravessa, abafada pela porta.

— Vão os — digo a Harrick, segurando firme seu braço.

Um, dois, três, quatro... Conto os passos na escuridão, passando a mim ao na parede congelante.

Sinto uma descarga de adrenalina quando chegam os à segunda porta, diretamente abaixo da torre principal. Não tive tempo de me preparar a estrutura, mas sei o básico. O suficiente para pegar os reféns e levá-los direto para a

segurança da ala central. Sem reféns, os prateados não terão com que negociar.

Precisarão se render.

Passando a mim pela porta, tento encontrar a fechadura. É pequena e sofro um pouco para enfiar a chave direito.

— Consegui — sussurro. Um aviso para Harrick e para mim mesmo.

Enquanto avanço com cuidado para dentro da torre, percebo que talvez essa seja a última coisa que eu faça. Mesmo com meu poder e o de Harrick, não somos os páreos para cinquenta prateados. Vão os morrer se der errado. E os reféns, já sujeitos a vários horrores, provavelmente vão morrer também.

Não vou permitir que isso aconteça. Não posso permitir.

A câmara adjacente é tão escura quanto o túnel, só que mais quente. A torre é cuidadosamente selada contra os elementos, exatamente com o Farley disse.

Harrick segue atrás de mim, e fechamos a porta juntos. Sua mão encosta de relance na minha. Não está tremendo agora. Ótimo.

Devia haver escadas... Sim. Bato os dedos do pé em um degrau. Sem soltar o braço de Harrick, nos conduzo pelas escadas, em direção a uma luz fraca mais crescente. Dois lances acima, exatamente com os dois lances que descemos para chegar às celas.

Murmúrios reverberam das paredes, altos o suficiente para ouvir, mas abafados demais para decifrar. Vozes atormentadas, discussões sussurradas.

Pisco rápido quando a escuridão se esvai e chegam os ao andar principal da torre.

Uma luz quente nos envolve, iluminando a escada em espiral que sobe até a câmara central. A espinha da torre. Ao longo de sua extensão, portas levam a vários andares, todas elas fechadas. Meu coração bate em um ritmo trovejante, tão alto que acho que os prateados podem ouvir.

Dois deles patrulham as escadas, tensos e prontos para um ataque. Mas não somos os soldados e não somos os da Guarda Escarlata. Suas silhuetas ondulam ligeiramente, com a superfície inquieta de um lago. As ilusões de Harrick estão de volta, protegendo-nos de olhos inimigos.

Avançamos com o se fossemos um só, seguindo as vozes. Mal consigo respirar conforme subimos os degraus em direção à câmara central três andares acima. Nos esqueçamos de Farley, ela se espalha por toda a extensão da torre, ocupando um andar inteiro. Os reféns estarão lá, assim como a maioria dos prateados à espera do resgate de Maven ou da piedade de Cal.

Os patrulheiros prateados são musculosos. Forçadores. Os dois têm o rosto cinza como a pedra e braços do tamanho de troncos. Eles não podem me partir ao meio, não se eu usar meu silêncio. Mas meu poder não funciona contra armas, e os dois têm muitas. Pistolas duplas e rifles pendurados nos ombros. A torre está bem abastecida contra um cerco, e acho que isso significa que eles têm muita união mais que suficiente para aguentar.

Um forçador desce as escadas quando nos aproximamos, a passos pesados.

Agradeço a quem quer que seja o idiota que o colocou de vigia. Seu poder é força bruta, nada sensitivo. Mas certamente nos notaria se colidissemos.

Passamos por ele com cuidado, as costas grudadas na parede. Ele segue o caminho sem demonstrar nem uma ponta de desconfiança, com a cabeça em outro lugar.

Do outro forçador é mais difícil desviar. Ele está encostado numa porta, as pernas longas esticadas à frente. Quase bloqueiam completamente a passagem, obrigando Harrick e eu a subir bem pelo canto. Agradeço pela minha altura. Ela me permite passar por cima dele sem nenhum incidente. Harrick não é tão gracioso. Seu tique volta dez vezes pior enquanto percorre os degraus, tentando não fazer barulho.

Apertando os dentes, deixo o silêncio se acumular sob minha pele. Me pergunto se conseguiria me atar os dois antes que soassem o alarme. O

pensamos então e me deixa enjoadas.

Então Harrick tropeça, dando uma guinada para a frente. Não faz muito barulho, mas é suficiente para agitar o prateado. Ele olha de um lado a outro. Eu congelo, agarrando o braço esticado de Harrick. O terror sobe à minha garganta, im plorando para gritar.

Quando ele vira de costas, olhando para o espelho, cutuco Harrick.

— Lykos, você ouviu alguma coisa? — o forçador grita.

— Nadinha — o outro responde.

Cada palavra encobre nossos passos firmes, permitindo que avancemos até o topo das escadas e a porta entreaberta. Solto o suspiro de alívio mais silencioso que se pode imaginar. Minhas mãos também estão tremendo.

Dentro do cômodo, vozes baixas.

— Tem os que nos render — alguém diz.

Palavras de oposição soam em resposta, encobrindo nossa entrada.

Deslizam os com o ratos até um a sala cheia de gatos famintos. Oficiais prateados se agrupam pelas paredes, a maioria deles feridos. O cheiro de sangue é avassalador. Gemidos de dor atravessam as várias discussões que se arrastam pela câmara. Gritam uns com os outros, os rostos brancos de medo, tristeza e agonia. Muitos parecem estar morrendo. Engasgo com a visão e o fedor de homens e mulheres com ferimentos em diferentes estados. Não há curandeiros aqui, percebo. As feridas prateadas não vão sumir com o aceno de uma mão.

Não sou feita de gelo ou pedra. Aqueles com ferimentos mais graves estão alinhados na parede, a alguns metros dos meus pés. A mais próxima de mim é uma mulher, o rosto cheio de cortes. Sangue prateado se acumula sob suas mãos enquanto ela tenta em vão manter as entranhas dentro do corpo. Sua boca abre e fecha, com o um peixe moribundo tentando respirar. Sua dor é muito profunda para divagações ou gritos. Um pensamento estranho me ocorre: *Eu poderia acabar com seu sofrimento se quisesse*. Poderia estender a mão e ajudá-la a partir em paz com meu silêncio.

Só de pensar nisso me sinto sufocar e tenho que desviar o olhar.

— Rendição não é uma opção. A Guarda Escarlate nos mataria, ou pior...

— *Pior?* — cospe um dos oficiais deitados no chão, com o corpo ferido e remendado. — Olhe em volta, Chyron!

Dou uma olhada, ousando ter alguma esperança. Se eles continuarem gritando uns com os outros, isso vai ser muito mais fácil. Na outra extremidade da câmara, eu os vejo. A carne rosa e arrebolada, o sangue vermelho. Não menos que vinte adolescentes de quinze anos estão amontoados. Só o medo me mantém no lugar, separada de tudo o que anseio por uma série de máquinas mortíferas

cheias de raiva.

Morrey. A segundos de distância. A centímetros.

Atravessam os a câmara com tanto cuidado quanto subimos as escadas, e duas vezes mais devagar. Os prateados em melhores condições perambulam, atendendo os mais feridos ou tentando se acalmar. Nunca vi prateados assim.

Desprevenidos, tão de perto. Tão hum anos. Um a oficial m ais velha com m uitas m edalhas segura a m ão de um j ovem de uns dezoito anos. Seu rosto está branco com o um osso, sem sangue, e ele pisca calm am ente para o teto, esperando m orrer. O corpo ao lado dele j á se foi. Contenho um suspiro, m e obrigando a m anter a respiração silenciosa e uniform e. Mesm o com tantas distrações, não posso correr nenhum risco.

— Diga a m inha m ãe que a am o — um dos m oribundos sussurra.

Outro quase cadáver grita cham ando um hom em que não está ali.

A m orte desce com o um a nuvem , lançando sua som bra sobre m im tam bém . Eu poderia m orrer aqui, com o o restante deles . *Se Harrick se cansar, se eu pisar onde não devia.* Tento ignorar tudo m enos m eus pés e o obj etivo à m inha frente. Mas quanto m ais avanço na câm ara m ais difícil fica. O chão oscila diante dos m eus olhos, e não é por causa da ilusão de Harrick. Eu estou... chorando? Por eles?

Com raiva, lim po as lágrim as antes que caiam e deixem m arcas no chão.

Por m ais que eu saiba que odeio essas pessoas, não consigo odiá-las agora. Toda a raiva que senti há um a hora se foi, substituída por um a estranha piedade.

Os reféns agora estão próxim os o bastante para que eu encoste neles, e um a silhueta m e é tão fam iliar quanto m eu próprio rosto. Cabelo preto crespo, pele escura, m em bros desaj eitados, m ãos grandes com dedos tortos. O sorriso m ais largo e brilhante que j á vi, apesar de estar m uito distante neste m om ento. Se eu pudesse, agarraria Morrey e nunca m ais soltaria. Em vez disso, m e arrasto atrás dele. Devagar e com precisão, m e abaixo até ficar bem no seu ouvido. Tenho um a esperança im possível de que não se assuste.

— Morrey, é a Cam eron.

Seu corpo se agita, m as ele não faz nenhum barulho.

— Estou com um sanguenovo, que pode nos deixar invisíveis. Vou tirar você daqui, m as precisa fazer exatam ente o que eu falar.

Ele vira a cabeça, só um pouco, os olhos arregalados de m edo. Tem os olhos da nossa m ãe, pretos e com cílios pesados. Resisto ao desej o de abraçá-lo.

Devagar, m eu irm ão balança a cabeça de um lado para o outro.

— Sim . Eu consigo fazer isso. — Respiro fundo. — Repita para os outros o que acabei de dizer. Sej a discreto e não deixe que os prateados vej am . Vam os, Morrey.

Depois de um longo m om ento, ele aperta os dentes e concorda.

Não dem ora m uito até que todos saibam da nossa presença. Ninguém questiona. Eles não têm esse luxo, não aqui, na barriga da fera.

— O que vocês estão prestes a ver não é real.

Faço um gesto para Harrick, e ele devolve o sinal. Está pronto. Devagar, aj oelham os, agachando para nos m isturar a eles. Quando a ilusão que ele está m antendo sobre nós se dissipar, os prateados não vão perceber de cara. Estão

distraídos. Assim espero.

Minha m ensagem viaja a rápido. Os reféns estão tensos. Em bora tenham a m esm a idade que eu, parecem m ais velhos, gastos pelos m eses que passaram treinando para a guerra e depois em um a trincheira. Até Morrey, em bora pareça m ais bem alim entado do que j am ais foi na nossa casa. Ainda invisível a seus olhos, estendo a m ão e pego a dele. Seus dedos se fecham nos m eus, segurando firm e. A ilusão que nos m antém invisíveis é suspensa. Dois corpos se j untam ao círculo de reféns. Os outros piscam para nós, se esforçando para não dem onstrar surpresa.

— Aqui vam os nós — Harrick sussurra.

Atrás de nós, os prateados continuam brigando entre m ortos e m oribundos, sem desperdiçar um só pensam ento com os reféns.

Harrick estreita os olhos, se concentrando na parede curvada à nossa direita.

Sua respiração é pesada, o ar sibila ao entrar por suas narinas e sair pela boca.

Está reunindo forças. Eu m e preparo para o estouro, em bora saiba que não é real.

De repente a parede explode em um a florescência de fogo e pedras, expondo a torre para o céu. Os prateados trem em , se afastando do

que pensam ser um ataque. Jatos passam , atravessando as nuvens falsas. Pisco, sem acreditar nos meus olhos. Não deveria acreditar nos meus olhos. Isso não é real. Mas parece surpreendente e impossívelmente real.

Não que eu tenha tempo para ficar boquiaberta.

Harrick e eu levantamos em um pulo, reunindo os outros. Atravessamos o fogo, as chamadas próximas são suficientes para nos queimar. Hesito em saber que não é real. O fogo é distração suficiente, alarmando os prateados para que possam os atravessar a porta e chegar às escadas.

Sigo em frente, liderando o grupo, enquanto Harrick protege a retaguarda.

Ele agita os braços com o um bailarino, tecendo ilusões. Fogo, fumaça, mais um a rodada de mais ísseis. As imagens pedem que os prateados nos sigam , com medo.

O silêncio explode de mim , em uma esfera de poder mortal para derrubar os dois vigias prateados. Morrey pisa no meu calcanhar, quase me fazendo tropeçar, mas agarra meu braço, implorando que eu caia por cima do corredor.

— Pare! — O primeiro forçador aponta a arma para mim , a cabeça baixa com o um touro. Jogo o silêncio para dentro de seu corpo, forçando meu poder garganta abaixo. Ele vacila, sentindo o peso da minha habilidade. Sinto também , a morte atravessando sua pele. Tenho que matá-lo. E rápido. A força da minha urgência faz sangue escorrer de sua boca e de seus olhos enquanto pedaços de seu corpo morrem , um órgão após o outro. Sufoco a vida que há nele mais rápido do que jamais atei alguém .

O outro forçador morre ainda mais depressa. Quando o acerto com outro soco exaustivo de silêncio, ele tropeça e cai de cabeça. Seu crânio se parte contra o chão de pedra, derramando sangue e mais uma cinzenta. Um soluço me asfixia, mas não tenho tempo de questionar o nojo repentino de mim mesmo. *É por Morrey. Por Morrey.*

Meu irmão parece tão agonizado quanto eu, os olhos grudados no forçador morto sangrando no chão. Digo a mim mesmo que só está em choque, e não

com medo de mim .

— Vam os! — grito, com a voz sufocada pela vergonha. Felizmente, ele faz o que digo, correndo para o andar mais baixo com os outros.

Em bora a entrada principal esteja bloqueada, os reféns trabalham rápido, tirando as fortificações prateadas até que as portas duplas estejam abertas, a única fechadura entre nós e a liberdade.

Pulo o crânio esmagado do forçador, jogando a pequena chave prateada.

Morrey a pega. Seu recrutamento então e minha prisão não apagaram nosso laço. A luz do sol entra quando Morrey abre as portas e sai para o ar fresco, os outros reféns correndo atrás dele.

Harrick desce as escadas atrás de mim voando, o fogo falso logo atrás dele.

Faz sinal para que eu siga em frente, aponta para onde devo ir, mas fico parada.

Não vou deixar este lugar sem ele.

Saímos correndo juntos, agarrados um ao outro, e damos os de cara com uma praça cheia de guardas perplexos e armados até os dentes. Eles nos deixam passar por ordem de Farley. Ela grita de algum lugar, mandando que se concentrem na entrada da torre, caso os prateados tentem partir para uma investida.

Não ouço suas palavras, só continuo andando até ter meu irmão em meus braços. Seu coração bate acelerado. Ele está vivo.

Ao contrário dos forçadores.

Ainda consigo sentir o que fiz com eles.

O que fiz com cada uma das pessoas que já me atei.

As lêm brancas me deixam tonta de vergonha. Tudo por Morrey, tudo para sobreviver. Nada além disso.

Não preciso ser uma assassina além de todo o resto.

Ele se agarra a mim, os olhos se revirando de pavor.

— A Guarda Escarlata — Morrey sussurra, me abraçando apertado.

— Cam, tem os que correr.

— Você está seguro, está com a gente agora. Eles não vão nos machucar, Morrey !

Mas em vez de se acalmar, seu medo triplica. Ele me agarra ainda mais forte enquanto sua cabeça vai de um lado para o outro, tentando contar os soldados de Farley.

— Eles sabem o que você é? Cam, eles sabem ?

A vergonha vira confusão. Me afasto um pouco dele, para ver melhor seu rosto. Morrey respira com força.

— O que eu sou?

— Eles vão te matar por isso. A Guarda Escarlata vai te matar pelo que você é.

Cada palavra me acerta com o meu martelo. Então percebo que meu irmão não é o único ainda com medo. O resto de sua unidade, os outros adolescentes, se aglomerava por segurança, cada um deles se afastando dos soldados da Guarda.

Farley encontra meu olhar há alguns metros de distância, tão confusa quanto eu.

Então olho para ela do ponto de vista do meu irmão. Olho para todos os soldados, considerando o que ele foi ensinado a ver.

Terroristas. Assassinos. O motivo pelo qual foram recrutados.

Tento envolver Morrey em um abraço, tento sussurrar uma explicação.

Ele fica gelado em meus braços.

— Você está com eles — meu irmão diz, olhando para mim com tanta raiva e acusação que meus olhos vacilam . — Você é da Guarda Escarlata.

Minha alma se enche de pavor.

Maven levou o irmão de Mare.

Terá levado o meu também ?



DEZESSEIS

Mare

NÃO CONSIGO VER CORVIUM através da camada de nuvens baixas. Fico olhando para lá mesmo assim, os olhos grudados no horizonte que se estende atrás de nós, a leste. A Guarda Escarlata tomou a cidade. Eles a controlam agora.

Tivemos os que contorná-la, passando longe da cidade hostil. Maven está fazendo de tudo para não chamar a atenção para ela, mas nem ele consegue esconder uma derrota tão impressionante. Me pergunto com o que as novidades serão recebidas no resto do reino. Os vermes não vão com o orar? Os prateados vão com o orar?

Lembro das revoltas que se seguiram a outros ataques da Guarda Escarlata. É

claro que haverá repercussões. Corvium é uma declaração de guerra.

Finalmente a Guarda Escarlata hasteou uma bandeira que não pode ser simplesmente derrubada.

Meus amigos estão tão perto que tenho a sensação de que poderia correr até eles. Arrancar as algemas, matar os guardas Arven, pular do veículo e desaparecer na escuridão cinzenta, correndo pela floresta invernal. Nesse sonho, eles esperam por mim nas muralhas de uma fortaleza em ruínas. Ver o coronel, com o olho verme, o rosto envelhecido e a arma na cintura, é um alívio.

Farley está com ele, tão corajosa, ativa e firme quanto lembro. Cameron, usando seu silêncio com o mesmo escudo, não uma prisão. Kilorn, tão familiar quanto minhas duas irmãs. Cal, com raiva e despedaçado, com o qual eu também estou, as brasas prontas para queimar quaisquer pensamentos sobre Maven na minha cabeça. Imagino pular nos braços deles, implorando que me levem daqui, que me levem para qualquer outro lugar. Que me levem para minha família, para minha casa. Que me façam esquecer.

Não, não esquecer. Seria um pecado. Um desperdício. Conheço Maven com o ninguém. Conheço cada canto de seu cérebro, os pedaços que

ele não consegue encaixar. E vi em primeira mão sua corte se estilhaçar. Se conseguir escapar, se for resgatada, posso fazer algum bem. Posso fazer valer o preço terrível que paguei com aquele acordo idiota. Posso comê-la para consertar tantos erros.

Apesar de os vidros do veículo serem bem vedados, sinto cheiro de fumaça.

Cinzas. Pólvora. O gosto metálico de um século de sangue. O Gargalo se aproxima a cada segundo, conforme o com boio de Maven avança para o oeste.

Espero que meus pesadelos envolvendo esse lugar sejam piores do que a realidade.

Tigrina e Trevo ainda estão ao meu lado, as mãos enluvadas apoiadas nos olhos. Prontas para me agarrar, prontas para me segurar. Os outros guardas, Trio e Ovo, estão em poleirados lá em cima, presos ao veículo em movimento.

Uma precaução, agora que estão tão perto da zona de guerra. Isso sem falar dos poucos quilômetros que nos separam de uma cidade ocupada pela revolução.

Os quatro permanecem alertas com o sempre. Tanto para me e me manter prisioneira com o para me e me manter em segurança.

Lá fora, a floresta que acompanha os últimos quilômetros da Estrada de Ferro se afunila até virar nada. Troncos nus dão lugar a uma terra dura que mal me erece a neve. O Gargalo é um lugar feio. Terra cinza e céu cinza se misturam tão perfeitamente que não sei onde um termina e o outro começa. Quase espero ouvir explosões à distância. Meu pai dizia que sempre dava para ouvir as bombas, mesmo a quilômetros. Acho que não é mais o caso, não se Maven tiver sucesso.

Vai terminar uma guerra pela qual milhões morreram. Só para continuar a manobra sob outro nome.

O com boio avança em direção à base operacional que se estende à distância, um conjunto de prédios que me faz lembrar da base da Guarda Escarlata em Tuck. Galpões, principalmente. Caixões para os vivos. Meus irmãos viveram aqui. Meu pai também. Talvez eu vá manter a tradição.

Com o nascer das cidades pelas quais já passam os, as pessoas acompanham o rei Maven e seu séquito. Soldados de vermelho, preto, cinza. Estão

enfileirados ao longo da avenida principal que corta o Gargalo com precisão militar, todos com a cabeça baixa em sinal de respeito. Nem tento contar quantas centenas vieram .

Estou deprimida demais para isso. Só aperto as mãos, com força suficiente para me causar outra dor em que pensar. O oficial prateado ferido em Rocasta disse que Corvium era um massacre. *Não*, digo a mim mesma. *Não pense nisso*. É

claro que penso mesmo assim . É impossível evitar os horrores em que não querem pensar. *Massacre*. Para ambos os lados. Vermelhos e prateados, a Guarda Escarlata e o exército de Maven. Cal sobreviveu, isso eu sei pelo com portamento do rei. Mas e Farley, Kilorn, Cameron, meus irmãos, o restante?

Tantos nomes e rostos que provavelmente atacaram os muros de Corvium . O que aconteceu com eles?

Esfrego os olhos, tentando conter as lágrimas. O esforço me deixa exausta, mas me recuso a chorar na frente de Trevo e Tigrina.

Para minha surpresa, o com boio não para no centro do Gargalo, apesar de haver uma praça que parece perfeita para mim um dos discursos melancólicos de Maven. Alguns veículos, cada um levando jovens de várias Grandes Casas, se afastam , mas seguem os em frente em alta velocidade. Em breve tentem esconder, Tigrina e Trevo ficam mais alertas, os olhos dançando entre as janelas e entre si.

Elas não gostam disso. *Ótimo. Que tremam*.

Por mim a coragem que sinto, uma sombra de pavor cai sobre mim também .

Maven está louco? Para onde está nos levando? Com certeza ele não conduziria a corte para uma trincheira, um campo minado ou pior. Os veículos aceleram , avançando cada vez mais rápido sobre a estrada de terra batida. À distância, canhões de artilharia e armamentos pesados aparecem em destroços, sombras de ferro retorcidas com os esqueletos pretos. Logo cruzam os estreitos trincheiras, nossos veículos rosnando ao passar por pontes construídas às pressas.

Mais trincheiras adiante. Para provisões, apoio, com unificação. Ramificando-se com as passagens do Furo, enterradas sob a lama congelada. Perdi as contas depois de uma dúzia. Ou as trincheiras estão abandonadas ou os soldados estão bem escondidos. Não vejo nenhum sinal de uniformes vermelhos.

Pode ser um a arm adilha. A estratégia de um velho rei para iludir e derrotar um garotinho. Parte de m im quer que sej a verdade. Se eu não posso m atar Maven, talvez o rei de Lakeland o faça por m im . Casa Cy gnet, ninfoides.

Governando há centenas de anos. É tudo o que sei sobre o m onarca inim igo. Seu reino é com o o nosso, dividido pelo sangue, governado por Casas nobres prateadas. E atorm entado pela Guarda Escarlata, aparentem ente. Com o Maven, ele deve estar em penhado em m anter o poder a qualquer custo. Até se j untando a um velho inim igo.

A leste, as nuvens se abrem , e alguns raios de sol ilum inam a terra dura à nossa volta. Não há árvores até onde consigo ver. Cruzam os as trincheiras da linha de frente e a visão m e assusta. Soldados verm elhos se aglom eram em longas fileiras de seis corpos de profundidade, os uniform es coloridos em vários tons de rubro e ferrugem . Eles se acum ulam com o sangue em um a ferida. Com as m ãos nas escadas, trem em de frio. Estão prontos para sair correndo de suas trincheiras em direção à zona m ortal do Gargalo se o rei assim com andar. Vej o oficiais prateados entre eles, denunciados pelos uniform es cinza e pretos. Maven é j ovem , m as não é burro. Se isso for um a arm adilha de Lakeland, ele está preparado para se defender. Im agino que o rei inim igo tenha outro exército esperando, em suas próprias trincheiras do outro lado. Mais soldados verm elhos para descartar.

Quando os pneus de nossos veículos param , Trevo fica ainda m ais tensa ao m eu lado. Ela m antém os olhos verdes adiante, tentando ficar calm a. Um reflexo de suor faz sua testa brilhar, entregando o m edo.

A terra desolada do Gargalo é coberta de crateras causadas pelo fogo das artilharias dos dois exércitos. Alguns buracos devem ter décadas. O aram e farpado se em aranha na lam a congelada. À frente, no prim eiro veículo, um telec e um m agnetron trabalham em conj unto. Movim entam os braços de um lado para o outro, tirando qualquer obstáculo do cam inho do com boio. Pedacos de ferro voam em todas as direções. E, im agino, ossos. Verm elhos m orrem aqui há gerações. A terra é form ada por seus restos.

Nos m eus pesadelos, este lugar se estende para sem pre, em todas as direções. Mas, em vez de seguir para o horizonte, o com boio desacelera a m enos de um quilôm etro da linha de frente. Enquanto os veículos dão a volta, form ando um a m eia-lua, quase solto um a gargalhada nervosa. Surpreendentemente, de todos os lugares possíveis, estam os indo para um pavilhão. O contraste é chocante. É

novo, com colunas brancas e cortinas de seda balançando ao vento.

Foi construído com um único propósito. Um a reunião, com o aquela há tanto tem po. Quando dois reis decidiram com eçar um a guerra centenária.

Um sentinela abre a porta do m eu veículo, fazendo sinal para que desçam os. Trevo hesita durante m eio segundo e Tigrina lim pa a garganta, apressando-a. Ando entre elas, escoltada pela terra destruída. Pedras e terra tornam o chão irregular. Rezo para que nada se estilhace sob m eus pés. Um crânio, um a costela, um fêm ur, um a coluna. Não preciso de m ais prova de que estou cam inhando por um cem itério sem fim .

Trevo não é a única que está com m edo. Até os sentinelas cam inham m ais devagar, alertas, as m áscaras virando de um lado para o outro. Pela prim eira vez, pensam na própria segurança além da de Maven. O resto da corte

— Evangeline, Ptolem us, Sam son — sai dos veículos com cuidado. Mantém os olhos fixos e o nariz enrugado. Sentem o cheiro da m orte e do perigo tanto quanto eu. Um passo em falso, um pequeno sinal de am eaça, e vão tentar fugir.

Evangeline trocou as peles por um a arm adura. O aço desce de seu pescoço até os pulsos e dedos dos pés. Rapidam ente, ela livra os dedos das luvas de couro, deixando a pele descoberta no ar gelado. É m elhor para um a batalha. Quero fazer o m esm o, não que vá m e aj udar. As algem as estão m ais fortes do que nunca.

O único que parece despreocupado é Maven. O inverno m ortal com bina com ele, destaca sua pele de um j eito estranham ente elegante. Até os círculos escuros em volta de seus olhos, lem brando hem atom as, lhe conferem um a beleza trágica. Hoj e seu traj e está m ais suntuoso do que nunca. É um rei m enino, m as ainda assim rei, prestes a encarar alguém que supostam ente é seu m aior adversário. A coroa em sua cabeça parece natural agora, aj ustada para ficar rente à testa. Cospe cham as de ferro e bronze por cim a do cabelo preto brilhante.

Mesm o à luz cinzenta do Gargalo, suas m edalhas e insígnias brilham , prata, rubi e ônix. Um a capa, de brocado verm elho com o cham as, com pleta o traj e e a im agem de um rei im petuoso. Mas o Gargalo consom e tudo. O pó cobre suas botas pretas conform e ele avança, lutando contra o instinto de tem er esse lugar.

Im paciente, ele lança um olhar por cima do ombro, para as dezenas de pessoas que arrastou até aqui. Seus olhos de fogo azul nos aquecem. Tem os que ir com ele. Não tenho medo de morrer, então sou a primeira a segui-lo em direção ao que pode ser nosso túmulo.

O rei de Lakeland nos aguarda.

Está sentado em uma cadeira simples e é um homem pequeno em contraste com a bandeira enorme e pendurada atrás de si. Ela tem cor de cobalto, com uma flor de quatro pétalas prateada e branca. Veículos de metal azul estão do outro lado do pavilhão, dispostos de modo a espelhar os nossos. Conto mais de uma dúzia na primeira olhada, todos cheios de versões de Lakeland dos sentinelas. Mais deles rodeiam o rei e sua comitiva. Eles não usam máscaras ou capas, mas as armaduras táticas com placas brilhantes de safira. Estão de pé, em silêncio, estoicos, os rostos parecendo de pedra esculpida. Cada um é um guerreiro treinado desde o nascimento, ou quase. Não conheço seus poderes nem os dos acompanhantes do rei. A corte de Lakeland não é algo que vi nas aulas com Lady Blonos, séculos atrás.

Conforme nos aproximamos, o rei entra em foco. Fico olhando para ele, tentando ver o homem embaixo da coroa de ouro, topázio, turquesa e lápis-lazúli.

Tanto quanto Maven gosta de vermelho e preto, o rei gosta de azul. Afinal, é um ninfoide, um manipulador da água. Com bina. Esperava que seus olhos também fossem azuis, mas são cinza, com binando com o cabelo metálico, com prido e liso. Com paro-o ao pai de Maven, o único outro rei que conheci. Ele é muito diferente. Enquanto Tiberias VI era robusto e barbudo, o rosto e o corpo inchados de álcool, o rei de Lakeland é magro, tem a barba feita, olhos atentos e a pele escura. Com o acontece com todos os prateados, um tom cinza-azulado esfria sua pele. Quando ele levanta, é gracioso, com movimentos semelhantes aos de um bailarino. Não usa armadura ou uniforme, só um traje cintilante prateado e azul-cobalto, brilhante e sinistro com o sua bandeira.

— Rei Maven da Casa Calore — ele diz, inclinando a cabeça assim que Maven entra no pavilhão.

— Rei Orrec da Casa Cygneth — Maven responde com gentileza. Tem o cuidado de se curvar mais que o oponente, com um sorriso firme e nos lábios.

— Se meu pai estivesse aqui para ver isso...

— Sua mãe também — Orrec diz. O tom não é intimidador, mas as Maven levanta os ombros rápido, como se fosse uma ameaça. — Meus pensamentos. Você é jovem demais para uma perda tão grande. — Ele tem sotaque, e suas palavras seguem uma melodia estranha. Seus olhos passam por cima do ombro de Maven e por cima, até Samson, atrás de nós em seu azul de Merandus. — Foi informado dos meus... pedidos?

— É claro. — Maven ergue o queixo por cima do ombro. Me encara por um segundo, então seu olhar também desliza até Samson. — Primeiro, se não se importa, aguarde em seu veículo.

— Primeiro... — Samson responde com o máximo de protesto que ousa.

Mesmo assim, ele para, os pés plantados há vários metros da plataforma do pavilhão. Não há discussão, não aqui. A guarda do rei Orrec está em alerta, e suas mãos vão até as armas. Armas de fogo, espadas, até mesmo o ar à nossa volta. Qualquer coisa que eles possam usar para impedir que um murmurador se aproxime demais de seu rei e de sua mente. Se a corte de Norta também fosse assim...

Finalmente, ele cede. Curva-se, os braços fazendo movimentos precisos e treinados ao lado do corpo.

— Sim, meu senhor.

Só depois que ele desaparece de vista na direção dos veículos os guardas de Lakeland relaxam. O rei Orrec esboça um sorriso firme, fazendo sinal para que Maven vá até ele. Com uma criança convidada a chorar.

Em vez disso, Maven vai até o assento do outro lado. Não é Pedra Silenciosa, não é seguro, mas ele se senta sem pestanejar. Encosta o tronco e cruza as pernas, deixando a capa cobrir um braço enquanto o outro fica livre. Sua mão balança, deixando o bracelete de chamuscado bem visível.

O resto de nós fica ao seu redor, tomando assentos opostos à corte de Lakeland. Evangeline e Ptolemus estão à direita de Maven, assim como o seu pai.

Quando ele se juntou ao comitê, eu não sei. O governador Welle também está

aqui, com seus traj es verdes pálidos no cinza do Gargalo. A ausência das Casas Irall, Laris e Haven parece gritante aos meus olhos, mas suas posições são ocupadas por outros conselheiros. Meus quatro guardas Arven ficam ao meu lado, tão perto que posso ouvir sua respiração. Me concentro nas pessoas à minha frente, de Lakeland. Os conselheiros, confidentes, diplomatas e generais meus próximos do rei. Pessoas a serem temidas tanto quanto ele próprio. Não são feitas apresentações, mas logo percebo quem é meus im portante entre eles. Ela se senta ao lado direito do rei, o lugar que Evangeline ocupa atualmente.

Uma rainha muito jovem, talvez? Não, a semelhança é muito grande. Deve ser a princesa, com olhos como os do pai e uma coroa de pedras preciosas azuis impecáveis. Seu cabelo liso e escuro brilha, enfeitado com pérolas e safiras. Fico olhando para ela, que sente meus olhos e encara de volta.

Maven é o primeiro a falar, interrompendo minhas observações.

— Pela primeira vez em um século, estamos de acordo.

— Isso é verdade. — Orrec concorda com a cabeça. A testa coberta de jóias reluz sob a fraca luz do sol. — A Guarda Escarlata e todos da sua laia devem ser erradicados. Rápido, antes que a doença se espalhe meus. Antes que vermos de outras regiões sejam seduzidos por suas falsas promessas. Ouvi rumores de problemas em Piedmont.

— São apenas rumores. — O rei de coração preto não cede nenhum milímetro a meus do que pretende. — Você sabe com os príncipes são. Sem pre discutindo entre si.

Orrec quase sorri.

— De fato. Os lordes de Prairie também são assim.

— Quanto aos termos...

— Não tão rápido, meu jovem amigo. Preciso saber em que estado está sua casa antes de entrar pela porta.

Mesmo de onde estou, consigo sentir Maven ficar tenso.

— Pergunte o que quiser.

— A Casa Irall? A Casa Laris? A Casa Haven? — Os olhos de Orrec passam por nós, atentos a tudo. Seu olhar cai sobre mim, depois

orando um segundo. — Não vej o nenhum deles aqui.

— E?

— E isso quer dizer que os relatos são verdadeiros. Eles se rebelaram contra seu legítim o rei.

— Sim .

— Em apoio e um exilado.

— Sim .

— E seu exército de sanguenovos?

— Cresce a cada dia — Maven responde. — Mais um a arm a que todos devem os aprender a em punhar.

— Com o ela. — O rei de Lakeland faz sinal com a cabeça na m inha direção. — A garota elétrica é um troféu poderoso.

Minhas m ãos agarram m eus j oelhos. Ele está certo, é claro. Sou pouco m ais que um troféu que Maven carrega por aí, usando m eu rosto e m inhas palavras forçadas para atrair m ais pessoas para seu lado. Mas não fico verm elha.

Já tive bastante tem po para m e acostum ar à vergonha.

Se Maven olha para m im , não sei, porque não olho para ele.

— Um troféu, sim , m as um sím bolo tam bém — Maven continua. — A Guarda Escarlata é de carne e osso, não são fantasm as. Carne e osso podem ser controlados, derrotados e destruídos.

O rei de Lakeland estala a língua, com o se sentisse pena. Rápido, ele levanta, o traj e rodopiando ao seu redor, com o um rio agitado. Maven levanta tam bém e o encontra no centro do pavilhão. Eles analisam um ao outro, devorando-se. Nenhum dos dois quer ser o prim eiro a ceder. Sinto o ar à m inha volta pesar: quente, então frio, então seco, então úm ido. O furor de dois reis prateados nos rodeia.

Não sei o que Orrec vê em Maven, m as de repente ele cede e estende a m ão escura. Anéis reluzem em todos os seus dedos.

— Bem , lidarem os com eles em breve. Com seus prateados rebeldes tam bém . Três Casas não são nada contra o poder de dois reis.

Abaixando um pouco a cabeça, Maven retribui o gesto e aperta a mão de Orrec.

Melancólica, me pergunto como foi que Mare Barrow de Palafitas veio parar aqui. A alguns metros de dois reis, vendo mais um a peça da nossa história sangrenta se encaixar. Julian vai enlouquecer quando eu contar. *Quando*. Porque vou vê-lo de novo. Vou ver todos de novo.

— Agora, vamos aos termos — Orrec prossegue. Percebo que não largou os dedos de Maven. Os sentinelas também notam. Dão um passo ao caçador à frente em sincronia, os trajes em chamadas escondendo incontáveis armas. Do outro lado da plataforma, os guardas de Lakeland fazem o mesmo. Um lado desafiando o outro a dar o passo que vai acabar em um banho de sangue.

Maven não tenta se afastar ou se aproximar. Fica firme, impassível, destemido.

— Os termos são claros — ele responde, com a voz determinada. Não consigo ver seu rosto. — O Gargalo dividido igualmente, as velhas fronteiras mantidas e abertas. Você terá acesso livre ao rio Capital e ao canal Eris...

— Enquanto seu irmão viver, preciso de garantias.

— Meu irmão é um traidor, um exilado. Ele será morto em breve.

— É exatamente isso que quero dizer, garoto. Assim que ele morrer, assim que acabarmos com a Guarda Escarlata... você vai voltar aos velhos hábitos?

Aos velhos inimigos? Vai se afogar novamente em corpos vermelhos e precisar de um lugar para jogá-los? — O rosto de Orrec fica sombrio, em um tom cinza e roxo. Seu rosto permanece frio e indiferente vira raiva. — Controle populacional é uma coisa, mas a guerra, o cabo de guerra sem fim, é mais que loucura. Não vou derramar mais nenhum a gota de sangue prateado porque você não consegue com andar seus ratos vermelhos.

Maven se inclina para a frente, acompanhando a intensidade de Orrec.

— Nosso tratado será assinado aqui e transmitido para todas as cidades, para todos os homens, mulheres e crianças do meu reino. Eles saberão que a guerra acabou. Em toda a Norta, pelos anos. Sei

que você não tem as mesmas facilidades em Lakeland, meu velho.
Mas confio que vai se esforçar para

informar seu reino ultrapassado tanto quanto possível.

Todos estremecem. Os prateados de medo, eu de animação.
Destruam-se, minha cabeça sussurra. *Virem um ao outro do avesso*. Não
tenho dúvida de que um reizinho não teria problemas em afogar
Maven aqui mesmo.

Orreco a ostra os dentes.

— Você não sabe nada sobre meu país.

— Sei que a Guarda Escarlata cometeu na sua casa, não na minha

— Maven cospe de volta. Com a mão livre, ele gesticula, ordenando
aos sentinelas que descansem. Tolo, soberbo. Espero que isso o mate.

— Não aja com o se estivesse comigo e fazendo um favor. Vocês precisam
disso tanto quanto nós.

— Então eu quero sua palavra, Maven Calore.

— Você a tem ...

— Sua palavra e sua mão. O vínculo mais forte de todos.

Ah.

Meus olhos voam de Maven, preso em um aperto de mão com o rei de
Lakeland, para Evangeline. Ela continua sentada, com o se estivesse
congelada, olhando para o chão de mármore e nada mais. Eu
esperava que levantasse e gritasse, que explodisse este lugar em
estilhaços. Mas nem se move. Até Ptolemeu, o irmão que sempre a
segue, fica firme onde está. E o pai com as roupas pretas da Casa Sam
os está pensativo com o sempre. Não há nenhum agridão nele que
eu possa perceber. Nenhum a indicação de que Evangeline está prestes
a perder a posição que lutou tanto para conquistar.

Do outro lado do pavilhão, a princesa de Lakeland parece feita de
pedra.

Ela nem mesmo pisca. Sabia que isso ia acontecer.

Um dia, quando o antigo rei disse que Maven teria que se casar com
igo, ele demonstrou surpresa. Vociferou e discutiu. Fingiu não saber o
que aquilo significava. Com o eu, já usou milhares de máscaras e

desempenhou em ilhões de papéis diferentes. Hoje e assumo o papel de rei, e reis nunca se surpreendem. Se está chocado, não demonstre. Não ouço nada além de firmeza em sua voz.

— Seria uma honra chamá-lo de pai — Maven diz.

Finalmente, Orreco solta sua mão.

— E seria uma honra chamá-lo de filho.

Nenhum dos dois poderia ser meus pais falso.

À minha direita, a cadeira de alguém se arrasta pelo meu armário, seguida depressa por meus dois. Em um alvoroço preto e metálico, a Casa Sam os deixa o pavilhão. Evangeline leva seu pai e seu irmão, sem olhar para trás, as mãos ao lado do corpo. Seus ombros caem e a postura metódica em uma reta parece menor de algum forma.

Ela está aliviada.

Maven não a vê sair, totalmente concentrado na princesa de Lakeland, sua próxima tarefa.

— Milady — ele diz, curvando-se na sua direção. Ela apenas inclina a cabeça, sem aliviar seu olhar de aço. — Sob o olhar da minha nobre corte, gostaria de pedir sua mão em casamento. — Já ouvi essas palavras antes. Do meu irmão o garoto. Ditas diante de uma multidão, cada uma delas soando com o uma porta se fechando. — Prometo-me a você, Iris Cygnet, princesa de Lakeland.

Aceita?

Iris é linda, meus pais graciosos que o pai. Não é uma bailarina, porém, mas uma caçadora. Ela levanta sobre as pernas longas, uma cascata de veludo meu acio cor de safira e curvas femininas. Vejo uma calça de couro entre as fendas de seu vestido. Gostas, meus arcadas nos olhos. Ela não veio despreparada. Com o tanto aqui, não usa luvas, apesar do frio. A mão que estende para Maven é firme, com dedos comprimidos, sem adornos. Seu olhar não vacila, meu irmão quando uma névoa se forma no ar, rodopiando em volta de sua mão estendida. Gotículas de vapor se condensando brilham diante dos meus olhos, transformando-se em pedrinhas de água cristalina que refletem a luz ao se mover.

Suas primeiras palavras são em uma língua que não conheço. É o idioma de Lakeland. Dolorosamente belo, uma palavra fluindo até a

próxim a com o um a m úsica, com o a água. Então, ela diz na língua de Norta:

— Coloco m inha m ão na sua e prom eto m inha vida a você — ela responde, depois de suas próprias tradições e dos costum es de seu reino. — Aceito, m aj estade.

Maven estende a m ão para pegar a dela, o bracelete em seu pulso soltando centelhas com os m ovim entos. Um a corrente de fogo atinge o ar, serpenteando e rodopiando em volta de seus dedos unidos. Não a queim a, em bora passe perto.

Iris não recua. Não pisca.

E assim um a guerra acaba.



DEZESSETE

Mare

SÃO NECESSÁRIOS VÁRIOS DIAS para voltar a Archeon. Não por causa da distância. Não porque o rei de Lakeland trouxe nada m enos que m il pessoas com ele, incluindo cortesãos, soldados e até criados verm elhos. Mas porque todo o reino de Norta de repente tem m otivo para com em orar. O fim de um a guerra e um casam ento próximo o. O com boio sem fim de Maven serpenteia pela Estrada de Ferro e depois pela Estrada Real. Prateados e verm elhos aparecem para com em orar, im plorando para ver seu rei. Maven sem pre atende, parando para encontrar m ultidões com Iris ao seu lado. Apesar do ódio profundo que devem os ter por Lakeland, a m ultidão se curva diante dela. Ela é um a curiosidade e um a bênção. Um a ponte. Até m esm o o rei Orrec recebe as boas-vindas calorosas, com aplausos educados e reverências respeitosas. Um antigo inim igo é transform ado em aliado durante a longa estrada adiante.

É o que Maven diz em cada lugar.

— Norta e Lakeland agora estão unidas, vão encarar j untas a longa estrada adiante. Contra todos os perigos que am eaçarem nossos reinos. — Ele está falando da Guarda Escarlata. Ele está falando de Corvium . Ele está falando de Cal, das Casas rebeldes, de qualquer

coisa e qualquer um que possa amear seu tênue poder.

Não há ninguém vivo para lembrar dos dias anteriores à guerra. Meu país não conhece a paz. Não é surpresa que a usem para confundir-lo. Quero gritar na cara de todo verme que encontro. Quero gravar as palavras no meu corpo para que todos vejam. *Armadilha. Mentira. Conspiração.* Não que minhas palavras signifiquem alguma coisa a essa altura. Faz muito tempo que sou fantoche de outra pessoa. Não tenho mais voz. Só minhas ações, e elas estão muito limitadas pelas circunstâncias. Eu me desesperaria se pudesse, mas meus dias de lamentar acabaram há muito tempo. Tiveram que acabar. Ou então eu viraria uma boneca de pano arrastada por uma criança, completamente vazia.

Vou fugir. Vou fugir. Vou fugir. Não ousa sussurrar essas palavras. Elas percorrem minha mente, no mesmo ritmo dos meus batimentos cardíacos.

Ninguém fala comigo durante a viagem. Nem mesmo o Maven. Ele está ocupado analisando a noiva. Tenho a sensação de que ela sabe que tipo de pessoa seu prometido é, e está preparada para isso. Espero que se acalmem.

As torres de Archeon são familiares, mas não me consolam. O comboio se dirige para a prisão que conheço muito bem. Atravessa a cidade, subindo as ruas íngremes até a Praça de César e o Palácio de Whitefire. O brilho do sol chega a cegar contra o céu azul-claro. É quase primavera. Estranho. Parte de mim achava que o inverno duraria para sempre, com o meu aprisionamento. Não sei se tenho algo para assistir às estações mudando de dentro da minha jaula real.

Vou fugir. Vou fugir. Vou fugir.

Ovo e Trio me tiram do veículo e me conduzem até a escadaria de Whitefire. O ar está quente, úmido, com um cheiro fresco e limpo. Mais alguns minutos na luz do sol e talvez eu comece a suar sob a jaqueta escarlate e prateada. Mas em alguns segundos estou dentro do palácio de novo, andando sob lustres caríssimos. Eles não me incomodam tanto, não depois da minha primeira e única tentativa de fuga. Na verdade, quase me fazem sorrir.

— Feliz por estar em casa?

Fico surpresa tanto por me dirigirem a palavra quanto com a pessoa que o faz.

Resisto ao ím peto de fazer um a reverência, m antendo as costas retas quando paro para olhar para ela. Os Arven tam bém param , perto o suficiente para m e agarrar se precisarem . Sinto seu poder sugar um pouco da m inha energia. Seus guardas estão tão alertas quanto os m eus, prestando atenção no corredor à nossa volta. Acho que ainda consideram Archeon e Norta território inim igo.

— Princesa — respondo. O título tem um gosto am argo, m as não vej o utilidade nenhum a em afrontar m ais um a noiva de Maven.

Seu traj e de viagem é de um a sim plicidade enganadora. Só um a calça e um a j aqueta azul-escura, j usta na cintura para revelar sua silhueta. Nada de j oias ou coroa. Seu penteado é sim ples, com o cabelo puxado para trás em um a única trança preta. Ela passaria por um a prateada norm al. Rica, m as não da realeza.

Até seu rosto é neutro. Sem sorriso ou desdém . Não m ostra nenhum a opinião clara sobre a garota elétrica algem ada. É um contraste chocante e inconveniente com os nobres que conheço. Não sei nada sobre ela. Pode até ser pior que Evangeline. Ou Elara. Não faço ideia de quem sej a essa j ovem ou do que ela pensa sobre m im . Isso m e deixa inquieta.

E Iris percebe.

— Não, im agino que não — ela continua. — Me acom panha?

Ela estende a m ão, convidativa. Meus olhos talvez tenham saltado da órbita, m as aceito seu convite. Ela im põe um ritm o rápido, m as não im possível, obrigando as duas escoltas a nos seguir pelo salão de entrada.

— Apesar do nom e, Whitefire parece um lugar frio. — Iris olha para o teto.

Os lustres se refletem em seus olhos cinza, fazendo-os brilhar. — Eu não ia gostar de ficar presa aqui.

Dou um a risada no fundo da garganta. A coitada vai ser rainha de Maven. É

certam ente a pior form a de prisão que consigo im aginar.

— Eu disse algo engraçado, Mare Barrow? — ela ronrona.

— Não, alteza.

Seus olhos passeiam por mim. Demoram em meus pulsos, nas minhas angustias longas que escondem minhas angústias. Devagar, ela encosta em mim e respira fundo. Apesar da Pedra Silenciosa e do meu medo instintivo que ela inspira, a princesa não recua.

— Meu pai também tem animações de estimação. Talvez seja a típica dos reis.

Há alguns meses, eu teria estourado. *Não sou um animal de estimação.* Mas ela não está errada. Então dou de ombros.

— Não conheci tantos reis assim.

— Três reis para uma garota vermelha nascida de dois ninguéns. É de se perguntar se os deuses te amam ou te odeiam.

Não sei se rio ou desdenho.

— Não existem deuses.

— Não em Norta. Não para você. — Sua expressão se suaviza. Ela olha por cima do ombro, para os muitos cortesãos e nobres que se aproximam. A maioria não faz questão de esconder que está observando. Se isso incomoda, a princesa não demonstra. — Me pergunto se podem me ouvir num lugar profano como este. Não há nem um templo. Preciso pedir a Maven que construa um para mim.

Muitas pessoas estranhas passaram pela minha vida. Mas todas têm pedaços que consigo entender. Em coisas que conheço, sonhos, meus medos. Olho para a princesa Iris e percebo que, quanto mais ela fala, maior minha confusão fica. Ela parece inteligente, forte, segura, mas por que alguém aceitaria se casar com um monstro? Com certeza sabe quem ele realmente é. E não pode ter sido a minha biãca cega que a trouxe até aqui. Ela já é princesa, filha de um rei. O que quer? Se é que teve escolha. Essa falação sobre deuses é ainda mais confusa. Não acreditam os deles. Com o poderiam os?

— Você está me olhando no meu rosto? — ela pergunta em voz baixa enquanto tento entendê-la. Tenho a sensação de que faz o mesmo comigo, observando-me com o mesmo olhar que eu fosse uma obra de arte complicada. — Ou só tentando roubar mais alguns momentos fora da cela? Se for o segundo, não é culpa. Se for o primeiro, não se preocupe: acho que vai me ver bastante.

De qualquer outra pessoa, isso soaria como uma ameaça. Mas não acho que Iris ligue para mim nesse ponto. Pelo menos não parece do

tipo invejosa.

Isso exigiria que ela nutrisse qualquer sentimento por Maven, o que duvidamos muito.

— Me leve até a sala do trono.

Meus lábios se contorcem, querendo sorrir. Geralmente as pessoas aqui fazem pedidos que na verdade são ordens. Iris é o contrário. Sua ordem parece um pedido.

— Está bem — resmungo, deixando meus pés nos guiarem. Os Arven não ousam me tirar dali. Iris Cygnet não é Evangeline Samos. Contrariá-la poderia ser considerado um ato de guerra. Não consigo conter um sorriso por cima do ombro para Trio e Ovo. Os dois me olham irritados. Isso me faz sorrir ainda mais, mesmo com a pontada nas cicatrizes.

— Você é um tipo estranho de prisioneira, srta. Barrow. Não tinha percebido

que, além de retratá-la como uma lady nas transmissões, Maven exige que você seja uma o tempo todo.

Lady. O título nunca se aplicou a mim e nunca vai se aplicar.

— Sou apenas uma cadelinha bem -vestida e amarrada.

— É muito peculiar o rei me antever assim. É uma inimiga do Estado, uma peça valiosa de propaganda, mas por algum motivo é tratada quase como parte da realeza. Mas os meninos são mesmo estranhos com seus brinquedos.

Principalmente os que costumam perder as coisas. Eles as seguram com mais afinco.

— E o que você faria comigo? — pergunto. Com a rainha, Iris tem minha vida nas mãos. Pode acabar com ela, ou pior. — Se estivesse no lugar dele?

Iris se esquia da pergunta com destreza.

— Jamais cometeria o erro de tentar me colocar na cabeça dele. Não é um lugar onde qualquer pessoa sensata deveria estar. — Ela ri para si mesmo.

— Imagino que a mãe dele passava muito tempo lá.

Por m ais que Elara odiasse m inha m era existência, acho que odiaria Iris ainda m ais. A j ovem princesa é form idável, no m ínim o.

— Você tem sorte de nunca ter conhecido a antiga rainha.

— E agradeço a você por isso — ela responde. — Em bora espere que não vire um a tradição. Sei bem que até cadelinhas m ordem . — Ela pisca para m im , seus olhos cinza e penetrantes. — Você m orde?

Não sou idiota de responder. “Não” seria um a m entira deslavada.
“Sim ”

poderia m e render m ais um inim igo real. Ela sorri diante do m eu silêncio.

Não é um a cam inhada longa até o grande côm odo de onde Maven rege o país. Depois de tantos dias diante das câm eras, obrigada a assistir sanguenovos prom etendo lealdade a ele, conheço o lugar intim am ente. Em geral, o salão fica cheio de assentos, m as eles foram retirados durante nossa ausência, restando apenas o trono cinza e am eaçador. Iris olha para ele quando nos aproxim am os.

— Um a tática interessante — m urm ura quando o alcançam os. Com o fez com m inha algem a, ela corre o dedo pelos blocos de Pedra Silenciosa.

— Necessária, tam bém . Com tantos m urm uradores perm itidos na corte.

— Perm itidos?

— Eles não são recebidos na corte de Lakeland. Não podem adentrar os m uros da capital, Detraon, m uito m enos o palácio sem os acompanhantes apropriados. Nenhum m urm urador tem perm issão de chegar a seis m etros do m onarca — Iris explica. — Na verdade, não conheço nenhum a fam ília que tenha tal poder no m eu país.

— Eles não existem ?

— Não no lugar de onde venho. Não m ais.

A insinuação fica no ar com o fum aça.

Ela se afasta do trono, balançando a cabeça de um lado para o outro. Não gosta de algum a coisa que vê. Seus lábios se contraem em um a linha fina.

— Quantas vezes você sentiu o toque de um Merandus na cabeça?

Por um segundo, tento me lembrar. *Idiota.*

— Mais vezes do que posso contar — respondo, dando de ombros.

— Primeiro Elara, depois Samson. Não sei quem era pior. Hoje sei que a rainha

entrava na minha cabeça sem eu saber. Mas ele... — Minha voz falha. A minha memória é dolorosa, e sinto uma pressão nas têmporas. Massageio para que a dor passe. — Você sente cada segundo.

O rosto dela fica cinzento.

— Tantos olhos neste lugar — ela diz, observando primeiro meus guardas e depois as paredes com câmaras de segurança que vigiam cada centímetro do salão, nos acompanhando. — Podem assistir à vontade.

Devagar, ela tira a jaqueta e a dobra sobre o braço. A camisa em baixo é branca, fechada até a garganta, mas com as costas abertas. Iris vira, com a desculpa de analisar a sala do trono. Na verdade, está se mostrando. Suas costas são musculosas, poderosas, esculpidas em linhas longas. Tatuagens pretas a cobrem desde a nuca, descendo pelo pescoço e passando pelos ombros até a base da coluna. *Raízes*, penso de início. Mas erro. São espirais de água, ondulando e se derramando sobre sua pele em linhas perfeitas. Elas se mexem com a princesa, com o meu coração vivo. Finalmente Iris vira e olha para mim. O sorriso mais discreto está em seus lábios.

Ele desaparece assim que ela vê além de mim. Não preciso virar para saber quem está se aproximando, quem lidera os muitos passos que ecoam no mármore e dentro do meu crânio.

— Eu teria prazer em mostrar o lugar para você, Iris — Maven diz. — Seu pai está se instalando em seus aposentos, mas tenho certeza de que não se importaria de nos conhecermos melhor.

Os guardas Arven e os de Lakeland dão um passo para trás, abrindo espaço para o rei e seus sentinelas. Uniformes azuis, brancos, vermelhos-alaranjados. As silhuetas e cores estão tão arraigadas em mim que os reconheço de canto de olho. Nenhum tanto quanto o jovem rei pálido. Sinto sua presença tanto quanto o vejo, seu calor saturante me envolvendo e engolir. Ele para a alguns centímetros de mim, perto o suficiente para me pegar pela mão se quiser. Estremeço ao pensar

nisso.

— Eu adoraria — Iris responde, inclinando a cabeça de um jeito estranho.

A reverência não é fácil para ela. — Estava apenas falando com a srta. Barrow sobre a... — Iris procura a palavra certa, olhando para o trono imponente

— decoração.

Maven dá um sorriso curto.

— Um a precaução. Meu pai foi assassinado, e já sofri minha cota de atentados também.

— Um trono de Pedra Silenciosa teria salvado seu pai? — ela pergunta com inocência.

Um a corrente de calor pulsa no ar. Com o Iris, também sinto a necessidade de tirar a jaqueta, com receio de que o tempo venha a fazer suar.

— Não, meu irmão não decidiu que cortar sua cabeça era a melhor opção

— ele responde sem rodeios. — Não há muita defesa contra isso.

Aconteceu aqui neste palácio. A alguns corredores e cômodos daqui, subindo as escadas que dão para um lugar sem janelas e com paredes à prova de som. Quando os guardas me arrastaram até lá, eu estava atordoada, me orrendo de medo de que Maven e eu fôssemos executados por traição. Em vez disso, o rei

acabou partido em dois. A cabeça, o corpo, uma onda prateada espalhada entre os dois. Então Maven assumiu a coroa. Cerrei os punhos ao lembrar.

— Que horror — Iris me interrompe. Sinto seus olhos em mim.

— Sim. Não foi, Mare?

O toque repentino de sua mão em meu braço queima a pele com o seu calor.

Quase perco o controle, e olho para ele de soslaio.

— Sim — m e obrigo a responder entredentes. — Um horror.

Maven concorda com a cabeça, cerrando a m andíbula para que o rosto se contraia. Não acredito que ele tem a ousadia de parecer taciturno. Triste, até.

Não está nem um nem outro. Não pode estar. A m ãe arrancou dele as partes que am avam o pai e o irm ão. Queria que tivesse arrancado a parte que m e am ava tam bém , m as ela apodrece, nos envenenando com sua úlcera. Um a praga se alim enta do cérebro de Maven e de cada pedacinho dele que poderia ser hum ano. Maven sabe disso. Sabe que algum a coisa está errada, algo que não pode consertar com nenhum a habilidade ou poder. Ele está partido, e não há curandeiro nesta terra capaz de deixá-lo inteiro.

— Bom , antes que eu a leve para conhecer m eu lar, há m ais alguém que gostaria de conhecer m inha futura esposa. Sentinela Nornus, por favor. — Maven faz um gesto em direção ao soldado. Ao seu comando, o sentinela em questão vira um borrão de cham as alaranj adas e verm elhas, correndo até a entrada e de volta em um segundo. Um lépido. Em seus traj es, parece um a bola de fogo.

Figuras seguem atrás dele. As cores de sua Casa são fam iliares.

— Princesa Iris, este é o chefe da Casa Sam os e sua fam ília — Maven diz, fazendo um gesto com a m ão entre a nova e a antiga noiva.

Evangeline se destaca em um contraste gritante às roupas sim ples de Iris.

Me pergunto quanto tem po ela dem orou para criar o líquido prateado fundido que envolve cada curva de seu corpo com o alcatrão reluzente. Nada de coroas e tiaras agora, m as as j oias com pensam , e m uito. Usa correntes prateadas no pescoço, nos pulsos e nas orelhas, finas com o um a linha de costura e cravej adas de diam antes. A aparência do irm ão tam bém está diferente, sem sua arm adura ou as peles de sem pre. Sua silhueta continua am eçadora, m as Ptolem us se parece m ais com o pai agora, vestido em um veludo preto perfeito com um a corrente prateada brilhante. Volo vem à frente dos filhos, com alguém que não reconheço ao seu lado. Mas posso adivinhar quem é.

Neste instante, com preendo um pouco m ais Evangeline. Sua m ãe é um a visão assustadora. Não por ser feia. Pelo contrário, a m ulher tem um a beleza severa. Ela deu a Evangeline seus olhos pretos expressivos e sua pele de porcelana, m as não o cabelo liso de corvo e

a figura delicada. Parece que eu poderia destruir essa mulher sem dificuldades, com alguma coisa e tudo. Deve ser parte de sua encenação. Ela usa as cores de sua própria Casa, preto e verde-esmeralda, com o prateado de Sam os para revelar suas alianças. *Viper*. A voz de Lady Blonoss ecoa na minha cabeça. Preto e verde são as cores da Casa Viper. A mãe de Evangeline é uma animosa. Conforme se aproxima, seu vestido cintilante entra em foco. Percebo por que Evangeline insiste tanto em vestir seu poder. É

tradição de família.

A mãe não está usando jóias. Está usando cobras.

Nos pulsos, em volta do pescoço. Finas, pretas, movendo-se devagar, as escamas brilhando com o óleo. Partes iguais de medo e agitação correm pelo meu corpo. Quero correr para o meu quarto, trancar a porta e ficar o mais longe possível dessas criaturas sinuosas. Mas elas se aproximam a cada passo que a mulher dá. E eu achava que lidar com a Evangeline fosse ruim.

— Lord Volo; sua esposa, Larentia da Casa Viper; seu filho, Ptolemus; e sua filha, Evangeline. Membrados estimados e valiosos da minha corte — Maven explica, gesticulando para cada um deles. Ele sorri abertamente, mostrando os dentes.

— Sinto muito por não termos sido devidamente apresentados antes.

— Volo dá um passo à frente para pegar a mão estendida de Iris. Com a barba prateada recém-aparada, é fácil ver a semelhança com os filhos. Ossos fortes, traços elegantes, nariz longo e lábios permanentemente curvados em um sorriso desdenhoso. Sua pele parece mais pálida em contraste com a de Iris quando beija sua mão. — Fomos chamados para cuidar de assuntos em nossas terras.

Iris abaixa a cabeça, com graça desta vez.

— Desculpas não são necessárias, meu senhor.

Por cima daquelas mãos entrelaçadas, Maven olha para mim. Ele levanta uma sobrancelha, entretido. Se eu pudesse, perguntaria a ele o que prometeu

— ou com o amendoado a Casa Sam os. Dois reis Calore lhes escorregaram pelos dedos. Tanta conspiração e armadilha para nada. Sei que Evangeline não amava Maven, nem ao menos gostava dele, mas foi criada para ser rainha. Seu direito lhe foi roubado duas vezes. Ela falhou consigo mesma e, pior, com sua Casa.

Pelo m enos agora tem outra pessoa para culpar que não eu.

Evangeline olha na m inha direção, os cílios pretos e longos. Eles se agitam por um tem po enquanto seus olhos oscilam , indo de um lado para o outro com o o pêndulo de um relógio antigo. Dou um pequeno passo para m e afastar de Iris.

Agora que a filha de Sam os tem um a nova rival para odiar, não quero passar a im pressão errada.

— E você era noiva do rei? — Iris solta a m ão de Volo e cruza os dedos. Os olhos de Evangeline desviam de m im para encarar a princesa. Pela prim eira vez, ela tem um a oponente à altura. Talvez eu tenha sorte e Evangeline dê um passo em falso, am eaçando Iris com o costum ava m e am eaçar. Tenho a sensação de que a princesa não vai tolerar um a só palavra intim idadora.

— Por um tem po, sim — Evangeline responde. — E de seu irm ão antes dele.

A princesa não se surpreende. Im agino que Lakeland sej a bem inform ada sobre a realeza de Norta.

— Bom , fico feliz que tenham retornado à corte. Vam os precisar de m uita aj uda na organização do casam ento.

Mordo o lábio com tanta força que quase tiro sangue. Antes isso do que rir alto quando Iris j oga sal nas feridas abertas dos Sam os. Na m inha frente, Maven vira a cabeça para esconder um a risada.

Um a das cobras sibila, um som baixo im possível de confundir. Mas Larentia logo se curva num a reverência, fazendo o tecido de seu vestido cintilante dançar.

— Estam os à sua disposição, alteza — ela diz. Sua voz é profunda, grossa

com o xarope. Diante de nossos olhos, a cobra m ais gorda, que está em volta de seu pescoço, sobe até sua orelha e seu cabelo. *Repulsivo*.

— Seria um a honra aj udar com o puderm os. — Espero que ela acotovele Evangeline para que concorde, m as a Viper se volta para m im tão rápido que não tenho tem po de desviar o olhar. — Existe algum m otivo para essa prisioneira m e encarar?

— Nenhum — respondo, rangendo os dentes.

Larentia considera m eu contato visual um desafio. Com o um anim al. Ela dá um passo à frente, dim inuindo a distância entre nós. Tem os a m esm a altura. A cobra em seu cabelo continua sibilando, enrolando-se e descendo até sua clavícula. Os olhos do anim al, brilhantes com o j oias, encontram os m eus, e sua língua preta bifurcada lam be o ar, lançando-se entre as presas longas. Em bora consiga m e controlar, engulo em seco. Tenho sede de repente. A cobra continua m e encarando.

— Dizem que você é diferente — Larentia m urm ura. — Mas seu m edo tem o m esm o cheiro que o de qualquer outro rato verm elho que j á tive a infelicidade de conhecer.

Rato vermelho. Rato vermelho.

Ouvi isso tantas vezes. Pensei isso sobre m im m esm a. Vindo dos lábios dela, tem algum im pacto em m im . O controle que lutei tanto para m anter, que preciso m anter se quero continuar viva, am eça ruir. Respiro fundo, m e obrigando a ficar calm a. As cobras continuam sibilando, enrolando-se um as nas outras em negros em aranhados de escam as. Algum as são longas o suficiente para m e alcançar se a m ulher ordenar.

Maven suspira baixo.

— Guardas, acho que está na hora da srta. Barrow voltar para o quarto.

Viro antes m esm o que os Arven possam chegar até m im , retirando-m e na suposta segurança de sua presença. *Essas cobras...*, penso com igo m esm a. *Não consigo suportá-las. Não é de surpreender que Evangeline seja terrível, com uma mãe dessas.*

Enquanto m e retiro para m eus aposentos, sou acom etida por um a sensação desagradável. Alívio. Gratidão. A Maven.

Esm ago essa vil explosão de em oção com toda a raiva que tenho. Ele é um m onstro. Não sinto nada além de ódio pelo rei. Não posso perm itir que nada além disso, nem m esm o pena, surj a dentro de m im .

PRECISO FUGIR.

Dois longos m eses se passam .

O casam ento de Maven será dez vezes m aior que o Baile de Despedida, ou m esm o que a Prova Real. Nobres prateados invadem a

capital, trazendo com itivas de todos os cantos de Norta. Até aqueles que o rei exilou. Maven se sente seguro o suficiente com sua nova aliança para permitir que inimigos sorridentes entrem por sua porta. Em bora a maior parte tenha sua própria casa na cidade, muitos se acomodam em Whitefire, a ponto de o palácio parecer prestes

a explodir. Sou muito antiga em meu quarto na maior parte do tempo. Não me importo. É melhor assim. Mesmo em minha cela, consigo sentir a tempestade iminente de um casamento. A união tangível entre Norta e Lakeland.

O pátio em baixo da minha janela, vazio durante todo o inverno, floresce em uma primavera repentina, verde e quente. Nobres passeiam por entre as magnólias a um ritmo o preguiçoso, alguns de braços dados. Sem pre cochichando, sem pre conspirando ou fofocando. Queria conseguir ler os lábios. Poderia aprender algum a coisa além de quais Casas estão unidas, com suas cores muito vibrantes à luz do sol. Maven teria que ser um tolo para pensar que não estão conspirando contra ele e sua noiva. E o rei é muitas coisas, mas não é bobo.

A velha rotina que eu costumava ter nos primeiros meses de isolamento

— acordar, comêr, sentar, gritar e repetir tudo no dia seguinte — não me serve mais. Tenho maneiras mais úteis de passar o tempo. Não há caneta e papel, e nem peço por isso. Não há motivo para deixar anotações. Em vez disso, fico vendo os livros de Julian, virando as páginas despreocupada. Às vezes me prendo a rabiscos em sua caligrafia. *Interessante; curioso; corrobora o volume IV.*

Palavras inúteis com pouco significado. Passo os dedos pelas letras mesmo assim, sentindo a tinta seca e o relevo deixados pela caneta há muito tempo. É o suficiente de Julian para me manter pensativa, lendo as entrelinhas e imaginando as palavras ditas em voz alta.

Ele rumina sobre um volume e em especial, fino mais denso. Sua lombada está estourada, e as páginas estão cheias de observações. Quase posso sentir o calor de sua mão que alisou as páginas esfarrapadas.

Sobre as origens, a capa diz em letras pretas, e em seguida vêm os nomes de uma dúzia de eruditos prateados que escreveram os muitos ensaios e artigos dentro do pequeno livro. A maior parte é complexa demais para eu entender, mas folheio mesmo assim. Nem que seja por Julian.

Ele destacou um a passagem específica, dobrando o canto da página e sublinhando algum as frases. Algo sobre m utações, m udanças. O resultado de arm as antigas que j á não tem os e não podem os m ais criar. Um dos eruditos acredita que elas criaram os prateados. Outros discordam . Alguns m encionam deuses, talvez os m esm os de Iris.

Julian deixa sua própria opinião clara no fim da página.

É estranho que tantos deles se considerassem deuses ou escolhidos de um deus. Abençoados por algo maior. Elevados ao que somos. Quando todas as provas apontam para o contrário. Nossos poderes vieram da corrupção, de uma praga que matou a maioria. Não fomos escolhidos, mas amaldiçoados.

Pisco para as páginas e fico pensando. *Se prateados são amaldiçoados, o que são os sanguenovos? Pior? Ou Julian está errado? Somos escolhidos também?*

E para quê?

Hom ens e m ulheres m uito m ais inteligentes do que eu não sabem a resposta. Além disso, tenho coisas m ais urgentes com que m e preocupar.

Planej o enquanto tom o café da m anhã, m astigando devagar enquanto

considero tudo o que sei. O casam ento real será o caos organizado. Segurança extra e m ais guardas do que sou capaz de contar, m as ainda assim um a boa chance. Criados por toda parte, nobres bêbados, um a princesa estrangeira para distrair as pessoas que geralm ente se concentram em m im . Eu seria idiota de não tentar algum a coisa. Cal seria idiota de não tentar algum a coisa.

Olho para as páginas que tenho nas m ãos, para o papel branco e a tinta preta. Nanny tentou m e salvar e acabou m orta. Um a vida desperdiçada. E eu, egoísta, quero que eles tentem de novo. Porque, se continuar aqui, vou ter que passar o resto da vida alguns passos atrás de Maven, vendo seus olhos assom brados, as partes que lhe faltam e o ódio que sente por todas as pessoas deste m undo — todas as pessoas m enos...

— Pare — sussurro para m im m esm a, lutando contra o ím peto de deixar o m onstro que bate à porta do m eu pensam ento entrar. — Pare.

Mem orizar a planta de Whitefire é um a boa distração, à qual costum o recorrer. Saindo da m inha porta, esquerda, esquerda, atravesso um a galeria de estátuas, esquerda de novo descendo um a escada em espiral... Traço o cam inho até a sala do trono, o salão de entrada, a sala de j antar, diversas salas de estudo e do conselho, os aposentos de Evangeline, o antigo quarto de Maven. Mem orizei cada passo que dei aqui dentro. Quanto m elhor eu conhecer o palácio, m elhor m inha chance de escapar quando a oportunidade surgir. Com certeza Maven vai se casar com Iris na Corte Real ou na própria Praça de César. Nenhum outro lugar com porta tantos convidados e guardas. Não consigo ver a Corte da m inha j anela e nunca entrei lá, m as pensarei nisso quando a hora chegar.

Maven não m e arrastou para perto dele desde que voltam os. *Ótimo*, digo a m im m esm a. Um quarto vazio e dias de silêncio são m elhores do que suas palavras enfastiosas. Ainda assim , sinto um a pontada de decepção toda noite ao fechar os olhos. Estou sozinha; com m edo; sou egoísta. Me sinto esvaziada pela Pedra Silenciosa e pelos m eses que passei aqui, no fio da navalha outra vez. Seria tão fácil deixar que as partes quebradas de m im caíssem . Seria tão fácil deixá-lo m e m ontar de novo com o bem entender. Talvez, em alguns anos, nem pareça m ais um a prisão.

Não.

Pela prim eira vez em algum tem po, j ogo o prato contra a parede, gritando.

O copo de água é o próxim o. Ele explode em fragm entos cristalinos. Coisas quebradas fazem com que eu m e sinta um pouco m elhor.

Minha porta se abre em m eio segundo e os Arven entram . Ovo é o prim eiro a chegar até m im , m antendo-m e na cadeira. Ele m e segura firm e, im pedindo que eu levante. Agora sabem que não devem m e deixar chegar perto dos cacos enquanto lim pam tudo.

— Talvez vocês devessem m e dar utensílios de plástico — zom bo.

— Parece um a ideia m elhor.

Ovo quer m e bater. Seus dedos se enterram em m eus om bros, provavelm ente deixando hem atom as. A Pedra Silenciosa faz a dor aum entar.

Meu estôm ago se revira quando percebo que nem lem bro com o é não sentir dor e angústia constantes.

Os outros guardas varrem os pedaços, sem sentir o vidro contra suas mãos

enluvadas. Só quando eles desaparecem e sua presença latejante se extingue consigo ter força para ficar de pé. Irritada, fecho com força o livro que não estava lendo. *Genealogia da nobreza de Norta, Volume IX*, a capa diz. Inútil.

O livro com capa de couro se encaixa perfeitamente entre seus irmãos na prateleira, os volumes VIII e X. Talvez eu tire os outros da estante e os reorganize, gastando alguns segundos das horas intermináveis.

Em vez disso, acabo no chão, tentando me alongar um pouco mais do que ontem. Minha velha agilidade não passa de uma memória, restringida pelas circunstâncias. Tento mesmo assim, esticando os dedos da mão em direção aos pés. Os músculos das minhas pernas queimam, uma sensação melhor do que a dor. Busco a dor física. É uma das únicas coisas que me fazem lembrar de que estou viva dentro desta concha.

Os minutos escorrem lentamente e o tempo se alonga comigo. Lá fora, a luz muda conforme as nuvens primeiras perseguem umas às outras na frente do sol.

A batida na porta é suave, indecisa. Ninguém jamais se preocupou em bater, e meu coração pula. Mas logo a adrenalina morre. Um salvador não bateria à porta.

Evangeline entra, sem esperar um convite.

Não me mexo, paralisada por uma onda súbita de medo. Preparo as pernas para correr se necessário.

Ela olha para mim de cima, sua figura arrogante de sempre em um casaco longo e cintilante e uma calça justa de couro. Por um instante, ela fica parada, e trocam os olhares em silêncio.

— Você é tão perigosa que eles não podem nem deixar que abra uma janela? — Evangeline fareja o ar. — Está fedendo aqui.

Meus músculos tensionados relaxam um pouco.

— Se está entediada vá tagarelar na minha aula de outra pessoa — resmungo.

— Talvez m aís tarde. Mas neste m om ento você pode ser útil.

— Não estou nem um pouco a fim de ser o alvo para seus dardos.

Ela estala os lábios.

— Ah, não os m eus.

Com um a m ão, ela m e pega em baixo do braço e m e levanta. Assim que seu braço entra no dom ínio da Pedra Silenciosa, sua m anga cai, atingindo o chão em estilhaços de m etal reluzente. A m anga se recom põe e cai de novo, m exendo-se em um ritm o irregular e estranho enquanto Evangeline m e obriga a sair do quarto.

Não reluto. Não vej o por quê. Então ela alivia a pegada que estava m e m achucando e m e deixa andar sozinha.

— Se queria levar o anim al de estim ação para passear, era só pedir

— provoco, m assageando m eu m aís novo m achucado. — Você não tem um a rival nova para odiar? Ou é m aís fácil provocar um a prisioneira do que um a princesa?

— Iris é m uito calm a para o m eu gosto — ela devolve. — Você pelo m enos ainda tenta m order.

— Que bom saber que te entretenho.

O corredor se retorce adiante. Esquerda, direita, direita. A planta de Whitefire está m aís clara na m inha cabeça. Passam os a tapeçaria com um a fênix em verm elho e preto, as bordas cravej adas de pedras preciosas. Então um a galeria de estátuas e pinturas dedicadas a César Calore, o prim eiro rei de Norta.

Além dela, descendo um lance de escadas de m árm ore, fica o que cham o de Salão de Batalha. Um a passagem longa ilum inada por claraboias, as paredes dos dois lados dom inadas do chão até o teto por duas pinturas m onstruosas, inspiradas na Guerra de Lakeland. Mas Evangeline não m e leva para além das cenas de m orte e glória. Não vam os descer para o pátio. Os corredores ficam m aís ornam entados, m as com m enos dem onstrações de opulência enquanto m e conduz para os aposentos reais. Um núm ero crescente de pinturas banhadas a ouro de reis, políticos e guerreiros m e veem passar, a m aioria com o cabelo preto característico dos Calore.

— Então o rei Maven deixou que vocês pelo m enos m antivessem seus

aposentos? Em bora tenha tirado sua coroa?

Seus lábios se retorcem , mas em um sorriso.

— Viu só? Você nunca decepciona. Boa, Mare Barrow.

Nunca estive diante destas portas antes. Mas posso adivinhar para onde levam . Grandes demais para servirem a qualquer outra pessoa que não o rei.

Madeira branca laqueada, detalhes dourados e prateados, cravejada de madrepérola e rubi. Evangeline não bate desta vez; simplesmente abre as portas.

Deparam os com uma antessala opulenta, protegida por seis sentinelas. Eles se eriçam com nossa presença, levando a mão às armas, com os olhos penetrantes por trás das máscaras reluzentes.

Evangeline não hesita.

— Digam ao rei que Mare Barrow está aqui para vê-lo.

— O rei está indisposto — um deles responde. Sua voz transborda poder.

Um banshee. Ele poderia nos deixar surdas com um grito se quisesse.
— Vá em bora, Lady Sam os.

Evangeline não demonstra medo e passa a mão por sua longa trança preta.

— Digam a ele — ela repete. Não precisa mudar o tom de voz ou rosnar para parecer ameaçadora. — O rei vai querer saber.

Meu coração pula dentro do peito. *O que ela está fazendo? Por quê?* Na última vez que decidiu desfilar comigo por Whitefire, acabei nas mãos de Samson Merendus e minha mente foi esfaqueada. Ela tem um plano. Ela tem motivos. Se eu soubesse quais são, poderia fazer o oposto do que espera.

Um dos sentinelas cede. É um homem largo, com músculos evidentes mesmo sob as camadas do uniforme flamejante. Ele vira o rosto, as jóias pretas da máscara reluzindo.

— Um momento, Lady Sam os.

É insuportável estar nos aposentos de Maven. É com o afundar em

areia m ovedicha. Afundar no oceano, cair de um penhasco. *Mande-nos embora.*

Mande-nos embora.

O sentinela volta rápido. Quando faz sinal para os com panheiros, m eu estôm ago revira.

— Por aqui, Barrow — ele acena para m im .

Evangeline m e dá um em purrão discreto, pressionando a base da m inha coluna. Vou em frente.

— Apenas Barrow — o sentinela com pleta, olhando para os Arven.

Eles e Evangeline ficam no lugar, m e deixando passar. Os olhos dela parecem escurecer, m ais pretos do que nunca. Sou tom ada por um a vontade repentina de agarrá-la e levá-la com igo. Encarar Maven sozinha, aqui, de repente é aterrorizante.

O sentinela, provavelm ente um forçador Rham bos, não precisa m e tocar para m e conduzir na direção certa. Atravessam os um a sala inundada pela luz do sol, estranham ente vazia e pouco decorada. Não há cores da Casa, não há pinturas, esculturas ou m esm o livros. O antigo quarto de Cal era um a confusão, com diversos tipos de arm aduras, seus preciosos m anuais e até um tabuleiro de j ogos. Pedacos dele espalhados por toda parte. Maven não é o irm ão, não tem nenhum papel para representar, não aqui, e o quarto reflete o garoto vazio que realm ente é.

Sua cam a é estranham ente pequena, feita para um a criança, em bora o quarto tenha sido proj etado para abrigar algo m uito, m uito m aior. As paredes são brancas, sem adornos. As j anelas são a única decoração e dão para um canto da Praça de César, o rio Capital e a ponte que um dia aj udei a destruir. Ela atravessa a água, ligando Whitefire ao lado leste da cidade. Folhagens ganham vida em todas as direções, salpicadas de flores.

Devagar, o sentinela lim pa a garganta. Olho para ele e trem o quando percebo que vai m e abandonar tam bém .

— Por ali — diz, apontando para m ais um a porta.

Seria m elhor se alguém m e arrastasse. Se o sentinela apontasse um a arm a na m inha cabeça e m e obrigasse a atravessar. Poder culpar outra pessoa pelo m eu avanço faria com que doesse m enos. Mas sou

só eu. Tédio. Curiosidade m órbida. A dor constante da solidão. Vivo em um m undo que está encolhendo constantem ente, onde a única coisa na qual posso confiar é a obsessão de Maven.

Com o as algem as, funciona com o um escudo e um a m orte lenta e sufocante.

As portas abrem para dentro, deslizando sobre o chão de m árm ore branco.

Há espirais de vapor no ar. Não saem do rei, m as da água quente à sua volta, leitosa por causa do sabonete e de óleos perfum ados. Ao contrário da cam a, a banheira é grande, com pés com o garras prateadas. Ele descansa os cotovelos nas bordas da porcelana im pecável, passando os dedos preguiçosos pela água.

Maven m e acom panha com o olhar quando entro, os olhos elétricos e letais.

Nunca o vi tão vulnerável e irritado. Um a garota m ais esperta viraria e sairia correndo. Em vez disso, fecho a porta atrás de m im .

Não há cadeiras, então fico em pé. Não sei bem para onde olhar, então m e concentro em seu rosto. Seu cabelo está bagunçado, encharcado. Cachos pretos se agarram à sua pele.

— Estou ocupado — ele sussurra.

— Você não precisava m e deixar entrar. — Quero retirar as palavras assim que as pronuncio.

— Precisava, sim — ele diz, cheio de significado. Então pisca, interrom pendo nosso olhar. Joga a cabeça para trás, encostando-a na porcelana

para ficar encarando o teto. — Do que você precisa?

De uma saída, de perdão, de uma boa noite de sono, da minha família. A lista é longa, sem fim .

— Evangeline m e arrastou até aqui. Não quero nada de você.

Ele faz um barulho baixo na garganta. É quase um a risada.

— Evangeline. Meus sentinelas são uns covardes.

Se Maven fosse m eu am igo, eu o avisaria para não subestim ar um a

filha da Casa Sam os. Em vez disso, seguro a língua. O vapor gruda na minha pele, febril.

— Ela trouxe você aqui para me convencer.

— A quê?

— Casar com Iris, não casar com Iris. Certamente não te trouxe para tomar chá.

— Não.

Evangeline vai continuar conspirando até que ele coloque a coroa na cabeça de outra garota. Ela foi criada para isso. Assim como o Maven foi feito para outras coisas, mais terríveis.

— Ela acha que o que sinto por você pode atrapalhar meu discernimento.

Tola.

Me retraio. A m arca na m inha clavícula queim a em baixo da cam isa.

— Ouvi que você voltou a quebrar coisas — ele continua.

— Você não tem bom gosto para louças.

O rei sorri para o teto. Um sorriso m alicioso. Com o o do irm ão. Por um segundo, o rosto dele é o de Cal, suas características oscilando. Com um choque, percebo que, no total, passei m ais tem po com Maven do que com Cal. Conheço o rosto dele m elhor que o do irm ão.

Ele se vira, fazendo a água se agitar quando tira um braço da banheira.

Desvio o olhar para o chão. Tenho três irm ãos e um pai que não anda. Passei m eses dividindo um buraco com um a dúzia de hom ens e garotos fedorentos. O

corpo m asculino não m e é estranho. Isso não significa que eu queira ver m ais de Maven do que o necessário. De novo m e sinto sobre areia m ovedicha.

— O casam ento é am anhã — ele diz finalm ente. Sua voz ecoa no m árm ore.

— Ah.

— Você não sabia?

— Com o poderia saber? Ninguém m e m até m inform ada.

Maven dá de om bros. A água se agita m ais um a vez, revelando m ais de sua pele branca.

— Bom , é claro que você não ia voltar a quebrar coisas por m inha causa, m as... — Ele para e olha para m im . Meu corpo form iga. — Foi bom fantasiar.

Se não houvesse consequências, eu gritaria e arrancaria seus olhos. Diria a Maven que, em bora tenha passado pouco tem po com seu irm ão, ainda lem bro de cada batim ento que com partilham os. Seu corpo pressionado contra o m eu enquanto dorm íam os, sozinhos, com partilhando pesadelos. Sua m ão em m eu pescoço, pele na pele, m e fazendo olhar para ele enquanto caíam os do céu. Seu cheiro. Seu gosto. *Eu amo seu irmão, Maven. Você estava certo. Você é apenas uma*

sombra, e quem olha para as sombras quando tem o fogo? Quem escolheria

um monstro no lugar de um deus? Não posso ferir Maven com meus raios, mas posso destruí-lo com minhas palavras. Cutucar seus pontos fracos, abrir suas feridas. Deixá-lo sangrar e cicatrizar em algo ainda pior.

As palavras que consigo dizer são bem diferentes.

— Você gosta da Iris? — pergunto.

Ele passa a mim na cabeça, irritado, com o um a criança.

— Com o se isso tivesse algum a relevância.

— Bom, ela é seu primeiro relacionamento desde que sua mãe morreu. Vai ser interessante ver com o isso vai se desenrolar sem o veneno de Elara na sua cabeça. — Bato os dedos no corpo. As palavras o atingem devagar, e ele me almeja a cabeça. Concordando. Sinto uma pitada de pena, mas luto contra esse sentimento com todas as minhas forças. — Vocês ficaram noivos há dois meses.

Parece rápido, mais rápido do que seu noivado com Evangeline, pelo menos.

— É o que acontece quando um exército inteiro depende de você — ele diz, incisivo. — O povo de Lakeland não é famoso pela paciência.

Dou risada.

— E a Casa Sam os é tão com placente?

Um canto de sua boca se ergue, uma linha branca daquele sorriso. Ele brinca com um dos braceletes, rodando o círculo prateado em volta do pulso fino.

— Eles têm sua utilidade.

— Achava que Evangeline teria te transformado em uma alma ofada de alfinetes a esta altura.

Seu sorriso se alarga.

— Se ela me matar, perde qualquer chance que ainda possa acreditar que tenha, por menor que seja. Não que seu pai fosse permitida. A Casa Sam os mantém uma posição de grande poder, mesmo o que

Evangeline não sej a rainha.

Mas que rainha ela teria sido...

— Posso im aginar. — O pensam ento m e faz trem er. Coroas de agulhas, adagas e lâm inas; sua m ãe traj ando cobras e seu pai segurando as cordas da m arionete que seria Maven.

— Eu não — ele adm ite. — Não de verdade. Mesm o agora, só a vej o com o a rainha de Cal.

— Você não precisava ter escolhido Evangeline...

— Bom , eu não podia escolher quem eu queria, podia? — ele estoura. Em vez de calor, sinto o ar à nossa volta ficar frio. O bastante para que arrepios percorram m inha pele enquanto Maven m e olha, com aqueles olhos de um azul vívido e ardente. O vapor no ar som e com a corrente de ar frio, rem ovendo a fraca barreira entre nós.

Trem endo, m e obrigo a ir até a j anela, dando as costas para ele. Do lado de fora, as m agnólias balançam na brisa leve, suas flores brancas, crem e e rosadas à luz do sol. Um a beleza tão sim ples não tem lugar aqui sem ser corrom pida pelo sangue, pela am bição ou pela traição.

— Você m e j ogou na arena para m orrer — digo devagar. Com o se algum de nós pudesse esquecer. — Você m e m antém acorrentada em seu palácio, vigiada noite e dia. Você m e deixa definh ar, adoecer...

— Acha que gosto de te ver assim ? — ele resm unga. — Acha que quero

m antê-la prisioneira? — Sua respiração se agita. — É o único j eito de te m anter com igo. — A água se agita enquanto ele gesticula.

Me concentro no som da água, e não em sua voz. Em bora saiba o que ele está fazendo, em bora possa sentir que está m e encurralando ainda m ais, não consigo evitar que m e afunde cada vez m ais. Seria fácil dem ais m e deixar afogar. Parte de m im quer fazer isso.

Mantenho os olhos na j anela. Pela prim eira vez estou feliz com a dor fam iliar da Pedra Silenciosa. É um lem brete inegável do que Maven é, e do que seu am or por m im significa.

— Você tentou m atar todo m undo que eu am o. Matou crianças. — Um bebê m anchado de sangue, com um bilhete no pequeno pulso. A

lem branca é tão vívida que poderia ser um pesadelo. Não tento afastá-la. Preciso recordar essas coisas. Preciso ter em mente quem ele é. — Por sua causa, meu irmão está morto.

Viro para Maven, deixando uma risada dura e vingativa escapar. A raiva clareia minha mente.

Ele senta de maneira brusca, o peito nu quase tão branco quanto a água da banheira.

— E você me atou minha mãe. Levou meu irmão. Meu pai. No segundo em que caiu neste mundo, a engrenagem começou a rodar. Minha mãe olhou dentro da minha mente e viu uma oportunidade. A chance que estava esperando. Se você não tivesse... Se você nunca... — Ele tropeça nas palavras, que vêm mais rápido do que pode conter. Então aperta os dentes, segurando as mais condenatórias.

Outro suspiro de silêncio. — Não quero saber como as coisas seriam.

— Eu sei — rebato. — Eu teria acabado em uma trincheira, destruída ou destrocada ou talvez sobrevivendo, com uma morte-viva. Eu sei o que teria me tornado, porque um milhão de pessoas vive o que eu viveria. Meu pai, meus irmãos e tantos outros.

— Sabendo o que sabe agora... você voltaria atrás? Escolheria aquela vida?

Recrutam então, sua cidade lamacenta, sua família, o garoto do rio?

Tantos estão mortos por minha causa, por causa do que sou. Se fosse só uma vermelha, só Mare Barrow, eles estariam vivos. Shade estaria vivo. Meus pensamentos se demoram nele. Trocaria tantas coisas para tê-lo de volta.

Sacrificaria a mim mesmo mais vezes. Então penso nos sangüíneos encontrados e salvos. Nas rebeliões. Na guerra terminada. Prateados atacando uns aos outros.

Vermelhos se unindo. Tive um pacto em tudo isso, por maior que tenha sido. Erros foram cometidos. Eu cometi. Muitos para contar. Estou a um mundo de distância da perfeição, ou mesmo do bem. Mas a verdadeira questão corrói meu cérebro.

A que Maven realmente está perguntando. *Você abriria mão do seu poder pela chance de voltar no tempo?* Tenho a resposta na ponta da língua.

— Não — sussurro. Me aproxime dele sem me dar conta, não apoiada em um dos lados da banheira de porcelana. — Não, eu não voltaria atrás.

A confissão queimou a pior que o fogo, consumindo minhas entranhas. Odeio Maven pelo que me faz sentir, pelo que me faz perceber. Me pergunto se seria rápida o bastante para me açoitá-lo. Cerrar o punho e acertar seu queixo com a alga dura. Curandeiros de pele podem fazer dentes crescer de novo? Eu não

viveria para descobrir.

Ele olha para mim.

— Quem conhece a escuridão faz qualquer coisa para permanecer na luz.

— Não ajude com o se fossem os iguais.

— Iguais? Não. — Ele balança a cabeça. — Mas talvez... esteja com os quites.

— Quites? — Mais uma vez quero atacá-lo. Usar minhas unhas, meus dentes para abrir sua garganta. A insinuação me corrói. Quase tanto quanto o fato de que ele pode estar certo.

— Perguntei a Jon se ele conseguia ver futuros que não existiam mais. Ele disse que os caminhos estavam sem precedendo. Um a mim entretanto fácil. Permitia que me manipulasse de uma maneira que nem Samson conseguiria. Quando ele me levou até você... Bem, eu não discuti. Com o intuito de saber o veneno que você seria?

— Se sou um veneno, é só se livrar de mim. Pare de torturar a nós dois!

— Você sabe que não posso fazer isso, por mais que eu queira. — Seus cílios tremulam e ele desvia o olhar. Para algum lugar onde nem eu consigo alcançá-lo. — Você é como o Thomas. É a única pessoa com quem me importo. A única pessoa que me lembra que estou vivo. Que não estou vazio. Nem sozinho.

Estou vivo. Não estou vazio. Nem sozinho.

Cada confissão é uma flecha, acertando cada terminação nervosa até meu corpo arder em um fogo gelado. Odeio que Maven seja capaz de dizer essas coisas; odeio que sinta o que eu sinto, tem a o que eu tem

o. Odeio, odeio. E se pudesse m udar quem sou, o que penso, m uitaria. Mas não consigo. Se os deuses de Iris existem , eles sabem o quanto tentei.

— Jon não m e dizia sobre os futuros perdidos... os que não são m ais possíveis. Mas eu penso neles... — Maven m urm ura. — Um rei prateado, um a rainha verm elha. Com o as coisas teriam sido? Quantos ainda estariam vivos?

— Seu pai não. Nem Cal. E eu com certeza não.

— Sei que é só um sonho, Mare — ele explode, com o um a criança corrigida na sala de aula. — Qualquer j anela que um dia tivem os, por m enor que fosse, está fechada.

— Por sua causa.

— Sim — ele diz com suavidade, adm itindo. — Sim .

Sem interrom per o contato visual, Maven tira o bracelete que solta faíscas do pulso. O m ovim ento é lento, deliberado, m etódico. Ouço quando ele encosta no chão e oscila, o m etal prateado batendo no m árm ore. O outro logo o segue.

Ainda m e olhando, ele relaxa na banheira e j oga a cabeça para trás, expondo o pescoço. Ao m eu lado, m inhas m ãos se contorcem . Seria tão fácil. Envolver com m eus dedos m orenos seu pescoço pálido. Jogar todo m eu peso sobre ele.

Forçando para baixo. Cal tem m edo de água. Maven tam bém ? Eu poderia afogá-lo. Matá-lo. Deixar a água da banheira ferver nós dois. Ele está m e desafiando a fazer isso. Parte dele talvez queira que eu faça. Ou poderia ser m ais um a das m il arm adilhas em que caí. Outro truque de Maven Calore.

Ele pisca e respira fundo, se livrando de algum a coisa que estava bem no fundo de si. Então o encanto se quebra e o m om ento se vai.

— Você será um a das dam as de Iris am anhã. Aproveite.

Mais um a flecha m e acerta em cheio.

Queria ter m ais um copo para j ogar na parede. Dam a do casam ento do século. Nenhum a chance de escapar. Terei que ficar diante de toda a corte.

Guardas por toda parte. Olhos por toda parte. Quero gritar.

Use a raiva. Use a fúria, tento dizer a mim mesmo. Em vez disso o sentimento só me consome e vira desespero.

Maven faz um gesto preguiçoso com a mão aberta.

— A porta é ali.

Tento não olhar para trás enquanto saio, mas não consigo me conter. Maven está olhando para o teto, os olhos vazios. Ouço Julian na minha cabeça, sussurrando as palavras que escreveu.

Não fomos escolhidos, mas amaldiçoados.



DEZOITO

Mare

PELA PRIMEIRA VEZ, não sou o objeto de tortura. Se tivesse a oportunidade, agradeceria a Iris por me permitir ficar num canto e ser ignorada. Evangeline ocupa o lugar que era meu. Ela tenta parecer calma, indiferente à cena à nossa volta. O resto da comitiva da noiva fica olhando para ela, a garota a quem deveriam servir. A qualquer momento, espero que se enrole com o uma das cobras da mãe e comece a sibilar para cada pessoa que ousar chegar perto de sua cadeira dourada. Afinal, esses aposentos costumavam ser dela.

O ambiente foi redecorado para sua nova ocupante. Adornos azuleiros nas paredes, flores frescas em água cristalina e muitas fontes delicadas o tornam inconfundível. A princesa de Lakeland reina aqui.

No centro do salão, Iris está rodeada de criados vestidos com roupas elegantes. Mas ela não precisa de grande ajuda para ficar bonita. Suas feições do rosto salientes e seus olhos escuros já são magníficos sem qualquer adorno. Uma criada trança seu cabelo preto formando uma coroa, prendendo-o com grampos de safira e pérola.

Outra esfrega um pó reluzente para tornar um rosto já belo algo etéreo e extraordinário. Seus lábios são de um roxo profundo, perfeitamente desenhados.

Seu vestido, branco com a bainha azul cintilante, destaca sua pele escura com um brilho igual ao céu em momentos depois do pôr do sol. Em bora a aparência devesse ser minha última preocupação, me sinto com o um a boneca descartada ao lado dela. Estou de vermelho de novo, um vestido simples em comparação às jóias e os brocados de sempre. Se eu estivesse mais saudável, talvez parecesse bonita também. Não que me importe. Não devo brilhar e nem quero — e, perto de Iris, com certeza não vou.

Evangeline não poderia ser um contraste maior nem se tentasse — e com certeza tentou. Enquanto Iris é a noiva jovem e corada, Evangeline aceitou o papel de garota desprezada e deixada de lado. Seu vestido é de um material tão iridescente que poderia ser feito de pérolas, com penas brancas afiadas e prata incrustada em todo o tecido. Suas próprias criadas a rodeiam, dando os toques finais. Ela fica encarando Iris o tempo todo, e seus olhos pretos sequer piscam. Só

quando a mãe chega ao seu lado Evangeline perde o foco, para desviar das borboletas verde-esmeralda decorando a saia de Larentia. Suas asas batem preguiçosas, com o se estivessem sob a brisa. Um lembrete discreto de que são coisas vivas, presas à Viper apenas por seu poder. Espero que ela não pretenda sentar.

Já vi casamentos antes, lá em Palafitas. Cerimônias simples. Algumas palavras e um a festa apressada. As famílias pechinchavam para conseguir com ida suficiente para os convidados, e os que passavam assistiam ao show.

Kilorn e eu tentávamos os pegar as sobras, se houvesse alguma. Enchíamos os bolsos com salgadinhos e saíamos para comer. Não acho que vou fazer isso hoje.

Estarei focada em segurar a cauda de Iris e minha sanidade.

— Lamento que mais pessoas da sua família não possam estar aqui, alteza.

Uma mulher mais velha, com o cabelo completamente grisalho, se distancia das várias prateadas à espera de Iris. Ela cruza os braços na frente de um uniforme preto imaculado. Ao contrário da maioria dos oficiais, tem poucas medalhas, mas ainda assim são impressionantes. Nunca a vi antes, em bora exista algo familiar em seu rosto. De onde estou, enxergo apenas seu perfil e não consigo juntar as peças.

Iris inclina a cabeça para a mulher. Atrás dela, duas criadas

posicionam o véu cintilante.

— Minha mãe é a regente de Lakeland. Deve estar sem pre no trono.
E

minha irmã mais velha, sua herdeira, não quer deixar nosso reino.

— Compreensível, em tempos tão tumultuosos. — A mulher mais velha faz uma reverência, mas não tão baixa quanto se esperaria. — Meus parabéns, princesa Iris.

— Muito obrigada, majestade. Fico feliz que tenha se juntado a nós.

Majestade?

A mulher mais velha se vira, dando as costas para Iris enquanto as criadas terminam seu trabalho. Seus olhos caem em mim, estreitando-se. Ela acena.

Um a pedra preciosa preta gigante brilha em seu dedo anelar. Um a de cada lado, Tigrina e Trevo me empurram para a frente, levando-me até a mulher que de alguma forma tem um título.

— Srta. Barrow — a mulher diz. Ela é robusta, com a cintura larga, e uns bons centímetros mais alta do que eu. Olho para seu uniforme, procurando por cores para descobrir de que Casa pode ser.

— Majestade? — respondo, usando o título. Soa com o um a pergunta, e é mesmo.

Ela abre um sorriso entretido.

— Queria ter te conhecido antes. Quando estava disfarçada de Mareena Titanos, e não reduzida a este... — ela toca meu rosto com leveza, me fazendo recuar — trapo. Talvez então pudesse entender por que meu neto jogou meu reino fora por você.

Seus olhos são cor de bronze. Dourado-avermelhados. Eu os reconheceria em qualquer lugar.

Apesar da festa de casamento ao nosso redor, das nuvens de seda e perfume, sinto de volta àquele momento em que um rei perdeu a cabeça e

um filho perdeu o pai. E essa mulher perdeu os dois.

Das profundezas da memória, dos momentos desperdiçados com

livros de história, m e lem bro de seu nom e. Anabel, da Casa Lerolan. Rainha Anabel. Mãe de Tiberias VI. Avó de Cal. Agora vej o sua coroa, ouro rosé e diam antes aninhados no cabelo bem preso. Pequena com parada ao que a realeza costum a esbanj ar.

Ela afasta a m ão. Melhor. Anabel é um a oblívia. Não quero seus dedos perto de m im . Poderiam m e destruir com um toque.

— Sinto m uito pelo seu filho. — O rei Tiberias não era um hom em gentil, nem com igo, nem com Maven, nem com m ais da m etade de seu reino, que vivia e m orria com o escravos. Mas ele am ava a m ãe de Cal. Am ava seus filhos. Só era um hom em fraco.

O olhar dela nunca vacila.

— Estranho, j á que você aj udou a m atá-lo.

Não há acusação em sua voz. Não há raiva.

Ela está m entindo.

A Corte Real não tem cor. São só paredes brancas e colunas pretas, m árm ore, granito e cristal, devorando um a m ultidão em arco-íris. Nobres atravessam as portas, com vestidos, ternos e uniform es tingidos de todos os tons.

Os últim os se apressam para entrar antes que a noiva e sua com itiva com ecem a m archar pela Praça de César. Centenas de prateados se aglom eram do lado de fora, com uns dem ais para m ercer um convite. Esperam em m anadas, dos dois lados de um cam inho aberto e assegurado por núm eros iguais de guardas de Norta e Lakeland. As câm eras estão lá, elevadas em plataform as. Todo o reino vai acom panhar o evento.

Do m eu lugar privilegiado, na entrada de Whitefire, posso observar tudo por cim a do om bro de Iris.

Ela fica quieta, nem um fio de cabelo fora do lugar. Serena com o águas calm as. Não sei com o aguenta. Seu pai segura seu braço, o traj e azul-cobalto contra a m anga branca de seu vestido de noiva. Hoj e sua coroa é de prata e safira, com binando com a dela. Eles não se falam , estão concentrados no cam inho à frente.

A cauda do vestido parece líquida nas m inhas m ãos. De um a seda tão fina que pode escorregar pelos m eus dedos. Seguro firm e, para evitar cham ar m ais atenção do que o necessário. Pela prim eira vez,

estou feliz por Evangeline estar ao meu lado. Ela segura a outra ponta da cauda. A julgar pelos sussurros das damas, a cena é quase escandalosa. Todos se concentram nela, não em mim.

Ninguém presta atenção na garota elétrica sem seus raios. Evangeline tira aquilo de letra, com o queixo erguido. Ela não me disse uma palavra. Outra pequena bênção.

Em algum lugar, um corneta ressoa. A multidão responde, virando para o palácio em sincronia. Sinto o ar de olhos conformes avançar, até o topo das

escadas, descendo, entrando no espetáculo prateado. Da última vez que vi uma multidão aqui, estava ajoelhada e acorrentada, sangrando e ferida, com o coração partido. Todas essas coisas ainda são verdade. Meus dedos tremem. Os guardas ficam sem prepor perto, enquanto Tigrina e Trevo seguem atrás de mim em vestidos simples apropriados. A multidão se aproxima, e Evangeline fica tão próxima de mim que poderia enfiar uma faca entre as minhas costelas sem piscar. Meus pulmões parecem apertados; meu peito se comprime e minha garganta parece fechar. Engulo em seco e me obrigo a respirar fundo. *Calma*. Me concentro no vestido nas minhas mãos, nos centímetros à minha frente.

Penso sentir uma gota de água cair no rosto. Rezo para que seja chuva, e não lágrimas de nervoso.

— Recomponha-se, Barrow — uma voz sibila, talvez de Evangeline. Com o com Maven, sinto uma explosão doentia de gratidão pelo apoio mínimo. Tento afastar o sentimento. Preciso ser racional. Mas, com o um cachorro faminto, pego as migalhas que me dão, e o que quer que passe por gentileza nesta aula solitária.

Minha cabeça gira. Se não fosse pelos meus pés, meus queridos, rápidos e seguros pés, talvez eu tropeçasse. Cada passo é mais difícil que o anterior. O

pânico sobe pela minha espinha. Eu me afogo no branco do vestido de Iris. Chego a contar as batidas do meu coração. Qualquer coisa para seguir em frente. Não sei por quê, mas estas casamentos parecem estar fechando as portas. Maven dobrou sua força e me segura mais firme. Nunca vou conseguir fugir. Não depois disso.

O chão sob meus pés muda. Devagar, lajotas quadradas viram degraus.

Bato no prim eiro, m as m e recom ponho, segurando a cauda. Faço a única coisa que ainda consigo fazer: ficar de lado, aj oelhar, m e afastar, parecer am arga e fam inta nas som bras. O resto da m inha vida vai ser assim ?

Antes de entrar na Corte, olho para cim a. Para além das esculturas de fogo e estrelas e espadas e reis antigos, para além do cristal da cúpula reluzente. Para o céu. Nuvens se acum ulam à distância. Algum as j á chegam à praça, avançando ritm adas ao vento. Elas se dissipam devagar, esvaindo-se em tufos de nada. A chuva quer cair, m as algum a coisa, provavelm ente prateados tem pestuosos, controla o clim a e não deixa. Nada pode estragar este dia.

Então o céu desaparece, substituído por um teto abobadado, com arcos de calcário liso envoltos em espirais prateadas com cham as esculpidas. Bandeiras verm elhas e pretas de Norta e azuis de Lakeland decoram os dois lados da antecâm ara, com o se alguém fosse capaz de esquecer quais reinos estão se unindo. Os sussurros de m il espectadores soam com o o zum bido de abelhas, aum entando a cada passo que dou. À frente, a passagem se alarga para o salão central da Corte, um lugar m agnífico sob a dom a de cristal. O sol atravessa os vidros claros, ilum inando o espetáculo abaixo. Cada assento está ocupado, form ando círculos em volta do centro do salão em um anel lum inoso de cores cintilantes. A m ultidão espera, sem fôlego. Não vej o Maven, m as posso adivinhar onde está.

Qualquer outra pessoa hesitaria, nem que fosse um pouco. Não Iris. Ela não sai do ritm o enquanto avançam os para a luz. O som de m il corpos se levantando

é quase ensurdecedor, e o barulho ecoa pelo salão. O farfalhar de roupas, a m ovim entação das pessoas, os sussurros. Fico concentrada na m inha respiração, m as m eu coração acelera m esm o assim . Quero olhar ao redor, reparar nas entradas, nos corredores, nos pedaços deste lugar que posso usar. Mas m al consigo andar, m uito m enos planej ar m ais um a fuga m alfadada.

Anos parecem passar antes de chegarm os ao centro. Maven espera, sua capa tão opulenta quanto o vestido de Iris, e quase tão com prida quanto. Ele está im pressionante em verm elho e branco, em vez de preto. A coroa é nova, com prata e rubis form ando cham as. Ela brilha quando o rei se m ovim enta, virando a cabeça para olhar a noiva e a com itiva que se aproxim a. Seu olhar m e encontra prim eiro. Eu o conheço bem o bastante para reconhecer o arrendim ento. Ele cintila, vivo por um instante, dançando com o a cham a de um a

vela acesa. E, com a m esm a facilidade, desaparece, deixando um a fum aça com o m em ória.

Odeio Maven, principalm ente porque não consigo lutar contra o surto de piedade que sinto pela som bra da chama, agora tão fam iliar. Monstros são criados. Maven tam bém foi. Quem sabe quem ele poderia ser?

A cerim ônia dura quase um a hora, e tenho que ficar em pé o tem po todo ao lado de Evangeline e do restante da com itiva da noiva. Maven e Iris trocam palavras sem parar, j uram entos e prom essas incitados por um j uiz de Norta.

Um a m ulher de túnica lisa sim ples fala tam bém . De Lakeland, im agino — quem sabe um a enviada de seus deuses? Mal escuto. Só consigo pensar em um exército verm elho e azul m archando pelo m undo. As nuvens continuam a se aproxim ar, cada um a m ais escura que a anterior sobre a cúpula lá em cim a. Todas se desm ancham . A tem pestade quer cair, m as não consegue.

Sei com o é.

— Deste dia até o últim o, prom eto-m e a você, Iris da Casa Cy gnet, princesa de Lakeland.

Na m inha frente, Maven estende a m ão. O fogo lam be a ponta dos seus dedos, gentil e frágil com o a chama de um a vela. Eu poderia apagá-lo com um sopro se tentasse.

— Deste dia até o últim o, prom eto-m e a você, Maven da Casa Calore, rei de Norta.

Iris espelha as ações dele, estendendo a m ão. Sua m anga branca, com a borda azul-clara, cai graciosam ente, expondo m ais de seu braço m acio que parece absorver a um idade do ar. Um a esfera de água clara e trêm ula enche sua m ão. Quando ela pega a m ão de Maven, um poder destrói o outro sem que ouçam os sequer o barulho do vapor ou da fum aça. Um a união pacífica é feita, selada com um leve encostar de lábios.

Ele não a beij a com o m e beij ou. Qualquer fogo que possa ter está m uito distante.

Com o eu queria estar.

Os aplausos reverberam dentro de m im , altos com o um trovão. A m

aioria das pessoas com em ora. Não as culpo. Este é o último o prego no caixão da Guerra de Lakeland. Em bora m ilhares, m ilhões de vermelhos tenham m orrido, prateados m orreram tam bém . Não os culpo por com em orar a paz.

Mais um barulho quase ensurdecedor quando m uitos assentos se

m ovim entam , arrastando-se pela pedra. Hesito, m e perguntando se vam os ser pisoteadas pela m aré de pessoas querendo parabenizar o casal. Mas os sentinelas estão alertas. Me agarro à cauda de Iris com o se m inha vida dependesse disso, deixando que seus m ovim entos rápidos m e levem através da m ultidão de volta à Praça de César.

É claro que, ali, o barulho aum enta dez vezes. Bandeiras trem ulam , pessoas gritam e papéis picados caem sobre nós. Abaixo a cabeça, tentando bloquear a confusão. Mas ouço um zum bido no ouvido. Não vai em bora, por m ais que eu balance a cabeça. Um a das Arven segura m eu cotovelo, seus dedos se enterram na m inha pele conform e m ais pessoas se aproxim am de nós. Os sentinelas gritam algum a coisa, instruindo a m ultidão a m anter distância. Maven vira para olhar por cim a do om bro, o rosto com um tom prata de anim ação, nervoso ou am bos. O zum bido se intensifica e preciso soltar a cauda para cobrir os ouvidos.

Mas isso só m e faz ir m ais devagar, m e excluindo do círculo de segurança. Iris segue em frente, de braços dados com o novo m arido, com Evangeline logo atrás. A m ultidão nos separa.

Maven m e vê parar e ergue um a sobrancelha, os lábios se separando para fazer um a pergunta. Ele dim inui o passo.

Então o céu escurece.

Nuvens de tem pestade se acum ulam , escuras e pesadas, arqueando-se sobre nós com o um a fum aça infernal. Raios atravessam as nuvens, brancos, azuis e verdes. Cada um deles irregular, perverso, destrutivo. Não parecem naturais.

Meu coração bate alto o suficiente para silenciar a m ultidão. Mas não os trovões.

O som ecoa em m eu peito, tão perto e tão explosivo que sacode o ar. Sinto seu gosto na língua.

Não consigo ver o próximo o raio antes de Tigrina e Trevo m e jogarem no chão, pouco ligando para os vestidos. Elas seguram m eus

om bro, im obilizando m úsculos doloridos com sua força e seu poder. O silêncio inunda m eu corpo, rápido e forte o suficiente para arrancar o ar dos m eus pulm ões. Luto para conseguir respirar. Meus dedos arranham o piso, procurando algum a coisa em que se agarrar. Se conseguisse respirar, daria risada. Esta não é a prim eira vez que alguém m e j oga no chão na Praça de César.

Mais um trovão, m ais um raio de luz azul. Mais um a vez o peso do poder das Arven quase m e faz vom itar.

— Não a m ate, Janny. Não! — Trevo rosna. *Janny*. O verdadeiro nom e de Tigrina. — Vão arrancar nossa cabeça.

— Não sou eu — tento falar. — Não sou eu.

Se Tigrina e Trevo ouviram , não dem onstram . Sua pressão nunca dim inui, e sinto um a dor constante.

Incapaz de gritar, tento olhar para cim a, procurando alguém que possa m e aj udar. Procurando Maven. Ele vai fazer isso parar. Me odeio por pensar assim .

Pernas atravessam m eu cam po de visão, uniform es pretos, traj es de civis, e uniform es verm elho-alaranj ados cada vez m ais distantes. Os sentinelas continuam se m ovim entando, m antendo sua form ação. Com o no banquete que

quase term inou em assassinato, entram em ação rapidam ente, concentrados em seu único propósito: defender o rei. Mudam de direção, rápido, levando Maven não para o palácio, m as para o Tesouro. Para o trem . Para a fuga.

Mas fuga de quê?

A estranha tem pestade não é m inha. Os raios não são m eus.

— Siga o rei — Tigrina, ou Janny, rosna. Ela m e coloca de pé sobre as pernas bam bas e quase caio de novo. As Arven não deixam , nem o m uro repentino de oficiais uniform izados. Eles m e cercam em um a form ação de diam ante, perfeita para atravessar a m ultidão crescente. As Arven aliviam seu poder, apenas para que eu possa andar.

Avançam os em sincronia enquanto os raios se intensificam sobre nossas cabeças. Nada de chuva ainda. E não está quente ou seco o suficiente para raios sem tem pestade. Estranho. Se eu conseguisse

senti-los. Usá-los. Puxar cada linha irregular que corta o céu e extinguir tudo à minha volta.

A multidão está perplexa. A maioria olha para cima; alguns apontam .

Outros tentam se afastar, sem sucesso. Olho para os rostos, procurando uma explicação. Só vejo a confusão e a medo. Se a multidão entrar em pânico, me pergunto se os agentes de segurança vão conseguir me pedir que nos pisoteiem .

Adiante, os sentinelas de Maven também entram no espaço entre nós, empurrando as pessoas. Um forçador lança um homem em vários metros para trás, enquanto um a telec afasta três ou quatro com um movimento da mão. A multidão abre caminho depois disso, para o rei e a nova rainha em fuga. No meio do tumulto, encontro o olhar de Maven quando ele vira a cabeça para trás e procura.

Seus olhos estão arregalados, de um azul vívido mesmo de tão longe. Seus lábios se movem , gritando alguma coisa que não consigo ouvir por causa dos trovões e do pânico.

— Rápido! — Trevo grita, e me empurra em direção ao espaço vazio entre nós e Maven.

Nossos guardas ficam agressivos e começam a usar seus poderes. Um lépido corre de um lado para o outro, tirando as pessoas do nosso caminho. É um borrão entre os corpos, um turbilhão. E de repente para.

O tiro atinge o lépido entre os olhos. Muito perto para desviar, muito rápido para escapar. Sua cabeça chicoteia para trás em um arco de sangue e minha assa cinzenta.

Não conheço a mulher segurando a arma. Ela tem cabelo azul, tatuagens azuis irregulares e um cachecol rubro ensanguentado amarrado no pulso. A multidão se retrai à sua volta, chocada por um instante, antes de estourar em pleno caos.

Com uma mão ainda segurando a pistola, a mulher de cabelo azul levanta a outra.

Um raio rasga o céu.

Cai no meio do círculo de sentinelas. Ela tem uma mira mortal.

Meu corpo se tensiona, esperando uma explosão. Em vez disso, o raio

azul acerta um arco repentino de água cintilante, correndo pelo líquido sem atravessá-lo. Se espalha e brilha, quase cegando, mas desaparece em um instante, deixando apenas o escudo de água. Sobre ele, Maven, Evangeline e até mesmo os sentinelas

estão abaixados, as mãos sobre a cabeça. Só Iris está de pé.

A água se acumula em volta dela, retorcendo-se com o um a das cobras de Larentia. Cresce a cada segundo, juntando-se tão rápido que sinto o ar secando na minha língua. Iris não perde tempo e arranca o véu. Espero que não chova.

Não quero ver o que ela seria capaz de fazer com a chuva.

Guardas de Lakeland estão no meio da multidão, anchas azuis tentando atravessá-la. Agentes de segurança encontram o mesmo obstáculo e ficam presos na confusão. Prateados se atiram para todos os lados. Alguns em direção ao tumulto, outros fugindo do perigo. Estou dividida entre correr com eles e correr em direção à mulher de cabelo azul. Meu cérebro vibra com a adrenalina correndo pelo corpo, lutando com unhas e dentes contra o silêncio que me sufoca. *Raios. Ela domina os raios. É uma sanguenova. Como eu.* O pensamento quase me faz chorar de felicidade. Se ela não sair daqui, vai acabar morta.

— Corra! — tento gritar. O que sai é um sussurro.

— Leve o rei a um lugar seguro! — A voz de Evangeline ressoa quando ela levanta. Seu vestido logo se transforma em uma armadura, prendendo-se à sua pele em placas peroladas. — Evacuem !

Alguns sentinelas obedecem , puxando Maven para dentro de sua formação.

Uma chama fraca centelha em sua mão. Ela trem e, revelando seu medo. O

resto de sua guarda saca armas ou invoca seus poderes. Um sentinela banshee abre a boca para gritar, mas cai de joelhos, sufocado. Ele agarra a garganta.

Não consegue respirar. Mas por quê? Quem ? Os com panheiros o arrastam enquanto ele ainda sufoca.

Outro raio atravessa o céu, claro demais para olhar. Quando abro os olhos, a mulher de cabelo azul se foi, perdida no meio da multidão. Tiros salpicam o céu.

Recuperando o fôlego, percebo que nem todos na multidão estão fugindo.

Nem todos estão com medo ou confusos. Eles se movem em uma direção diferente, com propósito, com motivo, em uma missão. Pistolas pretas brilham, lampejando com os disparos que atingem as costas ou o estômago dos guardas.

Facas reluzem na escuridão cada vez maior. Os gritos de medo se tornam gritos de dor. Corpos caem bruscamente sobre a praça.

Lembro das rebeliões em Summerton. Vemos elos caçados e torturados.

Um golpe contra os meus lados fracos. Era desorganizado, caótico, sem qualquer ordem. Isso é o oposto. O que parece um pânico selvagem é o trabalho cuidadoso de algumas dúzias de assassinos em uma multidão de centenas. Com um sorriso, percebo que todos têm algo em comum. Conforme a histeria cresce, cada um veste um cachecol vermelho.

A Guarda Escarlate está aqui.

Cal, Kilorn, Farley, Cameron, Bree, Tramy, o coronel.

Eles estão aqui.

Com todas as minhas forças, jogo a cabeça para trás e acerto o nariz de Trevo. Ela grita, e sangue prateado escorre por seu rosto. Em um instante, Trevo me solta. Levo o cotovelo até o estômago de Tigrina, que ainda me segura, esperando afastá-la. Ela solta meu ombro, mas coloca o braço em volta do meu pescoço e aperta.

Viro, tentando mordê-la. Não consigo. Tigrina aumenta a pressão,

ameaçando esmagar minha traqueia. Minha visão escurece e sinto que sou arrastada para trás. Para longe do Tesouro, de Maven, de suas sentinelas.

Atravessando a multidão mortal. Tropeço quando chegam os degraus. Chuto sem forças, tentando me segurar em qualquer coisa. Os agentes de segurança desviam dos meus pobres esforços. Alguns se ajoelham, as armas em punhadas, cobrindo a retirada. Trevo reaparece, com a metade inferior do rosto coberta por sangue brilhante.

— Volte por Whitefire. Tem os que seguir as ordens — ela sibila para Tigrina.

Tento gritar por ajuda, mas não consigo reunir ar suficiente para fazer barulho. E não vai adiantar nada. Alguma coisa mais alta do que os trovões corta o céu. Duas coisas. Três. Seis. Pássaros de metal com asas de navalha. Dragões?

Um Abutre? Mas esses jatos parecem diferentes dos que conheço. Mais brilhantes, mais rápidos. É a nova frota de Maven, provavelmente. À distância, vejo o um a explosão de pétalas de fogo vermelho e fumaça preta. Estão bom bardeando a praça ou a Guarda Escarlata?

Enquanto as Arven me arrastam para dentro do palácio, outro prateado quase esbarra em nós. Estendo a mão. Talvez ele me ajude.

Samson Merandus me despreza, tirando o braço do meu alcance. Recuo com o seu toque queimasse. Só vê-lo já é suficiente para ter uma dor de cabeça arrasadora. Ele não teve permissão para participar do casamento, mas está vestido para a ocasião, imaculado em um terno azul-marinho e com o cabelo loiro arrumado.

— Se a perderem vou virar vocês do avesso! — ele grita por cima do ombro.

As Arven parecem ter mais medo dele que de qualquer outra pessoa.

Concordam com um aceno de cabeça vigoroso, assim como os três agentes restantes. Todos sabem o que um urador Merandus é capaz de fazer. Se eu precisava de mais incentivo para fugir, saber que Samson vai destruir a mente delas certamente funciona.

Quando olho para a praça pela última vez, sombras escuras surgem das nuvens, aproximando-se cada vez mais. Mais aeronaves. Essas são pesadas, não foram construídas para a velocidade ou mesmo para o combate. Talvez estejam aterrissando. Não consigo ver direito.

Luto o quanto posso, ou seja, resmungo e me contorço. O poder das Arven deixa os guardas mais lentos, mas só um pouco. Cada centímetro parece difícil de conquistar e inútil. Seguimos em frente, enquanto os corredores de Whitefire se ramificam ao nosso redor. Sei exatamente para onde estão indo. Em direção à ala leste, a parte do palácio que fica mais próxima do Tesouro. Deve haver uma passagem ali, outro caminho até o trem secreto de Maven. Qualquer esperança de fugir desaparecerá assim que estivermos no subterrâneo.

Três tiros soam , ecoando tão perto que os sinto em m eu peito. O que quer que estej a acontecendo na praça, está entrando aos poucos no palácio. Do outro lado da j anela, um a cham a verm elha surge no ar. Pode ser um a explosão ou um a pessoa. Não sei. Só posso ter esperança. *Cal. Estou aqui. Cal.* Im agino que ele está do lado de fora, naquele inferno de fúria e destruição. Com um a arm a na

m ão e o fogo na outra, usando toda a sua dor e toda a sua raiva. Se não puder m e salvar, espero que pelo m enos destrua o m onstro que costum ava ser seu irm ão.

— Os rebeldes estão invadindo Whitefire!

Levo um susto ao ouvir Evangeline Sam os. Suas botas batem forte no piso de m árm ore, e cada passo é o golpe de um m artelo raivoso. Sangue prateado m ancha o lado esquerdo de seu rosto, e seu penteado elaborado virou um a bagunça, em aranhado pelo vento. Ela cheira a fum aça.

Seu irm ão não está em lugar nenhum , m as Evangeline não está sozinha.

Wren, a curandeira de pele Skonos que passou tantos dias tentando fazer com que eu parecesse viva, a segue de perto. Provavelm ente arrastada para garantir que Evangeline não sofra qualquer arranhão por m ais do que um instante.

Com o Cal e Maven, Evangeline tem treinam ento m ilitar e conhece o protocolo. Ela fica alerta, pronta para reagir.

— A biblioteca do andar de baixo e a galeria antiga foram invadidas. Tem os que levá-la por aqui. — Ela aponta o queixo para um corredor perpendicular. Do lado de fora, um raio brilha, refletindo em sua arm adura. — Vocês três

— Evangeline estala os dedos para os guardas —, tom em a retaguarda.

Meu coração afunda no peito. Ela vai garantir pessoalm ente que eu entre no trem .

— Vou m atar você um dia — am eaço, ainda nas garras de Tigrina.

Ela nem liga, está m uito ocupada dando ordens. Os guardas obedecem satisfeitos, indo para trás para cobrir nossa retirada. Estão felizes por alguém tom ar a dianteira no m eio dessa bagunça infernal.

— O que está acontecendo lá fora? — Trevo rosna enquanto avançam os. O

m edo altera sua voz. — Você, conserte m eu nariz — ela ordena, agarrando o braço de Wren. A curandeira Skonos trabalha rápido, colocando o nariz quebrado no lugar com um estalo audível.

Evangeline olha por cima do ombro, não para Trevo, mas para a passagem atrás de nós. Ela escurece enquanto a tempestade lá fora faz o dia virar noite. O

m edo domina seu rosto. Algo estranho a ela.

— Havia espiões na multidão, disfarçados de nobres prateados. Acha-os que são sanguenovos. Fortes o suficiente para segurar a barra até... — Ela verifica uma passagem antes de fazer sinal para ir para a frente. — A Guarda Escarlata tomou o Corvium, mas as não sabiam os que tinham tantas pessoas. Soldados de verdade, treinados, bem armados. Caíram do céu, com o malditos insetos.

— Com o eles entraram, com o protocolo de segurança para o casamento?

Mais de mil soldados prateados, além dos sanguenovos de estimação de Maven...

— Tigrina vocifera. Ela se interrompe quando duas figuras de branco saem por uma porta. O peso de seu poder se fecha sobre mim, fazendo meus olhos cederem. — Caz, Brecker, nos acompanhem.

Gosto mais de chamá-los de Ovo e Trio. Eles derrapam pelo chão de mármore, correndo para se juntar à minha cela portátil. Se tivesse energia, eu choraria. Quatro Arven e Evangeline. Qualquer resquício de esperança desapareceu. Nem im plorar vai adiantar.

— Eles não têm como ganhar. É uma causa perdida — Trevo continua.

— Eles não estão aqui para conquistar a capital. Estão aqui por causa dela

— Evangeline retruca com raiva.

Ovo me empurra para a frente.

— Que desperdício.

Viram os m ais um a esquina, para o longo Salão de Batalha. Com parado ao tum ulto da praça, parece sereno, suas cenas pinceladas de guerra bem longe do caos. Elas parecem crescer, dim inuindo todos nós com sua grandeza antiga. Se não fosse pelo som distante de j atos e trovões, poderia m e convencer que tudo não passa de um sonho.

— De fato — Evangeline responde. Seus passos falham tão levemente que os outros não percebem . — Que desperdício.

Ela vira com um a graça felina, estendendo as m ãos. Vej o a cena em câm era lenta. As placas de sua arm adura voam dos pulsos, rápidas e m ortais com o balas. As bordas brilham , afiando até virarem lâminas. Elas sibilam atravessando ar. E carne.

A suspensão súbita do silênciam ento é com o se um peso im enso fosse tirado das m inhas costas. O braço de Trevo solta m eu pescoço e em seguida ela cai.

Quatro cabeças rolam pelo chão, pingando sangue. Os corpos as acompanham , todos de branco, as m ãos em luvas de plástico. Seus olhos estão abertos. Não tiveram nem chance. O sangue — o cheiro, a aparência — ataca m eus sentidos, e sinto o gosto de bile subindo pela garganta. A única coisa que m e im pede de vom itar é o m edo e a com preensão im ediata.

Evangeline não vai m e levar até o trem . Vai m e m atar. Vai acabar com isso.

Ela parece terrívelm ente calm a depois de ter cortado a cabeça de quatro dos seus. As placas de m etal voltam para seus braços, encaixando de volta no lugar. Wren, a curandeira de pele, nem se mexe, olhando para o teto. Ela não vai assistir o que vai acontecer agora.

Não adianta tentar correr. É m elhor encarar.

— Entre no m eu cam inho e vou te m atar lentamente — ela sussurra, passando por cim a de um cadáver para agarrar m eu pescoço. Sinto sua respiração em cim a de m im . Quente, com arom a de m enta. — Menininha elétrica.

— Então acaba logo com isso — digo entredentes.

Tão perto, percebo que seus olhos não são pretos, m as cinza-escuros com o carvão. Olhos de tem pestade. Eles se estreitam enquanto ela tenta decidir com o m e m atar. Vai ter que ser com as próprias m ãos.

Minhas algem as não vão perm itir que seu poder toque m inha pele. Mas um a única faca resolveria. Espero que sej a rápido, em bora duvide que tenha m isericórdia suficiente para isso.

— Wren, por favor — ela diz, estendendo a m ão.

Em vez de um a adaga, a curandeira de pele pega um a chave do bolso do cadáver decapitado de Trio. Ela a coloca na m ão de Evangeline.

Fico m uda.

— Você sabe o que é isso? — Evangeline pergunta.

Com o poderia não saber? Até sonhei com essa chave.

— Vou lhe oferecer um trato — ela continua.

— Vá em frente — sussurro, sem tirar os olhos do pedaço de m etal preto.

— Faço qualquer coisa por essa chave.

Evangeline agarra m eu queixo, m e obrigando a olhar para ela. Nunca a vi tão desesperada, nem m esm o na arena. Seus olhos vacilam e seu lábio inferior trem e.

— Você perdeu seu irm ão. Não quero que tire o m eu.

A raiva faz m eu estôm ago se contorcer. Qualquer coisa m enos isso. Porque tam bém sonhei com Ptolem us. Cortar sua garganta, destroçá-lo, eletrocutá-lo.

Ele m atou Shade. Um a vida por um a vida. Um irm ão por um irm ão.

Seus dedos se enterram na m inha pele, as unhas am eaçando cortar m inha carne.

— Minta e eu m ato você onde estiver. Depois m ato o resto da sua fam ília.

— Em algum lugar dos corredores sinuosos do palácio, os ecos de um a batalha aum entam . — Mare Barrow, faça sua escolha. Deixe Ptolem us viver.

— Ele vai viver — resm ungo.

— Prom eta.

— Prom eto que ele vai viver.

Lágrima se acumulam em meus olhos enquanto ela se movimenta, tirando rapidamente uma a uma depois da outra. Evangeline jogou cada uma a um bom tempo longe que pode. Quando terminou, estou chorando.

Sem as almas, sem a Pedra Silenciosa, o mundo parece vazio. Sem peso.

É como se eu pudesse flutuar. Mas a fraqueza ainda me debilita, tenho poucos chances que na minha última tentativa de fuga. Seis meses não vão desaparecer em um instante. Tento reunir meu poder, tento sentir as lâminas sobre minha cabeça. Mal capto a corrente passando por elas. Duvido que possa desligá-las, uma ação simples que nunca valorizei.

— Obrigada — sussurro. Jamais imaginei que diria isso a ela.

É uma surpresa para nós duas.

— Você quer me agradecer, Barrow? — Evangeline respondeu, chutando para longe as almas. — Então me antecipe sua palavra. E faça este meu antigo lugar queimar.

Antes que eu possa dizer que não serei útil, que vou precisar de dias, semanas, meses para me recuperar, Wren coloca as mãos no meu pescoço.

Agora entendo por que Evangeline arrastou a curandeira consigo. Não para ela.

Para mim.

O calor se espalha pela minha coluna, entra nas minhas veias e nos meus ossos e na minha medula. Pulsa pelo meu corpo tão completamente que quase espero que doa. Caio de joelhos, desmaiada. O sofrimento desaparece. Os dedos tremem, as pernas fracas, o pulso lento — cada resquício da Pedra Silenciosa deixa meu corpo diante do toque da curandeira. Minha cabeça nunca vai esquecer o que aconteceu, mas meu corpo o faz rapidamente.

A eletricidade vem, surgindo do centro do meu corpo. Cada nervo grita, voltando à vida. Por todo o corredor, as lâminas se estilhaçam nos lustres. As câmaras escondidas explodem em faíscas e fios. Wren

dá um salto para trás, gritando.

Olho para baixo e vej o roxo e branco. A eletricidade salta entre m eus dedos, agitando-se no ar. A tensão é fam iliar. Meu poder voltou.

Evangeline dá um passo calculado para trás. Seus olhos refletem m inhas faíscas. Eles brilham .

— Mantenha sua prom essa, garota elétrica.

A escuridão m e acom panha.

Cada lâm pada chia e pisca quando eu passo. O vidro estoura, cuspendo eletricidade. O ar vibra com o um fio vivo. Ela acaricia m inhas m ãos abertas e eu estrem eço com a sensação de tanto poder. Achei que tinha esquecido com o era.

Mas é im possível. Posso esquecer quase qualquer outra coisa no m undo, não m inha eletricidade. Não quem e o que sou.

As algem as faziam com que andar fosse m uito cansativo. Sem elas pesando, parece que posso voar. Em direção à fum aça, ao perigo, ao que pode finalm ente ser m inha salvação ou m eu fim . Não m e im porta, desde que não fique nesta prisão infernal nem m ais um segundo. Meu vestido se agita em trapos rubi, rasgado o suficiente para m e perm itir correr o m ais rápido possível. As m angas ardem , queim ando com cada nova explosão de faíscas. Não m e contenho agora. Os raios vão para onde querem . Explodem a cada batim ento cardíaco. Os raios e faíscas roxos e brancos dançam pelos m eus dedos, saindo e voltando para m inhas m ãos. Meu corpo estrem ece de prazer. Nunca senti nada tão m aravilhoso. Fico olhando para a eletricidade, apaixonada por cada veia. *Faz tanto tempo. Tempo demais.*

Deve ser assim que caçadores se sentem . A cada esquina que viro, espero encontrar algum tipo de presa. Sigo pela rota m ais curta que conheço, atravessando a câm ara do conselho, seus assentos vazios m e assom brando enquanto corro sobre o selo de Nortá. Se tivesse tem po, eu o destruiria. Partiria cada centím etro da coroa flam ej ante. Mas tenho um a coroa de verdade para atacar. Porque é isso que vou fazer. Se Maven ainda estiver aqui, se o infeliz não tiver fugido. Vou assistir ao seu últim o suspiro e saber que ele nunca m ais vai poder m e m anter num a coleira.

Alcanço aos agentes de segurança, que estão de costas para m im . Todos os três m antêm as arm as com pridas sobre o om bro e o dedo no gatilho enquanto cobrem a passagem . Não sei seus nom es, só suas

cores. Casa Greco, todos forçadores. Não precisam de balas para m e m atar. Um deles poderia quebrar m inhas costas, esm agar m inhas costelas, abrir m eu crânio com o um a uva. Sou eu ou eles.

O prim eiro ouve m eus passos. Ele vira a cabeça, olhando por cim a do om bro. Meu raio atinge sua coluna e sobe até seu cérebro. Sinto seus nervos por um segundo. Em seguida, a escuridão. Os outros dois reagem , virando para m im .

A eletricidade é m ais rápida do que eles, atingindo os dois.

Não dim inuo o ritm o, passando por cim a dos corpos fum egantes.

O próxim o corredor dá para a praça, e os vidros que antes brilhavam agora estão cobertos de cinzas. Alguns lustres estão destruídos no chão, em pilhas retorcidas de ouro e vidro. Há corpos tam bém . Agentes de segurança de

uniform e preto, m em bros da Guarda Escarlata com o cachecol verm elho. O

resultado de um breve com bate, um dos m uitos que com põem a batalha. Abaixo para sentir o pulso da verm elha m ais perto de m im . Nada. Seus olhos estão fechados. Fico feliz por não reconhecê-la.

Lá fora, outra explosão de raios azuis atravessa as nuvens. Não consigo não sorrir, em bora os cantos da boca repuxem as cicatrizes. Mais um a sanguenova que consegue controlar a eletricidade. Não estou sozinha.

Com m ovim entos rápidos, pego o que posso dos corpos. Um a pistola e a m unição de um agente. O cachecol verm elho da m ulher. Ela m orreu por m im .

Outra hora, Mare, m e repreendo, deixando de lado a areia m ovedicha que esse tipo de pensam ento é. Usando os dentes, am arro o cachecol no pulso.

Balas atingem as j anelas, um a raj ada delas. Recuo instintivam ente, m e j ogando no chão, m as as j anelas aguentam firm e. Vidraças de diam ante. À

prova de balas. Estou segura atrás delas, m as tam bém presa.

Nunca m ais.

Deslizo pela parede, tentando não ser vista enquanto observo. A visão me faz perder o fôlego.

O que antes era a celebração de um casamento agora é uma guerra. Fiquei impressionada com a rebelião das Casas Iral, Haven e Laris contra o resto da corte de Maven, mas isso é muito pior. Centenas de oficiais de Norte, guardas de Lakeland e nobres leais da corte de um lado, e os soldados da Guarda Escarlate do outro. Deve haver sangrenhos entre eles. Tanto vejo eles, mais do que já vi pensei que fosse possível. Há pelo menos cinco para cada prateado, e são claros entre soldados. Treinados com precisão militar, desde os equipam com táticos até a omissão de uma. Com o que me pergunto com o chegaram aqui, então vejo as aeronaves. Seis delas, aterrissadas na praça. Todas cospem soldados, dúzias deles. Esperança e agitação correm pelo meu corpo.

— Um resgate e tanto — sussurro.

E vou garantir que seja bem-sucedido.

Não sou prateada, não preciso de nada à minha volta para usar meu poder.

Mas certamente não atrapalha ter mais eletricidade à mão. Fechando os olhos, só por um segundo, convoco cada fio, cada pulso, cada carga, até a estática das cortinas. A energia aumenta ao meu redor. Me abastece, me cura tanto quanto Wren.

Depois de seis meses de escuridão, finalmente sinto a luz.

Clarões roxos e brancos surgem diante dos meus olhos. Meu corpo inteiro pulsa com a eletricidade, a pele vibrando com o prazer dos raios. Continuo correndo. Adrenalina e eletricidade. Sinto com o se pudesse atravessar uma parede.

Mais de uma dúzia de agentes de segurança guardam a entrada. Um deles, um agnetron, está ocupado protegendo as janelas com grades feitas dos lustres retorcidos e adornos de ouro das paredes. Corpos e sangue de ambas as cores cobrem o chão. O cheiro de pólvora prevalece. Os agentes protegem o palácio, mantendo a posição. Sua atenção está voltada para a batalha lá fora, para a praça, não para a retaguarda.

Agachada, coloco as mãos sobre o armário aos meus pés. O toque é frio

sob m eus dedos. Lanço m eus raios contra a pedra, enviando-os pelo chão em um a rajada irregular de eletricidade. Ela pulsa, um a onda, pegando todos de surpresa. Alguns caem, outros são jogados para trás. A força do disparo elétrico ecoa em meu peito. Se é suficiente para me atar, não sei.

Só penso na praça. Quando o ar da rua atinge meus pulmões, quase dou risada. Está envenenado com cinzas, mas cheio da eletricidade da tempestade de raios, e parece mais doce do que qualquer outra coisa. Lá em cima, as nuvens pretas trovejam. O som reverbera nos meus ossos.

Lanço raios roxos e brancos pelo céu. Um sinal. A garota elétrica está livre.

Não fico parada. Continuar na escadaria, olhando o tumulto, é um bom jeito de levar um tiro na cabeça. Mergulho na batalha, procurando algum rosto familiar, se não algo ígavel. Pessoas se esbarram ao meu redor. Os prateados foram pegos de surpresa, incapazes de se organizar nas formações treinadas. Só os soldados da Guarda Escarlata demonstram algum tipo de organização, mas ela está se desfazendo rapidamente. Vou em direção ao Tesouro, o último lugar onde vi Maven e seus sentinelas. Faz apenas alguns minutos. Eles ainda podem estar lá, cercados, aguardando. Vou matá-los. Tenho que matá-los.

Balas passam pela minha cabeça assoviando. Sou mais baixa do que a maioria, mas ainda assim me curvo ao correr.

O primeiro prateado a me desafiar diretamente tem traços de Provos, dourado e preto. Um homem fino com o cabelo ainda mais fino. Ele estende o braço e sou jogada para trás, batendo a cabeça no piso. Sorrio para ele, prestes a gargalhar. Mas de repente não consigo respirar. Minhas costelas se contraem, me apertando. Olho para cima e vejo o que está em pé ao meu lado, o punho cerrado.

O telep vai esmagar minha caixa torácica.

Raios se levantam para encontrá-lo, brilhando em fúria. Ele desvia, mais rápido do que eu imaginava. Minha visão escurece quando a falta de oxigênio atinge meu cérebro. Mais um raio do qual o telep desvia.

Está tão concentrado em mim que não percebe o soldado verme ao meu lado. Leva um tiro na cabeça. A cena não é bonita.

Sangue prata espirra em m eu vestido j á arruinado.

— Mare! — o verm elho grita, correndo para o m eu lado. Reconheço sua voz, a pele escura e os olhos azul-escuros. Quatro outros rebeldes vêm com ele.

Fazem um círculo, m e protegendo. Com as m ãos fortes, ele m e aj uda a levantar.

Respiro fundo e trem o aliviada. Quando o am igo contrabandista do m eu irm ão virou soldado eu não sei, m as agora não é hora de perguntar.

— Crance.

Com um a m ão ainda na arm a, ele levanta o rádio na outra.

— Aqui é Crance. Estou com Barrow na praça. — O chiado em resposta não é anim ador. — Repito. Estou com Barrow. — Xingando, ele enfia o rádio no cinto de novo. — Os canais estão um a bagunça. Muita interferência.

— Da tem pestade? — Olho para cim a de novo. Azul, branco, verde. Aperto os olhos e j ogo outro raio roxo na trovoadade cores.

— Provavelm ente. Cal nos avisou...

Agarro seu braço com força, fazendo-o se encolher instintivam ente.

— Cal. Onde ele está?

— Preciso tirar você...

— Onde?

Crance solta um suspiro, sabendo que não vou perguntar m ais um a vez.

— Na batalha, não sei exatam ente onde. O ponto de encontro é no portão principal — ele grita na m inha orelha, garantindo que eu ouça. — Cinco m inutos.

Pegue a m ulher de verde. Vista isso — ele com pleta, tirando a j aqueta. Coloco-a sobre o vestido esfarrapado sem discutir. É pesada. — À prova de balas. Pode aj udar.

Meus pés m e carregam para longe antes que eu possa agradecer,

deixando Grance e sua equipe para trás. Cal está aqui em algum lugar. Deve estar atrás de Maven, com o eu. A m ultidão se m ovim enta, um a m aré m udando rápido. Se não fossem os rebeldes m isturados, eu conseguiria atravessá-la. Abriria cam inho com um raio. Em vez disso, uso m eus antigos instintos. Passos ágeis, prevendo cada onda de caos. Lanço raios na retaguarda, afastando quaisquer m ãos. Um forçador m e atinge pelo lado, m e j ogando contra braços e pernas, m as não paro para lutar com ele. Continuo em frente, em purrando, correndo. Minha cabeça grita um nom e. *Cal. Cal. Cal. Se conseguir chegar até ele, estarei a salvo.* Talvez sej a m entira, m as é um a m entira boa.

O cheiro de fum aça fica m ais forte conform e avanço. A esperança aum enta. Onde há fum aça, há um príncipe de fogo.

Cinzas e fuligem m ancham as paredes brancas da Casa do Tesouro. Um dos m ísseis arrancou um pedaço do m árm ore com o se fosse m anteiga. A pedra está em um a pilha de destroços na entrada, fornecendo boa cobertura. Os sentinelas a usam , sua form ação reforçada por guardas de Lakeland e alguns outros com o uniform e roxo do Tesouro. Eles atiram nos rebeldes que se aproxim am , usando balas para defender a fuga do rei. Muitos usam seus poderes. Desvio de alguns corpos congelados ainda de pé, obra violenta de um calafrio da Casa Gliacon. Há sobreviventes, m as de j oelhos, sangrando pelas orelhas. Obra de um banshee da Casa Marinos. As evidências do poder m ortal dos prateados estão por toda parte.

Corpos partidos por m etal, pescoços quebrados, crânios am assados, bocas pingando água. Vej o o cadáver especialm ente som brio de alguém que parece ter sido sufocado pelas plantas nascendo em sua boca. Um verde j oga um punhado de sem entes em alguns soldados da Guarda Escarlata. Diante dos m eus olhos, elas explodem com o granadas, cusindo videiras e espinhos em um a explosão verdej ante.

Não vej o Cal aqui, ou qualquer outro rosto que reconheça. Maven j á deve estar no trem .

Cerrando o punho, j ogo tudo o que posso sobre os sentinelas. Meus raios crepitam ao longo dos escom bros e os j ogam para trás. Vagam ente, ouço alguém gritar ordens para que continuem . Os rebeldes fazem isso, disparando sem parar.

Mantenho a pressão, m andando m ais um raio na direção deles com o um chicote.

— Atenção! — um a voz grita.

Olho para cima, esperando um golpe vindo do céu. Jatos dançam pelas nuvens tempestuosas, seguindo uns aos outros. Nenhum deles parece preocupado conosco.

Então alguém me empurra para o lado, me tirando do caminho. Viro a

tempestade para ver uma figura conhecida correndo por um caminho livre, com a cabeça abaixada, blindado da cabeça aos ombros. Ela ganha velocidade, agitando as pernas.

— Darmian!

Ele não me ouve, está muito ocupado correndo até o bloqueio de muros.

Balas ricocheteiam em sua armadura e em sua pele. Um calafrio envia uma explosão de lanças de gelo contra seu peito, mas elas estilhaçam. Se está com medo, não demonstra. Jamais hesita. Cal ensinou isso a ele. No Furo. Quando estavam os dois juntos. Lembra de um Darmian diferente. Era um homem quieto se comparado a Nix, outro sanguenovo que também tinha o poder da pele impenetrável. Nix já está morto há algum tempo, mas Darmian está muito vivo.

Rugindo, ele escala o bloqueio de muros, lançando-se contra dois sentinelas.

Eles o atacam com tudo o que têm. *Tolos*. É o mesmo que atirar contra um vidro à prova de balas. Darmian responde na mesma moeda, lançando granadas num ritmo impossível. Elas florescem em fogo e fumaça. Sentinelas são lançados para trás, e apenas alguns conseguem suportar a explosão.

Rebeldes saltam sobre os ombros, seguindo Darmian. Muitos passam na sua frente. Os sentinelas não são sua missão. Maven é. Eles invadem o Tesouro, seguindo o rastro do rei.

Conforme corro adiante, meu poder me acompanha. Sinto as luzes do corredor principal do Tesouro, descendo até a pedra sob nossos pés. Meus sentidos saltam pelos fios, mais e mais fundo. Alguma coisa grande está lá em baixo, e seu motor ronrona. Maven ainda está aqui.

O muro sob meus pés é fácil de escalar. Avanço pelos destroços de quatro, a mente concentrada lá em baixo. A próxima explosão me pega de surpresa. Sua força me lança para trás em uma onda de

calor. A aterrissagem é dura, caio de costas, perdendo o ar, mas agradeço em silêncio à j aqueta de Crance. A explosão se lança sobre mim, perto o suficiente para queimar meu rosto.

Muito grande para uma granada. Muito controlada para uma chama natural.

Levanto desajeitada, obrigando as pernas a me obedecerem enquanto inspiro fundo. *Maven*. Eu devia saber. Ele não vai me deixar aqui. Não vai fugir sem seu animal de estimação favorito. Voltou para me acorrentar pessoalmente.

Boa sorte.

A fumaça segue o turbilhão de fogo, deixando a praça já escura e nebulosa.

Ela me envolve, ficando mais e mais forte a cada segundo. Envio raios pelos meus nervos, deixando que estale em cada centímetro do meu corpo. Dou um passo em direção à silhueta preta e estranha na luz oscilante do fogo. A fumaça rodopia, o fogo lançando longas chamas azuis escaldantes. Cerro os punhos, pronta para usar cada gota de raiva que acumulei em sua prisão. Estava esperando este momento. Maven é um rei esperto, mas não é um soldado. Vou destruí-lo.

Os raios dançam sobre nossas cabeças, mais claros que as chamas.

Ilumina o lugar quando o vento sopra, afastando a fumaça para revelar...

Olhos dourado-avermelhados. Ombros largos. Mãos caídas, lábios

familiars, cabelo preto bagunçado e um rosto do qual senti muita falta.

Não é Maven. Todos os pensamentos sobre o rei menino desaparecem em um instante.

— Cal!

Uma bola de fogo sibila no ar, quase acertando minha cabeça. Desvio dela por instinto. A confusão domina meu cérebro. Ele é inconfundível. Cal, ali, de armadura, com uma faixa vermelha amarrada na cintura. Luto contra a necessidade carnal de correr até ele. Preciso de todo o meu controle para dar um passo para trás.

— Cal, sou eu! Mare!

Ele não fala, só vira o corpo, ficando de frente para mim. O fogo à nossa volta se agita e aumenta, se aproximando com uma velocidade impressionante.

O calor arranca o ar dos meus pulmões, e respiro a fumaça. Só os raios me mantêm segura, estalando à minha volta em um escudo de eletricidade para mim pedir que eu queim e viva.

Me aproximo de novo, entrando em seu inferno. Meu vestido queima, deixando um rastro de fumaça. Não desperdiço meu tempo precioso ou minhas sinapses tentando entender o que está acontecendo. Já sei.

Seus olhos estão sombrios, fora de foco. Não há reconhecimento neles.

Nenhuma indicação de que passam os últimos seis meses tentando voltar um para o outro. Seus movimentos são robóticos, mesmo considerando seu treinamento militar.

Um murmurador domina sua mente. Não preciso adivinhar qual.

— Sinto muito — sussurro, em bora ele não possa me ouvir.

Uma explosão de raios o lança para trás, as faíscas dançando pelas placas de sua armadura. Cal convulsiona, tremendo conforme a eletricidade atinge seus nervos. Mordo o lábio, tentando mais do que nunca andar pela linha tênue que separa a imobilização do ferimento. Me contenho demais. Um erro.

Cal é mais forte do que imaginei. E tem uma grande vantagem sobre mim: estou tentando salvá-lo, enquanto ele está tentando me matar.

Cal luta mesmo com a dor, avançando para cima de mim. Desvio, usando o poder que estava concentrado em imobilizá-lo para me manter a salvo de seu ataque arrasador. Um soco de fogo passa sobre a minha cabeça. Sinto cheiro de cabelo queimado. Outro me acerta na barriga e me derruba. Aproveito a inércia para rolar e levantar de novo, relembro os velhos truques. Com um gesto, mando outro raio, que sobe por sua perna e chega até a coluna. Cal uiva de dor. O

som me destrói por dentro. Mas o golpe me dá alguma vantagem.

Foco em outra coisa, no rosto diabólico de uma pessoa. Samson

Merandus.

Ele deve estar perto o suficiente para m andar Cal atrás de m im .
Procuro-o em m eio à batalha enquanto corro. Se estiver m esm o
aqui, está m uito bem escondido. Pode estar olhando do telhado do
Tesouro ou das m uitas j anelas dos prédios adj acentes. A frustração
devora m inha determ inação. Cal está bem aqui.

Estam os j untos de novo. E ele está tentando m e m atar.

O calor de sua fúria lam be m eus calcanhares. Mais um a explosão m
e atinge do lado esquerdo, lançando agulhas de agonia quente pelo m
eu braço. A adrenalina afoga a sensação rapidam ente. Não posso m e
dar ao luxo de sentir

dor agora.

Pelo m enos sou m ais rápida do que ele. Sem as algem as, cada passo
parece m ais fácil que o anterior. Deixo a tem pestade lá em cim a m e
abastecer, m e alim entando da energia elétrica de outra sanguenova
em algum lugar. Seu cabelo azul não cruza m inha visão novam ente.
Que pena. Ela seria útil agora.

Se Sam son está escondido perto do Tesouro, só preciso tirar Cal de
seu alcance. Derrapando, viro para olhar por cim a do om bro. Cal
ainda está m e seguindo, um a som bra azul de fogo e raiva.

— Vem m e pegar, Calore! — grito para ele, m andando um a
explosão de raios na direção do seu peito. Mais forte que a últim a,
suficiente para deixar um a m arca.

Ele vira de lado, desviando, nunca parando de andar. Seguindo m eu
rastros.

Espero que funcione.

Ninguém ousa entrar no nosso cam inho.

Verm elho e azul e roxo, fogo e raio, rasgam a batalha com o um a
faca. Ele m e persegue com a determ inação de um cão de caça. E com
certeza m e sinto caçada pela praça.

Vou em direção ao portão principal, ao ponto de encontro que Crance
m encionou. Minha fuga. Não que eu vá fugir. Não sem Cal.

Depois de cem m etros, fica claro que Sam son está correndo conosco,

m as escondido. Nenhum m urm urador Merandus tem um alcance tão grande, nem m esm o Elara. Viro para um lado e para o outro, varrendo o banho de sangue.

Quanto m ais a batalha durar, m ais tem po os prateados terão para se organizar.

Soldados do Exército em uniform es cinza inundam a praça, conquistando partes dela sistem aticam ente. A m aioria dos nobres recuou para a barreira de proteção m ilitar, em bora alguns — os m ais fortes, os m ais coraj osos, os m ais sanguinários

— continuem lutando. Esperava ver m em bros da Casa Sam os aqui, m as não vej o nenhum m agnetron que reconheça. Tam pouco reconheci outros m em bros da Guarda Escarlata. Nada do coronel, de Farley, Kilorn, Cam eron ou dos sanguenovos que aj udei a recrutar. Só Darm ian, provavelm ente abrindo cam inho pelo Tesouro, e Cal, tentando ao m áxim o m e derrotar.

Xingo, desej ando principalm ente que Cam eron estivesse aqui. Ela poderia silenciar Cal, contê-lo por tem po suficiente para que eu encontrasse e m atasse Sam son. Mas tenho que fazer isso sozinha. Manter Cal à distância, continuar viva e de algum a form a exterm inar o m urm urador Merandus que nos assola.

De repente, borrões azul-m arinho surgem no canto da m inha visão.

Longos m eses em cativeiro prateado fizeram com que aprendesse as cores das Casas. Lady Blonos despej ou seu conhecim ento em m im , e agora, m ais do que nunca, agradeço por isso.

Viro, m udando de direção com desej o de vingança. Um a cabeça loira se m istura aos soldados prateados, tentando se esconder na form ação. Mas ele se destaca, o terno form al em contraste com os uniform es m ilitares. Tudo vai em direção a ele. Todo o m eu foco, toda a m inha energia. Jogo tudo o que posso ali, soltando raios irregulares contra Sam son e o escudo prateado entre nós.

Ele olha para m im e os raios se arqueiam com o um chicote. Tem os olhos de Elara, os olhos de Maven. Azuis com o gelo, azuis com o cham as. Frios e

im placáveis.

De algum a form a, m inha eletricidade se curva, contornando-o. Desvia, ricocheteando em outra direção. Minha m ão acom panha o m

ovim ento, m eu corpo se m exendo por conta própria enquanto os raios seguem na direção de Cal.

Tento gritar, em bora avisar um hom em controlado sej a o m esm o que nada. Mas m eus lábios não se m exem . O terror na espinha é a única coisa que sinto. Não o chão sob m eus pés, não as novas queim aduras, nem m esm o a fum aça entrando pelo nariz. Tudo desaparece. É tirado de m im .

Por dentro, grito, porque Sam son agora m e dom ina. Não consigo fazer nenhum barulho. A sensação do cérebro dele controlando m inha m ente é inconfundível.

Cal pisca com o alguém que acorda de um longo sono. Mal tem tem po de reagir, erguendo os braços para proteger a cabeça da explosão de eletricidade.

Algum as faíscas viram cham as, m anipuladas pelo seu poder. Mas a m aioria atinge o alvo, e ele cai de j oelhos com um grito de dor.

— Sam son! — Cal grita entredentes.

Percebo m inha m ão se m ovim entar em direção ao m eu quadril. Ela saca a pistola, que é apontada para m inha têm pora.

Os m urm úrios de Sam son aum entam na m inha cabeça, am eaçando bloquear todo o resto.

Aperte o gatilho. Aperte o gatilho. Aperte o gatilho.

Não sinto o gatilho. Não vou sentir a bala.

Cal puxa m eu braço para trás, m e fazendo virar. Ele arranca a arm a da m inha m ão e a j oga no chão. Nunca o vi com tanto m edo.

Mate-o. Mate-o. Mate-o.

Meu corpo obedece.

Sou espectadora na m inha própria cabeça. Um a batalha furiosa surge diante dos m eus olhos e não posso fazer nada a não ser acom panhar. O piso vira um borrão quando Sam son m e faz correr, batendo de frente com Cal. Atuo com o um para-raios hum ano, m e agarrando à sua arm adura e atraindo a eletricidade do céu para despej á-la nele.

Dor e m edo nublam seus olhos. Sua cham a não tem tanta força assim

.

Ataco, agarrando seu pulso. Mas o bracelete aguenta firme.

Mate-o. Mate-o. Mate-o.

O fogo me joga para trás. Caio com tudo, os ombros e a cabeça quicando no chão. O mundo gira, e meus membros desengonçados tentam me botar de pé.

Levante. Levante. Levante.

— Fique abaixada, Mare! — ouço um grito vindo da direção de Cal. Sua silhueta dança na minha frente, dividindo-se em três. Talvez seja uma concussão.

Sangue vermelho jorra no piso branco.

Levante. Levante. Levante.

Meus pés se mexem sozinhos, dando impulso. Levanto rápido, quase caindo de novo quando Sam son me obriga a dar passos vacilantes. Ele encurta a distância entre mim e Cal. Já vi isso antes, há muitos anos. Sam son Merandus na arena, obrigando outro prateado a cortar as próprias entranhas. Vai fazer o mesmo comigo, depois que me usar para matar Cal.

Tento impedir-lo, mas não sei por onde começar. Tento contrair um dedo que seja, mas nada responde.

Mate-o. Mate-o. Mate-o.

Raios saem das minhas mãos, espiralando na direção de Cal. Erram o alvo, desequilibrados com o meu corpo. Ele anda um arco de fogo em resposta, me obrigando a desviar e fazendo com que eu tropece.

Levante. Mate-o. Levante.

Os meus uríbios afiados cortam minha mente. Meu cérebro deve estar sangrando.

MATE-O. LEVANTE. MATE-O.

Através das minhas, vejo o borrão azul-marinho de novo. Cal dispara atrás de Sam son e derrapa em um joelho, me irando com a pistola.

LEVANTE...

A dor me perpassa com o um a onda e caio para trás no meu esmo instantâneo que um a bala passa por cima da minha cabeça. Outra, meus ais perto. Por instinto, lutando contra o zumbido no meu crânio ferido, levanto com dificuldade. Me mexo por vontade própria.

Gritando, transformo o fogo de Cal em raios, as chamas vermelhas se tornando veias de eletricidade roxas e brancas. Formo um escudo enquanto Cal esvazia as balas na minha direção. Atrás dele, Sam sonri.

Desgraçado. Vai nos jogar um contra o outro pelo tempo que for necessário.

Lanço os raios meus ais rápido que posso, desviando-os em direção a Sam son.

Se eu conseguisse interromper sua concentração, só por um segundo...

Cal reage, com o um a marionete. Ele protege Sam son com o corpo largo, recebendo a maior parte do meu ataque.

— Alguém me ajuda! — grito para ninguém. Somos apenas três em uma batalha de centenas, que comecem a se definir. Os prateados se organizam, alinhados pelos reforços dos quartéis e do restante das tropas de Archeon.

Meus cinco minutos acabaram faz tempo. Qualquer fuga que Crance prometeria já era.

Preciso destruir Sam son. Preciso.

Outra explosão de raios, desta vez pelo chão. Ele não tem com o desviar.

MATE-O. MATE-O. MATE-O.

Os meus úrios estão de volta, chamando a eletricidade de volta com as próprias mãos. Os raios formam um arco para trás, com o um a onda.

Cal abaixa e gira, lançando a perna em um chute. Ele acerta, derrubando Sam son.

Seu controle sobre mim se interrompe e lanço meus ais uma onda elétrica.

Esta acerta os dois. Cal xinga, segurando um grito. Sam son se contorce e solta um berro assustado. Ele não está acostumado a sentir dor.

Mate-o...

O m urm úrio está distante, fraco. Posso com batê-lo agora.

Cal pega Sam son pelo pescoço, erguendo-o só para bater sua cabeça de novo no chão.

Mate-o...

Corto o ar com a m ão, lançando um raio. Ele atinge Sam son do quadril até

o om bro. Sangue prateado j orra do corte.

Me ajude...

O fogo desce pela garganta de Sam son, carbonizando suas entranhas. Suas cordas vocais estão destruídas. O único grito que ouço agora está na m inha cabeça.

Levo o raio para seu cérebro. A eletricidade frita o tecido em seu crânio com o um ovo na frigideira. Seus olhos se reviram , brancos. Quero que a dor dure m ais, quero fazê-lo pagar pelas torturas contra m im e tantos outros. Mas ele m orre m uito rápido.

Os m urm úrios desaparecem .

— Acabou. — Respiro aliviada.

Cal olha para cim a, ainda aj oelhado sobre o corpo. Seus olhos se arregalam com o se estivesse m e vendo pela prim eira vez. Sinto a m esm a coisa. Sonhei tanto com este m om ento, desej ando-o há m eses. Se não fosse a batalha, nossa posição precária bem no m eio dela, lançaria m eus braços em volta do seu pescoço e m e enterraria no príncipe ardente.

Em vez disso, aj udo-o a levantar colocando um de seus braços sobre m eus om bros. Ele m anca, com espasm os na perna. Estou ferida tam bém , com um corte sangrando na lateral do corpo. Pressiono a m ão livre na ferida. A dor fica m ais forte.

— Maven está sob o Tesouro. Ele tem um trem — digo enquanto nos afastam os j untos.

Seu braço aperta m eus om bros. Ele nos leva em direção ao portão principal, apertando o passo.

— Não vim aqui por ele.

O portão se destaca, largo o suficiente para que três veículos passem lado a lado. Do outro lado, a ponte de Archeon sobre o rio Capital encontra o lado leste da cidade. A fumaça sobe por toda parte, alcançando o céu tempestuoso. Luto contra o ím peto de virar e correr até o Tesouro. Mas Maven já deve ter fugido.

Está fora do m eu alcance.

Mais veículos militares avançam para nós enquanto jatos gritam na nossa direção. É m uito reforço para com bater.

— Qual é o plano, então? — sussurro. Estam os sendo cercados. O

pensamento esgota o choque e a adrenalina, me deixando alerta. Tudo isso por mim. Corpos por toda parte, vermelhos e prateados. Que desperdício.

A mão de Cal encontra meu rosto, me fazendo virar para olhar para ele.

Apesar da destruição à nossa volta, ele sorri.

— Pela primeira vez, temos os dois.

Enxergo verde no canto do olho. Sinto outra mão agarrar meu braço.

E o mundo vira nada.



DEZENOVE

Evangeline

ELE ESTÁ ATRASADO, e meu coração bate forte, disparando. Luto contra a onda de medo, transformando-a em combustível. Usando a nova energia, estilhaço a moldura dourada de retratos por todo o corredor do palácio. Elas se transformam em fragmentos afiados mortais. O ouro é um metal fraco. Macio.

Maleável. Inútil em uma batalha de verdade. Deixo que caíam. Não tenho tempo ou energia para desperdiçar.

As placas de ródio perolado nos meus braços e pernas vibram com a adrenalina, as bordas brilhantes ondulando com o mercúrio. Prontas para se tornar o que eu precisar para sobreviver. Uma espada, um escudo, uma faca.

Não estou em perigo direto, não neste momento. Mas se Tolly não chegar em um minuto, irei atrás dele, e então certamente estarei.

Ela prometeu, digo a mim mesma.

Parece idiota, o desejo de uma criança boba. Eu devia ser mais esperta do que isso. O único laço no meu mundo é o de sangue; a única verdade é a família.

Um prateado seria capaz de sorrir e concordar com outra Casa, mas as quebras da promessa no minuto seguinte. Mare Barrow não é prateada — deveria ter meus honras do que qualquer um de nós. E deve ao meu irmão, a mim, meus do que nada. Seria justificável que me atasse todos nós. A Casa Sam os não foi gentil com a garota elétrica.

— Tem os um cronograma, Evangeline — Wren resmungando perto de mim.

Ela coloca uma mão no peito, fazendo o máximo para não piorar uma queimadura já séria. A curandeira de pele não foi rápida o bastante para evitar todo o poder de Mare. Mas fez o que precisava ser feito, isso é tudo o que importa. Agora a garota elétrica está livre para causar tanto estrago quanto quiser.

— Vou dar a ele mais um minuto.

O corredor parece se estender à minha frente, ficando mais longo a cada segundo. Deste lado do palácio, mal conseguimos ouvir a batalha na praça. As janelas dão para um pátio tranquilo, apenas com nuvens tempestuosas no céu. Se

eu quisesse, poderia fingir que este é só mais um dia do meu tormento habitual.

Todos sorrindo com suas presas, circundando um trono cada vez mais letal. Eu achava que o fim da rainha seria o fim do perigo. Não costumava subestimar a maldade de ninguém, mas com certeza o fiz com Maven. Ele tem mais da mãe do que qualquer um de nós tinha

percebido, além de sua própria monstruosidade.

Mas não preciso mais sofrer nas mãos desse monstro, graças às minhas cores. Quando estivermos em casa, vou me andar um presente para a princesa de Lakeland por assim ir me eu posto ao seu lado.

Maven já deve estar longe, levado à segurança por seu trem. Eu deixei os recém-casados no Tesouro. Mas a obsessão nojenta de Maven por Mare talvez tenha sido mais forte. É impossível prever o que o garoto vai fazer quando ela está envolvida. Até onde sei, pode ter voltado para encontrá-la. Pode estar morto.

Com certeza espero que esteja lá. Isso tornaria os próximos passos infinitamente mais fáceis.

Conheço minha mãe e meu pai muito bem para me preocupar com eles. Aí da pessoa, prateada ou vermelha, que desafiar meu pai no com bate. E minha mãe tem seu próprio plano de contingência. O ataque ao casamento não foi surpresa para nenhum de nós. A Casa Samos está preparada. Contanto que Tolly siga o plano. Meu irmão tem dificuldade de abandonar a luta e é muito impulsivo. Outro homem impossível de prever. Não devem os ferir os rebeldes ou impedir seu progresso de forma alguma. São ordens do meu pai, e espero que meu irmão obedeça.

Vamos ficar bem. Respiro fundo, me agarrando a essas três palavras. Elas não acalmam meus nervos. Quero me livrar deste lugar. Quero ir para casa.

Quero ver Elane de novo. Quero que Tolly surja pelo corredor a salvo e inteiro.

Mas ele mal pode andar.

— Ptolemus! — grito, esquecendo todos os medos meus um quando ele aparece.

Seu sangue se destaca, em contraste com a armadura de metal preto, a prata espalhada pelo peito com o tinta. Sinto o gosto do ferro, o cheiro penetrante do metal. Sem pensar, puxo sua armadura, trazendo-o com ela. Antes que caia, encosto meu peito no dele, servindo de apoio. Ele está quase fraco demais para ficar de pé, quanto mais correr. Um terror congelante atravessa minha espinha.

— Você está atrasado — sussurro, recebendo um sorriso dolorido em resposta. Meu irmão está bem o suficiente para me antever o senso de

hum or.

Wren com eça a tirar as placas da armadura, mas não é tão rápida quanto eu. Com mais um movimento brusco das mãos, o metal cai de seu corpo com alguns ecos estridentes. Meus olhos voam até o peito de meu irmão, esperando ver um ferimento sério. Não há nada além de alguns cortes superficiais, nenhum deles grave o suficiente para abater alguém com o ele.

— Perda de sangue — Wren explica. A curandeira de pele coloca meu irmão de joelhos, segurando seu braço esquerdo no ar, e ele reclama de dor. Fico firme ao seu lado, agachada com ele. — Não tenho tempo para curar isto.

Isto. Corro os olhos pelo braço de Ptolemus, pela pele branca, agora cinza e preta com os ferimentos abertos. Termina em um toco sangrento, brusco. Ele perdeu a mão. Um corte limpo no pulso. Sangue prata escorre preguiçoso das

veias partidas, apesar das poucas tentativas de cobrir a ferida.

— Você tem que curar — Ptolemus diz entredentes, sua voz rouca em agonia.

Concordo, mexendo a cabeça fervorosamente.

— Wren, só vai levar alguns minutos.

Todo o agnetron já perdeu pelo menos um dedo. Brincam os com facas desde que aprendem os a andar. Sabem os quão rápido podem os ser regenerados.

— Se ele quiser usar essa mão de novo, vai ouvir o que estou dizendo — ela responde. — É muito complicado para fazer com pressa. Posso selar a ferida por enquanto.

Ele solta mais um gemido reprimido, sufocando a ideia e a dor.

— Wren! — im ploro.

Ela não cede.

— Por enquanto!

Seus belos olhos, com o cinza dos Skonos, penetram nos meus, em advertência. Vej-o tem ali, e não é para menos. Há alguns minutos ela me viu assassinar quatro guardas e libertar uma prisioneira da

Coroa. É cúmplice da traição da Casa Sam os.

— Está bem . — Aperto os ombros de Tolly, im plorando que ouça. — Por enquanto. Assim que estiverm os fora de perigo, ela vai consertar você.

Ele não responde, só assente com a cabeça enquanto Wren começa a trabalhar. Tolly olha para o outro lado, incapaz de assistir à pele crescer em seu pulso, selando as veias e os ossos. É rápido. Dedos escuros dançam por sua pele pálida enquanto ela fecha a ferida. É fácil recriar pele, ou pelo menos foi o que me disseram . Nervos e ossos são meus com plexos.

Tento ao máximo o distraí-lo.

— Quem foi?

— Outro mentron. De Lakeland. — Cada palavra sai com dificuldade.

— Ele me viu deixando a batalha e me cortou antes que eu pudesse reagir.

Os nobres de Lakeland. Idiotas naquela terra congelada. Sisudos naquele azul horrível. E pensar que Maven trocou o poder da Casa Sam os por eles.

— Espero que tenha retribuído o favor.

— Ele não tem meus cabelos.

— Serve.

— Pronto — Wren diz, finalizando o trabalho no pulso. Ela corre as mãos pelo braço do meu irmão, descendo em seguida até a base da coluna. — Vou estimular sua medula e os rins, aumentando a produção sanguínea o máximo que posso. Mas você vai continuar fraco.

— Tudo bem , contanto que eu consiga andar. — Ele já parece mais forte.

— Me ajude a levantar, Evie.

Obedeço, colocando seu braço bom sobre meus ombros. Ele é pesado, quase um peso morto.

— Você precisa com er m enos sobrem esa — resm ungo. — Vam os, venha com igo. — Tolly faz o que pode, forçando um pé depois do outro. Muito m ais lento do que eu gostaria. — Muito bem — falo baixo, estendendo a m ão na direção da arm adura descartada. Ela se achata e form a um a folha de aço.

— Sinto m uito, Tolly.

Faço com que ele deite sobre ela, usando m eu poder para erguer o aço com o um a m aca.

— Eu posso andar... — ele protesta, sem forças. — Você precisa da sua concentração.

— Então se concentre por nós dois — respondo. — Os hom ens são inúteis quando estão feridos, não são?

Mantê-lo no ar com prom ete um pouco do m eu poder, m as não todo. Corro o m ais rápido que posso, com um a m ão controlando a folha de m etal. Ela m e acom panha em um a corrente invisível, e Wren segue do outro lado.

Sinto todo o m etal dentro dos lim ites da m inha percepção. Noto cada pedaço conform e avançam os, arquivando-os por instinto. Fios de cobre — um garrote para estrangulam ento. Fechaduras e dobradiças — dardos ou balas.

Caixilhos de j anelas — adagas de vidro com cabos de aço. Meu pai costum ava m e testar, até que isso se tornou natural. Passei a não conseguir m ais entrar em um côm odo sem categorizar suas arm as. A Casa Sam os nunca é pega de surpresa.

Meu pai planej ou nossa fuga de Archeon. Passando pelos quartéis e descendo as colinas ao norte até chegar aos barcos esperando no rio. De m etal, construídos para serem especialm ente velozes e silenciosos. Sob nosso controle, vão cortar a água com o agulhas cortam a pele.

Estam os atrasados, m as só alguns m inutos. No m eio do caos, horas vão se passar até alguém da corte de Maven perceber que a Casa Sam os desapareceu.

Não duvido que outras Casas aproveitem a oportunidade, com o ratos fugindo num naufrágio. Maven não é o único com um plano de fuga. Na verdade, não ficaria surpresa se cada Casa tivesse um . A corte é um barril de pólvora com o pavio cada vez m ais curto e um rei que

cospe fogo. Só um idiota não esperaria um a explosão.

Meu pai sentiu os ventos mudarem no momento que Maven parou de escutá-lo, assim que ficou claro que se aliar ao rei Calore seria nossa ruína. Sem Elara, ninguém é capaz de segurar Maven. Nem mesmo o meu pai. Então aquela gentinha da Guarda Escarlata ficou mais organizada, tornando-se uma ameaça real, não só uma inconveniência. Eles pareciam crescer a cada dia. Operando em Piedmont e Lakeland, além dos boatos de uma aliança com Montfort mais ao oeste. São muito maiores do que qualquer um de nós imaginava, mais organizados e determinados do que qualquer revolta de que se tenha memória.

Enquanto isso, meu noivo infeliz perdia o controle. Do trono, de sua sanidade, de qualquer coisa que não fosse Mare Barrow.

Ele tentou se livrar dela, ou pelo menos foi o que Elane me contou. Maven sabia tanto quanto qualquer um de nós do perigo de sua obsessão. *Mate-a. Acabe com isso. Livre-se do seu veneno*, ele costumava me urrar. Elane ouvia sem ser percebida, quieta num canto de seus aposentos. Eram só palavras. Ele não conseguia se separar da vermelha. Então foi fácil colocá-la no seu caminho — e tirá-lo do caminho. Com o balançar um pano vermelho na frente de um touro. Ela era seu furacão, e cada vez que deixava-o mais perto do olho da tempestade.

Achei que ela seria uma ferramenta fácil de usar. Um rei distraído torna a rainha

mais poderosa.

Mas Maven me tirou de um posto que era meu por direito. Elane, minha adorável e sombria invisível, contava-me tudo o que se passava durante o dia sob o disfarce da noite. Eram relatórios bastante detalhados. Ainda posso senti-los, me urrados contra minha pele com a lua com o único testemunho. Elane Haven é a garota mais linda que já vi, e fica ainda mais bonita sob a luz da lua.

Depois da Prova Real, prometi a ela uma coroa de consorte. Mas esse sonho desapareceu com o príncipe Tiberias, assim como o meu amor dos sonhos desapareceu com o amor anhecer. *Putinha*. Foi assim que Maven se referiu a ela depois do atentado contra sua vida. Quase o matei bem ali.

Balanço a cabeça, me concentrando na missão atual. Elane pode esperar.

Elane está esperando, com o m eus pais prom eteram . A salvo na nossa casa, escondida em Rift.

Os pátios dos fundos de Archeon se abrem em j ardins floridos, que por sua vez são delim itados pelos m uros do palácio. Algum as cercas de ferro forj ado protegem as flores e os arbustos. Boas para lanças. A patrulha da m uralha e dos j ardins costum ava ser com posta de guardas de várias Casas — dobra-ventos Laris, silfos Iral, observadores Eagrie —, m as as coisas m udaram nos últim os m eses. Laris e Iral opõem -se ao reinado de Maven, ao lado da Casa Haven. E, com a batalha ferrenha e o próprio rei em perigo, os outros guardas do palácio estão espalhados. Olho para cim a através da folhagem , das flores de m agnólia e das cerej eiras claras em contraste com o céu escuro. Figuras de preto rondam os baluartes de diam ante.

Só a Casa Sam os vigia a m uralha.

— Prim os de ferro!

Eles viram na direção da m inha voz, respondendo.

— Prim os de aço!

O suor escorre pelo m eu pescoço conform e o m uro se aproxim a. Devido ao m edo, devido ao esforço. Só m ais alguns m etros. Eu m e preparo, engrossando o m etal perolado das botas, endurecendo os últim os passos.

— Você consegue levantar? — pergunto a Ptolem us, estendendo a m ão para Wren enquanto falo.

Com um gem ido, ele levanta da m aca, obrigando-se a ficar de pé.

— Não sou criança, Eve. Posso andar dez m etros.

Para provar o que diz, o aço preto retorna ao seu corpo em escam as reluzentes.

Se tivéssem os m ais tem po, apontaria os pontos fracos de sua arm adura, que costum a ser perfeita. Buracos nas laterais, costas finas. Mas só aceno com a cabeça.

— Você prim eiro.

Ele ergue o canto da boca, tentando sorrir, para dim inuir m inha preocupação. Suspiro aliviada quando m eu irm ão dispara pelo ar até

o topo do meu uro. Nossos primos lá em cima o pegam habilmente, atraindo-o com seu próprio poder.

— Nossa vez.

Wren agarra meu tronco, protegida em baixo do meu braço. Inspiro, focando na sensação do metal curvado sob meus dedos dos pés, subindo pelas pernas, em volta dos ombros. *Suba*, digo à armadura.

Pow.

A primeira sensação que meu pai me fez em orizar foi a de uma bala.

Dormi com uma no pescoço durante dois anos. Até que se tornou tão familiar para mim quanto minhas cores. Consigo reconhecê-las a cem metros de distância. Conheço seu peso, sua forma, sua composição. Um pedaço tão pequeno de metal é a diferença entre a vida de outra pessoa e a minha morte.

Pode me matar ou me salvar.

Pow, pow, pow. As balas explodindo são como agulhas, afiadas, impossíveis de ignorar. Estão vindo de trás. Meus pés tocam o chão novamente enquanto minha atenção aumenta e minhas mãos se levantam para formar um escudo contra o súbito ataque.

Balas perfurantes, cápsulas de cobre com núcleo de tungstênio e pontas cônicas, desviam diante dos meus olhos, caindo inofensivas na grama. Mais uma rajada vem de pelo menos uma dúzia de armas. Levanto o braço para me proteger. O trovão dos tiros abafa a voz de Tolly gritando lá de cima.

Cada bala esbarra em meu poder, gastando mais um pouco dele, de mim.

Algumas param no ar; outras amassam. Lanço tudo o que posso para criar um casulo de segurança. De cima do meu uro, Tolly e meus primos fazem o mesmo.

Eles aliviam meu esforço o suficiente para que eu seja capaz de ver quem está atirando contra mim.

Trapos vermelhos, olhares duros. A Guarda Escarlata.

Cerro os dentes. Seria fácil lançar as balas que estão na grama contra

seus crânios. Em vez disso, manipulo o tungstênio com o se fosse lã, transformando-o em fios brilhantes o mais rápido possível. É incrivelmente pesado e forte, por isso demanda muita energia. Mais uma gota de suor desce pela minha coluna.

Os fios formam uma rede, acertando os doze rebeldes de frente. No mesmo ovimento, arranco as armas de suas mãos, estilhaçando-as. Wren se agarra a mim, segurando firme, e sinto que estou sendo puxada para trás e para cima, deslizando pelo diamante perfeito.

Tolly me pega, com o sem pre.

— E agora descem os — ele murmura. Sua mão está esmagando meu braço.

Wren engole em seco, se inclinando para a frente para olhar. Ela arregala os olhos.

— Um pouco mais alto desta vez.

Eu sei. São trinta metros de precipício escarpado, depois sessenta caminhando sobre pedras para chegar à beira do rio. *A sombra da ponte*, meu pai disse.

No jardim, os rebeldes se debatem, tentando se libertar da minha rede.

Sinto quando a puxam e em purram, e o metal amassa se partir. Isso me tira a concentração. *Tungstênio*, digo a mim mesma. *Preciso praticar mais.*

— Vam os — digo.

Atrás de mim, o metal vira poeira. Uma coisa pesada e forte, mas quebradiça. Sem a mão de um magnetron, quebra antes de se curvar.

A Casa Samos não fará mais nenhum dos dois.

Não vamos quebrar e não vamos mais nos curvar.

Os barcos cortam a água silenciosamente, deslizando pela superfície.

Estão indo rápido. Nosso único obstáculo é a poluição da Cidade Cinzenta. O

fedor fica no meu cabelo, ainda preso à minha pele mesmo depois de passarmos pela segunda barreira de árvores. Wren sente meu

desconforto e coloca a mão no meu pulso descoberto. Seu toque curativo limpa meus pulmões e acaba com a exaustão. Em purrar aço pela água fica cansativo depois de um tempo.

Minha mãe se debruça na lateral do meu barco, com a mão dentro do Capital, que flui. Alguns bagres sobem com seu toque, os bigodes se entrelaçando em seus dedos. Os animais viscosos não a incomodam, mas eu tremo de nojo.

Ela não fica preocupada com o que eles contam, o que significa que não sentem ninguém nos seguindo. Seu falcão também se mantém alerta no céu. Quando o sol se puser, será substituído por morcegos. Com o que eu esperava, ela não tem nenhum arranhão, nem meu pai. Ele está de pé na proa do barco principal, ditando nosso caminho. Um a figura preta em contraste com o rio azul e as colinas verdes. Sua presença me acalma mais do que o vale tranquilo.

Ninguém fala nada durante vários quilômetros. Nem nossos primos, que costumam ser tagarelas insuportáveis. Eles se concentram em descartar os uniformes. Emblemas de Norte flutuam atrás de nós, enquanto as medalhas e as insígnias brilhantes com jóias afundam na escuridão. Conquistadas as duras penas com sangue Samsos, nossas arcas de nossa aliança e lealdade. Agora perdidas nas profundezas do rio e do passado.

Não pertencem os animais a Norte.

— Então está decidido — sussurro.

Atrás de mim, Tolly endireita a coluna. Seu braço ainda está enfaixado.

Wren não se arrisca a regenerar a mão inteira no rio.

— Houve alguma dúvida?

— Havia alguma escolha? — minha mãe vira para olhar por cima do ombro. Ela se movimenta com a graça de um gato, alongando-se no vestido verde-claro. As borboletas se foram há muito tempo. — Poderiam os controlar um pouco, mas não dá para lidar com a loucura. Assim que Iral decidiu se opor a ele, o jogo foi decidido. E ao escolher a princesa de Lakeland — ela revira os olhos — o próprio Maven cortou o último laço entre nossas Casas.

Quase dou risada na cara dela. Ninguém decide nada pelo pai. Mas não sou burra o suficiente para rir de minha mãe.

— Então as outras Casas vão nos apoiar? Sei que o papai estava negociando isso. — *Enquanto deixava os filhos sozinhos, à mercê da corte cada vez mais volátil de Maven.* Mais palavras que já me ousaria dizer em voz alta a qualquer um dos dois.

Minha mãe as sente mesmo assim.

— Você se saiu bem, Eve — ela fala baixinho, colocando a mão no meu

cabelo. Alguns fios prateados correm por seus dedos molhados. — E você também, Ptolemeus. Entre aquela bagunça em Corvium e a rebelião das Casas, ninguém duvidou da nossa lealdade. Vocês nos comparam um tempo valioso.

Mantenho o foco no aço e na água, ignorando seu toque gelado.

— Espero que tenha valido a pena.

Até hoje, Maven enfrentou várias rebeliões. Sem a Casa Samos, sem nossos recursos, nossas terras, nossos soldados, não poderia ter vencido. Mas até hoje ele não tinha Lakeland. Agora não faço ideia do que vai acontecer. E não gosto nem um pouco dessa sensação. Minha vida tem sido um exemplo de planejamento e paciência. O futuro incerto me assusta.

A oeste, o sol afunda vermelho nas colinas. Vermelho como o cabelo de Elane.

Ela está esperando, digo a mim mesma uma vez. Está segura.

Sua irmã não teve tanta sorte. Mariella sofreu uma morte triste, esvaziada pelo murmurador Merandus. Eu o evitei o máximo que pude, feliz por não saber nada dos planos do meu pai.

Vi a profundidade de sua tortura em Mare. Depois do interrogatório, ela tremia na presença dele com o um cachorro chutado. Foi minha culpa. Eu forcei a mão de Maven. Sem a minha interferência, talvez ele nunca tivesse deixado o murmurador fazer o que queria — mas também teria se afastado completamente de Mare. Não teria ficado tão cego por ela. Mas acabou ficando, com o eu esperava, e a trouxe para perto. Eu queria que afundassem um ao outro.

Seria fácil. Dois inimigos com uma única âncora. Mas ela se recusou a ceder. A garota de quem me lembro, a criada aterrorizada que se fingia de nobre e acreditava em todas as mentiras, teria submetido

a Maven m eses atrás. Mas Mare estava usando um a m áscara diferente. Obedecia suas ordens, sentava ao seu lado, levava um a vida sem liberdade ou poder. E ainda assim m antinha seu orgulho, seu fogo, sua raiva. Sem pre ali, queim ando em seus olhos.

Tenho que respeitá-la por isso. Apesar de ter tirado tanto de m im .

Mare era um lem brete constante do que eu deveria ter sido. Um a princesa.

Um a rainha. Nasci dez m eses depois de Tiberias. Fui criada para m e casar com ele.

Minhas prim eiras m em órias são das cobras da m inha m ãe sibilando em m eus ouvidos, sussurrando seus m urm úrios e prom essas. *Você é filha das presas e do aço. Para que foi criada, se não para governar?* Cada lição na sala de aula ou na arena era um a preparação. *Seja a melhor, a mais forte, a mais inteligente, a mais mortal e a mais esperta. A mais digna.* E eu fui tudo isso.

Reis não são fam osos por sua bondade ou com paixão. A Prova Real não tem o obj etivo de produzir casam entos felizes, m as filhos fortes. Com Cal, eu teria os dois. Ele não teria feito com que eu m e arrependesse nem tentaria m e controlar. Seus olhos eram gentis e atenciosos. Ele era m ais do que esperei a vida inteira. E eu o tinha conseguido com cada gota de sangue derram ado, todo o m eu suor, todas as m inhas lágrim as de dor e frustração. Com cada sacrifício daquilo que m eu coração queria ser.

Na noite anterior à Prova Real, sonhei com com o seria. Meu trono. Meus filhos reais. Subj ugada a ninguém . Nem m esm o ao m eu pai. Tiberias seria m eu

am igo e Elane m inha am ante. Ela se casaria com Tolly, com o planej ado, garantindo que nunca nos separássem os.

Então Mare entrou em nossas vidas e soprou esse sonho com o se fosse feito de areia.

Um dia, cheguei a pensar que o príncipe faria o im pensável. Ia m e dispensar pela Titanos perdida com m odos estranhos e um poder m ais estranho ainda. Em vez disso, ela foi um peão m ortal e tirou m eu rei do tabuleiro. Os cam inhos do destino têm curvas inesperadas. Me pergunto se aquele vidente sabia sobre hoj e. Ele ri do que vê? Queria ter botado as m ãos nele, um a vez que fosse. Odeio não saber.

Nas m argens adiante, gram ados bem cuidados surgem . As pontas da gram a estão tingidas de dourado e verm elho, dando às casas à beira do rio um brilho encantador. A nossa tam bém está próxim a, só m ais um quilôm etro adiante. Dali vam os seguir para o oeste. Em direção ao nosso verdadeiro lar.

Minha m ãe nunca respondeu m inha pergunta.

— E então? Papai conseguiu convencer as outras Casas? — pergunto.

Ela estreita os olhos e seu corpo inteiro se tensiona. Está se enrolando com o um a de suas cobras.

— A Casa Laris j á estava do nosso lado.

Disso eu sabia. Além de controlar a m aior parte da frota aérea de Norta, os dobra-ventos governam Rift. Na verdade, sob nosso com ando. São fantoches fam intos, dispostos a qualquer coisa para m anter nossas m inas de ferro e carvão.

Elane. Casa Haven. Se eles não estiverem do nosso lado...

Lam bo os lábios, secos de repente. Cerro os punhos. O barco ronca sob m eus pés.

— E...

— Iral não concordou com os term os, assim com o m ais da m etade dos Haven. — Minha m ãe bufa. Ela cruza os braços sobre o peito, com o se tivesse sido insultada. — Não se preocupe, Elane não é o problem a. Por favor, pare de esm agar o barco. Não estou a fim de nadar o últim o quilôm etro.

Tolly segura m eu braço de leve. Respirando fundo, percebo que m inha tensão sobre o aço estava m uito forte. A proa se altera, recuperando a form a.

— Perdão — sussurro rápido. — Só estou... confusa. Achei que todos j á tivessem concordado com os term os. Rift se rebelará abertam ente. Iral traz a Casa Lerolan e toda a Delphie. Um estado inteiro se separando.

Minha m ãe olha além de m im , para m eu pai. Ele vira o barco em direção à m argem , e eu o sigo. Nossa casa surge por entre as árvores, ilum inada pelo crepúsculo.

— Houve um a discussão sobre títulos.

— Títulos? — desdenho. — Que idiota. Qual pode ser o argum ento deles?

O aço atinge a pedra, batendo no m uro de contenção que corre pela m argem . Me concentro para segurar firm e o m etal contra a corrente. Wren aj uda Tolly a descer prim eiro, pisando no tapete viçoso de gram a. Minha m ãe fica observando, seu olhar dem orando na m ão que não está ali enquanto m eus prim os descem .

Um a som bra cai sobre nós duas. Meu pai. Ele está em pé atrás dela. Um

vento leve ondula sua capa, brincando com as cam adas de seda preta e linha prateada. Escondido sob ela está um terno de crom o azul tão fino que poderia ser líquido.

— “Não vou m e aj oelhar diante de outro rei ganancioso” — ele sussurra. A voz do m eu pai sem pre foi m acia com o veludo, m ortal com o um predador.

— Foi o que Salin Iral disse.

Ele se abaixa, oferecendo a m ão à m inha m ãe. Ela aceita e desce habilm ente do barco, que nem se m exe, controlado pelo m eu poder.

Outro rei.

— Pai...

A palavra m orre em m inha boca.

— Prim os de ferro! — ele grita, ainda olhando para m im .

Atrás dele, nossos prim os dobram um j oelho. Ptolem us não os acom panha, olhando tão confuso quanto eu. Mem bros de um a Casa não aj oelham uns para os outros. Não assim .

Eles respondem em uníssono, suas vozes ecoando.

— Reis de aço!

Rapidam ente, m eu pai estende a m ão, pegando m eu pulso antes que m eu choque faça o barco trem er.

Seu sussurro é tão baixo que quase não ouço.

— Para o reino de Rift.



VINTE

Mare

O TELEPORTADOR DE UNIFORME VERDE aterrissa com calma, os pés firmes. Fazia muito tempo que eu não via o mundo se espremer e borrar. A última vez foi com Shade. A lembrança repentina dele dói. Somada a meu ferimento e o fluxo nauseante de dor, não é de espantar que eu tenha caído de joelhos. Pontos pretos dançam diante dos meus olhos, amassando-se espalhar e me consumir. Me obrigo a ficar acordada e não vomitar aqui... onde quer que seja.

Antes que eu possa olhar para algo além do metal sob minhas mãos, alguém me puxa para um abraço apertado. Retribuo o máximo que posso.

— Cal — sussurro em seu ouvido, meus lábios roçando sua pele. Ele cheira a fumaça e sangue, calor e suor. Minha cabeça cabe perfeitamente no espaço entre seu pescoço e seu ombro.

Ele vacila em meus braços, tremendo. Até sua respiração oscila. Está pensando o mesmo que eu.

Isso não pode ser real.

Devagar, Cal se afasta, levando as mãos ao meu rosto. Ele observa-me eu olhar e repara em cada centímetro do meu corpo. Faço o mesmo, buscando o truque, a mentira, a traição. Talvez Maven tenha sanguenovos metidos orfãos com o Nanny. Talvez seja outra alucinação de um Merandus. Posso acordar no trem, sob o olhar gelado do rei e o sorriso cortante de Evangeline. O casamento, minha fuga, a batalha — talvez tudo não tenha passado de uma piada terrível. Mas Cal parece real.

Está mais pálido do que lembro, com o cabelo curto. Enrolaria com o de Maven se tivesse chance. A barba por fazer contorna suas bochechas, e há alguns cortes pequenos na linha do queixo. Está mais magro, mas os músculos parecem mais rígidos sob meu toque. Só seus olhos continuam os mesmos. Cor de bronze, dourado-averm

elhados, com o o ferro sob o calor ardente.

Eu tam bém estou diferente. Um esqueleto, um fantasm a. Ele enrola um a m echa do m eu cabelo nos dedos, vendo o m arom esvanecer em um cinza

frágil. Então toca m inhas cicatrizes. No pescoço, nas costas e então a m arca sob o vestido arruinado. Seus dedos são gentis, principalm ente depois de quase term os destruído um ao outro. Sou com o vidro para ele, um a coisa frágil que pode se quebrar ou desaparecer a qualquer m om ento.

— Sou eu — digo a ele, sussurrando as palavras que nós dois precisam os ouvir. — Estou de volta.

Estou de volta.

— É você, Cal? — pergunto, parecendo um a criança.

Ele faz que sim com a cabeça, sem desviar o olhar.

— Sou eu.

Com o Cal não se m exe, eu tom o a iniciativa, pegando nós dois de surpresa.

Meus lábios encostam nos dele com vontade, e o puxo m ais para perto. Seu calor cai sobre m eus om bros com o um cobertor. Me esforço para que m inhas faíscas não façam o m esm o. Ainda assim , os pelos da sua nuca se arrepiam , respondendo à corrente elétrica no ar. Nenhum de nós fecha os olhos. Ainda pode ser um sonho.

Ele se recupera, tirando m eus pés do chão. Um a dúzia de rostos finge não olhar. Não ligo. Que olhem . Não sinto nenhum a vergonha. Já fui obrigada a fazer coisa m uito pior diante de um a m ultidão.

Estam os em um j ato. A fuselagem longa, o ronco dos m otores e as nuvens passando não deixam dúvida. Isso sem falar no ronronar delicioso da eletricidade pulsando pelos fios por toda parte. Estendo a m ão, encostando a palm a no m etal curvado e frio da parede do j ato. Seria fácil beber o pulso rítm ico, trazê-lo para dentro de m im . Por m ais que queira m e esbaldar nessa sensação, acabaria m uito m al.

Cal não tira a m ão da m inha cintura. Ele vira para olhar por cim a do om bro. Dirige-se a um a das pessoas nos assentos.

— Curandeiro Reese, ela prim eiro — ele diz.

— Claro.

Meu sorriso desaparece no instante em que um hom em desconhecido coloca a m ão em m im . Seus dedos se fecham em volta do m eu pulso. O toque parece errado, pesado. Com o pedra. Algem as. Sem pensar, em purro-o e dou um pulo para trás, com o se tivesse m e queim ado. O horror m e corrói por dentro, e faíscas saem dos m eus dedos. Rostos passam diante dos m eus olhos, encobrimdo m inha visão. Maven, Sam son, os guardas Arven, com m ãos pesadas e olhos duros. No teto, as luzes piscam .

O curandeiro ruivo recua, dando um grito, enquanto Cal tenta acalm ar as coisas.

— Mare, ele vai tratar suas feridas. É um sanguenovo. Está do nosso lado.

Ele coloca a m ão na parede ao lado do m eu rosto, m e protegendo. De repente o j ato fica pequeno, e o ar parece rançoso e sufocante. O peso das algem as se foi, m as não o esqueci. Ainda as sinto nos pulsos e tornozelos.

As luzes piscam de novo. Engulo em seco, fechando bem os olhos, tentando m e concentrar. Manter o controle. Meu coração acelera, e os batim entos parecem trovões. Inspiro o ar entre dentes cerrados, tentando m e tranquilizar.

Você está segura. Está com Cal, com a Guarda. Está tudo bem.

Ele coloca as m ãos no m eu rosto de novo, im plorando.

— Abra os olhos, olhe para m im . — Todos os dem ais perm anecem em silêncio. — Mare, ninguém vai m achucar você aqui. Acabou. Olhe para m im !

Ouç o desespero em sua voz. Ele sabe tão bem quanto eu o que pode acontecer com o j ato se eu perder o controle.

A aeronave oscila sob m eus pés, em um declínio constante para que estej am os m ais perto do chão caso o pior aconteça. Tensa, m e obrigo a abrir os olhos.

Olhe para mim.

Maven disse essas palavras um dia. Em Harbor Bay. Quando o sonador am eçou m e partir ao m eio. Ouço Maven na voz de Cal, vej o-o no rosto dele.

Não, eu fugi de você. Eu fugi. Mas o j ovem rei está por toda parte.

Cal solta um suspiro, exausto e dolorido.

— Cam eron.

O nom e m e faz arregalar os olhos. Bato os dois punhos no peito de Cal. Ele dá um passo para trás, surpreso com a força. Um tom prateado surge em seu rosto. Cal franze as sobrancelhas, confuso.

Atrás dele, Cam eron m antém um a m ão no assento, balançando com o m ovim ento do j ato. Ela parece forte. Está vestindo um colete tático grosso e suas tranças estão bem presas. Seus olhos castanhos profundos penetram os m eus.

— Isso não. — Im plorar é natural para m im . — Tudo m enos isso. Por favor. Não posso... não posso m e sentir assim de novo.

A asfixia do silêncio. A m orte lenta. Passei seis m eses sob esse peso e agora, quando m e sinto eu m esm a de novo, talvez não sobreviva a m ais um instante sob ele. Um sopro de liberdade entre duas prisões seria só m ais um a tortura.

Cam eron m antém as m ãos ao lado do corpo, os dedos longos e escuros parados. Esperando para atacar. Ela tam bém m udou nesses dois m eses. Seu fogo não desapareceu, m as agora é direcionado, tem foco. Propósito.

— Tudo bem — Cam eron responde. Com m ovim entos deliberados, cruza os braços, guardando as m ãos letais. Quase caio, aliviada. — É bom ver você, Mare.

Meu coração ainda está m artelando, o suficiente para m e deixar sem ar, m as as luzes param de piscar. Abaixo a cabeça, m ais um a vez aliviada.

— Obrigada.

Ao m eu lado, Cal observa som brio. Um m úsculo se tensiona em seu rosto.

Não sei dizer o que está pensando. Mas posso adivinhar. Passei seis m

esses rodeada de mim e dos outros, e não esqueci com o que é a sensação de ser um .

Devagar, me deixo cair em um assento vazio, apoiando as mãos nos joelhos. Então entrelaço os dedos. Então sento em cima das mãos. Não sei o que parece me encolher. Furiosa com isso me esmago, olho fixo para o metal sob meus pés. De repente, me sinto desconfortável com a joia aqueta me irritar e o vestido destruído, rasgado em quase todas as costuras, e com o frio que faz aqui dentro.

O curandeiro percebe e coloca um cobertor sobre meus ombros. Ele se move sem parar, cumprindo sua função. Quando trocam os olhares, abre um leve sorriso.

— Acontece o tempo todo — ele sussurra.

Forço um sorriso, um sorriso.

— Vão cuidar de mim achucado, tudo bem ?

Enquanto me viro para mostrar o corte longo nas superfícies nas costelas, Cal senta ao meu lado. Ele também me oferece um sorriso.

Sinto muito, diz apenas me olhando os lábios.

Sinto muito, respondo da mesma forma.

Mas não tenho motivos para pedir desculpas. Pela primeira vez. Passei por coisas horríveis e fiz coisas horríveis para sobreviver. É mais fácil assim . Por enquanto.

Não sei por que finjo dormir. Enquanto o curandeiro trabalha, meus olhos se fecham e ficam assim durante horas. Sonhei tanto com esse momento que é quase avassalador. A única coisa que consigo fazer é encostar na poltrona e respirar calmamente. Me sinto como um bom bafo. Nada de movimentos repentinos. Cal fica ao meu lado, a perna encostada na minha. Ouço sempre de vez em quando, mas ele não fala com os outros. Nem com eles. A atenção deles está focada em mim .

Uma parte de mim quer conversar. Perguntar sobre minha família. Kilorn.

Farley. O que aconteceu antes, o que está acontecendo agora. Para onde estão indo. Não consigo fazer mais do que pensar nessas palavras. Só há energia suficiente em mim para sentir alívio. Um

alívio fresco e tranquilizador. Cal está vivo; Cameron está viva. Eu estou viva.

Os outros sussurram, me antendo a voz baixa em sinal de respeito. Ou só não querem me acordar e arriscar outro incidente elétrico.

Ouvir a conversa alheia é instintivo a essa altura. Capto algum as palavras, o suficiente para esboçar um panorama nebuloso. *Guarda Escarlata, sucesso tático, Montfort*. A última me faz pensar. Mal consigo lembrar dos gemidos sangüíneos da nação distante. O rosto deles é um borrão na minha memória. Mas com certeza lembro do que ofereceram. Um porto seguro para os sangüíneos, desde que eu os acolhasse. Fiquei inquieta na época e ainda fico. Se fizeram uma aliança com a Guarda Escarlata, qual foi o preço? Meu corpo fica tenso ao pensar nisso. Montfort me quer para algum coisa, isso é claro. E parece ter ajudado me no resgate.

Com a mente, toco de leve a eletricidade do jacketo, deixando que se conecte com a eletricidade dentro de mim. Alguma coisa me diz que essa batalha ainda não terminou.

O jacketo aterrisa suave depois que o sol se põe. A sensação me assusta, mas Cal reage com os reflexos de um gato, tocando meu pulso. Me retraio de novo com o pico de adrenalina.

— Desculpe — ele gagueja. — Eu...

Apesar do estômago se revirando, eu me obrigo a ficar calma. Coloco as mãos em seus pulsos, esfregando os dedos no metal de seu bracelete.

— Ele me mantém acorrentada. Com algemas de Pedra Silenciosa, noite e

dia — sussurro. Seguro meus braços forte, fazendo-o sentir um pouco do que lembro.

— Não consigo tirar isso da cabeça.

Suas sobrancelhas se curvam sobre os olhos escuros. Conheço muito bem a dor, mas não encontro forças para vê-la em Cal. Olho para baixo, correndo o dedo por sua pele quente. Mais um lembrete de que ele está aqui, assim como eu.

Não importa o que aconteça.

Cal se vira, m ovim entando-se com sua elegância letal, até eu segurar sua m ão. Nossos dedos se entrelaçam .

— Eu queria poder te aj udar a esquecer — ele diz.

— Isso não aj udaria em nada.

— Eu sei, m as m esm o assim .

Cam eron observa do outro lado do corredor, com um a perna agitada cruzada sobre a outra. Parece quase se divertir quando olho para ela.

— Incrível — diz.

Tento não m e irritar. Meu relacionam ento com ela, em bora curto, não foi exatam ente fácil. Em retrospectiva, sei que a culpa foi m inha. Mais um erro na longa lista que quero desesperadam ente consertar.

— O quê?

Sorrindo, ela solta o cinto e levanta enquanto o j ato desacelera.

— Você ainda não perguntou para onde estão os indo.

— Qualquer lugar é melhor do que onde eu estava. — Lanço um olhar profundo para Cal e afasto a mão para me exercitar na fivela do meu cinto. — E achei que alguém ia acabar dizendo.

Cal dá de ombros enquanto levanta.

— Estava esperando a hora certa. Não queria sobrecarregar você.

Pela primeira vez em muito tempo, dou uma risada sincera.

— Que trocadilho horrível.

Seu sorriso largo encontra o meu.

— Deu certo.

— Vocês são insuportáveis — Cameron resmungou.

Depois de tirar o cinto, me aproximo dela, hesitante. Cameron percebe minha apreensão e enfiava as mãos no bolso. Não costumava recuar ou pegar leve, mas faz isso por mim. Não a vi na batalha e seria idiota se não percebesse seu real propósito. Ela está no jeito para ficar de olho em mim, com o um balde de água ao lado da fogueira, caso o fogo saia do controle.

Devagar, envolvo seus ombros com os braços, em um abraço forte. Digo a mim mesma para não estremecer com o toque de sua pele. *Ela pode controlar.*

Não vai permitir que o silêncio te toque.

— Obrigada por estar aqui — digo, com sinceridade.

Cameron assente com a cabeça, o queixo quase encostando no topo da minha cabeça. Ela é tão alta. Ou ainda está crescendo ou com efeito de encolher.

Pode ser qualquer um dos dois.

— Agora me diga onde estão os — continuo, me afastando. — E o que foi que eu perdi.

Ela aponta com o queixo para a cauda do avião. Com o velho Abutre, este jeito tem uma entrada em rampa, que desce com um

ruído pneumático. O

curandeiro Reese lidera a saída. Nós o acompanham os, alguns passos atrás. Fico tensa enquanto saímos, sem saber o que esperar do lado de fora.

— Tem os sorte — Cameron diz. — Vão os conhecer Piedmont.

— Piedmont? — Olho para Cal, incapaz de esconder o choque e a confusão.

Ele dá de ombros. O desconforto aparece em seu rosto.

— Eu não sabia até estar tudo acertado. Eles não nos disseram muita coisa.

— Nunca dizem .

É assim que a Guarda funciona, com o seu antem um passo à frente de prateados com o Samson ou Elara. Cada um sabe exatamente o que precisa saber, nada mais. É preciso muita confiança, ou tolice, para seguir ordens assim .

Desço a rampa, cada passo mais leve que o anterior. Sem o peso morto das algemas, sinto com o se pudesse voar. Os outros seguem à nossa frente e se juntam a uma multidão de soldados.

— A divisão da Guarda Escarlate de Piedmont, certo? Parece grande.

— Com o assim ? — Cal sussurra em meu ouvido. Por cima do ombro dele, Cameron olha para nós, igualmente confusa. Olho para um e para o outro, procurando a coisa certa a dizer. Escolho a verdade.

— É por isso que estão os em Piedmont. A Guarda tem operado aqui com o em Norte e em Lakeland. — As palavras dos príncipes de Piedmont, Daraeus e Alexandret, ecoam na minha cabeça.

Cal fica me olhando por um instante, antes de virar e olhar para Cameron.

— Você soube de alguma coisa por Farley ?

Cameron bate o dedo nos lábios.

— Ela não disse nada. Duvido que saiba. Ou tenha permissão para me contar.

O tom deles me muda. Fica mais sério, pragmático. Não gostam um do outro.

Comeron, eu entendo. Mas Cal? Ele foi criado com o um príncipe meimado. Nem a Guarda Escarlata poderia apagar todos os resquícios disso.

— Minha família está aqui? — Fico mais sério também. — Pelo menos isso vocês sabem?

— Claro — Cal responde. Ele não sabe me entender muito bem, então sei que fala a verdade. — Eles me garantiram. Vieram de Trial com o resto da equipe do coronel.

— Ótimo. Vou vê-los assim que possível.

O ar de Piedmont é quente, pesado, grudado. Com o um verão intenso, em bora ainda seja a primavera. Nunca com esse calor tão rápido. Até a brisa é quente, sem oferecer nenhum alívio enquanto passa por cima do concreto pelado. A pista de pouso é inundada de holofotes, tão brilhantes que quase não consigo ver as estrelas. À distância, mais jatos chegam. Alguns são verdes, com os que vi na Praça de César. Naves com o o Abutre e também mais maiores, de carga.

Montfort. Os pontos se ligam no meu cérebro. *O triângulo branco nas asas é sua marca.* Já vi isso antes, em Tuck, nas caixas de equipamentos e nos uniformes dos gemelos. Salpicados entre as naves de Montfort há jatos azuis, amarelos e brancos, com as asas listradas. Tudo à nossa volta é bem organizado e, a julgar pelos hangares e demais construções, bem financiado.

Claramente, estamos em uma base militar, e não do tipo com que a Guarda

Escarlata está acostumada.

Tanto Cal quanto Comeron parecem tão surpresos quanto eu.

— Acabei de passar seis meses com o prisioneiro e vocês estão me dizendo que sei mais sobre as operações do que vocês? — repreendo.

Cal parece encabulado. Ele é um general; é um prateado; nasceu príncipe.

Ficar confuso e perdido é muito perturbador para ele.

Cam eron se irrita.

— Dem orou só algum as horas para você retom ar o ar de superioridade.

Deve ser um novo recorde.

Ela está certa, e isso dói. Corro para alcançá-la, e Cal m e acom panha.

— Eu só... desculpa. Achei que isso seria m ais fácil.

Um a m ão esquent a m inha cintura, acalm ando m eus m úsculos.

— O que você sabe que nós não sabem os? — Cal pergunta, a voz insuportavelm ente suave. Parte de m im quer chacoalhá-lo. Não sou um a boneca, nem de Maven nem de ninguém , e estou no controle agora. Não preciso ser m anipulada. Mas o resto de m im aprecia o cuidado. É m elhor do que qualquer outra coisa que eu tenha vivido em tanto tem po.

Não interrom po o passo, m as m antenho a voz baixa.

— No dia em que a Casa Irál e as outras tentaram m atar Maven, ele estava dando um banquete para dois príncipes de Piedm ont. Daraeus e Alexandret. Eles m e questionaram , perguntando sobre a Guarda Escarlata e suas operações neste reino. Algo sobre um príncipe e um a princesa. — Minha m em ória com eça a voltar. — Charlotta e Michael. Eles estão desaparecidos.

Um a nuvem escura atravessa o rosto de Cal.

— Soubem os que os príncipes estavam em Archeon. Alexandret m orreu na tentativa de assassinato.

Pisco, surpresa.

— Com o vocês...

— Vigiam os você o m áxim o que podem os — Cal explica. — Estava nos relatórios.

Relatórios. A palavra gira na m inha cabeça.

— Foi por isso que Nanny se infiltrou na Corte? Para ficar de olho em m im ?

— Isso foi m inha culpa. — Cal desabafa. Ele olha para baixo. — De m

ais ninguém .

Ao seu lado, Cameron fecha a cara.

— Foi mesmo.

— Srta. Barrow!

A voz não é uma surpresa. Aonde a Guarda Escarlate vai, o coronel vai também . Ele parece quase o mesmo de sempre: aflito, desagradável e bruto, o cabelo loiro bem claro e curto, o rosto marcado pelo estresse prematuro e um olho coberto por uma camada permanente de sangue escarlate. As únicas mudanças são o cabelo mais grisalho, o nariz queimado de sol e mais sardas nos braços. O homem de Lakeland não está acostumado com o clima de Piedmont e está aqui há tempo suficiente para ser afetado.

Soldados de Lakeland, cujos uniformes são uma mistura de vermelho e azul, o acampanham dos dois lados. Outros dois de uniforme verde também .

Reconheço Rash e Tahir à distância, andando no mesmo passo. Farley não está com eles. E ela não costuma fugir da raia — a não ser que não tenha conseguido sair de Norte. Engulo esse pensamento e me concentro em seu pai.

— Coronel. — Abaixo a cabeça em um cumprimento.

Ele me surpreende ao estender a mão calçada.

— É bom ver você inteira — diz.

— Tão inteira quanto possível.

Isso o perturba. O coronel tosse, olhando para nós três. É uma situação complicada para um homem que tem e o que somos.

— Vou ver minha família agora.

Não há motivo para pedir licença. Quando vou passar por ele, suas mãos me interrompem , frias. Desta vez, luto contra o impulso de recuar. Ninguém mais vai me ver com medo. Não agora. Em vez disso, sustento seu olhar, e o faço perceber exatamente o que está fazendo.

— Essa decisão não foi minha — ele diz com firmeza e levanta as sobrancelhas, imitando-me que eu o ouço. Então inclina a cabeça.

Atrás dele, Rash e Tahir acenam para mim com a cabeça.

— Srta. Barrow...

— Fomos os instruídos...

— ... a acompanhar a...

— ... em seu interrogatório.

Os olhos deles piscam em sincronia, terminando o discurso enlouquecedor.

Com o coronel, eles suam com a mesma idade, o que faz a barba preta e a pele ocre idênticas brilharem.

Em vez de socar os dois, com o que queria fazer, dou um passo para trás.

Interrogatório. A ideia de explicar tudo o que passei para algum soldado me faz querer gritar, fugir, ou os dois.

Cal fica entre nós, ao mesmo tempo para me alertar algum golpe que eu possa desferir.

— Vocês vão me esmagar? — O tom é de descrença e alerta. — Com certeza pode esperar.

O coronel solta um suspiro lento, parecendo extremamente irritado.

— Pode parecer cruel — ele lança um olhar para os olhos de Montfort —, mas você tem informações vitais sobre nossos inimigos. Essas são nossas ordens, Barrow. — Sua voz fica mais suave. — Eu gostaria que fossem diferentes.

Com um toque suave, me puxo para o lado.

— Eu... vou... ver... minha... família... agora! — grito, olhando de um olho insuportável para o outro. Eles só franzem a testa.

— Que grossa — Rash resmunga.

— Muito grossa — Tahir resmunga de volta.

Cameron disfarça uma risada tossindo.

— Não a provoquem — ela avisa. — Vou fingir que não vi nada se a tempestade de raios chegar.

— As ordens podem esperar — Cal com pleta, usando todo o seu treinam ento m ilitar para parecer im ponente, ainda que tenha pouca autoridade

aqui. A Guarda Escarlata o vê com o um a arm a e nada m ais. Sei disso porque costum ava vê-lo da m esm a form a.

Os gêm eos não arredam o pé. Rash estoura, em pertigando-se com o um pássaro quando eriça as penas.

— Você certam ente tem tantos m otivos quanto qualquer um para querer a queda do rei.

— Você certam ente sabe qual é a m elhor m aneira de derrotá-lo — Tahir continua.

Eles não estão errados. Vi as feridas m ais profundas e as partes m ais obscuras de Maven. Sei onde acertar para fazê-lo sangrar m ais. Mas, neste m om ento, com todos que am o tão perto, não consigo nem enxergar as coisas com clareza. Se alguém acorrentasse Maven na m inha frente agora, eu não pararia para chutar sua cara.

— Não m e im porta quem está segurando sua coleira. De nenhum de vocês.

— Desvio deles, decidida. — Digam que esperem .

Os irm ãos trocam olhares. Eles conversam em pensam ento, discutindo. Eu daria as costas e seguiria em frente se soubesse para onde ir, m as não tenho ideia.

Minha cabeça j á está focada em m inha m ãe, m eu pai, Gisa, Tram y e Bree. Im agino-os escondidos em m ais um galpão, apertados em um dorm itório m enor do que nossa palafita. O cheiro da com ida ruim da m am ãe dom inando o lugar. A cadeira do papai, os retalhos de Gisa. Tudo isso faz m eu coração doer.

— Posso encontrar m inha fam ília sozinha — digo entredentes, determ inada a deixar os gêm eos para trás.

Mas Rash e Tahir recuam , gesticulando para que eu siga em frente.

— Muito bem ...

— Seu interrogatório será pela m anhã, srta. Barrow.

— Coronel, por favor, acom panhe a srta. Barrow até...

— Sim — o coronel os interrompe incisivo. Fico grata por sua impaciência.

— Venha, Mare.

A base de Piedmont é muito maior do que Tuck, a julgar pelo tamanho da pista de pouso. No escuro é difícil dizer, mas lembrei-me o Forte Patriota, o quartel-general de Norte em Harbor Bay. Os hangares são maiores, há mais aeronaves. Os homens do coronel nos levam em um veículo aberto até nosso destino. Com alguns dos jatos, as laterais têm listras amarelas e brancas. Tuck eu entendia. Um a base abandonada, esquecida, provavelmente conquistada pela Guarda Escarlata com facilidade. Mas este lugar não é nada disso.

— Onde está Kilorn? — resmungo baixinho, cutucando Cal ao meu lado.

— Com sua família, imagino. Ficou alternando entre eles e os sangüenovelos maior parte do tempo.

Porque não tem família.

Diminuo ainda mais o tom de voz, para que o coronel não ouça.

— E Farley ?

Cameron responde antes de Cal, com os olhos estranhamente gentis.

— Ela está no hospital, mas não se preocupe. Ela não foi para Archeon; não está ferida. Vocês vão se ver logo. — Ela pisca rápido, escolhendo as palavras com cuidado. — Temos muito o que conversar.

— Ótimo.

O ar quente me agarra com seus dedos pegajosos, emaranhando meu cabelo. Mal consigo ficar quieta no banco, de tão ansiosa e nervosa. Quando fui levada, Shade tinha acabado de me orrear... por minha causa. Eu não culparia ninguém, muito menos Farley, se me odiassem por isso. O tempo nem sempre cura as feridas. De vez em quando, faz com que fiquem piores.

Cal mantém um apoio na minha perna, um peso firme com o qual me lembre de sua presença. Seus olhos vão de um lado para o outro, reparando em cada curva que o veículo faz. Eu deveria fazer o mesmo. A base de Piedmont é território desconhecido. Mas não consigo fazer mais do que me order o lábio e esperar. Meus nervos se agitam,

m as não por causa da eletricidade. Quando viram os à direita, entrando em um a área de casas alegres de tijolos, sinto que vou explodir.

— São os aposentos dos oficiais — Cal sussurra. — É um a base real.

Financiada pelo governo. Há poucas em Piedmont deste tamanho.

Seu tom me diz que ele está perguntando o mesmo o que eu. *Então por que estamos aqui?*

Paramos na frente da única casa com todas as janelas acesas. Sem pensar, pulo do veículo, quase tropeçando nos tapetes do vestido. Meus olhos se concentram no caminho à frente. Entrada de cascalho, degraus de lajota. A mimsovinha entação atrás das cortinas nas janelas. Só ouço meu coração batendo e o ruído de uma porta se abrindo.

Minha mãe vem primeiro, ultrapassando meus dois irmãos de pernas com pridas. A colisão quase arranca o ar dos meus pulmões, mas não tanto quanto o abraço. Não me importo. Ela poderia quebrar todos os ossos do meu corpo e eu não me importaria.

Bree e Tram y carregam nós duas pelos degraus até o interior da casa.

Gritam alguma coisa enquanto minha mãe sussurra em meu ouvido. Não ouço nada. A felicidade e a alegria dominam todos os meus sentidos. Nunca senti nada assim.

Minha mãe se ajoelha comigo no tapete no meio da sala grande. Fica beijando meu rosto, alternando as bochechas tão rápido que acho que vai deixar minha arca. Gisa se junta a nós, seu cabelo ruivo-escuro queimando no canto da minha visão. Com o coronel, ela tem sardas novas, pontos marrons na pele dourada. Trago-a mais para perto. Ela cresceu.

Tram y sorri para nós, sustentando uma barba escura e bem cuidada.

Sempre queria deixá-la crescer quando era adolescente. Nunca passava de uns tufo irregulares, e Bree o provocava. Agora não. Ele se aproxima por trás de mim, os braços grossos envolvendo minha mãe também. Seu rosto está me olhado.

De repente, percebo que o meu também está.

— Onde está... — com eco a perguntar.

Feliz em ente, não tenho tempo de temer pelo pior. Quando ele aparece, me pergunto se não estou alucinando.

Meu pai se apoia no braço de Kilorn e em uma bengala. Os meses lhe fizeram bem. Refeições frequentes o deixaram mais forte. Ele anda devagar, vindo do quarto ao lado. *Anda*. Seus passos são irregulares, estranhos. Meu pai não tem duas pernas há anos, ou mais do que um pulmão ativo. Presto atenção enquanto ele se aproxima com os olhos brilhando. Nenhum chiado. Nenhum barulho de máquinas ajudando-o a respirar. Nenhum ruído de cadeira de rodas enferrujada. Não sei o que pensar ou dizer. Esqueci com o ele era alto.

Curandeiros. Provavelmente a própria Sara. Agradeço-me às vezes em silêncio, do fundo do coração. Devagar, levanto, apertando a jaqueta militar que me envolve. Há buracos de bala nela. Meu pai olha para eles. Ainda é um soldado.

— Você pode me abraçar, não vou desabar — ele diz.

Mentiroso. Meu pai quase cai quando coloco os braços em volta da sua cintura, mas as pernas de Kilorn o mantêm ereto. Nós nos abraçamos os dois e sinto que não podíamos estar desde que eu era uma garotinha.

As mãos suaves da minha mãe tiram o cabelo do meu rosto, e ela repousa a cabeça ao lado da minha. Fico no meio deles, protegida e segura. Por um instante, esqueço. Nada de Maven, nada de algemas, nada de minha arca. Nada de guerra, nada de rebelião.

Nada de Shade.

Eu não era a única faltando na nossa família. Nada pode me impedir disso.

Ele não está aqui e nunca mais vai estar. Meu irmão está sozinho no desconhecido.

Me recuso a deixar que outro Barrow tenha o mesmo destino.



VINTE E UM

Mare

A ÁGUA DA BANHEIRA FORMA um redemoinho e o aroma e o velho.

Sujeira e sangue. Minha mãe troca a água duas vezes e meu cabelo continua impregnado. Pelo menos o curandeiro no jato cuidou das minhas feridas aparentes, então posso aproveitar a água quente e ensaboada sem sentir mais dor ainda. Gisa está em poleirada em um banco na beirada da banheira, com sua coluna ereta, na postura rígida que aperfeiçoou ao longo dos anos. Ou ela ficou mais bonita ou esses seis meses nublaram minha lembrança do seu rosto. Nariz arrebitado, lábios grossos e olhos escuros brilhantes. Os olhos da nossa mãe. Meus olhos. Os olhos que todos os Barrow têm, exceto Shade. Ele era o único com olhos que lembravam o mel ou ouro. Do pai da minha mãe. Aqueles olhos se foram para sempre.

Afasto as lembranças do meu irmão e olho para a mãe de Gisa. A que eu quebrei com meus erros tolos.

A pele agora está mais acinzentada, os ossos recuperados. Não há nenhuma evidência dos dedos destroçados pela coroa da arma de um agente de segurança.

— Sara — Gisa explica gentilmente, flexionando os dedos.

— Ela fez um bom trabalho. Com o papai também.

— Aquilo levou um ano inteiro. Fazer tudo crescer de novo, da coxa para baixo. E ele ainda está se acostumando. Mas não doeu tanto quanto isto aqui.

— Ela dobra os dedos, sorrindo. — Sabia que ela teve que quebrar de novo estes dois? — Os dedos médio e indicador balançam. — Usou um martelo. Doeu pra cacete.

— Gisa Barrow, seu linguajar é deplorável. — Jogo um pouco de água nos pés dela, que xinga de novo, retraindo os dedos dos pés.

— Culpe a Guarda Escarlate. Parece que passam o tempo todo xingando e pedindo mais bandeiras. — *Isso soa familiar.* Com o Gisa não é de deixar barato, coloca a mãe na banheira e joga água em mim.

Mãe esbraveja conosco. Ela tenta parecer severa, mas falha miseravelmente.

— Parem com isso, vocês duas.

Um a toalha branca felpuda sacode nas m ãos dela, estendida para m im . Por m ais que eu queira passar m ais um a hora m ergulhada na tranquilidade da água quente, quero ainda m ais voltar lá para baixo.

A água form a ondas ao m eu redor enquanto levanto e saio da banheira, m e enrolando na toalha. O sorriso de Gisa hesita um pouco. Minhas cicatrizes são claras com o o dia, pedaços perolados de carne branca sobre a pele escura.

Mesm o m inha m ãe vira o rosto, m e dando m ais um segundo para enrolar a toalha um pouco m elhor, escondendo a m arca na m inha clavícula.

Foco no banheiro em vez de seus rostos envergonhados. Não é tão bom quanto o que eu tinha em Archeon, m as a ausência das Pedras Silenciosas m ais que com pensa. O oficial que viveu aqui antes era um tanto exagerado. As paredes são pintadas em um tom espalhafatoso de laranja, com m olduras brancas com binando com os aparatos de porcelana, incluindo a pia canelada, a banheira profunda e o chuveiro escondido atrás da cortina verde-lim ão. Meu reflexo m e encara do espelho sobre a pia. Pareço um rato afogado, m as bem lim po. Perto da m inha m ãe, vej o nossa sem elhança m ais claram ente. Ela tem ossos pequenos com o eu e o m esm o tom dourado na pele. Só que a dela está m ais cansada, com rugas talhadas pelos anos.

Gisa nos conduz para o corredor, com nossa m ãe nos seguindo e secando m eu cabelo com outra toalha m acia. Elas m e m ostram um quarto azul-bebê com duas cam as confortáveis. É pequeno, m as adequado. Prefiro dorm ir no chão suj o ao côm odo m ais suntuoso do palácio de Maven. Minha m ãe m e enfia com rapidez em um pij am a de algodão, com direito a m eias e um xale m acio.

— Mãe, vou derreter — reclam o com gentileza, desenrolando o xale do pescoço.

Ela o pega de volta com um sorriso e m e beij a de novo nas duas bochechas.

— Só quero deixar você confortável.

— Confie em m im , eu estou — digo, apertando seu braço.

No canto, noto o vestido do casam ento, agora reduzido a trapos. Gisa segue m eu olhar e se envergonha.

— Pensei que poderia salvar um a parte dele — m inha irm ã adm ite,

envergonhada. — São rubis. Não queria desperdiçar.

Parece que ela tem mais dos meus instintos de ladra do que eu imaginava.

E, aparentemente, minha mãe também.

Ela fala antes mesmo de eu dar um passo em direção à porta do quarto.

— Se acha que vou deixar você ficar acordada até altas horas falando de guerra, está completamente enganada. — Para reforçar sua afirmação, ela cruza os braços e para bem no meu caminho. Minha mãe é baixa com o eu, mas é uma trabalhadora. Está longe de ser fraca. Já a vi segurando meus irmãos e sei por experiência própria que vai me colocar na cama à força se precisar.

— Mãe, tem coisas que eu preciso dizer...

— Seu interrogatório é amanhã às oito. Conte tudo lá.

— Também quero saber o que perdi...

— A Guarda Escarlata dominou Corvium. Eles estão trabalhando em Piedmont. Isso é tudo o que qualquer um lá em baixo sabe — minha mãe dispara

com o meu irmão trabalhadora, me empurrando para a cama.

Olho para Gisa pedindo socorro, mas ela recua com as mãos erguidas.

— Não falei com Kilorn...

— Ele com preende.

— Cal...

— Vai ficar bem com seu pai e seus irmãos. Se ele é capaz de atacar a capital, pode lidar com eles.

Com um sorriso, imagino-o esmagado entre Bree e Tramy.

— Além do mais, ele fez tudo o que podia para trazer você de volta para nós — ela acrescenta com um piscadela. — Eles não vão criar nenhum problema com ele, pelo menos não esta noite. Agora vá para a cama e feche os olhos, ou eu fecho para você.

As lâmpadas chamam dentro dos bulbos; a fiação do quarto serpenteia pelos fios elétricos. Nada disso se compara à força da voz da minha mãe. Faço como ela me anda, entrando em baixo das cobertas da cama mais próxima. Para minha surpresa, ela deita do meu lado, me abraçando apertado.

Pela minha ilusão a vez esta noite, beijei a minha bochecha.

— Você não vai a lugar nenhum .

No meu coração, sei que não é verdade.

A guerra está longe de ser vencida.

Mas, pelo menos esta noite, posso ficar.

Os pássaros em Piedmont fazem um algarazgar horrível. Eles piaem e gorjeiam do lado de fora da janela e imitam bandos deles em poleirados nas árvores. É a única explicação para tanto barulho. A parte boa é que nunca ouvi pássaros em Archeon. Mesmo antes de abrir os olhos, sei que ontem não foi um sonho. Sei onde estou acordando e o que vou enfrentar.

Minha mãe levantou cedo com o de costume. Gisa também pouco está aqui, mas não estou sozinha. Coloco a cabeça para fora do quarto e descubro um garoto esguio sentado no topo das escadas, com as pernas esticadas sobre os degraus.

Kilorn fica de pé com um sorriso e abre bem os braços. Existe uma boa chance de eu desmontar com todos os abraços.

— Você dormiu — ele disse. Mesmo depois de seis meses de prisão e portanto, ele não me trata como um animal ferido. Voltamos a ser como antes em um piscar de olhos.

Acerto-o nas costelas com o cotovelo.

— Se você tivesse ajudado...

— Invasões militares e ataques táticos não são exatamente minha especialidade.

— Você tem uma especialidade?

— Além de ser um estorvo? — Ele ri, me acompanhando na descida pelas escadas. Paredes e frigideiras fazem barulho em algum lugar. Sigo o cheiro do bacon fritando. À luz do dia, os sons da casa parecem

am igáveis e não

com binam com um a base m ilitar. As paredes cor de m anteiga e os tapetes de um roxo floral aquecem o corredor central, m as a falta de decoração é um tanto suspeita. Há buracos de pregos no papel de parede. Talvez um a dezena de pinturas tenha sido retirada. Os cômodos por onde passam os — um a sala de visitas e um escritório — tam bém sofrem de escassez de m obília. Ou o oficial que vivia aqui esvaziou a casa ou outra pessoa fez isso por ele.

Pare, digo a m im m esm a. Mereço o direito de não pensar em traições e deslealdades por um m aldito dia. *Você está segura; terminou.* Repito as palavras na m inha cabeça.

Kilorn estende o braço, m e parando na porta da cozinha. Ele se inclina para a frente na m inha direção de um j eito que m e im pede de ignorar seus olhos.

Verdes com o lem brava. Ele estreita os olhos, preocupado.

— Você está bem ?

Norm alm ente, eu acenaria com a cabeça e sorriria diante da insinuação. Já fiz isso m uitas vezes. Afastei as pessoas m ais próximas de m im , achando que podia sangrar sozinha. Nunca m ais. Aquilo m e tornava um a pessoa odiosa, um a pessoa horrível. Mas as palavras que quero pôr para fora não saem . Não para Kilorn. Ele não entenderia.

— Acho que preciso de um a palavra que signifique *sim* e *não* ao m esm o tem po — sussurro olhando para os pés.

Ele coloca a m ão no m eu om bro. Por pouco tem po. Sabe os lim ites que tracei. Kilorn não os ultrapassaria.

— Estarei aqui quando precisar conversar. — Não *se*, m as *quando*. — Não vou sair do seu pé até lá.

Abro um sorriso inseguro.

— Ótim o. — O barulho da gordura fritando estala no ar. — Espero que Bree não tenha com ido tudo.

Com certeza m eu irm ão tentou. Enquanto Tram y aj uda na cozinha, Bree paira sobre os om bros da m inha m ãe, pegando fatias de bacon direto da gordura quente. Ela bate nele enquanto Tram y se diverte,

sorrindo sobre a frigideira com os ovos. Os dois são adultos, mas as parecem crianças, exatamente com o lenho brava.

Gisa está sentada à mesa da cozinha, observando de canto do olho. Fazendo seu melhor para permanecer respeitável. Ela também borla os dedos na mesa de madeira.

Meu pai é mais contido. Está encostado no armário, com a perna nova esticada à frente. Ele me vê antes dos outros e abre um sorriso discreto. Apesar da cena alegre, a tristeza o corrói por dentro.

Sente a falta do nosso pedaço perdido. Aquele que nunca recuperaremos.

Engulo em seco, afastando o fantasma de Shade.

A ausência de Cal também é notória. Não que ele vá ficar longe por muito tempo. Provavelmente está dormindo ou planejando a próxima fase do... do que estiver prestes a acontecer.

— Tem mais gente para comer — resmungo enquanto passo por Bree.

Rapidamente, arranco um bacon dos dedos dele. Seis meses não diminuíram meus reflexos ou meus pulsos. Sorrio para meu irmão enquanto sento ao lado de Gisa, que agora está prendendo o cabelo em um coque perfeito.

Bree faz um careta quando sento, com um prato cheio de torradas com manteiga. Ele não comia tão bem assim no exército ou em Tuck. Com todos nós, está aproveitando a oportunidade.

— É, Tramy, deixa um pouco pra gente.

— Com o se você precisasse — ele retruca, beliscando a bochecha de Bree.

Eles terminam dando tapas um no outro. *Crianças*, penso de novo. *E soldados também.*

Amigos foram recrutados e sobreviveram mais do que eu imaginaria. Alguns diriam que foi sorte, mas eles são fortes. Mais espertos no campo de batalha do que em casa. O sorriso travesso e o comportamento juvenil encobrem o guerreiro que há dentro deles. Por enquanto, fico contente de não precisar ver esse outro lado.

Minha mãe me serve primeiro. Ninguém reclama, nem mesmo o Bree.

Ataco os ovos e o bacon com a xícara de café quente com leite e açúcar. A comida é digna de um nobre prateado, com o eu bem sei.

— Mãe, com o você conseguiu isso? — pergunto entre as garfadas. Gisa faz uma careta, torcendo o nariz para minha boca cheia de comida enquanto falo.

— É a entrega diária — minha mãe responde, jogando uma mecha de cabelo grisalho por cima do ombro. — Esse setor é só de oficiais da Guarda, de alta patente ou relevância... e seus familiares.

— Por “relevância” você quer dizer... — tento ler as entrelinhas — sangüenovos?

Kilorn responde por ela.

— Se forem oficiais, sim. Mas os recrutas sangüenovos vivem nos quartéis, com o resto dos soldados. Acha que é melhor assim. Quanto menos divisão, menos medo. Nunca terem os um exército adequado se a maior parte das tropas tem a pessoa ao lado.

Contra minha vontade, sinto as sobrancelhas se erguerem em surpresa.

— Eu disse que tinha uma especialidade — ele sussurra, piscando.

Minha mãe irradia alegria, colocando outro prato de comida na frente dele.

Ela despenteia seu cabelo com carinho, jogando as mechas castanhas para trás.

Kilorn tenta ajustá-lo de novo.

— Ele tem trabalhado na melhoria das relações entre os sangüenovos e o resto da Guarda Escarlata — ela diz com orgulho. Kilorn tenta esconder sua expressão de vergonha com a mão.

— Warren, se você não vai com ele isso...

Meu pai reage mais rápido que qualquer um de nós, batendo na mão esticada de Tram y com a bengala.

— Tenha m odos, garoto — ele rosna. Então agarra um bacon do m eu prato.

— Muito bom .

— O m elhor que j á com i — Gisa concorda. Com delicadeza m as fam inta, ela ataca os ovos com queij o ralado. — O povo de Montfort entende de com ida.

— Piedm ont — m eu pai corrige. — A com ida e os suprim entos são de Piedm ont.

Arquivo a inform ação e estrem eço instintivam ente. Estou tão acostum ada a dissecar as palavras de todos à m inha volta que faço sem pensar, m esm o com

m inha fam ília. *Você está segura; terminou.* As palavras ecoam na m inha cabeça.

O ritm o delas m e acalm a um pouco.

Meu pai se recusa a sentar.

— E o que você está achando da perna? — pergunto.

Ele coça a cabeça, inquieto.

— Bem , não vou devolver tão cedo — ele diz com um raro sorriso. — Mas dem ora para acostum ar. A curandeira de pele está aj udando quando pode.

— Isso é ótim o.

Nunca m e envergonhei do ferim ento do m eu pai. Significava que ele estava vivo e protegido do recrutam ento. Tantos outros pais, o de Kilorn inclusive, m orreram por um a guerra sem sentido enquanto o m eu sobreviveu. A perna perdida o deixava azedo, descontente, ressentido na cadeira de rodas. Ele franzia a testa m ais do que sorria e era um erem ita am argo na m elhor das hipóteses.

Mas estava vivo. Meu pai m e disse um a vez que era cruel dar esperanças quando não havia nenhum a. Ele não achava que ia andar de novo, voltar a ser o hom em que tinha sido. Agora está de pé com o prova do contrário, de que a esperança, não im porta quão pequena, não im porta quão im possível, pode se tornar realidade.

Na prisão de Maven, fiquei desesperada. Definhei. contei os dias e

desej ei um fim , não im portava qual. Mas tive esperança. Tola e irracional. Às vezes um a faísca solitária, às vezes um a cham a. Tam bém parecia im possível. Exatam ente com o o cam inho que tem os pela frente, passando pela guerra e pela revolução.

Todos poderem os m orrer nos dias que virão. Podem os ser traídos. Ou podem os vencer.

Não faço ideia de com o seria isso ou de que exatam ente devo ter esperança. Só sei que tenho que m antê-la viva. Esse é o único escudo contra a escuridão que tenho dentro de m im .

Olho em volta da m esa da cozinha. Um tem po atrás lam entei que m inha fam ília não m e conhecesse, não entendesse o que eu tinha m e tornado. Pensei que estava separada deles, sozinha, isolada.

Não podia estar m ais errada. Com preendo tudo m elhor agora. Sei quem sou.

Sou Mare Barrow. Não Mareena, não a garota elétrica. Mare.

Meus pais se oferecem discretam ente para m e acom panhar no interrogatório. Gisa tam bém . Recuso. Essa é um a em preitada m ilitar, oficial, pela causa. Será m ais fácil lem brar dos detalhes se m inha m ãe não estiver segurando m inha m ão. Posso ser forte na frente do coronel e dos seus oficiais, m as não na frente dela. Minha m ãe aum enta a chance de eu desm oronar. A fraqueza é aceitável, perdoável, quando se está com a fam ília. Mas não quando vidas e guerras estão em j ogo.

No exato m om ento que o relógio da cozinha m arca oito horas, um veículo aberto para na frente da casa. Vou em silêncio. Apenas Kilorn m e segue, m as

não vai com igo. Ele sabe que não faz parte disso.

— E o que você vai fazer o dia todo? — pergunto enquanto giro a m açaneta de bronze da porta.

Ele dá de om bros.

— Tinha um cronogram a pra seguir em Trial. Treinam ento, um as voltas com os sanguenovos, aulas com Ada. Depois que vim pra cá com seus pais, achei que deveria continuar.

— Um cronogram a — zom bo dele, saindo para o sol. — Você parece

um a lady prateada.

— Bem , quando se é um a beldade com o eu... — ele suspira.

Já está quente. O sol arde no horizonte ao leste. Tiro a j aqueta fina que m inha m ãe m e forçou a vestir. Árvores frondosas se alinham pela rua, disfarçando a base m ilitar com o um bairro de classe alta. A m aioria das casas gem inadas de tij olos parece vazia, com as j anelas escuras e fechadas. No fim dos degraus, m eu transporte espera. O m otorista atrás do volante abaixa os óculos escuros, m e olhando por cim a das lentes. Eu deveria im aginar. Cal m e deu todo o tem po que eu precisava com a m inha fam ília, m as não ia ficar longe.

— Kilorn — ele cum prim enta, acenando com a m ão. Meu am igo retribui o gesto com tranquilidade e um sorriso. Os últim os seis m eses devem ter m atado a rivalidade dos dois pela raiz.

— Encontro você depois — digo. — Para trocar um a ideia.

Ele assente.

— Com certeza.

Apesar de ser Cal no assento do m otorista, m e atraindo com o um farol, ando lentam ente até o veículo. Ao longe, m otos de j ato ressoam . Cada passo m e deixa um centím etro m ais perto de reviver os seis m eses de cativoiro. Se eu voltasse, ninguém ia m e reprim ar. Mas apenas prolongaria o inevitável.

Cal observa, seu rosto reluzindo ao sol. Ele estende a m ão e m e ajuda a sentar no banco da frente com o se eu fosse algum tipo de inválida. O m otor ronrona, e seu coração elétrico é um conforto e um lem brete. Posso estar assustada, m as não sou fraca.

Com um últim o aceno para Kilorn, Cal gira a direção e acelera, nos conduzindo pela rua. A brisa despenteia seus cabelos cortados de form a grosseira, realçando as m echas desiguais.

Passo a m ão pela nuca dele.

— Você m esm o que fez isso?

Seu rosto fica prateado.

— Tentei. — Ele m antém um a m ão no volante e pega a m inha com a outra.

— Está pronta?

— Vou sobreviver. Suponho que os relatórios tenham coberto as partes mais importantes. Só vou precisar preencher os buracos. — A quantidade de árvores diminuiu em ambos os lados quando a rua dos oficiais chega a uma avenida larga.

À esquerda fica o campo de pouso. Viram os à direita, e o veículo corre suave no pavimento. — E com sorte alguém vai me deixar a par de tudo... isso.

— Com essas pessoas você tem que exigir respostas em vez de esperar por elas.

— Você tem sido exigente, alteza?

Ele ri baixinho.

— Eles com certeza acham isso.

É uma viagem de cinco minutos até nosso destino, e Cal faz o possível para me atualizar. Havia um quartel-general na fronteira com Lakeland, próximo a Trial. Todos os soldados do coronel evacuaram para o norte com a possibilidade de invasão da ilha de Tuck. Passaram meses em baixo da terra, em abrigos congelantes, enquanto Farley e o coronel se comunicavam com o Comandante e preparavam o próximo alvo: Corvium. A voz de Cal falha um pouco enquanto descreve o cerco. Ele mesmo o liderou o ataque, tomando as muralhas de surpresa e depois destruindo a cidade-fortaleza, tijolo por tijolo. Provavelmente conhecia os soldados contra quem estava lutando. Talvez tenha me atado os olhos. Não cutucou a ferida aberta. No final, fecharam o cerco, removendo os últimos oficiais prateados e oferecendo a opção de se render ou serem executados.

— A maioria está presa agora, mas alguns voltaram para a família depois de pagarem resgate. Outros preferiram a morte — ele murmura baixinho. Cal olha para mim apenas por um instante, por trás das lentes escuras.

— Sinto muito — murmuro com sinceridade. Não só porque Cal está sofrendo, mas porque aprendi há um bom tempo que há muitas áreas cinzentas no mundo. — Julian estará no interrogatório?

Cal suspira, agradecido pela mudança de assunto.

— Não sei. Ele disse mais cedo que o alto-comandante de Montfort tem

sido muito flexível com suas investigações. Deram a ele acesso aos arquivos da base e a um laboratório, e todo o tempo que quiser para continuar com seus estudos sobre sangüenovos.

Não consigo pensar em recomendar melhor para Julian Jacos. Tempo e livros.

— Mas talvez eles não estejam muito animados em deixar um cantor próximo do seu líder — Cal acrescenta, pensativo.

— É compreensível — respondo. Apesar das nossas habilidades serem mais destrutivas, Julian é um manipulador, tão perigoso quanto qualquer outro.

— Então, há quanto tempo Montfort está nessa?

— Não sei — ele diz, e sua irritação é óbvia. — Mas se o ostraram mais depois de Corvium. E com a aliança de Maven e Lakeland... Ele está juntando forças contra a rebelião. Montfort e a Guarda fizeram o mesmo. Em vez de armas e comida, Montfort cometeu a andar soldados. Vermelhos, sangüenovos. Eles já tinham um plano para extrair você de Archeon. Um ataque cirúrgico. Nós partindo de Trial, Montfort de Piedmont. Tenho que admitir que eles sabem se organizar. Só precisavam do momento certo.

— E escolheram um bom momento — ironizo. Tiroteios e derramamento de sangue nublam meus pensamentos. — Tudo isso por mim. Parece estúpido.

Cal aperta minha mão mais forte. Ele foi criado para ser o soldado prateado perfeito. Lembra de seus anuais, de seus livros de táticas militares. *Vitória a qualquer preço*, diziam. E ele costumava acreditar nisso. Da mesma forma que eu costumava acreditar que nada na terra poderia me fazer voltar para Maven.

— Ou tinham outro alvo em Archeon ou Montfort realmente queria você de

volta. — Cal diz conforme o transporte freia.

Paramos em frente a outro prédio de tijolos, sua fachada ornamentada por colunas brancas e um grande terraço. Penso de novo no Forte Patriota e em seus portões decorados com um bronze amedrontador. Os prateados gostam de coisas bonitas, e este lugar não é exceção. Videiras floridas sobem pelas colunas, carregadas de botões roxos de glicínias e mais adessilvas perfumadas. Soldados uniform

izados andam sob as plantas, m antendo-se na som bra. Vej o a Guarda Escarlate com suas roupas sem padrão e cachecóis verm elhos, os soldados de Lakeland em azul e um a m ultidão de oficiais de Montfort de verde. Meu estôm ago se revira.

O coronel m archa para nos encontrar. Sozinho, felizm ente.

Ele com eça antes m esm o de eu descer.

— Você vai se reunir com igo, dois generais de Montfort e um oficial do Com ando.

Tanto Cal quanto eu ficam os surpresos, arregalando os olhos.

— Do Com ando? — balbucio.

— Sim . — O olho bom do coronel brilha. Ele dá m eia-volta, nos obrigando a seguir seu ritm o. — Digam os que as coisas estão em m ovim ento.

Reviro os olhos, j á irritada.

— Que tal sim plesm ente dizer o que isso significa?

— Provavelm ente ele não sabe — replica um a voz fam iliar.

Farley está escorada em um a das colunas, na som bra, com os braços cruzados acim a do peito. Fico pasm a, com o queixo caído. Ela está grávida, com a barriga absurdam ente grande. Usa um uniform e adaptado, um a veste sim ples sobre calças largas. Não ficaria surpresa se desse à luz nos próxim os trinta segundos.

— Ah — é tudo o que consigo dizer.

Ela parece quase se divertir.

— Faça as contas, Barrow.

Nove m eses. Shade. A reação dela no j ato cargueiro quando eu contei para ela o que Jon tinha dito. *A resposta para a sua pergunta é “sim”* .

Eu não sabia o que significava, m as Farley sabia. Ela suspeitava. E

descobriu que estava grávida do m eu irm ão m enos de um a hora depois de Shade m orrer. Cada revelação é um chute no m eu estôm ago. Partes iguais de alegria e tristeza. Shade vai ter um filho, m as nunca poderá conhecê-lo.

— Não acredito que ninguém pensou em contar para você — Farley continua, lançando um olhar para Cal, que vira o rosto, desconcertado. — Com certeza tiveram tempo.

Em choque, tudo o que eu posso fazer é concordar. Não só Cal, mas a minha mãe e o resto da família.

— Todos sabiam ?

— Bom , não vale a pena discutir isso agora — Farley prossegue, se afastando da coluna. Mesmo em Palafitas, a maioria das mulheres fica de cama nessa fase da gravidez, mas não ela. Farley mantém uma arma na cintura, com o coldre aberto em alerta. Uma Farley grávida ainda é uma Farley perigosa.

Provavelmente mais perigosa. — Imagino que você queira acabar com isso

mais rápido possível.

Quando ela vira as costas, abrindo o ombro, soco Cal nas costelas. Duas vezes, para garantir.

Ele range os dentes, respirando entre os golpes.

— Desculpe — balbucia.

O interior do que costumava ser o prédio de uma base de comando parece mais um armazém. Escadas em espiral dos dois lados do saguão de entrada levam à galeria superior, repleta de janelas. Frisos de gesso perpassam o teto, pintado para parecer com as glicínias do lado de fora. O assoalho é de tacos de madeira, alternando placas de mogno, cerejeira e carvalho em um desenho complexo. Mas, como nas casas geminadas, qualquer coisa que não estivesse fixada desapareceu. Há muitos espaços vazios, enquanto alcovas reservadas para esculturas e bustos agora abrigam guardas. De Montfort.

Olhando de perto, seus uniformes são melhores do que qualquer um usado pela Guarda Escarlata ou pelos soldados de Lakeland do coronel. São mais parecidos com os de oficiais prateados. Produzidos em massa, robustos, com medalhas, insígnias, e o triângulo branco gravado nos braços.

Cal observa tão atentamente quanto eu. Ele me cutuca, acenando para o topo das escadas. Na galeria, nada menos que seis oficiais de Montfort nos observam . Eles têm cabelo grisalho, mochilas de guerra e

carregam m edalhas suficientes para afundar um navio. São gerais.

— Há câm eras tam bém — sussurro para Cal. Sinto a eletricidade de cada um a enquanto passo pelo saguão de entrada.

Apesar das paredes vazias e da decoração esparsa, as passagens estreitas fazem m inha pele arrepiar. Continuo dizendo a m im m esm a que a pessoa ao m eu lado não é um a Arven. Aqui não é Whitefire. Minhas habilidades são a prova disso. Ninguém está m e m antendo prisioneira. Queria poder baixar a guarda, m as é parte da m inha natureza agora.

Salas de reunião m e fazem lem brar da câm ara do conselho de Maven. Tem um a grande m esa lustrosa com cadeiras de estofam ento fino, e é ilum inada por um conj unto de j anelas com vista para outro j ardim . Aqui as paredes tam bém estão vazias, exceto por um brasão pintado. Am arelo com listras brancas e um a estrela roxa no centro. Piedm ont.

Som os os prim eiros a chegar. Espero o coronel sentar na cabeceira da m esa, m as ele não faz isso, optando pela cadeira à direita. O resto de nós se enfileira ao lado dele, encarando o lado vazio que deixam os para os oficiais de Montfort e o Com ando.

O coronel contem pla a cena, perplexo. Observa enquanto Farley se senta, com o olho bom frio e firm e com o aço.

— Capitã, você não tem perm issão para estar aqui.

Cal e eu trocam os olhares com as sobrançelas erguidas. Farley e o coronel se confrontam com frequência. Pelo m enos isso não m udou.

— Ah, você não foi inform ado? — ela replica, puxando um pedaço dobrado do bolso. — É tão chato quando isso acontece. — Com um gesto rápido, ela desliza o papel na direção do pai.

Ele o desdobra com avidez, passando o olho com frieza pela página e suas

letras datilografadas. A m ensagem não é longa, m as ele a encara por um tem po, sem acreditar nas palavras. Finalm ente, alisa o papel à m esa.

— Isso não pode estar certo.

— O Com ando precisa de um representante na m esa. — Farley sorri.

Ela abre bem as mãos. — Aqui estou.

— Então o Com ando com eteu um erro.

— Agora eu sou do Com ando, coronel. Não há erro algum .

O Com ando rege a Guarda Escarlata, é o centro de uma engrenagem bem sigilosa. Ouvi apenas menções à sua existência, mas não o suficiente para saber como o controlam uma operação tão vasta e complicada. Se aceitaram Farley, significa que a Guarda está saindo de vez das sombras, ou apenas que a queriam ?

— Diana, você não pode...

Ela se ouve, com o rosto vermelho.

— Porque estou grávida? Eu lhe garanto que posso cuidar de duas coisas ao mesmo tempo. — Se não fosse por sua semelhança indiscutível, tanto em aparência quanto em atitude, seria fácil esquecer que Farley é filha do coronel.

— Você quer se prolongar mais nessa questão, Willis?

Ele fecha o punho sobre a mensagem , com os nós dos dedos brancos, mas apenas balança a cabeça.

— Ótimo. E sou general agora. Ajá de acordo.

Uma resposta trava na garganta do coronel, deixando-o com uma expressão angustiada. Com um sorriso de satisfação, Farley pega a mensagem de volta e a guarda. Ela percebe o olhar de Cal, tão confuso quanto o meu.

— Você não é mais o único oficial de alta patente no recinto, Calore.

— Parece que não. Parabéns — ele acrescenta, oferecendo um sorriso tímido.

Isso a desarma. Depois da franca hostilidade do pai, Farley não esperava o apoio de ninguém , muito menos do rancoroso príncipe prateado.

As generais de Montfort entram por outra porta, magníficas em seus uniformes verde-escuros. Vi uma delas na galeria. Tem o cabelo branco cortado reto acima dos ombros, olhos castanhos aguados e longos cílios tremeluzentes. A outra é uma mulher de cabelo escuro e pele morena, que parece ter por volta de quarenta anos, com o

físico de um touro. Ela acena com a cabeça para mim, com o se cum prim entasse um a am iga.

— Conheço você — digo, tentando lembrar onde vi seu rosto. — De onde?

Ela não responde, virando a cabeça sobre o ombro para esperar mais a pessoa, um homem de cabelo grisalho e roupas simples. Mas praticamente não presta atenção nele, distraída por seu acompanhante. Mesmo sem as cores da sua Casa, vestido de cinza em vez do dourado desbotado de costume, Julian não consegue passar despercebido. Sinto uma explosão de afeto ao ver meu antigo professor. Ele inclina a cabeça, oferecendo um sorriso discreto para mim e cum prim entar. Parece melhor do que nunca, melhor até do que quando o conheci no Palacete do Sol. Na época ele estava esgotado, exaurido por uma corte de inimigos, assombrado por uma irmã falecida, por uma Sara Skonos em frangalhos e por suas próprias dúvidas. Apesar do seu cabelo agora estar mais cinza do que meu aroma e de suas rugas terem se aprofundado, ele parece vibrante,

vivo, aliviado. Inteiro. A Guarda Escarlata lhe deu um propósito. Sara também, apostou.

Sua presença acalma Cal mais até do que a mim. Ele relaxa um pouco ao meu lado, fazendo um pequeno aceno para o tio. Nós dois percebemos o que isso quer dizer, que tipo de mensagem Montfort está tentando mandar. Eles não odeiam os prateados... e não os tem em.

O outro homem fecha a porta por onde entrou enquanto Julian senta do nosso lado da mesa. Mesmo com mais de um metro e oitenta de altura, o homem parece pequeno sem um uniforme. Veste roupas civis: uma camisa de abotoar, calça e sapato. Não carrega nenhum arma à vista. Ele não tem sangue prateado, isso é certo, a julgar pelo tom rosado sob sua pele arenosa. Se é sanguenovo ou vermelho, não sei. Tudo nele é definitivamente neutro, agradavelmente mediano e modesto. Parece uma página em branco, e isso pode ser natural ou proposital. Não há nada mais que indique quem ou o que ele é.

Mas Farley sabe. Ela começa a levantar, mas o homem acena para que permaneça sentada.

— Não há necessidade disso, general — ele diz. De certa forma, ele me lembra Julian. Eles têm os mesmos olhos selvagens, a única coisa notável nele.

Seu olhar percorre o recinto, observando e absorvendo tudo. — É um prazer finalm ente conhecer todos vocês — ele acrescenta, acenando para nós um por vez. — Coronel, srta. Barrow, alteza.

Sob a m esa, os dedos de Cal se contorcem contra a perna. Ninguém o cham a m ais assim . Pelo m enos não quem realm ente o considera m erecedor do título.

— E quem é você exatam ente? — o coronel pergunta.

— É claro — o hom em responde. — Desculpem por não poder vir antes.

Meu nom e é Dane Davidson, senhor. Sou prim eiro-m inistro da República Livre de Montfort.

Os dedos de Cal se contorcem de novo.

— Obrigado a todos por virem . Queria esta reunião há algum tem po

— Davidson prossegue — e acredito que j untos poderem os realizar feitos m agníficos.

Esse hom em é o líder do país. Foi ele quem m e cham ou e que quer que m e j unte a ele. Será que fez tudo isso para que as coisas acontecessem do seu j eito?

Assim com o o rosto genérico, seu nom e traz um a vaga lem brança.

— Esta é a general Torkins. — Davidson gesticula. — E esta é a general Salida.

Salida. Não reconheço o nom e, m as j á a vi antes.

A general robusta percebe m eu incôm odo.

— Fiz alguns trabalhos de reconhecim ento, srta. Barrow. Eu m e apresentei ao rei Maven quando ele estava entrevistando rubros... quer dizer, sanguenovos.

Você deve lem brar. — Para dem onstrar, ela passa a m ão na m esa, atravessando-a. Com o se a m esa fosse feita de ar, ou com o se ela própria fosse.

Com um estalo, a m em ória vem . Ela dem onstrou sua habilidade e foi aceita entre os “protegidos” de Maven, com vários outros sanguenovos. Um a delas, am edrontada, expôs Nanny na frente de

toda a corte.

Olho para ela.

— Você estava lá no dia que Nanny morreu. A sanguenova que podia me ugar de rosto.

Ela parece se sentir culpada e abaixa a cabeça.

— Se eu soubesse, teria feito algo, com certeza. Mas Montfort e a Guarda Escarlate não se comunicavam abertamente na época. Não sabiam os detalhes de suas operações e vocês não sabiam das nossas.

— Isso me udu. — Davidson permanece de pé, com os punhos apoiados na mesa. — A Guarda Escarlate precisava operar em segredo, sim, mas receio que isso causará mais males do que bem daqui em diante. São muitas peças em movimento para uma não atrapalhar a outra.

Farley se mexe na cadeira. Ou quer discordar ou o assento é desconfortável. Ela segura a língua, deixando Davidson prosseguir.

— Então, em nome da transparência, sinto que é melhor que a srta. Barrow detalhe seu tempo com a prisioneira, o máximo que puder, para todos os envolvidos. Depois, responderei a toda e qualquer questão que vocês possam ter sobre mim, meu país e a estrada à nossa frente.

Nas histórias de Julian, havia registros de governantes que eram eleitos, e não herdeiros. Eles conquistavam a coroa com uma variedade de atributos: força, inteligência, algumas promessas vazias ou intimidação. Davidson governa a autointitulada República Livre, e seu povo o escolheu para liderá-lo. Baseado em qual atributo ainda não sei. Ele tem um jeito firme de falar, uma convicção natural. É óbvio que é muito esperto. Sem falar que é o tipo de homem que fica mais atraente com o passar dos anos. Posso ver por que as pessoas o escolheram para governar.

— Quando estiver pronta, srta. Barrow.

Para minha surpresa, a primeira a não a segurar a minha mão é de Cal, mas de Farley. Ela me dá um aperto reconfortante.

Com o início do princípio. Do único momento em que consigo pensar.

Minha voz falha quando detalho com o fui forçada a me lembrar de

Shade.

Farley abaixa os olhos. Sua dor é tão profunda quanto a minha. Continuo firme e, passando pela obsessão crescente de Maven, o rei menino que transformei ou me entrego em armas, usando meu rosto e as palavras dele para virar todos sanguenovos possíveis contra a Guarda Escarlate. Tudo isso enquanto suas fraquezas comecem a ficar mais aparentes.

— Ele diz que a rainha deixou furos — conto. — Ela me fez com a cabeça dele, tirando e colocando peças, em baralhando tudo. Maven sabe que tem algo errado com ele, mas acredita que está seguindo um caminho do qual não pode desviar.

Uma onda de calor se agita. Ao meu lado, Cal mantém o rosto impassível, os olhos focados quase abrindo buracos na mesa. Prossigo com cuidado.

A mãe dele tirou o amor de Maven por você, Cal. Ele o amava. Maven sabe que amava. Isso simplesmente não está mais lá, e nunca estará. Mas essas palavras não são para Davidson, para o coronel ou mesmo para Farley ouvir.

O povo de Montfort parece mais interessado no relato sobre a visita de Piedmont. Eles se animam com a menção a Daraeus e Alexandret, e eu narro

passo a passo, dos questionamentos e dos modos deles até o tipo de roupa que vestiam. Quando falo de Michael e Charlotta, a princesa e o príncipe perdidos, Davidson morde o lábio.

Conforme falo, despejando mais e mais sobre meu martírio, uma dor silenciosa recai sobre mim. Eu me distancio das palavras. Minha voz é automática. A rebelião das Casas. A fuga de Jon. O atentado contra Maven. A visão do sangue prateado esguichando do seu pescoço. Outro interrogatório, meu e da Haven. Aquela foi a primeira vez que vi o rei realmente fora de si, quando a irmã de Elane jurou lealdade a outro rei. A Cal. Isso resultou no exílio de muitos mais em braços da corte, possíveis aliados.

— Tentei separar o rei da Casa Samos. Sabia que eles eram os aliados mais fortes ainda ao meu lado, então usei minha influência sobre Maven. Disse que se casasse com Evangeline ela me e me mataria. — As peças se encaixam enquanto falo. — Acho que isso pode ter convencido Maven a procurar uma noiva diferente em Lakeland...

Julian me corta.

— Volo Sam, o já estava procurando uma desculpa para se distanciar do rei.

O fim do noivado foi apenas a última gota. E presumo o que as negociações com Lakeland já estivessem em andamento muito antes do que você pensa. — Ele dá um sorriso discreto. Mesmo se estiver me entendendo, faz eu me sentir um pouco melhor.

Acelero pelas meorias até a turnê de coroação, o desfile para ocultar suas negociações com Lakeland. A revogação das Medidas, o fim da guerra, o noivado com Iris. Movimentos cuidadosos para conquistar a benevolência de seu povo, para colher os louros de terminar uma guerra sem interromper a destruição.

— Os nobres prateados voltaram para a corte antes do casamento. Maven me deixava sozinha a maior parte do tempo. Então chegou o dia. A aliança com Lakeland estava selada. A tempestade, a tempestade de vocês, veio a seguir.

Maven e Iris escaparam pelo trem, mas os separados.

Isso aconteceu ontem. Ainda assim, parece um sonho. A adrenalina nubla a batalha, reduzindo minhas meorias a cores, dor e medo.

— Meus guardas me arrastaram de volta para o palácio.

Paro, hesito. Até agora não consigo acreditar no que Evangeline fez.

— Mare? — Cal me cutuca. Sua voz e seu toque são gentis. Ele está tão curioso quanto os outros.

É mais fácil olhar para ele. É o único que vai entender com o minha fuga foi estranha.

— Evangeline Sam nos encontrou. Ela me atou os guardas da Casa Arven e... me libertou. Me soltou. Ainda não sei por quê.

Um silêncio paira sobre a mesa. Minha maior rival, a garota que amei e me atar, a pessoa com aço gelado no lugar do coração, é a razão de eu estar aqui. Julian não tenta esconder a surpresa. Suas sobrancelhas finas quase desaparecem sob o cabelo. Mas Cal não acusa o golpe. Ele respira fundo, seu peito se enchendo. Seria... orgulho?

Não tenho energia para adivinhar. Ou para detalhar a forma com o

Sam son

Merandus m orreu, colocando Cal e eu um contra o outro até que am bos o queim ássem os vivo.

— Vocês sabem o resto — encerro exausta. Sinto com o se estivesse falando há décadas.

O prim eiro-ministro se m antém de pé. Eu espero m ais perguntas. Em vez disso, ele abre um arm ário e m e serve um copo de água. Não toco nele. Estou em um lugar diferente com pessoas estranhas. Resta pouca confiança dentro de m im e não vou desperdiçá-la com alguém que acabei de conhecer.

— Nossa vez? — Cal pergunta. Ele se curva para a frente, ansioso para com eçar seu próprio interrogatório.

Davidson inclina a cabeça, os lábios apertados form ando um a linha neutra.

— É claro. Presumo o que vocês estejam se perguntando o que estão os fazendo aqui em Piedmont, ainda por cima numa base da frota real.

Com o ninguém o interrompe, Davidson segue em frente. — Com o vocês sabem, a Guarda Escarlata com eçou em Lakeland e se infiltrou em Norte no ano passado. O coronel e o general Farley foram indispensáveis para ambas as realizações e eu agradeço por seu trabalho duro. — Ele acena com a cabeça para um de cada vez. — Sob ordem do seu Comandante, outros agentes fizeram uma campanha similar aqui em Piedmont. Infiltração, controle e dominação.

Aqui, na verdade, foi onde os agentes de Montfort encontraram pela primeira vez os agentes da Guarda, que até ano passado acreditavam os serem uma invenção popular. Mas era bem real e, com certeza, com partilhavam os mesmos objetivos. Com os seus com patriotas, querem os derrotar o regime opressor dos prateados e expandir nossa república democrática.

— Parece que vocês já fizeram isso. — Farley estende as mãos indicando a sala.

Cal franze a testa.

— Com o?

— Concentram os nossos esforços em Piedmont devido à estrutura precária.

Príncipes e princesas governam seus territórios com uma paz instável sob um alto-príncipe eleito por seus pares. Alguns controlam grandes territórios, outros, uma cidade ou apenas alguns hectares de fazenda. O poder é fluido, está sempre mudando de mão. Atualmente, o príncipe Bracken de Lowcountry é o alto-príncipe, o prateado mais forte de Piedmont, com o maior território e os maiores recursos. — Davidson passa os dedos no brasão na parede, seguindo o traçado da estrela púrpura. — Essa é a maior das três fortalezas militares que ele possui. E

foi cedida para nosso uso.

Cal tom a fôlego.

— Vocês estão trabalhando com Bracken?

— Ele está trabalhando para nós — Davidson responde com orgulho.

Minha cabeça gira. Um nobre prateado, ajudando um país que está tentando tirar tudo dele? Por um momento, parece ridículo. Então me lembro de quem está sentado ao meu lado.

— Os príncipes visitaram Maven em nome de Bracken. Eles me questionaram em nome dele. — Estreito os olhos na direção do primeiro-ministro. — Você mandou fazerem isso?

A general Torkins se mexe na cadeira e limpa a garganta.

— Daraeus e Alexandret juraram aliança a Bracken. Não tinham os conhecimento do contato deles com o rei Maven até um deles morrer em meio à tentativa de assassinato.

— Graças a você, sabem os porquê — Salida acrescenta.

— E o sobrevivente? Daraeus? Ele está trabalhando contra vocês...

Davidson pisca lentamente, com os olhos impassíveis e indecifráveis.

— Ele *estava* trabalhando contra nós.

— Ah — murmuro, pensando em todas as maneiras com o o príncipe de Piedmont pode ter sido morto.

— E os outros? — o coronel pressiona. — Michael e Charlotta. O

príncipe e a princesa desaparecidos.

— São os filhos de Bracken — Julian diz, com um aperto na voz.

Um desgosto m e invade.

— Vocês pegaram os filhos dele? Para fazer com que cooperasse?

— Um garoto e um a garota em troca do controle de Piedmont? De todos esses recursos? — Torkins zomba, o cabelo branco ondulado conforma e equilibra a cabeça. — É uma boa troca. Pense nas vidas que perderiam lutando para conquistar cada quilômetro. Em vez disso, Montfort e a Guarda Escarlata fizeram um progresso real.

Meu coração se aperta ao pensar nas crianças. Prateados ou não, foram presos para que seu pai obedecesse. Davidson lê claramente em meu semblante.

— Eles estão sendo bem cuidados. Têm tudo de que precisam .

No alto, as luzes piscam com o um farfalhar de asas de mariposas.

— Um a cela é um a cela, não importa com o que a decore — retruco com desprezo.

Ele não pisca.

— E uma guerra é uma guerra, Mare Barrow. Não importa quão boas sejam suas intenções.

Balanço a cabeça.

— Bem , é uma pena. Economizar todos aqueles soldados, para então desperdiçá-los no resgate de uma pessoa. Também foi uma boa troca? A vida deles pela minha?

— General Salida, quais são os números finais? — o primeiro-ministro pergunta.

Ela recita de cabeça.

— Dos cento e dois rubros recrutados para o Exército de Norte nos últimos meses, sessenta estavam presentes com os guardas especiais no caso. Todos foram resgatados e interrogados na noite passada.

— Em grande parte graças aos esforços da general Salida, que estava j

unto com eles. — Davidson pousa a mão no ombro musculoso dela. — Incluindo você, salvam os sessenta e um rubros do rei. Cada um receberá com ida, abrigo e a opção de se realocar ou se juntar à luta. Além disso, fomos os capazes de extrair um grande som do Tesouro de Norta. Guerras não são baratas. O pagamento de resgate de prisioneiros fracos ou sem valor nos leva só até certo ponto. — Ele para. — Isso responde sua pergunta?

O alívio se mistura com o temor constante, de que acho que nunca serei capaz de me livrar. O ataque em Archeon não foi apenas por minha causa. Não fui libertada de um ditador só para cair nas mãos de outro. Nenhum de nós sabe o que Davidson é capaz de fazer, mas ele não é Maven. Seu sangue é vermelho.

— Infelizmente tenho mais uma pergunta para você, srta. Barrow

— Davidson prossegue. — Acha que o rei de Norta está apaixonado por você?

Em Whitefire, quebrei tantos copos de água que perdi a conta. Sinto a necessidade de fazer isso de novo.

— Não sei. — É inteira. Um a inteira fácil.

Davidson não é dissuadido com facilidade. Seus olhos selvagens piscam, intrigado. Com o reflexo da luz, eles parecem dourados, depois castanhos e de novo dourados. Mudando com o sol em um campo de trigo balançando ao vento.

— Chute.

Um a fúria quente se acende dentro de mim, com o uma chama.

— O que Maven considera amor não tem nada a ver com amor de verdade. — Puxo a gola da camisa, revelando a cicatriz. O M é claro com o dia.

Muitos olhos observam, absorvendo as beiradas inchadas de pele queimada e cicatrizada. O olhar de Davidson segue as linhas, e sinto o toque de Maven no meu semblante.

— Agora basta — respiro, forçando a camisa de volta para o lugar.

O primeiro-ministro assente.

— Muito bem. Peço que você...

— Não, quero dizer que já aguentei isso o suficiente. Preciso de... tempo.

Soltando uma respiração vacilante, me afasto da mesa. Minha cadeira range contra o piso, ecoando no silêncio repentino. Ninguém me para. Eles apenas observam, os olhos cheios de pena. Ao mesmo tempo dessa vez estou feliz por isso. A dor deles me deixa partir.

Outra cadeira segue atrás minha. Não preciso olhar para trás para saber que é a de Cal.

Assim como no jato, com ecoa a sentir o mundo se fechar e me sufocar ao mesmo tempo que expande e me esmaga. Os corredores, como em Whitefire, se alongam em uma linha infinita. Luzes pulsam sobre minha cabeça. Me apego à sensação, torcendo para ela me manter de pé. *Você está segura; terminou.*

Meus pensamentos rodopiam descontrolados e meus pés se movem por vontade própria. Desço as escadas, atravesso outra porta, saio num jardim, onde sou sufocada pela fragrância das flores. O céu aberto é um tormento. Quero que chova. Quero ser lavada.

As mãos de Cal encontram minha nuca. As cicatrizes doem sob o toque.

Seu calor irradia pelos meus músculos, tentando aliviar a dor. Esfrego os olhos.

Ajudar um pouco. Não posso ver nada na escuridão, nem mesmo o Maven, seu palácio ou aquele quarto horrível.

Você está segura; terminou.

Seria mais fácil ficar na escuridão, ser afogada. Devagar, abaixo as mãos e me forço a olhar para a luz do sol. Isso exige mais forças do que eu pensava ser possível. Me recuso a permitir que Maven me mantenha prisioneira, nem por

mais um segundo do que já o fez. Me recuso a viver assim.

— Posso levar você de volta para casa? — Cal pergunta com sua voz grave.

Seus dedos fazem círculos firmes no espaço entre meu pescoço e ombros.

— Podem os ir a pé, assim você tem m ais tem po.

— Não vou perder m ais nem um m inuto do m eu tem po. — Furiosa, viro e ergo o queixo, m e forçando a encarar Cal. Ele não se m ove, paciente e despretensioso. Apenas reage, se aj ustando às m inhas em oções, m e deixando ditar o ritm o. Depois de tanto tem po à m ercê de outros, m e sinto bem em saber que alguém perm itirá que eu faça m inhas próprias escolhas. — Não quero voltar ainda.

— Tudo bem .

— Não quero ficar aqui.

— Nem eu.

— Não quero falar sobre Maven, política ou guerra.

Minha voz ecoa pelas folhas. Soo com o um a criança, m as Cal apenas assente. Pela prim eira vez, ele parece um a criança tam bém , com seu cabelo m al cortado e suas roupas sim ples. Sem uniform e, sem adereços m ilitares.

Apenas um a cam isa fina, calça, bota e os braceletes. Em outra vida, ele pareceria norm al. Eu o encaro, esperando que sua feição se transform e na de Maven. Isso não acontece. Percebo que ele tam bém m udou. Parece m ais preocupado do que eu im aginava possível. Os últim os seis m eses acabaram com ele tam bém .

— Você está bem ? — pergunto.

Seus om bros abaixam , um a leve descontração na rigidez de aço. Ele pisca.

Não costum a ser pego com a guarda baixa. Me pergunto se alguém se im portou em fazer essa pergunta desde o dia em que fui levada.

Depois de um a longa pausa, Cal solta o ar.

— Vou ficar. Espero.

— Eu tam bém .

Verdes cuidaram desse j ardim no passado. Dá pra ver os resquícios de um desenho intrincado form ado pelos canteiros de flores agora selvagens. A natureza assum iu o controle, e cores e botões diferentes se despej am uns sobre os outros.

Sangrando, decaindo, m orrendo, florescendo com o querem .

— Me lem brem de incom odar vocês dois para pegar um a am ostra de sangue num m om ento m ais oportuno.

Dou risada do pedido nada gracioso de Julian. Ele está parado na beirada do j ardim . Não que eu m e im porte com a introm issão. Sorrio e cruzo o espaço rapidam ente para abraçá-lo. Ele retribui com alegria.

— Isso poderia soar estranho vindo de qualquer outra pessoa — digo a ele enquanto m e afasto. Ao m eu lado, Cal ri, concordando. — Mas sinta-se à vontade, Julian. Eu lhe devo um a.

Ele inclina a cabeça, confuso.

— Hein?

— Achei alguns dos seus livros em Whitefire. — Não m into, m as sou cuidadosa com as palavras. Não há por que m achucar Cal m ais ainda. Ele não precisa saber que Maven m e deu os livros. Não lhe darei m ais esperanças falsas

pelo irm ão. — Eles m e aj udaram a passar o tem po.

A m enção do m eu aprisionam ento deixa Cal sério, m as Julian não nos deixa prolongar a dor.

— Então você entende o que estou tentando fazer — ele diz rápido. Seu sorriso não afeta os seus olhos, que se m antêm som brios. — Não entende, Mare?

— Não fom os escolhidos, m as am aldiçados — m urm uro, lem brando das palavras que ele rabiscou em um livro esquecido. — Você vai descobrir de onde viem os e por quê.

Julian cruza os braços.

— Com certeza vou tentar.



TODA MANHÃ COMEÇA DA MESMA MANEIRA. Não consigo ficar no quarto, porque os pássaros sem pre me acordam cedo. É bom que façam isso.

Mais tarde fica quente demais para correr. A base de Piedmont funciona com o um a boa pista e é bem protegida, com seus limites guardados por soldados tanto de Montfort com o locais. Os últimos são todos vermelhos, é claro. Davidson sabe que Bracken, o príncipe fantoche, deve estar tramando alguma coisa, então não permite que prateados locais atravessem os portões. Na verdade, não tenho visto nenhum prateado, exceto os que já conheço. Todos com habilidades são sangüenovos ou rubros, dependendo de com quem você fala. Se Davidson tem prateados ao seu lado, servindo em igualdade na sua República Livre, com o ele a chama, não vi nenhum.

Amarro os cadarços com força. A névoa baixa serpenteia pela rua lá fora entre as fachadas de tijolos. Destranco a porta da frente, sorrio quando o ar frio toca minha pele. Sinto cheiro de chuva e trovões.

Com o esperado, Cal está sentado no último degrau, com as pernas esticadas na calçada estreita. Meu coração ainda dispara ao vê-lo. Ele bocejou alto para me receber, quase deslocando o queixo.

— Vamos lá — esbravejo. — Soldados estão acostumados a acordar bem mais cedo que isso.

— O que não quer dizer que eu não prefira dormir quando posso. — Cal levanta com um ar de vontade exagerada, só faltando mostrar a língua.

— Sinta-se à vontade para voltar para aquele quartinho improvisado onde você insiste em ficar no quartel. Aliás, você teria um pouco mais de tempo para dormir se me tivesse para a rua dos oficiais... ou se parasse de correr comigo.

— Dou de ombros com um sorriso maroto.

Ele também sorri, então me puxa pela barra da camiseta.

— Não insulte meu quartinho — Cal resmunga, antes de me beijar nos lábios. Depois no queixo. Depois no pescoço. Cada toque faz explodir uma onda de fogo por baixo da minha pele.

Relutante, empurro seu rosto para longe.

— Tem um a grande chance de m eu pai atirar em você pela j anela se continuar com isso aqui.

— Certo, certo. — Ele se recupera rápido, em palidecendo. Se não o conhecesse, diria que está de fato com m edo do m eu pai. A ideia é côm ica. Um príncipe prateado, um general que pode criar um inferno na terra com um estalar de dedos, com m edo de um velho verm elho e m anco. — Vam os alongar.

Fazem os os exercícios, Cal com m ais dedicação do que eu. Ele zom ba de m im de brincadeira, achando algo errado em cada m ovim ento.

— Não j ogue tanto o braço. Não fique balançando para a frente e para trás.

Calm a, devagar.

Mas estou ansiosa, sedenta pela corrida. Eventualm ente ele cede. Com um aceno de cabeça, Cal nos deixa com eçar.

A princípio o ritm o é calm o. Meus passos são quase de dança, anim ada com o m ovim ento. A sensação é de liberdade. Minha respiração fica firm e e ritm ada, e as batidas do m eu coração aceleram . Da prim eira vez que correm os aqui, tive que parar e chorar, feliz dem ais para conter as lágrim as. Cal m antém um ritm o bom , m e im pedindo de disparar até os pulm ões explodirem . O prim eiro quilôm etro e m eio vai bem , nos levando até a parede perim etral. Metade feita de pedra, m etade de cerca m etálica com o topo coberto de aram e farpado, com alguns soldados patrulhando à distância. Hom ens de Montfort. Eles acenam para nós, acostum ados com nossa rotina depois de duas sem anas. Outros soldados correm m ais longe, fazendo sua rotina norm al de exercícios, m as não nos j untam os a eles. Eles treinam em fileiras com sargentos gritando. Isso não funciona para m im . Cal j á é exigente o bastante. Por sorte, Davidson não m e pressionou com toda aquela história de escolher entre m e realocar ou m e j untar à luta. Na verdade, não o vi desde o interrogatório, m esm o com ele agora vivendo na base conosco.

Os próxim os três quilôm etros são m ais difíceis. Cal aum enta o ritm o. Está m ais quente hoj e, e nuvens se form am sobre nós. Conform e a neblina desaparece, suo m ais e m eus lábios ficam salgados. Com as pernas pulsando, lim po o rosto com a m anga. Cal tam bém sente o calor. Ao m eu lado, ele sim plesm ente tira a cam isa e a prende na cintura. Meu prim eiro instinto é alertá-lo contra o sol. O segundo é

parar e observar o quanto os músculos do seu abdômen são definidos. Volto a focar no caminho à frente, forçando meus olhos um quilômetro e meio. Depois outro. Outro. A respiração dele ao meu lado de repente me desconcentra.

Circundam os a pequena floresta que separa o quartel e a rua dos oficiais do campo de pouso, quando um trovão ruge em algum lugar. A alguns quilômetros dali, com certeza. Cal estende o braço na minha frente ao ouvir o barulho, me fazendo parar. Ele vira para me encarar, as duas mãos agarrando meus ombros conforme se curva para ficar da minha altura. Seus olhos cor de bronze perfuram os meus, procurando alguma coisa. O trovão soa de novo, meus olhos próximos.

— Qual é o problema? — Cal pergunta, cheio de preocupação. Um a não se perde no meu pescoço para aliviar as cicatrizes das queimaduras, verme e

quentes com o esforço. — Fique calma.

— Não sou eu. — Inclino a cabeça na direção das nuvens negras de chuva com um sorriso. — É apenas o tempo. Às vezes, quando fica muito quente e muito úmido, as pestadas podem ...

Ele ri.

— Certo, entendi. Obrigado.

— Você estragou uma corrida perfeita. — Estalo a língua fingindo frustração e seguro a não dele. Seu sorriso alicioso é tão largo que enrugou seus olhos. Conforme a tempestade se aproxima, sinto o coração elétrico pulsando.

Meus batimentos se estabilizam para acompanhar seu ritmo, mas afastou o ronronar sedutor dos raios. Não posso me deixar levar com uma tempestade tão próxima.

Não tenho controle sobre a chuva, que cai com uma cortina, fazendo nós dois soltarmos um grito. As partes da minha roupa que não estavam cobertas de suor logo ficam ensopadas. O frio repentino é um choque para ambos, em especial para Cal.

Sua pele nua solta vapor, envolvendo seu torso e seus braços em uma camada fina de névoa cinza. Pingos de chuva chamam quando encostam nele, fervendo instantaneamente. Conforme Cal se acalma, isso para, mas ele ainda pulsa com o calor. Sem pensar, eu o abraço, tremendo.

— Deveriam os voltar — ele resm unga sobre m inha cabeça. Sinto a voz de Cal reverberando no peito dele, m inha m ão espalm ada sobre o coração acelerado. Os batim entos dispararam sob m eu toque, em contraste com sua expressão calm a.

Algo m e im pede de concordar. Sinto outro puxão, bem fundo. Em algum lugar que não posso definir.

— Deveriam os? — sussurro, esperando que a chuva engula m inha voz.

Os braços dele m e apertam m ais. Cal ouviu perfeitam ente.

As árvores são novas, as folhas e galhos não se espalham o suficiente para oferecer cobertura com pleta da chuva. Mas nos esconde da rua. Minha cam iseta se vai prim eiro, aterrissando na lam a. Jogo a dele na suj eira tam bém , para ficarm os quites. A chuva cai em gotas gordas, cada um a delas um a surpresa gelada ao escorrer pelo m eu nariz, m inha coluna ou m eus braços em volta do seu pescoço. Mãos quentes batalham pelas m inhas costas, num contraste delicioso com a água. Seus dedos andam pela m inha coluna, pressionando cada vértebra.

Faço o m esm o, contando suas costelas. Ele estrem ece conform e m inhas unhas arranham a lateral do seu torso. Cal retribui com os dentes. Eles roçam a linha do m eu queixo até acharem m inha orelha. Fecho os olhos por um segundo, incapaz de fazer qualquer coisa além de sentir. Fogos de artifício, raios, um a explosão.

O trovão se aproxim a. Com o se fosse atraído por nós.

Passo os dedos pelo cabelo dele, usando-o para puxá-lo para perto de m im .

Mais perto. Mais perto. Mais perto. Ele tem gosto de sal e fum aça. Mais perto.

Parece que não consigo chegar perto o suficiente.

— Você j á fez isso antes?

Eu deveria estar com m edo, m as só o frio m e faz trem er.

Cal inclina a cabeça para trás e eu quase solto um gem ido em protesto.

— Não — ele sussurra, desviando o olhar. Dos seus cílios longos pingam gotas de chuva. Seu queixo se tensiona, com o se estivesse envergonhado.

É típico de Cal sentir vergonha de algo assim . Ele gosta de saber o final do cam inho, a resposta para a questão antes de ser perguntada. Quase dou risada.

Esse é um tipo de batalha diferente. Não há treino para ela. E, em vez de vestir um a armadura, jogamos o resto das nossas roupas longe.

Depois de seis meses sentada ao lado do irmão dele, em prestando todo o meu ser para uma causa alinha, não tenho medo de entregar meu corpo para quem amo. Mesmo na lama. Com lama pelo sobre minha cabeça e raios em meus olhos. Cada nervo faísca vivo. Preciso de toda a concentração para não pedir Cal de ser afetado do jeito errado.

O peito dele irradia sob minhas mãos, com um calor selvagem . Sua pele parece ainda mais pálida ao lado da minha. Usando os dentes, ele solta os braceletes e os joga no chão.

— Agradeço minhas cores pela chuva — ele murmura.

Sinto o oposto. Quero queimar.

Me recuso a voltar para a rua dos oficiais coberta de lama. Graças à localização inconveniente do quatinho de Cal, não posso me lavar lá, a menos que queira dividir a ducha com uma dezena de soldados. Ele tira folhas do meu cabelo enquanto andamos em direção ao hospital da base, um prédio baixo coberto de hera.

— Você parece um arbusto — Cal diz com um sorriso.

— Isso é exatamente o que você deveria dizer agora.

Ele quase gargalha.

— Com o você sabe?

— Eu...

Fui o da pergunta, passando pela entrada.

O hospital está quase deserto a essa hora, com uma equipe de poucos enfermeiros e médicos para supervisionar praticamente nenhum . Os curandeiros os tornam quase irrelevantes, necessários

apenas para doenças prolongadas ou ferimentos de complexidade extrema. Andam os pelos corredores de cima sozinhos, sob as luzes fluorescentes e o silêncio tranquilo. Minhas bochechas ardem enquanto minha mente trava uma guerra interna. Os instintos me fazem querer jogar Cal no quarto mais próximo e trancar a porta atrás de nós. O bom senso me diz que não posso.

Pensei que seria diferente. Pensei que me sentiria diferente. O toque de Cal não apagou o de Maven. Minhas memórias ainda estão lá, ainda tão dolorosas quanto eram ontem. E, por mais que eu tente, não esqueci do desfiladeiro que só se aprofunda cada vez mais entre nós. Nenhum tipo de amor pode apagar os erros dele, assim como nenhum tipo de amor pode apagar os meus.

Uma enfermeira com um arsenal de cobertores sai do corredor à frente.

Seus pés são um borrão sobre o piso de azulejos. Ela para ao nos ver, quase

derrubando as roupas de cama.

— Ah! — ela diz. — Com o você é rápida, srta. Barrow!

Fico corada com a mesma rapidez com que Cal transforma o riso em tosse.

— Desculpe?

Ela sorri.

— Acabam os de mim andar uma mensagem para sua casa.

— Hã...?

— Venha, querida; vou levar você até ela. — A enfermeira dispara, apoiando os cobertores no quadril. Cal e eu trocam os olhares confusos. Ele dá de ombros e me archa atrás dela, estranhamente livre de preocupações. O estado de alerta do seu treinamento militar parece distante.

A mulher fala sem parar, muito animada conforme andam os no seu encaixe. O sotaque dela é de Piedmont, fazendo as palavras parecerem mais lentas e doces.

— Não deve demorar muito. Ela está progredindo rápido. Militar até

os ossos, suponho. Não quer perder tem po.

Nosso corredor termina em uma ala maior, bem mais movimentada que o restante do hospital. As janelas largas dão vista para outro jardim, agora escuro e encharcado da chuva. O povo de Piedmont com certeza tem uma queda por flores. Há portas por todos os lados, levando para quartos e leitos vazios. Uma delas está aberta e mais enfermeiras entram e saem. Um soldado armado da Guarda Escarlate está de vigia, mas não tão concentrado. Ainda está cedo, e ele pisca devagar, parecendo anestesiado pela eficiência silenciosa da ala.

Sara Skonos parece alerta o suficiente pelos dois. Antes que eu a chame, ela ergue a cabeça. Seus olhos são cinza com o as nuvens tempestuosas do lado de fora.

— Bom dia — ela diz.

É a primeira vez que ela ousa falar. Julian estava certo. Sara tem uma voz adorável.

Não a conheço muito bem, mas nos abraçam os meus assim. Aos dela esfregam meus braços descobertos, enviando estrelas cadentes de alívio para meus músculos exauridos. Quando ela me solta, tira outra folha do meu cabelo, depois, com uma expressão séria, limpa a sujeira atrás do meu ombro.

Sara pisca quando nota a lama escorrendo de Cal. Em contraste com a atmosfera estéril do hospital, com suas superfícies lustrosas e luzes brilhantes, parecem os meus olhos.

Os lábios dela se contorcem em um leve sorriso.

— Espero que tenham aproveitado a corrida matinal.

Cal pigarreia e seu rosto fica prateado. Ele limpa a mancha na calça, mas só espalha ainda mais a lama incontrolável.

— Sim — ele responde.

— Cada um daqueles quartos é equipado com um banheiro com chuveiro.

Posso providenciar uma troca de roupa. — Sara aponta com seu queixo. — Se quiserem.

O príncipe tenta esconder o rosto, que só fica m ais e m ais prateado. Ele escapa furtivam ente, deixando um rastro de pegadas m olhadas pelo cam inho.

Eu fico, deixando que vá na frente. Mesm o agora que pode falar novam ente, com sua língua provavelm ente recriada por outro curandeiro, Sara é do tipo quieta. Há m eios m ais profundos de se com unicar.

Ela toca m eu braço de novo, m e em purrando gentilm ente pela porta aberta.

Com Cal fora de vista, posso pensar com m ais clareza. Os pontos se ligam , um a um . Algo se aperta no m eu peito, um a m istura de tristeza e alegria em partes iguais. Queria que Shade estivesse aqui.

Farley está sentada na cam a, com o rosto verm elho e inchado, um brilho de suor na testa. Os trovões do lado de fora se foram , dissolvidos no derram am ento infinito de chuva nas j anelas. Ela dá um a gargalhada ao m e ver e então estrem ece com a contração repentina. Sara corre para seu lado, colocando as m ãos tranquilizadoras nas bochechas de Farley. Outra enferm eira está escorada na parede, esperando o m om ento em que será útil.

— Você correu até aqui ou rastej ou pelo esgoto? — Farley pergunta, apesar de toda a preocupação de Sara.

Chego m ais perto, com cuidado para não suj ar nada.

— Fui pega pela tem pestade.

— Certo. — Ela não parece convencida. — Aquele lá fora era Cal?

Meu rubor de repente se iguala ao dela.

— Sim .

— Certo — ela diz de novo, extraindo a palavra da garganta.

Os olhos dela grudam em m im , com o se pudesse ler os acontecim entos da últim a hora na m inha pele. Luto contra o desej o de verificar se tenho algum a m arca suspeita. Então ela estende o braço, acenando para a enferm eira. A m ulher se inclina e Farley sussurra na orelha dela. As palavras são rápidas e baixas dem ais para que eu possa entender. A enferm eira assente, correndo para procurar sej a lá o que for que Farley pediu. Ela m e dá um sorriso largo quando sai.

— Pode se aproximar. Não vou explodir. — Ela vira para Sara. — Ainda.

A curandeira oferece um sorriso reconfortante bem ensaiado.

— Não vai demorar muito agora.

Incerta, dou alguns passos para a frente, até poder alcançar a mão de Farley se quiser. Algumas máquinas piscam em volta da cama, pulsando vagarosamente em silêncio. Elas me atraem com seu ritmo com passado, hipnóticas. A dor por Shade se intensifica. Teremos um pedaço dele em breve, mas meu irmão nunca vai voltar. Nem mesmo o por meio de um bebê com seus olhos, seu sobrenome e seu sorriso. Um bebê que ele nunca vai poder amar.

— Pensei em Madeline.

A voz dela me arranca de meus pensamentos.

— O quê?

Farley agarra o lençol branco.

— Era o nome da minha irmã.

— Ah.

Ano passado, achei uma foto da família dela no escritório do coronel. Foi tirada anos antes, mas Farley e seu pai eram inconfundíveis. Ao lado deles, estavam a mãe e a irmã igualmente loiras. Todos tinham uma aparência similar.

Os irmãos largos, atléticos, olhos azuis e frios como o aço. A irmã de Farley era a mais nova, ainda em fase de crescimento.

— Ou Clara. Com o nome da mãe.

Se ela quer continuar falando, estou aqui para ouvir. Mas não vou me intrometer. Fico quieta, esperando, deixando-a conduzir a conversa.

— Elas me orraram alguns anos atrás. Lá em Lakeland. A Guarda Escarlate não era tão cuidadosa na época. Um dos nossos agentes foi pego e sabia demais.

— A dor se espalha pelo seu rosto, tanto por causa das memórias quanto pelo seu estado atual. — Nosso vilarejo era pequeno, desprezado e insignificante. O lugar perfeito para algo como a Guarda

se desenvolver. Até que um homem em soprasse seu nome e sob tortura. O rei de Lakeland nos puniu pessoalmente.

Um alemão branco dele passa pela minha cabeça. Um homem pequeno, calmo e perturbador com a superfície da água parada. Orre Cy gnet.

— Meu pai e eu estavam longe quando ele ergueu as ondas do Hudson, drenando água da baía para inundar nosso vilarejo e nos arrancar da face do seu reino.

— Elas se afogaram — meu irmão.

A voz dela nunca vacila.

— Vermelhos de todo o país foram inflamados pelo Afogamento de Northland. Meu pai contou nossa história acima e abaixo da região dos lagos, em incontáveis vilarejos e cidades. A Guarda Escarlate floresceu. — A expressão neutra de Farley obscurece. — “Pelas nossas elas não me orreram em vão”, ele costumava dizer. “Não se pode ter tudo no mundo.”

— É melhor viver com um propósito — concordo. É uma lição que aprendi da forma mais difícil.

— Exato... — Ela se dispersa, então pega minha mão sem vacilar. — Com o que está se adaptando?

— Lentamente.

— Isso não é ruim.

— Minha família fica em casa a maior parte do tempo. Julian me visita quando não está enfiado no laboratório da base. Kilorn está sempre por perto também. Enfermeiros vêm cuidar de meu pai e ajudar na adaptação com a perna. Ele está progredindo bem, aliás — acrescento, olhando de novo para Sara, quieta no seu canto. Ela sorri de volta. — Ele é bom em esconder o que sente, mas sei que está feliz. Tão feliz quanto possível.

— Não perguntei de sua família. Perguntei de você. — Farley pressiona o lado interno do meu pulso. Involuntariamente, me contraio, levemente do peso das algemas. — Pela primeira vez, estou lhe dando permissão para lamantar sobre si mesma, garota elétrica.

Suspiro.

— Eu... não posso ficar sozinha num quarto com a porta fechada. Não posso... — Lentam ente, puxo m inha m ão. — Não gosto de nada nos m eus pulsos.

Rem ete às algem as que Maven usava para m e m anter prisioneira. E não consigo enxergar nada com o é. Procuro por traições em todos os lugares, em todo m undo.

Os olhos dela escurecem .

— Não é um instinto necessariam ente ruim .

— Eu sei — resm ungo.

— E Cal?

— O que tem ele?

— A últim a vez que vi vocês dois j untos antes de... daquilo tudo, vocês estavam perto de se destruir. — *A poucos metros do corpo de Shade.* — Presum o que tudo foi esclarecido.

Lem bro do m om ento. Não falam os sobre isso. Meu alívio — nosso alívio

— com m inha fuga pôs o resto no passado, esquecido. Mas, quando Farley fala, sinto a velha ferida reabrindo. Tento racionalizar.

— Ele ainda está aqui. Aj udou a Guarda no ataque em Archeon; liderou a tom ada de Corvium . Só queria que escolhesse um lado, e está claro que fez isso.

Palavras são sussurradas na m inha orelha, rem exendo no fundo de um a m em ória. *Me escolha. Escolha um novo mundo.*

— Ele m e escolheu.

— Dem orou um bom tem po.

Tenho que concordar. Mas, pelo m enos, não há com o tirá-lo desse cam inho agora. Cal está com a Guarda Escarlata. Maven garantiu que o país soubesse disso.

— Tenho que m e lavar. Se m eus irm ãos m e virem assim ...

— Vá. — Farley se mexe sobre o travesseiro, tentando achar uma posição mais confortável. — É possível que você tenha uma sobrinha ou um sobrinho quando voltar.

De novo, o sentimento é agido. Forço um sorriso por ela.

— Fico imaginando se o bebê vai ser... parecido com Shade. — O que eu quero dizer é óbvio. Não estou falando de aparência, mas de poder. A criança será um sanguenovo com o ele era e eu sou? Será que é assim que funciona?

Farley apenas dá de ombros.

— Bem, ele ainda não se teletransportou de dentro de mim. Então, quem sabe?

Na porta, a enfermeira volta, segurando um copinho. Me afasto para dar passagem, mas ela se aproxima de mim, não de Farley.

— A general me pediu para lhe dar isso — ela diz. Há uma pílula solitária no copinho. Branca, sem identificação.

— A escolha é sua. — Farley fala da cama. Seus olhos estão sérios enquanto as mãos se encaixam na barriga. — Achei que você deveria ter ao menos isso.

Não hesito. A pílula desce devagar.

Algum tempo depois, tenho uma sobrinha. Minha mãe se recusa a deixar qualquer outra pessoa segurar Clara. Ela alega que vê Shade na recém-nascida, mesmo o que isso seja praticamente impossível. A garotinha se parece mais com um tom alho e enrugado do que com qualquer irmão meu.

Do lado de fora da ala, os demais Barrow comemoram. Cal se foi, voltou para sua rotina de treinos. Ele não queria se intrometer em um momento tão íntimo. Quis-me dar espaço.

Kilorn senta comigo, espremido em uma cadeira pequena encostada nas janelas. A chuva diminui a cada segundo.

— O clima está bom para pescar — ele diz olhando para o céu cinzento.

— Ah, não com esse resmungar sobre o tempo tão bom.

— Com o que está irritadinha.

— E você está com os dias contados, Warren.

Ele ri da piada.

— Acho que a essa altura todos estão os.

Vindo de qualquer outra pessoa isso soaria com o um m au presságio, m as conheço Kilorn m uito bem . Cutuco o om bro dele.

— E aí, com o vão os treinos?

— Bem . Montfort tem dezenas de soldados sanguenovos, todos prontos.

Alguns têm habilidades semelhantes: Darmian, Harrick, Farrah e alguns outros.

Estão evoluindo exponencialmente com ajuda dos mentores. Eu treino com Ada, e com as crianças quando Cal não vai. Elas precisam de um rosto familiar.

— Sem tempo para pescar, então?

Ele ri, curvando-se para apoiar os cotovelos nos joelhos.

— Pois é. Engraçado... eu costumava odiar acordar cedo para trabalhar no rio. Detestava as queimaduras de sol, as cordas machucando, os anzóis fincados nos dedos, as tripas de peixe nas roupas. — Ele rói as unhas. — Agora sinto falta disso.

Sinto falta daquele garoto também .

— Era muito difícil ser sua amiga com aquele cheiro.

— Provavelmente foi por isso que ficam os tão grudados. Ninguém mais aguentava meu fedor ou seu com portamento.

Sorrio e jogo a cabeça para trás, escorando o crânio na janela de vidro.

Gotas de chuva escorrem , gordas e firmes. Eu as conto na cabeça. É mais fácil do que pensar em qualquer outra coisa à minha volta ou à minha frente.

Quarenta e uma, quarenta e duas...

— Não sabia que você conseguia ficar parada tanto tempo.

Kilorn m e observa, pensativo. Ele é um ladrão tam bém , com os instintos de um . Mentir para ele não levaria a lugar nenhum , apenas o afastaria m ais. E isso não é algo que eu conseguiria suportar agora.

— Não sei o que fazer — sussurro. — Mesm o em Whitefire, quando era prisioneira, tentava escapar, tram ar, espionar, sobreviver. Mas agora... não sei.

Não sei se consigo continuar.

— Você não é obrigada. Ninguém a culparia caso se afastasse disso tudo e nunca m ais voltasse.

Continuo encarando as gotas de chuva. Sinto enj oo no fundo do estôm ago.

— Eu sei. — A culpa m e corrói. — Mas m esm o se pudesse desaparecer nesse instante, levando todas as pessoas com quem m e im porto, não o faria.

Tem m uita raiva dentro de m im . Muito ódio.

Kilorn assente, com preendendo.

— Mas você não quer lutar.

— Não quero m e tornar... — m inha voz desaparece.

Não quero me tornar um monstro. Um casco vazio, rodeado de fantasmas.

Como Maven.

— Você não vai se tornar nada. Não vou deixar. E nem preciso dizer que Gisa tam bém não.

Apesar de tudo o que estou sentindo, engulo um a risada.

— Certo.

— Você não está sozinha. Durante todo o tem po trabalhando com os sanguenovos, descobri que esse é o m aior m edo deles. — Kilorn inclina a cabeça para trás, encostando na j anela. — Vocês deveriam conversar.

— É m esm o — m urm uro, e estou sendo sincera. Certo alívio floresce no m eu peito. Aquelas palavras m e confortam m ais do que qualquer coisa.

— E no fim das contas você precisa descobrir o que quer — ele diz, de form a gentil.

Vej o a água da banheira fervendo lentam ente, form ando bolhas brancas e gordas. Um garoto pálido m e olhando com o pescoço exposto. Na vida real, só fiquei ali parada. Era fraca, tola e m edrosa. No devaneio, coloco as m ãos em volta do seu pescoço e aperto. O garoto estremece na água escaldante, m ergulhando para nunca voltar à superfície. Para nunca m ais m e assom brar de novo.

— Quero m atar Maven.

Kilorn estreita os olhos e um m úsculo da bochecha se contrai.

— Então você tem que treinar para vencer.

Assinto lentam ente.

No canto da ala, quase inteiram ente oculto pelas som bras, o coronel se m antém vigilante. Ele olha para os pés, sem se m exer. Não entra para ver a filha e o novo neto. Tam pouco vai em bora.



VINTE E TRÊS

Evangeline

ELA RI NO MEU PESCOÇO, um esfregar de lábios e aço frio. Minha coroa pende de seu cabelo verm elho ondulado, aço e diam antes reluzindo entre os cachos cor de rubi. Com sua habilidade, ela faz os diam antes piscarem com o estrelas.

Relutante, saio da cam a, deixando os lençóis de seda e Elane para trás. Ela reclam a quando abro as cortinas, deixando a luz do sol entrar. Com um gesto seu, a j anela escurece, até que a claridade fique a seu gosto.

Eu m e troco na penum bra, vestindo as pequenas roupas íntim as pretas e sandálias. Hoj e é um dia especial e m e apresso para m oldar um a roupa a partir das placas de m etal no m eu arm ário. Titânio e aço escurecido cintilam pelo m eu corpo. Preto e prateado, refletindo a luz em um arco-íris brilhante. Não preciso de um a criada para m e

m aqui, nem quero um a passeando pelo m eu quarto. Eu m esm a cuido disso, com binando o batom azul-escuro brilhante com um delineador preto salpicado com cristais, feito especialm ente para m im . Elane cochila enquanto isso, até eu puxar a coroa da cabeça dela. Serve perfeitam ente na m inha cabeça.

— Isso é m eu — digo, abaixando para dar m ais um beij o nela. Elane sorri preguiçosa, seus lábios se curvando contra os m eus. — Não esqueça que você tam bém deve estar presente hoj e.

Ela faz um a reverência irônica.

— Ao seu com ando, alteza.

O título é tão delicioso que quero lam ber as palavras direto da boca dela.

Mas, para não correr o risco de borrar a m aquiagem , m e detenho. Não olho para trás, para não perder o pouco de autocontrole que m e resta.

A m ansão Ridge pertence à m inha fam ília há gerações e fica no cum e de um a das m uitas colinas da região. Toda de aço e vidro, é de longe m inha favorita entre as propriedades da fam ília. Meu quarto fica virado para o leste, em direção ao alvorecer. Gosto de levantar com o sol, tanto quanto Elane desgosta. A passagem de aço que liga m eus aposentos aos corredores principais foi feita por

um m agnetron, aberta dos lados. Algum as passarelas se prolongam até o térreo, m as m uitas se arqueiam para cim a das copas das árvores, das rochas irregulares e das fontes salpicadas pela propriedade. Caso a batalha um dia bata à nossa porta, os invasores passariam por m aus bocados para abrir cam inho pela estrutura, arm ada contra eles.

Apesar da floresta bem podada e dos j ardins luxuosos, poucos pássaros vêm até aqui. Eles sabem do perigo. Quando eram os crianças, Ptolem us e eu os usávam os com o alvo para treinam ento. Outros ainda caíam pelos caprichos da m inha m ãe.

Mais de trezentos anos atrás, antes dos reis Calore ascenderem , Ridge não existia, tam pouco Norta. Este pedaço de terra era governado por um chefe m ilitar Sam os, m eu ancestral. Nosso sangue é de conquistadores e nosso destino se elevou de novo. Maven não é m ais o único rei de Norta.

Os criados são especialistas em ficar fora de vista aqui, surgindo apenas quando são necessários ou quando são chamados. Nas últimas semanas, parecem quase bons demais nesse quesito. Não é difícil adivinhar o porquê. Muitos deles estão fugindo — ou para as cidades, para se protegerem da guerra civil, ou para se juntar à rebelião da Guarda Escarlata. Meu pai diz que a Guarda em si fugiu para Piedmont, que por sua vez nada mais é do que um armazém de dançando ao som de Montfort. Mesmo o relutante, ele mantém canais de comunicação com Montfort e com líderes da Guarda. Por enquanto, o inimigo do nosso inimigo é nosso amigo, o que os torna todos possíveis aliados contra Maven.

Tolly espera na galeria, o amplo espaço na lateral do prédio principal. As janelas oferecem vista em todas as direções, estendendo-se pelos vários quilômetros da propriedade. Nos dias mais claros, dá para ver Pitarus a oeste, mas as nuvens estão baixas ao longe, conforme as chuvas de primavera correm por toda a extensão do rio que se espalha pelo vale. A leste, colinas se estendem, cada vez mais altas, até se tornarem montanhas azul-esverdeadas. A região é, na minha opinião, o pedaço mais bonito de Norte. É minha. Da minha família. A Casa Samos governa este paraíso.

Meu irmão certo parece um príncipe, o herdeiro do trono de Rift. Em vez de um armadura, Tolly veste um uniforme novo. Prateado em vez de preto, com botões reluzentes de aço e ônix e uma faixa escura com o petróleo passando por seu ombro e chegando ao quadril. Sem medalhas ainda, ou pelo menos sem nenhuma a que ele possa usar. As que possui foram recebidas por servir outro rei.

Seu cabelo prateado está molhado, lavado para trás na cabeça. Está com o frescor do banho. Ele mantém sua nova aparência junto ao corpo. Wren precisou de quase um dia inteiro para fazê-la crescer de forma adequada e teve muita ajuda de dois outros curandeiros.

— Onde está minha esposa? — ele pergunta, olhando para a passagem vazia atrás de mim.

— Ela vai se juntar a nós em algum momento. É um preguiçoso. — Tolly casou com Elane uma semana atrás. Não sei se ele viu desde a noite do casamento, mas não se importa. Esse foi o acordo que estabeleceram.

Tolly encosta o braço bom no meu.

— Nem todo mundo é capaz de trabalhar com tão poucas horas de

sono

com o você.

— E você? Soube que todo aquele esforço para reconstruir sua mãe resultou em longas noites com Lady Wren — respondo com malícia.
— Ou estou mal informada?

Tolly sorri, envergonhado.

— Com o poder de estar?

— É verdade. — Na mansão Ridge, é quase impossível guardar segredos.

Em especial da nossa mãe. Os olhos dela estão em todos os lugares, em ratos, gatos e em algum eventual pássaro ousado. Os raios do sol penetram pela galeria, reluzindo nas muitas esculturas de metal fluido. Enquanto passam os, Ptolemy gira sua nova mãe no ar e as esculturas a acompanham, alterando-se. Cada uma a se torna mais com a que a anterior.

— Não perca tempo, Tolly. Se os embaixadores chegarem antes de nós, papai vai espetar nossa cabeça no portão — zombo. Ele ri da piada. Nenhum de nós nunca viu algo assim. Meu pai matou antes, isso é certo, mas nunca com tanta crueldade ou tão perto de casa. *Não derrame sangue no seu próprio jardim*, ele diz.

Seguimos nosso caminho pela galeria, permanecendo nas passarelas externas para apreciar melhor o clima agradável. A maioria dos salões interiores dá vista para a passarela, através de janelas de vidro polido ou portas abertas para receber a brisa da primavera. Guardas de Sam os protegem um deles e acenam com a cabeça quando nos aproximamos, demonstrando respeito ao seu príncipe e à sua princesa. Sorrio diante do gesto, mas a presença deles me incomoda.

Os guardas de Sam os supervisionam uma operação violenta: a produção de Pedra Silenciosa. Até mesmo Ptolemy se empalidece quando passam os. O

cheiro de sangue nos sobrepuxa por um instante, preenchendo o ar com ferro pungente. Duas pessoas da Casa Arven estão sentadas no interior da sala, acorrentadas às cadeiras. Não estão aqui voluntariamente. A Casa deles é aliada de Maven, mas precisam das Pedras. Wren está parada entre eles, acompanhando o progresso. Ambos os punhos dos Arven foram cortados e eles sangram livremente em grandes baldes. Quando chegarem ao limite, Wren vai curá-los para estimular a produção de sangue e recomeçar outra vez. Enquanto isso, o sangue se mistura com o cimento, enrijecendo os terríveis

blocos de pedras supressoras de habilidades. Para quê, não sei, mas com certeza meu pai tem planos para eles. Um a prisão, talvez, com o aquela que Maven construiu tanto para os prateados quanto para os sanguenovos.

Nossa maior sala de visitas, apropriadamente chamada de Prolongar do Sol, é a que fica na encosta oeste. Suponho que agora seja a nossa sala do trono também. Conforme nos aproximamos, cortesãos da nobreza recém-criada por meu pai despontam no caminho, e a quantidade aumenta a cada passo. A maioriam são primos da família Samos, promovididos por nossa declaração de independência. Alguns parentes mais próximos, os irmãos do meu pai e seus filhos, reivindicaram títulos de príncipes para si, mas o restante se contentou, com o sempre, a viver do nome e das ambições do meu pai.

Cores brilhantes se destacam entre o tradicional preto e prata, um indicativo

óbvio da reunião de hoje. Em baixadores de outras Casas rebeldes vieram negociar com o reino de Rift, ou melhor, se ajoelhar. A Casa Iral vai argumentar.

Tentar barganhar. Os silfos pensam que seus segredos podem lhes garantir uma coroa, mas o poder é a única coisa de valor aqui. Força é a única moeda de troca. E eles abriram mão de ambos ao entrar no nosso território.

Os representantes de Haven vieram, sombrios banhando-se na luz do sol, enquanto os dobra-ventos de Laris se manifestam juntos, usando o arelo. Eles já juraram lealdade ao meu pai e contribuíram com o poderio da Força Aérea, tomando o controle da maioriam das bases. Me preocupo mais com a Casa Haven.

Elane não fala sobre isso, mas sente falta da sua família. Alguns já juraram lealdade aos Samos, mas não todos, incluindo seu pai, e ela se entristece ao ver a Casa rachar. Na verdade, acho que esse é o motivo de não ter vindo até aqui comigo. Elane não consegue suportar a casa dividida. Gostaria de poder fazê-los se ajoelhar diante dela.

Com a luz da manhã, o Prolongar do Sol ainda é impressionante com seu piso liso de pedras do rio e a visão arrebatadora do vale. O rio Devoto é uma faixa azul sobre o verde sedoso, curvando-se preguiçoso até a tempestade distante.

A coalizão não chegou ainda, dando tempo para Tolly e eu tomarmos

os nossos lugares nos respectivos tronos. O de Tolly fica à direita de papai e o meu, à esquerda de minha mãe. São todos feitos de aço da melhor qualidade, polido até refletir com o um espelho. São gelados, por isso digo a mim mesma para não tremer enquanto sento. Sinto arrepios mesmo assim, a minha aioria antecipando a sensação. Sou a princesa Evangeline de Rift, da Casa Samos. Pensava que meu destino era ser rainha de outra pessoa, sujeita à coroa de outra pessoa. Isso é muito melhor. Era o que deveriam os ter feito desde o princípio. Quase me arrependo dos anos desperdiçados aprendendo a ser esposa de alguém.

Meu pai entra na sala com uma multidão de conselheiros, inclinando a cabeça para escutá-los. Ele não fala muito por natureza. Seus pensamentos são reservados para si mesmo, mas as ouve bem, levando tudo em consideração antes de tomar decisões. Não como o Maven, o rei tolo, que seguia apenas sua bússola quebrada.

Minha mãe entra a seguir, sozinha, com seu verde tradicional, sem damas nem conselheiros. As pessoas abrem um amplo espaço para sua passagem.

Provavelmente por causa da pantera negra andando atrás dela. O animal acompanha seu ritmo, saindo de perto apenas quando chegam ao trono. Ela vem até mim, aconchegando a cabeça enorme no meu tornozelo. Por costume, me mantenho imóvel. O controle da minha mãe sobre as criaturas é bem forte, mas não perfeito. Já vi seus animais de estimação arrancarem pedaços de muitos criados, por vontade dela ou não. A pantera então volta para perto da minha mãe, sentando à esquerda dela, entre nós duas. Ela repousa a mão resplandecente de esmeraldas na cabeça do animal, acariciando sua pelagem negra e sedosa. O

felino gigantesco pisca lentamente, com seus olhos redondos e amarelos.

Encontro os olhos da minha mãe e ergo um a sobrancelha.

— Bela entrada.

— Fiquei entre a pantera e a píton — ela retruca. As esmeraldas brilham na

coroa em sua cabeça, habilmente encrustadas na prata. Seu cabelo cai perfeitamente, com o um a cortina preta, grossa e metálica. — Mas não consegui achar um vestido que combinasse com a cobra. — Ela gesticula para os jardins cobrindo seu vestido de chiffon. Duvido que

essa seja a razão, mas não preciso falar em voz alta. Suas manuações ficarão claras em breve. Esperta com o é, minha mãe tem pouco talento para subterfúgios. Suas maneiras são diretas. Meu pai é um bom par nesse sentido. Está sem pressovendo nas sombras, ainda que suas manobras levem anos.

Mas, por enquanto, ele está exposto à luz do dia. Seus conselheiros se afastam ao aceno de sua mãe e ele sobe para sentar conosco. É uma visão poderosa. Sua antiga túnica negra foi abandonada. Com o Ptolemeu, veste roupas brocadas com fios de prata. Posso sentir a armadura sob seu traje real. Com o.

Exatamente igual à coroa em sua cabeça. Nada de jóias para meu pai. Elas não têm utilidade para ele.

— Primos de ferro — ele diz com tranquilidade, procurando os vários rostos de Samos na multidão.

— Reis de aço! — gritam em resposta, erguendo os punhos. A força daquilo faz meu peito vibrar.

Em Norta, nas salas do trono de Whitefire ou de Sumerton, alguém sempre gralhava o nome do rei, anunciando sua presença. Assim como no caso das jóias, meu pai não se importa com tais demonstrações. Todos aqui sabem nosso nome. Repeti-lo apenas demonstraria fraqueza, sede por reafirmação. Meu pai não é fraco nem precisa disso.

— Comecem — ele diz. Seus dedos tamborilam no braço do trono e as portas pesadas de metal no fim do salão se abrem.

Os baixadores são poucos, mas de alta patente. São os líderes de suas Casas. Lord Salin de Iral parece usar todas as jóias que faltam em meu pai, com um largo colar de rubis e safiras se espalhando de ombro a ombro. Sua túnica balança na altura dos tornozelos, está padada com padrões vermelhos e azuis em igual proporção. Seria fácil tropeçar, mas um silfo da Casa Iral não se preocupa com isso. Ele sempre vem com uma graça letal, seus olhos pretos focados. Lord Salin faz o que pode para ficar à altura da mãe de sua predecessora, Ara Iral.

Seus acompanhantes são silfos também, tão extravagantes quanto ele. Fazem parte de uma bela Casa, com pele bronze e cabelos pretos exuberantes. Sonya não está entre eles. Eu a considerava uma amiga na corte, tanto quanto era possível. Não sinto sua falta, e provavelmente é melhor que não esteja aqui.

Os olhos de Salin se estreitam ao avistar a pantera ao lado da mãe, no momento ronronando diante de suas carícias. *Ah*. Eu tinha esquecido. A mãe dele, assassinada recentemente, era chamada de Pantera na juventude. *Bem sutil, mãe*.

Seis sombrios de Haven ficam visíveis, com a expressão decididamente menos hostil. No fundo da sala, percebo Elane chegando. O rosto dela permanece nas sombras, ocultando sua dor de qualquer outra pessoa na multidão.

Gostaria que estivesse sentada ao meu lado. Mas, mesmo o que minha filha tenha sido mais do que favorável a seu respeito, isso nunca poderá acontecer. Ela vai sentar ao lado de Tolly um dia. Não ao meu.

O pai de Elane, Lord Jerald, é o líder da delegação de Haven. Com ela, tem cabelo vermelho e a pele radiante. Aparenta ser mais jovem do que é de fato, manipulado por sua habilidade natural de manipular a luz. Se sabe que sua filha está no fundo da sala, não demonstra.

— Majestade. — Salin inclina a cabeça apenas o suficiente para ser educado.

Meu pai não se inclina. Apenas seus olhos se movem, percorrendo os embaixadores.

— Senhores. Senhoras. Bem-vindos ao reino de Rift.

— Agradecemos a hospitalidade — Jerald responde.

Quase posso ouvir meu pai ranger os dentes. Ele detesta perda de tempo, e tais cordialidades com certeza estão nessa categoria.

— Bem, vocês viajarão até aqui. Espero que seja para confirmar sua lealdade.

— Nós nos comprometemos a apoiar sua coalizão para destronar Maven

— Salin diz. — Não a isso.

Meu pai suspira.

— Maven foi destronado em Rift. Com a nossa aliança, podem os conquistar mais.

— Mas você será rei. Terem os um ditador no lugar de outro. — Murm

úrios se espalham pela m ultidão, m as perm anecem os em silêncio enquanto Salin cospe suas bobagens.

Minha m ãe se inclina para a frente.

— É m uito inj usto com parar m eu m arido àquele príncipe podre que não deveria ter sentado no trono do pai.

— Não ficarei parado enquanto confisca um a coroa que não é sua — Salin rosna em resposta.

Minha m ãe estala a língua.

— Um a coroa que você não teve a ideia de tom ar? É um a pena que a Pantera tenha sido assassinada. Ela pelo m enos teria se preparado para isso.

— Minha m ãe continua alisando o predador brilhante ao seu lado. A pantera rosna baixo, exibindo as presas.

— O fato perm anece — m eu pai interrom pe. — Mesm o com Maven se debatendo, seu Exército e seus recursos são vastos o suficiente para nos sobrepuj ar. Especialm ente agora que Lakeland se uniu a ele. Mas j untos podem os nos defender. Contra-atacar com força. Esperar que m ais do seu reino caia.

Esperar que a Guarda Escarlate...

— A Guarda Escarlate. — Jerald cospe no nosso belo piso. Seu rosto m uda de cor quando o sangue prateado sobe. — Você quer dizer Montfort. O

verdadeiro poder por trás daqueles terroristas. Outro reino.

— Tecnicam ente... — Tolly com eça a falar, m as Jerald prossegue.

— Com eço a achar que você não se im porta com Norta, apenas com seu título e sua coroa. Quer m anter qualquer parte da nação para si, enquanto criaturas m aiores a devoram — Jerald estoura. Na m ultidão, Elane se retrai e fecha os olhos. Ninguém fala com m eu pai desse j eito.

A pantera rosna de novo, acom panhando o tem peram ento de m inha m ãe,

que agora está furiosa. Meu pai apenas se recosta no trono, observando a am eaça ecoar por toda a sala.

Depois de um momento de agitação, Jerald se ajoelha.

— Peço desculpas, majestade. Eu me expressei mal. Não foi minha intenção... — Ele para de falar sob o olhar atento do rei, as palavras morrendo nos seus lábios carnudos.

— A Guarda Escarlata nunca terá lugar aqui. Não importa quem os apoie

— meu pai diz, resolutivo. — Vermelhos são inferiores, estão abaixo de nós. É

assim que funciona. A própria natureza sabe que somos os seus mestres. Por que meusaios seriam os prateados? Por que meusaios seriam os deuses, se não para governá-los?

Os primeiros da família Sam os vibram :

— Reis de aço!

— Se os sanguenovos querem se aliar a insetos, deixe-os. Se querem dar as costas para nosso estilo de vida, deixe-os. Quando se voltarem contra nós, para lutar contra a natureza, nós os mataremos.

O apoio aumentava, espalhando-se da nossa Casa para a Casa Laris. Mesmo alguns nas delegações aplaudem ou acenam em concordância. Duvido que já tenham visto Volo Sam os falar tanto. Meu pai guarda sua voz e suas palavras para momentos importantes. Este com certeza é um deles.

Apenas Salin permanece parado. Seus olhos escuros se destacam , rodeados por um contorno negro.

— Não foi sua filha que deixou um terrorista escapar? Ela não me assassinou quatro prateados de uma Casa nobre no caminho?

— Quatro meus irmãos da Casa Arven, que haviam jurado lealdade a Maven.

— Minha voz estala com o apito de um chicote. Lord Iral vira o rosto para mim e me sinto eletrificada, quase levantando do trono. Essas são minhas primeiras palavras com a princesa, finalmente ditas em minha voz que é realmente minha.

— Quatro soldados que arrancariam cada pedaço de qualquer um de nós se o rei perturbado deles me andasse. Está de luto por eles, meu

senhor?

Salin fecha a cara.

— Estou de luto pela perda de um a refém valiosa, nada m ais. E obviamente questiono sua decisão, princesa.

Mais uma gota de escárnio na sua voz e corto sua língua.

— A decisão foi minha — meu pai diz, neutro. — Barrow era um a refém valiosa. Nós a tiramos de Maven. — *E a deixamos solta na praça, como uma fera fora da jaula.* Me pergunto quantos soldados reais Barrow derrubou naquele dia.

O suficiente para concretizar o plano do meu pai, para encobrir nossa própria fuga.

— E agora ela está solta por aí! — Salin grita, perdendo a calma a cada vez m ais.

Meu pai não demonstra sinais de interesse e declara o óbvio:

— Barrow está em Piedmont, é claro. E asseguro a você que era mais perigosa sob o comando de Maven do que já mais será com eles. Nossa preocupação deveria ser eliminar o garoto, não radicais destinados ao fracasso.

Salin em palidece.

— Fracassar? Eles dominaram Corvium. Controlam uma vasta parte de Piedmont, usando um príncipe prateado como o meu arionete. Se isso é fracasso...

— Eles querem igualar o que é desigual por princípio — minha mãe fala com frieza e sinceridade. — É tolice, uma equação impossível. Só pode terminar em derramamento de sangue. E vai terminar. Piedmont vai se reerguer. Norte expulsará os demônios vermelhos. O mundo continuará girando.

Todos os argumentos parecem me orrir ali. Com o meu pai, ela se recosta no trono, satisfeita. Não está cercada pelo familiar silvo de cobras, mas a grande pantera ronrona sob seu toque.

Meu pai continua no seu ritmo, ansioso para dar o golpe definitivo.

— Nosso foco é Maven. Lakeland. Extirpar o rei do seu novo aliado o deixará vulnerável, muito mais vulnerável. Vocês vão nos apoiar

em nossa j ornada para livrar o país desse veneno?

Lentam ente, Salin e Jerald trocam olhares. A adrenalina corre pelas m inhas veias. Eles vão se aj oelhar. Precisam fazer isso.

— Vocês apoiarão a Casa Sam os, a Casa Laris, a Casa Lerolan...

Um a voz o interrom pe. A voz de um a m ulher, ecoando de lugar nenhum .

— Você acha que tem o direito de falar por m im ?

Jerald retorce as m ãos, em m ovim entos rápidos. Todos no salão engasgam , inclusive eu, quando um a terceira em baixadora aparece do nada entre os integrantes das Casas Iral e Haven. Sua Casa está atrás dela, dezenas de pessoas em roupas verm elhas e laranj a, com o o sol poente. Com o um a explosão.

Minha m ãe dá um pulo, surpresa pela prim eira vez em m uitos, m uitos anos.

A adrenalina se transform a em estacas de gelo, resfriando m eu sangue.

A líder da Casa Lerolan dá um passo ousado à frente. Parece séria. Os cabelos grisalhos estão presos em um coque perfeito e seus olhos queim am com o bronze. Ela não conhece a palavra m edo.

— Não vou apoiar um rei de Sam os enquanto um herdeiro dos Calore viver.

— Sabia que estava sentindo cheiro de fum açã — m inha m ãe m urm ura, afastando a m ão da pantera. A criatura fica im ediatam ente tensa, levantando com as garras para fora.

Ela apenas dá de om bros, sorrindo.

— É fácil falar, Larentia, agora que m e vê aqui de pé. — Os dedos dela tam borilam a lateral do corpo. Observo com atenção. Ela é um a oblívia, capaz de explodir as coisas com o toque. Aproxim ando-se o suficiente, pode obliterar m eu coração dentro do peito ou m eu cérebro dentro do crânio.

— Sou um a rainha...

— Eu tam bém . — Anabel Lerolan abre um sorriso largo. Apesar de suas roupas serem elegantes, ela não usa nenhum a j oia, nem m esm o

um a coroa.

Nada de m etal. Meu punho se fecha. — Não vam os abandonar m eu neto. O

trono de Norta pertence a Tiberias VII. Nossa coroa é de cham as, não de m etal.

A raiva do m eu pai se acum ula com o um trovão e cai com o um raio. Ele levanta do trono, com um dos punhos cerrados. Os reforços de m etal que sustentam a sala se retorcem , rugindo sob a força de sua fúria.

— Tínham os um acordo, Anabel! — ele rosna. — Barrow em troca do seu apoio.

Ela apenas pisca.

Do outro lado, ouço m eu irm ão acusar, entredentes:

— Você esqueceu com o a Guarda assum iu o controle de Corvium ? Não viu seu neto lutando contra seus sem elhantes em Archeon? Com o o reino pode apoiá-lo agora?

Anabel não se m ove. Seu rosto perm anece calm o, com um a expressão sincera e paciente. Ela parece um a velhinha bondosa em todos os trej eitos, exceto pelas ondas de ferocidade que em ana. Espera que m eu irm ão prossiga, m as, quando ele não o faz, assum e a fala.

— Obrigada, príncipe Ptolem us, por pelo m enos não insistir na m entira ultraj ante sobre o assassinato do m eu filho e o exílio do m eu neto. Am bos os crim es com etidos pelas m ãos de Elara Merandus, ao contrário do que a m áquina de propaganda do reino espalha. Sim , Tiberias fez coisas terríveis. Mas seu intuito era sobreviver. Depois que dem os as costas para ele, que o abandonam os. Depois que seu próprio irm ão, envenenado pela m ãe, tentou m atá-lo na arena com o um crim inoso. Um a coroa é o m ínim o que devem os lhe oferecer com o desculpas.

Atrás dela, os representantes de Iral e Haven se m antêm firm es. Um a cortina de tensão cai sobre a sala. Todos a sentem . Som os prateados, nascidos para a força e o poder. Fom os treinados para lutar, para m atar. Ouvim os o tique-taque do relógio em cada coração, num a contagem regressiva para o derram am ento de sangue. Olho para Elane, que aperta os lábios em um a linha sinistra.

— O Rift é m eu — m eu pai rosna, soando com o um a das feras da m inha m ãe. O barulho faz m eus ossos vibrarem e no m esm o instante m e sinto um a criança de novo.

Não tem o m esm o efeito sobre a velha rainha. Anabel apenas inclina a cabeça para o lado. Raios de sol cintilam nas m echas ferrosas e lisas do seu cabelo, preso na altura da nuca.

— Então fique com ele — a velha responde dando de om bros. — Com o você disse, tinham os um acordo.

Sim ples assim , o redem oincho que am eaçava engolir a sala desaparece.

Alguns dos prim os, além de Lord Jerald, voltam a respirar.

Anabel estende as m ãos em um gesto aberto.

— Você é o rei de Rift, e que tenha um reinado longo e próspero. Mas m eu neto é o rei de Norta por direito. E precisará de todos os aliados que puderm os reunir para reconquistar o trono.

Mesm o m eu pai não previa essa virada. Anabel Lerolan não ia à corte havia m uitos anos, sem pre optando por perm anecer em Delphie, o território de sua Casa. Ela desprezava Elara Merandus e não aguentava ficar perto dela; talvez a tem esse. Suponho que, agora que a rainha m urm uradora se foi, a velha rainha oblívia pode voltar. E de fato voltou.

Digo a m im m esm a para não entrar em pânico. Meu pai pode ter sido pego de surpresa, m as não vai se render. Controlam os Rift. Estam os em casa. Não entregarem os a coroa. Foram apenas algum as sem anas, m as não adm ito a ideia de perder o que conquistam os. O que *mereço*.

— Me pergunto com o você pretende devolver o poder a um rei que não

quer o trono — m eu pai reflete. Ele j unta as pontas dos dedos e analisa Anabel.

— Seu neto está em Piedm ont...

— Meu neto é um agente forçado da Guarda Escarlata, que no m om ento é controlada pela República Livre de Montfort. O líder deles, o autointitulado prim eiro-m inistro, é um hom em bem razoável — ela

acrescenta, falando com o se estivesse discutindo a previsão do tempo.

Meu estômago se revira e me sinto um pouco enjoada. Algo em mim, um instinto primitivo, grita para que eu vá antes que continue.

Meu pai ergue uma sobrancelha.

— Você tem contato com ele?

A rainha Lerolan dá um pequeno sorriso.

— O suficiente para uma negociação. E tenho falado com meu neto com mais frequência ultimamente. É um rapaz talentoso, muito bom com as armas.

Ele me procurou num momento de desespero, me pedindo apenas uma coisa. E, graças a você, meu neto conseguiu.

Mare.

Meu pai estreita os olhos.

— Ele tem conhecimento dos seus planos, então?

— Terá.

— E Montfort?

— Estão ansiosos para se aliar a um rei. Apoiarão uma guerra para restaurar o nome de Tiberias VII.

— Do mesmo jeito que se aliaram a Piedmont? — Se ninguém mais vai apontar a loucura do que ela está dizendo, serei obrigada a isso. — O príncipe Bracken dança conforme a música deles. Os relatórios indicam que tomaram seus filhos. Está disposta a permitir que seu neto seja um marionete?

Vim aqui sentada para ver os outros se ajoelhando. Permaneço no trono, mas me sinto vulnerável diante de Anabel enquanto ela sorri.

— Com o seu apoio disse de forma tão eloquente, eles querem igualar o que é desigual por princípio. A vitória é impossível. Os prateados não podem ser dominados.

Até a pantera está em silêncio, observando o debate com olhos

atentos. Sua cauda se move devagar. Noto sua pelagem, escura com o a noite. Um abismo exatam ente igual àquele diante do qual estou. Meu coração bate forte em um ritmo exausto, bom beando tanto medo quanto adrenalina pelo meu corpo. Não sei para que lado meu pai penderá. Não sei o que virá em seguida. Minha pele se arrepia.

— É claro — Anabel acrescenta — que o reino de Norta e o reino de Rift seriam ligados por uma aliança. E pelo casamento.

Perco o chão. Preciso de cada grama de esforço e orgulho para permanecer no meu trono gélido. *Você é de aço*, sussurro na minha cabeça. *Não se curva nem se quebra*. Mas já posso me sentir fazendo a reverência, cedendo à vontade do meu pai. Ele vai me trocar sem nem pensar, se isso significar me anteceder a coroa. O reino de Rift, o reino de Norta... Volo Sam os vai se agarrar ao que puder. Se o segundo estiver fora de alcance, fará o máximo para me anteceder o primeiro. Mesmo o que isso signifique quebrar sua promessa. Me vender mais uma

vez. Minha pele formigava. Pensei que tudo isso tinha ficado para trás. Sou uma princesa agora, e meu pai é um rei. Não preciso casar com ninguém por uma coroa. Ela está no meu sangue, em mim.

Não, isso não é verdade. Você ainda precisa do seu pai. E do nome dele.

Nunca será dona de si mesma.

O sangue pulsa no meu ouvido, rugindo com o um furacão. Não ousou procurar Elane. Eu prometi. Ela casou com meu irmão para que nunca nos separassem. Cumpru sua parte da barganha, mas as e agora? Eles vão me mandar para Archeon. Ela vai ficar aqui com a esposa de Tolly e, um dia, sua rainha. Quero gritar. Quero levantar desse trono, estilhaçá-lo e usá-lo para derrubar cada um nesta sala. Incluindo eu mesma. Não posso aceitar isso. Não posso viver assim.

Tive algum assemelhado da sensação mais próxima da liberdade que já conheci; não posso deixar isso escapar. Não quero voltar a viver segundo as ambições de alguém.

Respiro, tentando conter a raiva. Não acredito em nenhum deus, mas rezo.

Diga não. Diga não. Diga não. Por favor, pai, diga não.

Ninguém olha para mim, e esse é meu único alívio. Ninguém me vê desmanchando lentamente. Eles só têm olhos para o meu pai. Tento

m e desligar.

Colocar a dor em um a caixa e guardá-la bem no fundo. É fácil fazer isso quando se está treinando ou num a luta. Mas nesse m om ento é quase im possível.

É claro. Rio de tristeza por dentro. *Seu destino sempre foi este, não importava o que acontecesse.* Fui criada para casar com o herdeiro da Casa Calore. Fisicam ente. Mentalm ente. Fabricada para isso. Com o um castelo ou um túm ulo. Minha vida nunca foi m inha e nunca será.

As palavras do m eu pai fincam pregos no m eu coração. Cada um a é um a nova explosão de lam ento sangrento.

— Ao reino de Norta. E ao reino de Rift.



VINTE E QUATRO

Cameron

MORREY DEMORA MAIS QUE OS OUTROS REFÉNS.

Alguns acreditaram em questão de m inutos. Outros resistiram por dias, teim osos, agarrando-se às m entiras que haviam sido enfiadas goela abaixo. *A Guarda Escarlata é um bando de terroristas. A Guarda Escarlata é cruel. A Guarda Escarlata tornará sua vida pior. O rei Maven os libertou da guerra e os libertará de muito mais.* Meias verdades distorcidas e transform adas em propaganda. Posso com preender com o eles e tantos outros acreditaram . Maven explorou a ânsia dos verm elhos, ignorantes à m anipulação. Eles viram um prateado disposto a ouvir, o que seus predecessores nunca fariam . Sua esperança era fácil de com prar.

E a Guarda Escarlata está longe de ser um grupo de heróis inocentes. São, na m elhor das hipóteses, falhos, com batendo opressão com violência. Os integrantes da Legião Adaga continuam cautelosos. São apenas adolescentes que saltaram das trincheiras de um exército para outro. Não os culpo por ficarem de olhos abertos.

Morrey ainda se agarra às suas inquietações. Por m inha causa, pelo que sou. Maven acusou a Guarda de m atar pessoas com o eu. Não im

porta quanto m eu irm ão tente, ele não consegue se desvencilhar das palavras do rei.

Enquanto sentam os para tom ar café da m anã, com tigelas de m ingau de aveia quentes dem ais para serem tocadas, m e preparo para as perguntas de sem pre. Gostam os de com er na gram a, a céu aberto, com os cam pos de treino se perdendo no horizonte. Depois de quinze anos na favela, cada sopro da brisa parece um m ilagre. Estou sentada com as pernas cruzadas, o m acação verde-escuro j á confortável depois de tanto uso e das incontáveis lavagens.

— Por que você não vai em bora? — Morrey pergunta, indo direto ao assunto. Ele m exe o m ingau três vezes, no sentido anti-horário. — Não j urou lealdade à Guarda. Não tem m otivo para ficar.

— Por que você não faz isso? — Bato na colher dele com a m inha. É um a réplica idiota, m as tam bém um a fuga fácil. Não tenho um a boa resposta para ele

e odeio que insista.

Ele encolhe os om bros estreitos.

— Gosto da rotina — balbucia. — Em casa... Bom , você sabe que era terrível lá, m as... — Ele m exe o m ingau, m etal raspando no m etal. — Você lem bra dos cronogram as, dos apitos?

— Lem bro. — Ainda os ouço nos m eus sonhos. — Sente falta disso?

Meu irm ão zom ba:

— É claro que não. Mas não saber o que vai acontecer... Não sei. É... é assustador.

Pego um a colherada de m ingau. Está espesso e saboroso. Morrey m e deu sua cota de açúcar, e a doçura em dobro corta qualquer desconforto que sinto.

— Acho que é assim com todo m undo. Talvez sej a por isso que eu fico.

Morrey se vira para olhar para m im , estreitando os olhos para se proteger do brilho do sol nascente. Isso ilum ina seu rosto, ressaltando o quanto m udou. As rações diárias preencheram seu corpo. O ar puro claram ente faz bem para ele.

Não tenho ouvido a tosse seca que costumava pontuar suas frases.

Uma coisa não mudou, porém. Ele ainda tem a tatuagem em volta do pescoço, quase igual à minha.

CN-MMPF-188908, está registrado na dele. *Cidade Nova, Montagem e Manutenção, Setor de Pequenas Fábricas*. Na minha, o número é 188907. Eu nasci primeiro. Meu pescoço coça com a minha em ória do dia em que fomos os primeiros arcados, ficando permanentemente ligados aos nossos contratos vitalícios de trabalho.

— Não sei para onde ir. — Falo essas palavras em voz alta pela primeira vez, enquanto o que tivesse pensado nelas todos os dias desde que escapei de Corros.

— Não podem os voltar para casa.

— Acho que não — ele murmura. — Então o que vamos fazer? Você vai ficar e deixar essas pessoas...

— Já disse, eles não querem me atar os sangüenovelos. Mas eu entendi...

— Não estou falando disso. A Guarda Escarlate talvez não te mate, mas ela a coloca em perigo. Você fica treinando para lutar, para me atar, todo o tempo que não está comigo. E em Corvium eu vi... quando você libertou a gente...

Não fale o que eu fiz. Meu irmão não precisa me lembrar. Lembrou-me muito bem com o meu atado dois prateados. Mais rápido do que já me havia me atado antes.

O sangue escorrendo pelos olhos e pelas bocas, suas entranhas morrendo órgão a órgão, enquanto meu silêncio destruí tudo. Eu senti na pele. Ainda sinto. A sensação da morte pulsa pelo meu corpo.

— Sei que você pode ajudar. — Ele deixa o meu ingau de lado e pega minha mão. Nas fábricas, eu costumava segurar a dele. Os papéis se inverteram.

— Não quero que se transforme em uma arma. Camarões, você é minha irmã.

Fez tudo o que pôde para me salvar. Deixe que eu faça o mesmo.

Irritada, caio de costas na grama, deixando a tigela do lado.

Ele me deixa pensar e olha para o horizonte. Aponta para os campos

à nossa frente.

— É verde demais aqui. Você acha que o resto do mundo é assim ?

— Não sei.

— A gente podia descobrir. — A voz dele é tão mágica que finjo não ouvir, e caímos em um silêncio tranquilo. Vejamos os ventos da primavera perseguindo as nuvens no céu enquanto meu irmão com ele e com os outros rápidos e eficientes.

— Ou voltar para casa. Papai e mamãe...

— Impossível. — Foco no azul do céu, de uma cor que eu nunca vi no inferno em que nascem os.

— Você me salvou.

— E quase morrem os. Tinham os tudo a nosso favor e quase morrem os.

— Expiro lentamente. — Não há nada que a gente possa fazer por eles agora.

Por um tempo pensei que seria possível, mas as... só podem os ter esperança.

A tristeza pesa em seu rosto, deixando sua expressão amarga. Mas ele assente.

— E sobreviver. Continuar sendo nós mesmos. Você está me ouvindo, Cam ?

— Morrey segura minha mão. — Não deixe isso me atingir você.

Ele está certo. Apesar de estar brava, apesar de sentir ódio por tudo que me fez minha família, vale a pena admitir esse sentimento?

— Então o que eu deveria fazer? — finalmente me forço a perguntar.

— Não sei com o que é ter uma habilidade. Você tem amigos que sabem .

— Morrey pisca e faz uma pausa para enfatizar o que disse. — Você tem amigos, né? — Meu irmão abre um sorriso sarcástico por cima da borda da tigela. Dou um tapa no braço dele por ser engraçadinho.

Minha mente salta para Farley primeiro, mas ela ainda está no

hospital com o bebê, além de não ter um a habilidade. Farley não sabe com o é ser tão letal, controlar algo tão poderoso.

— Tenho m edo, Morrey. Quando você perde o controle, apenas grita ou chora. Já eu, com o que sou capaz de fazer... — Estendo a m ão para o céu flexionando os dedos diante das nuvens. — Tenho m edo.

— Talvez isso sej a um a coisa boa.

— O que você quer dizer?

— Lá em casa, você lem bra com o usavam as crianças para consertar m áquinas grandes? Com o elas entravam no m eio da fiação? — Morrey abre os olhos escuros.

A m em ória ecoa. Ferro sobre ferro, batendo e torcendo, o zum bido constante do m aquinário ao longo da fábrica interm inável. Quase posso sentir o óleo, a chave inglesa na m inha m ão. Foi um alívio quando Morrey e eu crescem os o suficiente para não serm os m ais aranhas. Era assim que os capatazes cham avam as crianças m enores da nossa divisão. Pequenas o suficiente para ir aonde os trabalhadores adultos não alcançavam , j ovens dem ais para ter m edo de m orrer esm agados.

— O m edo pode ser um a coisa boa, Cam — ele prossegue. — Não te deixa esquecer. E o m edo, o respeito que tem por essa coisa perigosa dentro de você...

acho que tam bém é um a habilidade.

Meu m ingau está gelado a essa altura, m as forço um a colherada para não ter que falar. Agora o sabor do açúcar é dom inante e a pasta gruda nos m eus dentes.

— Essas tranças estão um a bagunça — Morrey resm unga sozinho. Nossos

pais iam trabalhar antes da gente e tinham os que nos aprontar sozinhos para sair.

Assim , Morrey aprendeu a desem baraçar m eu cabelo em um instante. Me sinto bem com ele de volta, e sou dom inada pela em oção quando arrum a m eu cabelo preto em duas tranças.

Meu irm ão não m e força a tom ar um a decisão, m as a conversa traz à tona inúm eras questões em que eu j á tinha pensado. *Quem eu quero*

ser? Que escolha vou tomar?

Ao longe, perto do limite dos campos de treino, avisto duas figuras familiares. Uma alta, outra baixa, ambas correndo nos limites da base. Fazem isso todos os dias, e sua rotina de exercícios é conhecida pela maioria de nós.

Apesar das pernas longas de Cal, Mare não tem dificuldade para acompanhar seu ritmo. Conforme se aproxima, posso vê-la sorrindo. Há muita coisa na garota elétrica que não compreendo, e o fato de sorrir enquanto corre é uma delas.

— Obrigada, Morrey — digo, levantando quando ele termina.

Meu irmão não me acompanha. Ele segue meu olhar, encontrando Mare, que se aproxima. Ela não o deixa tenso, mas Cal sim. Morrey se ocupa rapidamente das tigelas, abaixando a cabeça para esconder sua expressão fechada. Os Cole não simpatizam com o príncipe de Norte.

Mare ergue o queixo enquanto corre, demonstrando que nos viu.

O príncipe tenta esconder sua irritação quando ela diminui o ritmo para uma caminhada. Ele acena com a cabeça para nós dois em uma tentativa de nos compreender.

— Bom dia — Mare diz, saltando de um pé para o outro enquanto recupera o fôlego. Sua aparência melhorou, e um brilho dourado quente está voltando para sua pele morena. — Cameron, Morrey — ela fala com os olhos alternando entre nós com a velocidade de um gato. Seu cérebro está sem parar girando, procurando rachaduras. Depois do que passou, com o poder ser diferente?

Mare deve sentir a hesitação em mim, porque continua ali, esperando que eu diga algo. Quase perco a calma, mas Morrey encosta na minha perna. *Faça um sacrifício*, digo a mim mesma. *Ela pode até entender.*

— Você se importa de caminhar comigo?

Antes de ser capturada, Mare teria zombado de mim, mandando eu me catar, me enfeitado com o um a mais irritante. Ela mal me tolerava. Mas agora concorda. Com um único gesto, dispensa Cal com o só ela é capaz de fazer.

A prisão me ajudou, com o meu dia todos nós.

— Claro, Cameron.

Sinto como se falasse por horas, despejando tudo o que vinha guardando dentro de mim. O medo, a raiva, o enjoo que sinto todas as vezes que penso no que posso fazer e no que fiz. Em com o aquilo costumava me empolgar. Com o fazia eu me sentir invencível, indestrutível, mas agora me envergonha. É como se eu me esmagasse minha barriga e deixasse as tripas caírem. Evito olhar para

Mare enquanto falo, me antendo o olhar fixo nos pés enquanto andamos pelos campos de treino. Conforme avançam os, mais e mais soldados inundam o lugar.

Sanguenovos e vermes, todos fazendo seus exercícios matinais. Nos matins verdes fornecidos por Montfort, é difícil dizer quem é quem. Parecem os iguais, unidos.

— Quero proteger meu irmão. Ele acha que deveriam os partir... — Minha voz enfraquece e some.

Mare é enérgica em sua resposta.

— Minha irmã diz a me a coisa. Todos os dias. Ela quer aceitar a oferta de Davidson. Ser realocada. Deixar outras pessoas lutarem. — Os olhos dela escurecem, intensos, passeando metodicamente pela paisagem repleta de uniformes verdes. Quer saiba ou não, está procurando riscos e armadilhas. — Gisa diz que já deu o suficiente.

— Então o que você vai fazer?

— Não posso dar as costas a tudo isso. — Ela me orde o lábio, pensativa.

— Tem muita raiva em mim. Se não achar um jeito de me livrar dela, pode me envenenar. Mas acho que não é isso que você quer ouvir. — Soaria como uma acusação vindo de qualquer outra pessoa. De Cal ou Farley. De quem Mare era seis meses atrás. Mas as palavras dela são suaves.

— Persistir nisso vai me devorar viva — admito. — Se eu continuar usando minha habilidade para me atar... vou me transformar em um monstro.

Monstro. Ela estremece quando digo isso, fechando-se dentro de si. Mare Barrow já teve sua cota de monstros. Ela olha para longe, me vendo distraída em uma mancha de cabelo cacheada pelo suor e pela

um idade.

— É tão fácil criar monstros, especialmente a partir de pessoas com o nós

— Mare murmurava, então se recupera. — Você não lutou em Archeon. Pelo menos não aqui.

— Não, eu estava lá só para... — *Manter você sob controle.* Na época, era um bom plano. Mas agora que sei pelo que Mare passou, me sinto péssimo.

Ela não insiste.

— Foi ideia de Kilorn lá em Trial — falo. — Ele trabalha bem organizando os sanguenovos e os vermes, e sabia que eu queria me afastar um pouco.

Então concordei em ir... não para lutar, não para me atar, a menos que fosse absolutamente necessário.

— E você quer continuar nesse caminho. — Não é uma pergunta.

Lentamente, concordo com a cabeça. Não deveria me sentir envergonhada.

— Acho que é melhor. Defender, não destruir. — Ao lado do corpo, meus dedos se dobram. O silêncio se acumula sob minha pele. Não odeio minha habilidade, mas odeio o que ela pode fazer.

Mare fixa o olhar em mim, sorrindo.

— Não sou sua comandante. Não posso lhe dizer o que fazer ou como lutar.

Mas acho que essa é uma boa ideia. Se alguém tentar lhe convencer do contrário, mande falar comigo.

Sorrio. De alguma forma, sinto como se um peso fosse tirado das minhas costas.

— Obrigada.

— Tenho que te pedir desculpas — ela acrescenta, aproximando-se.

— Sou o motivo de você estar aqui. Entendo agora que o que fiz, forçar você a se juntar a nós... foi errado. Desculpe.

— É verdade. Você agiu errado. Mas, no fim das contas, consegui o que eu queria.

— Morrey. — Ela suspira. — Estou feliz que o tenha de volta. — O sorriso dela não desaparece, mas é enfraquecido pela maneira a um irmão.

Na leve subida à frente, Morrey me espera, com os prédios da base se espalhando atrás dele. Cal se foi. Ótimo.

Apesar de já estar conosco há alguns meses, o príncipe age sempre de um jeito estranho, não sabe conversar e parece sempre nervoso quando não tem uma estratégia em que pensar. Parte de mim ainda acha que nos vê com o descartáveis, cartas que pode usar no momento certo. *Mas ele ama Mare*, penso.

Ama uma garota de sangue vermelho.

Isso deve valer alguma coisa.

Antes de alcançarmos meu irmão, um último momento de borbulha na minha garganta.

— Estou abandonando vocês? Os sanguenovos, digo.

Minha habilidade é a morte silenciosa. Sou uma arma, querendo ou não.

Posso ser usada. Posso ser útil. É egoísmo me afastar?

Tenho a sensação de que essa é uma pergunta que Mare tem feito a si mesma. Mas sua resposta é só para mim.

— Claro que não — ela murmura. — Você ainda está aqui. Há um monstro entre nós para a gente se preocupar. Um fantasma entre nós.



VINTE E CINCO

Mare

APESAR DO MEU TEMPO NO FURO ter sido marcado pela exaustão e pelo coração partido, ainda ocupa um lugar especial nas minhas memórias.

em órias. Pela primeira vez, lembro-me mais vividamente das coisas boas do que das ruins. Os dias em que voltavam os com sanguenovos vivos, arrancados das garras da execução.

Parecia um progresso. Cada rosto era uma prova de que eu não estava sozinha, de que eu podia salvar pessoas com a mesma facilidade que podia matá-las.

Alguns dias, parecia simples. A coisa certa a fazer. Venho buscando essa sensação desde então.

A base de Piedmont tem suas próprias instalações de treinamento, tanto internas quanto ao ar livre. Algumas equipadas para prateados, o restante para soldados vermelhos. O coronel e seus homens, agora na casa dos milhares e aumentando dia a dia, reivindicaram o campo de tiro. Sanguenovos com o Ada, com habilidades mentes devastadoras, treinam com ele, aperfeiçoando a pontaria e as habilidades de combate. Kilorn transita entre eles e os sanguenovos no campo de treino para prateados. Ele não pertence a nenhum grupo, mas sua presença é tranquilizadora. Kilorn é o oposto de uma amável e um rosto familiar. Ele não tem e os sanguenovos, ao contrário de muitos dos soldados

“verdadeiramente” vermelhos. Já passou tempo demais comigo para isso.

Meu amigo me acompanha agora, enquanto passam os por um prédio do tamanho de um hangar de jatos, mas sem pista de decolagem.

— O ginásio dos prateados — ele diz, apontando para a estrutura. — Tem todo tipo de coisa aí dentro. Pesos, pista com obstáculos, uma arena...

— Sei. — Aprendi a usar minhas habilidades num lugar com o esse, cercada pelos olhares maldosos dos prateados que me matariam se vissem uma única gota do meu sangue. Pelo menos não tenho mais que me preocupar com isso.

— Provavelmente eu não deveria treinar num lugar com teto ou lâmpadas.

Kilorn ri.

— Provavelmente não.

Um a das portas do ginásio bate ao abrir e um a figura sai, com um a toalha

em volta do pescoço. Cal seca o suor do rosto ainda prateado pelo esforço.

Levantam ento de peso, presum o.

Ele estreita os olhos e se aproxima de nós o m ais rápido que pode. Ainda ofegante, estende a m ão e Kilorn a aperta com um sorriso largo.

— Kilorn — Cal acena com a cabeça. — Está levando Mare para conhecer tudo?

— Si... — com eço a responder.

— Não, ela vai com eçar a treinar com os outros hoje — Kilorn m e corta.

Resisto à vontade de dar um a cotovelada na barriga dele.

— O quê?

Cal fica sério, soltando um longo suspiro.

— Pensei que você fosse dar um tem po.

Kilorn m e pegou de surpresa no hospital, m as ele estava certo. Não posso ficar sem fazer nada. Me sinto inútil. A raiva fervendo sob m inha pele m e deixa inquieta. Eu não sou igual a Cam eron. Não sou forte o suficiente para m e afastar.

As lâmpadas com eçaram a piscar sem pre que entro num a sala. Preciso descarregar.

— Já faz alguns dias. — Coloco as m ãos na cintura, esperando a inevitável réplica. Sem perceber, Cal assume a postura oficial de quando discute com igo.

Cruza os braços, franze a testa e finca os pés no chão. Com o sol atrás de m im , ele tem que franzir os olhos. Depois do treino, fede a suor.

Kilorn, o m aldito covarde, dá alguns passos para trás.

— Vej o vocês quando tiverem term inado. — Ele lança um sorriso am arelo por cima do ombro, m e deixando sozinha com Cal.

— Espera aí — eu cham o enquanto se afasta. Ele apenas acena, desaparecendo atrás do ginásio. — Que belo am igo ele é. Não que eu precise de apoio — acrescento rápido —, j á que a decisão foi m inha e só vou treinar. Não tem nada de m ais nisso.

— Bem , parte da m inha preocupação é com as pessoas no perím etro de um a possível explosão sua. E o resto... — Ele segura m inha m ão, m e puxando para perto. Torço o nariz, brecando os pés no chão. Não que funcione. Deslizo pelo piso de qualquer form a.

— Você está todo suado.

Cal sorri, passando um braço pelas m inhas costas e m e deixando sem escapatória.

— Aham .

O cheiro não é com pletam ente desagradável, ainda que devesse ser.

— Não vai brigar com igo?

— Com o disse, a decisão é sua.

— Ótim o. Não tenho forças para brigar duas vezes em um a m anhã só.

Ele m e afasta gentilm ente, para ver m elhor m eu rosto. O dedão dele roça m eu queixo.

— Gisa?

— Gisa — bufo, tirando um a m echa de cabelo do rosto. Sem a Pedra Silenciosa, m inha saúde m elhorou, e m inhas unhas e m eu cabelo voltaram a crescer no ritm o norm al. As pontas continuam cinza, no entanto. — Ela continua

m e perturbando com a história da realocação. Quer ir para Montfort. Deixar tudo para trás.

— E você disse que ela podia ir sozinha, não?

Fico escarlate de tão corada.

— Saiu sem querer! Às vezes... eu não penso antes de falar.

Ele ri.

— Sério que você faz isso?

— Minha mãe ficou do lado dela, claro, e meu pai não tomou partido, bancando o diplomata de sempre. É com o... — minha respiração para — se nada tivesse mudado. Parece que estão os de volta à cozinha de Palafitas. Acho que isso não deveria me incomodar tanto. Considerando o quadro geral.

— Envergonhada, me e forço a olhar para Cal. Me sinto péssima por reclamar de questões familiares para *ele*. Mas foi Cal quem tocou no assunto. Então desabafei. Ele apenas me analisa, com o se eu fosse um campo de batalha.

— Mas não precisa ficar preocupado com isso. Não é importante.

Ele aperta minha mão antes que eu possa puxá-la. Cal sabe com o que funciona.

— Na verdade, eu estava pensando em todos os soldados com quem treinei.

Em especial no campo de batalha. Vi alguns que voltaram bem fisicamente, mas com alguma coisa faltando. Uns não conseguiam dormir, outros não conseguiam comer. Às vezes, eram levados para o passado, quando a lembrança da batalha vinha com um som, um cheiro ou qualquer outra sensação.

Engulo em seco e passo os dedos tremendo em volta do pulso. Eu os aperto, lembro-me das algemas. O toque me revira o estômago.

— Soa familiar.

— Sabe o que ajuda?

É claro que não, senão já teria feito. Balanço a cabeça.

— Normalidade. Rotina. Conversar. Sei que você não gosta muito do último item — ele acrescenta, abrindo um sorriso lento. — Mas sua família só quer que você esteja segura. Eles viveram um inferno enquanto estava... fora.

— Cal ainda não encontrou uma palavra adequada para o que aconteceu comigo.

Capturada ou *presa* não descrevem bem a gravidade. — Agora que voltou, estão fazendo o que qualquer um faria: tentam te proteger.

Não a garota elétrica, não Mareena Titanos, mas a você. Mare Barrow. A garota que conhecem e de quem se lembra. É só isso.

— Está bem. — Aceno lentamente. — Obrigada por isso.

— E sobre aquela história de conversar...

— Sério? Vão os ter que fazer isso agora?

Cal gargalha, tensionando os músculos do abdômen em contração no meu corpo.

— Certo, mas mais tarde então. Depois do treino.

— Você deveria tomar um banho.

— Está brincando? Vou acompanhá-lo o tempo todo. Quer treinar?

Então vai fazer isso direito. — Ele me abraça de leve, para que eu siga em frente. — Vão os.

Cal não se cansa, e corre de costas até que eu acompanhe seu ritmo.

Passam os pela pista, pelo circuito externo de obstáculos e por um campo amplo com a grama bem aparada, sem contar vários círculos de terra para prática de

com bate-corpo a corpo e de tiro em alvos a meio quilômetro de distância. Alguns sangüenovos correm pela pista e pelo circuito de obstáculos, enquanto outros praticam sozinhos no campo. Não os reconheço, mas reconheço suas habilidades.

Um sangüenovo semelhante a um ninfa desce as colunas de água cristalina antes de deixá-las cair na grama, criando uma grande poça de lama. Uma teletransportadora atravessa o circuito de obstáculos com facilidade. Ela aparece e desaparece em volta dos equipamentos, rindo dos outros que estão com dificuldade. Cada vez que salta, meu estômago se retorce com a lembrança de Shade.

As arenas de com bate-corpo a corpo me perturbam mais. Não luto com ninguém com o treino desde Evangeline, vários meses atrás. Não é uma experiência que tenho vontade de repetir. Mas com certeza terei que passar por ela.

A voz de Cal me mantém alerta, atraindo meu foco de volta para a tarefa à frente.

— Vou incluir levantam ento de peso na sua rotina a partir de amanhã, m as hoj e podem os ir direto para teoria e prática de pontaria.

Prática eu com preendo.

— Teoria?

Param os na beira de um cam po de tiro, encarando a neblina que desaparece ao longe.

— Você com eçou a treinar m ais ou m enos um a década m ais tarde do que deveria. Antes das nossas habilidades estarem prontas para a luta, passam os m uito tem po estudando nossas vantagens e desvantagens e com o usá-las.

— Com o o fato de que ninfoides sem pre vencem ardentes, porque é água contra fogo?

— Algo assim . Mas não tão sim ples. E se você fosse a ardente nessa situação? — Balanço a cabeça, e ele ri. — Viu? É com plicado. A teoria exige capacidade de m em orização e com preensão. Mas tam bém se aprende na prática.

Esqueci que Cal foi preparado a vida inteira para isso. Ele é um peixe na água, tranquilo, sorridente. Ávido. É bom nisso, é sua especialidade, a área em que se sobressai. É sua âncora num m undo que nunca parece fazer sentido.

— É tarde dem ais para dizer que não quero m ais treinar?

Cal apenas ri, jogando a cabeça para trás. Um a gota de suor escorre pelo seu pescoço.

— Você vai ter que m e aguentar, Barrow. Agora, acerte o prim eiro alvo.

— Ele estende a m ão, indicando um bloco quadrado de granito a dez m etros de distância, pintado com o um alvo. — Um raio. Bem no centro.

Sorrindo, faço o que ele pede. Não dá para errar a essa distância. Um único raio roxo e branco ondula pelo ar e chega ao destino. Com um barulho ressoante de rachadura, deixa um a m arca preta no centro do alvo.

Antes que eu tenha tem po de sentir orgulho, Cal m e em purra com o

corpo.

Despreparada, cam baleio e quase caio.

— Ei!

Ele apenas se afasta e aponta.

— Próxim o alvo. Vinte m etros.

— Certo — bufo, voltando os olhos para o segundo bloco. Levanto o braço m ais um a vez, pronta para atirar, então Cal m e em purra de novo. Dessa vez m eus pés reagem m ais rápido, m as não o suficiente, e m eu raio desvia, atingindo o chão.

— Isso não é nada profissional.

— Eu costum ava treinar com alguém disparando balas de festim perto da m inha cabeça. Quer tentar? — ele pergunta. Balanço a cabeça rapidam ente.

— Então acerte o alvo.

Norm alm ente, eu ficaria irritada, m as o sorriso dele se alarga, m e fazendo corar. *Isso é treino, penso. Controle-se.*

Dessa vez, quando vej o que Cal vai m e em purrar, dou um passo para o lado e solto o raio, arrancando um pedaço do alvo de granito. A rotina se repete. Cal m uda de tática, tentando atingir m inhas pernas ou até lançando um a bola de fogo na m inha frente. Na prim eira vez que faz isso, caio no chão tão rápido que acabo com endo terra. “Acerte o alvo” se torna seu lem a. Ele escolhe a pedra que devo m irar aleatoriam ente, a distância variando. É m uito difícil, bem m ais do que a corrida, e o sol fica brutal conform e o dia avança.

— O alvo é um lépido. O que você faz? — ele pergunta.

Cerro os dentes, ofegante.

— Am plio o raio. Eu o pego enquanto desvia...

— Não fale, faça.

Com um grunhido, giro o braço com o se usasse um m achado em um m ovim ento horizontal, lançando um j ato de alta voltagem na direção do alvo. As faíscas são m ais fracas, m enos concentradas, m as suficientes para frear um lépido. Ao m eu lado, Cal apenas acena com

a cabeça, sua única indicação de que fiz algo certo. A sensação é boa.

— Trinta metros. Banshee.

Tam pando os ouvidos com as mãos, forço a vista na direção do alvo, lançando um raio sem usar os dedos. Um relâmpago sai do meu corpo, curvando-se com o um arco-íris. Erro o alvo, mas as espalho eletricidade, fazendo as fagulhas explodirem em direções diferentes.

— Cinco metros. Silenciador.

Só de pensar em um Arven, entro em pânico. Tento focar. Minha mão busca uma arma que não está lá e finjo atirar no alvo.

— *Bang*.

Cal solta uma risada.

— Essa não valeu, mas tudo bem. Cinco metros, magnetron.

Esse alvo eu conheço muito bem. Com toda a força que consigo reunir, lanço uma explosão de raios no alvo. Ele se racha em dois.

— Teoria? — uma voz suave fala atrás de nós.

Eu estava tão focada que nem percebi Julian parado ali, com Kilorn ao seu lado. Meu antigo professor oferece um sorriso discreto, me antendo as mãos atrás das costas com o sem pre. Nunca o vi com uma roupa tão informal, com uma camiseta leve de algodão e bermuda, revelando suas pernas finas de frango. Cal deveria colocá-lo em uma rotina de levantamento de peso também.

— Teoria — Cal confirma. — Ou algo próximo disso. — Ele acena para que eu pare, me dando uma pequena trégua. Imediatamente sento na terra, esticando as pernas. Apesar de ter que desviar o tempo todo, são os raios que me cansam. Sem a adrenalina da batalha ou uma ameaça de morte iminente, é notório que meu vigor diminui. Isso sem falar que estou há seis meses sem treinar. Com um movimento preciso, Kilorn se inclina e deixa uma garrafa de água gelada ao meu lado.

— Achei que fosse precisar disso — ele diz, com uma piscadela.

Sorrio para ele.

— Obrigada — consigo dizer antes de beber. — O que está fazendo por aqui, Julian?

— Eu estava a cam inho dos arquivos, então parei pra ver o que era toda essa agitação. — Ele gesticula por cim a do om bro. Me surpreendo ao ver um as dez pessoas ou m ais reunidas na beirada do cam po de tiro, todas nos encarando.

Ou m elhor: *me* encarando. — Você tem um a plateia.

Cerro os dentes. *Ótimo*.

Cal se m ove só um pouco, para m e tirar de vista.

— Desculpe. Não queria tirar sua concentração.

— Está tudo bem — digo a ele, m e forçando a levantar. Meus m úsculos gem em em protesto.

— Bem , vej o vocês dois m ais tarde — Julian diz, olhando para m im e Cal.

Respondo rápido.

— Podem os ir com você...

Ele m e corta com um sorriso fam iliar, gesticulando para a m ultidão de espectadores.

— Ah, acho que você ainda precisa ser apresentada a algum as pessoas.

Kilorn, você se incom oda?

— De form a algum a. — Quero arrancar o sorrisinho da cara de Kilorn, e ele sabe disso. — Depois de você, Mare.

— Tudo bem — forço pela m andíbula cerrada.

Lutando contra m eus instintos naturais de fugir da atenção, dou alguns passos na direção dos sanguenovos. Mais alguns. E m ais outros. Até que os alcanço, com Cal e Kilorn ao m eu lado. No Furo, eu não queria fazer am igos. É

difícil dizer adeus para am igos. Isso não m udou, m as entendo o que Kilorn e Julian estão fazendo. Não posso m ais m e fechar para os outros. Forço um sorriso anim ado para as pessoas à m inha volta

— Oi. Eu sou Mare. — Isso soa idiota e eu m e sinto idiota.

Um dos sanguenovos, a teleportadora, balança a cabeça, concordando. Ela usa um uniform e verde de Montfort, tem braços e pernas longos e cabelo castanho cortado curtinho.

— Sim , nós sabem os. Sou Arezzo — ela diz, levantando a mão. — Saltei com você e Calore para fora de Archeon.

Não me admira por não reconhecê-la. Os minutos depois da minha fuga ainda são um borrão de medo, adrenalina e alívio.

— É claro. Obrigada por isso. — Pisco tentando lembrar dela.

Os outros são tão amigáveis e abertos quanto Arezzo, tão felizes em conhecer-me a uma sanguenova quanto eu. Todos no grupo são nascidos em Montfort ou em lugares aliados. Usam um uniform e verde com um triângulo branco no peito e insígnias em cada biceps. Alguns são fáceis de decifrar: duas linhas onduladas para sanguenovos parecidos com ninfoides, três flechas para lépidos. Ninguém tem emblemas ou medilhas, contudo. Não há como dizer quem é oficial e quem não é. Todos têm treinamento militar. Eles se tratam pelo sobrenome e têm um aperto de mão firme, cada um deles nascido e criado com o soldado ou transformado em um. A maioria reconhece Cal imediatamente e acena para ele com a cabeça de maneira formal, enquanto Kilorn é tratado com o mesmo velho amigo.

— Onde está Ella? — Kilorn pergunta a um homem negro de cabelo espantoso e verde. Tingido, é claro. O nome dele é Rafe. — Mande uma mensagem para vir conhecer Mare. Para Tyton também.

— A última vez que os vi, estavam praticando no topo da Colina da Tempestade. Onde, tecnicamente — ele olha para mim, quase se desculpando —, os eletricons deveriam treinar.

— O que é um eletricon? — pergunto, e imediatamente me sinto idiota.

— Você.

Suspiro, acanhada.

— Certo. Dava para imaginar.

Rafe me antecipa uma faísca flutuando na mão, deixando-a passear entre os dedos. Eu sinto, mas não como meus próprios raios. A faísca verde obedece a Rafe e apenas a ele.

— É um a palavra esquisita, m as som os criaturas esquisitas, não acha?

Eu o encaro, quase sem fôlego de tão anim ada.

— Você é... com o eu?

Ele assente, indicando os raios nas suas m angas.

— Sim , eu e os outros.

A Colina da Tem pestade é exatam ente o que o nom e diz. Desponta de um a leve inclinação no m eio de um cam po na outra ponta da base, o m ais longe possível da pista de pouso. Assim há m enos chances de um raio perdido atingir um j ato. Tenho a sensação de que a colina é algo novo, a j ulgar pela terra solta conform e nos aproxim am os do cum e. A gram a tam bém foi plantada recentem ente, por um verde ou seu equivalente sanguenovo. É m ais viçosa do que a dos cam pos de treino. Mas o topo da colina é um a bagunça, terra batida cham uscada, coberta de rachaduras e com um cheiro distante de tem pestade.

Enquanto o resto da base aprecia o céu azul e brilhante, um a nuvem negra cobre a Colina da Tem pestade, elevando-se a m ilhares de m etros no céu com o um a coluna de fum aça negra. Nunca vi nada parecido, tão controlado e contido.

A m ulher de cabelo azul que vi em Archeon está de pé em baixo da nuvem , com os braços estendidos, as palm as apontadas para o trovão. Um hom em de costas eretas, com cabelo branco bem penteado, está parado atrás dela,

parecendo m agro e esguio em seu uniform e verde. Am bos têm a insígnia do raio.

Fagulhas azuis dançam sobre as m ãos da m ulher, pequenas com o verm es.

Rafe segue à nossa frente, e Cal, ao m eu lado. Apesar de j á ter lidado com m ais raios do que gostaria, a nuvem negra o deixa nervoso. Ele continua olhando para cim a, com o se esperasse que explodisse. Algum as luzes azuis brilham fracas na escuridão, ilum inadas por dentro. O trovão soa grave e constante com o o ronronar de um gato, estrem ecendo m eus ossos.

— Ella, Ty ton — Cal cham a, acenando com a m ão.

Eles viram , e os lam pej os param de form a abrupta. A m ulher abaixa as m ãos e a nuvem negra com eça a se dissolver diante dos nossos olhos. Ela vem correndo, seguida pelo hom em m ais estoico.

— Estava m e perguntado quando íam os te conhecer — a m ulher diz, com a voz aguda e suave, com binando sua estatura graciosa. Sem aviso, ela pega m inhas m ãos e beij a m inhas bochechas. O toque dela é elétrico, e fagulhas saltam de sua pele para a m inha. Não m aчуca e tem um efeito anim ador. — Eu sou Ella, e você é Mare, claro. Essa torre gigante é Ty ton.

O hom em em questão de fato é alto, com pele m orena, sardas e o queixo afiado. Ele sacode a cabeça e j oga o cabelo branco para o lado, deixando-o cair sobre o olho esquerdo. Dá um a piscadela com o direito. Im aginava que seria velho, pela cor do cabelo, m as não deve ter m ais do que vinte e cinco anos.

— Olá — é tudo o que diz, com sua voz profunda e confiante.

— Oi. — Aceno para eles, dom inada tanto por sua presença quanto pela m inha inabilidade de agir de algum a form a próxim a da norm alidade.

— Desculpem , isso é um pouco chocante.

Ty ton revira os olhos, m as Ella explode em um a gargalhada. Um segundo depois, entendendo e m e encolho.

Cal ri ao m eu lado.

— Que trocadilho horrível, Mare. — Cal encosta em m eu braço da form a m ais discreta possível, em anando um a onda de calor. É um conforto bem pequeno sob o calor de Piedm ont.

— Mas entendem os o que quer dizer — Ella vem ao m eu resgate. — É

sem pre intenso conhecer outro rubro, ainda m ais três, com a m esm a habilidade que você. Certo, garotos? — Ela dá um a cotovelada no peito de Ty ton e ele praticam ente não reage. Rafe apenas assente com a cabeça. Tenho a sensação de que a Ella é quem m ais fala e, baseado no que lem bro da tem pestade de raios azuis em Archeon, quem m ais luta no grupo. — Vocês dois m e m atam — Ella resm unga, sacudindo a cabeça para eles. — Mas tenho você agora, não é, Mare?

Sua natureza ansiosa e seu sorriso aberto me colocam na defensiva. Pessoas que parecem gentis demais estão sempre escondendo alguma coisa. Engulo minhas suspeitas para dar a ela o que espero que seja um sorriso genuíno.

— Obrigada por trazê-la — Ella acrescenta para Cal. A doce fada de cabelo azul de repente endireita a coluna e endurece a voz, transformando-se em um soldado diante dos meus olhos. — Acho que podem os dois assumir o treinamento a partir daqui.

Ele solta uma risada grave.

— Sozinhos? Está falando sério?

— Vi o seu “treino” — ela dispara. — Pequenas explosões em um campo de tiro certamente serão o bastante para maximizar as habilidades de Mare. Ou você sabe como extrair uma tempestade de dentro dela?

Pela forma como os lábios dele se contorcem, percebo que Cal quer dizer algo inapropriado. Eu intercedo antes que tenha a chance, segurando seu pulso.

— A forma militar de Cal...

— ... é ótima para condicionamento — Ella me corta. — É perfeita para aprender a lutar contra prateados. Mas suas habilidades são mais amplas do que ele pode compreender. Há coisas que ele tem com o que ensinar, coisas que você deve aprender da forma mais difícil, sozinha, ou da forma mais fácil: com a gente.

A lógica dela é sólida e perturbadora. *Há coisas que Cal não pode me ensinar, coisas que ele não entende.* Lembro de quando tentei treinar Cameron; não conhecia a habilidade dela da mesma forma que a minha. Era com o falar uma língua diferente. Eu ainda era capaz de me comunicar, mas não com precisão.

— Vou ficar vendo, então — Cal fala, determinado. — Isso é aceitável?

Ella sorri, voltando a seu temperamento divertido.

— Claro. Mas é melhor se afastar e ficar alerta. Raios são como uma águia selvagem. Não importa o quanto você segure as rédeas, sempre tentarão correr livres.

Cal m e lança um últim o olhar e um sorriso solidário com um a pitada de sarcasm o antes de ir para longe, m uito além das m arcas de explosões. Quando chega lá, se j oga no chão e se apoia nos braços, m antendo seus olhos treinados em m im .

— Ele é sim pático. Para um príncipe — Ella com enta.

— E para um prateado — Rafe em enda.

Olho para ele, confusa.

— Não há prateados sim páticos em Montfort?

— Não saberia dizer. Nunca estive lá — ele responde. — Nasci no sul de Piedm ont, nas ilhas Floridian. — Rafe faz pontinhos no ar com os dedos, ilustrando o arquipélago pantanoso. — Montfort m e recrutou alguns m eses atrás.

— E vocês dois? — Olho para Ella e Ty ton.

Ela responde rapidam ente.

— Prairie. Em Sandhills. Minha fam ília vivia se m udando por causa de saqueadores. Montfort nos acolheu quase dez anos atrás. Foi quando conheci Ty ton.

— Nasci em Montfort — ele diz apenas. Não é m uito falante, provavelm ente porque Ella fala o suficiente por todos. Ela m e conduz para o centro do que só pode ser cham ado de “área de explosões”, até que eu fique diretam ente em baixo da nuvem de tem pestade que ainda se dissipa.

— Bem , vam os ver com o que estão os lidando — Ella diz, m e posicionando. Um a brisa balança o cabelo dela, j ogando as m echas azuis e brilhantes para trás. Movendo-se em sincronia, os outros dois se posicionam ao m eu redor, de m odo que form am os um quadrado. — Com ece pequeno.

— Por quê? Eu posso...

Ty ton olha para cim a.

— Ela quer verificar seu controle.

Ella assente.

Expiro. Em bora estej a anim ada com m eus com panheiros eletricons,

m e sinto um pouco com o um a criança com m uitas babás.

— Tudo bem .

Faço conchas com as m ãos e cham o a eletricidade, deixando faíscas irregulares roxas e brancas saltarem .

— Roxo? — Rafe diz, sorrindo. — Legal.

Passos os olhos pelas cores incom uns do cabelo deles, sorrindo. Verde, azul e branco.

— Não pretendo tingir o cabelo — aviso.

*

O verão atinge Piedmont com um a força escaldante, e Cal é a única pessoa que consegue suportar. Sem ar por causa da exaustão e do calor, eu em purro suas costelas para que role para o lado. O m ovimento é lento e preguiçoso — deve estar cochilando de novo. Ele vira dem ais e acaba caindo da cama, atingindo o chão duro de tacos. Isso o acorda. Ele dá um pulo, o cabelo preto espetado em várias direções, nu com o um recém -nascido.

— Minhas cores — xinga, esfregando a cabeça.

Sua dor não m e com ove.

— Se não insistisse em dormir num armário de vassouras, isso não teria acontecido. — Até o teto, feito de gesso m anchado, é deprimente. A única janela aberta não alivia o calor, especialmente no meio do dia. Não quero nem pensar em quão finas as paredes devem ser. Pelo menos ele não tem que dividir o quarto com outros soldados.

Ainda no chão, Cal resmungava.

— Gosto do quartel. — Ele tateia à procura da Bermuda, e em seguida veste. Os fechos dos braceletes são complicados, mas Cal os prende com o se fossem parte do seu corpo. — E você não precisa dividir o quarto com sua irmã.

Eu me viro e coloco a camiseta. O intervalo de almoço vai terminar em alguns minutos e preciso ir para a Colina da Tempestade em breve.

— Você tem razão. Só preciso superar o problema que tenho para dormir sozinha. — É claro que com “problema” me refiro ao

traum a ainda debilitante. Tenho pesadelos terríveis se não há alguém no quarto comigo.

Cal para de vestir a camisa no meio. Ele puxa o ar e estremece.

— Não foi isso que eu quis dizer.

É minha vez de resmungar. Olho para os lençóis. Padrão militar, lavados tantas vezes que estão quase rasgando.

— Eu sei.

A camisa se mexe e as pernas rangem conforme Cal se inclina na minha direção. Seus lábios tocam minha cabeça.

— Teve meus pesadelos?

— Não — respondo tão rápido que ele ergue uma sobrancelha desconfiado, mas é verdade. — Com Gisa lá, não. Ela diz que não faço barulho algum. Minha irmã, por outro lado... Tinha esquecido que um ronco tão alto poderia vir de uma pessoa tão pequena. — Rio para mim mesma e encontro coragem para olhar nos olhos de Cal. — E você?

No Furo, dormiam os lados. Na maior parte das noites, ele se sacudia e se revirava, balbuciando durante o sono. Às vezes chorava.

Um músculo se repuxa no seu queixo.

— Só alguns. Talvez duas vezes por semana.

— Sobre?

— Meu pai, na maior parte das vezes. Você. Com o meu e senti lutando contra você, tentando te matar sem conseguir me pedir isso. — Ele fecha as mãos com a palma branca. — E Maven. Quando era pequeno. Com seis ou sete anos.

O nome ainda me faz sentir como se tivesse ácido nos ossos, mesmo depois de um bom tempo desde a última vez que o vi. O rei fez várias transmissões e pronunciamentos desde então, mas eu recusei a vê-los. Minhas mãos brancas já são aterrorizantes o suficiente. Cal sabe disso e, por respeito a mim, não fala absolutamente nada sobre o irmão. Até agora. *Você perguntou*, repreendo a mim mesma. Cerro os dentes com força para não me pedir de vomitar todas as palavras que não tenho dito a Cal. Seria muito doloroso para ele. Não ajudaria

nada saber que tipo de monstro o irmão foi forçado a se tornar.

Ele prossegue, com os olhos distantes, nas pernas brancas.

— Maven costumava ter medo do escuro, até que isso simplesmente desapareceu. Nos meus sonhos, ele está brincando no meu quarto. Andando por todo o lado, olhando meus livros. A escuridão o segue. Tento dizer a ele. Tento alertar meu irmão. Ele não se importa. Não liga. Não posso fazer nada. Ela o engole por inteiro. — Devagar, Cal passa a mão pelo rosto. — Não preciso ser um murmurador para saber o que isso significa.

— Elara está morta — sussurro, me mexendo para que a gente fique lado a lado. Com o se isso fosse algum conforto.

— E ainda assim Maven pegou você. Ainda assim fez coisas horríveis.

— Cal fixa os olhos no chão, incapaz de me encarar. — Eu simplesmente não consigo entender por quê.

Eu poderia ter ficado em silêncio. Poderia distraí-lo. Mas as palavras fervem furiosas na minha garganta. Cal me oferece a verdade. Relutante, pego sua mão.

— Ele se lembra do amor por você, pelo seu pai. Mas disse que Elara arrancou esse amor dele. Com o um tumor. Ela tentou fazer o mesmo com os sentimentos por mim, e antes disso por Thomas, mas não funcionou. Alguns tipos de amor... — minha respiração fraqueja — ele diz que são mais difíceis de remover. Acho que a tentativa o transtornou ainda mais. Elara tornou impossível para Maven me abandonar. Tudo o que ele sentia por nós dois foi corrompido, transformado em algo pior. Por você, virou ódio. Por mim, obsessão. E não há nada que nenhum de nós possa fazer para mudar isso. Acho que nem ela poderia desfazer o próprio trabalho.

A única resposta de Cal é o silêncio, deixando a revelação pairar no ar. Sinto o coração partir pelo príncipe exilado. Dou o que acho que precisa. Minha mão, minha presença, minha paciência. Depois de um a pausa muito, muito longa, ele abre os olhos.

— Até onde sei, não há sanguenovos murmuradores — Cal fala. — Nunca vi ou ouvi falar de um. E fiz uma pesquisa bem extensa.

Por essa eu não esperava. Pisco, confusa.

— Sanguenovos são mais fortes que prateados. E Elara era apenas um

a prateada. Se alguém pode... *consertar* ele, não vale a pena tentar?

— Não sei — é tudo o que posso responder. A ideia me paralisa, e não sei com o que sentir. Se Maven pode ser curado, por assim dizer, seria o suficiente para redimi-lo? Com certeza não mudaria o que fez. Não só comigo e com Cal, mas com o pai, com centenas de outras pessoas. — Realmente não sei.

Mas isso dá esperanças a Cal. Vejamos um pequeno brilho em seus olhos distantes. Suspiro, alisando seus cabelos. Precisa de um corte, por momentos mais firmes que os dele.

— Se Evangeline pode me ajudar, talvez qualquer um possa.

A gargalhada repentina ecoa grave em seu peito.

— Ah, Evangeline é a mais esmagadora de sempre. Ela só tinha mais motivos para deixar você partir do que o contrário.

— Com o que sabe?

— Sei quem disse a ela para te libertar.

— O quê? — pergunto com rispidez.

Com um suspiro, Cal se levanta e cruza o quarto. A parede oposta está toda tomada pelo armário, quase vazio. Ele não tem muitas coisas além de roupas e alguns equipamentos táticos. Para minha surpresa, anda pra lá e pra cá. Isso me deixa no limbo.

— A Guarda me pediu todas as minhas tentativas de te trazer de volta — ele diz, mas não se movendo tão depressa quanto sua fala. — Não enviava mensagens, não oferecia apoio para eu me infiltrar. Não havia espiões. Eu não ia ficar sentado naquela base congelante esperando alguém me dizer o que fazer.

Então entrei em contato com alguém em quem confio.

A conclusão me atinge no estômago.

— Evangeline?

— Pelas minhas cores, não — ele se sobressalta. — Vovó Anabel, mãe do meu pai...

Anabel Lerolan. A antiga rainha.

— Você ainda a chama de vovó?

Ele fica prateado de vergonha. Meu coração para de bater por um segundo.

— Força do hábito — ele resmunga. — De qualquer forma, ela nunca ia à corte quando Elara estava lá, mas pensei que talvez não se importasse agora que ela está morta. Minha avó sabia com o Elara era, e me conhece. Imaginei que teria enxergado as mentiras da rainha. Que teria compreendido o papel de Maven na morte do nosso pai.

Cal estava se comunicando com o inimigo. Príncipe de Norte ou não, o coronel e Farley dariam um tiro nele se soubessem.

— Eu estava desesperado. Em retrospecto, sei que foi realmente idiota

— ele acrescenta. — Mas funcionou. Ela prometeu libertar você quando surgisse uma oportunidade. Deve ter apoiado Volo Sam em troca da sua fuga, e valeu a pena. Você está aqui agora por causa dela.

Falo devagar, porque preciso compreender tudo aquilo:

— Então ela sabia que o ataque em Archeon estava para acontecer?

Cal se volta para mim num piscar de olhos, ajoelhando para segurar ambas as mãos. Seus dedos ardem de tão quentes, mas me esforço para não me afastar.

— Sim. Ela é mais aberta à comunicação com Montfort do que eu imaginava.

— Ela *se comunicava* com eles?

Cal pisca.

— Ainda se comunica.

Por um segundo, desejo ter cores pelas quais xingar.

— Com o quê? Com o que isso é possível?

— Acho que você não espera uma explicação de como as radiotransmissões funcionam. — Ele sorri. Eu não. — Montfort está disposto a trabalhar com os prateados, em qualquer nível, para alcançar seus objetivos. É

uma — ele procura a palavra certa — parceria. Ambos querem a

esm a coisa.

Quase rio em descrença. A corte prateada trabalhando com Montfort... e a Guarda? Parece com pletam ente ridículo.

— E o que eles querem ?

— Maven fora do trono.

Um arrepio perpassa m eu corpo apesar do calor do verão e da proximidade de Cal. Lágrim as que não posso controlar escorrem .

— Mas eles ainda querem um rei.

— Não...

— Um rei prateado controlado por Montfort continuaria sendo um rei prateado. Os verm elhos ficariam na lam a, com o sem pre.

— Juro a você que não se trata disso.

— Vida longa a Tiberias VII — sussurro. Ele se contrai. — Quando as Casas se rebelaram , Maven os interrogou. Todos m orreram dizendo essas palavras.

O rosto dele desaba de tristeza.

— Nunca pedi por isso — Cal m urm ura. — Nunca quis isso.

O j ovem aj oelhado diante de m im nasceu para a coroa. Querer não tem nada a ver com sua form ação. Sua vontade foi arrancada dele logo cedo, substituída pela obrigação, a qual seu pai desgraçado disse que um rei deveria ter.

— Então o que você quer? — Quando Kilorn m e fez essa m esm a pergunta, descobri foco, propósito, um cam inho claro diante da escuridão. — O que você quer, Cal?

Ele responde rápido, os olhos ardendo.

— Você. — Seus dedos apertam os m eus, quentes m as estáveis. Ele está se segurando o m áxim o que pode. — Eu te am o e quero você m ais do que qualquer coisa no m undo.

Amor não é um a palavra que usam os. Sentim os, pensam os, m as não falam os. Parece algo tão definitivo, um a declaração da qual não se pode voltar

atrás. Sou um a ladra. Conheço m inhas rotas de fuga. E fui um a prisioneira. Odeio portas trancadas. Mas seus olhos estão tão próximos, tão sedentos. E é o que eu sinto tam bém . Mesm o que as palavras m e apavorem , são verdadeiras. Não disse que ia com eçar a falar a verdade?

— Eu te amo — sussurro, m e inclinando para apoiar a testa na dele. Sinto seus cílios rasparem m inha pele de leve. — Prom eto. Prom eto que não vai m e deixar. Prom eto que não vai voltar. Prom eto que não vai desfazer tudo pelo que m eu irm ão m orreu.

Seu suspiro grave atinge m eu rosto.

— Prom eto.

— Lem bra quando disserem os um pro outro que não íam os nos distrair?

— Sim . — Ele passa um dedo ardente pelos m eus brincos, tocando um por vez.

— Me distraia agora.



VINTE E SEIS

Mare

CONTINUO TREINANDO EM DOBRO, o que m e deixa exausta. É m elhor assim . Facilita o sono e reduz o tem po para preocupações. Toda vez que a dúvida se revira no m eu cérebro, sobre Cal, Piedmont ou o que quer que virá depois, estou cansada demais para m e dedicar aos pensamentos. Corro e levanto pesos com Cal de m anhã, tirando vantagem do m eu tempo sob efeito da Pedra Silenciosa. Depois do peso delas, nada físico parece difícil. Ele tam bém enfia um pouco de teoria no processo, m esmo que eu o assegure de que Ella está cobrindo essa parte. Ele apenas dá de ombros e continua m esmo assim . Não m enciono que o treinamento dela é m ais brutal. Cal foi criado para lutar, m as com um curandeiro por perto. A versão dele de prática é diferente da de Ella, que foca em aniquilação. Cal é m ais direcionado para defesa. Sua disposição para m atar prateados apenas quando absolutamente necessário fica óbvia nas m inhas horas com

os eletrícons.

Ella é um a invocadora. Suas tem pestades se form am em um a velocidade surpreendente, com nuvens negras girando no céu lim po para abastecer um a saraivada im piedosa de raios. Lem bro dela em Archeon, em punhando um a arm a em um a m ão e lançando raios com a outra. Apenas a reação rápida de Iris Cy gnet a im pediu de transform ar Maven num a pilha de cinzas fum egantes. Não acho que m eus raios algum dia serão tão destrutivos quanto os dela, não sem anos de treinam ento, m as o aprendizado é inestim ável. Com ela aprendi que um a tem pestade de raios é m ais poderosa que qualquer outra, m ais quente que a superfície do sol e forte o suficiente para partir cristais de diam ante. Um só raio com o o dela j á m e drena por com pleto, ao ponto de m al conseguir ficar de pé, m as ela os lança por diversão e para treinar. Um a vez m e fez correr por um cam po enquanto o atingia com seus raios, para testar m inha agilidade com os pés.

O raio em teia, com o Rafe o cham a, é m ais fam iliar. Ele lança raios e faíscas das m ãos e dos pés, form ando teias verdes para proteger o corpo. Apesar de poder invocar tem pestades, Rafe prefere m étodos m ais precisos para lutar.

Seus raios podem assum ir diferentes form as. Ele é m elhor com escudos, m alhas crepitantes de energia capazes de parar um a bala, e chicotes, que podem cortar pedras e ossos. O últim o é im pressionante de ver: um arco esfiapado de eletricidade que se m olda com o um a corda m ortal, capaz de queim ar qualquer coisa no cam inho. Sinto a força disso toda vez que treinam os. Não m e m achuca tanto quanto m achucaria outra pessoa, m as qualquer raio cuj o controle eu não possa assum ir m e atinge com força. É com um eu term inar o dia com o cabelo em pé, e quando Cal m e beij a sem pre leva um ou outro choque.

O silencioso Ty ton não treina com bate com nenhum de nós, ou com qualquer outra pessoa, na verdade. Não deu um nom e para sua especialidade, m as Ella cham a de raio pulsante. Seu controle da eletricidade é espantoso. As fagulhas puras e brancas são pequenas m as concentradas, contendo a força do raio de um a tem pestade. Com o um a bala que eletrocuta.

— Eu te m ostraria um raio m ental — ele m urm ura para m im um dia —, m as duvido que alguém se ofereça com o voluntário.

Passam os pelas arenas de treino j untos, com eçando a longa cam

inhada pela base até a Colina da Tempestade. Agora que estou com eles há algum tempo, Tyton passou a me dirigir mais do que algumas poucas palavras. Ainda assim, é uma surpresa ouvir sua voz lenta e metódica.

— O que é um raio mental? — pergunto, intrigada.

— É o que o nome mesmo diz.

— Ajudou muito — Ella zomba ao meu lado. Com o sempre, seu cabelo vívido está trançado para trás. Ele não é tingido há algum tempo, mas com o tempo fica evidente pelo tom loiro escuro que aparece na raiz. — Ele quer dizer que o corpo humano funciona através de pulsos elétricos. Bem pequenos e com uma rapidez absurda. Difíceis de detectar e quase impossíveis de controlar. Eles se concentram mais no cérebro, onde podem ser colhidos mais fácil.

Meus olhos se arregalam enquanto olho para Tyton. Ele continua andando, com o cabelo branco sobre um olho, as mãos enfiadas nos bolsos.

Despretensioso. Com o se Ella não tivesse acabado de dizer uma coisa apavorante.

— Você pode controlar o cérebro de alguém? — Um medo gélido me corta com o um a faca no estômago.

— Não do jeito que você está pensando.

— Com o que o jeito que...

— Você é muito previsível, Mare. Não leio mentes, mas sei que seis meses à mercê de um manipulador deixariam qualquer um assustado. — Com um suspiro irritado, ele ergue a mão. Um fagulha mais brilhante que o sol ondula entre seus dedos. Um toque e poderia virar um homem do avesso com sua força.

— O que Ella está tentando dizer é que posso olhar para alguém e fazer com que caia com o um saco de ossos. Afetando a eletricidade em seu corpo. Causando um derrame, se eu estiver me sentindo bondoso. Ou matando, caso contrário.

Olho para Ella e Rafe, alternando entre os dois.

— Algum de vocês aprendeu isso?

Eles negam .

— Nenhum de nós chega perto do nível de controle exigido — Ella diz.

— Ty ton pode m atar alguém discretam ente, sem que qualquer outra pessoa perceba — Rafe explica. — Poderiam os estar j antando na cantina e o prim eiro-m inistro cairia do outro lado da sala. Derram e. Ele m orre. Ty ton nem pisca e continua com endo. Não que a gente ache que ele sej a capaz de um a coisa dessas, claro — ele acrescenta, dando tapinhas nas costas do colega.

Ty ton quase não esboça reação.

— Reconfortante — ele com enta.

É um j eito m onstruoso m as bastante útil de usar nossa habilidade.

Nos cam pos de treino, alguém grita frustrado. O som cham a m inha atenção e viro para ver um a dupla de sanguenovos lutando. Kilorn está supervisionando o treino e acena para nós.

— Vão vir para os ringues hoj e? — ele diz, gesticulando para as arenas circulares. — Não vej o a garota elétrica brilhando há um bom tem po.

Sinto um a ansiedade surpreendentemente forte. Lutar com Ella ou Rafe é divertido, m as usar raios para enfrentar raios não é de grande auxílio. Não há m otivo para praticar contra um poder que não vam os enfrentar tão cedo.

Ella responde antes que eu possa, dando um passo à frente.

— Treinam os com bate na Colina da Tem pestade. E j á estam os atrasados.

Kilorn apenas levanta um a sobrelanceira. Ele quer um a resposta m inha, não dela.

— Na verdade, acho que seria bom . Precisam os praticar contra o que Maven pode ter no seu arsenal. — Tento m anter m eu tom diplom ático. Gosto de Ella, de Rafe. Até gosto de Ty ton, pelo pouco que sei. Mas tenho opinião tam bém .

E acho que só podem os chegar até certo ponto lutando uns contra os outros.

— Quero lutar aqui hoje.

Ella abre a boca para discutir, mas Ty não fala primeiro.

— Tudo bem — ele diz. — Contra quem ?

A coisa mais parecida com Maven que tem os.

— Você sabe que sou bem melhor nisso do que ele, né?

Cal alonga um braço sobre a cabeça, o bíceps esticando o algodão fino da camisa. Ele sorri enquanto o observo, apreciando a atenção. Olho furiosa e cruzo os braços. Ele não aceitou meu pedido, tão pouco recusou. O fato de interromper sua própria rotina de treinamento e vir para os ringues diz muita coisa.

— Ótimo. Assim vai ser mais fácil lutar contra ele. — Sou cuidadosa com as palavras. *Lutar*, não *matar*. Desde que Cal me encionou sua busca por alguém que pudesse “consertar” seu irmão, tenho pisado em ovos. Por mais que queira acabar com o rei pelo que fez comigo, não posso dizer isso em voz alta. — Se treinar contra você, Maven vai ser moleza.

Ele esfrega a terra sob os pés, testando o terreno.

— Nós já nos enfrentamos.

— Sob a influência de um manipulador. Com alguém nos manipulando.

Não é a mesma coisa.

Na beirada da arena, uma pequena multidão se junta para ver. Quando Cal e eu pisamos no ringue, a notícia se espalhou rápido. Kilorn parece estar organizando apostas, enquanto passa sorrindo por uma dezena de sanguenovos.

Um deles é Reese, o curandeiro que atingi quando fui resgatada. Ele fica a postos, com os curandeiros costumavam ficar quando eu treinava com os prateados. Pronto para consertar o que quer que quebrem os.

Meus dedos também borilam nos braços, cada um deles contando os segundos.

Invoco a eletricidade. Ela surge ao meu redor e sinto as nuvens se formando sobre minha cabeça.

— Você vai continuar desperdiçando m eu tem po enquanto cria um a estratégia ou podem os com eçar?

Ele só dá um a piscadela para m im e continua o alongam ento.

— Estou acabando.

— Ótim o. — Abaixo e passo a terra fina nas m ãos, secando o suor. Cal m e ensinou isso. Ele sorri e faz o m esm o. Então, para a surpresa e o deleite de algum as pessoas, tira a cam isa e a j oga de lado.

Com ida m elhor e treino duro deixaram nós dois m ais m usculosos, m as, enquanto sou esguia e ágil, levem ente curvilínea, ele é todo anguloso, com cortes retos definindo o corpo. Já o vi sem roupa m uitas vezes, m as a visão ainda m e paralisa, aum entando o fluxo de sangue das m inhas bochechas até a ponta dos pés. Engulo em seco. Pelo canto do olho, noto que tanto Ella quanto Rafe olham para Cal com interesse.

— Tentando m e distrair? — Finj o não m e im portar, ignorando o calor por todo o rosto.

Cal inclina a cabeça para o lado, o retrato da inocência. Ele até coloca a m ão no peito, forçando um suspiro falso com o se dissesse: “Quem , eu?”.

— Você ia fritar m inha cam isa de qualquer form a. Estou econom izando suprim entos. Mas... — ele acrescenta, com eçando a andar em círculos — um bom soldado usa toda vantagem ao seu dispor.

O céu continua escuro. Agora eu definitivam ente ouço Kilorn coletando apostas.

— Ah, você acha que está em vantagem ? Que fofo. — Im ito o m ovim ento dele, contornando a arena na direção oposta. Meus pés se m ovem por vontade própria. Confio neles. A adrenalina é um a sensação fam iliar, nascida em Palafitas, na arena de treino, e em cada batalha de que j á participei. Assum e o controle dos m eus nervos.

Ouç o a voz de Cal na m inha cabeça, m esm o enquanto ele se prepara, assum indo sua posição de com bate tão fam iliar. *Ardente. Dez metros.* Mantenho as m ãos baixas, girando os dedos enquanto fagulhas roxas e brancas saltam para dentro e para fora da m inha pele. Do outro lado da arena, Cal sacode os punhos, e um a onda de calor calcinante atinge m inhas m ãos.

Dou um grito, pulando para trás ao ver as minhas faíscas transformarem-se em chamuscadas vermelhas. Ele as toma ou de mim. Com uma explosão de energia, forço-as a voltar a ser raios. Elas vacilam, desejando virar fogo, mas me antenho à concentração, impedindo-as de fugir do controle.

— Primeiro ponto para Calore! — Kilorn grita da beirada da arena.
Uma

minha istura de resmungos e urras atravessa a plateia, que continua crescendo. Ele bate palmas e bate os pés no chão. Isso me lembra de quando gritava pelos campeões prateados na arena de Palafitas. — Vamos, Mare, reagir!

Uma boa lição, percebo. Cal não precisava ter com o jogo a luta revelando um golpe para o qual eu não estava preparada. Ele poderia ter escondido o jogo.

Esperado para usar a vantagem. Em vez disso, lançou o truque de cara. Ele pretende pegar leve comigo.

Primeiro erro.

A dez metros de distância, Cal acena, indicando para que eu continue. Uma provocação, mais do que qualquer outra coisa. Ele é melhor na defensiva. Quer que eu vá para cima dele. Tudo bem.

Na borda da arena, Ella me lembra um alerta para a minha última.

— Eu me afastaria se fosse vocês.

Meu punho se fecha e um raio cai. Ele corta o ar com uma força cegante e atinge a arena bem no meio, com o mesmo raio de uma flecha. Mas não afunda na terra, rachando o chão com o esperado. Em vez disso, uso uma com uma combinação de tempestade e teia, de modo que o raio roxo e branco acende a arena, correndo pela terra na altura do meu joelho. Cal usa o braço para proteger os olhos da claridade, enquanto a outra mão transforma as faíscas em uma chama azul ardente em volta dele. Corro e disparo em meio aos raios que ele não suporta olhar. Com um rugido, atingo as pernas de Cal, derrubando-o. Ele bate nas faíscas e é tomado pelo choque enquanto me levanto rapidamente.

Um calor vermelho se aproxima do meu rosto, mas eu o lanço de volta com um escudo elétrico. E então caio também, levando uma raspadura. Meu rosto bate com força no chão e sinto o gosto da terra. Uma mão agarra meu ombro, queimando, e eu dou um

cotovelada, acertando o queixo dele. Isso tam bém queim a. O corpo inteiro de Cal está em cham as. Verm elho e laranj a, am arelo e azul. Ondas de calor pulsam dele, fazendo o m undo inteiro se agitar e ondular.

Pego um punhado de terra para j ogar o m áxim o que posso no rosto dele.

Cal fecha os olhos e isso alivia um pouco o fogo, m e dando tem po suficiente para ficar de pé. Com outro m ovim ento dos braços, j ogo um raio na form a de um chicote, faiscando e assobiando no ar. Cal desvia de cada golpe, rolando e se abaixando, com pés leves com o um dançarino. As faíscas que não consigo controlar totalm ente viram bolas de fogo. Cal as transform a em seus próprios chicotes flam ej antes, tornando a arena um inferno. Roxo e verm elho se enfrentam , faísca e cham a, até que a terra com pacta sob nós estrem ece com o um m ar tem pestuoso e o céu fica preto, num a chuva de raios.

Cal passa perto o suficiente para atacar. Sinto a força do im pacto do seu punho quando m e atinge e o cheiro de cabelo queim ado. Inicio m eu próprio ataque, dando um a cotovelada brutal no rim . Ele grunhe, m as responde à altura, os dedos flam ej antes rasgando m inhas costas. Minha pele enruga com as bolhas frescas. Mordo o lábio para m e im pedir de gritar. Cal pararia a luta se soubesse o quanto dói. E dói m uito. A dor cortante atravessa m inha coluna e m eus j oelhos fraquej am . Estendo os braços para im pedir a queda e o raio m e põe de pé.

Aguento a dor lancinante porque tenho que saber qual é a sensação. Maven provavelm ente fará pior quando chegar a hora.

Uso a teia de novo, num a m anobra defensiva para m anter as m ãos de Cal longe. Um raio forte corre pelas pernas dele, por seus m úsculos, nervos e ossos.

Seguro o golpe o suficiente para não causar dano perm anente. Ele se contorce, caindo de lado. Vou para cim a sem pensar, focando nos braceletes que o vi prender e soltar um a dezena de vezes. Sob m im , seus olhos se reviram , e ele tenta m e im pedir. Os braceletes voam , brilhando em um tom púrpura com m inhas faíscas.

Um braço se enrola na m inha cintura, m e derrubando. A terra nas m inhas costas é com o um a labareda de fogo. Grito dessa vez, perdendo o controle.

Faíscas explodem das m inhas m ãos e Cal se j oga para trás, fugindo

da fúria do raio.

Lutando contra as lágrimas, eu me forço para cima, com os dedos cravados na terra. A alguns metros de distância, Cal faz o mesmo. Seu cabelo está todo espetado por causa da estática. Estão os ambos feridos e somos orgulhosos demais para parar. Ambos baleamos os dois velhos, sobre ambos em ambos instáveis. Sem seus braceletes, ele recorre à gramínea que queima na beirada da arena, formando uma chama a partir das brasas. Ela é disparada contra mim enquanto meus raios explodem de novo.

Os ambos colidem, formando uma parede azul faiscante. Ela assobia, absorvendo a força dos dois ataques, e então desaparece.

— Talvez seja melhor vocês lutarem no campo de tiro da próxima vez

— Davidson fala. Hoje o primeiro-ministro parece uma pessoa com um, com um uniforme verde simples, parado em pé na beira da arena. Pelo menos do que *era* uma arena. Agora a terra e a gramínea são uma bagunça carbonizada, com plantas entremeadas, num campo de batalha destruído por nossas habilidades.

Assobiando de dor, sento no chão, em silêncio, grata pelo término. Até respirar faz minhas costas doerem. Tenho que me inclinar sobre os joelhos, cerrando os punhos com força para lutar contra a dor.

Cal dá um passo na minha direção e cai também, apoiando-se nos cotovelos. Sua respiração está ofegante e pesada, o peito subindo e desabando com o esforço. Sem energia para oferecer um sorriso que seja. Suor o recobre dos pés à cabeça.

— E sem uma plateia, se possível — Davidson acrescenta. Atrás dele, conforme a fumaça se dissipa, outra parede azul nos separa dos espectadores.

Com um aceno de Davidson, ela pisca e desaparece. Ele abre um sorriso brando, então aponta para o símbolo em seu braço, um hexágono branco. — Escudo.

Bem útil.

— Eu que o diga — Kilorn grita, avançando na minha direção. Ele se ajoelha do meu lado. — Reese — chama por cima do ombro.

Mas o curandeiro ruivo para a alguns metros de distância.

— Você sabe que não é assim que funciona.

— Reese, para com isso! — Kilorn sibila. Ele range os dentes, irritado.

— Ela está com as costas inteiras queimadas e ele mal consegue andar.

Cal pisca na minha direção, ainda ofegante. Seu rosto se contrai de preocupação e arrependimento, mas também de dor. Está agonizando, assim

com o ele. O príncipe se esforça ao máximo para parecer forte e tenta sentar. Ele cai imediatamente no chão.

Reese se mantém firme.

— O treinamento tem consequências. Não somos os prateados. Precisamos ter consciência do que fazemos uns aos outros com nossas habilidades. — As palavras parecem ensaiadas. Se eu não estivesse com tanta dor, concordaria.

Lembro das arenas onde os prateados lutavam por esporte, sem medo. Lembro do meu treinamento no Palácio do Sol. Um curandeiro estava sempre à postos, pronto para remediar cada arranhão. Os prateados não se importam em machucar outras pessoas porque os efeitos não duram. Reese nos observa de cima e só falta balançar o dedo, numa repreensão. — A vida deles não corre perigo. Vão passar vinte e quatro horas assim. É o protocolo, Warren.

— Normamente, eu concordaria — Davidson diz. Com passadas firmes, ele atravessa o espaço até o curandeiro e fixa nele um olhar sem opção.

— Mas, infelizmente, preciso desses dois bem dispostos já, não dá pra esperar.

— Senhor...

— Cure os dois.

Sinto um pequeno alívio enquanto aperto a terra. Se esse é o preço para encerrar essa tortura, farei o que o primeiro-ministro quiser, e sorrindo.

Meu machucado cheira a desinfetante e faz minha pele coçar. Eu reclamaria, mas não consigo. Não depois dos últimos relatos dos

agentes de Davidson. Até o primeiro ministro parece abalado, andando para lá e para cá diante da longa mesa de conselheiros militares, que inclui Cal e eu. Davidson mantém o punho fechado sob o queixo e o olhar indecifrável no chão.

Farley o observa por um longo momento antes de abaixar a cabeça para ler a caligrafia metuculosa de Ada. A sangüenova que consegue lembrar de tudo é uma oficial agora e trabalha com Farley e a Guarda. Não me surpreenderia se a pequena Clara também virasse oficial. Ela cochila no peito da mãe, enrolada bem firme em um pano. Fios curtos de cabelo castanho-escuro despontam na cabeça dela. Realmente parece com Shade.

— A tropa de Corvium no momento é composta por cinco mil soldados vermelhos da Guarda Escarlata e quinhentos sangüenovos de Montfort — Farley recita as anotações de Ada. — Os relatórios indicam que as forças de Maven estão na casa dos milhares, todos prateados. Estão se reunindo no Forte Patriota, em Harbor Bay, e nos arredores de Detraon, em Lakeland. Não tem o número exato nem meios para conseguir isso.

Minhas mãos tremem na superfície da mesa. Rápido, eu as coloco em baixo das pernas. Imagino quem poderia auxiliar a tentativa de Maven de retomar a cidade-fortaleza. Os Samos se foram; os Laris, Iral e Haven também. E os Lerolan, se der para acreditar na avó de Cal. Por mais que queira desaparecer, me esforço a falar.

— Ele tem um apoio forte das Casas Rhambos e Welle. Forçadores e verdes. Dos Arven também. Podem neutralizar qualquer ataque dos sangüenovos. — Não me aprofundo na explicação. Senti na pele o que são capazes de fazer. — Não conheço as forças de Lakeland além dos ninfoides reais.

O coronel se inclina para a frente, apoiando a palma das mãos na mesa.

— Eu conheço. Lutam bravamente e oferecem muita resistência. A lealdade deles ao rei é obstinada. Se ele der seu apoio ao desgraçado...

— Ele para e volta o olhar para Cal, que não reage. — Se ele der seu apoio a Maven, os demais não hesitarão em seguir. Os ninfoides são os mais perigosos, é claro, seguidos por tempestuosos, calafrios e dobra-ventos. Os guerreiros pétreos também são um bando horrível.

Eu me contorço a cada um dos nomes.

Davidson vira para encarar Tahir, sentado à mesa. O sanguenovo parece incompleto sem seu gemido e inclina-se de forma estranha, como se para com pensar a ausência dele.

— Alguma atualização sobre o cronograma? — o primeiro ministro vocifera. — Menos de uma semana não é preciso o suficiente.

Apertando os olhos, Tahir se foca em outro lugar, bem longe dali. O lugar onde seu irmão gemido deve estar. Com o em muitas das operações, a localização de Rash é secreta, mas tenho um palpite. Salida já esteve infiltrada no exército de sanguenovos de Maven. Rash é o substituto perfeito para ela, provavelmente trabalhando com o um serviço secreto em algum lugar na corte. É uma ideia genial. Usando sua ligação com Tahir, ele pode despachar informações mais rápidas do que qualquer rádio ou comunicador, sem deixar rastros e sem a possibilidade de ser interceptado.

— Ainda estou confirmando — ele fala lentamente. — Há horas a respeito de... — O sanguenovo para e seu queixo cai, formando um O de surpresa. — Em menos de um dia. Um ataque pelos dois lados da fronteira.

Mordo o lábio, fazendo-o sangrar. Com o isso pode acontecer tão rápido?

Sem aviso.

Cal com partilha em minha surpresa.

— Pensei que estivessem os vigiando a movimentação das tropas. Exércitos não se agrupam do dia para a noite. — Um leve corrente de calor em sua pele, esquentando o lado direito do meu corpo.

— Sabem os que o grosso da força está em Lakeland. A nova esposa de Maven e a aliança que trouxe nos deixou um pouco amarrados — Farley explica.

— Não tem os recursos suficientes lá, ainda mais agora que a maior parte da Guarda Escarlata está aqui. Não podem os monitorar três países diferentes...

— Mas vocês têm certeza de que eles vão para Corvium? Sem sombra de dúvida? — Cal estoura.

Ada confirma com a cabeça, hesitante.

— Todas as inform ações apontam para isso.

— Maven gosta de arm adilhas. — Odeio dizer o nom e dele. — Pode ser um a estratégia para atrair nosso pessoal, para nos pegar em trânsito. — Lem bro do barulho do nosso j ato destruído em pleno voo, rachando em pedaços irregulares pelo céu. — Ou um truque. Vam os para Corvium . Ele ataca Lowcountry. Tom a nossa base debaixo do nosso nariz.

— É por isso que esperam os. — Davidson cerra um punho, determinado.

— Deixam os que avancem prim eiro para contra-atacar. Se enrolarem , saberem os que é um truque.

O coronel enrubesce, sua pele verm elha com o o olho.

— E se for um a ofensiva pura e sim ples?

— Agirem os rápido assim que conhecerm os as intenções deles...

— E quantos dos m eus soldados vão m orrer enquanto você não age rápido?

— Tantos quanto os m eus — Davidson retruca, irônico. — Não aj a com o se seu pessoal fosse o único a sangrar.

— Meu pessoal...?

— Chega! — Farley grita com os dois, alto o suficiente para acordar Clara.

A criança tem o tem peram ento m ais tranquilo do que qualquer um que eu conheço e apenas pisca sonolenta com a interrupção do cochilo. — Se não podem os conseguir m ais inform ações, então esperar é nossa única opção. Já com etem os erros dem ais atacando prim eiro.

Incontáveis erros.

— É um sacrifício, adm ito. — O prim eiro-m inistro parece tão sério quanto suas generais, todos estoicos e com a expressão im passível diante das notícias. Se houvesse outra form a, ele optaria por ela. Mas nenhum de nós enxerga um a.

Nem m esm o Cal, que perm anece em silêncio. — Mas é um sacrifício pequeno por tanto.

O coronel explode de raiva, batendo a mão com força na mesa do conselho. Um a jarra de água balança e Davidson a segura com tranquilidade e agilidade, mostrando bons reflexos.

— Calore, vou precisar que você coordene.

Com a avó dele. Com os prateados. Pessoas que me viram acorrentada e não fizeram nada até que fosse conveniente. Pessoas que ainda pensam que minha família deveria ser escrava. Mordo a língua. Pessoas de quem precisamos para vencer.

Cal abaixa a cabeça.

— O reino de Rift ofereceu apoio. Terem os soldados de Sam os, Iral, Laris e Lerolan.

— O reino de Rift — falo baixo, quase cuspindo. Evangeline conseguiu sua coroa, afinal.

— E você, Barrow?

Levanto os olhos para ver Davidson me encarando, ainda com a expressão neutra. Ele é impossível de ler.

— Está conosco também ?

A imagem da minha família pisca diante dos meus olhos, mas apenas por um momento. Deveria me sentir envergonhada pelo ódio e pela raiva que me antenho queimando no fundo do meu estômago e nos cantos do meu cérebro.

Por terem mais peso que todos eles. Minha mãe e meu pai vão me atar por deixá-los de novo. Mas estou disposta a me juntar à guerra para encontrar algo que se pareça com paz.

— Sim .



VINTE E SETE

Mare

NÃO É UMA ARMADILHA NEM UM TRUQUE.

Gisa m e sacode algum m om ento depois da m eia-noite para que eu acorde, seus olhos castanhos arregalados e preocupados. Durante o jantar, contei para m inha fam ília o que está para acontecer. Com o esperado, eles não ficaram exatam ente felizes com a m inha decisão. Minha m ãe apertou a faca o m áxim o que pôde. Chorou por Shade, um a ferida ainda aberta, e pela m inha captura.

Disse o quanto eu era egoísta. Me afastando deles m ais um a vez.

Mais tarde, ela m udou a abordagem . Pediu desculpas e exaltou o quanto eu era coraj osa. Coraj osa, teim osa e preciosa dem ais para m e deixar partir.

Meu pai só se fechou, com os nós da m ão brancos de tanto apertar a bengala. Som os iguais, ele e eu. Fazem os escolhas e as seguim os, m esm o que sej am erradas.

No final, Bree e Tram y com prenderam . Eles não foram cham ados para essa m issão. Isso j á é um conforto.

— Cal está lá em baixo — Gisa sussurra, com as m ãos firm es nos m eus om bros. — É hora de ir.

Enquanto sento, j á de uniform e, eu a puxo para um últim o abraço.

— Você faz isso dem ais — Gisa resm unga, tentando ser engraçada para disfarçar a tristeza. — Vê se volta dessa vez.

Assinto, m as não prom eto.

Kilorn nos encontra no corredor, de pij am a e com o olhar triste. Ele não vai j unto. Corvium está m uito além dos seus lim ites. Esse é outro conforto am argo.

Por m ais que costum asse reclam ar de ter que m e preocupar com alguém cuj a m aior habilidade é dar nós, sentirei sua falta. Sobre tudo porque ele m e protegeu e m e aj udou m uito m ais do que eu o protegi e aj udei.

Abro a boca para falar tudo isso, m as ele m e cala com um beij o rápido na bochecha.

— Nem tente dizer adeus, ou j ogo você da escada.

— Tudo bem . — Meu peito aperta, e fica m ais difícil respirar a cada

degrau.

Todos esperam reunidos, com um olhar sombrio com o de um esquadrão da morte. Os olhos da minha mãe estão vermelhos e inchados, iguais aos de Bree. Ele me abraça primeiro, me tirando do chão. O gigante deixa um soluço escapar no meu pescoço. Tram y é mais reservado. Farley está na sala também.

Ela abraça Clara com força, ninando-a. Minha mãe vai ficar com ela.

Tudo vira um borrão, por mais que eu queira me agarrar a cada pedacinho desse momento. O tempo passa muito depressa. Minha cabeça gira e, antes que eu perceba o que está acontecendo, estou do lado de fora da porta, descendo os degraus e sendo enfiada dentro do veículo. Meu pai apertou a mão de Cal ou eu imaginei aquilo? Ainda estou dormindo? É um sonho? As luzes da base iluminam a escuridão com as estrelas cadentes. Os postes recortam as sombras, iluminando a estrada até o campo de pouso. Já posso ouvir o rugido dos motores e os gritos dos aviões nos céus.

Na sua maioria, são jatos cargueiros, projetados para transportar um grande número de tropas em alta velocidade. Eles pousam verticalmente, sem pistas de pouso, podendo ser pilotados direto para dentro de Corvium. Sou tomada por uma sensação terrível e familiar enquanto subo a bordo. Da última vez que fiz isso, passei seis meses com a prisioneira e voltei com um fantasma.

Cal sente meu desconforto. Ele se adianta e me afivela no assento do jato, os dedos se movendo suaves enquanto fixo o olhar na grade de metal sob meus pés.

— Não vai acontecer de novo — ele murmura, baixo o suficiente para que apenas eu possa ouvir. — Dessa vez é diferente.

Seguro o rosto dele com as mãos, fazendo-o parar e olhar para mim.

— Então por que sinto como se fosse a mesma coisa?

Os olhos de bronze buscam os meus. Procurando uma resposta. Cal não acha nenhum. Em vez disso, ele me beija, como se isso resolvesse alguma coisa. Seus lábios queimam contra os meus. Dura mais do que deveria, especialmente com tantas pessoas em volta, mas ninguém faz alarde.

Quando Cal se afasta, em busca de algo na minha mão.

— Não se esqueça de quem você é — ele sussurra.

Não preciso olhar para saber que é um brinco, um a pedrinha colorida presa ao meu tal. Algo para dizer “até logo”, “se cuide”, “lembram-se de mim se formos separados”. Outra tradição do meu passado. Mantenho-o apertado no punho, quase fazendo sua ponta afiada perfurar a pele. Só quando Cal senta na minha frente eu olho.

Vermelho. É claro. Vermelho com o sangue, vermelho com o fogo.

Vermelho com o ódio que nos consome.

Incapaz de fazer um furo na orelha agora, eu o guardo com cuidado. A pedrinha vai se juntar às outras em breve.

Farley se move de maneira inadequada, sentando perto dos pilotos de Montfort.

Cameron segue bem de perto, oferecendo um sorriso discreto enquanto senta.

Ela finalmente tem um uniforme oficial verde. O de Farley é diferente, vermelho-escuro com um C branco no braço. *Comando*. Ela raspou a cabeça de novo, deixando os centímetros de cabelo loiro para trás e voltando ao seu antigo

estilo. Parece séria, com a cicatriz irregular no rosto e os olhos azuis que podem perfurar qualquer armadura. Com binóculos com ela. Entendo por que Shade a ama.

Ela tem motivos para parar de lutar, meus dois do que qualquer um de nós. Mas continua. Um pouco da sua determinação me invade. Se ela pode fazer isso, eu também posso.

Davidson finalmente sobe no jato, rondando as quarenta pessoas próximas da área de salto. Ele segue uma tropa de gravitrons identificadas pelas linhas verticais na insígnia. Usa o mesmo uniforme e gasta, mas seu cabelo, que normalmente é alinhado, está despenteado. Duvido que tenha dormido. Isso me faz gostar um pouco mais dele.

O primeiro-ministro acena para nós conforme passa, marchando pela extensão do jato para sentar com Farley. Os dois parecem orgulhar-se em pensamentos quase de imediato.

Meu senso elétrico me elhorou com o treinamento com os eletrônicos. Posso sentir o avião inteiro até a fiação. Cada fagulha, cada pulso.

Ella, Rafe e Ty ton vão, é claro, m as ninguém ousa nos colocar no m esm o j ato. Se o pior acontecer, pelo m enos não m orrerem os todos j untos.

Cal está inquieto no assento, exalando um a energia nervosa. Faço o oposto.

Tento m e anestesiá-lo, ignorar a fúria fam inta que com eça a se libertar. Não vi Maven desde que escapei e im agino seu rosto com o era na época. Gritando por m im na m ultidão, tentando m e fazer virar. Ele não queria m e deixar partir.

Quando eu fechar as m ãos em volta da sua garganta, será a m inha vez de não deixá-lo ir. Não terei m edo. É só m ais um a batalha no m eu cam inho.

— Minha avó está trazendo todos os soldados que conseguiu reunir — Cal m urm ura. — Davidson j á sabe, m as acho que ninguém te colocou a par.

— Ah.

— Ela tem Lerolan e as outras Casas que se rebelaram a seu lado. Incluindo a Sam os.

— Princesa Evangeline — m urm uro, ainda rindo da ideia. Cal olha com sarcasm o para m im .

— Pelo m enos ela tem a própria coroa e não precisa roubar a dos outros

— ele diz.

— Vocês dois estariam casados a essa altura se... — Se tantas coisas fossem diferentes.

Ele concorda.

— Casado a tem po suficiente para ter enlouquecido. Ela seria um a boa rainha, m as não para m im . — Cal pega m inha m ão sem olhar. — Teria sido um casam ento terrível.

Não tenho energia para pensar nas im plicações dessa frase, m as um a onda de calor brota no m eu peito.

O j ato se m ovim enta, acelerando até atingir velocidade m áxim a. Rotores e m otores zunem , encobrendo nossa conversa. Com outro im

pulso, estão os no ar, ascendendo na noite quente de verão. Fecho os olhos por um momento e imagino o que está por vir. Conheço Corvium das fotografias e das transmissões. Muros de granito preto com reforço de ouro e ferro. Uma fortaleza espiralada que

costumava ser a última parada de qualquer soldado em direção ao Gargalo. Em outra vida, eu teria passado por ali. Agora o lugar está sob cerco pela segunda vez este ano. As forças de Maven se posicionaram há algumas horas, pousando na faixa que controlam em Rocasta antes de avançar por terra. Devem chegar às muralhas em breve. Antes de nós.

Um sacrifício pequeno por tanto, Davidson disse.

Espero que ele esteja certo.

Cameron jogou suas cartas sobre o meu colo. Quatro rainhas fumegantes viradas para mim, me provocando.

— Quadra de damas, Barrow. — Ela ri em silêncio. — E agora? Vai apostar suas malditas botas?

Sorriso e descarto minha mão inútil, com posta por números vermelhos e um príncipe preto solitário.

— Elas não serviriam em você — retruco. — Meus pés não são canoas.

Cameron racha de rir, jogando a cabeça para trás enquanto mostra os pés.

De fato, são bem longos e magros. Espero, pelo bem dos nossos recursos, que a fase de crescimento de Cameron já tenha passado.

— Mais uma rodada — ela diz, e estende a mão para pegar as cartas.

— Aposto uma semana de lavanderia.

Do outro lado, Cal para seus alongamentos e bufa.

— Você acha que Mare lava roupa?

— E você lava, mais tarde? — devolvo, sorridente. Ele finge não me escutar.

As brincadeiras bobas são tanto um bálsamo quanto uma distração. Não tenho que lidar com a batalha que nos espera quando estou sendo massacrada no baralho por Cameron. Ela aprendeu a jogar nas

fábricas, claro. Eu m al entendo as regras desse j ogo, m as ele m e aj uda a focar no m om ento.

Em baixo de nós, o j ato sacode, balançando em um a bolha de turbulência.

Depois de m uitas horas de voo, isso não m e perturba. Continuo em baralhando as cartas. O segundo solavanco é m ais profundo, m as não vej o m otivo para alarde.

O terceiro faz as cartas voarem das m inhas m ãos. Eu m e aj eito no assento e procuro o cinto. Cam eron faz o m esm o, assim com o Cal, que m antém os olhos voltados para a cabine. Sigo seu olhar e noto que am bos os pilotos trabalham furiosam ente para m anter o j ato estável.

O m ais preocupante é a vista. O sol deveria ter com eçado a nascer a essa altura, m as o céu à nossa frente continua preto.

— Tem pestades — Cal solta, m as pode ser tanto o tem po quanto os prateados. — Tem os que subir.

Mal as palavras saem dos seus lábios e sinto o j ato se inclinar, m irando altitudes m aiores. Luzes piscam nas profundezas das nuvens. Caem raios de verdade, nascidos das nuvens, não das habilidades de sanguenovos. Sinto os estouros com o a pulsação distante de um coração.

Agarro o cinto sobre m eu peito.

— Não podem os pousar assim .

— Não m esm o — Cal rosna.

— Talvez eu possa fazer algum a coisa. Parar os raios...

— Não são apenas os raios lá em baixo! — Mesm o sob o rugido cada vez m ais alto do avião, a voz dele ecoa. Muitas cabeças se viram em sua direção. A de Davidson é um a delas. — Dobra-ventos e tem pestuosos vão nos j ogar para fora do curso assim que descerm os por essas nuvens. Vão fazer o j ato cair.

Os olhos de Cal se agitam por todos os lados do j ato, com o se fizesse um inventário. As engrenagens giram na cabeça dele, trabalhando sem parar. Meu m edo se entrega à fé.

— Qual é o plano?

O j ato salta de novo, fazendo todos pularem os nos assentos. Isso não abala Cal.

— Preciso dos gravitrons e de você — ele acrescenta, apontando para Cameron.

Ela congela o olhar e assente.

— Acho que sei o que você quer fazer.

— Mande um a mensagem para os outros j atos. Vão os precisar de um teleportador aqui e preciso saber onde está o resto dos gravitrons. Eles devem estar distribuídos.

Davidson abaixa o queixo em sinal de que com preendeu.

— Vocês o ouviram .

Meu estômago se revira conforme e todos comecem a se mexer. Soldados verificam duas vezes as armas e afivelam os equipamentos táticos, com o sem blante cheio de determinação. Cal mais que de todos.

Ele salta do assento, agarrando o suporte para se manter de pé.

— Deixe-nos diretamente sobre Corvium . Onde está o teleportador?

Arezzo aparece do nada, ajoelhando para conter a energia do movimento.

— Não gosto disso — ela dispara.

— Infelizmente você e os outros teleportadores vão ter que fazer a mesma coisa inúmeras vezes — Cal retruca. — Você consegue saltar de j ato em j ato?

— É claro — ela diz, com o se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— Ótimo. Assim que descemos, leve Cameron para o próximo j ato da fila.

Descemos.

— Cal — quase choramingo. Posso fazer muitas coisas, mas isso?

Arezzo estala os dedos, falando por cima de mim.

— Afirmativo.

— Gravitrons, usem cabos, seis por corpo. Mantenham todos bem apertados.

Os sanguenovos em questão ficam de pé, puxando cordas enroladas escondidas em seus uniformes. Cada um a delas tem um monte de ganchos, permitindo que transportem várias pessoas com suas habilidades de manipular a gravidade. Quando estava no Furo, recrutei um homem chamado Gareth. Ele usava sua habilidade para voar ou saltar grandes distâncias.

Mas não para saltar de jatos.

De repente me sinto enjoada, e minha testa fica encharcada de suor.

— Cal? — digo de novo, minha voz subindo um pouco.

Ele me ignora.

— Cam, seu trabalho é proteger o jato. Lance quanto silêncio conseguir, visualizando uma esfera. Isso vai nos manter estáveis em meio à tempestade.

— Cal? — grito. Sou a única que acha que isso é suicídio? Sou a única sã aqui? Até Farley parece desorientada. Seus lábios estão apertados em uma linha sombria quando ela se prende a um dos gravitrons. Farley sente meu olhar e olha para cima. Seu rosto se contrai por um instante, transmitindo um grama do terror que sinto. Então ela pisca. *Por Shade*, leio nos seus lábios.

Cal me faz levantar, ignorando meu medo ou sem notar. Ele me esmoma e me arrasta na gravitron mais alta, uma muralha esguia. Cal se prende ao meu lado, com um braço pesado sobre meus ombros enquanto o resto de mim é esmagado pela sanguenova. Por todo o jato as pessoas fazem o mesmo, prendendo-se às cordas dos gravitrons.

— Qual é a nossa posição? — Cal grita sobre minha cabeça.

— Cinco segundos do centro — o piloto ruge em resposta.

— O plano foi transmitido por completo?

— Afirmativo, senhor! Estam os no centro, senhor!

Cal range os dentes.

— Arezzo?

Ela bate continência.

— Pronto, senhor.

Tem um a grande chance de eu vomitar na pobre gravitron em meio a essa colmeia de pessoas.

— Calma — Cal respira na minha orelha. — Só segure firme, você vai ficar bem. Feche os olhos.

O que mais queria era fazer isso. Fico inquieta, batendo as pernas, tremendo. Um amontoado de nervos.

— Isso não é loucura — Cal sussurra. — Soldados fazem isso sem pre-

Treinam para coisas assim.

Aperto Cal mais forte, o suficiente para machucar.

— Você já fez isso?

Ele só engole em seco.

— Cam, pode comê-la. Iniciem a queda.

A onda de silêncio me atinge com o um a meu lado. Não é suficiente para me fazer sentir dor, mas a minha mente faz meus olhos fraquejarem. Aperto os dentes para me impedir de gritar e fecho os olhos com tanta força que vejo as estrelas. O

calor natural de Cal funciona com o um a âncora, mas a âncora trepidante. Me pressiono contra seu corpo, com o se pudesse me enterrar nele. Cal murmura para mim, mas não posso ouvi-lo. Não com a sensação da escuridão lenta e sufocante, ou, pior ainda, com a sensação da morte. Meu batimento cardíaco triplica. Nem acredito, mas realmente quero saltar do avião agora. Qualquer coisa para escapar do silêncio de Cameron. Qualquer coisa para parar de lembrar.

Quase não sinto o avião caindo ou se chocando com a tempestade.

Cameron expira bufadas constantes, tentando manter a respiração estável. Se o resto das pessoas sente a dor da habilidade dela, não dem

onstra. Descem os pela quietude. Ou talvez m eu corpo estej a sim plesm ente se recusando a ouvir m ais.

Quando nos aglom eram os na plataform a de lançam ento, percebo que é chegada a hora. O j ato balança, soprado pelos ventos que Cam eron não é capaz de defletir. Ela grita algum a coisa que não posso decifrar sob o pulsar do sangue nos ouvidos.

Então o m undo se abre em baixo de m im . E caím os.

Quando a Casa Sam os derrubou m eu últim o j ato do céu, pelo m enos tiveram a decência de nos deixar em um a j aula de m etal. Agora não tem os nada além do vento, da chuva congelante e da escuridão rodopiante nos puxando para todos os lados. A inércia deve ser suficiente para nos m anter no alvo, assim com o o fato de que nenhum a pessoa sã esperaria que pulássem os dos aviões há alguns m ilhares de quilôm etros do chão no m eio de um a tem pestade. O vento soa com o um a m ulher gritando, arrepiando cada centím etro do m eu corpo. Pelo m enos a pressão do silêncio da Cam eron se foi. As veias elétricas nas nuvens m e cham am , com o se dissessem adeus antes de eu m e transform ar em um a cratera.

Todos gritam durante a descida. Até m esm o Cal.

Ainda estou gritando quando com eçam os a frear faltando quinze m etros para os picos irregulares de Corvium , form ando um hexágono de prédios e paredes interiores. Estou rouca quando nos chocam os gentilm ente contra o piso liso e escorregadio, com pelo m enos cinco centím etros de água da chuva.

Nossa sanguenovo rapidam ente nos desam arra e eu caio de costas, sem m e im portar com a poça gelada onde estou deitando. Cal fica de pé.

Deito lá por um segundo, sem pensar em nada. Apenas olhando para o céu de onde caí e sobrevivi de algum a form a m ilagrosa. Então Cal agarra m eu braço e m e levanta, literalm ente m e puxando de volta para a realidade.

— Os outros vão pousar aqui, então tem os que nos m exer. — Cal m e em purra adiante e eu cam baleio um pouco pela água que espirra por todos os lados. — Gravitrons, Arezzo virá com o próxim o grupo para teletransportar vocês. Fiquem alertas.

— Sim , senhor — eles ecoam , preparando-se para outra rodada. Quase fico enj oada só de pensar.

Já Farley está de fato enjoadado. Ela vomita em um beco, despejando o que com eu no café da manhã corrido. Esqueci que Farley odeia voar, e ainda mais se teletransportar. A queda foi pior que as duas coisas.

Vou até ela e a ajudo a ficar de pé direito.

— Você está bem ?

— Estou — Farley responde. — Só estou passando um a demão de tinta fresca na parede.

Olho para o céu, ainda nos açoitando com a chuva gelada. Estranhamente fria para essa época do ano, mais mesmo no norte.

— Vam os em frente. Eles não estão nas muralhas ainda, mas logo estarão.

Cal vaporiza um pouco da minha idade e fecha o zíper do uniform e até o pescoço para se manter seco.

— Calafrios — ele alerta. — Tenho um pressentimento de que estamos

prestes a ser cobertos de neve — ele alerta.

— Deveríamos ir para os portões?

— Não. Eles estão protegidos com Pedra Silenciosa. Os prateados não podem forçar a entrada. Eles têm que vir por cima. — Cal gesticula para que todos o sigam. — Tem os que ficam nos parapeitos, prontos para devolver qualquer coisa que jogarem. A tempestade é só o começo. Ela nos bloqueia e reduz nossa visibilidade. Querem que fiquemos cegos até que estejam em cima da gente.

É difícil acompanhar o ritmo dele, especialmente sob a chuva, mas mais mesmo ao seu lado mesmo assim. A água encharca minhas botas e não demora muito para eu parar de sentir meus dedos. Cal olha para a frente, com o se seus olhos sozinhos pudessem incendiar o mundo todo. Acho que é mesmo o que ele quer. Isso facilitaria as coisas.

Mais uma vez ele deve enfrentar e provavelmente matar as pessoas que foi criado para proteger. Seguro sua mão, porque não há palavras que eu possa dizer nesse momento. Cal aperta meus dedos, mas os solta com a minha rapidez.

— As tropas de sua avó tam bém não podem entrar. — Conform e falo, m ais gravitrons e soldados despençam do céu. Todos gritando, todos seguros ao tocar o chão. Viram os um a esquina, passando de um anel de m uros para o próxim o.

— Com o j untarem os nossas forças?

— Eles estão vindo de Rift. Fica a sudoeste. Com sorte, m anterem os as forças de Maven ocupadas por tem po suficiente para os pegarem pela retaguarda. Assim ficarão cercadas.

Engulo em seco. Muito do plano depende do trabalho dos prateados. Sei que não se pode confiar neles. A Casa Sam os talvez sim plesm ente não venha e nos deixe ser capturados ou m ortos. Então estariam livres para desafiar Maven diretam ente. Cal não é tolo. Ele sabe de tudo isso. E sabe que Corvium e sua tropa são m uito valiosos para ser perdidos. Essa é nossa bandeira, nossa rebelião, nossa prom essa. Nós nos levantam os contra o poder de Maven Calore e seu trono perverso.

Os sanguenovos reforçam as m uralhas, unidos com os soldados verm elhos arm ados. Eles não disparam , apenas fixam o olhar ao longe. Um deles, um hom em alto e fino, com um uniform e igual ao de Farley e um C no om bro, dá um passo à frente. Ele a cum prim enta prim eiro, e acena com a cabeça.

— General Farley — diz.

Ela abaixa o queixo.

— General Townsend. — Então acena para outra oficial de alta patente vestida de verde, provavelm ente a com andante dos sanguenovos de Montfort. A m ulher atarracada de pele bronzeada e longas tranças brancas enroladas em volta da cabeça retribui o gesto. — General Akkadi — cum prim enta Farley.

— Qual é a situação?

Outra soldada se aproxim a, de verm elho em vez de verde. O cabelo dela está diferente, tingido de escarlate, m as eu a reconheço.

— É bom te ver, Lory — Farley diz, em tom oficial. Eu cum prim entaria a sanguenovo tam bém se tivesse tem po. Fico feliz em silêncio por ver outra recruta do Furo não apenas viva, m as bem . Com o Farley, o cabelo verm elho de Lory é cortado curto. Ela pertence à causa.

A m ulher acena com a cabeça para todos nós antes de j ogar o braço sobre a beirada m etálica da m uralha. Tem sentidos extrem am ente apurados, que perm item que vej a m uito além do que nós.

— Suas forças estão a oeste, de costas para o Gargalo. Eles têm tem pestuosos e calafrios dentro do prim eiro anel de nuvens, fora do campo de visão de vocês.

Cal se inclina para a frente, apertando os olhos na direção das nuvens negras e da chuva intensa. Elas tornam im possível que enxergue m ais de quatrocentos m etros além das m uralhas.

— Vocês têm atiradores de elite?

— Já tentam os — o general Townsend suspira.

— Desperdício de m unição. O vento sim plesm ente engole as balas

— Akkadi concorda.

— Dobra-ventos tam bém estão lá, então. — Cal tensiona a m andíbula.

— Eles têm precisão suficiente para isso.

O significado é claro. Os dobra-ventos de Norta, da Casa Laris, se rebelaram contra Maven. Então essa força é de Lakeland. Outra pessoa poderia não perceber o breve sorriso ou o relaxam ento da tensão nos om bros de Cal, m as eu não. E sei o m otivo. Ele foi criado para lutar contra Lakeland. É um inim igo cuj a derrota não vai partir seu coração.

— Precisam os de Ella. É a m elhor com tem pestades de raios. — Aponto para as torres gigantes que vigiam essa parte da m uralha. — Se a levarm os até aquela altura, pode virar a tem pestade contra eles. Não controlar, m as usar para se abastecer.

— Faça isso — Cal diz com um tom contido. Eu j á o vi em batalha, m as nunca em algo assim . Ele se transform a em outra pessoa por completo. Focado, quase em um nível inum ano, sem nem um a fagulha do príncipe gentil e despedaçado. Qualquer calor que lhe resta é infernal, feito para destruir. Feito para vencer. — Quando os gravitrons terminarem as descidas, coloque todos aqui, distribuídos igualm ente. Os soldados de Lakeland vão avançar contra as m uralhas. Vam os tornar esse avanço m ais difícil. General Akkadi, quem m ais você tem na m anga?

— Um a boa com binação de defensiva e ofensiva — ela responde.

— Bom bardeiros suficientes para transform ar a estrada do Gargalo em um cam po m inado. — Com um sorriso orgulhoso, ela indica os sanguenovos nas proxim idades, com um em blem a que parece um a explosão solar nos om bros.

Bom bardeiros. Melhores que oblívios, capazes de explodir qualquer coisa ou pessoa apenas olhando, sem precisar tocar.

— Parece um bom plano — Cal diz. — Mantenha seus sanguenovos prontos. Ataque quando achar oportuno.

Se Townsend se im porta em receber ordens, ainda m ais vindas de um prateado, não dem onstra. Com o o resto de nós, sente os tam bores da m orte no ar.

Não há espaço para politicagem agora.

— E os m eus soldados? Tenho m il verm elhos nas m uralhas.

— Mantenha todos lá. Balas são tão boas quanto habilidades, às vezes até m elhores. Mas não desperdicem m unição. Mirem apenas nos que passarem pela

prim eira bateria de defesa. — Cal olha para m im . — Querem nos sobrecarregar, m as não vam os deixar, vam os?

Sorrio, piscando sob a chuva.

— Não, senhor.

A princípio, m e pergunto se o exército de Lakeland é m uito lento ou m uito tolo. Levam os quase um a hora, m as, com Cam eron, os gravitrons e os teleportadores, conseguimos os trazer para Corvium todos os que estavam nos trinta e poucos j atos. Algo em torno de m il soldados, treinados e letais. Nossa vantagem , Cal diz, está na incerteza. Os prateados não sabem enfrentar pessoas com o eu. Não sabem do que realm ente som os capazes. Acho que é por isso que Cal deixa Akkadi livre com seus equipam entos. Ele não conhece as tropas dela o suficiente para com andá-las de form a apropriada. Mas os verm elhos, sim . Isso deixa um gosto am argo na m inha boca, que tento engolir. Enquanto o tem po se arrasta, tento não pensar em quantos verm elhos a pessoa que eu am o sacrificou por um a guerra vazia.

A tem pestade nunca m uda. Sem pre agitada, despej ando chuva. Se

estão tentando nos inundar, levará um bom tempo. A maior parte da água é drenada, mas alguns becos e ruas estão mergulhados em quinze centímetros de água turva.

Isso deixa Cal inquieto. Ele continua balançando a cabeça ou empurrando o cabelo para trás, sua pele soltando um pouco de vapor no frio.

Farley não tem vergonha. Ela puxou a jaqueta sobre a cabeça há um bom tempo, e parece uma espécie de fantasma castanho-avermelhado. Acho que não se move há vinte minutos, com a cabeça repousando sobre os braços dobrados com o semblante fixo na paisagem. Com o resto de nós, espera pelo ataque que pode chegar a qualquer instante. Isso me deixa no limite. A onda constante de adrenalina me drena quase tanto quanto uma Pedra Silenciosa.

Dou um pulo quando Farley fala.

— Lory, você está pensando no que estou pensando?

Em outro posto de observação, Lory também está com a jaqueta sobre a cabeça. Ela não se vira, concentrada para não reduzir seus sentidos.

— Espero que não.

— O quê? — Pergunto, alternando o olhar entre uma e outra. O movimento faz uma corrente de água gelada descer pela gola da minha camiseta. Tremo. Cal vê isso e se aproxima das minhas costas, transmitindo um pouco de calor.

Lentamente, Farley se vira, tentando não se encharcar.

— A tempestade está se movendo para cá. Alguns centímetros a cada minuto e ganhando velocidade.

— Merda — Cal solta atrás de mim. Então entra em ação, levando seu calor consigo. — Gravitrons, preparem-se! Quando eu disser, aumentem a gravidade naquele campo. — *Aumentem*. Nunca vi um gravitron usar sua habilidade para reforçar a gravidade, apenas para reduzi-la. — Derrubem o que quer que esteja vindo.

Enquanto observo, a tempestade acelera, o suficiente para se perceber a olho nu. Ela continua girando, mas as espirais se aproximam mais e mais a cada rotação, as nuvens sangrando sobre o campo aberto. Raios explodem nas suas profundezas, com uma cor pálida e vazia.

Aperto os olhos e, por um momento, eles piscam roxos, pulsando com força e fúria. Mas não tenho nada em que me irar. Os raios, não importa quão poderosos sejam, são inúteis sem um alvo.

— A força está marchando atrás da tempestade e se aproxima — Lory alerta, confirmando nossos piores medos. — Eles estão chegando.



VINTE E OITO

Mare

OS VENTOS UIVAM. Bufam contra as muralhas e baluartes, tirando várias pessoas de posição. A chuva congela nas pedras, deixando nossos pés em uma situação precária. A primeira baixa é por queda. Um soldado vermelho, um dos homens de Townsend. O vento agarra sua jaqueta, soprando-o para fora da passarela escorregadia. Ele grita enquanto cai por cima da beirada, despencando por uns dez metros antes de começar a navegar pelo céu, graças à concentração de um gravitron. O vermelho cai com força contra a parede, fazendo um barulho assustador ao colidir. O gravitron não teve controle suficiente. O soldado está vivo. Ferido, mas vivo.

— Segurem-se! — ecoa por toda parte, passando pelos uniformes verdes e vermelhos. Quando o vento rosna novamente, estão os firmes. Eu me enfileiro atrás de uma ponta de metal gelado da muralha, me protegendo da pior parte. O

ataque de um dobra-ventos é imprevisível, diferente do vento normal. Ele se divide e gira, agarrando com o moinho. Tudo isso enquanto a tempestade aperta à nossa volta.

Cameron se enfileira do meu lado. Olho para ela, surpresa. Deveria estar com os curandeiros, para formar a última linha de defesa contra qualquer cerco. Se alguém pode defendê-los dos prateados, dar tempo e espaço para tratar dos soldados, é ela. A chuva a faz tremer, e seus dentes batem sem parar. Ela parece enorme, mais jovem, no frio e na escuridão que nos cerca. Me pergunto se ao menos completou dezesseis anos.

— Tudo certo, garota elétrica? — Cameron fala com algum a

dificuldade.

Água escorre pelo seu rosto.

— Tudo — m urm uro em resposta. — O que está fazendo aqui em cim a?

— Queria ver — ela m ente. Cam eron está aqui porque acredita que tem que estar. *Estou abandonando vocês?* , ela m e perguntou um a vez. Vej o essa questão nos seus olhos agora. A resposta continua a m esm a. Se ela não quer ser um a assassina, não precisa ser.

Balanço a cabeça.

— Você tem que proteger os curandeiros, Cam eron. Volte para lá. Estão indefesos, e se os perderm os...

Cam eron m orde o lábio.

— Estam os todos perdidos.

Nos entreolham os, tentando ser fortes, procurando forças um a na outra.

Com o eu, Cam eron está ensopada. Seus cílios negros estão grudados e, toda vez que ela pisca, parece que está chorando. Os pingos de água caem com força, fazendo nós duas fecharm os os olhos enquanto escorrem por nossos rostos. Até que não escorrem m ais. Até que as gotas de água com ecm a rolar na direção oposta, flutuando. Os olhos dela se arregalam , com o os m eus, observando horrorizados.

— Ataque ninfoide! — grito, em alerta.

Sobre nós, a chuva brilha, dançando no ar, j untando-se em gotas m aiores e m aiores. As poças, os centím etros de água nas ruas e becos... se transform am em rios.

— Segurem -se! — ecoa de novo. Dessa vez o ataque é com água congelante em vez de vento, espum ando branca enquanto se quebra com o um a onda, curvando-se sobre as paredes e os prédios de Corvium . Um j ato de água m e atinge com força, lançando m inha cabeça contra a parede. O m undo gira.

Alguns corpos voam da m uralha, rodopiando na tem pestade. Suas silhuetas desaparecem rapidam ente, bem com o seus gritos. Os gravitrons salvam alguns, m as não todos.

Cam eron desliza para longe, sobre as m ãos e os j oelhos, voltando para as escadas. Ela usa sua habilidade para form ar um casulo de segurança conform e corre de volta para seu posto, no interior da segunda m uralha.

Cal patina até o m eu lado, quase perdendo o controle dos pés. Atordoada, eu m e agarro nele, puxando-o para perto. Se cair da m uralha, sei que vou j unto. Ele observa, aterrorizado, enquanto a água ataca nossas defesas com o ondas de um m ar revoltado. Isso o torna inútil. Cham as não têm espaço aqui. Seu fogo não pode queim ar. E o m esm o vale para m eu raio. Um a faísca e eletrocuto sei lá quantas pessoas das nossas próprias tropas. Não posso arriscar.

Akkadi e Davidson não têm essas restrições. Enquanto o prim eiro-ministro ergue um escudo azul na beirada do m uro, evitando que m ais alguém caia, Akkadi urra para suas tropas de sanguenovos. Não consigo ouvir suas ordens com o barulho das pancadas das ondas.

A água aum enta, balançando com violência, de repente em guerra consigo m esm a. Nós tam bém tem os ninfoides.

Mas não tem pestuosos ou algum sanguenovo que possa assum ir o controle do furacão que nos cerca. A escuridão se aproxim a, tão absoluta que parece m eia-noite. Lutarem os cegos. E nem com eçou ainda. Não vi nenhum dos soldados de Maven ou o exército de Lakeland. Nenhum estandarte verm elho ou azul. Mas eles estão vindo. Com certeza estão.

Ranj o os dentes.

— Levante.

O príncipe é pesado e está paralisado pelo m edo. Coloco a m ão no seu pescoço e lhe dou um leve choque. Gentil, com o Ty ton m e ensinou. Ele levanta

rápido, vivo e alerta.

— Certo, obrigado — balbucia. Com um olhar, Cal avalia a situação.
— A tem peratura está caindo.

— Genial — solto. Cada parte do m eu corpo parece congelada.

Sobre nós, a água se enfurece, dividindo-se e tom ando nova form a. Quer despencar, quer dissipar. Um a parte dela se lança por sobre o escudo de Davidson, correndo para a tem pestade com o um pássaro

estranho. Passado um momento, o restante despenca, encharcando todos nós mais uma vez. Gritam os em com em oração mais o assim. Os ninfoides sangüenove, apesar de estarem em um enorme e de terem sido pegos de surpresa, acabam de ganhar o primeiro duelo.

Cal não participa da com em oração. Em vez disso, bate os pulsos, acendendo uma chama fraca nas mãos. Ela crepita sob o aguaceiro, lutando para queimar. Até que a chuva vira algo mais amplo: uma nevasca. Na completa escuridão, ela reluz vermelha, refletindo as luzes fracas de Corvium e a chama de Cal.

Sinto meu cabelo comê-la congelar e sacudo o rabo de cavalo. Lascas de gelo voam em todas as direções.

Um rugido cresce na tempestade, diferente do vento. Com muitas vozes.

Uma dezena, uma centena, milhares. A escuridão da nevasca aumenta. Por um instante, Cal fecha os olhos e suspira alto.

— Preparar para o ataque — Cal diz com a voz rouca.

A primeira ponte de gelo desponta pela muralha a meio metro de onde estou. Salto para trás com um grito. Outra racha a pedra a cinco metros dali, atingindo soldados. Arezzo e os outros teleportadores entram em ação, recolhendo os feridos e os levando de volta para os curandeiros. Quase instantaneamente, soldados de Lakeland, com suas sombrinhas parecendo monstros, surgem das pontes, correndo pelo gelo enquanto cresce. Prontos para o ataque.

Vi batalhas de prateados antes. São caóticas.

Mas essa é pior.

Cal avança, suas chamas quentes voando alto. O gelo é grosso, não é tão fácil de derreter. Ele arranca pedaços da ponte mais próxima com o machado com uma motosserra. Isso o deixa vulnerável. Acerto o primeiro inimigo que se aproxima dele. Minhas faíscas lançam o homem de armadura girando na escuridão. Outro vem em seguida, e minha pele se reveste de veias roxas e brancas de raios sibilantes. Tiros encobrem qualquer ordem que alguém possa gritar. Foco em mim mais, em Cal. Na nossa sobrevivência. Farley se mantém próxima, com a armadura para cima. Com o Cal, ela me coloca na retaguarda, me deixando defender seus pontos cegos. Não pisca enquanto dispara, cravejando a ponte mais próxima com balas. Ela

foca no gelo, não nos guerreiros brotando da nevasca. A ponte racha e se estilhaça sob os inimigos, se despedaçando na escuridão.

Trovões soam, mais próximos a cada segundo. Raios de eletricidade azul e branca explodem pelas nuvens, despencando em volta de Corvium. Das torres, a ira de Ella é mortal, atingindo o lado de fora das muralhas. Um a ponte de gelo cai com sua fúria, partindo-se ao meio, então cresce mais uma vez,

regenerando-se em pleno ar graças à vontade de um calafrio escondido em algum lugar. Os bombardeiros fazem o mesmo, obliterando pedaços enormes de gelo com o poder de sua força explosiva. Os inimigos apenas recuam rastejando, deslizando para outra rampa. Raios verdes estalam em algum lugar à minha esquerda, conforme Rafe lança seu chicote em uma horda de soldados de Lakeland. O ataque dele bate em um escudo de água, que absorve a corrente elétrica enquanto avançam. A água não para os tiros, contudo. Farley os enche de balas, derrubando alguns prateados. Os corpos deslizam pela escuridão.

Volto minha atenção para a ponte mais próxima. Em vez de focar no gelo, invisto nas figuras avançando na escuridão. As armaduras azuis são grossas, escamadas, e graças aos capacetes os soldados nem parecem humanos. Isso torna mais fácil matá-los. Eles forçam outra investida contra a muralha. É uma fila de monstros sem rosto se movendo com uma cobra. Raios roxos explodem das minhas mãos curvadas com as garras e atravessam o coração de cada um deles, saltando de armadura em armadura. O metal superaquece, mudando de azul para vermelho, e muitos caem da ponte agonizando. Outros os substituem, surgindo da tempestade. É um terreno mortal, uma zona de massacre. Lágrimas congelam nas minhas bochechas enquanto perco as contas de quantos corpos dilacerei.

A muralha da cidade se racha aos meus pés, um lado deslizando para longe do outro. Um pacto direto estremece meus ossos. Em seguida outro. A rachadura aumenta. Rapidamente, escolho um lado, saltando na direção de Cal antes que a rachadura me engula por inteiro. Raízes de árvore surgem com o vermelho pela fissura, grossas com o meu braço e crescendo mais. Forçam as rochas com os dedos gigantes, criando rachaduras em forma de teia de aranha que passam sob meus pés. A parede se move sob tanta força.

Verdes.

— A parede vai quebrar — Cal sussurra. — Vão rachá-la e passar por

nós.

Cerro o punho.

— A m enos quê...? — Ele apenas pisca sem expressão, perdido. — Deve haver algo que possam os fazer!

— A tem pestade. Se puderm os nos livrar dela e conseguir algum a visibilidade para atacar à distância... — Enquanto fala, ele queim a as raízes, que se aproxim am m ais. As cham as correm por todo o com prim ento, cham uscando a planta, que sim plesm ente cresce de novo. — Precisam os de dobra-ventos. Para soprar as nuvens para longe.

— Casa Laris. Aguentam os até eles chegarem aqui?

— Aguentam os e torcem os para serem o suficiente.

— Certo. E, quanto a isso... — Aponto com a cabeça para o vão que se am plia a cada segundo. Em breve um exército prateado vai passar direto por ele.

— Vam os dar a eles um a recepção explosiva.

Cal balança a cabeça, com preendendo.

— Bom bardeiros! — ele urra m ais alto que os assobios do vento e da neve.

— Desçam lá e estej am preparados! — Apontando, Cal indica a rua que passa im ediatam ente atrás da m uralha exterior. O prim eiro lugar que Lakeland vai invadir.

Um a dezena ou m ais de bom bardeiros obedecem , saindo dos postos para defender a rua. Meus pés se m ovem por vontade própria, com intenção de segui-los. Cal agarra m eu pulso e eu quase derrapo.

— Não m e referi a você — ele grunhe. — Você fica bem aqui.

Com agilidade, tiro seus dedos um a um . O aperto é m uito forte, pesado com o um a algem a. Mesm o no calor da batalha, m e vej o lançada de volta no tem po, para quando era prisioneira.

— Cal, vou aj udar os bom bardeiros. Posso fazer isso. — Seus olhos de bronze se voltam para a escuridão, com o as cham as verm elhas de duas velas ardentes. — Se rom perem a parede, você estará cercado. Então a tem pestade será o m enor dos nossos problem as.

A decisão dele é rápida... e equivocada.

— Certo. Então eu vou.

— Precisam de você aqui em cima. — Com a mão em seu peito, eu o afasto. — Farley, Townsend, Akkadi... Os soldados precisam de generais na linha de frente. Precisam de *você* na linha de frente.

Se não fosse pela batalha, Cal discutiria comigo. Ele apenas acaricia minha mão. Não há tempo para nada. Especialmente quando estou certa.

— Ficarei bem — digo quando salto, escorregando pelas pedras congeladas.

A tempestade engole sua resposta. Reservo uma batida do meu coração para ele, para me perguntar se nos veremos novamente. A seguinte apaga o pensamento.

Não tenho tempo para isso. Preciso me manter focada. Preciso me manter viva.

Levanto e corro pelas escadas, minhas mãos escorregando pelo corrimão gelado. Na rua, longe do vento, o ar é bem mais quente e as poças se foram.

Congelada ou líquida, a água foi usada para atacar as defesas da muralha de Corvium.

Os bombardeiros encaram a rachadura na parede, que se alarga a cada segundo. No alto, a muralha se abre por vários metros, mas aqui em baixo a fresta tem apenas centímetros, em breve estejamos entando. Outro tremor atravessa a pedra e chega aos meus pés, como uma explosão ou um terremoto.

Engulo em seco, imaginando uma forçadora do outro lado da parede, seus punhos desferindo golpe após golpe contra a fundação.

— Esperem para atacar — digo aos bombardeiros. Eles olham para mim aguardando ordens, mas eu não sou um oficial. — Sem explosões até ficar claro que estão passando. Não precisam os ajudar nossos inimigos a chegar aqui.

— Vou bloquear a fenda com um escudo o máximo que puder — uma voz diz atrás de mim.

Giro para ver Davidson, seu rosto m anchado de sangue cinza que aos poucos escurece. Ele parece pálido, atordoado.

— Prim eiro-m inistro — m urm uro, abaixando a cabeça. Ele responde depois de um bom tem po. Tão diferente aqui em cam po e lá na sala de guerra.

Enquanto isso, direciono m inha eletricidade contra nossos atacantes. Usando as raízes com o um m apa, faço um raio correr pela planta, deixando-o girar e espiralar pelo cam inho até a fonte da raiz. Não posso ver o verde do outro lado, m as o sinto. Apesar de enfraquecida pela densidade da raiz, m inha faísca atravessa seu corpo. Um grito distante ecoa pelas rachaduras da pedra, de

algum a form a audível, m esm o com o caos ao redor.

O verde não é o único prateado capaz de derrubar as pedras. Outros tom am seu lugar, um forçador, a j ulgar pela form a que a pedra trem e e racha. Golpe atrás de golpe, lança pedriscos e poeira pela fresta que cresce.

Davidson fica parado do m eu lado, com a boca entreaberta. Entorpecido.

— Prim eira batalha? — m urm uro enquanto outro golpe trovej ante é desferido.

— Infelizm ente, não — ele diz, para m inha surpresa. — Já fui soldado. Me disseram que eu estava na sua lista.

Dane Davidson. O nom e passa pela m inha cabeça, um a borboleta batendo as asas contra as barras de um a j aula de ossos. A lem branca volta com o se tirada da lam a, lentam ente e com m uito esforço.

— A lista de Julian.

Ele balança a cabeça, concordando.

— Um hom em esperto, o Jacos. Ligou os pontos que ninguém via. Sim , eu era um dos verm elhos de Norta que seria executado. Por causa do m eu sangue.

Quando escapei, os oficiais m e deram com o m orto. Assim não teriam que explicar a perda de outro crim inoso. — Ele lam be o lábio rachado pelo frio.

— Fugi para Montfort, reunindo outros com o eu pelo cam inho.

Outra rachadura. O vão à nossa frente se amplia conforme e volto a sentir os dedos dos pés. Mexo-os dentro das botas, me preparando para lutar.

— Parece familiar.

A voz de Davidson ganha força e impulso enquanto ele fala. Conforme e nos lembramos pelo que estamos lutando.

— Montfort estava em ruínas. Mil prateados exigindo suas próprias coroas, cada um montanha seu próprio reino, um país estilhaçado a ponto de ficar irreconhecível. Apenas os vermes permaneciam unidos. E os rubros estavam nas sombras, esperando para se libertar. Dividir e conquistar, srta. Barrow. É a única forma de ganhar.

O reino de Norte, o reino de Rift, Piedmont, Lakeland. Prateados contra prateados, em disputas minúsculas por pedaços cada vez menores enquanto esperam os para pegar tudo de uma vez. Apesar de Davidson parecer perdido, quase posso sentir o cheiro do aço em seus ossos. Um gênio, talvez; perigoso, com certeza.

Uma lufada de neve me traz de volta. A única coisa com que preciso me preocupar é o agora. *Sobreviver. Vencer.*

Uma energia azul explode pela parede fragmentada, pulsando pela abertura de quase um metro. Davidson mantém seu escudo no lugar com a mão estendida. Uma gota de sangue escorre pelo seu queixo.

Uma silhueta do outro lado soca o escudo, punhos fazendo chover pancadas infernais pela área oscilante. Outro forçador se junta e ataca a rocha, para ampliar a abertura. O escudo cresce acompanhando o esforço deles.

— Estejam prontos — Davidson diz. — Quando eu abrir o escudo, disparem com tudo.

Obedecem os, preparando o ataque.

— Três.

Faíscas roxas envolvem meus dedos e se entrelaçam em uma bola pulsante de luz destrutiva.

— Dois.

Os bom bardeiros aj oelham em form ação, com o atiradores de elite. Em vez de arm as, têm apenas seus dedos e olhos.

— Um .

O escudo azul estrem ece, parte-se em dois e lança os forçadores contra as paredes, fazendo um barulho perturbador de ossos rachando. Disparam os pela abertura, m eu raio brilhando. Ele ilum ina a escuridão à frente, revelando um a dezena de soldados ferozes, prontos para correr pela brecha. Muitos caem de j oelhos, cuspindo sangue e fogo conform e os bom bardeiros explodem suas entranhas. Antes de qualquer um se recuperar, Davidson sela o escudo m ais um a vez, segurando um a raj ada de balas que vem em nossa direção.

Ele parece surpreso com nosso sucesso.

Na m uralha sobre nós, um a bola de fogo queim a pela tem pestade negra, um a tocha contra a falsa noite. O fogo de Cal se espalha e se m ovim enta com o um a cobra de fogo. O calor verm elho transform a o céu em um inferno escarlate.

Cerro o punho e gesticulo para Davidson.

— Mais um a vez — digo a ele.

É im possível saber quanto tem po passa. Sem o sol, não tenho ideia da duração da batalha na fenda. Mesm o que os em purrem os para trás, ataque após ataque, o vão continua se alargando. *Um sacrifício pequeno por tanto*, digo a m im m esm a. No alto, a onda de soldados não venceu as defesas da m uralha. As pontes de gelo continuam vindo e nós as enfrentam os. Alguns corpos caem na rua, em um estado que está além da capacidade dos curandeiros. Entre os ataques, arrastam os os corpos para os becos, para fora de vista. Olho cada rosto m orto, prendendo a respiração todas as vezes. Não é Cal, não é Farley. O único que reconheço é Townsend, com o pescoço quebrado. Espero um a onda de culpa ou dó, m as não sinto nada. Só m e dou conta que os forçadores estão em cim a da m uralha tam bém , destroçando nossos soldados.

O escudo de Davidson se estende pelo buraco na parede, que agora está com um a largura de no m ínim o três m etros, abrindo-se com o um a boca bocej ante de pedra. Corpos se acum ulam ali, fum egantes, abatidos por raios ou rasgados com brutalidade pelo olhar im piedoso dos bom bardeiros. Som bras se reúnem na escuridão atrás do escudo, esperando para nos atacar m ais um a vez.

Marteladas de água e gelo se chocam sem parar contra a habilidade de Davidson. O grito de um banshee reverbera e até mesmo o eco é doloroso aos nossos ouvidos. Davidson estremece. Agora o sangue no rosto dele escorre com o suor, pingando da testa, do nariz e das bochechas. Ele força até seu limite, mas eles estão os ficando sem tempo.

— Alguém vá buscar Rafe! — grito. — E Tyson.

Um soldado parte assim que as palavras saem da minha boca, saltando os degraus para achá-los. Observo a muralha acima, buscando por uma silhueta familiar.

Cal trabalha em um ritmo monótono, perfeito com o meu aquino. Desvia, gira, ataca. Desvia, gira, ataca. Com o eu, esvaziou os pensamentos, focando na sobrevivência. A cada interrupção na chegada contínua de inimigos, ele muda a formação dos soldados, direcionando os tiros dos vermelhos ou trabalhando com Akkadi e Lory para eliminar outro alvo na escuridão. Quantos morreram, não sei dizer.

Outro corpo despenca da muralha. Agarro seus braços e o arrasto antes de perceber que não se trata de uma armadura, mas de pele pétrea, derretida com o calor do fogo da fúria do príncipe. Me retraio, surpresa, com o se tivesse me queimado. Um pétreo. As poucas roupas no seu corpo morto são azuis e cinza.

Casa Macanthos. Norte. Um dos homens de Maven.

Sinto um nó na garganta ao pensar o que isso implica. As forças de Maven chegaram à muralha. Não estão os meus lutando apenas contra Lakeland. Um rugido furioso cresce no meu peito e eu quase desejo o poder me jogar em disparada pela fenda. Rasgar tudo até chegar ao outro lado. Caçá-lo. Matá-lo entre nossos exércitos.

Então o cadáver me agarra.

Ele convulsiona e meu pulso quebra com um estalo. Grito quando a maldita dor repentina corre pelo meu braço.

Raios ondulam pela minha pele, saindo de mim com o meu grito. Cobrem o corpo dele de faíscas roxas letais, uma luz dançante. Mas ou a pele dele é muito grossa ou sua determinação é muito forte. O pétreo não me deixa ir, seus dedos agarrando meu pescoço. Explosões brotam às suas costas, trabalho dos bombardeiros. Pedacos de pedra descam em dele com o pele morta, e o meu oribundo rugir.

Suas mãos só apertam meus ais com a dor. Cometo o erro de tentar soltar seus dedos, travados em volta da minha garganta. Sua carne pedregosa corta minha pele e o sangue escorre entre meus dedos, vermelho e quente no ar congelante.

Pontos negros dançam em frente aos meus olhos e solto outro raio, deixando que leve minha agonia. A explosão o lança para longe de mim, em direção a um prédio. Ele arrebenta a parede quando a acerta com a cabeça, o corpo ficando pendurado para fora do prédio. Bom bardeiros terminam com ele, atingindo a pele exposta nas suas costas.

Davidson trem e, me antendo um escudo cada vez mais fino. Viu tudo e não podia fazer nada, a menos que deixasse as forças invasoras passarem por cima de nós. Um canto de sua boca repuxa, com o se quisesse se desculpar por ter tomado a decisão correta.

— Quanto mais você consegue aguentar? — pergunto, forçando as palavras. Cuspo sangue na rua.

Ele range os dentes.

— Um pouco.

Isso não ajuda muito, quero gritar.

— Um minuto? Dois?

— Um — ele força a resposta.

— É o suficiente.

Observo o escudo enquanto ele afina, a sombra azul vívida desaparecendo com as forças de Davidson, as figuras do outro lado ficando visíveis. Armaduras azuis e armaduras pretas com recortes vermelhos. Lakeland e Norta. Sem coroa, sem rei. Apenas tropas de choque com a intenção de nos sobrecarregar. Maven não botará o pé em Corvium a menos que a cidade seja dele. Enquanto seu irmão lutará até a morte na muralha, o rei não é tolo o suficiente para se arriscar.

Ele sabe que sua força está atrás das linhas de fogo, em um trono, não no campo de batalha.

Rafe e Tyton se aproximam de lados opostos. Enquanto Rafe parece metuculoso, com seu cabelo verde ainda lambido para trás, Tyton está claramente pintado de sangue. Todo prateado. Ele mesmo não

está ferido. Seus olhos brilham com um tipo estranho de ódio, queimando vermelho nos raios flamejantes antes sobre nossas cabeças.

Vejam o Darmian com vários outros invulneráveis, todos dotados de peles impenetráveis. Carregam machados perversos, com extremidades afiadas como navalhas. Bons para combater forçadores. À curta distância, são nossa melhor opção.

— Em formação — Tyton diz, taciturno.

Nós seguimos sua ordem, organizados em uma fila imprevista atrás de Davidson. Seu braço trem e conforme nos posicionamos, segurando o máximo o que consegue. Rafe fica à minha esquerda e Tyton, à direita. Alterno o olhar entre os dois, me perguntando se deveria dizer alguma coisa. Posso sentir a energia estática brotando de ambos, uma sensação familiar mas estranha. A eletricidade é deles, não minha.

Na tempestade, o trovão azul continua furioso. Ela nos abastece com sua eletricidade.

— Três — Davidson diz.

Verde à minha esquerda, branco à minha direita. As cores piscam nos cantos dos meus olhos, cada folha um pequeno batimento cardíaco.

— Dois.

Puxo mais ar. Minha garganta dói, ferida pela pele pétrea. Mas ainda estou respirando.

— Um.

Mais uma vez o escudo entra em colapso, expondo-nos à tempestade que está chegando.

— ABRIU! — ecoa por toda a muralha quando as forças voltam sua atenção para a brecha na parede. O exército prateado responde à altura, avançando na nossa direção com um grito desafiador. Raios verdes e roxos estremeçam o campo de batalha, atingindo a primeira onda de soldados. Tyton se move com o segredo de dardos, suas minúsculas agulhas de energia explodindo e lançando as tropas prateadas pelos ares. Muitos convulsionam e se reviram. Ele não tem piedade.

Os bom bardeiros nos seguem , m ovendo-se conosco conform e nos aproxim am os da abertura. Eles só precisam de um a linha de visão livre para

trabalhar. Sua destruição cham usca pedras, carne e terra na m esm a proporção.

Poeira cai com a neve e o ar fica com gosto de cinzas. É isso que é a guerra? É

essa a sensação de lutar no Gargalo? Ty ton m e j oga para trás, lançando o braço para m over m eu corpo. Darm ian e os outros invulneráveis surgem diante de nós, com o um escudo hum ano. Seus m achados cortam e destroçam , arrancando sangue até que as paredes arruinadas dos dois lados estej am cobertas de líquido prateado.

Não. Eu lem bro do Gargalo. Das trincheiras. Do horizonte se alongando para todos os lados, descendo para encontrar um a cratera cavada por décadas de derram am ento de sangue. Cada lado conhecia o outro. Aquela guerra era m aligna, m as definida. Isso é um pesadelo.

Soldados após soldados, vindos de Lakeland e de Norta, entram pela fresta.

Cada um seguido por um hom em ou um a m ulher atrás. Com o nas pontes, eles se despej am num a zona de m assacre. A m ultidão se m ove com o o oceano, um a onda nos fazendo recuar antes de outra avançar. Tem os a vantagem , m as por pouco. Mais forçadores atingem as paredes, esperando alargar a fresta. Telecs j ogam detritos na nossa linha de defesa, pulverizando um dos bom bardeiros enquanto outro congela im óvel, a boca travada aberta em um grito silencioso.

Ty ton dança com m ovim entos fluidos, cada palm a incendiada com raios brancos. Uso a teia no solo, espalhando um a poça de energia elétrica sob os pés do exército que avança. Os corpos se em pilham , quase form ando um a nova parede na fresta. Mas os telecs apenas os lançam para longe, para dentro da tem pestade negra.

Sinto o gosto de sangue, m as m eu pulso quebrado é só um zunido de dor agora. Ele está dependurado. Sou grata pela adrenalina, que não m e deixa sentir o osso partido.

A rua e a terra se transform am em líquido sob m eus pés, inundadas de verm elho e prata. O terreno pantanoso leva alguns. Quando um

sanguenovo cai, um a ninfoide salta sobre ele, derramando água por seu nariz e pela garganta. Ele se afoga diante dos meus olhos. Outro corpo cai ao lado dela, raízes saindo das órbitas. Tudo o que sei é lançar raios. Não consigo lembrar meu nome, meu propósito, pelo que estou lutando; nada além do ar nos meus pulmões. Nada além de um segundo a meus ais de vida.

Um telec nos dispersa, arremessando Rafe para trás pelos ares. E depois eu me esm na direção oposta. Sou lançada para a frente, por cima das forças que se empenham pela brecha na parede. Vou parar do outro lado. Nas zonas de ataque.

Caio com força, rolando antes de parar abruptamente, enterrada até a metade do corpo em lama congelante. Uma onda de dor atravessa meu escudo de adrenalina, meu membro brando de um osso muito quebrado e talvez de alguns outros. Os ventos da tempestade rasgam minhas roupas conforme tento sentar, e lascas de gelo atingem meus olhos e bochechas. Apesar do vento uivante, não está tão escuro aqui. Não está preto, mas cinza. Mais para uma tempestade ao entardecer do que para o meio da noite. Estreito os olhos; tento muito para fazer qualquer coisa além de deitar e sofrer.

O que antes eram campos abertos, gramados verdes na encosta dos dois lados da Estrada de Ferro, agora é uma tundra congelada. Cada folha de grama é

como uma navalha de gelo. Desse ângulo, é impossível discernir Corvium. Assim como não podiam os ver no meio ao breu da tempestade, as forças de ataque também pouco conseguem. Dificulta a vida deles tanto quanto a nossa. Vários batalhões se reúnem com os ombros, silhuetas recortadas contra a tempestade.

Algumas tentativas de pontes de gelo ainda se formam e se remodelam, mas agora a maior avança em direção à fresta. O restante espera atrás de mim, um borrão fora da pior área da tempestade. Centenas são meus antepassados na reserva, talvez meus irmãos. Bandeiras azuis e vermelhas tremulam com o vento, brilhantes o suficiente para serem reconhecidas. *Pega entre o fogo e a frigideira*, suspiro para mim mesma. Estou presa na lama, cercada pelos cadáveres e pelos feridos. Pelo menos a maior está focada em si mesma, mais preocupada com os meus irmãos perdidos e as feridas do que com uma garota vermelha entre eles.

Soldados de Lakeland despontam e me preparo para o pior. Eles marcham, avançando em direção às nuvens trovejantes antes e ao resto do

exército que segue para a destruição.

— Tragam os curandeiros! — um deles grita por cima do ombro, sem nem olhar para trás. Olho para baixo e percebo que estou coberta de sangue prateado e só um pouco suja de sangue vermelho.

Depressa, esfrego lama sobre as feridas abertas e os pedaços do meu uniforme e que ainda são verdes. Os cortes ardem de dor, meu corpo fazendo chiar entre os dentes. Olho para as nuvens, assistindo os raios pulsantes dentro delas. Azul na coroa, verde na base, onde a fresta está. Para onde tenho que voltar.

Quando a lama agarra meus membros, tentando meu corpo congelar. Com o pulso quebrado contra o peito, em pânico com o braço, lutando para meu corpo libertar.

Finalmente consigo sair, e com eco avançar, arquejando a cada respiração.

Cada uma delas queima.

Consigo avançar uns dez metros, chegando quase atrás do exército prateado, antes de perceber que não vai funcionar. Estão compactados demais para eu passar entre eles. É impossível meu corpo para mim. Eles provavelmente vão me impedir se eu tentar. Meu rosto é bem conhecido, meu corpo coberto de lama. Não posso arriscar. Nem as pontes de gelo. Uma delas pode ruir sob meus pés ou um soldado vermelho pode atirar enquanto tento voltar para a muralha.

Toda escolha termina mal. Assim como ficar aqui parada. As forças de Maven vão lançar outro ataque e meu andar uma nova onda de tropas. Não vejo o nenhum a saída para a frente ou para trás. Por um instante vazio e aterrorizante, encaro a escuridão em Corvium. Raios piscam na tempestade, meus aliados fracos que antes.

Parece um furacão com uma nuvem acima, envoltos por uma nevasca e um vendaval. Me sinto pequena diante disso, uma estrela solitária em um céu de constelações violentas.

Com o poder os nos defender?

O primeiro grito de um jovem me faz ajoelhar, cobrindo a cabeça com as mãos que ainda funciona. Ressoa no meu peito, uma explosão de eletricidade me artelando com o meu coração. Uma dúzia o segue em baixa altitude, seus motores fazendo a neve e as cinzas rodopiarem, enquanto gritam entre as duas metades do exército.

Mais j atos circulam ao redor da tem pestade, girando e girando. As nuvens

acom panham os j atos, com o se estivessem m agnetizadas pelos ventos. Então ouço outro rugido. Outra lufada, m ais forte que a primeira, golpeando com a fúria de um a centena de furacões. O vento trabalha para lim par o céu, despedaçando a tem pestade com sua força. As nuvens se afastam o suficiente para as torres de Corvium ficarem visíveis, com raios azuis reinando sobre elas.

O vento segue os j atos, acumulando-se em baixo das asas recentemente pintadas.

De am arelo brilhante.

Casa Laris.

Meus lábios se esforçam para sorrir. Eles estão aqui. Anabel Lerolan m anteve sua palavra.

Procuo pelas outras Casas, m as um falcão grita ao m eu redor, suas asas azuis e pretas batendo no ar. Garras brilham , afiadas com o lâminas, e eu salto para trás para proteger m eu rosto do pássaro. Ele apenas solta um grito vívido antes de voar para longe, planando sobre o cam po de batalha em direção a... Ah, não.

As forças que Maven reservou até agora estão se aproxim ando. Batalhões, legiões. Arm aduras negras, arm aduras azuis e arm aduras vermelhas. Serei esmagada por seu exército.

Mas não sem lutar.

Solto m eu poder, e raios roxos disparam . Afastando os soldados, fazendo-os questionar cada passo. Sabem reconhecer m inha habilidade. Eles j á viram o que a garota elétrica é capaz de fazer. Eles param , m as só por um m omento. O

suficiente para eu aj eitar os pés e virar. Quanto m enor for o alvo, m aior a chance de sobreviver. Meu punho bom se fecha, pronto para levar todos com igo.

Muitos prateados que estavam investindo contra a brecha se viram na m inha direção. A distração será sua ruína. Raios verdes e brancos pulsam por eles, abrindo o cam inho para a chama vermelha que avança na m inha direção.

Os lépidos chegam prim eiro e são pegos por um a teia de raios. Alguns correm para trás, m as outros caem , incapazes de fugir das fagulhas. Raios crepitando do céu m antêm os piores afastados, formando um círculo de proteção à m inha volta. De fora, parece um a j aula de eletricidade, m as é um a j aula que eu m esm a criei. Que eu m esm a controlo.

Duvido que algum rei possa m e colocar em um a j aula agora.

Espero que m eu raio o atraia, com o a cham a de um a vela faz com a m ariposa. Vasculho a horda que se aproxim a, procurando por Maven. Um a capa verm elha, um a coroa de ferro em cham as. Um rosto branco no m ar, olhos azuis o suficiente para perfurar m ontanhas.

Em vez disso, os j atos dos Laris passam novam ente, voando baixo sobre am bos os exércitos. Eles se dividem à m inha volta, fazendo os soldados buscarem cobertura enquanto o grito do m etal aum enta sobre suas cabeças. Um a dezena de figuras ou m ais saltam da traseira do j ato m aior, dando piruetas no ar antes de cair no chão a um a velocidade que esm agaria a m aioria dos hum anos. Em vez disso, eles estendem os braços, freando abruptam ente, revolvendo a terra, as cinzas e a neve. E o ferro. Muito ferro.

Evangeline e sua fam ília, incluindo o irm ão e o pai, se viram para encarar o exército que chega. O falcão circula a fam ília, gritando conform e se lança no

vento intenso. Evangeline lança um olhar sobre o om bro, encontrando os m eus olhos.

— Não vai se acostum ando! — grita.

A exaustão m e atinge, porque, estranham ente, m e sinto segura.

Evangeline Sam os vai m e proteger.

O fogo arde no canto dos m eus olhos. Ele m e rodeia, quase m e cegando.

Cam baleio para trás e trom bo com um a parede de m úsculos e arm adura táctica.

Cal protege m eu pulso quebrado, segurando-o gentilm ente.

Pelo m enos dessa vez, não penso nas algem as.



VINTE E NOVE

Evangeline

AS PORTAS DA TORRE ADMINISTRATIVA de Corvium são de carvalho m aciço, m as suas dobradiças e ornamentos são de ferro. Elas deslizam para abrir à nossa frente, curvando-se à Casa Sam os. Entram os na câmara do conselho com graciosidade, diante dos olhos da nossa patética aliança remendada.

Montfort e a Guarda Escarlata se sentam à esquerda, m odestos em seus uniformes verdes; os prateados estão à direita, nas cores de suas respectivas Casas. Seus respectivos líderes, o primeiro ministro Davidson e a rainha Anabel, nos observam entrar, em silêncio. Anabel agora usa sua coroa, apresentando-se com o rainha, em bora seu rei tenha m orrido há m uito tempo. É de ouro rosé surrado, cravejada de pequenas joias pretas. Simples. Mas se destaca m esmo assim. Ela tamborila os dedos m ortais no tempo da mesa, exibindo sua aliança de casamento. Um a joia ardente, também feita de ouro rosé. Com o Davidson, Anabel tem o olhar de um predador: nunca pisca, nunca se distrai. O príncipe Tiberias e Mare Barrow não estão aqui, ou sou eu que não os vejo. Me pergunto se eles vão se separar, sentando cada um de um lado.

As janelas da sala da torre têm vista para o campo aberto, onde o ar ainda arde com as cinzas e os terrenos a oeste estão afogados em lama, inundados e pantanosos devido à catástrofe sem precedentes. Mesmo o dessa altura, tudo tem cheiro de sangue. Esfreguei as mãos pelo que pareceram horas, lavando cada centímetro, e ainda não consegui me livrar do cheiro. Ele se agarra com o um fantasma, m ais difícil de esquecer que o rosto das pessoas que m atei na batalha.

O gosto m etálico infesta tudo.

Apesar da vista imponente, todos os olhares estão focados na pessoa m ais imponente da nossa família. Meu pai não está com a túnica preta, apenas a armadura de cromio, cintilante com o um espelho, m oldada para se ajustar a ele.

Um rei guerreiro em cada parte do seu ser. Minha mãe também pouco

desaponta. Sua coroa de jóias verdes com bina com a jóia esmeralda enrolada em seu pescoço com o um xale. Ela desliza lentamente, suas escamas refletindo a luz do entardecer. Ptolemy tem um visual parecido com o de papai, apesar da

armadura que recobre seu largo peitoral, sua cintura estreita e suas pernas esguias ser preta com o petróleo. A minha é uma mistura das duas, com camadas de cromo e aço negro apertadas contra a pele. Não é a mesma que usei na batalha, mas é a de que preciso agora. Terrível, amadora, demonstrando cada gota de orgulho e poder dos Samos.

Quatro cadeiras parecidas com tronos estão dispostas de costas para as janelas. Sentamos ao mesmo tempo, com o uma frente unida. Não importa o quanto eu queria gritar.

Sinto com o se trair a mim mesma, deixando os dias e as semanas passarem sem me importar. Sem dar um pio sobre o quanto o plano do meu pai me apavora. Não quero ser rainha de Norta. Não quero pertencer a ninguém. Mas o que quero não importa. Nada vai alcançar seus planos. Ninguém pode negar nada ao rei Volo. Nem sua filha, seu próprio sangue. Sua posse.

Uma dor familiar dentro de mim cresce no meu peito enquanto me ajo no trono.

Faço meu melhor para manter a postura, ficando em silêncio e parecendo respeitosa. Leal ao meu sangue. É tudo o que sei.

Não falo com meu pai há semanas. Só consigo balançar a cabeça diante dos seus comandos. As palavras estão além da minha capacidade. Se abrir a boca, tem o que meu pai tem pensado e me faça perder o controle. Foi ideia de Tolly.

Dê um tempo, Eve. Dê um tempo. Mas para quê, eu não sei. Meu pai não muda de ideia. E a rainha Anabel está inflexível quanto a colocar seu neto de volta no trono. Meu irmão está tão desapontado quanto eu. Tudo o que fizeram os — casá-lo com Elane, trair Maven, apoiar as ambições reais do nosso pai — foi para que pudessem os ficar juntos. Não valeu de nada. Ele reinará em Rift, casado com a garota que eu amo, enquanto sou despachada com o um caixote de união, meus presentes para um rei.

Fico grata pela distração quando Mare Barrow decide agradecer o conselho com sua presença, com o príncipe Tiberias grudado em seus calcanhares.

Esqueci que ele se transformava em um cachorrinho dramático quando ela está junto, com seus olhos arregalados im plorando por atenção. Seus sentidos militares afiados se focam nela em vez de se dedicarem à missão diante de nós.

Amos ainda estão vibrando com a adrenalina do cerco, e não é de se admirar.

Foi brutal. Barrow ainda tem sangue no uniforme.

Eles caminham pelo corredor central que divide o conselho. Sentem o peso dos olhares, não demonstram. A maior parte das conversas se reduz a murmúrios ou para de vez para observar os dois, esperando para ver qual lado da sala vão escolher.

Mare é rápida, passando pela primeira fileira de uniformes verdes para se encostar na parede mais distante. Fora do centro das atenções.

O rei de Norte por direito não a segue. Em vez disso ele se aproxima da avó, para abraçá-la. Anabel é muito maior do que ele e parece reduzida a uma velhinha em sua presença. Mas os braços dela o envolvem com facilidade. Eles têm os mesmos olhos, flamejantes antes com o bronze quente. Anabel sorri para ele.

Tiberias prolonga o abraço, apenas por um instante, agarrando-se ao que restou de sua família. O lugar ao lado da avó está vazio, mas ela não sente. Opta por se juntar a Mare na parede. Cruza os braços sobre o peitoral largo, fixando

um olhar fervoroso no meu pai. Me pergunto se sabe o que ela planeja ou para nós dois.

Ninguém ocupa o lugar que Tiberias deixou para trás. Ninguém ousa tomar o assento do herdeiro legítimo de Norte. *Meu amado noivo*, ecoa na minha cabeça. As palavras me provocam mais que as cobras da minha mãe.

De repente, com um gesto, meu pai arrasta Salin Irall pela fivela do cinto, puxando-o do seu assento e pelo piso de carvalho. Ninguém protesta ou faz um som sequer.

— Vocês deveriam ser caçadores.

A voz do meu pai ressoa grave na garganta.

Lord Irall não se importou em se limpar depois da batalha, o que fica

evidente pelo seu cabelo encharcado de suor. Ou talvez só esteja a paralisado de medo. Não o culpo.

— Maj estade...

— Você me garantiu que Maven não escaparia. Acredito que suas exatas palavras foram “nenhum a cobra pode escapar de um silfo”. — Meu pai não é condescendente com a falha de um nobre, um a vergonha para sua Casa e seu nome. Minha mãe assiste a ambos, olhando tanto com seus próprios olhos quanto pelos olhos da cobra verde. O réptil nota minha atenção e sibila a língua rosa bipartida na minha direção.

Outros assistem à humilhação de Salin. Os vermes eles parecem ainda mais sujos que ele, alguns ainda cobertos de lama e azuis por causa do frio. Pelo menos não estão bêbados. O general Laris balança na cadeira, dando goles frequentes em um frasco mais do que qualquer coisa que alguém deveria portar na companhia de pessoas civilizadas. Não que meu pai, minha mãe ou qualquer um vá se ressentir pela bebedeira. Laris e sua Casa fizeram um belo trabalho, trazendo os ajustes para a batalha enquanto dissipavam a tempestade infernal que am esmagava soterrar Corvium sob a neve. Provaram seu valor.

Assim como os sangüíneos. Por mais tolo que o nome escolhido por eles soe, aguentaram o ataque por horas. Sem o sangue e o sacrifício deles, Corvium estaria de volta nas mãos de Maven. Mas ele falhou pela segunda vez. Foi derrotado duas vezes. Na primeira pela plebe e agora pela mão de um exército decente e de um rei respeitável. Meu estômago revira. Apesar de termos vencido, a vitória tem gosto de derrota para mim.

Mare encara o embate, seu corpo inteiro tenso como um arame e retorcido.

Os olhos dela saltam de Salin para meu pai, antes de se perderem em Tolly.

Estremeço de medo por meu irmão, apesar de Mare ter prometido não me atacá-lo.

Na Praça de César, ela libertou uma fúria que nunca vi. E, no campo de batalha de Corvium, se defendeu sozinha, me esmaga cercada por um exército de prateados.

Seus raios são bem mais mortais do que eu lembro. Se decidir matar Tolly agora, duvido que alguém possa detê-la. Poderiam puni-la

depois, mas não im pedi-la.

Tenho a sensação de que ela não vai ficar nada feliz com o plano de Anabel. Qualquer prateada apaixonada por um rei se contentaria em ser sua consorte, unida a ele, ainda que não casada; mas não acredito que os vermelhos pensem dessa forma. Eles não fazem ideia de como o laço de uma Casa é

importante ou o quanto herdeiros de sangue forte são essenciais. Acreditam que o amor tem importância quando votos de casamento são feitos. Suponho que isso seja uma pequena bênção na vida deles. Sem poder, sem força, não têm nada para proteger, nenhum legado para o futuro. Sua vida é irrelevante, mas pelo menos lhes pertence.

Com o pensei que a minha me pertencia, por algum tempo sem anos breves e tolas.

No campo de batalha, disse a Mare Barrow para não se acostumar com o meu resgate. É irônico. Agora eu espero que ela me salve da prisão dourada de uma rainha e da aula matinal do rei. Espero que suas tempestades destruam a aliança antes mesmo que se concretize.

— ... preparado para a fuga tanto quanto para o ataque. Lépidos estavam a postos, transportes, jatos. Não vim os nenhum sinal de Maven — Salin continua protestando, com as mãos erguidas. Meu pai o solta. Ele sempre dá às pessoas corda suficiente para se enforcarem. — O rei de Lakeland estava lá. Ele comandou as tropas pessoalmente.

Os olhos do meu pai brilham e escurecem, a única indicação de seu desconforto repentino.

— E?

— E agora está morto junto com o resto. — Salin levanta o olhar para seu rei de aço, com o uma criança buscando aprovação. Ele trem e até as pontas dos dedos. Penso em Iris, deixada para trás em Archeon, uma nova rainha em um trono envenenado. Agora sem pai, separada da única família que veio para o sul ao seu lado. Ela era formidável, para dizer o mínimo, mas isso vai enfraquecê-la imensamente. Se não fosse minha inimiga, teria pena dela.

Lentamente, meu pai levanta do trono. Parece pensativo.

— Quem matou o rei de Lakeland?

A corda se aperta.

Salin sorri.

— Eu.

A corda se fecha e m eu pai tam bém . Com o punho cerrado, em um piscar de olhos, ele gira os botões do casaco de Salin, enrolando-os com o finas hastes de ferro. Cada um a delas se enrola no pescoço dele, puxando, forçando-o a ficar de pé. Elas continuam subindo, até que seus dedos m al toquem o chão, procurando apoio.

Nas m esas, o líder de Montfort se recosta na cadeira. A m ulher ao lado dele, um a loira austera com cicatrizes no rosto, curva os lábios em escárnio.

Lem bro dela do ataque em Sum m erton. Foi quem quase tirou a vida do m eu irm ão. Cal a torturou pessoalm ente e agora estão praticam ente lado a lado. É do alto-escalão da Guarda Escarlata. Se não m e engano, tam bém é um a das pessoas m ais próxim as de Mare.

— Segui suas ordens... — Salin engasga. Ele agarra as am arras de m etal em volta do pescoço, afundando em sua pele. Seu rosto fica cinza conform e o sangue se acum ula.

— Minhas ordens eram para m atar Maven Calore ou im pedir que escapasse. Você não fez nada disso.

— Eu...

— Mas m atou um rei de um a nação soberana. Um aliado de Norta que não tinha m otivos para se envolver, além de defender a nova rainha. Mas agora?

— Meu pai desenha, usando sua habilidade para arrastar Salin m ais para perto.

— Agora no m ínim o você deu a eles um incentivo m aravilhoso para afogar todos nós. A rainha regente de Lakeland não vai tolerar isso. — Ele estapeia Salin no rosto. Ouve-se o barulho ressoante de algo se quebrando. A intenção do golpe era envergonhá-lo, não m achucar. Funcionou bem . — Retiro seus títulos e responsabilidades. A Casa Iral pode redistribuí-los com o achar m ais adequado.

Agora tirem esse verm e da m inha frente.

A fam ília de Salin é rápida ao arrastá-lo da câm ara antes que possa cavar um buraco m aior para si próprio. Quando as am arras de m etal se soltam , tudo o que ele faz é tossir e chorar. Seus soluços ecoam pelo corredor, m as são logo cortados pelas portas que se fecham . Um hom em patético. Contudo, estou contente por não ter m atado Maven. Se o pirralho m orresse hoj e, não haveria obstáculo entre Cal e o trono. Entre m im e Cal. Dessa form a, ainda há algum a esperança.

— Alguém tem algum a contribuição útil a fazer? — Meu pai senta e passa o dedo pelo dorso da cobra que repousa no colo da m inha m ãe. Seus olhos se fecham de prazer. É noj ento.

Jerald Haven parece querer desaparecer na cadeira, e talvez desapareça de fato. Ele olha para as m ãos entrelaçadas, torcendo para m eu pai não hum ilhá-lo a seguir. Por sorte, é salvo pela com andante da Guarda Escarlata, de cara am arrada. Ela se levanta, fazendo a cadeira arranhar o chão.

— Nossos espões indicam que Maven Calore agora conta com observadores para m antê-lo seguro. Eles podem ver o futuro im ediato...

Minha m ãe estala a língua.

— Sabem os o que é um observador, verm elha.

— Que bom pra você — a com andante retruca sem hesitar.

Se não fosse pelo m eu pai e por nossa posição vulnerável, im agino que m inha m ãe lançaria a cobra esm eralda para cim a da garganta da verm elha. Mas ela apenas m orde o lábio.

— Controle seu povo, prim eiro-m inistro, ou eu o farei.

— Sou um a general do Com ando da Guarda Escarlata, prateada — a m ulher cospe de volta. Vej o de relance Mare rindo atrás dela. — Se quer nossa aj uda, dem onstrará algum respeito.

— É claro — m inha m ãe concede com graciosidade. Suas j oias reluzem conform e ela abaixa a cabeça. — O respeito surge quando há m otivo para isso.

A com andante ainda olha am eaçadora, sua raiva fervendo. Ela encara a coroa da m inha m ãe com noj o.

Penso rápido e bato as m ãos. É um a convocação. Em silêncio, um a

criada verm elha da Casa Sam os galopa para a câmara com um a taça de vinho na mão.

Ela conhece suas ordens e dispara até o meu lado, me oferecendo a bebida. Com movimentos lentos e exagerados, pego a taça. Em nenhum momento perco contato visual com a com andante verm elha enquanto bebo. Meus dedos tamborilam o vidro dilapidado para ocultar meu nervosismo. Na pior das

hipóteses, deixarei meu pai furioso. Na melhor...

Estilhaço a taça de vidro no chão. Até eu estremeco com o som e a implicação disso. Meu pai tenta não reagir, mas seus lábios se apertam. *Você deveria me conhecer melhor do que isso. Não vou desistir sem lutar.*

Sem hesitar, a criada ajoelha e limpa tudo, recolhendo os estilhaços de vidro com as mãos. Sem hesitar, a destemida com andante verm elha levanta, fazendo com que todos se agitem. Prateados ficam de pé, assim com o verm elhos e a própria Mare, que se direciona até a armário.

A com andante verm elha é bem mais aior, mas as Barrow a detém mesmo assim.

— Com o podem os aceitar isso? — a mulher grita comigo, apontando na direção da criada no chão. O cheiro de sangue no ar se intensifica dez vezes quando ela corta a mão. — Com o?

Todos na sala parecem se perguntar a mesma coisa. Gritos se elevam entre os membros voláteis de cada lado. Som os Casas prateadas de sangue nobre e antigo, aliados com rebeldes, criminosos, criados e ladrões. Com habilidades ou não, nossos estilos de vida seguem em direção oposta. Nossas metas não são as mesmas. A câmara do conselho vira um barril de pólvora. Se tiver sorte, vai explodir. Estilhaçando qualquer armário de casamento. Destruindo a aula em que querem me prender.

Sobre o ombro de Mare, a com andante me olha com sarcasmo, seus olhos parecendo duas adagas azuis. Se esta sala e minha própria roupa não estivessem repletas de metal, estaria preocupada. Eu a encaro de volta, aparentando ser exatamente a princesa prateada que ela foi criada para odiar. Aos meus pés, a criada termina o trabalho e desaparece, as mãos perfuradas por cacos de vidro.

Faço um anotação mental para lembrar de andar Wren curá-la mais tarde.

— Péssim a j ogada — m inha m ãe sussurra na m inha orelha. Ela dá tapinhas no m eu braço e a cobra desliza por sua m ão, enrolando-se em m inha pele. Seu corpo é pegaj oso e frio.

Ranj o os dentes, reagindo à sensação.

— Com o podem os aceitar isso?

A voz do príncipe corta o caos. Paralisa m uitos, inclusive a com andante verm elha furiosa. Mare a retira dali audaciosam ente, levando-a de volta para a cadeira com certa dificuldade. O resto se vira para o príncipe exilado, observando-o enquanto se endireita. O passar dos m eses fez bem a Tiberias Calore. A guerra com bina com ele. Parece vibrante e vivo, m esm o após escapar por pouco da m orte na m uralha. De seu assento, sua avó se perm ite um pequeno sorriso. Sinto m eu coração afundar no peito. Não gosto do cam inho que isso está tom ando. Minhas m ãos agarram os braços do trono, as unhas cravadas na m adeira em vez de na carne.

— Cada pessoa nesta sala sabe que chegam os a um ponto de virada.

— Seus olhos vagueiam para achar Mare. Ele extrai suas forças dela. Se eu fosse sentim ental, ficaria tocada. Penso em Elane, deixada para trás em segurança na m ansão Ridge. Ptolem us necessita de um herdeiro e nenhum de nós a quer na batalha. Mesm o assim , gostaria que estivesse sentada ao m eu lado, em vez de ter que passar por isso sozinha.

Cal foi treinado e não tem dificuldade com discursos. Ainda assim , ele não

é tão talentoso quanto o irm ão e tropeça várias vezes enquanto peram bula pela sala. Infelizm ente, ninguém parece se im portar.

— Os verm elhos têm vivido basicam ente com o escravos, presos a essa sina. Sej a em um a favela, em um dos nossos palácios ou em um vilarej o sobre um rio lam acento. — As bochechas de Mare ficam coradas. — Eu pensava com o m e ensinaram . Achava que nossos costum es são im utáveis. Que os verm elhos são inferiores. Que um a m udança quanto a seu lugar na sociedade nunca aconteceria, não sem derram am ento de sangue. Não sem grande sacrifício. Antes, achava que se tratava de um preço alto dem ais para pagar. Mas estava errado.

Cal olha para m im . Estrem eço.

— Aqueles entre vocês que discordam, que acreditam que são melhores, que são deuses, estão errados. E não é porque pessoas como a garota elétrica existem. Não é porque de repente nos encontramos numa posição em que precisamos os de aliados para derrotar meu irmão. É porque sem pre estiverem os errados.

“Nasci um príncipe. Tive meus privilégios do que quase qualquer um aqui.

Fui criado com serviçais que atendiam a qualquer aceno ou chamado e fui ensinado que o sangue deles, por causa de sua cor, indicava que eram meus importantes do que eu. *Vermelhos são ignorantes; vermelhos são ratos; vermelhos são incapazes de controlar a própria vida; vermelhos foram feitos para servir.*

Essas são as palavras que todos nós ouvimos. E são mentiras. Mentiras convenientes, para tornar nossa vida mais fácil ou apagar nossa vergonha, enquanto tornam a existência deles insuportável.”

Ele para próximo à avó.

— Isso já não pode ser tolerado. Simplesmente não pode. A diferença não é um divisor.

Pobre e ingênuo Calore. Sua avó balança a cabeça em aprovação, mas sem saber do que disse na minha própria casa. Quer o neto no trono e quer o velho morto.

— Primeiro-ministro — Tiberias diz, gesticulando para o líder de Montfort.

Após limpar a garganta, o homem se levanta. Mais alto que a maioria, mas muito mais magro. Tem a aparência e a expressão vazia de um peixe pálido.

— Rei Volo, agradecemos por sua ajuda na defesa de Corvium. E aqui e agora, diante dos olhos de nossas lideranças, gostaria de saber sua opinião em relação ao que o príncipe Tiberias acabou de dizer.

— Se você tem uma pergunta, primeiro-ministro, faça — meu pai trouxe-a.

O homem mantém a expressão impassível, indecifrável. Tenho a impressão de que esconde tantos segredos e tantos bições quanto o resto de nós. Gostaria de poder escutiná-lo.

— Vermelho ou prateado, meu pai está. Que cor se levanta nessa rebelião?

Um músculo se repuxa em sua bochecha pálida conforme meu pai expira.

Ele passa a mão pela barba pontiaguda.

— Amém, primeiro-ministro. Essa é uma guerra para todos nós. Nisso você tem minha palavra, jurando pela cabeça dos meus filhos.

Muito obrigada, pai. A comandante vermelha vai cobrar essa promessa com

um sorriso se lhe for dada a oportunidade.

— O príncipe Tiberias fala a verdade — meu pai continua, me entendendo descaradamente. — O meuundo mudou. E tem os que lutar com ele. Inimigos com uns se tornam estranhos aliados, mas aliados me esmoo assim.

Com o Salin, sinto o laço se fechando. Está em volta do meu pescoço, amarrando-me e jogando para o abismo. É essa a sensação que terei pelo resto da vida? Quero ser forte. Foi para isso que treinei e sofri. Era o que achava que queria. Mas a liberdade é tão doce. Um a gota dela e não consigo ficar sem. *Sinto muito, Elane. Muito mesmo.*

— Você tem outras perguntas sobre o que foi acordado, primeiro-ministro?

— Meu pai prossegue. — Ou podem os continuar planejando a derrota do tirano?

— Que acordo seria esse? — A voz de Mare soa diferente, e não é de admiração. Eu a ouvi pela última vez quando ela era prisioneira, sufocada quase ao ponto de não a reconhecer. Sua fagulha voltou com força. Ela olha para meu pai e o primeiro-ministro, buscando respostas.

Meu pai fica quase contente ao se explicar, e eu prendo a respiração. *Me salve, Mare Barrow. Liberte a tempestade que eu sei que possui. Enfeitice o príncipe como sempre faz.*

— O reino de Rift continuará soberano depois que Maven for removido. Os reis do aço reinarão por gerações. Com concessões aos meus cidadãos vermelhos, é claro. Não tenho intenção alguma de criar um

país de escravos com o Norte. — Mare parece muito longe de se convencer, mas assegura a língua.

— É claro que Norte precisará do seu próprio rei.

Seus olhos arregalam. O horror sangra dela, que vira a cabeça para Cal, procurando respostas. Ele parece tão surpreso quanto ela está furiosa. A garota elétrica é mais fácil de ler do que um livro para crianças.

Anabel levanta da cadeira e fica orgulhosamente de pé. Seu rosto está radiante quando vira para Cal, colocando a mão na bochecha dele. O príncipe está muito chocada para reagir ao toque.

— Meu neto é o legítimo rei de Norte e o trono pertence a ele.

— Primeiro-ministro... — Mare sussurra, agora olhando para o líder de Montfort. Ela está quase implorando. Um toque de tristeza desponta na máscara dele.

— Montfort declara seu apoio ao reinado de Cal... — Ele para. Olha para todos os lados, mas não para Mare Barrow. — Do rei Tibérias.

Uma corrente de calor se agita no ar. O príncipe está furioso, quase violento. E o pior ainda está por vir, para todos nós. Se eu tiver sorte, ele vai queimar a torre toda.

— Consolidaremos a aliança entre Rift e o rei de Norte da forma tradicional

— mas não diz, torcendo a faca. Ela saboreia isso. Preciso de todas as forças para conter as lágrimas dentro de mim, onde ninguém mais pode vê-las.

O significado das palavras dela é compreendido por todos. Cal solta um som estrangulado, um gemido bem inadequado para um príncipe e mais ainda para um rei.

— Mesmo depois de tudo isso, a Prova Real ainda selecionou a futura rainha. — Minha mãe passa a mão pela minha, seus dedos apontando para onde

meu anel de noivado estará.

De repente, a grande câmara parece sufocante e o cheiro de sangue sobrepõe a meus sentidos. É a única coisa em que consigo pensar e me

e apoio nisso para m e distrair, deixando o gosto penetrante do ferro m e dom inar. Minha m andíbula trava, os dentes se apertando com força contra todas as coisas que quero dizer. As palavras se agitam na m inha garganta, querendo se libertar. *Não quero mais isso. Me deixe ir embora.* Cada palavra é um a traição contra a m inha Casa, m inha família, m eu sangue. Meus dentes rangem . Meu coração está trancado num a j aula.

Me sinto aprisionada dentro de m im m esm a.

Faça-o escolher, Mare. Faça com que me rejeite.

A respiração dela é pesada, seu peito sobe e desce m uito rápido. Com o eu, Mare quer gritar. Espero que vej a o quanto desej o recusar esse destino.

— Ninguém pensou em m e consultar? — o príncipe sibila, em purrando a avó para longe. Seus olhos queim am . Ele aperfeiçoou a arte de encarar um a dezena de pessoas de um a única vez. — Pretendiam m e transform ar em rei...

sem m eu consentim ento?

Anabel não tem m edo algum das cham as e agarra seu rosto m ais um a vez.

— Não estão os te transform ando em nada. Estam os sim plesm ente te aj udando a ser quem você é. Seu pai m orreu pela coroa e você quer j ogá-la fora? Quer abandonar seu país? Por quem ? Pelo quê?

Cal não responde. *Diga não. Diga não. Diga não.*

Mas eu j á o vej o sendo tragado. Atraído. O poder seduz e cega a todos. Cal não é im une a isso. No m ínim o, é particularm ente vulnerável. Por toda a sua vida viu um trono, preparando-se para o dia em que seria dele. Sei por experiência própria que esse não é um hábito fácil de rom per. Tam bém sei por experiência própria que poucas coisas são m ais doces que um a coroa. Penso em Elane de novo. Será que Cal pensa em Mare?

— Preciso de ar — ele sussurra.

É claro que Mare o segue, as faíscas se agitando em seu rastro.

Por instinto, quase peço outra taça de vinho, m as m e contenho. Mare não estará aqui para conter a com andante se ela estourar de novo, e

m ais álcool só vai m e deixar m ais enj oada do que j á estou.

— Vida longa a Tiberias VII — Anabel diz.

A câm ara ecoa o sentim ento. Minha boca se m exe form ando as palavras.

Me sinto envenenada.



EPÍLOGO

Mare

ELE RASPA OS BRACELETES UM NO OUTRO, furioso, deixando os pulsos cuspirem faíscas. Nenhum a delas incendeia ou explode em cham as. Cada um a é fria e fraca quando com parada às m inhas. Inútil. Fútil. Sigo-o pelas escadas espiraladas até um a varanda. Não sei se a vista é boa ou não. Não consigo enxergar m uito além de Cal. Tudo dentro de m im trem e.

Medo e esperança batalham na m esm a proporção. Vej o isso nele tam bém , reluzindo atrás dos seus olhos. Um a tem pestade se form a no bronze enfurecido, dois tipos de fogo.

— Você prom eteu — sussurro, tentando atingi-lo sem m over um m úsculo.

Cal anda pra lá e pra cá, descontrolado, até apoiar as costas no parapeito da varanda. Sua boca abre e fecha, procurando o que dizer. Um a explicação. *Ele não é Maven. Não é um mentiroso*, tenho que m e lem brar. *Não quer fazer isso com você*. Mas será que isso vai im pedi-lo?

— Não im aginava que... Quem poderia m e querer com o rei depois do que fiz? Me diga se você realm ente im aginava que alguém m e deixaria chegar perto do trono — Cal diz. — Matei prateados, Mare, m eu próprio povo. — Ele enterra o rosto nas m ãos flam ej antes, esfregando-o com o se quisesse se virar do avesso.

— Você m atou verm elhos tam bém . Pensei que tinha dito que não havia diferença.

— Diferença, não divisão.

Falo com cinismo o:

— Você faz um belo discurso sobre igualdade e agora vai deixar aquele cretino do Sam os iniciar um reinado idêntico àquele que querem os destruir? Não m inta dizendo que não sabia sobre o acordo, sobre a nova coroa dele... — Minha voz desaparece antes que eu possa falar o resto em voz alta, tornando aquilo real.

— Você sabe que eu não fazia ideia.

— É m esm o? — Ergo um a sobancelha. — Sua avó não deu nenhum a dica?

Você nunca sonhou com isso?

Ele engole com dificuldade. Incapaz de negar seus desej os m ais profundos,

Cal nem ao m enos tenta.

— Não há nada que possam os fazer para parar Sam os. Não enquanto...

Dou um tapa no rosto dele. Sua cabeça se m ove com o im pulso do golpe e para nessa posição, encarando o horizonte que m e recuso a ver.

Minha voz racha.

— Não estou falando de Sam os.

— Eu não sabia — Cal diz, com palavras suaves com o cinzas ao vento. Com tristeza, acredito nele. Isso torna m ais difícil continuar brava. Sem a raiva, restam -m e apenas o m edo e a tristeza. — Eu realm ente não sabia.

Lágrim as queim am salgadas, rolando pelas m inhas bochechas. Eu m e odeio por chorar. Acabei de ver sei lá quantas pessoas m orrerem e m atei m uitas delas pessoalm ente. Com o posso derram ar lágrim as agora? Por causa de um a pessoa que respira diante dos m eus olhos?

Minha voz sai estranha.

— É agora que eu peço para você m e escolher?

Porque é um a escolha. Ele só precisa dizer não. Ou sim . Um a palavra define nosso destino.

Me escolha. Escolha um novo mundo. Ele não o fez antes. Tem que fazer agora.

Tremendo, pego seu rosto nas mãos e o viro para olhar para mim . Quando não consegue, quando seus olhos de bronze focam meus lábios, meus ombros, a cicatriz exposta ao calor do ar, algo se parte dentro de mim .

— Não tenho que casar com ela — ele murmura. — Isso pode ser negociado.

— Não, não pode. Você sabe que não pode. — Rio com frieza diante do absurdo daquilo.

Seus olhos escurecem .

— E você sabe o que o casamento é para nós... para os prateados. Não significa nada. Não tem ligação com o que sentimos.

— Você realmente acha que é por causa do casamento que estou brava?

— A raiva ferve dentro de mim , quente, selvagem , impossível de ignorar.

— Realmente acha que tenho qualquer ambição de ser rainha, a sua ou de qualquer outra pessoa?

Dedos quentes estremecem contra os meus, apertando quando tento me afastar.

— Mare, pense no que podem os fazer. Que tipo de rei eu posso ser.

— Por que precisa haver um rei? — pergunto lentamente, afiando cada palavra.

Ele não tem resposta.

No palácio, durante minha prisão, descobri que Maven tinha sido transformado em um monstro pela mãe. Não há nada neste planeta que possa mudá-lo ou desfazer o que ela fez. Cal foi construído também . Todos fomos moldados por outra pessoa e temos as marcas que nada nem ninguém pode cortar.

Pensei que Cal estivesse imune à tentação do poder. Ah, com o eu estava errada.

Ele nasceu para ser rei. Foi para isso que foi feito. Foi moldado para querer

isso.

— Tiberias. — Eu nunca disse seu verdadeiro nome e antes. Não combinava com ele. Não combinava conosco. Mas é quem ele é. — Me escolha.

Suas mãos alisam as minhas, seus dedos sobre os meus. Fecho os olhos. Me permito um longo segundo para me permitir com o meu e sinto com ele. Com o naquele dia em Piedmont, quando fomos pegos pela chuva, quero queimar.

Quero queimar.

— Mare — ele sussurra. — Me escolha.

Escolha uma coroa. Escolha a prisão de outro rei. Escolha trair tudo pelo que você sangrou.

Encontro minha amarra também. Fina, mas indestrutível.

— Eu te amo e quero você mais do que qualquer coisa no mundo. — As palavras dele soam vazias vindas de mim. — Mais do que qualquer coisa no mundo.

Aos poucos, minhas pálpebras se agitam. Ele encontra coragem para olhar nos meus olhos.

— Pense no que podem os fazer juntos — Cal murmura, tentando me puxar mais para perto. Meus pés ficam no chão. — Você sabe o que significa para mim. Sem você, não tenho ninguém. Estou sozinho. Não me resta nada. Não me deixe.

Minha respiração fica irregular.

Eu o beijo pelo que poderia ser, pelo que deve ser, pelo que será... pela última vez. Seus lábios passam uma estranha sensação gelada, com o se nós dois tivéssemos nos transformado em gelo.

— Você não está sozinho. — A esperança em seus olhos é dilacerante.

— Tem sua coroa.

Achava que sabia o que era ter o coração partido. Pensava que era o que Maven tinha feito com igo. Quando ele levantou e m e deixou aj oelhada. Quando m e disse que tudo o que sem pre pensei sobre ele era m entira. Na época, eu acreditava que o am ava.

Agora entendo que não sabia o que era am or. Nem com o um coração realm ente partido pode doer.

Não sabia com o era ficar diante de quem m ais im porta e ouvir que você não é o suficiente. Não ser escolhida. Ser a um a som bra para quem é seu sol.

— Mare, por favor. — Cal im plora com o um a criança desesperada.

— Com o você achou que isso ia term inar? O que im aginou que aconteceria depois? — Sinto o calor dele m esm o quando cada parte de m im congela. — Você não precisa fazer isso.

Preciso, sim .

Viro, surda diante de seus protestos. Ele não tenta m e parar. Cal m e deixa ir.

O sangue afoga tudo m enos os gritos dos m eus pensam entos. Ideias terríveis, palavras odiosas, quebradas e retorcidas. Elas m ancam , cada um a pior que a anterior. *Não somos escolhidos, mas amaldiçoados.* Essa é a verdade para todos nós.

É im pressionante que eu não caia nos degraus da torre; é um m ilagre que chegue do lado de fora sem entrar em colapso. O sol tem um brilho detestável,

em um duro contraste com o abism o dentro de m im . Enfio a m ão no bolso do m eu uniforme e quase não percebo a picada pontiaguda. Não dem ora m uito para eu entender o que é: o brinco. O que Cal m e deu. Quase rio ao pensar nisso.

Outra prom essa quebrada. Outra traição dos Calore.

Sinto um a necessidade ardente de correr. Quero Kilorn, quero Gisa. Quero que Shade apareça e m e diga que é tudo um sonho. Eu os im agino ao m eu lado, suas palavras e seus braços abertos m e confortando.

Outra voz os afoga. Queim a m inhas entranhas.

Cal segue ordens, mas não consegue tomar decisões.

Suspiro ao pensar nas palavras de Maven. Cal tomou ou não a decisão. E, bem lá no fundo, não estou surpresa. O príncipe é o que sempre foi. No fundo é uma boa pessoa, mas se reluta para agir. Reluta para mudar a si mesmo de verdade. A coroa está no seu coração, e seu coração não muda.

Farley me encontra em uma via, olhando fixo para a parede. Meus olhos estão inexpressivos e as lágrimas há muito secaram. Ela hesita por um instante; sua ousadia há muito se foi. Então se aproxima com uma lentidão quase carinhosa e estende a mão para tocar meu ombro.

— Eu não sabia — ela murmura. — Juro.

A pessoa que ela ama está morta, foi roubada por alguém. A minha preferiu ir embora. Escolheu tudo o que eu odeio, em vez de tudo o que eu sou. Eu me pergunto o que dói mais.

Antes de me permitir relaxar, de deixar que ela me dê conforto, noto mais uma pessoa parada nas proximidades.

— Eu sabia — o primeiro-ministro Davidson diz. Soa com o mesmo pedido de desculpas. A princípio, sinto outra onda de raiva, mas ele não tem nada a ver com isso. Cal não tinha que concordar. Não tinha que me deixar.

O príncipe não precisava cair ansioso e feliz em uma armadilha com uma isca tão succulenta.

— Dividir e conquistar — sussurrei, lembrando das palavras dele. A neblina do coração partido se desfaz o suficiente para que eu compreenda. Montfort e a Guarda Escarlata nunca apoiariam um rei prateado, não de verdade. Não sem outros motivos em jogo.

Davidson assente com a cabeça.

— É a única forma de vencer.

Sam os, Calore, Cygneth Rift, Norte, Lakeland. Todos motivados pela ganância, todos prontos para destruir uns aos outros por uma coroa já fragmentada. É tudo parte dos planos de Montfort. Forço outra respiração e tento me recuperar. Quero esquecer Cal, esquecer Maven, focar na estrada à frente.

Para onde aponta, não sei.

Em algum lugar distante, dentro de mim, um trovão ruge.

Vam os deixar que eles se matem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao exército de pessoas que tornaram e continuam tornando meus livros possíveis. Minha editora Kristen e toda a equipe editorial, a família HarperTeen e HarperCollins, Gina, as Elizabeths (tanto a Ward quanto a Lynch), Margot, Sarah Kaufman, a melhor capista do mundo, e a equipe de arte. Aos nossos editores estrangeiros e agentes, à equipe de filmagens da Universal, Sara Elizabeth, Jay Gennifer e, claro, a central de energia que é a New Leaf Literary. Suzie, sem pre ao meu lado. Pouya, Kathleen, Mia, Jo, Jackie, Jaida, Hilary, Chris, Danielle e Sara por me anteverem minha cabeça no lugar e pelos comentários que me ajudaram *A prisão do rei*. A New Leaf está sem pre evoluindo, e nunca poderei agradecer Suzie o suficiente.

Agradeço também ao formidável exército formado por meus amigos e familiares. Meus pais Lou e Heather, que ainda são a razão disso e a força por trás de tudo o que sou. Meu irmão, Andy, que é um adulto melhor do que eu.

Meus avós, tios e primos, com muito amor para Kim e Michelle, as coisas mais próximas que tenho de irmãs. Obrigada aos amigos da minha antiga casa, Natalie, Alex, Katrina, Kim, Lauren e muitos outros. Obrigada aos amigos na minha nova casa, Bayan, Angela, Erin, Jenn, Ginger, Jordan, o que parece ser toda a população de Culver City, e quem quer que acabe sentando nas cadeiras de balanço aos domingos na PMCC. Muito obrigada aos meus colegas no salão comunal da Sonserina, Jen e Morgan, e à nossa com panheira sumida, Tori, que sem pre terá um lugar esperando por ela.

Pode parecer que estou me gabando neste parágrafo, mas fiz muitos amigos e cresci bastante conhecendo outros autores. Tem os de uma profissão esquisita, a qual eu não poderia exercer sem vocês. Seria negligente se não os nomeasse, mesmo o que envergonhada, e se não agradecesse a alguns de vocês.

Primeiro, Emma Theriault. Lembrem-se desse nome. O apoio dela tem sido inestimável ao longo dos anos. Muito obrigada, em ordem

aleatória, a Adam Silvera, Renee Ahdieh, Leigh Bardugo, Jenny Han, Veronica Roth, Som an Chainani, Brendan Reichs, Dhonielle Clay ton, Maurene Goo, Sarah Enni, Kara Thom as, Danielle Paige e a toda família da YALL. A mãe guerreira Margie Stohl. A primeira amiga que fiz nessa indústria, Sabaa Tahir, que continua sendo uma tocha na noite que nos envolve. Meu profundo amor e admiração a Susan Dennard, que não é apenas um ser humano exemplar, mas uma escritora muito talentosa com uma visão sem precedentes da profissão. E, é claro, Alex Bracken, que tolera meus ensaios de texto verborrágicos do que se pode contar, é igualmente versada em *Star Wars* e na história americana, tem o cachorrinho mais fofo do mundo e é uma amiga verdadeiramente leal, adorável, determinada e inteligente, além de uma escritora excepcional. Acho que fiquei sem adjetivos agora.

Sou abençoada demais por ter leitores e nem preciso dizer que estendo minha mais profunda gratidão a cada um de vocês. Para citar J. K.: “Nenhuma

história vive a menos que alguém a ouça”. Muito obrigada por ouvirem. E muito obrigada a toda a comunidade YA. Vocês foram a luz na escuridão de 2016.

Da última vez agradei pela pizza, e agradeço de novo. Obrigada aos Parques Nacionais e ao Serviço de Parques Nacionais, que continua mantendo e protegendo a beleza natural do país que amo. Parabéns pelo centésimo aniversário! Lembrem-se de que nossos tesouros nacionais devem ser protegidos para as gerações futuras.

Obrigada a Hillary Rodham Clinton, Bernie Sanders, Elizabeth Warren, ao presidente Barack Obama, à primeira-dama Michelle Obama e a todos aqueles que estão trabalhando para defender os direitos das mulheres, das minorias, dos imigrantes, dos refugiados e da comunidade LGBTQ+. Obrigada a Mitt Romney por sua oposição inflexível à desmagogia e pelos serviços patrióticos.

Obrigada a John McCain por sua luta contínua contra a tortura, assim como por seus anos de serviço e pela defesa das famílias dos militares. Obrigada a Charlie Baker, governador de Massachusetts, por seu apoio a uma reforma consensual do uso de armas, aos direitos das mulheres e ao casamento igualitário. Se qualquer uma das coisas acima passar por uma reviravolta até o momento que este livro for publicado, é bom mencionar que escrevi esses agradecimentos em novembro de 2016.

Obrigada aos Khan e a todos da família Gold Star do meu país.
Obrigada a cada militar, cada veterano e cada família militar
servindo os Estados Unidos com sacrifícios que muitos de nós não
podem calcular. E obrigada a todos os educadores. Vocês são as mães
que moldam o futuro.

Obrigada aos escoceses que votaram contra a divisão e o medo.
Obrigada aos representantes eleitos da Califórnia, que continuam
defendendo seus constituintes. Obrigada a Lin-Manuel Miranda e ao
elenco de *Hamilton*, que prestaram um verdadeiro serviço para nosso
país através da sua arte duradoura.

Vocês são irrefreáveis.

Obrigada a todos em posição de poder que discursaram e lutaram
contra a injustiça, a tirania e o ódio nos Estados Unidos e pelo mundo.
Obrigada a todos ouvindo, acompanhando e mantendo os
olhos abertos.



STEPHANIE GIRARD OF

STEPHANIE GIRARD

PHOTOGRAPHY

VICTORIA AVEYARD cresceu num a cidadezinha em

Massachusetts e frequentou a Universidade do Sul da Califórnia, em Los Angeles. Ela se formou com o roteirista e tenta com binar na sua

escrita seu amor por história, explosões e heroínas fortes. Seus hobbies incluem a tarefa impossível de prever o que vai acontecer em As Crônicas de Gelo e Fogo, viajar e assistir Netflix.

Copy right © 2017 by Victoria Aveyard O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL King's Cage

CAPA Sarah Nichole Kaufman

ARTE DE CAPA John Dismukes

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renata Lopes Del Nero e Marise Leal

ISBN 978-85-438-0833-8

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

Capa

Folha de rosto

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

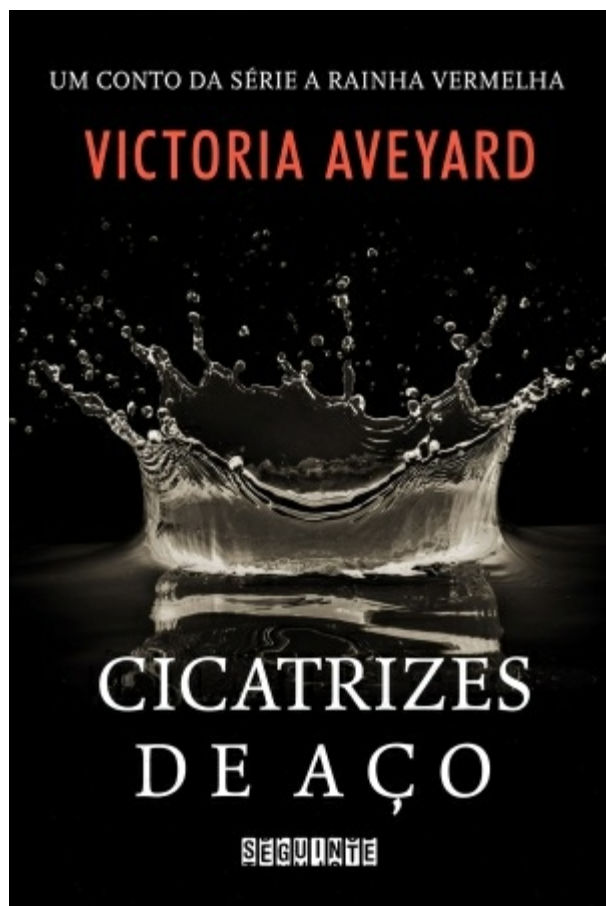
[Vinte e nove](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Créditos](#)



Cicatrizes de aço

Aveyard, Victoria

9788543804866

108 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conto inédito que se passa no universo da série A Rainha Vermelha e mostra os bastidores da rebelião. Neste conto você terá uma visão de dentro da Guarda Escarlata a partir da perspectiva de Diana Farley, uma das líderes da rebelião vermelha. Farley teve uma criação rígida e, desde pequena, aprendeu a ser forte e durona. Mas a missão de semear a rebelião em Norta talvez fosse mais difícil do que ela esperava: pela primeira vez, a capitã comandaria uma operação sozinha. Ela teria de atravessar a fronteira de Lakeland, sua terra natal, e viajar por todo o território de Norta, recrutando comerciantes do mercado negro, contrabandistas e rebeldes para uma primeira tentativa de ataque à capital. Tudo isso sem chamar a atenção dos oficiais prateados, claro. Enquanto Farley troca mensagens secretas com seus superiores e põe a tarefa em ação, ela acaba cruzando com Shade Barrow — um vermelho que consegue descobrir informações cruciais para a causa e que a leva até sua irmã, Mare, uma garota que talvez seja a chave para virar o jogo e instaurar uma nova aurora. O conto também está disponível em edição impressa como parte da antologia Coroa cruel.

[Compre agora e leia](#)



Maré congelada

Rhodes, Morgan

9788543805405

440 páginas

[Compre agora e leia](#)

No quarto volume da série A Queda dos Reinos, rebeldes e realza lutam pelo trono de Mítica.

As disputas pela Tétrade, quatro cristais mágicos capazes de conferir poderes inimagináveis a quem os encontrar, continua. Amara roubou o cristal da água, Jonas conseguiu o da terra, Felix enganou os rebeldes para ficar com o cristal do ar, e Lucia está com o do fogo. Mas nem todos sabem como ativar a magia da Tétrade, e apenas a princesa feiticeira conquistou poder até agora, aliando-se ao deus do

fogo que libertou de seu cristal.

Gaius, o Rei Sanguinário, também não desistiu de encontrar os cristais. Ele está mais sedento por poder do que nunca, especialmente agora que não conta mais com a ajuda da imortal Melenia nem com o apoio de Magnus, o herdeiro que o traiu para poupar a vida da princesa Cleo. Para conquistar todo o mundo conhecido, Gaius resolve atravessar o mar gelado até Kraeshia, e tentar um acordo com o imperador perverso de lá. No caminho, o rei vai encontrar muitas dificuldades e inimigos, como Amara, princesa de Kraeshia, que tem seus próprios planos para conquistar o poder.

[Compre agora e leia](#)



A am eaça som bria

Grey, Melissa

9788543808833

[Compre agora e leia](#)

No segundo volume da trilogia Echo, surge um novo e poderoso inimigo.

O mundo de Echo mudou por completo quando a garota menos esperava.

Até pouco tempo, ela era apenas uma espectadora da guerra milenar entre os Avicen e os Drakharin, dois povos mágicos que habitam a Terra em segredo. Agora, depois de encontrar e libertar o pássaro de fogo — uma figura mítica importante para os dois grupos — e de descobrir o poder que carrega dentro de si, Echo precisa entender qual papel deve desempenhar para colocar um fim definitivo nesse conflito.

Para complicar, a libertação do pássaro de fogo deu nova vida a um ser antagônico a ele, o kuçedra. Feito de trevas e sombras, o kuçedra espalha medo e morte por onde quer que passe — principalmente se controlado pelas pessoas erradas. Enquanto tenta encontrar uma solução para esse novo obstáculo, Echo vai perceber que a linha que separa a luz das trevas é bem mais tênue do que esperava...

[Compre agora e leia](#)



A sereia

Cass, Kiera

9788543804842

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novo livro da autora da série A Seleção, que já vendeu mais de 1 milhão de exemplares no Brasil!

Anos atrás, Kahlen foi salva de um naufrágio pela própria Água. Para pagar sua dívida, a garota se tornou uma sereia e, durante cem anos, precisa usar sua voz para atrair as pessoas para se afogarem no mar. Kahlen está decidida a cumprir sua sentença à risca, até que ela conhece Akinli. Lindo, carinhoso e gentil, o garoto é tudo o que Kahlen sempre sonhou. Apesar de não poderem conversar — pois a

voz da sereia é fatal —, logo surge uma conexão intensa entre os dois. É contra as regras se apaixonar por um humano, e se a Água descobrir, Kahlen será obrigada a abandonar Akinli para sempre. Mas pela primeira vez em muitos anos de obediência, ela está determinada a seguir seu coração.

[Compre agora e leia](#)



O cavaleiro fantasm a

Funke, Cornelia

9788580866278

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Jon Withcroft não estava nada feliz. E quem gostaria de ser mandado

para um internato bem quando a mãe tinha arranjado um namorado novo? Pois, quando chegou em Salisbury, o garoto só pensava nos acidentes que o Barba (apelido "carinhoso" pelo qual Jon se refere ao seu grande rival) poderia estar sofrendo e no que seria escrito na lápide dele caso algum escorregão fosse fatal. Até que... na sexta noite em Salisbury, Jon descobre um novo motivo para querer voltar correndo para casa: ele passa a ser perseguido por um bando de fantasmas, que desejava nada mais nada menos que a sua morte. Mas em vez de pedir ajuda para a mãe, Jon recorre a um outro protetor: sir William Longspee, um cavaleiro fantasma que está enterrado na catedral da cidade e que jurou, antes de ser assassinado, estar sempre ao lado dos fracos e inocentes. Ao lado de Jon e de sua amiga Ella, sir William percorre cemitérios e duela contra zumbis, lutando não só para ajudar as crianças como também para cumprir seu próprio destino. Mas, para saber qual seria esse grande mistério que ronda nosso nobre cavaleiro fantasma, só lendo a história toda.

[Compre agora e leia](#)

Document Outline

- Folha de rosto
- Um
- Dois
- Três
- Quatro
- Cinco
- Seis
- Sete
- Oito
- Nove
- Dez
- Onze
- Doze
- Treze
- Catorze
- Quinze
- Dezesseis
- Dezesete
- Dezoito
- Dezenove
- Vinte
- Vinte e um
- Vinte e dois
- Vinte e três
- Vinte e quatro
- Vinte e cinco
- Vinte e seis
- Vinte e sete
- Vinte e oito
- Vinte e nove
- Epílogo
- Agradecimentos
- Sobre a autora
- Créditos